Emerson Tin

EM BUSCA DO "LOBATO DAS CARTAS": A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MONTEIRO LOBATO DIANTE DE SEUS DESTINATÁRIOS

Tese apresentada ao Programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo

Campinas
2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T49e

Tin, Emerson.

Em busca do "Lobato das cartas" : a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários / Emerson Tin. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Marisa Philbert Lajolo.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Correspondência - Crítica e interpretação. 2. Cartas brasileiras - Séc. XX - História e crítica. I. Lajolo, Marisa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: In search of the "Lobato of the letters": the construction of the Monteiro Lobato's image before his addressees.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Correspondence - Criticism and interpretation; Brazilian letters - 20th century - History and criticism.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo (orientadora), Prof. Dr. Wander Melo Miranda, Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes e Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado.

Data da defesa: 06/08/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA

Campinas, 006 de agosto de 2007.

Marisa Philbert Lajolo (matr. 311299)
Presidente

Antonio Arnoni Prado
Membro

Wander Melo Miranda
Membro

José Luis Jobim de Salles Fonseca
Membro

Marcos Antonio de Moraes
Membro

Este exemplar é a redação final da
tese / dissertação e aprovada pela
Comissão Julgadora em:
08 / 11 / 2007

Profa. Dra. SILVANA MABEL SERRANI
Coordenadora Geral de Pós-Graduação
IEL/UNICAMP
Matr. 06440-8

IEL/UNICAMP
2007

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

Agradecimentos

A minha família.

A minha orientadora, Profa. Dra. Marisa Lajolo.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Wander Melo Miranda, Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca, Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes e Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado.

À FAPESP, pela bolsa concedida.

Aos professores e funcionários do IEL, do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) e da Biblioteca do IEL.

Aos funcionários da Academia Brasileira de Letras, do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (São Paulo-SP), da Casa de Oliveira Vianna (Niterói-RJ), da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC-FIOCRUZ), do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

Às irmãs Josette Silveira Mello Feres e Maria da Glória Silveira Mello, pela gentileza de cederem cópias de cartas de Monteiro Lobato para esta pesquisa.

Ao grupo de pesquisa do projeto temático "Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos brasileiros", em especial a Cilza Carla Bignotto e Milena Ribeiro Martins.

A meus amigos, em especial a Marcelo Tadeu Schincariol e Alexandre Caroli Rocha.

A Vanessa, *animae dimidium meae*.

"Quanta verdade tristonha
Ou mentira risonha
Uma carta nos traz"

(*Mensagem*,
de Cícero Nunes e Aldo Cabral)

Resumo

O objetivo desta tese é identificar e analisar o "Lobato das cartas", ou seja, o processo de construção da imagem de Monteiro Lobato em sua correspondência ativa. Há, assim, o Lobato familiar, o escritor e o editor, o dos Estados Unidos, o do ferro e do petróleo, o da prisão e o das crianças. Essa imagem, porém, varia não só segundo circunstâncias de tempo e de lugar mas também em função do destinatário.

Palavras-chave: Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Correspondência – Crítica e interpretação, Cartas brasileiras – Séc. XX – História e crítica.

Abstract

The objective of this thesis is to identify and to analyze the "Lobato of the letters", that is, the process of construction of the Monteiro Lobato's image in his active correspondence. There are the familiar Lobato, the writer and the publisher, the Lobato of the United States, the Lobato of the iron and the oil, the Lobato of the prison and the Lobato of the children. This image, however, not only varies according to circumstances of time and place but also in function of the addressee.

Keywords: Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Correspondence – Criticism and interpretation, Brazilian letters – 20th century – History and criticism.

Sumário

Introdução *1*

Capítulo 1 – Monteiro Lobato familiar *23*

"Do seu filho obediente que lhe pede a bênção" *25*
"Pobre do meu amor! contenta-se com tão pouquinho..." *44*

Capítulo 2 – Monteiro Lobato escritor e editor *69*

Magister dixit *71*
Editor revolucionário *88*
Escritor consagrado *107*

Capítulo 3 – Monteiro Lobato nos Estados Unidos *123*

Capítulo 4 – Monteiro Lobato do ferro e do petróleo *155*

Capítulo 5 – Monteiro Lobato do cárcere *181*

Capítulo 6 – Monteiro Lobato das crianças *211*

Considerações finais *239*

Referências bibliográficas *247*

ANEXOS
Anexo I – Cartas de Monteiro Lobato *265*

Anexo II – Artigos sobre Monteiro Lobato *535*

Introdução

Introdução

Verba volant, scripta manent.

Ao reunir em livro parte das cartas que escrevera a Godofredo Rangel ao longo de quatro décadas e dá-las a público em 1944 sob o metafórico e enigmático título de *A Barca de Gleyre*, Monteiro Lobato tinha conhecimento do delicado terreno em que pisava. Na sua "Escusatória", uma singela página que introduz o volume, o escritor estabelece alguns fundamentos sobre os quais o seu livro de cartas estaria construído.

"Estas cartas se salvaram, das que escrevi a Godofredo Rangel no dilatado espaço de quarenta anos."[1] Com essa afirmação, Lobato aponta para uma dupla realidade: por um lado, a precariedade material do gênero epistolar e, por outro, o processo de seleção das cartas e composição do livro. Cartas são escritos frágeis, precários, datados, há quem diga fúteis, há quem diga transitórios. Escritas muitas vezes em papéis de má qualidade, ou naquele que se tem à mão, sem – aparentemente – preocupação alguma com sua conservação para a posteridade, muitas das cartas literalmente se dissolvem com o passar dos anos, cumprida a sua função imediata de comunicação entre os correspondentes. Assim, as cartas reunidas por Lobato seriam aquelas que "se salvaram" da sanha devoradora do tempo. Porém – e como veremos adiante –, sabemos que *A Barca de Gleyre* não é o fruto de uma mera reunião de cartas, em ordem cronológica. Diria Lobato em carta a Rangel, datada de 15 de setembro de 1943, quando da datilografação[2] dos originais, já com vistas à publicação:

> Achei ótima a idéia de você mesmo bater na máquina as tuas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom – como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer.

[1] LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.17. Todas as citações d'*A barca* serão transcritas dessa edição. A ortografia foi atualizada.

[2] Emprego aqui a palavra "datilografação" no mesmo sentido que a atual "digitação". "Datilografação" consta de vários dicionários, como o *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado*, organizado por Adalberto Prado e Silva (6ª edição, 1970, v. II, p.450 e 460), e o *MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa* (São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p.632 e 638), que registram as formas "datilografação" e "dactilografação", assim como do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras e que pode ser consultado em sua versão virtual por meio do endereço http://www.academia.org.br. Julgo melhor uso que "datilografia", que descreve o método utilizado, ao passo que "datilografação" dá melhor a idéia da ação de datilografar.

Desse modo, as cartas publicadas seriam as que, além de resistirem ao tempo, "se salvaram" da depuração "dos gatos, do bagaço, das inconveniências", "podadas de muitas inconveniências". Processo que não impediu que se tornassem uma "raríssima 'curiosidade'", no dizer de Lobato. Afinal, não haveria "em nenhuma literatura", "tão longa correspondência, sobre o mesmo assunto, entre só dois sujeitos".

Lobato, leitor voraz, editor atento, sabia do pioneirismo de sua atitude. "Isto de cartas", diria ainda em sua "Escusatória", "é sapato de defunto. Depois que o autor morre é que elas aparecem." Contrariamente à praxe, Lobato vivo dá a público suas cartas, um dos poucos a fazê-lo no Brasil e no mundo até então[3]. Por isso a necessidade de uma "escusatória". Ainda mais porque, Lobato o diz textualmente, "o gênero 'carta' não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público".

Devemos concordar com a afirmação de Lobato? O gênero epistolar não é literatura? Lobato justifica a exclusão definindo literatura como "atitude". Mas a sua "atitude" de selecionar, depurar e dar a público as suas cartas não seria "literatura"?

Não é o caso de enveredarmos aqui por uma discussão sem fim do que seja ou não literatura. Mas seria importante considerarmos pelo menos um ponto a respeito disso. Um dos mais importantes teóricos literários da atualidade, Terry Eagleton, define, em dado momento, a literatura como "um discurso 'não-pragmático'", pois ela não teria "nenhuma finalidade prática imediata, referindo-se apenas a um estado geral de coisas".[4] Ora, a carta não tem uma finalidade pragmática, informativa, de estabelecer comunicação entre dois correspondentes? Sim, e nesse sentido, Lobato teria razão: carta não é literatura.

Contudo, é necessário distinguir duas situações. A primeira, a da carta dentro de uma situação discursiva que envolve remetente e destinatário, a situação discursiva que poderíamos chamar "original", em que a carta tem como destinatário somente o nominal, o imediato, e em que sua função é a comunicativa, informativa, dentro da relação (familiar, de amizade, comercial etc.) que existe entre os correspondentes. Nesse primeiro caso, a carta não é

[3] Havia algumas publicações de cartas anteriores à *Barca*, mas quase sempre "sapato de defunto", como fora o caso, por exemplo, da correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, organizada por Graça Aranha e publicada pela editora de Lobato em 1923. Exceção se faça às *Cartas políticas e literárias* (Bahia: Catilina, 1919), publicadas por Rui Barbosa (1849-1923). Havia ainda publicações de cartas em vida de seus autores, como as *Cartas de Semprônio a Cincinato* (1871), de Franklin Távora, mas que escapam ao âmbito da correspondência pessoal, já que se constituíam em textos de crítica literária, sob a forma de carta, e publicados sob pseudônimo.

[4] *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.8.

literatura. A segunda, a da carta deslocada dessa situação discursiva "original", vista numa situação discursiva que poderíamos chamar "derivada", em que o destinatário da carta se amplia para acomodar o público leitor. É o caso das cartas postas à disposição desse público, seja no seu original, por meio de sua consulta em arquivos e centros de documentação, seja em transcrição, impressa em livros ou periódicos ou divulgada em meio eletrônico.

Essas situações acabam por se refletir necessariamente no âmbito da pesquisa do gênero epistolar, que se divide, dessa forma, em fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias são os originais das cartas, manuscritos ou datiloscritos; as fontes secundárias, as cartas publicadas em livros ou outro meio de divulgação, impresso ou eletrônico. Quanto às fontes primárias, elas podem pertencer a arquivos públicos ou a acervos privados[5]. Qual a conclusão a que se pode chegar a partir dessa distinção? As cartas publicadas ou as cartas depositadas em arquivos públicos integram o sistema literário, já que o público – um dos vértices do triângulo do sistema – tem acesso franqueado aos documentos. Já as cartas pertencentes a acervos privados não integrariam o sistema literário e, por extensão, não poderiam ser consideradas literatura, enquanto não forem dadas a público, seja em livro, seja sendo depositadas num arquivo público.

Carta é literatura, então. Mas há quem diga que não seja "Literatura", assim, com letra maiúscula. Carta seria "literatura", gênero menor, marginal, secundário. Poderia, aqui, a título de provocação, dizer com Afonso Romano de Sant'Anna que "não há gênero menor, há pessoas menores diante de certos gêneros"[6], e encerrar minha argumentação. Acredito, porém, que procurar as razões para esse preconceito seja mais proveitoso.

Segundo Marie-Claire Grassi, "no plano literário, o gênero epistolar foi por muito tempo considerado como menor, em relação à poesia, gênero nobre por excelência, depois em relação ao romance."[7] Menor por quê? Menor em que sentido?

Certamente não seria menor em termos de quantidade de páginas escritas. Há casos de escritores cuja produção epistolar supera – e muito – a produção em outros gêneros. Poderíamos pensar aqui em Voltaire (cuja correspondência preenche doze volumes da

[5] Entendo aqui como arquivos públicos aqueles com acesso ao público, independentemente de sua natureza jurídica, enquanto são acervos privados aqueles cujo acesso está fechado ao público.

[6] VIEIRA, Camila. O navegante da cultura. Entrevista de Affonso Romano de Sant'Anna. *O Povo*. Fortaleza, 28 de agosto de 2004. Disponível em: http://www.noolhar.com/especiais/bienalfortaleza/396025.html Acesso em 24 abril 2005.

[7] "Sur le plan littéraire, il a longtemps été considéré comme mineur, par rapport à la poésie, genre noble par excellence, puis par rapport au roman." *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998, p.3.

"Bibliothèque de la Pléiade", impressos em papel-bíblia, com mais de mil páginas cada um), em Flaubert, em Mário de Andrade. Ou mesmo em escritores que se consagraram tão-somente no gênero epistolar, cujo exemplo de Mme. de Sévigné é paradigmático.

Seria menor pela qualidade da escritura? Estou certo de que os mesmos exemplos carreados acima podem provar que não. Menor em que sentido, então?

Acredito que o gênero epistolar foi por muito tempo considerado menor porque supostamente não se traduziria, como diz Lobato, numa "atitude", mas integraria apenas o âmbito íntimo, privado, de um escritor. Essa visão adviria talvez de um olhar romântico destinado ao gênero, que veria a carta como um "grito" ou "espelho" da alma, expressão a mais fiel da intimidade e da identidade do remetente[8]. Assim, muito do caráter retórico-argumentativo de uma carta se perdia sob a capa confessional que a crítica romântica lhes atribuía.

Não que a carta não esteja permeada de elementos da intimidade ou da identidade de seu signatário. Porém, devemos pensar que, se a carta é um retrato daquele que escreve, é também um retrato "possível de retocar antes de expô-lo na cena pública, como se começa a fazer com as fotografias". Aliás, a aproximação metafórica entre carta e fotografia pode ser muito mais produtiva do que se possa imaginar. Barbey d'Aurevilly chegou a conceber uma "metáfora fotográfica", afirmando que "as cartas são finalmente apenas 'espécies de fotografias nas quais se é tão feio e tão *defeituoso* quanto na *outra*...'" [9]

A metáfora fotográfica seria empregada também por Lobato, em carta a Godofredo Rangel, incluída n'*A Barca de Gleyre*, e datada de 1º de maio de 1919:

> Só agora, que as reclamaste com autoridade de Juiz, quase sob vara, disponho-me a devolver-te as cartas. Mas antes quis relê-las. Estão comigo há quanto tempo? E só agora pude correr os olhos sobre algumas. Que fotografias, meu caro! *Snap-shots*. Estamos ali inteirinhos, com os sonhos todos e a grande ânsia de criar...

Tal como a fotografia, a carta registra um instante. Vejamos um exemplo: imaginemos uma família que convoca um fotógrafo para registrar um retrato familiar. Avô e avó sentados

---

[8] Para uma discussão desse tema, *v.* DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*. Paris: PUF, 2002, p.31 e ss.

[9] "En vertu du vieil adage qui fait d'elle un 'miroir de l'âme', la lettre est censée dessiner le portrait de celui qui l'écrit, mais un portrait qu'il est possible de retoucher avant de l'exposer sur la scène publique, comme on commence à le faire avec les photographies. Barbey d'Aurevilly – qui voue aux gémonies le genre épistolaire après l'avoir adoré – ne manque pas d'exploiter la métaphore photographique, affirmant que les lettres ne sont finalement que 'des espèces de photographies dans lesquelles on est aussi laid et aussi manqué que dans l'autre...' [Barbey d'Aurevilly, *Les critiques et les juges jugés*, Frinzine, 1885, p.71]". *Ibid*., p.112.

em poltronas cômodas, as senhoras sentadas em bancos à volta, os homens de pé, atrás, em poses estudadas, as crianças sentadas no chão, ao pé dos adultos, com seus brinquedos favoritos. Seria possível dizer que a fotografia resultante não registrou um retrato daquela família? Mas seria possível dizer que a fotografia resultante é um espelho daquela família? Tal como a fotografia, em que aspectos milimétricos são construídos e estudados, a carta também traz em si elementos de construção. Se é verdade, como disse d'Aurevilly, que aparecemos na carta tão feios e defeituosos como aparecemos numa foto, também é verdade que a feiúra e os defeitos podem ser mascarados.

Sendo assim, a carta, como uma fotografia instantânea, documenta um momento de uma relação entre duas pessoas (relação comercial, de amizade, de parentesco, de amor etc.) e, tal como o momento que representa, o que estampa tem um caráter fugaz, transitório, efêmero. O que é afirmado hoje pode ser confirmado ou contradito daqui a 5 meses (ou 5 anos). O máximo que uma carta permite afirmar, como documento, é o mesmo que uma fotografia permite afirmar dos traços do rosto de uma pessoa: "naquele momento, eu era assim". Ou, como aponta Jean-Paul Sartre, ao falar da "técnica do romance composto por cartas":

> A carta é o relato subjetivo de um evento; remete àquele que a escreveu, que se torna ao mesmo tempo ator e subjetividade testemunha. Quanto ao evento em si, ainda que recente, já vem repensado e explicado: a carta sempre supõe uma defasagem entre o fato (que pertence a um passado próximo) e o seu relato, feito ulteriormente e num momento de lazer. [10]

Nesse sentido, a metáfora fotográfica aplicada em relação ao gênero epistolar permite um olhar diferente sobre o aspecto documental das cartas. [11] E, ao mesmo tempo, permite efetuar uma distinção relativamente às pesquisas sobre o gênero.

Diante de inúmeros trabalhos que versam sobre o gênero epistolar, é possível distinguir duas espécies: os estudos *de* cartas e os estudos *a partir de* cartas. Em minha opinião, a distinção é importante e não configura uma discussão ociosa. Isso porque compreender que a maior parte dos estudos que trabalham com cartas são estudos *a partir de* cartas pode explicar

---

[10] *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 3ª edição, 1999, p.122, nota 8.

[11] É também o alerta que nos faz Luiz Felipe Baêta Neves: "para um tratamento acadêmico das cartas, enquanto 'fonte' histórica; é preciso evitar especialmente duas falácias. A primeira identificaria a 'autoria' da carta a uma idéia de sujeito 'livre e instaurador de si'. A segunda identifica a carta a *verismo*, a realismo ou naturalismo, em um exercício de expulsão necessária da carta de todo imaginário (como se este fosse 'fonte' de deformação e/ou falsidade histórica)" ("Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa". *In*: *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p.192).

porque o gênero epistolar sempre foi considerado secundário e acessório e, via de conseqüência, um gênero menor. Assim, distingo: um estudo *de* cartas terá como objetivo primordial, na minha opinião, o estudo das cartas dentro das regras e características do gênero epistolar (tal como um pesquisador que estude *Dom Casmurro*, por exemplo, estudá-lo-á dentro das regras e características do gênero romanesco). Ao contrário, um estudo *a partir de* cartas elegerá um objetivo qualquer (por exemplo, um determinado período da história de um país ou da literatura, pontos da biografia de um escritor, práticas de leitura de determinado grupo social) que buscará provar a partir dos dados colhidos nas cartas.

Isso não significa dizer que estudos *a partir de* cartas não tenham valor. Significa dizer, sim, que não contribuem para a elevação e autonomização do gênero, que mantém o seu caráter acessório, documental, de comprovação de dados objetivos.

Mas, nesse sentido, o que caracterizaria então um estudo *de* cartas? Quais seriam essas regras e características do gênero epistolar? Para fins didáticos, é possível dividir, na minha visão, as características do gênero epistolar em três categorias: formais, relacionais e de conteúdo.

As características formais seriam aquelas relativas à estrutura da carta – em termos de Retórica clássica, poderíamos pensar na *dispositio* – e englobaria, por um lado, a semelhança da carta com o diálogo e, por outro, a sua divisão em partes fixas, cristalizada desde a Idade Média, e da qual nos teriam restado pelo menos as seguintes: data e lugar da escrita da carta; saudação; narração; conclusão e despedida.

As características relacionais, por sua vez, seriam aquelas que consubstanciam a relação existente entre os correspondentes, como os pronomes e formas de tratamento e as expressões de formalidade ou intimidade.

Por fim, as características de conteúdo – que poderíamos aproximar da *inventio* da Retórica clássica – diriam respeito à escolha dos temas tratados na carta, bem como à forma de abordá-los. Um determinado tema poderá ser debatido com um destinatário e não com outro, e de uma maneira com um e de outra com outro.

É nessa maleabilidade do remetente em se adaptar aos destinatários que, acredito, esteja o grande traço de especificidade do gênero epistolar. A Retórica clássica já aconselhava ao orador a adaptação às características dos diversos auditórios[12]. Os *dictatores* medievais, por sua vez, vivendo numa sociedade altamente estratificada, estabeleceram a *collatio personarum*,

[12] *V*. PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.72.

processo pelo qual transparecia na saudação da carta a "relação de *dignidade* entre o remetente e o destinatário, de modo a ajustá-los entre si" [13]. Assim, considerando-se as origens retóricas da carta, podemos perceber um processo de construção do discurso epistolar que se revela, entre outros elementos, na adaptação desse discurso ao destinatário.

Ao mesmo tempo, se considerarmos a carta como um exemplar de "escrita de si", de "escrita do eu", temos de levar em conta que nela,

> por mais íntima que seja, o sujeito se enuncia e se anuncia *para outrem*, em relação com um destinatário menos ou mais íntimo. A presença do outro, ao qual os escritos são destinados, introduz uma disposição existencial diferente; trata-se de solicitar a atenção, de captar a benevolência duma outra pessoa, da qual a presença ausente irradia todo o campo do discurso.[14]

Esse enunciar-se e anunciar-se para outrem não se faz de modo aleatório. Ao escrever uma carta, o remetente se comporta como se estivesse na presença do destinatário. Nesse sentido, deve-se acrescentar que

> quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.[15]

Ademais, "quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir."[16] É nesse ponto que o conceito de *persona* pode auxiliar na análise de um *corpus* epistolar. Oriundo da Psicanálise – que foi buscá-lo, por sua vez, no teatro da Antigüidade – o termo *persona*

---

[13] PÉCORA, Alcir. "A arte das cartas jesuíticas do Brasil". *In*: _____. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.22.

[14] "Si intime soit-elle, le sujet s'énonce et s'annonce sur le mode du *pour autrui*, en relation avec un *Tu* ou un *Vous*. La présence de l'autre, auquel les écritures sont dédiées, introduit une disposition existentielle différente; il s'agit de solliciter l'attention, de capter la bienveillance d'une autre personne, dont la présence absente irradie tout le champ de la parole." GUSDORF, Georges. *Les Écritures du Moi*, *Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991, p.152.

[15] GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p.11.

[16] *Id.*, *ibid.*, p.13-4.

> é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar. [...] Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que *aparenta uma individualidade*, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva.[17]

Jung, mais adiante em seu texto, define-a de modo mais preciso:

> A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. [...] A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto-sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. Isto leva certas pessoas a acreditarem que são o que imaginam ser.[18]

Essa construção da *persona* sujeita-se a normas e convenções sociais: "as exigências do decoro e das boas maneiras incumbem-se do resto, para incitar ao uso de um tipo de máscara adequada. Atrás desta última forma-se então o que chamamos de 'vida particular'."[19]

Aliás, arremata Jung,

> não é por acaso que da palavra "persona" derivam os conceitos modernos de "pessoal" e de "personalidade". Assim como posso afirmar que meu *eu* é pessoal, ou que é uma personalidade, também posso dizer, no que se refere à minha persona, que constitui uma personalidade com a qual me identifico num grau maior ou menor.[20]

No mesmo sentido, Robert Ezra Park:

> Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra "pessoa", em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos.[21]

---

[17] JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p.32.
[18] *Ibid*., p.68, 69.
[19] *Ibid*., p.68.
[20] *Ibid*., p.72.
[21] PARK, Robert Ezra. Race and Culture. Glencoe, Ill.: The Free Press, 1950, p.249, *apud* GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p.27.

"Espelho da alma", *persona*, pessoal, personalidade. A carta parece apontar para um processo de teatralização do eu, em que subiria ao palco um eu com a máscara – *persona* – mais adequada para o público que está na platéia. Esse processo de *mise-en-scène* do discurso epistolar foi observado de modo preciso por Marcos Antonio de Moraes em relação à correspondência de Mário de Andrade, outro grande epistológrafo brasileiro da primeira metade do século XX: "a carta pressupõe dois componentes determinantes: o 'diálogo' e a '*mise-en-scène*'. Se o diálogo confere a cumplicidade sugerida por Mário, a encenação direciona a escrita, pois o missivista, consciente ou inconscientemente, passa a atuar em face dos diversos destinatários, modificando-se com a intimidade ou se afirmando no discurso desejado."[22]

Em direção semelhante, é o que lemos nas palavras de Erving Goffman:

> quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão. Outras vezes as tradições de um papel pessoal levá-lo-ão a dar uma impressão deliberada de determinada espécie, e contudo é possível que não tenha, nem consciente, nem inconscientemente, a intenção de criar tal impressão.[23]

Que, adiante, arremata: "quando um indivíduo se apresente diante de outros, terá muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação."[24]

Mas Goffman estuda a encenação nas relações entre as pessoas. Como isso ocorre no texto escrito, no texto literário? Se nas relações entre as pessoas, há toda uma interpretação de elementos extraverbais, isso não é possível no texto escrito. No caso, então, toda a encenação estará no discurso. Como ensina Vítor Manuel de Aguiar e Silva,

> na linguagem usual, um acto de fala depende sempre de um contexto extraverbal e de uma situação extralingüística efectivamente existentes e que

[22] "Afinidades eletivas". *In*: MORAES, Marcos A. (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.20.
[23] GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, *cit*., p.15.
[24] *Id*., *ibid*., p.23.

> são anteriores e exteriores a esse mesmo acto de fala. Na linguagem literária, pelo contrário, o contexto extraverbal e a situação dependem do próprio discurso, pois o leitor nada conhece acerca desse contexto e dessa situação antes de ler o texto literário[25].

Nesse sentido, todo o contexto de uma carta, seja para o seu destinatário imediato, seja para o seu destinatário mediato, depende do próprio discurso epistolar. Os elementos extraverbais selecionados pelo remetente fazem parte do processo de encenação do eu dentro da carta. Vejamos, por exemplo, a carta escrita por Lobato a Anísio Teixeira, a 12 de abril de 1930, em que descreve o cenário da escrita da carta:

> Estou a escrever-te na sala de jantar, com Purezinha defronte, de óculos a Harold Lloyd[26] no nariz, também a fazer a correspondência interminável das quintas, e a Rute botando bigodes nas figuras dum Shadowland. Está também a Marta e ainda uma intrusa que não conheces, Miss Joyce. É uma americanazinha nascida a 29 de fevereiro deste ano, no Woman's Hospital, que me pregou a peça de me fazer *grandfather* quando menos o esperei. Avô, estou essa coisa, Anísio...[27]

Poder-se-ia argumentar que a descrição da cena é absolutamente desnecessária. É, contudo, a maneira original que Lobato imagina para contar a Anísio que se tornou avô: descreve a cena, enumera as personagens e, no meio delas, uma desconhecida, a neta, que vem a ser apresentada.

Como se sabe, a escrita da carta exige um cenário adequado: papel, tinta, mesa. Sem esses elementos materiais, torna-se impossível o exercício epistolar. Sua falha ou falta torna-se uma tópica constante do discurso epistolar – e também do discurso epistolar lobatiano:

> Ainda ontem, se quisesse, não podia responder ao teu bilhete. Nem tinta, nem papel, nem mesa – e tenho tudo hoje no lugar, Rangel, graças à maravilhosa invenção da Roda. Se não fosse a roda, como operar o milagre de transpor tantos móveis e caixas lá do alto da Serra da Mantiqueira para

[25] SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 3ª edição, revista e aumentada, 1973, p.41.
[26] "LLOYD, Harold – comediante norte-americano. Seu personagem mais conhecido usava um peculiar óculos de tartaruga." (VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos...*, *cit*., p.112).
[27] VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p.51.

> aqui, nesta rua Genebra? E em cidade nenhuma há um monumento de gratidão à Roda![28]

Ademais, o exercício epistolar pressupõe, em si, o exercício da sociabilidade. Escrever cartas é, o mais das vezes, manter relações sociais, manter relações de afeto e cordialidade. Sendo assim, não haveria uma etiqueta para a escrita de cartas? Diz a Baronne D'Orval, em seu *Usages mondains – Guide du savoir-vivre moderne dans toutes les circonstances de la vie*:

> A tinta deve ser suficientemente negra e límpida para permitir à pena transmiti-la com nitidez. Isso é uma coisa boa, pois é um horrível suplício escrever com um instrumento ruim que não permita formar legivelmente as letras; ora, a polidez mais elementar exige que não se imponha ao destinatário da missiva uma fadiga penosa para decifrar os logogrifos gerados por uma imaginação mal servida pela caligrafia; estando esses pontos regrados, procurar-se-ão as fórmulas mais elegantes, se a carta é uma correspondência mundana; se é uma carta de negócios será necessário encontrar a expressão justa, clara para se fazer compreender[29].

Vemos, no discurso epistolar lobatiano, a constante preocupação com a caligrafia como, por exemplo, na carta escrita à mãe, "provavelmente de 1895, ano em que Monteiro Lobato, deixando os estudos em Taubaté, seguiu para São Paulo a fim de concluir os preparatórios. Sua mãe encontrava-se em tratamento em Santo Antônio do Pinhal, próximo a Campos do Jordão": "por hoje chega; são quase 7 horas e vou me despedir do velho, por isso até S. Paulo e desculpe-me a letra porque estou escrevendo com um caco de pena."[30] Nesse sentido, como ressalta Luiz Felipe Baêta Neves, a importância de se investigar a materialidade da carta:

> Há que investigar a carta enquanto materialidade. Há uma série de características físicas diferenciais da(s) carta(s) e que singularizam seus tipos: papel empregado ('outro' para o envelope?; há – quando? – envelope(s)?; cor de tinta; qualidade de tinta; maneira de 'ocupar' a folha (verificar a

[28] *A barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.158-9.
[29] D'ORVAL, Baronne. La correspondance. *In*: _____. *Usages mondains – Guide du savoir-vivre moderne dans tous les circonstances de la vie*. Paris: Victor-Havard et Cie., Éditeurs, sixième édition, 1901, pp.389-90. Disponível em: http://gallica.bnf.fr Acesso em: 09 jan. 2004. No original: "L'encre doit être suffisament noire et limpide pour permettre à la plume de la transmettre avec netteté. Celle-ci sera bonne car c'est un affreux supplice d'écrire avec un instrument mauvais qui ne permet pas de former lisiblement les lettres ; or, la politesse la plus élémentaire exige que l'on n'impose pas au récipiendaire de la missive, une fatigue pénible pour déchiffrer les logogriphes enfantés par une imagination mal servie par la calligraphie ; ces points étant réglés, on cherchera les formules les plus élégantes, si la lettre est une correspondance mondaine ; si c'est une lettre d'affaires il faudra trouver l'expression juste, claire pour se faire comprendre".
[30] *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.20.

> 'nobilitação' possível da folha; espaços em branco, distância das margens; utilização do verso; rasuras; transporte – *quem* as leva, como são levadas e entregues)[31]

Sendo forma de sociabilidade, o estabelecimento da correspondência jamais poderia ser feito à força, mas sim resultado de um pacto, tal como o firmado entre Lobato e Rangel, na carta escrita em São Paulo a 09 de dezembro de 1903. Ali, encontramos a firmação do pacto epistolar. Lobato escreve a Rangel perguntando-lhe sobre a possibilidade de iniciarem a correspondência:

> Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa. [...] Responda sem demora se está disposto a ser caceteado à distância – telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes três dias.

Segundo Anne Vincent-Buffault,

> a declaração de amizade é acompanhada de um pacto epistolar que é da natureza tanto do ritual quanto do contrato em que escreve um convite à amizade, uma expressão subjetiva que liberta dos códigos formais. É assumido o compromisso de escrever francamente, de uma só vez, sem efeito de estilo nem excesso de artifício. Trata-se menos de abandonar as fórmulas de civilidade para manifestar a afeição do que de se convidar a "dizer tudo" ou "de nada se poupar", a levar sempre adiante a descoberta de si no outro e do outro em si, construindo-se mutuamente.[32]

Mas o pacto epistolar firmado entre os amigos também abrangeria a linguagem das cartas, pois justamente um dos seus objetivos é libertar dos códigos formais. Assim, em carta de Taubaté, a 20 de janeiro de 1904, Lobato censura o destinatário:

> E agora, um puxão de orelhas: Por que usas etiqueta comigo? Tuas cartas vivem cheias de "faça o favor", "se não for incômodo", e mais fórmulas da humana hipocrisia. São tropeços. Quando te leio, vou dando topadas nisso. Faça como eu. seja bruto, chucro, enxuto.

Censura que é repetida no *post-scriptum* de uma carta de São Paulo, a 24 de agosto do mesmo ano:

---

[31] "Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa". *In*: *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p.193.

[32] *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.41.

> P. S. – Mais uma vez insisto em que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas "fórmulas" já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. Olhe que eu e você, na sincera opinião do Ricardo, somos as grandes esperanças do Cenáculo – e Ricardo, como vate que é, vaticina. Temos que não nos enganar com adjetivos.

Noutro *post-scriptum*, em carta de 07 de novembro de 1904, escrita em São Paulo, Lobato responde a uma exigência de correção gramatical por parte de Rangel:

> P. S. – Apontas-me, como crime, a minha mistura do "você" com "tu" na mesma carta e às vezes no mesmo período. Bem sei que a Gramática sofre com isso, a coitadinha; mas me é muito mais cômodo, mais lépido, mais saído – e, portanto, sebo para a coitadinha. Às vezes o "tu" *entra* na frase que é uma beleza; outras é no "você" que está a beleza – e como sacrificar essas duas belezas só porque um Coruja, um Bento José de Oliveira, um Freire da Silva, um Epifânio e outros perobas "não querem"? Não fiscalizo gramaticalmente minhas frases em cartas. Língua de cartas é língua em mangas de camisa[33] e pé-no-chão – como a falada. E, portanto, continuarei a misturar o tu com você como sempre fiz – e como *não faz* o Macuco. Juro que ele respeita essa regra de gramática como os judeus respeitavam as vestes sagradas do Sumo Sacerdote. Logo, o dever nosso é fazer o contrário.

Afinal, na visão de Lobato, a carta era uma "conversa por escrito" e, como tal, seria impulsiva, espontânea. Tal como argumenta em carta de 30 de setembro de 1915:

> Já notaste como é mais vivo o estilo das cartas, do que o de tudo quanto visa aparecer em livro ou jornal? Acho maravilhoso o *prime saut* das cartas. Eu queria ver em todos os teus livros o enlance *primesautier* da última carta que me mandaste. A caraça do público, a "feição" do jornal, os moldes do editor, sempre antepostos aos nossos olhos quando "escrevemos para imprimir", acanham-nos a expressão, destroem-nos a alerteza do *élan*. Eu, por mim, só lia cartas e memórias como as do Casanova.

As censuras iniciais de Lobato à maneira de se expressar do amigo se repetiriam muitos anos depois, em carta de 1918:

[33] Lobato utiliza aqui uma metáfora de vestuário para falar da linguagem das cartas – "língua de cartas é língua em mangas de camisa". Mais ou menos vinte anos depois dessa carta, Mário de Andrade, numa carta ao jovem Carlos Drummond de Andrade, utilizaria a mesma metáfora: "A sua carta é simplesmente linda. E tem uma coisa que não sei se você notou. A primeira vinha um pouco de fraque. A segunda era natural que viesse de paletó-saco. Mas fez mais. Veio fumando, de chapéu na cabeça, bateu-me familiarmente nas costas e disse: Te incomodo?" (ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p.11)

> Achei bastante "preciosa" a tua carta (no sentido de Molière) e com amabilidades que em geral só usamos com os inimigos ou os indiferentes. Será que o juizado já está agindo? E até para os amigos escreves em língua "magistral"? Deixa-te disso, meu pulha, que ainda que vás para o Supremo para mim serás sempre o Rangel que fez de "gato pingado" no enterro do Orelha Gorda. Não há grande homem para o criado de quarto de Napoleão.

Apesar de "conversa por escrito", a carta, para Lobato, é sempre um paliativo, um mal necessário, diante da impossibilidade da ação, da impossibilidade da conversa *in presentia*. Exemplar disso é a carta de 27 de outubro de 1904, dirigida a Godofredo Rangel:

> Exames na janela! A chave pende no prego n° 4 e eu com duas cadeiras vazias e sem coragem de enchê-las! E pretendo o grau 8! "É o cúmulo da presunção", diria o Oscar Breves – homem inferior que só apanha o verniz das coisas. "É o cúmulo da confiança", dirá você, homem superior que sabe descer ao fundo das psíquicas. E acertarás, meu grande, meu arquiprecioso, meu divino Rangel! Seja como for, voltei hoje para meu quarto cheio de tremendíssimas intenções, disposto, como nunca, a empanturrar-me de ciência. Mas assim que abri o Paula Batista[34], o cão do vizinho à esquerda prorrompeu em uivos à lua que nem um poeta; os filhos do vizinho da direita vieram brincar sob a minha janela; e a filha dos vizinhos da casa fronteira veio à porta da rua para o seu habitual dedo de namoro noturno. De modo que essas três irredutíveis instituições humanas – o vizinhato, o cão e o namoro noturno – interpuseram-se como uma trindade de aço entre mim e a ciência do Paula Batista, e com tal prepotência que me vi forçado a afastar o poço de sabedoria e matar o tempo com uma instituição humana: conversar por escrito.

O mesmo se encontra na abertura da carta datada de 20 de fevereiro de 1905 e também dirigida a Rangel: "conversemos enquanto chove".

Tempos depois, em carta de 23 de outubro de 1909, Lobato reforça a idéia da correspondência como passatempo:

> esta correspondência, coisa que me é (e para você também) de muito valor como incentivo, como enchimento de tempo vazio, como ocupação mais nobre do que discutir política na farmácia ou caçar as moscas do imperador Domiciano[35].

---

[34] Talvez Lobato se refira ao *Compendio de theoria e pratica do Processo Civil comparado com o Commercial e de Hermeneutica Juridica : para uso das Faculdades de Direito do Brazil* (1855), de Francisco de Paula Batista (1811-1882), jurista e político brasileiro. A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco possui um exemplar do livro publicado pela Garnier em 1901.

[35] O Imperador Domiciano "segundo Suetónio no início do seu reinado tinha por hábito apanhar moscas e trespassá-las". *Cf.* a respeito ABREU, Dina Maria Baptista. "A importância da linguagem gastronômica nas sátiras de Juvenal". *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 3 (2001), p.81. Disponível em: http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Linguagem.pdf Acesso em 26 jan. 2007.

Porque, afinal de contas, "carta é uma joça". Concordaria com a quizília do cunhado, Heitor de Morais, pelo escrever cartas, a 15 de agosto de 1909:

> Tem razão de ser a tua quizília pelo escrever cartas, veículo pequenino demais quando se tem muito a dizer e embaraçoso quando não há assunto. A carta é boa e fácil de se escrever quando há um negócio bem positivo a tratar e por isso o ideal delas me parece que são as cartas comerciais. Que gosto sentar-se à mesa e sem vacilações, sem pensar, lançar no papel um bem caligrafado Am°. e Snr., para início de meio palmo de literatura sólida e sucinta! Infelizmente o destino não reserva para nós essa boa delícia...

Ou, como diria a Anísio Teixeira, na carta de 12 de abril de 1930, diante da quantidade de assuntos a serem conversados:

> Só a história das minhas aventuras de cinco meses ininterruptos na Wall Street encheria uma tarde.
> Porque entrei de ponta cabeça na especulação em *stocks*, logo no dia do *crash* de 29 de outubro, e na maranha estou até agora. Dei tacadas estupendas e fiz burradas inda maiores, o que há de *thrilling*. Mas... só contado. Carta é uma joça.[36]

Anos depois, em carta de 20 de maio de 1945, Lobato voltaria a se queixar da limitação do gênero epistolar:

> Sempre que me sento à máquina para "liquidar" a correspondência, penso em escrever a você – e não escrevo. Não escrevo porque há tanto a dizer que o veículo carta é raso demais – é gôndola, e o assunto é tanto que pede todo um navio-tanque de carregar petróleo. Além disso há sempre a vaga esperança de que, de repente, o Otales me diga (como das outras vezes): "Sabe que o Anísio chega no dia tanto?" Mas os meses se vão passando e nem carta, nem Anísio.[37]

Ainda, por vezes, sendo a carta veículo raso demais, o excesso de assunto é o motivo – ou o pretexto – para a interrupção do discurso epistolar. Por exemplo, na carta a Arthur Neiva, escrita de Nova Iorque e datada de 08 de janeiro de 1930: "só por boca se poderá contar o que isto foi. Não cabe em carta." [38] Ou na carta a Oliveira Vianna, possivelmente de 1932 ou 1933: "quanta coisa! Só por boca, meu caro, senão a carta vira livro."[39] Ou, ainda, na despedida da carta escrita de Campos do Jordão, a 28 de dezembro de 1935, ao engenheiro

[36] VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos*, *cit.*, p.51.
[37] *Id.*, *ibid.*, p.96.
[38] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 51, datado de 08 de janeiro de 1930 (CPDOC/FGV). Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato Vivo...*, Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986, p.161.
[39] Carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna. Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ.

Charlie W. Frankie: "adeus. O que há a dizer é muito. Não cabe em carta." Ou, também, noutra carta a Frankie, de 19 de setembro de 1936: "há mil coisas a conversar, mas como vens logo, deixo de escrever"[40]. Aliás, havendo a possibilidade da conversa *in presentia*, é o que basta para que cesse o conversar por escrito.

Outro efeito que a correspondência acarreta é o desdobramento dos correspondentes de suas pessoas reais. Da mesma maneira que na carta um cenário é montado e descrito, visando à verossimilhança da presentificação dos correspondentes, também estes, ao subirem à cena epistolar, põem a máscara da personagem que assumem um diante do outro. Assim, lemos na conclusão da carta escrita em São Paulo a 02 de junho de 1904, quando Lobato estava concluindo o curso de Direito:

> Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na "vida prática" em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideais) está a pingar o ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas.

Note-se que Lobato desdobra a própria existência em duas, a de um Lobato ideal, o Lobato das cartas – que morreria com a entrada na "vida prática" – , e a de um Lobato real, que seria fazendeiro.

Noutra carta, escrita em Taubaté no ano de 1906, Lobato escreve a Rangel, identificando o fenômeno:

> Hoje vai cartapácio; estou de veia e com saudades. Dirás: "Então por que não vens?" É que este hábito de escrever-nos desdobrou-te em dois Rangéis: o de carne, professor, marido e lá sei que mais; e o Rangel epistológrafo. Este é que é o meu. Deste é que conheço as idéias e manhas. Que fique com dona Bárbara o primeiro. Eu só quero o segundo. Este é o Rangel longe – e bem sabes como o longe embeleza as coisas; faz a montanha, que é verde, parecer-nos azul; e torna também azul um céu de ar incolor. O meu Rangel e o de Bárbara! O dela é o marido, o professor, o gastrônomo, o dono de casa, o filho – o cidadão certamente muito igual a todos os outros maridos e professores e donos de casa, etc. O meu é uma coisa que só eu sei, porque só a mim se revela. É um que me manda todas as flores que lhe nascem no canteiro da inteligência, como diria o Praxedes de Abreu, um jornalista daqui profundamente imaginoso.

[40] O original dessa carta encontra-se depositado no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE – IEL – UNICAMP). Devo a transcrição dessa carta e de todas as cartas de Lobato a Charlie W. Frankie citadas neste trabalho à gentileza de Kátia Nelsina Pereira Chiaradia, que desenvolve pesquisa de Mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – UNICAMP) sobre esse *corpus*, intitulada *Ao amigo Frankie, do Lobato*, sob orientação da Profa. Dra. Marisa Lajolo.

> Estou quase a dizer que um é *la bête* e o outro *l'ange*. E ir ver-te será também levar para aí a *bête* que sou, a ti que só conheces o anjo que também sou. Mantenhamos só a comunhão dos anjos.

Assim, o hábito de escrever cartas desdobraria os correspondentes em dois: a pessoa física, "de carne", com seus papéis sociais, "professor, marido e lá sei o que mais"; e a personagem das cartas, "o epistológrafo", com as suas "idéias e manhas".

Com o passar do tempo, o fenômeno se aprofunda, e Lobato afirma, em carta escrita em Areias, a 31 de agosto de 1907:

> Passei agosto em S. Paulo e não digo fazendo o que porque não me compreenderias. Nós só nos compreendemos (ou fingimos compreensão) quando, *bras dessous*, *bras dessus*, passeamos pelas aléias clamas do sibaritismo literário. Fora daí somos um para o outro a charada viva que um homem é sempre para outro homem.

O "Lobato pessoa física" e o "Rangel pessoa física" são charadas um para o outro. Lobato e Rangel só se entendem na utopia das cartas, quando se presentificam um perante o outro. Numa carta de Areias, do ano seguinte, Lobato escreveria:

> Esta Areias é uma caixa e essa tua comarca é outra. Nossas cartas são como o rabinho de rato que Hansel mostrava para a velha feiticeira. Somos a velha feiticeira um do outro. Você estira o rabinho de rato epistolar para que eu veja como está gordo e forte no estilo; eu faço o mesmo.

Presos à "vida prática", Lobato e Rangel são, no dizer de Lobato, Hansel e a velha feiticeira simultaneamente, que se tapeiam mutuamente por meio das cartas. Cada carta é um engodo apresentado ao outro, uma encenação que se repete a cada troca epistolar. Um bom exemplo disso é a carta de Areias escrita a 03 de agosto de 1909, em que Lobato diria: "estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o *Bocatorta*." Ao reler a carta para incluí-la n'*A Barca de Gleyre*, Lobato escreveria, de São Paulo, uma outra datada de 05 de setembro de 1943:

> Numa das minhas cartas, que peguei ao acaso, encontro esta nota: "Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o *Bocatorta*." Desconfio que falei em "10 mil réis" para te dar inveja, pois tenho uma vaga idéia de que realmente só me pagavam 5. Está aí um ponto que qualquer criticastro do futuro resolverá com a maior segurança – e no entanto eu, que afirmei os 10 mil réis, sou obrigado a deixar o ponto em obscuro. Talvez eu falasse em 10 mil réis porque para todos nós

> naquele tempo ganhar 10 mil réis com um piolho extraído do cérebro devia ser um sonho de grandeza – e de todos do Cenáculo era talvez eu o primeiro a alcançar extraordinária bonança. Haveria em nosso grupo outro que estivesse ganhando tanta coisa, ou com possibilidades de ganhar tanto, com os piolhinhos cerebrais?[41]

Mas essa encenação não é nociva, eis que fundamentada no pacto epistolar, e de acordo com ela estão os correspondentes. Daí Lobato afirmar, carta de Taubaté, a 07 de agosto de 1911:

> Para mim o sabor de tudo está em que só nos momentos em que te escrevo, ou te leio, é que vivo a minha "vida insuspeitada" – uma vida velha, boa, cara e rara; uma vida proibida e única, de espanejamento de idéias, de espojamento mental. Observe como as bestas de carga se espojam no pó, quando, depois de longa viagem, o tropeiro as alivia das cangalhas! É o que fazemos epistolarmente, sem que o Mundo desconfie. Pobre Mundo! Como nós o enganamos...
> Ah, eu no Mundo sou outro. Converso sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, política municipal. Mas com você eu ressuscito um Lobato alma de gato que não morre nem a porrete e literateja às ocultas – Lobato *quand même*.

Com o passar dos anos, a distância entre o Lobato e o Rangel "de carne", *bêtes*, e o Lobato e o Rangel "epistológrafos", *anges*, vai aumentando gradativamente. A tal ponto que, quando editor, Lobato pede um retrato a Rangel para estampar na capa de um livro, mas em carta escrita em São Paulo a 29 de setembro de 1921 expressa sua surpresa e decepção – ou seria uma observação irônica, permitida pela amizade? – com a imagem do Rangel "de carne":

> Vieram afinal os contos. Pensei em pô-los na "Coleção Brasília", que é muito boa para vulgarizar um autor, dado o preço (1$500) e as tiragens (de 4.000), mas essa série exige retrato na capa e não posso recorrer ao retrato que mandaste. Feio demais. Você era lindo antigamente, Rangel. Naquele retrato do Cenáculo, de 1903, eras a flor – e agora me mandas uma infame cara de coruja. Nunca! O "meu Rangel" era bonito. Esse do retrato não é o meu – há de ser o do Francisco Sales, aquele bicho de óculos pretos, mais feio ainda.

Semelhantemente, na carta de 1º de fevereiro de 1943, o Rangel postulado como destinatário não é o Rangel "de carne e osso", mas o Rangel do passado, cristalizado na relação epistolar:

[41] A afirmação de Lobato, nessa carta, pondo em dúvida o dado supostamente objetivo da carta anterior, tem muito mais conseqüências do que a mera relação entre as duas cartas dentro d'*A Barca de Gleyre*. Ela funcionaria como uma advertência ao leitor, destinatário mediato das cartas, para que saiba avaliar aquilo que lê. Também ao leitor de suas cartas Lobato estende, como Hansel, o rabinho de rato...

> Também creio, Rangel, que estou sarado da mania de negócios. Cortei as relações com a ambição monetária e fiquei sozinho com a literatura – a sem aspas. E estou até em lua de mel com a coitadinha.
> Daí o escrever-te. Quando fico "inocente", a pessoa de quem me lembro é você – o você daqueles tempos de Silvestre Ferraz, de Santa Rita, do Machado.

Diante do exposto, apresento aqui uma análise parcial do *corpus* epistolar lobatiano, com o objetivo de, por um lado, contextualizar as cartas, identificando as referências, e iniciar um processo de reconhecimento das várias *personae* lobatianas construídas em sua epistolografia, uma busca do "Lobato das cartas". E, por outro, sempre que possível, de situar a produção epistolar lobatiana dentro do gênero epistolar, por meio da citação de exemplos de outros epistológrafos.

Tive como uma das diretrizes para essa análise os quatro objetivos apresentados por Alphonse Jacobs ao organizar e anotar a edição da correspondência entre Gustave Flaubert e George Sand: "conseguir um texto rigorosamente conforme ao autógrafo; estabelecer uma classificação tão exata e precisa quanto possível; esclarecer as obscuridades que poderiam apresentar certas alusões; recriar a atmosfera na qual as cartas foram escritas"[42]. Desse modo, sempre que existente, recorri ao original (manuscrito ou datiloscrito), procurando estabelecer o texto, como se verá adiante. Procurei ainda situar as cartas em seu tempo, esclarecendo referências – familiares, pessoais, ou histórico-culturais –, de maneira a tornar mais precisa a análise das cartas.

A tese se divide em seis capítulos, cada um destinado a tratar de uma ou mais facetas da personalidade lobatiana estampadas em suas cartas: o Lobato familiar; o Lobato escritor; o Lobato editor; o Lobato dos Estados Unidos; o Lobato do ferro e do petróleo; o Lobato do cárcere; o Lobato das crianças. Cada uma dessas facetas, como se percebe, ligada a um contexto espacial e temporal específico, a dar formato às cartas.

Tive como objetivo principal encontrar, no discurso epistolar lobatiano, traços da construção de sua imagem diante de cada destinatário ou classe de destinatários, conforme impressa no texto de suas cartas. Retomando a metáfora fotográfica de Barbey d'Aurevilly, se cada carta fosse uma fotografia de Lobato, qual Lobato veríamos em cada um desses momentos? Essa é a resposta que pretendemos iniciar nas páginas seguintes.

---

[42] "Pour cette édition, nous nous sommes attaché à atteindre quatre objectifs: procurer un texte rigouresement conforme à l'autographe; établir un classement aussi exact et précis que possible; éclaircir les obscurités que peuvaient présenter certaines allusions; recréer l'ambiance dans laquelle les lettres avaient été écrites." JACOBS, Alphonse. Préface. *In*: FLAUBERT, Gustave. *Gustave Flaubert – George Sand: correspondance*. Texte édité, préfacé et annoté par Alphonse Jacobs. Paris: Flammarion, 1992, p.16.

Capítulo 1

Monteiro Lobato familiar

"Do seu filho obediente que lhe pede a bênção"

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa,
molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Raul Pompéia (1863-1895).
O Ateneu

Metido em colégio, foi um aluno nem bom nem mau – apagado.
Tomou bomba em exame de português, dada pelo Freire. Insistiu.

Monteiro Lobato. "Autobiografia".
A Novela Semanal, São Paulo, nº 1, 2 de maio 1921

São poucas as cartas que restaram de Lobato aos pais[43], José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato, que faleceram respectivamente a 13 de junho de 1898 e 22 de junho de 1899: vinte no total, sendo quatro ao pai e as restantes dirigidas à mãe. A discrepância numérica já diz muito. Mas não só. Na leitura das cartas percebemos a diferença de tom quando Lobato se dirige ao pai e quando se dirige à mãe. Ao pai, reserva a formalidade, a distância respeitosa, a narração genérica dos progressos nos estudos. À mãe, as expansões mais livres, as pitadas de humor, as narrativas pormenorizadas de acontecimentos do cotidiano, os desabafos em razão das dificuldades financeiras. Em sua monumental biografia, Edgar Cavalheiro já observava que

> esses transportes, essas confidências e apelos são sempre dirigidos à mãe, a quem escreve longa e minuciosamente, transmitindo-lhe todas as ocorrências, das menores às maiores. Ao pai manda simples e protocolares bilhetes. Nada de vivas e salves e pontos de exclamação.[44]

O mesmo observa José Antônio Pereira Ribeiro:

> Ao pai escrevia laconicamente, dando conta dos exames: "Entrei hoje em oral de Geografia e fui feliz". Não passam de breves notas, ou lacônicos bilhetes. Mas com a mãe se abre afetivamente, esparramando-se nas cartas e sempre procurando contar-lhe coisas alegres. São longas as cartas que escreve à mãe. "Tinha paixão pelas cartas, e durante a sua vida, escreveria numerosas por dia".[45]

[43] As cartas ao pai e à mãe, em sua maioria, foram reunidas por Edgar Cavalheiro no volume intitulado *Cartas escolhidas*, acrescido postumamente às *Obras completas* de Monteiro Lobato.
[44] *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed. revista e aumentada, 1956, t.1, p.43.
[45] *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, Secretaria de Cultura Município de São Paulo, s/d, p.28.

Exemplar desse procedimento é o par de cartas escritas provavelmente num mesmo dia do ano de 1895, separadas por algumas horas, devido à alusão que Lobato faz à prova escrita de português. Duas cartas absolutamente próximas no tempo, mas totalmente diversas na maneira como foram compostas. Ao pai, cuja severidade, segundo Cavalheiro, "não permitia caprichos de menino" [46], Lobato escreve:

> Papai
>
> Cheguei ontem à meia-noite, e pousei num hotel, porque era muito tarde para ir na casa de Alice[47]; mas hoje muito cedo passarei na casa dela e entregarei as cartas; uma para Getúlio[48], e outra para Dr. Rodrigo[49].
> Henrique[50] não pôde sair comigo, porque está com a cara muito inchada.
> Hoje entrei em prova escrita de português, que foi muito fácil, amanhã ou depois eles darão o resultado, que espero que seja bom. A prova oral é só em janeiro.
> Peço-lhe a benção.
> Seu filho
>
> JOSÉ BENTO LOBATO FILHO[51]

Tudo nessa carta ressuma formalidade: sua brevidade; o tom seco e objetivo das frases, à guisa de relatório; a assinatura com o nome completo, apesar de modificado, com o acréscimo do agnome "Filho". Bem diferente da carta escrita à mãe:

> Mamãe
>
> Fiz a prova escrita de português que saiu boa; todos colaram menos eu que até esqueci de levar papel e pena.
> Dois que estavam atrás de mim me perguntavam tudo e eu não respondia.
> Hoje não tive tempo para nada: levantei-me às cinco horas e fui para a casa de Alice, de lá fui à casa de Getúlio, de lá fui à casa do Dr. Rodrigo, de lá na casa dos Mércios de lá fui à Academia e ainda não são 2 horas.
> Diga a Teca que amanhã é que vou ver o que ela quer.
> Pra Judite mandei fazer um presunto de ferro de quatro metros de comprimento para ela ter uma indigestão e enjoar duma vez.
> Da casa dos Mércios vê-se toda a cidade.

---

[46] *Monteiro Lobato: vida e obra. Cit*., t.1, p.21.
[47] "Alice, prima de Lobato" (*Cartas escolhidas*).
[48] "José Getúlio Monteiro, primo segundo de Monteiro Lobato" (*Cartas escolhidas*).
[49] Rodrigo Lobato Marcondes Machado (1844-1918), primo do pai de Lobato, formado em Direito pelo Largo de São Francisco em 1867, foi presidente da então Província do Rio Grande do Norte entre 13 de março de 1879 e 1º de maio de 1880 e senador no Senado de São Paulo entre os anos de 1880 e 1889 e ainda na legislatura de 1891. Casou-se em Taubaté com Maria Isabel Marcondes Varella no ano de 1870.
[50] Possivelmente, Henrique Lobato Marcondes Machado, formado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1896, filho de Rodrigo Lobato Marcondes Machado, primo do pai de Monteiro Lobato, e de Maria Isabel Marcondes Varella Lobato.
[51] LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, 1º t., p.21. Todas as cartas de Lobato aos pais serão transcritas dessa edição, salvo anotação em contrário.

> Já tenho muita coisa para contar para a senhora quando chegar.
> A letra está bonita porque levei 10 minutos em cada palavra.
> Já conheço um pouco de São Paulo; já vou sozinho à casa do Dr. Rodrigo, à Rua Direita, à Academia, à casa de Getúlio.
> Comprei um anel para Judite que tem um brilhante do tamanho duma ameixa.
> Ontem às 11 horas da noite houve um grande incêndio; o Tuta viu e disse que era um sobrado muito alto e os bombeiros que subiam a escada caíram e uns morreram e outros quebraram os braços e as pernas porque a escada quebrou-se.
> Abençoe seu filho
>
> JUCA

Nela vemos que Lobato não se restringe tão-somente ao relatório dos exames escolares, como o faz na carta ao pai; narra à mãe o momento da prova, em que "todos colaram menos" ele; manda recados às irmãs Ester (Teca) e Judite; afirma que já tem "muita coisa para contar" para a mãe quando chegar; demonstra preocupação com a caligrafia; narra visitas e ocorrências cotidianas, que permitem à destinatária ter um quadro bastante diversificado da vida do filho em São Paulo.

Nesse passo, é importante ressaltar, por um lado, que a relação próxima com a mãe assemelha-se a de outros jovens de meados e fins do século XIX, como é o caso entre o adolescente Charles Baudelaire e sua mãe, Mme. Aupick. Baudelaire também se encontrava apartado da mãe, vivendo e estudando na casa de seu professor, M. Lasègue. Numa carta, datada de 16 de julho de 1839, o poeta, então com 18 anos, dirige-se à mãe num tom semelhante ao de Lobato: "Minha querida mãe, minha boa mamãe, não sei o que te dizer, e tenho todo tipo de coisas para te dizer".[52]

Por outro lado, a carta de Lobato também revela um tema dos mais recorrentes em sua correspondência, como vimos na *Introdução*: a insuficiência da carta para tratar de determinados assuntos – afinal, Lobato teria "muita coisa para contar" para a mãe quando chegasse, mas não pode, ou não quer, fazê-lo por carta. Aliás, não é demais lembrar que, em muitos momentos, Lobato recorre a desenhos em sua correspondência, como veremos, numa explícita demonstração da insuficiência da carta – e, por extensão, da linguagem verbal – para veicular tudo o que seria necessário expressar.

Chama a atenção ainda nessas cartas dirigidas à mãe a preocupação de Lobato em relatar minuciosamente seus gastos e o estado de suas finanças, como na carta escrita provavelmente em "1895, ano em que Monteiro Lobato, deixando os estudos em Taubaté, seguiu para São Paulo a fim de concluir os preparatórios. Sua mãe encontrava-se em tratamento em Santo Antônio do Pinhal, próximo a Campos do Jordão": "Tenho comido em casa dele[53] e já me correu uma pelega de 200.

[52] No original: "Ma chère mère, ma bonne maman, je ne sais que te dire, et j'ai toutes sortes de choses à te dire." BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler. Paris: Gallimard, 1973, t.1, p.74.
[53] O avô, o Visconde de Tremembé.

Deu-me uma canastra que o Chico[54] levou à Europa. Vou ao Getúlio e de lá verei um cômodo".

E ainda na carta de 31 de dezembro de 1895:

> Não tenho mais dinheiro porque os 30$000 que papai me deu foram 20$ em retratos e 10$ em bondes, viadutos, etc.
> Vou à cidade por obrigação duas vezes e cada vez pago 200 réis logo são 800 por dia.
> Há chamada duas vezes às 7 e às 11 horas.
> Quando vou a passeio vou a pé mas tenho de pagar o viaduto que é 60 réis. Mande dizer se quer a sorveteira e assim eu já peço dinheiro certo para Dr. Rodrigo.
> Tenho só um vintém e o dinheiro de Teca que ainda não buli nem bulo.
> Vou à cidade a pé e por um caminho muito longe que se sobe uma ladeira porque não tenho 3 vinténs para passar no viaduto; mas como é bom aprender a não ser gastador não pedi nem um vintém para Dr. Rodrigo.
> Tem estudantes aqui que trazem 500$000 e gastam tudo num dia. [...] Diga pra Teca que há aqui mangas boas a 300 réis cada uma é muito barato: nalgumas casas custa 1$000.
> Um copo de limonada aqui na paulicéia custa 500 réis e não leva nem meio limão dos menores que há.

Segundo Cavalheiro, "o dinheiro que lhe deram fora pouco, e isso o obriga a economias medonhas [...] Mas para ele o dinheiro seria curto nesse período, pois a doença da mãe, os maus negócios do pai, não permitiam larguezas."[55]

Contudo, para além de indicar possíveis dificuldades financeiras da família, a recorrência do tema poderia indicar a intenção do remetente de se mostrar responsável e maduro o suficiente para gerir os próprios negócios. Esse tema também aparece nas cartas do adolescente Baudelaire – também morando distante da família –, como vemos na seguinte, de 21 de novembro de 1837: "Minha boa mãe / Eu sou o terceiro aluno em verso. Depois disso eu te escrevo para te pedir uma coisa que não ouso dizer; mas enfim, ao fato: é dinheiro para um livro de história.". [56]

O mesmo encontramos em algumas cartas do jovem Álvares de Azevedo (1831-1852) – que não era certamente pertencente a uma família com dificuldades financeiras –, como, por exemplo, nesta de 11 de março de 1848: "levei já uma espiga ou antes duas, a saber – 1a. paguei 1 canoa pr. 2$ pª levar meus trastes e os do Costa pª terra – e foi caro – e paguei a 4 vintens os negros q. levarão minhas cargas da praia". [57]

---

[54] "José Francisco Monteiro, tio de Monteiro Lobato, irmão de sua mãe" (*Cartas escolhidas*).
[55] *Op. cit.*, p.33,34.
[56] No original: "Ma bonne mère, / Je suis troisième en vers. Après cela je t'écris pour te demander une chose que je n'ose dire; mais enfin, au fait: c'est de l'argent pour un livre d'histoire." BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance. Cit.*, t.1, p.47.
[57] *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente de Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976, p.53; foi mantida a grafia original.

Outra preocupação constante nessas cartas eram os exames a que estava se submetendo para o ingresso no curso preparatório para a Faculdade de Direito. É o que vemos, por exemplo, na carta que, segundo Cavalheiro, seria "provavelmente de 1895", mas que deve datar, contudo, de janeiro do ano seguinte, 1896. Isso porque lemos na carta ao pai, transcrita acima, a observação de Lobato sobre a prova oral de português: "a prova oral é só em janeiro". Além disso, na carta de 31 de dezembro de 1895, dirigida à mãe, Lobato afirmara: "amanhã entro com certeza na prova oral de português". Por questão de coerência, sendo aquelas cartas de 1895, seria melhor considerar esta carta como sendo de janeiro de 1896.

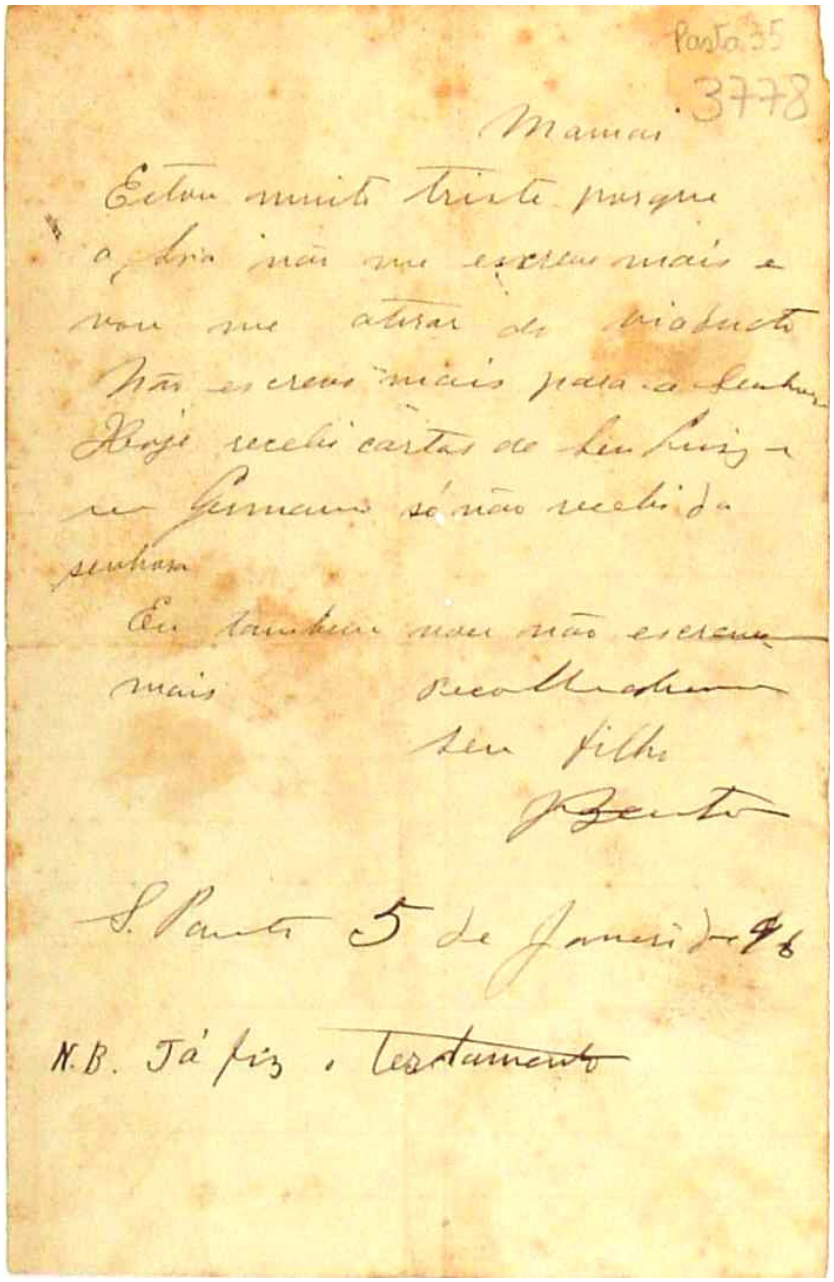
Nela vemos estampada a reação que Lobato teve ao ser reprovado nos exames, o que o obrigaria a voltar a Taubaté para se preparar para novos exames no fim desse mesmo ano. Note-se que é à mãe que Lobato se dirige para desafogar a mágoa de ter sido reprovado. Preocupa-se com a tristeza que causará ao pai, mas não é a ele que escreve nesse momento – pelo menos não temos registro de que tenha enviado alguma correspondência ao pai nessa ocasião:

> Mamãe
>
> Ontem entrei na prova oral de Português e fiz uma prova boa. Todos que viram disseram que eu tinha tirado um plenamente, mas quando fui ver eu estava inabilitado. Creio que é engano, mas se não for eu vou sexta-feira, 10. A minha prova escrita foi boa e a oral também. Eu vi na prova escrita uns seis rapazes que não sabiam nada, que me perguntavam tudo, que colavam e que faziam uma descrição de dez linhas, serem aprovados. Na oral vi rapazes que diziam que "pouquíssimo" era advérbio; "fortes" não sabiam o que era, saírem aprovados. E eu que respondi tudo saí inabilitado. Me parece que o Freire viu tanta proteção que disse: este menino não sabe nada, porque se soubesse não precisava empenho e por isso me bombeou injustamente. Tenho vergonha de toda gente, aqui que conheço poucas pessoas, quanto mais aí que todos sabem que vim fazer exames[58]. Todos dizem que há engano, mas isso não é ao certo. Agora quando chegar aí vou estudar Francês, Português, Inglês, Geografia para fazer em junho ou faço em março os dois. Parece que vou morrer principalmente vendo como a senhora, papai e Seu Germano[59] vão ficar tristes. Só de me lembrar saem lágrimas dos olhos. Isso é uma loteria! Se alguém perguntar de mim, diga que não sabe, que morri. Conte só para Seu Germano.
> Seu filho
>
> JUCA

[58] "Monteiro Lobato voltaria a fazer o exame de Português em 26 de dezembro de 1897, sendo então aprovado 'plenamente'" (*Cartas escolhidas*).

[59] "Germano Medeiros, que fora seu professor em Taubaté" (*Cartas escolhidas*). Registra José Antônio Pereira Ribeiro: "Germano Mostadeiro, [*sic*] era seu professor, espírito liberal, positivista, atacado pelo clero, mas era uma grande alma e por certo saberia compreendê-lo" (*As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, Secretaria de Cultura Município de São Paulo, s/d, p.27).

Numa outra carta, datada de 05 de janeiro de 1896, Lobato muda o tom com que costuma se dirigir à mãe. Possivelmente escrevendo após a reprovação no exame oral de Português, a sensação de fracasso e de abandono se exacerba, embora a carta não consiga abandonar um tom melodramático que beira a farsa, ao aludir à idéia de suicídio:



Mamãe

Estou muito triste porque a Sra. não me escreve mais e vou me atirar do viaduto. Não escrevo mais para a Senhora. Hoje recebi cartas de Seu Luiz e seu Germano só não recebi da senhora.
Eu também vou não escrever mais.

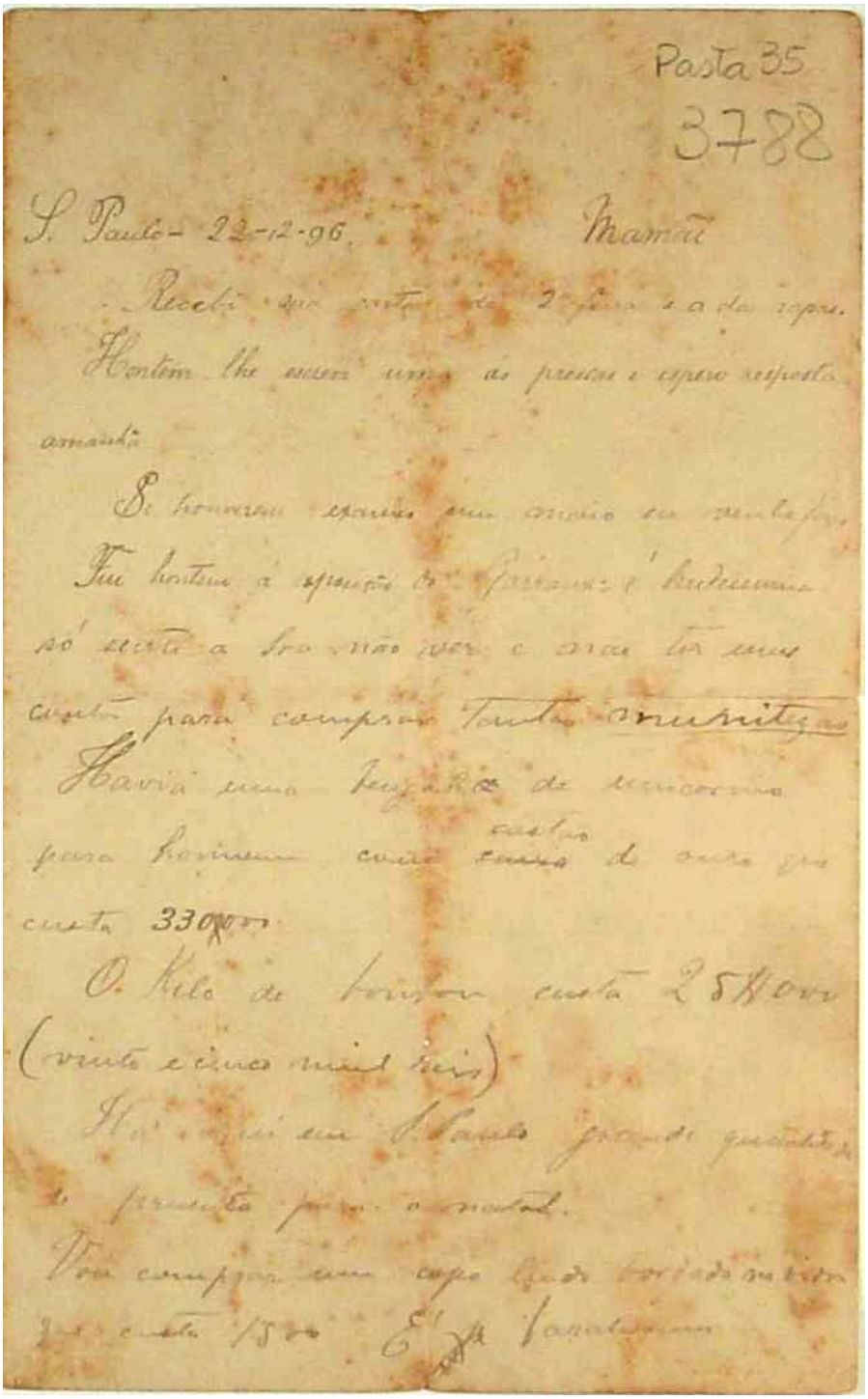
Peço-lhe abençoe
Seu filho
J. Bento

S. Paulo 5 de Janeiro de 96
N.B. Já fiz o testamento.[60]

Carta de Lobato à mãe, D. Olímpia, datada de 05 de janeiro de 1896
(Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 35, documento nº 3778)

[60] Manuscrito original do acervo da Biblioteca Monteiro Lobato (pasta 35, documento nº 3778).

Lobato não se atirou do viaduto, como havia prometido. Ele voltou a Taubaté, onde ficou durante o ano de 1896 e, em dezembro desse mesmo ano, de volta a São Paulo, prestaria novos exames. É desse período a carta, também escrita à mãe, datada de 22 de dezembro de 1896:


Pasta 35
3788

S. Paulo - 22-12-96. Mamã

Recebi sua carta de 20 deste e a do papae.

Hontem lhe mandei uma ao preço e espero resposta amanhã.

Se houverem espalhado em minha ausencia

Fui hontem á exposição de [illegible] e hoje mesmo só estive a tarde toda por lá e ainda lá vou voltar para comprar [illegible]

Havia uma fazenda de [illegible] para homem custa [illegible] o outro pelo custo 330$000

O kilo de [illegible] custa 25$000 (vinte e cinco mil reis)

Há aqui em S. Paulo grande quantidade de [illegible] para o natal.

Vou comprar um capote [illegible] custa 15$000 [illegible]

Primeira folha da carta de Lobato à mãe, D. Olímpia, datada de 22 de dezembro de 1896 (Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 35, documento nº 3788)

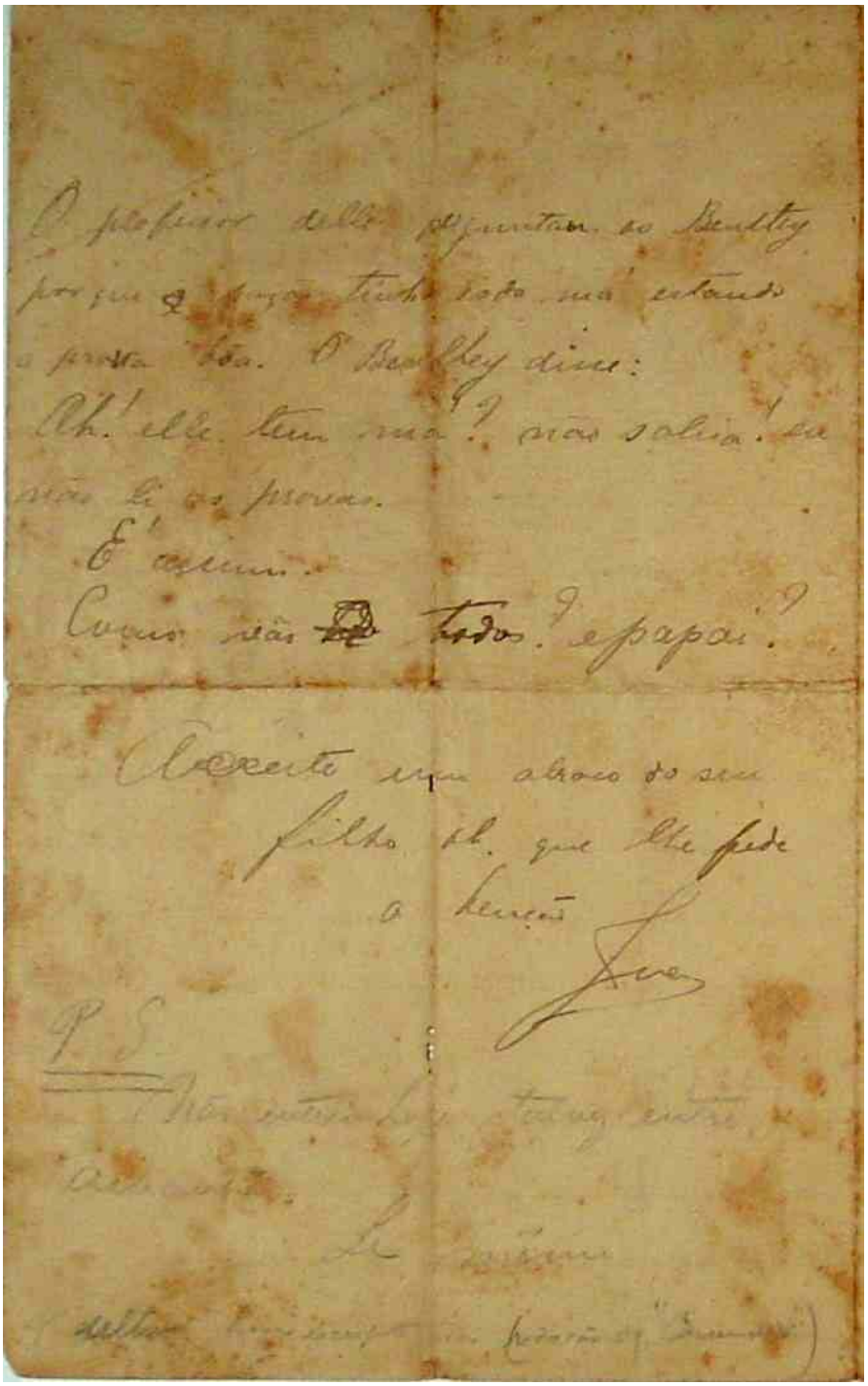
S. Paulo – 22-12-96. Mamãe
Recebi sua carta de 2ª feira e a das sapas[61].
Ontem lhe escrevi uma às pressas e espero resposta amanhã.
Se houverem exames em maio eu venho fazer.
Fui ontem à exposição do Garraux[62]: é lindíssima só senti a Sra. não ver e não ter uns contos para comprar tantas munitesas.
Havia uma bengala de unicórnio para homem com castão de ouro que custa 330$000.
O kilo do bombom custa 25$000 (vinte e cinco mil réis).
Há aqui em S. Paulo grande quantidade de presunto para o natal.
Vou comprar um copo lindo bordado no vidro que custa 1500. É baratíssimo. Se meus haveres permitissem eu levaria uma ½ dúzia para quando houvesse dias de anos dar-se extração.
Saudades em penca há daí por cá.
As obras da Central estão muito adiantadas ou pararam?
Esta noite sonhei com vovô: ele me disse que quando eu estivesse no 2º ano ele vinha junto comigo a S. Paulo e trazia a visconda[63] a Sra. e todos para contar uma anedota muito engraçada que ele há muito sabia.
Então não pode mais aturar o Zé Guiuseppe? Não deu tempo de vestir a calça.
De vez em quando pode me mandar uns miguéis[64] que é cousa que sempre falta.
Gabriel esteve hoje aqui, muito prosa e vadio.
O Bentley[65] anda maluco; está com princípios de paralisia na língua.
Agora embirrou em ir à Academia e examinar inglês.
Chega em casa com a prova põe 10 dum lado 10 d'outro e quase má para estes e má para aqueles; e na oral dá simplesmente para todos.
Eu quero pilhar um simples.
Há poucos dias um aluno de um professor aqui, muito preparado, foi fazer exame e tirou nota má na escrita.
O professor dele perguntou ao Bentley por que razão tinha dado má estando a prova boa. O Bentley disse:
Ah! ele tem má? não sabia! eu não li as provas.
É assim.
Como vão todos? e papai?
Aceite um abraço do seu
filho ob. que lhe pede
a bênção
Juca

[61] As "sapas" seriam, possivelmente, as duas irmãs, Ester e Judite.
[62] Trata-se da Casa Garraux, cujo nome vinha do seu diretor, o francês Anatole-Louis Garraux, e que surgiu, no ano de 1860, como uma filial da Livraria Garnier em São Paulo. A Casa "vendia, além de livros, papéis de carta, penas, lápis e objetos de escritório". Contudo, "em 1865, Anatole associou-se a Guelfe de Lailhac e Raphael Suarès e abriu a Livraria Acadêmica, que todos continuaram chamando de Casa Garraux" (PAIXÃO, Fernando (coord.) *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996, p.32). A Casa Garraux seria freqüentada assiduamente por Monteiro Lobato que, anos mais tarde, ainda alude a ela em suas cartas. Em carta a Godofredo Rangel, datada de 05 de maio de 1906, Lobato diria: "a Casa Garraux tem lá um Balzac completo a 800 réis o volume, o que há de barato. Encontrei na mesma livraria um magnifico Rabelais completo, num só e gordo volume, solidamente encadernado, por... 3$500. Trouxe também Petrônio (4$). Ésquilo, *Contos da Rainha de Navarra. Relíquias da Casa Velha*, de Machado; *Cartas d'Inglaterra*, do Eça; *Gordon Pim* de Poe; *Ivan o Imbecil*, de Tolstoi, e outros. Disponha." (*A Barca de Gleyre. Cit*., t.1, p.123)
[63] Trata-se de Maria Belmira de França, esposa do avô de Monteiro Lobato, o Visconde de Tremembé.
[64] O mesmo que mil-réis, ou seja, dinheiro.
[65] Talvez se trate de João Bentley, que havia sido vice-diretor do colégio Culto à Ciência de Campinas, em 1874, e lecionava aritmética, álgebra, francês, inglês e geografia. Há registro, ainda de um "Externato Bentley" em 1883, na cidade de São Paulo. Bentley é, ainda, autor de uma *Grammatica elementar da lingua inglesa* (São Paulo: Typ. Estereotypia King, 1889).

P.S.
Não entrei hoje talvez entre amanhã.

Le même

(última hora escrito na redação do "Comércio") [66]



Última folha da carta de Lobato à mãe, D. Olímpia, datada de 22 de dezembro de 1896
(Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 35, documento nº 3788)

[66] Manuscrito original do acervo da Biblioteca Monteiro Lobato (pasta 35, documento nº 3788).

É interessante notar que as cartas à mãe invariavelmente tratam dos mesmos assuntos: o cotidiano dos estudos, as dificuldades financeiras ("de vez em quando pode me mandar uns miguéis que é cousa que sempre falta"), as saudades da família, entremeados pela narração de algumas notícias que poderiam despertar o interesse da destinatária (como a exposição da Casa Garraux), ou simplesmente diverti-la (como as trapalhadas de Bentley). Observe-se também a preocupação formal com a carta, como a despedida escrita em triângulo[67], uma elegância encontrada não só em cartas, como também nos cólofons de alguns livros. Ao final, o *post-scriptum* rabiscado a lápis, às pressas, com a jocosa assinatura em francês ("Le même"). Nos dias subseqüentes, Lobato prestaria novamente os exames, dessa vez obtendo êxito. É o que lemos na carta de 26 de dezembro de 1896, novamente escrita à mãe.

Antes, porém, lembro novamente as cartas do adolescente Baudelaire à mãe, Mme. Aupick, como por exemplo a endereçada de Lyon em 1834 ou 1835, em que Baudelaire informa à mãe os seus progressos escolares: "Mamãe, [...] Eu poderia te dizer hoje somente em meu favor que fiz um exame muito bom, e que sou o quarto em tradução de grego."[68] Também nas cartas de Álvares de Azevedo à mãe lemos o relato dos estudos como, por exemplo, na escrita de São Paulo a 05 de janeiro de 1845: "depois d'amanhã hei de principiar a estudar com toda a força para ver se faço o exame de Latim. Só tenho hum mez!..."[69]

Note-se que, mesmo nesse momento, é à mãe que Lobato se dirige com alegria efusiva, e não ao pai. A carta está repleta de palavras que traduzem a euforia do remetente:

> VIVA o meu plenão! Viva!
> Morra o Freire[70]! Morra!
> Hoje, grande dia, parece-me que já estou formado! Viva! Viva!
> – O MEU PLENAMENTE! –

Algumas dessas palavras aparecem grafadas em letras maiúsculas, no que vemos novamente uma preocupação formal e estética da carta, além de ser um recurso de eloqüência:

---

[67] Maneira elegante de fechar o texto, em que cada linha vai diminuindo progressivamente até se chegar ao final. No jargão dos tipógrafos, *cul-de-lampe*, ou fundo de lâmpada (*Cf.* CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 2ª edição, 1998, p.58).

[68] No original: "Maman, [...] Je pourrais te dire aujourd'hui seulement en ma faveur que j'ai passé un très bon examen, et que je suis quatrième en version grecque." BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance. Cit*., t.1, p.30.

[69] *Op. cit*., p.45.

[70] "Lente de Português que o reprovara no ano anterior" (*Cartas escolhidas*).

> Hoje houve grande festa aqui em casa e fizemos tanto barulho que o PALAVET veio bravo.
> Era cada HURRA do plenão que atordoava as *moças*.
> Agora tiro outro em francês e um simples em inglês (ou bomba).
> É PALAVET e não pelavet como a sra. diz.

No final da carta, uma nota alusiva ao pai, mas apenas para advertir sobre o possível recebimento de "uma carta cheia de bestialógico":

> Se Papai receber aí uma carta cheia de bestialógico diga para ele que foi por pândega que escreveram e deram para um rapaz pôr no correio; mas para me lograr. E afinal o rapaz foi mesmo ao correio! Não sei se botaria. Não passei telegrama porque no T. Central não vai telegrama a Taubaté e como o Brás é muito longe eu não fui[71].

Uma semana após o seu aniversário de 15 anos[72], Lobato escreveria a seguinte carta para a mãe:

> São Paulo 25
>
> Mamãe!
>
> Recebi ontem a sua carta e conforme o seu conselho comprei o Rhum Creosotado[73].
> O que eu tinha era uma terrível influenza: sábado e domingo passei-os horrivelmente; dores de cabeça, dor nos olhos, febre o dia todo, moleza, etc.
> Ontem é que comecei melhorar, tomando um suadouro *sui-generis*: vesti roupas de casimira enfiei o capote mais quente e fiquei no sol parte do dia: suei como um boi magro mas melhorei sensivelmente.
> Agora terei mais cuidado e seguirei as prescrições do Kneipp[74]; nunca apanhei tão tremenda sova, por isso sempre facilitei, mas agora vou tomar cuidado porque sei que daqui para a tísica é um pulo.

---

[71] "Esta carta termina sem o fecho final. Lobato estava tão entusiasmado com a notícia do exame que se esqueceu de assinar a carta" (*Cartas escolhidas*).

[72] Segundo nota de Edgar Cavalheiro ao volume *Cartas escolhidas*, essa carta seria "provavelmente de 1897". Como Lobato alude ao dia do seu aniversário, é possível supor que essa carta seja de 25 de abril de 1897, uma semana após aquela data.

[73] O Rum Creosotado, criado pelo farmacêutico Ernesto de Souza (1864-1928), seria celebrizado, a partir de 1918, pelos versos atribuídos a Bastos Tigre (1882-1957) para a publicidade do produto: "Veja ilustre passageiro / o belo tipo faceiro / que o senhor tem a seu lado / e no entanto, acredite, / quase morreu de bronquite / salvou-o o Rhum Creosotado!" *V*. PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *O Melhor Anúncio do Século. Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2002. Disponível em: http://www.jrwp.com.br/artigos/lpt-artigos.asp?ID=79 Acesso em 25 jan. 2005.

[74] Lobato deve estar se referindo ao padre alemão Sebastian Kneipp (1821-1897), precursor da Hidroterapia que passou a difundi-la ao se curar de uma tuberculose pulmonar por meio do tratamento com água. O tratamento hidroterápico

Envio-lhe um pedacinho de ouro que cortei do "Estado"[75]. Então? tanto fizeram que caíram no X. Seria só para terem o nome no jorná? É pena não terem filado o Buzuga também.
Hoje, eram 4 horas da madrugada quando eu acordei e vi um clarão na vidraça. Levantei-me e fui olhar na janela: A casinha[76] estava em chamas! Imagine só que alvoroço no dormitório! Cada um tratou de vestir-se o mais depressa possível e já queriam despencar para a rua!
Mas os empregados do Colégio[77] conseguiram a muito custo dominar o incêndio que tomava assustadoras proporções. Junto vai uma descrição que andou de mão em mão à guisa de jornal.
Depois do fogo apagado foi uma pândega medonha porque o Musa (vigilante) fora chamar o Corpo de Bombeiros e os rapazes ficaram sem governo.
Mudando de assunto: Como a sra. diz que eu nunca mais farei 18 no dia 18? Farei sim em 18 de abril de 1900 se me faz o favor.
Passou o dia de meus anos, completamente despercebido por mim: tenho a mania de não andar a par com datas do mês e só dei acordo que fazia anos no dia 20...
Vovó deu-me 20$000 quando vim, como presente de anos; foi só ela que se lembrou de mim...
Ontem escrevi-lhe uma carta.
Não sou dos mais desprevenidos pois trouxe tudo sem faltar nada; até aqueles 2 sacos de roupa suja que a sra. fez quando eu estava ainda no Câmara[78], trouxe-os.
Nada mais tenho que dizer, por isso termino, pedindo-lhe a benção.
Seu f. obe. que mt° lhe quer

JUCA TIGRE

---

parece ter sido popular no Brasil de fins do século XIX: segundo Victor Andrade de Melo, "nos exemplares do *Jornal do Brasil* de 1894 são fartamente encontrados anúncios de hotéis, vilas balneárias e institutos medicinais, como o Instituto Kneipp, oferecendo banhos de mar 'para o organismo' e/ou banhos hidroterápicos." ("Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX". *Estudos Históricos*. Tema: Esporte e Lazer. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº 23, 1999, 44p. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/258.pdf Acesso em 28 jan. 2005).

[75] Possivelmente, o jornal *O Estado de S. Paulo*.

[76] Nome pelo qual se chamava antigamente o banheiro ou latrina localizado na parte externa dos edifícios.

[77] Deve se referir aqui ao Instituto de Ciências e Letras, em São Paulo, "onde se interna, a fim de concluir os estudos preparatórios" e no qual "permanece três anos" (CAVALHEIRO, Edgard. *Op. cit*., t.1., p.46).

[78] Talvez uma referência ao "Dr. Gastão Aldano Vaz Lobo da Câmara Leal – 1869-1940, ilustre jurista, homem público de caráter íntegro e cívico. Caridoso e fiel praticante da Obra Vicentina. Por sua cultura e pendor para a Educação, lecionou em várias escolas de Taubaté. Com o objetivo de elevar o nível cultural e ampliar as oportunidades de recreação em Taubaté, Dr. Gastão e outras pessoas importantes da sociedade taubateana fundaram a 1º de dezembro de 1895 a "ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E LITERÁRIA", com profícuas realizações no campo cultural e recreativo. Foi seu primeiro Presidente, o dr. Inocêncio Vaz Lobo da Câmara Leal – irmão do dr. Gastão – advogado e educador de renome. No "Liceu de Artes e Ofícios", filiado à Associação – estudaram centenas de alunos que aproveitando conhecimentos iniciais adquiridos, destacaram-se em vários ramos das atividades humanas. Dr. Gastão foi Diretor do Teatro S. João, que no fim do século XIX, destacou-se como o mais afamado centro de diversões e de apresentações lítero-musicais do Vale do Paraíba. Ao terminar o período de *Intendentes Municipais*, dr. Gastão, eleito 1º Prefeito de Taubaté, tomou posse a 15 de janeiro de 1906. Permaneceu à frente da Prefeitura até 1915, quando assumiu a direção do Instituto Correcional, hoje "Casa de Custódia do Estado" nesta cidade. Sua profícua administração municipal se caracterizou por ingentes esforços e trabalhos sistemáticos, para superar dificuldades advindas com a crise que assoberbava a região, resultante da decadência da cafeicultura no Vale do Paraíba. Nascido no Rio de Janeiro, radicou-se em Taubaté, onde fundou um lar feliz, com ilustre descendência e prestou inestimáveis serviços como administrador zeloso e atuante. Seu nome se impõe ao respeito das gerações e à gratidão da cidade." (ABREU, Maria Morgado de. *Taubaté: de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba.* Aparecida, SP: Santuário, 1985, p.71-2)

P. S. –
O tal Rhum é uma boa pinga que me deixou meio no galo hoje cedo porque tomei demais.
Como se toma aquilo? Na garrafa não diz. Tenho tomado antes e depois do jantar, meia xícara. Fiz bem?

JUCA TIGRE

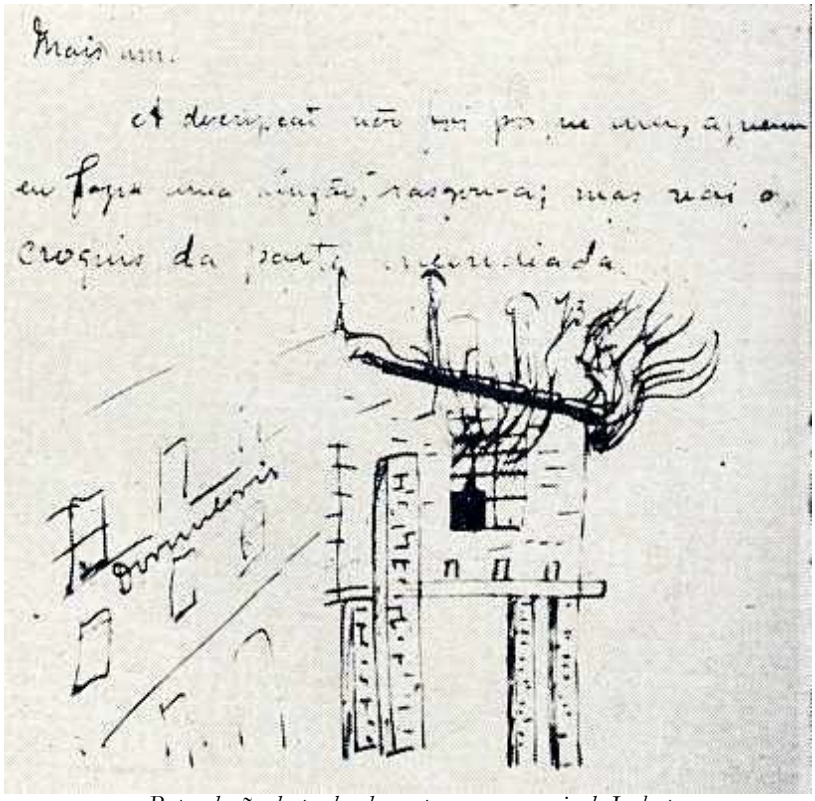
outro
Corte o envelope bem rentinho com uma faca na parte inferior e guarde-mos, porque: Se hoje eles têm na Alemanha um valor de 1000 réis daqui a alguns anos quanto não terá? portanto...

JUCA BURRO

Ainda outro
Diga para as meninas que me escrevam se não eu mando uma livraria de romances para elas lerem.
Lembranças a Don'Ana e mais velhos e velhas daí.
O Brandão ainda não morreu?
O que há de novo por aí! diga! então essa peste de cidade não se mexe? Ora bolas!

JUCA ZEBRA

Mais um.
A descrição não foi porque um, a quem eu fazia uma alusão, rasgou-a; mas vai o *croquis* da parte incendiada.



Reprodução do trecho da carta com o croquis de Lobato.
Apud *CAVALHEIRO, Edgar.* Monteiro Lobato: vida e obra.
São Paulo: Companhia Editora Nacional,
2ª ed. revista e aumentada, 1956, t.1, ilustração entre as p.124 e 125.

Essa carta é um dos melhores exemplos das diferentes *personae* do remetente Lobato que escreve para a mãe e daquele que escreve para o pai. Nela vemos toda a informalidade e expansão de Lobato com a mãe, expressa seja no à vontade com que se dirige à mãe, seja na escolha de comentários irônicos e velados a respeito de pessoas conhecidas ("envio-lhe um pedacinho de ouro que cortei do 'Estado'. Então? tanto fizeram que caíram no X. Seria só para terem o nome no jorná? É pena não terem filado o Buzuga também"), cercados de meias palavras subentendidas entre os correspondentes, seja na multiplicação dos *post-scripta*, seja na maneira jocosa com que assina a carta cada uma das vezes que pretende findá-la ("Juca Tigre", "Juca Burro", "Juca zebra"). Completa a carta o *croquis* que ilustra a narração[79], como que ampliando ao mesmo tempo que deixando patente a insuficiência do discurso epistolar – e, por extensão, do discurso verbal.

Confronte-se essa carta com a escrita ao pai em 15 de dezembro de 1897, a segunda de que temos registro. A formalidade com que se dirige a ele é patente, e fica flagrantemente marcada no olhar em perspectiva em confronto com as cartas à mãe. Se as cartas à mãe trazem muitas vezes relatórios minuciosos do seu cotidiano, esses relatórios vêm suavizados pelo tom brincalhão e bem humorado do remetente. As cartas ao pai, contudo, restringem-se praticamente a esses relatórios, expressos numa linguagem formal, que chega a se assemelhar à de cartas comerciais. É o caso dessa carta, que se abre, após o vocativo, com uma fórmula sobre a saúde do destinatário, cuja origem estaria nas fórmulas latinas de saudação[80]: "Papai! / Que o sr. esteja passando melhor é o meu desejo."

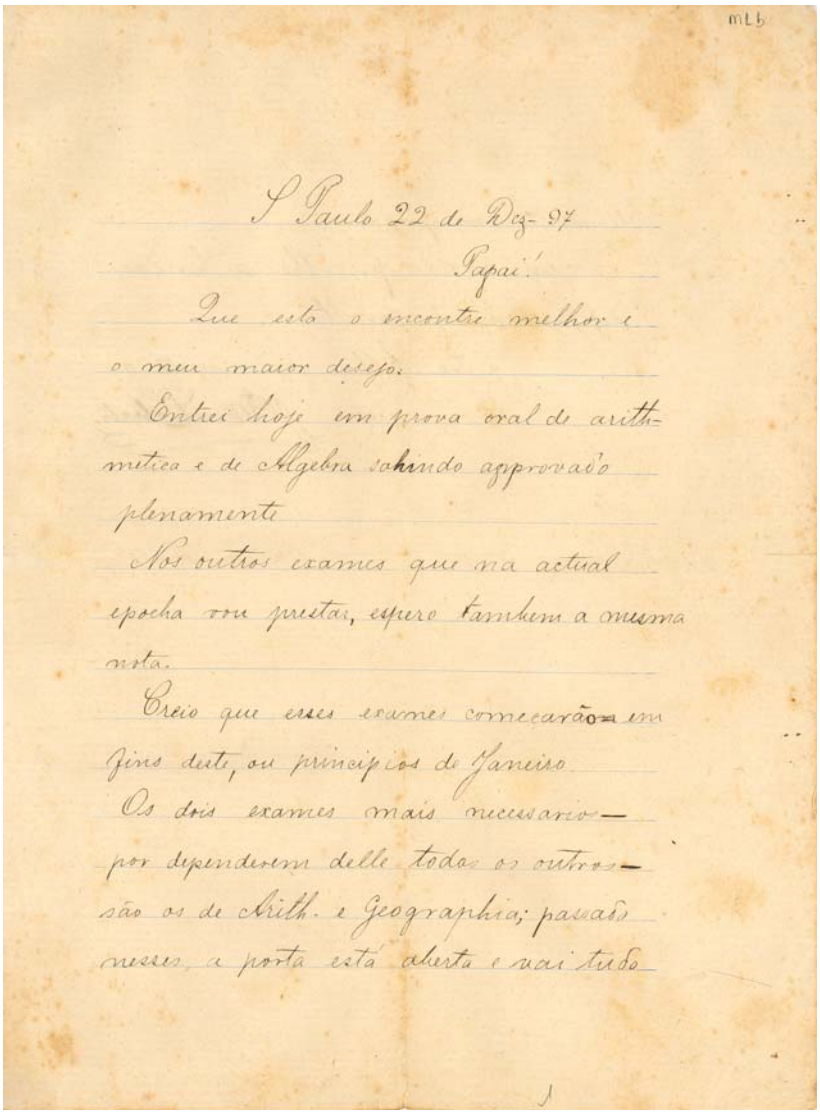
A referência aos exames, à aprovação "plena", às futuras provas, das quais espera "uma boa nota", como "compensação" de seus esforços e do pai, e à encomenda do pai ainda não cumprida é toda construída de maneira formal, numa linguagem próxima da de cartas comerciais:

> Entrei hoje em oral de Geografia e fui feliz sendo aprovado plenamente. Entrarei em Aritmética e Álgebra segunda ou terça-feira esperando também uma boa nota que será a compensação dos meus e seus esforços. Quanto ao balanço que o sr. me encomendou, ainda não fui ver o preço porque recebi a carta hoje e não tive tempo.
> Mas amanhã sem falta verei e lhe mandarei os preços e se puder um catálogo.

[79] O volume *Cartas escolhidas*, em que se encontra impressa essa carta, não reproduz o desenho, que aparece somente na biografia de Cavalheiro.
[80] A fórmula era, por vezes com algumas variantes, a seguinte: "si vales, bene est, ego valeo" (se estás bem, tudo está bem, eu também estou bem).

A escolha lexical para a fórmula de despedida (Lobato diz "amplexo" ao invés de "abraço") poderia ser interpretada como uma exibição do conhecimento e de enriquecimento vocabular, não fosse a enorme divergência registrada entre as cartas à mãe a às ao pai: "sem mais pede-lhe a benção e dá-lhe um apertado amplexo o seu filho que muito o quer". "Amplexo" ao invés de "abraço" é o corolário do formalismo que existia na relação epistolar entre o adolescente Monteiro Lobato e o seu pai.

Uma nova carta ao pai, escrita exatamente uma semana após a anterior, dá conta dos novos resultados nos exames[81]. A carta se abre com uma fórmula sobre a saúde do destinatário, muito semelhante à da carta anterior: "Papai! / Que esta o encontre melhor é o meu maior desejo."


MLb

S Paulo 22 de Dez- 97

Papai!

Que esta o encontre melhor e o meu maior desejo.

Entrei hoje em prova oral de arithmetica e de Algebra sahindo approvado plenamente

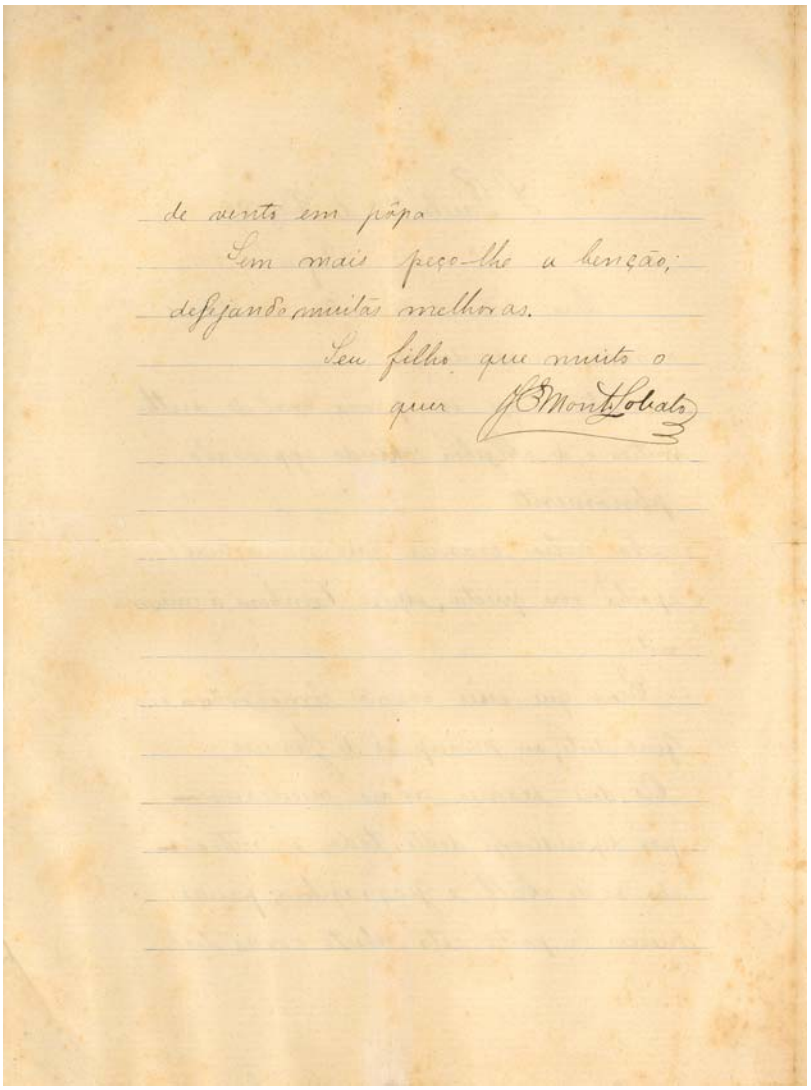
Nos outros exames que na actual epocha vou prestar, espero tambem a mesma sorte.

Creio que esses exames começarão em fins deste, ou principios de Janeiro

Os dois exames mais necessarios — por dependerem delle todos os outros — são os de Arith. e Geographia; passados esses, a porta está aberta e vai tudo

Início da carta de Lobato a seu pai, datada de 22 de dezembro de 1897 (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00001)

[81] O manuscrito original dessa carta, publicada por Edgard Cavalheiro no volume *Cartas escolhidas*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00001).


de vento em pôpa
Sem mais peço-lhe a benção;
desejando muitas melhoras.
Seu filho que muito o
quer J. B. Mont. Lobato

Final da carta de Lobato a seu pai, datada de 22 de dezembro de 1897 (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00001)

Após o relato objetivo sobre os exames prestados e a prestar – com uma inversão artificiosa que deixa o período pouco natural ("nos outros exames que na atual época vou prestar, espero também a mesma nota" – grifo meu) –, Lobato fecha a narração com uma metáfora ("a porta está aberta") e um lugar-comum ("e vai tudo de vento em popa"). De modo especular, a carta se fecha com novo desejo de saúde ao destinatário – o que devia ser a maior preocupação da família nesse momento pois, de fato, o pai do escritor viria a falecer seis meses depois: "sem mais peço-lhe a benção desejando muitas melhoras." A assinatura nas duas cartas também reflete muito do discurso epistolar de Lobato ao pai: a carta anterior vem assinada com o apelido em família ("Juca"), mas esta vem assinada com as iniciais e os nomes de família por extenso, abreviado o materno ("J. B. Mont. Lobato"). Nada dos pseudônimos auto-

irônicos das cartas à mãe. Note-se, ainda, a caligrafia bem cuidada, a limpeza do papel, o que indica que Lobato possivelmente tenha passado a carta a limpo.

Da mesma data da carta anterior é a carta abaixo, endereçada à mãe. Os fatos narrados à mãe são exatamente os mesmos narrados ao pai: os "plenamentes" que recebera em Aritmética e Álgebra. Mas quanta diferença na maneira de narrá-los! Na carta à mãe, novamente vemos a informalidade, o uso de maiúsculas e pontos de exclamação para enfatizar a informação. E a carta, ao contrário da escrita ao pai, não se restringe às notícias sobre os exames. Lemos todo um leque de pequenas notas do cotidiano, escritas ao correr da pena, totalmente ausentes na carta dirigida ao pai escrita exatamente na mesma ocasião:

S. Paulo, 22, 12, 1897

Mamãe

PLENAMENTE EM ARITMÉTICA
PLENAMENTE EM ÁLGEBRA
.....
Então? O cabra é bom mesmo para os plenões: já 4!!!
Ontem recebi a sua carta que não respondi ontem mesmo para responder hoje dando conta do meu exame.
Neste ano tenho passado nos meus exames com notas boas e com glória, porque não trouxe uma única proteção.
Diga às meninas que me escrevam que eu responderei; agora tenho muito tempo.
Hoje vou visitar os parentes, e o Getúlio a quem não vi até agora. Escrevo hoje a papai também.
O padreco foi ontem e não sei quando voltará! Que fique por lá para sempre são os nossos desejos.
O Camargo[82] chegou ontem e entrou hoje em exame de português saindo-se bem.
O Bentinho[83] entrou hoje em escrita de Geometria saindo-se bem.
Hoje em comemoração do meu plena vamos ao S. José[84] assistir o "Fan-Fan"[85] e o Champignol à força[86].

[82] Talvez se trate de Albino Camargo, futuro companheiro de Lobato na Faculdade de Direito e um dos integrantes do Cenáculo – grupo de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo que congregava, entre outros, Lobato e Godofredo Rangel. Segundo Alaor Barbosa, Lobato e Albino Camargo "conheceram-se na fase dos exames preparatórios, no Instituto de Ciências e Letras" (*Um Cenáculo na Paulicéia: um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo*. Brasília: Projecto Editorial, 2002, p.271).

[83] "Bento Enéias de Sousa e Castro" (*Cartas escolhidas*).

[84] O Teatro S. José era o centro da vida cultural da São Paulo de fins do século XIX. Inaugurado a 04 de setembro de 1864, seria destruído por um incêndio a 15 de fevereiro de 1898 (MENEZES, Raimundo de. "Como nasceu o teatro em São Paulo". *IV Centenário de São Paulo – Especial Memória*. São Paulo: Abril, 1954. Disponível em: http://www.abril.com.br/especial450/materias/teatro/ Acesso em 12 fevereiro 2006).

[85] Trata-se da ópera-cômica *Fanfan, o Tulipa*, com libreto de Paul Ferrier (1843-1928) e Jules Prével (1835-1889) e música de Louis Varney (1844-1908), estreada no teatro Folies-Dramatiques, em Paris, a 21 de outubro de 1882.

> Mande-me dizer outra vez as suas encomendas porque agora tenho tempo para ver tudo.
> Sou muito infeliz: hoje, logo hoje que eu entrei em exame, o lente Natividade[87] faltou, e foi substituído por outro que não gosta de dar notas boas; se o Natividade presidisse a banca, eu estava com uma distinção segura; mas como foi o Sr. Melo Monteiro, aliás meu parente (assim disse ele ao Osório) tive que ver a minha distinção por... um canudo.
> O Natividade garantiu ao Bentinho a minha distinção!
> Enfim, estou muito contente porque plenamente é uma nota esplendidamente esplêndida.
> Lembranças a todos e a Nhá Dade[88] a quem diga que estou às ordens e a Vovó que deve estar contente.
> Seu filho que lhe pede a sua bênção
>
> JUCA
>
> P.S. Dos 25 exames, até agora feitos, aqui no Colégio, só houve 2 plenamentes: os meus.
> Isto quer dizer que eu não sou muito burro.
>
> O MESMO

A última carta ao pai foi escrita a 18 de janeiro de 1898 [89]. Um pouco menos formal que as anteriores, essa carta guarda, contudo, a mesma brevidade que distingue as cartas escritas ao pai daquelas que Lobato destinava à mãe. Encontramos nela, como nas outras, as notícias sobre negócios e sobre os exames:

> Recebi hoje a sua carta; fui à Casa Robertson e saquei o dinheiro passando recibo.
> Entrei anteontem em prova escrita de História Universal saindo-me bem; creio que amanhã entrarei em História do Brasil [90].
> As provas orais dessas matérias já começaram; como eu sou um dos últimos, só daí a 2 semanas poderei entrar nelas.

A estrutura da carta é praticamente a mesma das anteriores, com a saudação sobre a saúde do destinatário – embora abandonada a fórmula cristalizada das outras cartas: "em primeiro lugar a sua saúde e a de todos daí" – e o fecho em que pede a bênção ao pai – "sem

---

[86] "Champignol à força" é a tradução de *Champignol malgré lui*, título de um *vaudeville* de Georges Feydeau (1862-1921) e Maurice Desvallières (1857-1926), que estreou no Théâtre des Nouveautés, em Paris, a 05 de novembro de 1892.
[87] "O lente Natividade seria o futuro sogro de Monteiro Lobato" (*Cartas escolhidas*).
[88] Nhá Dade era "Maria Piedade Varela, tia de Lobato, irmã de seu pai" (*Cartas escolhidas*).
[89] Embora a carta não traga o ano em que foi escrita, Cavalheiro, em nota às *Cartas Escolhidas*, considera-a do ano de 1898.
[90] "Em História Universal, cujo exame foi prestado no dia 12 de fevereiro de 1898, Monteiro Lobato obteve um 'plenamente com louvor'. No exame de História do Brasil, prestado na mesma data, passou com um 'simplesmente'" (*Cartas escolhidas*). Essa nota de Cavalheiro deve se referir aos exames orais que, conforme a carta de Lobato, ocorreriam dali "a 2 semanas".

mais, pede-lhe a bênção o seu filho ob. que mto. o estima" –, seguido da assinatura que traz quase o nome completo: "J. BENTO LOBATO".

Todas as cartas restantes são dirigidas à mãe, já que o pai faleceria a 13 de junho desse mesmo ano de 1898. São mais quatro cartas, em que encontramos, como nas anteriores, notas sobre o cotidiano do estudante Monteiro Lobato na cidade de São Paulo.

Lendo lado a lado as cartas escritas ao pai e à mãe, podemos concluir que o jovem Monteiro Lobato apresentava-se de maneira diversa a cada um deles: formal, sério, breve, ao pai; irreverente, brincalhão, extenso, à mãe. J. B. Monteiro Lobato àquele; Juca a esta. Com a morte da mãe, a 22 de junho de 1899, terminaria a correspondência do jovem Monteiro Lobato aos pais. Mas não a do Monteiro Lobato familiar, que viria ganhar novo fôlego, anos depois, nas cartas a uma jovem "pálida e loira, muito loira e fria!..."[91]

[91] Alusão ao soneto "Pálida e Loira", do poeta português Antônio Feijó (1862-1917), muito apreciado por Lobato, que nele via um retrato de sua noiva, Maria da Pureza Gouvêa Natividade ou, simplesmente, Purezinha.

"Pobre do meu amor! contenta-se com tão pouquinho..."

Sçavoir de quelle conséquence sont les lettres en amour.

Amans aimés, qui n'avez d'autre envie
Que de passer en aimant votre vie,
Ecrivez et matin et soir,
Ecrivez quando vous allez voir,
Et, quoique vous alliez dire: Ha! que je vous aime!
Ecrivez-le et donnez votre lettre vous-même.
Ecrivez la nuit et le jour:
Les lettres font vivre l'amour.

Conde de Bussy-Rabutin (1618-1693).
Maximes d'amour

Une lettre que l'amour a réellement dictée, une lettre d'un amant vraiment passionné, sera lâche, diffuse, toute en longueurs, en désordre, en répétitions. Son coeur, plein d'un sentiment qui déborde, redit toujours la même chose, et n'a jamais achevé de dire, comme une source vive qui coule sans cesse et ne s'épuise jamais.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).
Préface de Julie ou entretien sur les romans

A maior parte das cartas escritas pelo jovem bacharel José Bento Monteiro Lobato a sua jovem noiva, a professora Maria da Pureza Gouvêa Natividade, celebrizada pelo diminutivo carinhoso, Purezinha, foi publicada em 1969 no volume intitulado *Cartas de Amor*, pela Editora Brasiliense, organizado por Cordélia Fontainha Seta.

Em seu prefácio, a organizadora afirmava:

> pela primeira vez terá o leitor a oportunidade de ler as cartas de Lobato exatamente como ele as escreveu, sem que nenhuma revisão fosse feita, quanto ao seu modo todo pessoal de acentuar ou não as palavras; do mesmo modo conservei a pontuação[92]

Contudo, dois parágrafos antes, ressalvava a organizadora:

[92] SETA, Cordélia Fontainha. Prefácio. *In*: LOBATO, Monteiro. *Cartas de amor*. Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta. São Paulo: Brasiliense, 1969, p.X (grifo no original).

> D. Purezinha, já ciente de que, um dia, estas cartas seriam levadas a público, teve o cuidado de, nos originais, obliterar um ou outro nome de pessoas a quem Lobato se referiu com mordacidade; e começou, ela mesma, o trabalho de passar as cartas, de manuscritas para datilografadas. Várias delas já assim encontrei, junto aos originais.[93]

Assim, a rigor, não se poderia afirmar que as cartas foram publicadas "exatamente" como Lobato as escreveu. E realmente não o foram. A doação dos manuscritos originais pela Família de Monteiro Lobato ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE/IEL/UNICAMP), junto de outros importantes documentos, permite a restauração dos textos originais e faz pensar numa possível e futura reedição dessas cartas.

A "primeira carta" – assim assinalada a lápis, possivelmente por Purezinha – é a seguinte, devendo ser imediatamente posterior à celebração do noivado[94]:

> Minha branca Purezinha.
>
> Já que a pragmática não permite a dois noivos o conversar a sós numa sala, deve, por coerência, estender semelhante fiscalização às cartas, pois que são elas palestras escritas; chama, portanto, a pobrezinha da Noêmia[95] para junto de ti, a vigiar a leitura desta. Mas dize-lhe, para a consolar, que não é por muito tempo, pois, para me conformar com o teu pedido, serei curto e breve, tomando poucos dos teus preciosos minutos. Vim ontem no 1º trem. Estava um friozinho de rachar, mas frio que era calor em confronto com o que me punha "cá dentro" a separação nossa, a tua ausência. A cada quilômetro que o trem me afastava de ti "cá dentro" enregelara um grau a mais, de modo que cheguei literalmente entorpecido. E entorpecido estou ainda, que é tua presença o sol único capaz de desentorpecer-me. Ah! minha rica Edelweiss, que coisa triste é minha vida aqui, tendo por únicos companheiros a solidão e o deserto. Que coisa horrível é querer falar e não ter com quem, procurar um ouvido confidente e encontrá-los indiferentes... Vivo eu e os meus livros; o vovô é velho e moço não tem jeito de lidar com velho; são pólos opostos da vida, e não há entre eles familiaridade possível. Para toda gente, "ir para a casa" significa ir para o ninho, para o conforto d'alma e de corpo, para o carinho para a amizade. Cansado de labutar fora, o homem corre para sua casa sequioso do bem estar e da atmosfera de amor e doçura que há nela. No meu caso, porém, é tudo o contrário; vir para casa é vir para o deserto, para a solidão absoluta. Ninguém, tudo vazio. Eu só, sempre só. Passa um mês, um ano, a solidão é sempre a mesma, fria e imutável. O coração dói-me cada vez que entro nesta sala tumular. Só livros, (tenho seiscentos livros em volta de mim), bons amigos, é verdade, mas dum indiferentismo glacial. Às vezes me ponho a cismar coisas futuras e vejo

[93] *Id.*, *ibid.*
[94] Em *Cartas de Amor* (*cit.*, p.152) vem transcrita uma nota social de "contrato nupcial", publicada num jornal de Taubaté a 22 de março de 1906. Assim, a carta acima deve ser de uma data pouco posterior a esta. O namoro com Purezinha já vinha desde maio do ano anterior.
[95] Noêmia era irmã de D. Purezinha, e funcionava como *chaperon* da irmã durante as visitas do noivo.

> finalmente construído o meu ninho; a companheirinha de toda vida ao lado tece pela casa os seus passos apressados, dando ordens, provendo às necessidades, pondo ordem onde não a há, alegre, amorosa, dedicada. Porque tenho certeza absoluta, Purezinha, de que hás de ser assim, de que possuis todos esses predicados de coração, todas essas nuanças de afeto que o homem procura na mulher como sendo o maior bem da vida. E essa visão do futuro dá-me n'alma um banho de vida; tenho a sensação de uma pessoa que desperta num quarto alugado e, abrindo a janela, recebe no rosto o ar fino da manhã. Mas serás a mulherzinha que eu sonho? A modinha da Teca diz grande verdade: para ser feliz basta amar. E não é só, crê; o amor não é condição para a felicidade e sim a própria felicidade; fora dele tudo é negro e horrível. Vale a pena viver porque existe o amor na vida; não fora isso e seria esta o mais intolerável dos suplícios.
> Ao desembarcar topei na estação os Bastos e o Bentinho, em bota-fora à Guiomar que foi com o pai e a D. Amália para a Campanha. Dei a todos lembranças tuas. À Valdemira: entreguei tua carta e os embrulhos. E mais não fiz ontem, de aborrecido que passei; sempre com o espírito voltado para ti, doído de saudades e tristeza. Escreve-me logo que receberes esta e tem pena de mim, não sê tão mitra na resposta como prometeste. Lembra-te que fico ansioso a esperar o correio e não decepciones minha espera. Adeus, abraça-te e beija-te
>
> o teu Juca
>
> [escrito à margem esquerda do papel]
>
> Mando-te uma historieta escrita ainda quando estavas aqui, e cujo assunto foi uma flor que te vi no peito. [Ilegível] saudades a Noêmia, nossa querida fiscalzinha; e recomendação a D. Brazília, Dr. Nat. e aos mais.[96]

Na abertura da carta, Lobato oscila entre as convenções do discurso romântico do noivo amoroso e as ironias características do escritor. Aparece aqui a definição de carta como conversa, palestra, escrita. Se a carta, mais do que conversa escrita, tem o poder de presentificar os correspondentes, então faz-se necessária a presença da "querida fiscalzinha". Lobato então enumera os efeitos da separação: usa como elemento de comparação o frio durante a viagem, que era menor que o frio que sentia dentro de si em razão da separação; descreve a sua solidão, solidão de apaixonado, que se sente só devido à ausência do ser amado. Sonha com a felicidade futura, mas a dúvida se instala e a felicidade se dissipa. Nesse parágrafo, Lobato pinta todos os estados de alma de um apaixonado: sofrendo com a separação; o solitário entre as gentes; eufórico com a lembrança da felicidade futura; assolado pela dúvida sobre o ser amado. No parágrafo seguinte, o tom é totalmente outro: Lobato dá notícias sobre

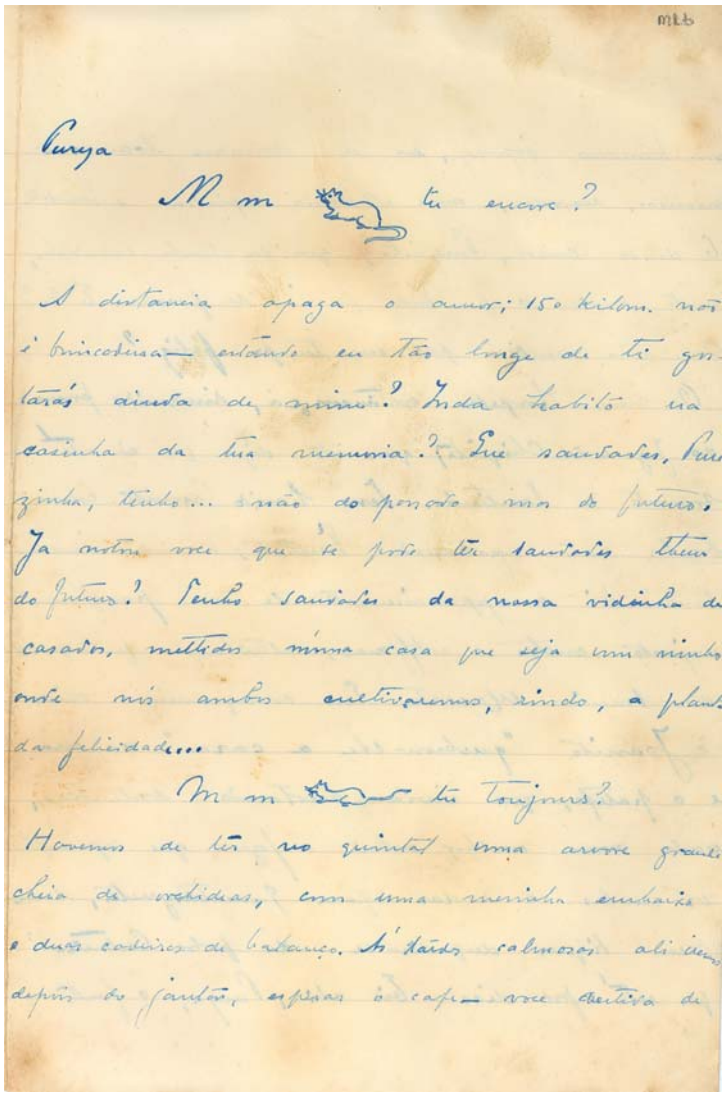
[96] O manuscrito original dessa carta, publicada por Cordélia Fontainha Seta no volume *Cartas de amor*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00003).

pessoas conhecidas que encontrou. Mas logo retoma o tom apaixonado, para chegar à breve conclusão da carta e a despedida, antecedidas pelo pedido de correspondência: "Escreve-me logo que receberes esta e tem pena de mim, não sê tão mitra na resposta como prometeste. Lembra-te que fico ansioso a esperar o correio e não decepciones minha espera".

Uma carta bastante interessante é a seguinte, também sem data, mas possivelmente do ano de 1906, segundo o livro *Cartas de amor*. Há no manuscrito original dois pequenos "enigmas" em francês, que misturam abreviaturas e desenhos, e que, quando da publicação em livro, foram simplesmente omitidos, e sequer mencionados em nota explicativa. Os "enigmas" querem dizer: "Ne me souris tu encore?", ou seja, "tu não me sorris ainda?", e "Ne me souris tu toujours?", em português, "tu não me sorris sempre?" Eles brincam com a homofonia de "souris" em francês, que pode ser tanto o subtantivo "camundongo" quanto a 2ª pessoa do singular do verbo *sourir* (sorrir). Vejamos a carta:

> Pureza
>
> [Ne me souris tu encore?]
>
> A distância apaga o amor; 150 quilôm. não é brincadeira – estando eu tão longe de ti gostarás ainda de mim? Inda habito na casinha da tua memória? Que saudades, Purezinha, tenho... não do passado mas do futuro. Já notou você que se pode ter saudades também do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados, metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade...
>
> [Ne me souris tu toujours?]
>
> Havemos de ter no quintal uma árvore grande cheia de orquídeas, com uma mesinha embaixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas aí iremos depois do jantar , esperar o café – você vestida de um quimono japonês, eu de dólmã branco – conversar, recordar, ouvir Noêmia ripinicar o bandolim. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? também não anseias por esse tempo feliz?
> Os nossos hóspedes continuam cá, diminuídos porém do Jorge e da Chiquita; quer isto dizer que cá está somente a Santinha. Tem havido muita cousa braba neste apalermado Taubaté; a mais importante foi o aparecimento de um pasquim nojento contra o Afonso, atribuído pelo povo ao Américo Marcato. Em conseqüência disso, o Joanito "quebrou-lhe a cara" na rua e o patife, que vivia arrotando valentias, nada melhor achou a fazer que aprontar as malas e rodas para Guaratinguetá, sem nem sequer despedir-se da pobre Catarina que está por dias. Eis aí, Pureza, o fato sensacional da semana, discutido e comentado intra e extra-domus, desde a padaria do Adelino até a mesa de jantar do High. Em Taubaté há escassez de fatos sensacionais de modo que quando surge um, o povo gruda-se a ele de unhas e dentes e só o larga quando o mísero decai à vulgaridade da carne de vaca. Temos também uma companhia de

operetas, da G. Montani [97] e Assis Pacheco [98]. Enchentes à Cunha! Fui com as manas e senti aperto n'alma ao ver vazio de ti o camarote que nele uma vez te vi ocupando – pálida e loira, muito loira e fria... para mim só.
Ainda há muitas outras novidades, mas chamam-me para almoçar. És servida de almoçar conosco? És servida de almoçar ao lado do
teu Juca do coração? [99]


MLb

Purezinha

M m [illegible] tu encore?

A distancia apaga o amor; 150 kilom. não
é brincadeira — entanto eu tão longe de ti ga-
tarás ainda de mim? Inda habito na
casinha da tua memoria? Que saudades, Pu-
zinha, tenho... não do ponto mas do futuro,
Ja outro voce que te pedi lêr saudades tuas
do futuro! Tenho saudades da nossa vidinha de
casados, metidos nessa casa que seja um ninho
onde nós ambos cultivaremos, sindo, a planta
da felicidade....

M m [illegible] tu toujours?

Hoveram de lêr no quintal uma arvore grande
cheia de verdidas, com uma mesinha embaixo
e duas cadeiras de balanço. Ás tardes calmosas ali iamos
depois do jantar, esperar o café — voce abotina de

Primeira folha da carta a Purezinha, com os "enigmas" em francês (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00006)

[97] Pode tratar-se da atriz Gabriella Montani, que participou da inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1909 ("'Tomam parte na interpretação da Bonança [peça de um ato de Coelho Netto] as atrizes Lucilia Peres, Gabriella Montani e Luiza de Oliveira e os atores A. Ramos, Nazareth e João de Deus. A Moema terá como intérpretes a sra. Laura Malta e os srs. Americo Rodrigues, Oswaldo Braga e Mario Pinheiro. A orquestra dirigida por Francisco Braga é composta de 64 pessoas, muitas das quais professores do Instituto. o cenário da Moema é trabalho do distinto cenógrafo Chrispim do Amaral.' – A Notícia, 14 de julho de 1909."; "'A peça de Coelho Netto, Bonança, também teve excelente interpretação, sobretudo por parte das sras. Gabriella Montani e Luiza de Oliveira e do sr. A. Ramos.' – A Notícia, 15 de julho de 1909." WEGUELIN, João Marcos. *O Rio de Janeiro através dos jornais*. Disponível em: http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj13.htm . Acesso em 14 fev. 2005).
[98] Possivelmente, Francisco de Assis Pacheco (1865-1937), compositor e regente brasileiro. Para sua biografia, consulte-se o *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Assis+Pacheco Acesso em 14 fev. 2005.
[99] O manuscrito original dessa carta, publicada por Cordélia Fontainha Seta no volume *Cartas de amor*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00006).

A presença de tais jogos, na carta, atenua o tom melancólico do início da carta, vazado pelas saudades que o noivo Monteiro Lobato sente de Purezinha. Omitidos, contudo, na publicação da carta em livro (sem, inclusive, qualquer referência à sua existência), a carta passa a soar muito mais melancólica do que realmente o é. Ademais, vemos aqui uma nova demonstração da confluência de linguagens verbais e não-verbais, de que Lobato freqüentemente lança mão.

Outro ponto interessante a ser ressaltado nessa carta é algo que poderíamos denominar como "nostalgia do futuro", e que será um tema recorrente nessas cartas de amor. Anunciado de forma breve e incompleta na carta que vimos anteriormente, nesta carta Lobato desenvolve o tema, ao afirmar: "tenho saudades da nossa vidinha de casados".

O penúltimo parágrafo, com notícias do cotidiano de Taubaté, destoa do tom amoroso da carta, mas que é retomado no momento da despedida, em forma de convite para o almoço. Sendo a carta uma conversa escrita, e estando os correspondentes em presença um do outro por meio dela, por que não estender a mão e convidar a noiva para o almoço? Vale lembrar que esse é um efeito recorrente na epistolografia, já presente, por exemplo, nas cartas de Sêneca a Lucílio[100].

Um outro exemplo do uso de criptografia por Monteiro Lobato pode ser encontrado num cartão-postal escrito às Senhoritas Purezinha e Noêmia. O cartão não consta das *Cartas de amor*[101]. Toda a curta mensagem foi escrita em código:

[carimbo postal: TAUBATÉ (S. PAULO) 21 JUL 1906]

Stas. Purezinha e Noêmia
R. Sto. Amaro 18
S. Paulo

[texto escrito em código]

P. que não respondem aos meus cartões? Estarão
zangadas commigo?
Vem a festa?
Do primo
Juca

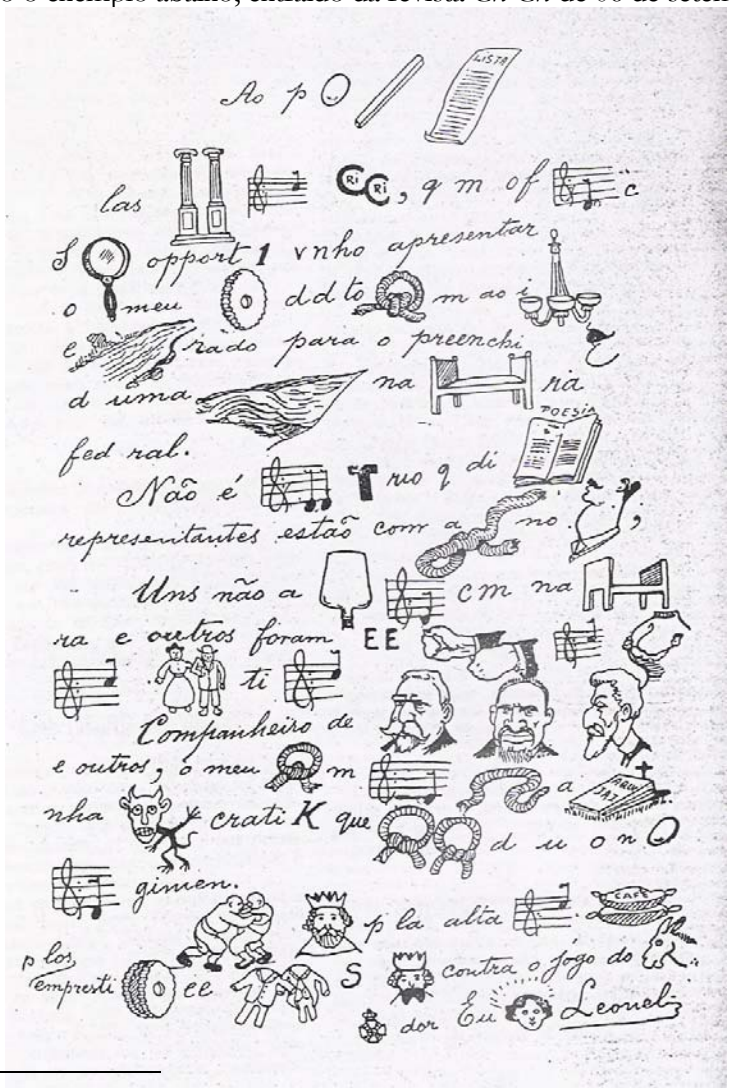
[100] Diz Sêneca: "estou a ver-te diante de mim, Lucílio amigo, estou mesmo a ouvir a tua voz; estou de tal modo perto de ti que já não sei bem se te vou escrever uma carta, ou apenas um recado para enviar a tua casa!" (*Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, Epístola 55, 11, p.190. No original: "Video te, mi Lucili; cum maxime audio; adeo tecum sum ut dubitem an incipiam non epistulas sed codicellos tibi scribere.")

[101] Esse cartão, cujo original encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00008), foi publicado no livro *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha* (Organização e apresentação de Marisa Lajolo; transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Editora Moderna, 2006).

Frente e verso do cartão postal, com a mensagem escrita em código
(Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00008)

A partir da leitura das várias cartas de amor de Lobato, foi possível a decifração do código. Partindo de uma hipótese inicial, a de que as duas linhas abaixo do retrato constituíam a despedida, supus que os quatro caracteres da segunda linha deveriam ser o apelido "Juca" de Lobato, com o qual costumava assinar as cartas a D. Purezinha (bem como, em geral, as cartas para seus familiares). Seguindo essa hipótese inicial, e de dedução em dedução, cheguei finalmente à decifração da mensagem que, em si, não tem tanta importância. O interessante é notar como Lobato lança mão de um recurso sofisticado para manter o caráter lúdico que, ao lado da retórica amorosa, caracteriza a sua correspondência com D. Purezinha durante esse período.

Ademais, não é de se espantar que Lobato elegesse justamente a criptografia como um dos recursos de diversão para sua interlocutora. Basta folhear os periódicos das duas primeiras décadas do século XX para encontrarmos cartas redigidas de forma enigmática, a serem decifradas pelos leitores, como o exemplo abaixo, extraído da revista *Cri-Cri* de 06 de setembro de 1908 [102]:



[102] "Ao povo paulista". *Cri-Cri*, São Paulo, 06 de setembro de 1908, p.12.

Nesse sentido, exemplar é a carta seguinte, publicada em *Cartas de amor* e cujo original se encontra no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, em que Lobato brinca com as convenções do discurso amoroso, emulando o vocabulário e as metáforas da poesia amorosa, ou mesmo citando versos de alguns poetas:

T[aubat]é, 8.11.06

Purezinha

Recebi a tua microscópica cartinha onde me dizes apressadamente umas tantas coisas bonitinhas. Deliciosa! Mas deixa estar, sra. professora, que hei de agora pagar-te na mesma moeda. Lá vai.

Meu anjo.

Que tristeza a vida, não? eu cá, tu lá... Mal o astro rei desperta já se voltam para ti meus pensamentos, e dês'que anoitece vão-se eles transformando em sonhos onde sempre tu imperas, oh minha branca rainha! (Que mais, que mais dizer? Ah! falemos da saudade!) A saudade, anjo de minh'alma, habita em mim como um inquilino crônico e a todos os meus atos ensombrece, c'o seu vago palor arroxeado... Minh'alma é triste como a rola aflita... (Que mais, que mais?) Oh virgem dos meus sonhos, sol do meu viver, astro que me guia na vida, estrela polar que me conduz aos páramos etéreos da felicidade – amo-te! Amo-te como só se ama uma vez na vida. Ver-te e amar-te, estrela matutina, foi obra dum só instante. (Que mais, que mais?) Faz um dia quente, o sol esplende fulgurante e rúbido, nuvens acarneiradas pascem em bandos pelo céu, a Viscondessa toca piano, o Canella briga com as mulheres... Vê, tudo fala do meu amor, tudo canta o nosso amor, o dia, o Sol, as nuvens, a Viscondessa, o Canella!...
(Agora o rematezinho clássico) Adeus! Preciso terminar porque o correio fecha-se às 9 da noite e são 12 horas do dia, posso perdê-lo, indo esta, nesse caso, ter às tuas mãos só depois d'amanhã, o que seria uma grande desgraça. Escreve-me sempre, sim?
Saudoso abraça-te o teu

Juca

Pureza. Lê a poesia junta, a coisa mais bela em lirismo que tenho encontrado em minha vida.
Edgard Jordão passou por aqui ontem, acompanhado da mulher, pois já se casou e anda em viagem de núpcias.
Adeus. Leva Noêmia ao quintal e lá no morro dá-lhe um empurrão por minha conta.
Do teu

Juca [103]

[103] O manuscrito original dessa carta, publicada por Cordélia Fontainha Seta no volume *Cartas de amor*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00015).

Expressões como "anjo de minh'alma" e "páramos etéreos" aparecem, por exemplo, em poemas do poeta e romancista brasileiro Bernardo Guimarães (1825-1884) [104]. "Minh'alma é triste como a rola aflita" é o verso inicial do poema "Minh'alma é triste" do *Livro Negro* de Casimiro de Abreu (1839-1860) [105]. Já a expressão "doce virgem dos meus sonhos" aparece no poema "A ***" que abre o livro *Primaveras* do mesmo poeta [106]. Ao mesmo tempo, Lobato utiliza-se de um lugar-comum do Romantismo – a natureza como reflexo dos estados de alma – ao concluir, depois de enumerar todos os elementos: "Vê: tudo fala do meu amor, tudo canta o nosso amor, o dia, o sol, as nuvens, a Viscondessa, o Canella!..." Ao lado dessas expressões características da poesia lírico-amorosa romântica, Lobato dispõe expressões que, seja pelo caráter inusitado – como "inquilino crônico" ou "vago palor arroxeado" –, seja por se constituírem lugares-comuns, conferem jocosidade à carta e desmantelam todo o aparato romântico disposto pelo escritor ao citar expressões poéticas consagradas.

Nesse passo, é interessante lembrar a carta que Lobato escreve a Lino Moreira, um dos seus amigos do Cenáculo. A carta, sem data, mas, segundo Cavalheiro, "escrita de Taubaté, no ano de 1905", é paradigmática como paródia do discurso romântico amoroso. Lobato escreve a Lino que, supostamente, estaria apaixonado, aconselhando-o a como proceder em relação à amada:

> Se quiseres um guia, diz-me, que te mandarei o Secretário dos Amantes[107]. Antes disso poderei dar-te umas lições, como mais velho que sou. Lições diz mal; conselhos, sim.

---

[104] "Anjo de minha alma" aparece no poema *Utinam, imitado de V. Hugo* e "páramos etéreos" no poema *Melodia*, dedicado à Ex.ma Sr.a D. Joana Perpétua de Oliveira Santos, ambos de Bernardo Guimarães (*Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1959, pp.156, 319).

[105] *Obras Completas de Casimiro J. M. de Abreu*, colligidas, anotadas precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o auctor e seus escriptos por J. Norberto de Souza S. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1888, p.300.

[106] *Id.*, *ibid.*, p.155.

[107] O catálogo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro registra um *Secretário dos Amantes*, mas sem maiores detalhes sobre a edição (Título / Barra de autoria: *Secretário dos amantes.* / Imprenta: S. Paulo, Liv. Magalhães? / Descrição física: 83 p. / Notas: Registro Pré-MARC / Classificação Edição Dewey: 040 / Localização: 040,C198d). A Biblioteca Nacional de Lisboa registra um *Secretário dos amantes, contendo muitos e diferentes modelos de cartas*, o autor apontado apenas pelas iniciais F. I. T. (Lisboa : Typ. de Mathias José Marques da Silva, 1842). É possível que Lobato estivesse se referindo a um destes livros. Há na literatura diversas alusões ao *Secretário dos Amantes*, na chave jocosa: na comédia em um ato *O caminho da porta* (1862), de Machado de Assis (cenas II e III); no soneto "Num tripúdio de corte rigoroso" (datado de 16 de abril de 1873), de Cesário Verde; em *Melodrama em Santo Tirso*, romance de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (publicado em 1873); nos seis pequenos poemas de Oswald de Andrade reunidos sob o título "Secretário dos Amantes"; nos versos de "Poética", do livro *Libertinagem* (1930), de Manuel Bandeira ("De resto não é lirismo / Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.")

> 1º) É indispensável que inflinjas clandestinamente todas as ordenações do Cenáculo a respeito das chapas[108], porque o Amor já de si é uma velhíssima chapa rodeada duma comitiva de chapinhas acessórias. Assim, ao começares a tua primeira amorosa missiva, não te embaraçarás como eu há pouco, e irás destampando em letra caprichada sobre papel róseo e perfumado à Ideal, um sonoro "Meu Anjo", "Meu Deus", "Meu Tudo!"
> 2º) Todas as vezes que estiver com ela vá lhe mentindo que sonhou nessa noite um sonho casto, que iam indo ambos para o "sidéreo porto" numa nuvem de azul, ambos vestidos de anjos, com asas "níveas como os frocos de neve" que pompeiam na cabeça dos Alpes níveos e frios, porém menos frios do que um coraçãozinho que você bem conhece, e sublinhar nervosa e fortemente o "conhece", torcendo os lábios num esgar de acerba e dolorida ironia.
> 3º) Quando ela te estiver observando de longe, finge não dar por isso e crava os olhos num ponto indefinido e vago do teto, dando ao rosto uma expressão de enlevo, de ternura, de mágoa ou de profundeza por meio de uma contração sábia e estudada ao espelho, das sobrancelhas e dos músculos do rosto. Fica assim até que ela te venha perguntar em que estás pensando; ao que responderás: "num anjo de candura e de bondade, num anjo que é o meu supremo enlevo e a minha suprema desgraça..." E de testa torva e sinistramente franzida cravarás os olhos num prego do assoalho cutucando-o com a ponteira da bengala.
> 4º) Fica no bico da pena porque neste andar me sairia um manual de amor em vez de uma carta ao meu saudoso, nervoso e prodigioso Lino.[109]

Além de recomendar o uso de um manual – o *Secretário dos Amantes* –, caso haja necessidade, Lobato dá três conselhos ao amigo. O primeiro deles é especificamente para as cartas, em que devem figurar lugares-comuns, eis que o próprio amor é um lugar-comum. Ademais, o conselho de Lobato trata de dois aspectos diferentes da carta amorosa: o material, devendo a carta ser escrita "em letra caprichada sobre papel róseo e perfumado", e o de conteúdo, começando a carta com sonoros vocativos. Os outros dois conselhos, *mutatis mutandis*, podem ser aplicados às cartas: várias das expressões da conversa, exposta no 2º conselho, poderiam figurar numa carta (e algo semelhante Lobato havia feito em sua carta-paródia), e as atitudes do 3º conselho facilmente poderiam ser narradas numa carta.

Também não podemos deixar de registrar aqui a carta enviada a Rangel a 27 de setembro de 1905:

---

[108] Sinônimo de chavão, lugar-comum. Os membros do *Cenáculo* haviam declarado guerra às chapas, como se lê no início da carta: "Não sei por onde principiar; o Cenáculo confiscou-nos as chapas, as coitadinhas, tão prestimosas e serviçais, sempre nítidas e luzidias do uso ininterrupto; proibiu terminantemente a banalidade; baniu para os quintos do inferno os velhos assuntos de cartas, apesar de não haver em nosso Código Penal a pena de banimento" (*Cartas escolhidas*, *cit.*, t.1, p.81-2).
[109] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.1, p.82-3.

> Decifro os teus horrendos gatafunhos. Eles me dizem – ó desgraçado Mr. Lewishaw mineiro! – que és todo a noivinha e te preparas para no altar de Vênus transformar a noivinha em mulher. Vais renunciar ao Demônio e Suas Pompas em troca de uns tantos dias de carnal novidade e quarenta anos de bocejo a dois, cueiros amoniacais, diarréias verdes, choradeiras, taponas... [...] Renunciar a tudo isso, ó Mr. Lewisham de Moura Rangel, para te fazeres galo duma galinha que te dá um ovo por ano e demonstra todos os dias que todos aqueles encantos de noiva não passavam de miragem do deserto... Porque é aqui que está o Erro. A noiva é uma. Não tem fisiologia. E a mulher emergente da noiva tem-na terrível. O que atrai numa é a secreta e misteriosa virgindade, um seio que apenas transparece no boleado do casaquinho – e mais tarde degenera em úbere. O que atrai são os aromas capitosos da sugestão, o olhar cheio de promessas embriagadoras, é o coquetismo que o noivo não percebe que é coquetismo já do tempo de Eva e julga ser natureza. A noiva é o vinho; a esposa é o *vin aigre*. É a mesma criatura, mas sem os encantos do olhar – com tudo transformado em ranço e cinzas. As ultras maravilhosas qualidades da noivinha cessam de existir porque são armadilhas que a Natureza arma para pegar o tico-tico – e pegado o tico-tico, para que mais armadilhas? Agarrado o macho, que importa à mulher a conservação daqueles encantos? Em vez deles, em vez dessas miragens, ela dá ao esposo realidades: filhos, seios pendurados, ventre bambeado, talhe achamboado, sensualidade amortecida. E o bestalhão assombra-se... Pois foi então aquela criatura que o embeveceu de amor? Que o fez casar aos vinte anos? Que o fez deixar-se arrear e montar?
> Que tombo o marido cai... Vê de noite a mulher de camisola e touca – aquele ser que ele só via enleado em gases e cassas afeiçoadas pela moda de Paris. E aquela mesma que corava de lhe mostrar o tornozelo, ele a vê abrir certo móvel, tirar certo vaso e sentar-se em cima com certo ruído. E de manhã quando acorda ao lado da diva, sente a realidade do *odor di femina*. E nota que aquele hálito que antigamente rescendia a rosas da Pérsia, cheira agora a estômago azedo. E lembra-se dum soneto que escreveu "Á que me espera..." em que lhe cantava o "hábito de Iracema" – agora um cheirinho de dente cariado.

E por aí vai. Essa carta a Rangel é exemplar pela misogamia que representa. Mas se esse é o Lobato que se apresenta aos amigos, qual seria o que se colocaria diante da noiva? É interessante, nesse ponto, a leitura da carta seguinte, iniciada justamente com alguns sonoros vocativos:

> Minha adorada Purezinha, meu Amor, minha Vida, minha Alegria, minha Esperança, meu Futuro, meu Tudo!
>
> Acabo de receber a tua 3ª cartinha (infelizmente este diminutivo é verdadeiro!) e louco de contentamento agarro na pena para a responder, porque escrever-te é o único meio que procuro de prolongar o prazer de te ler. Imagine, minha adorada açucena, que quando ouvi, cá de cima, o carteiro enfiar a correspondência por baixo da porta (é um chiiii que me faz todos os dias pular o coração) larguei do que fazia e corri a ver se havia carta de você.

> Havia, juntamente com um cartão da Dulce e outro da Stella, dando-me parabéns do noivado. Que alegria! que satisfação! como a alma se me ficou leve! E sabes o que eu fazia nesse momento? Escrevia a acusação que vou pronunciar hoje no tribunal contra os irmãos Patrício. Vê que transição repentina e imensa; saí do crime (Parênteses necessário: estava neste ponto quando entrou-me cá o Davidzinho e me caceteou 5 minutos com umas histórias de dormir em pé, e um cigarro muito fedido), para entrar em plena região da ternura! Deixei dois assassinos para vir palestrar com esse lírio de candura e bondade que és tu!... Então já sonhas comigo? bom sinal! Há em tua carta um pedacinho contra o qual protesto veementemente. "Sonhas sempre que te apareço feia (na realidade o sou) e indiferente." O que eu disse foi fria; concordas, ainda, agora, que na realidade o és? Fria, fria, f-r-i-a, nunca feia, porque seria absurdo chamar feio ao que é lindo. Purezinha, estou te rabiscando esta muito às pressas porque são 9 horas, a minha acusação inda não está pronta e às 11 começa a festa; tenho duas h para concluí-la, almoçar e vestir-me. Não fosse isso e enchia o papel até o fim como é meu prazer e teu horror. O julgamento hoje vai até tarde e não mais tenho tempo de pegar na pena e alcançar o correio. Adeus, abraça-te mil vezes e dá-te um milhão de beijos o teu do fundo d'alma
> sempre e sempre
> Juca
>
> [neste ponto, um pedaço do papel, que abrange três linhas, foi recortado]
>
> Purezinha. Não tenho coragem de largar esta, que é largar-te... Queres-me muito bem? Dize-mo não sejas má, dize-o. Tens-me Amor? Não creio, nem uma só vez tocaste em semelhante palavra. Mas adeus, já deu 9 e 15 min.
>
> [escrito de cabeça para baixo na última página, com tinta de cor azul]
>
> Devolve-ma e o cartão da Dulce[110]

A carta, após os sonoros vocativos, abre-se com a descrição do prazer de escrever à amada, "porque escrever-te é o único meio que procuro para prolongar o prazer de te ler", ou seja, tendo a carta o poder de presentificar os correspondentes, esse momento se desdobra na leitura da carta recebida e na escrita da carta a ser enviada. Em seguida, temos a cena do recebimento da carta, e logo a sua leitura, que aparece de modo oblíquo na carta por meio das respostas que o remetente dá à destinatária. Então, um novo caso interessante de uma questão caligráfica: Lobato, que não tinha das melhores caligrafias – ele mesmo o reconhece em várias cartas – escrevera o adjetivo "fria" – que é repetido sempre em relação à noiva. Mas Purezinha decodificou a letra e interpretou o "fria" como "feia", equívoco em razão do qual Lobato protesta. Como afirma Vincent Kaufmann, a propósito da correspondência de Kafka com Felice Bauer, "o epistológrafo

[110] O manuscrito original dessa carta, publicada por Cordélia Fontainha Seta no volume *Cartas de amor*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00012).

trava um combate sem fim e sem esperança contra os mal-entendidos, as intercepções, os atrasos, os ruídos e os afastamentos".[111] Ao final, um adendo, à guisa de *post-scriptum*, traz mais um interessante registro do fenômeno da presentificação dos correspondentes. Diz Lobato: "não tenho coragem de largar esta, que é largar-te..." Abandonar o discurso epistolar seria abandonar a amada, daí a dificuldade em concluir a carta que, após este, recebe mais um *post-scriptum*.

Curioso abrir um parênteses aqui para trazer uma carta de Lobato a Rangel, datada do ano de 1907. Nela vemos que Lobato enviara ao amigo algumas cartas de Purezinha, para que ele avaliasse "que fina criatura é". Na carta, dirigida ao amigo, o sentimentos amorosos pela noiva desaparecem, transparecendo apenas uma análise quase que objetiva de sua escrita:

> Seguem umas tantas cartas da incomparável, para que palidamente avalies que fina criatura é. Suas cartas, seus modos e sentimentos, tudo são penugens, arminhos. Perfeita concordância do moral com o físico. Normalíssima. Para uma coisa te chamo a atenção: o seu modo de grifar certas palavras. Não grifa brutalmente, com um traço embaixo, e sim um breve e tímido hífen, nuançando assim o grifo, dando cambiantes à intenção. Cartas, como verás ao correr da pena, sem esta nossa imbecil preocupação literária.

A noiva aparece, sim, como uma "fina criatura", mas também como "normalíssima". O superlativo poderia significar tanto uma pessoa comum, normal, quanto uma referência a "normalista", em razão de Purezinha ser professora.

Ao mesmo tempo, torna-se imprescindível confrontar essas cartas com o trecho seguinte, de uma carta datada de 30 de setembro de 1906 [112]:

> Não pude suportar a idéia de que demorasses tanto em responder à minha primeira carta de noivo. Entrei a arquitetar mil suposições e cheio de dor e de tristeza, deixei escapar palavras que te magoaram. Mas espero da bondade de teu coração que já nenhum ressentimento exista nele contra mim. Amar é perdoar, sempre e constantemente, e se é que me amas, perdoado estou de há muito tempo. Se eu te tivesse amor menos intenso, é claro que aquela demora nenhuma dor me causaria, mas não sendo assim, é mais uma prova que te dei do que vivo a afirmar. Mudemos, portanto, de assunto.
> Não calculas a satisfação com que recebi tua primeira carta. Estive com ela na mão longo tempo, antes de abri-la, e sem coragem de o fazer. Uma carta fechada é um mundo, a nossa imaginação tece sobre o seu conteúdo provável uma infinidade de deliciosas suposições; por isso, antes de a ler, beijei-a mil vezes,

[111] No original: "l'épistolier mène un combat sans fin et sans espoir contre les malentendus, les interceptions, les retards, les parasitages et l'éloignement." (KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990, p.16).
[112] O manuscrito original dessa carta, publicada por Cordélia Fontainha Seta no volume *Cartas de amor*, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00010).

> aspirei-lhe o perfume e fantasiei o que dentro poderia existir. Abria-a, li uma, duas, três, vinte vezes; decorei-a; nos pedaços onde te referias ao teu sentimento por mim senti-me ganho da mais terna emoção. Pobre do meu amor! contenta-se com tão pouquinho... É como esses pobrezinhos de terra pequena a quem se dá de esmola um vintém e eles desfazem-se em agradecimentos sinceros. 32 linhas, só, essa tua primeira carta, digo mal, esse bilhete. Faz-me lembrar Teca que uma vez escreveu a vovó dizendo que não lhe escrevia por falta de assunto. Não tens nada dentro de ti, Purezinha, não tens uma coisa que chamam alma e donde saem as palavras, as idéias, os pensamentos, os assuntos. És tão parcimoniosa no escrever... Dizes com tanta cerimônia as cousas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento. Mas é que não o sentes... ou o sentes em tão fraca dose que não dá para ser expresso. Vejo que, sentada em face do papel, encontras dificuldade em achar o que me dizer. Às vezes assalta-me uma suposição horrível: imagino uma como que suspeita, uma dúvida, um receio de que eu não seja o que digo, nem digno de ti, a pairar em tua mente. Mas não é isso, hein, meu benzinho, dize-mo e repete-o, que não é, que nunca será assim. Na tua última há uma palavra típica; após encher três laudazinhas microscópicas nessa tua letra larga e comprida, dizes: "É bastante", logo em seguida te despedes e assinas. Parece que me escreves sob medida e em chegando a um certo limite pré-estabelecido paras dando um uff! de alívio. Não é assim?

Por um lado, encontramos aqui novamente o fenômeno de presentificação dos correspondentes por meio da carta. Beijar a carta, aspirar-lhe o perfume, é como beijar a amada: "tranco-me no quarto e estirado na cama leio as outras cartas reservando para o fim a tua. Abro-a, leio-a, uma, duas, dez vezes; aspiro-lhe o perfumezinho discreto que é o teu, beijo-a que é beijar-te." (carta de 22 de abril de 1907). São fartos os exemplos desse procedimento na literatura. Bastam dois, para ilustrarmos como tal comportamento faz parte do imaginário amoroso. O primeiro deles, extraído das *Liaisons dangereuses*, numa carta de Valmont a Marquesa de Merteuil, narrando o que teria feito ao receber uma carta de Tourvel: "Calculai minha alegria ao perceber aí os traços bem distintos das lágrimas de minha adorável devota! Confesso que cedi a um movimento juvenil, e beijei a carta com um arrebatamento de que não me julgava mais capaz."[113] De um outro romance epistolar do século XVIII extraímos o outro exemplo: *Julie ou La nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau. Na passagem abaixo transcrita, Saint-Preux descreve para Júlia o momento do recebimento de uma carta esperada, carta em cujas linhas Júlia pinta tão bem o quadro que o próprio Saint-Preux dele participa:

---

[113] LACLOS, Pierre-Ambroise-François Choderlos de. *As relações perigosas, ou, Cartas recolhidas num meio social e publicadas para ensinamento de outros*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Globo, 1987, p.94 (Carta XLIV Do visconde de Valmont à marquesa de Merteuil). No original: "Jugez de ma joie, en y apercevant les traces, bien distinctes, des larmes de mon adorable Dévote. Je l'avoue, je cédai à un mouvement de jeune homme, et baisai cette Lettre avec un transport dont je ne me croyais plus suscetible." (*Oeuvres complètes*. Texte établi et annoté par Maurice Allem. Paris: Gallimard, "Bibliothèque de la Pléiade", 1951, p.119-20).

> Como sofri ao recebê-la, esta carta desejada com tanto ardor! Esperava a correspondência no correio. Mal o pacote foi aberto apresento-me, torno-me importuno; dizem-me que há uma carta, estremeço, peço-a, agitado por uma mortal impaciência, recebo-a enfim. Júlia, percebo os traços de tua mão adorada! A minha treme ao avançar para receber este precioso penhor. Desejaria beijar mil vezes estes sagrados caracteres. Oh! circunspecção de um amor tímido! Não ouso levar a Carta a meus lábios nem abri-la diante de tantas testemunhas. Esquivo-me apressadamente. Meus joelhos tremiam sob mim, minha emoção crescente mal me deixa perceber meu caminho; abro a Carta na primeira curva, percorro-a, devoro-a, e mal chego a estas linhas em que pintas tão bem os prazeres de teu coração ao abraçar este respeitável pai, fundo em lágrimas, olham-me, entro numa alameda para escapar aos espectadores; lá, partindo teu enternecimento, abraço com transportes esse feliz pai que mal conheço e, como a voz da natureza me faz lembrar o meu, derramo novas lágrimas à sua memória honrada.[114]

O mesmo encontramos numa carta de um outro noivo, Rui Barbosa, escrevendo para Maria Augusta a 31 de julho de 1876: "Tenho diante duas cartas tuas, ambas, como bem sabes, relidas, festejadas, beijadas e guardadas cuidadosamente como relíquias".[115]

Por outro lado, vemos nesse trecho da carta de Lobato a reclamação constante sobre a insuficiência das cartas recebidas. O amor de Lobato era eloqüente, enchia folhas e mais folhas de papel, e exigia o mesmo de sua noiva, nunca se satisfazendo com as respostas. E, nesse ponto, vale lembrar uma carta do jovem Victor Hugo à noiva Adèle, datada de 20 de março de 1820: "Escreve-me todas as vezes que possas e queima as minhas cartas; creio que a

---

[114] ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia, ou A nova Heloísa*: cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: HUCITEC, Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.78 (Primeira Parte, Carta XXI A Júlia). No original: "Que j'ai souffert en la recevant, cette lettre souhaitée avec tant d'ardeur! J'attendais le courrier à la poste. A peine le paquet était-il ouvert que je me nomme; je me rends importun: on me dit qu'il y a une lettre, je tressaille; je la demande agité d'une mortelle impatience; je la reçois enfin. Julie, j'aperçois les traits de ta main adorée! La mienne tremble en s'avançant pour recevoir ce précieux dépôt. Je voudrais baiser mille fois ces sacrés caractère. O circonspection d'un amour craintif! Je n'ose porter la lettre à ma bouche, ni l'ouvrir devant tant de témoins. Je me dérobe à la hâte; mes genoux tremblaient sous moi; mon émotion croissante me laisse à peine apercevoir mon chemin; j'ouvre la lettre au premier détour: je la parcours, je la dévore; et à peine suis-je à ces lignes où tu peins si bien les plaisirs de ton coeur en embrassant ce respectable père, que je fonds en larmes; on me regarde, j'entre dans une allée pour échapper aux spectateurs; là je partage ton attendrissement; j'embrasse avec transport cet heureux père que je connais à peine; et, la voix de la nature me rappelant au mien, je donne de nouvelles pleurs à sa mémoire honorée." (ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Julie ou La nouvelle Héloïse*: lettres de deux amants habitants d'une petite ville au pied des Alpes / recueillies et publ. par Jean-Jacques Rousseau. Paris : Garnier, 1988. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/, Bibliothèque Nationale de France. Acesso em: 30 nov. 2003).

[115] BARBOSA, Rui. *Cartas à noiva*. Prefácio de Maria José de Queiroz. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Civilização Brasileira, 1982, p.134.

prudência assim o exige. Adeus, adeus... Mas, por Deus, não queimes nunca as tuas!"[116] Na abertura da carta de princípios de março de 1821, o jovem noivo reclamaria da pequena extensão das cartas recebidas:

Sábado (princípios de março de 1821).

> A tua última carta era bem curta, Adélia; nunca me permites ver-te senão por instantes, não me escreves mais do que escassas palavras; que hei-de concluir de tudo isso, senão que te importuna ver-me e que o escrever-me te aborrece? No entanto, Adélia, quero aturdir-me sobre este pensamento que me desolaria, quero crer que, se procuras de tal forma abreviar os momentos que passamos juntos, é porque receias ser vista com o teu marido e que, se me escreves sempre tão laconicamente, é porque tens para isso outras razões que, em verdade, não adivinho, mas respeito. Tudo quero acreditar, pois doutra maneira o que seria de mim?[117]

E, ainda, na carta de 16 de março de 1821, reiteraria o pedido para que a noiva lhe escrevesse com mais freqüência – porque o ler a carta da amada é como tê-la junto de si:

> Tinha perdido já, Adélia, o hábito da felicidade. Ao ler o teu curtíssimo bilhete, experimentei a imensa alegria de que estava privado há quase um ano. A certeza de ser amado por ti arrancou-me violentamente desta longa apatia. [...] Sou, de resto, o teu marido e não deves ter escrúpulos em te corresponder com o teu marido. Estamos unidos por um elo sagrado. O que fazemos é legítimo aos nossos olhos e se-lo-á um dia aos olhos do mundo inteiro. Escrevendo-nos, usamos de um direito e obedecemos a um dever.
> Terias, aliás, a coragem, minha Adélia bem-amada, de me privar, tão depressa de uma felicidade que é hoje tudo para mim? É preciso que leiamos, mutuamente, no fundo das nossas almas. Repito, se me amas ainda, não deves ter qualquer escrúpulo em me escrever, visto que és a minha mulher.
> Escreve-me pois, escreve-me muitas vezes. Quando tenho entre as mãos um dos teus bilhetes adorados, penso que estás junto de mim. [118]

---

[116] HUGO, Victor. *Cartas de amor de Victor Hugo: 1820-1822*. Tradução e notas de Adelina Fernandes. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s/d, p.21. No original: "Écris-moi le plus souvent que tu pourras et brûle mes lettres, je crois que la prudence l'exige. Adieu, adieu... Surtout ne brûle jamais les tiennes!" (HUGO, Victor. *Lettres à la fiancée, 1820-1822: oeuvres posthumes*. Paris : E. Fasquelle, 1901, p.24. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 1º março 2006).

[117] HUGO, Victor. *Op. cit*., p.33. No original: "Ta dernière lettre était bien courte, Adèle; tu ne me permets jamais de te voir que peu d'instants, tu ne m'écris que peu de mots; que conclure de là, sinon que me voir t'importune et m'écrire t'ennuie? Cependant, Adèle, je veux m'étourdir sur cette pensée qui me désolerait, je veux croire que si tu churches tant à abréger les moments que nous passons ensemble, c'est que tu crains d'être vue avec ton mari, et que, si tu m'écris toujours si laconiquement, c'est que tu as pour cela d'autres raisons, que je ne devine pas, à la vérité, mais que je n'en respecte pas moins. Je veux tout croire, car autrement que deviendrais-je?" (HUGO, Victor. *Op. cit*., p.43. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 1º março 2006).

[118] HUGO, Victor. *Op. cit*., p.36. No original: "J' avais perdu, Adèle, l' habitude du bonheur. J' ai éprouvé en lisant ton trop court billet toute la joie dont je suis sevré depuis près d' un an. La certitude d' être aimé de toi m' a sorti violemment de ma longue apathie.[...] D'ailleurs, je suis ton mari et tu ne peux avoir de scrupules en correspondant avec ton mari. Nous sommes unis d' un lien sacré. Ce que nous faisons est légitime à nos yeux et le

Tal como Victor Hugo, Lobato cobrava mais assiduidade na correspondência da noiva, pois as cartas eram um meio de ter a amada junto de si. Vale lembrar, nesse sentido, o cartão-postal seguinte, enviado a 25 de setembro de 1906:

Frente e verso do cartão postal, com data de 25 de setembro de 1906 (carimbo postal)
(Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00141)

> Pureza.
> Recebi tua cartinha que não posso responder hoje por estar com a mão direita inutilizada. O Dr. Urbano rasgou-me o furúnculo e dói-me muito.
> Amanhã escrever-te-ei. Por que foste tão breve? Má!...
> Saudades a Noêmia.
> Do teu
> Juca. [119]

---

sera un jour aux yeux du monde entier. En nous écrivant, nous usons d' un droit, nous obéissons à un devoir. Aurais-tu d' ailleurs le courage, mon Adèle bien-aimée, de me priver si vite d'un bonheur qui est aujourd' hui tout pour moi? Il faut que nous lisions tous deux mutuellement dans le fond de nos âmes. Je te le répète, si tu m'aimes encore, tu ne dois avoir aucun scrupule à m' écrire, puisque tu es ma femme. Écris-moi donc, écris-moi souvent. Quand je tiens en mes mains un de tes billets adorés, je te crois près de moi." (HUGO, Victor. *Op. cit.*, p.47. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 1º março 2006).

[119] Esse cartão, cujo original encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00141), foi publicado no livro *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha* (Organização e apresentação de Marisa Lajolo; transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Editora Moderna, 2006).

Na brevidade do cartão-postal, Lobato acusa a noiva de ter sido breve em sua última carta, cujo diminutivo empregado para se referir a ela – "cartinha" – não foi escolhido por acaso. Ora o epistológrafo se queixa da falta de assiduidade da amada, ora da economia com que lhe escreve. Do mesmo modo, observa-se cobrança semelhante na despedida de uma carta de Majakovskij a Lilja Brik, em abril de 1918: "se você continua a não me escrever, estará claro que para você eu estou morto e começarei a prover-me de túmulo e vermes. Escreva, portanto!" [120] Ou ainda, na abertura da carta de 20 de outubro de 1921: "Você partiu há um tempo terrivelmente longo, escreve terrivelmente pouco e eu tenho uma terrível nostalgia de você." [121]

Tudo, enfim, parece conspirar contra um epistológrafo apaixonado. Quando não se trata da falta de assiduidade ou da brevidade da amada, é o correio o grande vilão. É o que se nota na carta sem data, mas possivelmente de novembro de 1906 [122]:

> Bem se realizou o que eu supunha; a minha carta com os extratos do diário, pu-la no correio, mas fora da mala, no dia 4 ou 5, e os infames levaram-na para o Rio, voltando de lá só 2ª feira, que foi quando a recebeste. Correio miserável! Enfim respondeste-ma. Já andava desesperado de esperar.

Invectiva reiterada a 29 de março de 1907: "São 6 h.; levantei-me cedo para te escrever ainda com tempo de apanhar o correio que parte daqui, ao trote sossegado de um matungo, às 7 horas." Ora o correio é indigno de confiança, ora é lento demais.

Sabe-se que eram um lugar-comum da época as críticas irônicas e debochadas sobre a velocidade e eficiência do serviço de correios, de que são exemplos crônicas como as de Erasmo [123] ou a charge abaixo reproduzida, publicada na revista *Cri-Cri* a 17 de maio de 1908 [124]:

---

[120] MAJAKOVSKIJ, Vladimir. *Cartas de Amor a Lilja Brik (1917-1930)*. Desenhos originais de Majakovskij, introdução de Giansiro Ferrata, tradução de João Amendola. São Paulo: Hemus, 1973, p.38.
[121] *Id.*, *ibid.*, p.41.
[122] A data foi atribuída por Cordélia Fontainha Seta no livro *Cartas de amor* (*Op. cit.*, p.25). O manuscrito original dessa carta encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE, IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00017).
[123] Refiro-me às crônicas "Fatores da Civilização Contemporânea" (publicada originalmente em *O Paiz* a 19 de fevereiro de 1911) e "Pastel Postal" (publicada originalmente em *O Paiz* a 18 de junho de 1911), assinadas por Erasmo, pseudônimo de Eduardo Ramos (1854-1923), reunidas no livro *Correspondência, Notas e Colloquios de Erasmo (Eduardo Ramos) – Collaboração n'O Paiz (Capital da União) de 1911 a 1912* (Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1914).
[124] "Os Correios – Orozimbo". *Cri-Cri*, São Paulo, 17 de maio de 1908, p.12.

Contudo, a reclamação contra os correios tornava-se mais especificamente um lugar-comum da correspondência amorosa. Podemos ver que as mesmas queixas uniam os noivos Eça de Queiroz e Emília de Castro. Primeiramente a noiva, na abertura da carta enviada do Porto a 22 de setembro de 1885:

> Como vê, o meu desejo de briser la glace é igual ao seu, e fomos um ao encontro do outro, desencontrando-se as nossas cartas; – só, eu já recebi a sua, enquanto a minha anda e andará nas mãos desse eterno correio que me faz o efeito de nunca chegar, – exactamente quando temos tanto a dizer![125]

Queixa em que é acompanhada pelo noivo, na abertura da carta enviada de Londres, a 07 de outubro do mesmo ano, mas que serve ainda para a censura da noiva, caso a escassez da correspondência não se deva à ineficiência do correio:

[125] QUEIROZ, Eça de. *Eça de Queiroz / Emília de Castro: correspondência epistolar* (Cartas inéditas de Emília de Castro, e a sua correspondência epistolar com outros destinatários: Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Luís de Magalhães, Celeste Cinatti Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Veridiana Prado.) Leitura dos autógrafos, introdução e anotações de A. Campos Matos. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1995, p.57.

> O correio, como me dizia na sua carta, com efeito nunca chega! Estou receando que em vez de seguir a direito como o afiança o Estado e o Guia dos Caminhos de Ferro, ele flana pelas estradas, pára à sombra das árvores a fumar o cachimbo de vadiagem, e dorme a sesta *sur l'herbe tendre*, – enquanto as pobres almas que ele devia fazer comunicar e que pagaram honradamente a sua estampilha para comunicarem, se *desespèrent et languissent*.
> Nenhuma carta sua, nem ontem, nem hoje – e todavia, por todos os cálculos feitos, e refeitos, contando pelos dedos que é um dos meus poucos processos matemáticos, eu concluo que já aqui devia estar essa carta, e essas cartas (plural) tão ardentemente desejadas. Mas nada! Se isto porém não é culpa do correio – então retiro todas as injúrias a essa ronceira Instituição; e queixo-me de si – a si própria. Queixo-me com mágoa, queixo-me com alardo! Exijo que se castigue a si mesma: feche-se no quarto escuro, prive-se de sobremesa, condene-se a conjugar oitenta vezes o verbo *aimer* (ou neste caso mais adequadamente o verbo *n'aimer pas*) e imponha-se outras penitências que em sua justiça julgar justas por ter deixado sem uma linha, sem um simples *cá recebi*, quem nada fez para merecer tal desleixo senão o adorá-la *incorrigivelmente*.

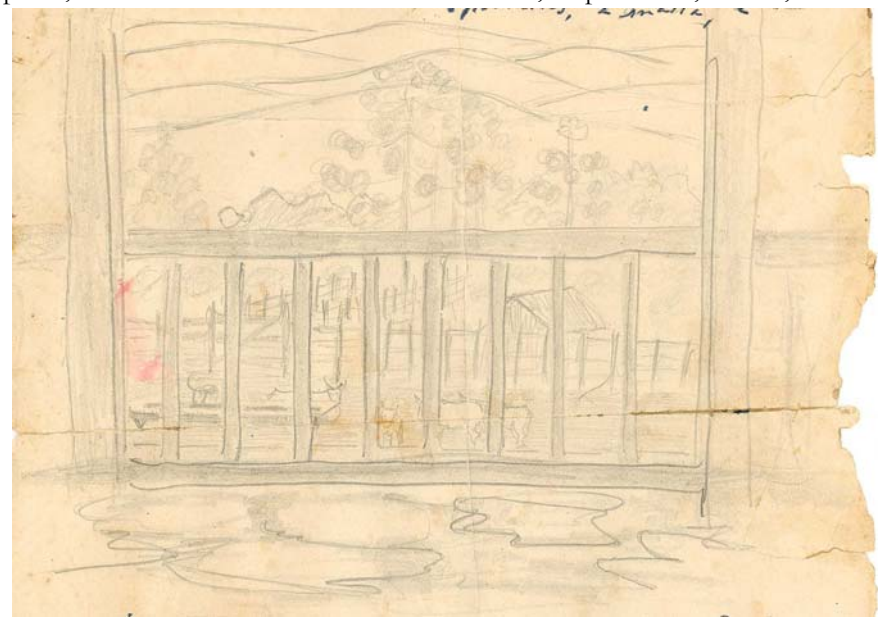
A censura pelo silêncio da amada pode, contudo, tornar-se um perigoso ardil: pode o epistológrafo involuntariamente tomar para si a imagem de algoz. É o que se vê na carta de Lobato a 11 de novembro de 1907:

> Acabo de ler a tua de ontem e não resisto a respondê-la incontinenti, e minhas primeiras palavras serão de parabéns pela tua maravilhosa felicidade de arranjar as cousas de tal modo a te dares um papel de vítima e a mim um de algoz. Pobre de mim, como andava enganado! Sozinho neste exílio, sem amigos, sem outro conforto que não o que me dás, pela esperança de uma breve união e, mais que isso, pela sensação, pela convicção de que é possível sermos felizes, unidos; implorando diariamente a caridade das tuas palavras e diariamente voltando do correio com o frio dos pólos n'alma, ou então, semanalmente, quando de lá trazia trêmulo de prazer uma cartinha cor de rosa, encontrando dentro dela uma quase decepção, tão frias, tão indiferentes, tão escritas por desencargo de consciência me parecem elas, falando de tudo menos de ti, do teu, do nosso amor – eu tive a audácia de julgar-me um bocadinho vítima, conferindo a ti uma microscópica dose de algoz. Como me enganava! A tua de ontem veio provar justamente o contrário, e, mais, veio provar-me ainda que sou um bárbaro, um Pedro – o Cru ao passo que tu és a mais martirizada das vítimas. Dou-te parabéns pela habilidade demonstrada e peço-te humildemente perdão do meu crime. De hoje em diante escrever-te-ei diariamente, sem nunca mais interromper a cadeia dessa correspondência, não sendo necessário que me retribuas na mesma moeda. Vejo que te custa escrever, que tens cousas mais importantes em que cuidar, que o teu tempo é precioso. Perdoa se o meu amor exigiu de ti esse sacrifício, e crê que o levou a isso o ardor que o anima. Mas em troca disto, Purezinha, peço-te um enormíssimo favor: nunca mais tomes atitude de vítima em face do carrasco. Minha ambição é ser tudo para você menos isso.

Lobato, confrontado pela noiva, vê-se passar da posição de vítima, de amante abandonado, à de algoz, encarnado na figura do impiedoso Pedro, o Cru: a troca epistolar

acaba ocasionando a troca dos papéis. Uma última carta: é a escrita na Bocaina, no início do ano de 1908, portanto a poucos meses do casamento, que ocorreria a 28 de março desse ano. Lobato estava numa fazenda que costumava visitar regularmente. Vejamos a carta:

> Bocaina, Invernada do Pinhal
>
> Purezinha
>
> Por mais que dês largas à tua imaginação não suspeitarás onde estou e como te escrevo. Estou sozinho numa invernada, a 50 braças da casa do campeiro, eu, aqui, ele lá, e só, em 500 alqueires de campo. Estou sentado à porta, tendo em minha frente a morraria linda, os pinheiros, a mata, e uma



> mangueira com meia dúzia de reses dentro. Na frente da casa há uma varanda e a grade dessa varanda é o que vês no esboço acima; a mangueira e o gado vê-se por detrás da grade. A solidão e o silêncio são completos. Só o bem-te-vi e, de raro em raro o gavião quebram o silêncio magnífico. Também o vento às vezes, farfalhando os pinheiros. O meu companheiro, o Baroni, foi logo depois do almoço e fiquei só. Jantei com colher de estanho emprestada pelo campeiro. Há pêssegos como nunca vi em tamanha quantidade. As árvores, derreadas, deitam para o chão os galhos apinhados. E nem um bicho para remédio. Não fosse a grande distância que nos separa e te mandaria um cargueiro. Mas é muito ir daqui do Orizaba a Areias, de Areias a Queluz, de Queluz a S. Paulo, fica muito comprido. Encontrei uns velhos livros que me têm feito companhia. Entre eles estão Platão (por estas alturas!) em suas obras completas, e Nicolau Tolentino – esse horrível lamuriento.
> Chove. É horrível a chuva aqui, produz uma tristeza imensa, sem nome. Perdi o dia, não pude fazer nada por causa dela. Vamos ver amanhã.
> Uma vaca berrou longe. Triste... Como escurece os grilos da noite já começam a chiar. Há um grilo que é peculiar destas regiões; canta como um diapasão de piano em falso, tremido. Encontrei-me com 3 cobras e como ia a cavalo pus-me a observá-las e acompanhá-las pelo meio do

> campo. É um animal lindo assim, pilhado em flagrante; por uma cobra morta não se pode imaginar a graça, a elegância dos coleios de uma com vida. Vem chegando mais vacas para o curral, mugindo. Uma queimada parou na porteira para se coçar no mancarrão. Penso constantemente em você, posso mesmo dizer que não estou só, tanto me fazes companhia, tanto a imaginação trabalha em figurar a realidade. Quantas intermináveis palestras travo contigo. Tudo que vejo de novo te mostro, te conto, te explico. Já na vinda figurei que vinhas ao meu lado e te ia contando tudo – aquele fica lá, é o Boa Vista, este aqui os Burrinhos – Esse passarinho que cantou é o soldado – aquela árvore é o cambuí – and so far.
> Adeus, Purezinha e recebe o abraço do
> que nunca, nem um só instante
> te esquece
> Juca
>
> [no verso da última folha, capa do "Catálogo"]
>
> Não há tinta nem papel aqui. Felizmente eu tive a idéia de trazer envelopes já sobrescritados e selados.[126]

Não encontrando nem papel, nem tinta para escrever a carta, utilizou-se da capa e página de índice de um catálogo de partituras. Mas não é só. Lobato abre a carta, após um vocativo simples, interrogando a destinatária sobre o lugar de onde escreve. Passa então, a descrever todo o cenário à sua volta. Não contente com isso – e provavelmente considerando a carta um veículo insuficiente para descrever e demonstrar tudo o que via e queria –, Lobato inclui um desenho no meio da carta, da visão que tinha a partir do lugar de onde escrevia. Não se trata de mera ilustração, de um desenho a embelezar a carta. Vemos aqui mais uma vez o fenômeno de presentificação dos correspondentes por meio da carta. Se a carta torna presentes os ausentes[127], se remetente e destinatário encontram-se por meio da carta, o que é visto pelo remetente não seria visto também pelo destinatário?

E se a assídua e insistente troca epistolar é o paliativo para a ausência da amada, finda esta, finda a sua necessidade[128]. Assim, a 28 de março de 1908 Lobato se casaria com sua

---

[126] Manuscrito depositado no Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00152). A carta havia sido escrita primeiramente a lápis e foi posteriormente preenchida por cima a tinta.

[127] Como afirma Luiz Felipe Baêta Neves, "a carta é a presença de uma ausência. A carta, tradicionalmente (funcionalmente), é vista apenas como uma forma de comunicação. Mas, ela pode comunicar uma falta, uma distância. Em princípio, o destinatário não está presente; a carta é, assim, a reiteração de um afastamento" ("Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa". *In*: *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p.191).

[128] A separação dos amantes é que motiva a troca epistolar, como afirmam Jürgen Renn e Robert Schulmann a propósito das cartas trocadas entre Albert Einstein e Mileva Marić: "ocasiões relativamente raras em que a separação dos amantes motivou a troca de cartas" (EINSTEIN, Albert. *Albert Einstein – Mileva Marić: cartas de amor*. Jürgen Renn e Robert Schulmann (orgs.) Tradução de Thelma Médice Nóbrega. Campinas, SP: Papirus, 1992 , p.15). A separação chega a ser, por vezes, desejada pelo próprio epistológrafo, "para que o encontro propriamente dito permaneça um caso de cartas", como observado por Vincent Kaufmann em relação à correspondência de Kafka e Felice Bauer. *Cf.* a respeito KAUFMANN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*, *cit*., p.17 e ss.

branca Purezinha, e terminaria a correspondência do noivado.

Do Monteiro Lobato familiar, na intimidade, escrevendo aos pais e à noiva, passemos no próximo capítulo ao Monteiro Lobato que nos é mais familiar: o escritor e editor.

Capa do catálogo musical em cujo verso Lobato escreveu a carta. No alto, lê-se:
"Não há tinta nem papel aqui. Felizmente eu tive a idéia de trazer envelopes já sobrescritados e selados."
(Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00152)

Capítulo 2

Monteiro Lobato escritor e editor

Magister dixit

Meu grande desejo é educares a superioridade do teu espírito no convívio dele. Experimente. Com 30$000 tens Nietzsche em casa.

Monteiro Lobato.
Carta a Albino Camargo, 1905

O Monteiro Lobato escritor começa a surgir nas arcadas da tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Escrevendo para os jornais acadêmicos, oculto sob diversos pseudônimos, ganharia em 1904 um concurso de contos com o seu "Gens ennuyeux", publicado no jornal *Onze de Agosto*. Como seria o Lobato desses anos de formação? Um retrato, traçado por Lino Moreira, pode nos ajudar a vislumbrá-lo:

> Yewsky (Lobato): baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. É o "magister dixit" da comandita de elogios mútuos. Espírito multiforme e versátil, elástico e científico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosóficas com a sofreguidão dum comboio célere através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso gênero literário, a crítica. Estuda muito. Lê obras ponderosas... Escreve romancecos e esboça infames aquarelas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vozinha alambicada, espremendo as mãos, deixa transparecer nos lábios sarcásticos uma ponta de superioridade, seguro de si, orientado solidariamente pela meditação de pesados autores e provoca silêncio ou sono. Chama todo mundo de imbeci-i-l. Em resumo: farofas de filósofo num cérebro de literato à Machado de Assis.[129]

Os amigos do *Cenáculo* viam-no como o *magister*, o mestre, aquele que pontificava. Ao mesmo tempo, já o viam como escritor, como crítico. E como leitor incansável. Como afirma Edgard Cavalheiro,

> em tom de brincadeira, os companheiros referiam-se a ele como o *magister*, mas Godofredo Rangel confessaria mais tarde que a troça não era sincera, uma vez que todos, a *una voce*, reconheciam-no como o maior, aquele realmente marcado para subir mais alto do que os outros.[130]

A imagem de Lobato, nesse período, portanto, era a do mestre, daquele que se sobressaía entre seus pares e era reconhecido e respeitado por isso, o que levaria a ser eleito

[129] MOREIRA, Lino. "Carta ao Redator". *O Minarete*, nº 21. *Apud* LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.38.
[130] *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1962, t.1, p.89-90.

orador de sua turma, por ocasião da colação de grau, o que recusou.

Vejamos uma carta de Lobato a Lino Moreira, datada por Cavalheiro como sendo do ano de 1902. É curioso observar que, estando essa data correta, Lino ainda não pertencia às Arcadas; pois, segundo o próprio Cavalheiro, em sua biografia de Lobato, Lino só teria se matriculado na Faculdade de Direito no ano de 1903[131], o que nos faz supor que a amizade entre eles pudesse ser mais antiga do que a da convivência na Academia:

> Carlyle[132]
>
> Acabo de ler a tua carta – bárbara como uma Ode de Carducci[133] – fascinante de vibração, de fogo, de selvageria, semelhante a uma pedra duríssima que, malhada por Hércules, desfaz-se num turbilhão de faíscas. Se o Brasil a lesse... infelizmente (ou felizmente?) é analfabeto. Tu devias nascer no tempo de 89, naquele caos de loucuras; só lá teu temperamento de leão esfomeado teria campo vasto para desabrochar em fecundas ou infecundas criações. Aqui no meio mais prosaicamente burguês que a [ilegível[134]] tem produzido, és um anacronismo. Faz-te anarquista e rompe o vulcão das tuas cóleras sobre a sociedade; inunda-a de lava incandescente, sê Mirabeau[135] e Proudhon[136] fundidos num só bloco.
> Transforma-te em dinamite; mas dinamite de pensamento; mil vezes mais destruidora que aquela. Eia Lino, sufoca as tuas energias para num dia breve explodires num urro de cólera; num "Chatimants" ou num incêndio do mundo.
> Veste a capa e adeus meu Caríssimo amigo[137]

Lobato era visto como o *magister* do grupo, e é essa a postura que assume na carta a Lino. Em meio à jocosidade, Lobato preleciona a respeito da carta que teria recebido de Lino, numa linguagem altissonante em que predominam os imperativos: "faz-te", "inunda-a", "sê", "transforma-te", "sufoca", "veste". Ademais, toda a carta pinta o retrato de Lino, que era tido pelos companheiros do Cenáculo como o "Desmoulinzinho"[138], como um revolucionário.

Mas o correspondente privilegiado desse período – pelo menos a maior parte das

---

131 *Monteiro Lobato: viva e obra*, cit., t.1, p.101. Essa informação é corroborada por Spencer Vampré em suas *Memórias para a história da Academia de São Paulo* (São Paulo: Saraiva & Cia., 1924, v.II, p.654).

132 Alusão a Thomas Carlyle (1795-1881), historiador, crítico e escritor escocês que "apontou as individualidades excepcionais como elementos motores da história política e intelectual" (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.5, p.1183).

133 Giosuè Carducci (1835-1907), poeta italiano. Lobato deve se referir às *Odi barbare*, livro de 1877 considerado a obra-prima do poeta.

134 Anotação de Cavalheiro.

135 Honoré-Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau (1749-1791), político e revolucionário francês.

136 Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), filósofo e socialista francês.

137 *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.63.

138 Assim Lobato o retrata numa nota d'*A Barca de Gleyre* (*ed. cit.*, p.26), numa alusão ao revolucionário francês Camille Desmoulins (1760-1794), guilhotinado na Revolução Francesa.

cartas que se preservou seria dirigida a ele – é Godofredo Rangel, e as cartas que foram endereçadas por Lobato foram recolhidas em *A Barca de Gleyre*. *A barca* se abre com um "bilhete deixado no Minarete para Ricardo e Rangel, os dois muezins iniciais". Note-se que a ironia e jocosidade do bilhete não conseguem disfarçar a sucessão de referências literárias, que acabam por reforçar a imagem de Lobato como o *magister* do grupo: podemos encontrar ali alusões a Leconte de Lisle ("Estava deserto. No ar parado moscas zumbiam. Moscas zumbiam no ar parado...", trecho cuja atmosfera se assemelha ao seu poema "Les Éléphants", incluído entre seus *Poèmes barbares*, de 1862), à ópera ("ó veneranda companheira da 'vecchia zimarra'", citação de uma das árias da ópera *La Bohème*, com música de Giacomo Puccini e libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, estreada no Teatro Regio de Turim em 1896 [139]), a Camões ("Se algum dia me acudir engenho e arte", em que retoma o 8º verso da 2ª estrofe do Canto I de *Os Lusíadas*: "Se a tanto me ajudar o engenho e arte"), mais a frente a Casimiro de Abreu ("Ó infância minha na roça, quanta poesia, etc. etc. O meu passado que não volta mais, etc. etc.", em que é patente a alusão ao célebre poema "Meus oito anos").

O bilhete se encerra com Lobato referindo-se a dois livros que teria deixado para os "muezins": *Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, e *Robert Helmont*, de Alphonse Daudet. Podemos ver nessa atitude de Lobato – deixar livros para os amigos – a tentativa de influir na formação do gosto. De resto, a indicação de um livro de Daudet – o grande ídolo dos cenaculistas – ia ao encontro dos interesses do grupo.

Sucedem-se as cartas, com um desfile de leituras e referências – dentre as quais se sobressaem Nietzsche e Camilo –, e o Lobato que emerge delas é o mestre, aquele que aponta para o amigo Rangel o caminho a ser seguido. O destinatário chega muitas vezes a formular pedidos específicos ao *magister*, como na carta de 04 de janeiro de 1904: "Queres a minha opinião sobre a *Canaã* e a *Chácara*, e insistes nisso." O mestre não se faz de rogado e expõe, em longa explanação, sua opinião sobre o romance de Graça Aranha e sobre o conto enviado por Rangel para sua apreciação. Ainda nessa carta vemos a troca de livros entre os correspondentes, não isenta das opiniões do remetente, tendentes a formar o gosto do amigo:

> *Sapho* de Daudet, tenho. Mais alguns Maupassants, aceito. Dos romances só

[139] Vale lembrar aqui que, por essa época, Lobato seria assíduo freqüentador de teatro, conforme nota de Edgard Cavalheiro ao volume *Literatura do Minarete* (São Paulo: Brasiliense, 1964, p.121), tendo chegado a escrever algumas crônicas teatrais, uma delas dedicada justamente a outra ópera de Puccini, *Tosca*, crônica em que a compara a *Bohème* (publicada em *O Onze de Agosto*, nº 3, de 16 de setembro de 1903, *apud* LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*, *cit*., p.125-8).

> li *Bel Ami* e *Notre Coeur*. Há outros? Pierre Loti é uma besta. Afeta simplicidade. Em água assim rasa, só temos guarus e sapinhos rabudos. Mas nas profundidades dum Dostoievsky[140] há todos os peixes – pesadelos do mar – e até aquela serpente marinha de Kipling, que não existe.

Com um arremate final: "Tenho muitas novidades. Quando tua provisão aí escassear, dá o brado. Tenho um Renan inteiro – e que homem! Que estilo de fonte!" Pelas cartas, não só acompanhamos o que seria o registro dos possíveis hábitos de leitura do jovem Lobato mas também, e sobretudo, vemos a influência que procurava exercer sobre seu destinatário, indicando e pondo à disposição livros os mais diversos. Bastaria essa recomendação à leitura da obra de Renan – de grande influência na *intelligentsia* brasileira de fins do XIX e inícios do XX[141] – para refletirmos sobre a atuação de Lobato para a formação do gosto dos amigos.

Investido, assim, da autoridade de *magister*, Lobato não hesita em examinar o destinatário, diagnosticando a sua "doença", em carta de 10 de janeiro de 1904:

> Tua carta é um atestado da tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-me mister uma obsessão constante, uma consciente martelação na mesma idéia – e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que às aquisições sejam inconscientes, num processo de sedimentação geológica. Qualquer coisa que cresça por si, como a árvore, apenas arrastada por aquilo que Aristóteles chamava enteléquia – e que em você é o rangelismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cérebro. Andas a fazer com ele como os comilões ininteligentes que comem até adoecerem. Esqueça que há literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural. Ande muito a pé ou a cavalo, converse com toda gente, coma bem, namore caboclinhas nas estradas, vá aos serões do senhor Cura, arrote – e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura. E também verás como fica boa a literatura quando o corpo está contente.

Ainda na mesma carta, novamente conclamado pelo destinatário, responde às suas indagações:

> Perguntas quantas horas "literatizo". Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. Não troco uma conversa com

[140] Um importante levantamento das leituras de autores russos que teriam sido feitas por Lobato, a partir sobretudo das cartas d'*A Barca de Gleyre*, aparece na tese de Doutorado de Bruno Barretto Gomide, intitulada *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)* (Campinas, SP: IEL/UNICAMP, orientação de Francisco Foot Hardman, 2004, p.201, 218-9, 320-2, 334-5).

[141] Ernest Renan (1823-1892), filósofo e historiador francês. Afirma Alfredo Bosi a respeito de José Veríssimo: "à doutrina seca dos teóricos do Positivismo preferia as suas encarnações literárias, Renan e Anatole, os 'céticos amáveis' que tanto seduziram as elites latino-americanas dos fins do século" (*História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996, p.254).

> uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragédia de Eurípides, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro – e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando há apetite; fora daí é uma insuportável *corvée*. Também não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham – ou quando o Benjamim me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamim. Não tenho horas prediletas – minhas horas são as que coincidem com a disposição. Há horas em nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem fácil e claro. Outras há em que estamos imaginosos, todo cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair o pinto. Queria você tirar o pinto antes do tempo – o pinto morre. Estômago e cérebro: duas respeitabilidades. Respeitemos-las, Rangel.

Note-se que o trecho não é meramente a resposta à pergunta de Rangel. Lobato aproveita o ensejo para mais uma lição, lavrada em tom sentencioso, chegando ao arremate que une os dois argumentos: "Estômago e cérebro: duas respeitabilidades. Respeitemos-las, Rangel." A carta se fecha com um conselho peculiar: "*Sare, homem!* Estás malíssimo de engurgitamento literário. Vomite o Flaubert."[142]

Os conselhos literários se sucedem, como na carta de 20 de janeiro de 1904, em que Lobato reconhece o seu "magisterdixismo":

> Tua carta veio como aragem. Estava com saudades dum vôo e aqui não há asas – só se discutem coronéis políticos e namoros. E eu estava cansado, esmagado pela genial estopada do maçante Zola no *Travail*; andava descontente comigo mesmo, com as minhas idéias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte – todos ódios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as idéias-morcego não me perseguem; e vou dar largas ao meu magisterdixismo. Bem que eu procuro humilhar essa feição do meu espírito. Ela teima. Mas acho que hoje amarrei o magister na argola do canil.

Nessa carta encontramos ainda a discussão sobre livros, tendentes a formar o gosto do destinatário:

> Meu Soriano de Sousa[143] está em S. Paulo, no fundo dum caixão, ou dum

[142] Interessante registrar aqui como a metáfora do engurgitamento literário viria a ser utilizada posteriormente por Lobato em sua literatura infantil quando, em *Reinações de Narizinho*, o Visconde de Sabugosa acaba sofrendo uma operação cirúrgica pelo Dr. Caramujo devido ao seu empanturramento de ciência.

[143] "José Soriano de Sousa, irmão de dois outros lentes da Faculdade do Recife, nasceu na Paraíba em 1833 e faleceu no Recife em 1895. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e em filosofia por Louvain. Venceu Tobias Barreto em uma disputa pela cadeira de lente de filosofia do Gymnasio Pernambucano e, quatro anos antes de seu falecimento, isto é, em 1891, foi nomeado professor de Direito Constitucional na Faculdade de Direito do Recife. Suas principais obras são compêndios voltados ao ensino de filosofia e Filosofia do Direito. As principais obras de filosofia são o *Compêndio de Philosophia* (1867) e as *Licções de Philosophia Elementar, Racional e Moral* (1871); em matéria jusfilosófica, escreveu sua obra prima *Elementos de Philosophia do Direito* editada em 1880. Vale consignar que Soriano de Sousa

> dos meus caixões, o que é pior; impossível te servir. De Daudet só tenho aqui *Nababo*, *Tartarin, Jack e Sapho*. E as cartas do moinho. E tenho ainda algum Machado de Assis, algum Eça, Herculano e... os *Dez Contos* de Goulart[144]. O Goulart é o meu Montaigne – o livro de cabeceira. Ali aprendo como não se deve escrever.

Lobato reconhece ainda a importância das cartas de Rangel, que o obrigariam a pensar, ao mesmo tempo em que condena a atitude humilde do destinatário. Ao contrário do início da carta, em que ironicamente reconhecia o seu "magisterdixismo", aqui Lobato se revela tão aprendiz quanto o seu destinatário:

> Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas. Mas estás um homem cheio de vícios mentais e cacoetes. O pior é a mania (que acho irônica) de te rebaixares e me pores nas nuvens (como o Rei dos Judeus), quando na realidade não passamos, os dois de duas "sedes de saber", de duas "fomes de expressão" em tudo equivalentes. Que graça, botar a minha sede acima da tua! Sede é sede. Outro vício teu é a tal modéstia. Parece que você faz da modéstia palanque donde melhor regalar-se com a vaidade humana. Seja todo portas e janelas abertas, homem!

Em seguida, Lobato dá continuidade às impressões sobre *Canaã*, iniciadas na carta de 04 de janeiro, não sem antes insistir na censura ao tom humilde adotado por Rangel: "Queres mais impressões sobre *Canaã* (note que não digo "minha humilde opinião", "meu fraco parecer". Para quê?). Li *Canaã* num exemplar do Candido, faz tempo, e achei um livro forte, sadio, certo – e com excelentes paisagens".

Mas o *magister* não se restringia a lições de crítica literária. Nesse meio tempo, Lobato enviaria uma outra carta a Lino Moreira, datada de 1º de março de 1904. Encontramos aqui uma alusão à caligrafia do destinatário que, como vimos anteriormente, é um dos temas recorrentes na correspondência lobatiana:

> A tua carta (bravíssimo, escreveste – coisa até então inacreditável para mim – uma carta) traiu por diversos rabinhos um desses complexos estados d'alma em que o homem bota o freio da serenidade no corcel fogoso da Insatisfação (Vê. Uma imagem shakesperiana.). Até na letra tu te contiveste, e em vez daqueles caracteres turbilhonantemente caóticos, sacudidos de espasmos, como que a dançar a dança do São GUIDO, vieram umas letras

---

contribui para com a Faculdade do Recife com apostilas de Direito Romano e de Direito Constitucional. De acordo com Machado Neto, suas principais obras constam de compêndios destinados ao ensino da filosofia moldados em estilo e pensamento escolástico." BRAY, Renato Toller. "A cultura jusnaturalista escolástica-tomista e o neotomismo no Brasil". *Jus Navigandi*. Disponível em: http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7250 Acesso em 28 fev. 2006.

[144] Lobato se refere ao escritor Artur Goulart (1872-1910). Os *Dez contos* foram impressos em 1901, em São Paulo, pela Typographia Andrade e Mello.

> mansazinhas, calmas, em rebanho disciplinado, obediente às ordens da pauta – um verdadeiro bando de cavalos domados. Cavalos domados, disse, e de fresco, acrescento, porque a natural fogosidade do temperamento dormia amordaçada num rude açaimo (vê) e, às vezes, despertada, tentava arrebentar as peias para na livre expansão do nativo ardor, espolinhar-se como potro selvagem na areia do Desabrimento. (E o Tito só esteve um dia aqui...)[145]

Lobato procura interpretar as alterações da caligrafia do amigo como mudanças na sua personalidade – que o próprio fato de escrever uma carta, "coisa até então inacreditável", parece reforçar. A caracterização do destinatário como um revolucionário francês reaparece aqui, na alusão a Mirabeau e ao "89 francês":

> Se detesto Tancredo Amaral [146] é para poder embriagar-me na palavra futura de Lino, como hoje me embriaga essa ressonância mágica que vem do passado do 89 francês, e que é do verbo de Mirabeau o que um esqueleto é do corpo.

A postura que Lobato adota é vazada de ironia e irreverência, num processo que atinge o seu ápice com a despedida da carta: "bem, adeus, é tarde e uma pulga me passeia importunamente na ceroula. Adeus".

Possivelmente, contudo, a grande lição que o *magister* pretendia dar a seus discípulos talvez não residisse na leitura de *Canaã* ou em observações sobre a caligrafia, mas sim no culto a Nietzsche. Já anunciado em carta de 1903 ("Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cósmico e ler Nietzsche berradamente do alto das massaranduvas"), o gosto de Lobato pelo filósofo alemão viria a ser reafirmado em carta de 02 de junho de 1904:

> S. Paulo, 2,6,1904
>
> Mas, Rangel amigo,
>
> Você se complica demasiadamente! A primeira página da tua carta parece um fragmento do *Assim Falou Zaratustra* cá do meu Nietzsche.
> – ?
> – Chegou, sim. Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os

[145] O original dessa carta, a partir de onde a cito, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL – UNICAMP (MLb 3.1.00002). A carta foi publicada por Cavalheiro, com algumas modificações na pontuação, em *Cartas escolhidas*.

[146] Possível alusão a Tancredo Leite do Amaral Coutinho (1866-1928), historiador e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Para sua biografia, *v.* MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.169.

> nossos estames e põe em movimento todas as idéias-gérmens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. "Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais solidas *verdades absolutas*." E é. Rói o miolo das arvores – e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entende-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Essa carta é curiosa, não só pela alusão a Nietzsche, mas também pela inclusão do diálogo – inclusive pela suposição de surpresa do destinatário expressa pelo ponto de interrogação –, assim como pelo seu início *in medias res*, em que Lobato, dispensando a saudação da carta, introduz o discurso por meio da conjunção adversativa "mas", como se retomasse para si o turno da fala após o silêncio do interlocutor.

Depois de uma longa preleção a partir do pensamento nietzscheano, Lobato reconhece novamente sua face magistral, diante de um pedido do destinatário:

> Que crueldade a tua, Rangel, com essa mania de explorar o meu magisterdixismo! Queres agora que eu diga de Byron... Que diga o que penso... Byron era um como nós, Rangel, mais bonito, aristocrata, com muito dinheiro e coxo. Revoltou-se contra o *temple enseveli* que todos temos dentro de nós (Maeterlinck). E como fosse poeta, pôs a revolta em versos. Taine estuda-o lindamente na *História da Literatura Inglesa*, que tenho aqui. Queres? O mais especial de Byron, para nós, foi a sedução que exerceu nos nossos revoltados poéticos daquele tempo. Todos byronizaram. Era a moda. Como depois todos hugoaram, quando a moda virou Hugo. "Talhado para grandezas, para criar, crescer, subir ..." Depois parnasianamos com Raimundo e Alberto. E zolaizamos com Aluízio, etc. Chega.

Num gesto que poderia aparentar somente amizade e cordialidade – o oferecimento de um livro ("Taine estuda-o lindamente na *História da Literatura Inglesa*, que tenho aqui. Queres?") – pode-se ver a atitude de formação levada a cabo – consciente ou inconscientemente, não importa – por Lobato. Ocupando a posição de *magister*, a oferta do livro de Taine deixa de ser uma mera sugestão e ganha foros de uma obrigação.

O mesmo se pode pensar de Nietzsche, que será retomado no fecho da mesma carta, em tom imperativo:

> E quanto a programa, Rangel, só conheço um que te sirva: rangelizar-te sempre e cada vez mais. Escreve em tua porta isto da *Gaya Scienza* de Nietzsche:
>
> VADEMECUM – VADETECUM
>
> *Mon allure es mon lagage t´attirent,*
> *Tu viens sur mes pas, tu veux me suivre?*

Suis-toi toi même fidèlement
Et tu me suivras, moil! Tout doux! Tout doux!

Esse programa se reforça na carta de 15 de novembro de 1904, quando Lobato, após expor a sua leitura do ensaio de Taine sobre Gleyre – de onde adviria o título das cartas a Rangel enfeixadas em livro: *A barca de Gleyre* – Lobato mais uma vez preleciona:

> Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos de apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Ésquilo. Ser um Eça II ou um Ésquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.
> O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a Vontade há que marcar sempre um norte, como a agulha imantada.

Para, ao final, arrematar:

> Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos. Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo – e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre.

Por meio da carta seguinte pode-se concluir que as sugestões de Lobato surtiram efeito. Rangel teria pedido emprestado um volume de Nietzsche. Mas o *magister* não ficou satisfeito com os progressos do aluno:

> Veio de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que... que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde, depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais. Impertinente este alemão, não é verdade?

Maneira sutil, personificando o exemplar, de dizer que Rangel não seria maduro o suficiente para ler a obra do filósofo alemão.

Diferentemente, é o que vemos na primeira carta do ano seguinte, a 24 de janeiro, quando o mestre Lobato ficaria satisfeito com os progressos do discípulo:

> Recebi tua última a caminho da estação, e li-a entre Cachoeira e Guaratinguetá, com olhadelas para o tortuoso Paraíba que acompanha a Central. E como tinha diante de mim a Natureza, gostei das tuas referências à paisagem dessa Caldas. Porque, meu velho Rangel, não perdi ainda esse nosso mau costume de analisar tudo quanto tem a desdita de nos cair sob os olhos; e dentro daquele pó federal me pus a analisar tua carta, teu estilo, tua maneira de dizer, as qualidades que abotoam, etc. E notei um desembaraço maior, mais topete, mais desgarre da pena outrora tão encolhidinha.
> Os teus ataques à Natureza me fizeram sorrir com saudades daquele Rangel tão tímido, tão moça, que só quando a coisa era demais arriscava uns átomos de ironia mansa ou de discreta revoltazinha. Já agora rompes contra a Natureza como Norma Absoluta, e criticas até o exagerado azul do céu. Ótimo! Só resta que não abuses como os que se metem a si mesmos como a Norma Absoluta.

Subjaz aí, em baixo contínuo, a tese estilística de Lobato, que entendia ser o estilo como a face de cada um, única, pessoal, singular. No que poderíamos aqui buscar a lição de Antoine Albalat:

> Que é o estilo?
> *O estilo é a maneira privativa, que cada um tem, de exprimir o seu pensamento pela escrita ou pela palavra.*
> Pela *escrita*, no escritor.
> Pela *palavra*, no orador.
> O estilo é o cunho pessoal do talento.
> Quanto mais original é o estilo, quanto mais empolgante ele é, mais pessoal é o talento.[147]

Lobato teria lido essa obra de Albalat por sugestão de Rangel – que, por sua vez, lera sob a indicação de Ricardo Gonçalves –, o que sugere que o processo pedagógico era de mão dupla: não só o *magister* pontificava, mas aprendia com o discípulo. A 14 de agosto de 1909, Lobato escreveria:

> Esse Albalat que o Ricardo te mandou anda interessando muito à rapaziada de S. Paulo que pretende lugar nas letras. Tenho a impressão de que é obra vã e perigosa talvez das que ensinem um certo estilo – e neste caso teremos estilo postiço, como há dentes postiços. Estilo é cara; cada qual tem a sua e o que fazemos para modificar nossa cara é me geral mexer nos pêlos, barba e

[147] ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever, ensinada em vinte lições*. Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948, p.46.

> grenha, e podemos sair um bigodudíssimo Umberto I ou um cara-rapada à americana.

Convencido pelo discípulo, porém, a ler a obra, acabaria por reconhecer, em carta de 30 de agosto de 1909: "Veio o 5 [148], acompanhando o Albalat. Comecei a ler este e a gostar. Não é o bestalhão que imaginei." E, a 22 de setembro de 1909, daria o veredicto sobre o livro:

> Acabei o Albalat. Bom, mas de pouco valor para nós aqui. Discreteia sobre o estilo francês, e as coisas mudam quando em português. A parte referente ao estilo descritivo em Homero é ótima, e boa para nós. A conclusão que tirei do livro é que estilos não se fabricam, nem se ajustam por influxo de regras; são o que são, como o nariz das pessoas. O mais, arrebiques, sobrecargas, postiços que só aparentemente melhoram o natural ingênito e espontâneo de cada um. Gostei do meu juízo sobre Chateaubriad coincidir com o de Albalat. Em Taubaté tenho *O Gênio do Cristianismo, Atala, René* e excertos. Deixe em repouso o número 4 para revê-lo mais tarde. Isso é bom.

O juízo sobre o livro de Albalat levara à crítica da obra de Chateaubriand e, com esta, a enumeração dos livros disponíveis – caso o discípulo se interessasse. Ao final, o conselho para o romance "número 4".

Sobre o estilo, aliás, o mestre Lobato daria uma nova lição ao aluno Rangel, em carta de 15 de julho de 1905:

> Estilos, estilos... Eu só conheço uma centena na literatura universal e entre nós só um, o do Machadão. E, ademais, estilo é a última coisa que nasce num literato – é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia própria, quando possui uma luneta só dele e para ele fabricada sob medida, quando já não é suscetível de influenciação por mais ninguém, quando alcança a perfeita maturidade da inteligência, então, sim, aparece o estilo. Como a cor, o sabor e o perfume duma fruta só aparecem na plena maturação. Repare no Machado. Quando lhe aparece a cor, o sabor o perfume? No *Brás Cubas,* um livro quarentão. Que estilo tem ele em *Helena* ou *Yayá Garcia?* Uma bostinha de estilo igual ao nosso. Ao Eça só o encontramos já estilizado e inconfundível nos Ramires. Antes de nos vir o estilo o que temos é *temperamento*. Há na arte do desenho um exemplo claro disso na "estilização", duma flor, suponhamos. A *flor natural* é o nosso temperamento; a *flor estilizada* é o nosso estilo. Enquanto esse temperamento não alcança o apogeu da caracterização, não pode haver estilo. [...]
> Poderás, Rangel, com os elementos básicos que há em você, ter um estilo, e

[148] Rangel escrevia romances profusamente, sem dar-lhes títulos, apenas numerando-os, o que levaria ao comentário irônico de Lobato, mais tarde, em carta de 03 de abril de 1914: "pões romances como as minhas Leghorns põem ovos – e às vezes até perdes um ou dois na rua, de caminho para o fórum. (Sabe que com o Coelho Neto aconteceu isso? Perdeu um original de romance no bonde ...) E descrevo o entrecho e a filosofia dos teus romances numerados, e o teu modo de trabalhar, e os prodígios que andas arrancando da língua."

> certo que o terás – mas ainda é cedo. Estás verdolengo. E o terás lindos, sobretudo se deres menos apreço às lisonjas fáceis dos amigos. Lembra-te que mutuamente já todos nos demos de gênio lá no Cenáculo e no entanto bem pequena é a dose de simples talento de todos nós, reunidos e multiplicados uns pelos outros.Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Minarete*.

Para o desenvolvimento e amadurecimento do estilo, Lobato propunha o exercício assíduo da escrita. Seja publicando textos no *Minarete*, seja na escrita íntima de um caderno de notas. Ainda nesse caso, Lobato pretende "catequizar" o discípulo, e induzi-lo "a fazer o mesmo", como lemos na última carta do ano de 1905:

> Espero catequizar-te para uma das coisas mais úteis a um homem que pensa por si mesmo. Porque quem pensa por si mesmo tem sempre à tona do pensamento coisas originais e novas – novas combinações, nuanças novas, tons novos, coisas que nos parecem inéditas e que realmente o são, caso contadas com todos os pelinhos com que brotaram. Esses pensamentos em geral se perdem – evaporam-se como as primeiras gotas de chuva em pedra quente de sol. São como a forma das nuvens. Não calculas como me agrada recordar hoje o que pensei um ano atrás; e se é bom com a diferença de apenas um ano, que dizer quando há dez ou vinte de permeio? Por que não grafar isso diariamente – não mariscar diariamente, de peneira, essa escumalha, e pô-la no papel para futuro regalo? Essas idéias-nuanças, essas sensaçõesinhas-tons? Comecei a fazer isso o ano passado e esta noite, relendo trechos do primeiro caderno, já cheio e relegado para o fundo da gaveta, achei-lhes um estranho sabor de autenticidade e cor fresca – e aí vai a amostra para te induzir a fazer o mesmo.

Também do ano de 1905 é a carta seguinte, escrita a Lino Moreira, que se abre com um preâmbulo metalingüístico, ou seja, Lobato inicia a carta falando sobre o próprio ato de escrevê-la:

> Não sei por onde nem como principiar; o Cenáculo confiscou-nos as chapas[149], as coitadinhas, tão prestimosas e serviçais, sempre nítidas e luzidias do uso ininterrupto; proibiu terminantemente a banalidade; baniu para os quintos do inferno os velhos assuntos de cartas, apesar de não haver em nosso Código Penal a pena de banimento. O resultado? A gente ficar em entaladelas sempre que se quer escrever a um amigo, enquanto alguma alma bondosa não requer *habeas-corpus* para os últimos, levantamento de proibição para a segunda e restituição dos primeiros.

Em seguida Lobato, sabendo que o amigo encontrava-se em "estado de bestificação amorosa", envia-lhe algumas recomendações: "se quiseres um guia, diz-me, que te mandarei o Secretário dos Amantes. Antes disso poderei dar-te umas lições, como mais velho que sou.

[149] Chapas aqui adquirem o significado de frases e lugares-comuns que são repetidos à exaustão.

Lições diz mal; conselhos, sim." E enumera uma série de lugares-comuns (ou "chapas") românticos, como já vimos no capítulo I, ao tratar das cartas de Lobato à noiva Purezinha.

A listagem dos conselhos detém-se no 4º, que "fica no bico da pena porque neste andar me sairia um manual de amor em vez de uma carta ao meu saudoso, nervoso e prodigioso Lino."

Ora, numa carta que se iniciou falando dos lugares-comuns, que enumerou uma série deles a respeito do amor, não poderia faltar uma alusão ao "santo padroeiro" deles, que vem no trecho a seguir:

> Travei conhecimento com o Exmo. Sr. Conselheiro Acácio. É magnífico! Estou tão íntimo dele que já lhe dou palmadinhas na barriga (e que barriga tem ele!) dizendo com malícia: Seu maganão! É um bom homem no fundo; dali não vem mal ao mundo, nem às chapas, as quais adora. Como literato, eu duvido que alguém seja capaz de escrever um necrológio como ele, um primor de estilo, uma melodia, um anjinho de beleza. E o Sr. Eça a meter-se de espírito com ele! Quando o Eça seria capaz de escrever uma página como aquela falando do "infausto passamento da virtuosa D. Luísa"? Quando? Sebo! E pensar a gente que aquele homem, o protótipo das boas maneiras, do bom estilo, do bom-senso, da sisudez, é tomado como alvo de gracejos dum peralvilho como o Eça! É por isso que tudo anda de pernas para o ar, é por isso que o vício tripudia avassaladoramente, que a corrupção lavra, que a igreja está ameaçada em seus augustos alicerces, que o sangue do ateísmo corre nas veias do corpo social, que teóricos anárquicos e socialistas testam impor-se à atenção do mundo, que os fundamentos sagrados da família perigam, que campeia impunemente o espírito do livre exame! É por isso! É por toda a gente andar a ler Eças e Zolas, escrevinhadores ridículos que nada respeitam, pois o Conselheiro, o tipo da honradez e da seriedade, uma personificação da Sisudez, o Bom-Senso em osso e carne, o defensor impertérrito da Santa Religião Católica, o esteio mais firme das instituições monárquicas, o mais lídimo (com licença do Tito) representante do elemento bom e são da sociedade, o Conselheiro Acácio é ridicularizado e exposto de ceroulas e camisa na praça pública às risadas da canalha! E os governos por que não olham para isto e por meio da censura não opõem um paradeiro a tão lamentável estado de cousas?

Toda essa jocosa diatribe para arrematar: "Arre! Também! já leste 'O Primo Basílio'? Se não, não leias que te perverterá o nobre coração." Lobato fala de Literatura, mas num tom irreverente e divertido, jocoso, que é um pouco diferente do tom com que conversa por escrito com Rangel, também sobre Literatura, quando encarna novamente o *magister*.

Nesse mesmo ano, dois outros cenaculistas receberiam preleções do *magister*. Em carta não datada, mas "provavelmente de 1905", segundo Cavalheiro, Lobato responde a Tito Lívio Brasil, censurando-lhe o tom formal e gradiloqüente da carta, que teria lido como um discurso:

> Recebi o teu discurso e apresso-me a respondê-lo enquanto a 2ª leitura ainda está quente no meu caco. A princípio julguei que erraste o endereço e me tinha vindo às mãos uma carta que Tito escrevera a um Graça Aranha ou a um Euclides da Cunha; depois vi que não, que era bem ao pobre do Lobato que o maior sonhador do Cenáculo dirigia frases e incitamentos nos quais somente o mérito incontestável ou uma sincera amizade poderiam não ver uns deliciosos debiques. E como sou muito teu amigo, não vi neles ironias – sim um caso de apreciação filo-estrábica. Enxergaste no mesquinho "Lambe" alcances que ele não tem nem nunca sonhou ter. Corrigir uma sociedade, Tito, é cousa impossível, é cousa que nunca se viu.

A partir desse ponto, Lobato inicia uma longa preleção sobre o tema da correção da sociedade, abandonada ao final da carta e substituída pelos protestos de saudades e pelas impressões de leitura do *Fausto*, de Goethe.

Ainda escreve a outro cenaculista, Albino Camargo, a quem também aconselha – como a Rangel – a leitura de Nietzsche:

> Nietzsche. Albino, Albino, vá atrás desse homem, Albino, manda buscar as suas obras e *penetra-as*. Só agora é que eu *principio a vislumbrá-lo* e tem sido tamanho o deslumbramento meu que sinto-me tolhido, incapaz de pensar. Essas caricaturas de Nietzsche que correm mundo, sob o nome pretensioso de críticas, de super-homens e histórias são uma grande mentira. É o que Nietzsche *parecer ser* a quem o vê pela primeira vez, mas nunca o que ele é realmente.

Para, em tom magistral, após uma longa preleção sobre a importância de Nietzsche – em que, inclusive, anuncia seu trabalho de tradução[150] –, arrematar: "Meu grande desejo é educares a superioridade do teu espírito no convívio dele. Experimente. Com 30$000 tens Nietzsche em casa".

Em carta de 05 de maio de 1906, o que poderia ser lido apenas como uma simples troca de informações bibliográficas, pode ser interpretado como mais uma orientação de Lobato para a leitura de Rangel:

> De volta de S. Paulo, onde passei 15 dias, encontro um bilhete e uma tira na qual contas da tua iniciação em Balzac. A Casa Garraux tem lá um Balzac completo a 800 réis o volume, o que há de barato. Encontrei na mesma livraria um magnífico Rabelais completo, num só e gordo volume, solidamente encadernado, por.... 3$500. Trouxe também Petrônio (4$). Ésquilo, *Contos da Rainha de Navarra*, *Relíquias da Casa Velha*, de Machado;

[150] "Estou laboriosamente a traduzi-lo e espero um dia escrever um estudo sobre ele." Lobato traduziu *O Anticristo* e *O Crepúsculo dos Ídolos*, a partir da tradução francesa. Os manuscritos originais e, salvo melhor juízo, ainda inéditos, encontram-se depositados no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL – UNICAMP (MLb 4.1.00013).

> *Cartas d'Inglaterra*, do Eça; *Gordon Pim* de Poe; *Ivan o Imbecil*, de Tolstoi, e outros. Disponha.

Por vezes, o diálogo entre os correspondentes não é totalmente pacífico, e o *magister* tenta convencer o discípulo quanto a um determinado ponto de vista. É o que se vê, por exemplo, na carta de 22 de julho de 1906, a propósito de Camões:

> Diz você que admira Camões apenas por ser velho, como respeitas aos teus velhos avós. Mas olhe que além de velho ele é realmente grande e diz como nenhum poeta novo diz.
>
> Dai-me huma fúria grande e sonorosa
> E não de agreste avena ou frauta ruda;
> Mas tuba canora e belicosa
> Que o peito acende e a cor ao rosto muda.
>
> Há arte aqui às carradas, Rangel. E negarás arte ao:
>
> Por estes vos darei um Nuno fero
> Que fez ao rey e ao reyno tal serviço;
> Um Egas, um Dom Fuás, que de Homero
> A Cithara para eles só cobiço
>
> Ou ao:
>
> Outro Joanne invicto cavalheiro
> O quatro e Quinto Affonso e o terceiro
>
> Ou aos:
>
> Um Pacheco fortíssimo e os temidos
> Almeidas por quem sempre o Tejo chora
> Albuquerque terribil, Castro forte
> E outros em que poder não teve a morte,
>
> ...e perfia
> A ver os berços onde nasce o dia
> Quando Júpiter alto assim dizendo
> Cum tom de voz começa grave e horrendo...
>
> Oh, Rangel, pelo amor de Deus!

A interjeição final revela o desagrado do mestre diante da insensibilidade do discípulo. Meses depois, a 15 de outubro de 1906, Lobato reforçaria a lição sobre Camões:

> .....
> Olhos sossegados,
> Pretos e cansados
> .....
>
> Adivinha de quem são estes versos, se és capaz! Do Grande Caolho, Rangel, que começaste a admirar logo que o começaste a entender. Lembras-te duma

> carta em que falavas nele e citavas a estrofe da "frauta ruda"? uma carta toda humor que hoje por acaso me caiu nas mãos e reli (e te mando para que faças o mesmo e a devolvas)?

A preleção surtira efeito: após "uma carta toda humor", Rangel começou a admirar o "Grande Caolho", fato relembrado por Lobato por meio da carta que envia de volta ao amigo.

Mas o *magister* Lobato não descura dos outros discípulos. A 15 de agosto de 1906, escreve uma carta breve a Lino Moreira, em que o parabeniza por um artigo a seu respeito escrito por Heitor de Morais[151] – cunhado de Lobato, casado com sua irmã Ester – e faz um pequeno balanço sobre alguns dos "cenaculóides":

> Meus parabéns pelo artigo do Heitor de Morais. Começas então de vez, a entrar definitivamente na grande vitrina da sociedade, esse sonho de toda criatura humana, lá onde moram os Ruis, os Nabucos, os Lafaietes. Já és discutido, comentado; já entre 600 rapazes tiram você e mais um só aqui da roça, o eco dos sucessos entusiasmou-me e reentro a admirar o grande Cenáculo convicto que dele sairá ainda muita coisa para o futuro. Rangel em Minas, às caladas, incuba e progride de um modo assombroso: Já conhece a fundo o inglês e ora estuda alemão e *grego*, grego!
> Logo entra também para a vitrina com um livro de capa amarela na mão: O Albino é que me parece, não vingou, saiu-me uma bestinha de carroça.

A atitude de Lobato, nesta carta, é a do mestre que reconhece o êxito do discípulo e se orgulha diante dele. O mesmo encontramos em carta de Lobato a Rangel, datada de 03 de janeiro de 1908: "Escreveu-te a Júlia Lopes? Isso é sério. Quero ver. Arre, que não estou sozinho no trombeteamento do teu valor!" Vale lembrar, todavia, que, no ano anterior, seria Lobato quem teria chamado a atenção de Rangel para a produção da escritora: "Outro que me anda enchendo as medidas é a Júlia Lopes – uma extraordinária mulher. Contos maravilhosos, únicos em nossa literatura. Conhece-os?" [152]

---

[151] "MORAIS, Heitor de. Nasceu em Campinas a 5 de dezembro de 1886. Fez os primeiros estudos em sua terra natal. Formado, em 1908, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Viveu uma parte da existência em Santos, onde se tornou amigo de Martins Fontes, pertencendo à boêmia literária da época. Colaborou no "Comércio de Santos" e conviveu com Ricardo Gonçalves, a quem dedicou, em 1918, um livro de saudades. Escreveu vários trabalhos de crítica, evocou figuras intelectuais do Brasil e da Europa, fez conferências, publicou panfletos e, a certa altura, empenhou-se em polêmica com Agripino Grieco. Foi um dos colaboradores da revista "A Cigarra", de Gelásio Pimenta. Poeta, panfletário, polemista, cronista, jornalista, biógrafo, etc. Bibliografia: "Pátria rediviva (de Pires Ferreira a Martim Francisco)", S. Paulo, Sec. Obr. "Estado de S. Paulo", 1918; "Guerra Junqueiro"; "Ricardo Gonçalves: páginas de saudade", Santos, 1918; "O caso de Nissin Reissmonn"; "Viajando Martim Francisco", polêmica com Agripino Grieco; "Verso... marulho"; "Polícia de cais", série de artigos, in "Comércio de Santos", 1922; "Uma hora com Martins Fontes", Santos, Ed. Comissão Glorificadora de Martins Fontes, 1938, 61p." (MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.395-6). Heitor de Morais suicidou-se no ano de 1936.

[152] Não é de duvidar que Rangel tenha escrito a Júlia Lopes de Almeida, considerando que Lobato o havia feito a Euclides da Cunha, a propósito de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, a 20 de dezembro de

Contudo, se o mestre continua a ser o árbitro da produção de Rangel, a indicar leituras e a sugerir publicações, como lemos na carta enviada de Areias a 07 de julho de 1907 ("Mande-me os contos. Não segue o *Ateneu* porque está em Taubaté. *O Filho Pródigo*[153] irá logo – assombroso! Mande algo para o 'Minarete'. O Beija está reclamando"), não deixa porém de acolher também as suas indicações sem, é claro, abandonar o tom magistral, como na abertura da carta datada de 21 de julho do mesmo ano:

> Chegou o Twain com tua carta dentro. Comecei a ler a história do esquimó. De fato, *it is a very bewitchful story*, como aliás tudo quanto Mark escreve. Kipling tem algumas coisas groenlandesas ótimas, onde tudo, a partir do cenário, é dum ineditismo único. *Os Inoitos* são uma – inoito é sinônimo de esquimó.

Décadas depois, ao reler as cartas enviadas a Rangel, Lobato reconheceria, na carta datada de 24 de agosto de 1943, um certo grau de pedantismo naquele *magister* de outrora:

> Devo ter, sim, as minhas cartas antigas que devolveste há uns vinte anos e que por essa época examinei. Achei-as então tremendamente tolas. Como éramos livrescos e literários! Depois que me pus a adquirir um pouco de cultura científica, mudei muito, e hoje considero o bicho exclusivamente literário, e vazio de cultura científica, como um animal sem possível classificação zoológica e sem direito a um lugar no mundo moderno. Reclamas essas cartas, essa antigalha; queres relê-las... Garanto que não aturas o Lobatinho daquele tempo, tão "suficiente" e pernóstico. Só me admira como daquele pedantinho saísse este Monteiro Lobato que até jubileu[154] está tendo – e merecidamente, diga-se entre parênteses. Um pai escreveu-me: "Com os meus agradecimentos pela cartinha que o senhor mandou em resposta à do meu filho Lindbergh, dou-lhe a notícia de que essa missiva está concorrendo enormemente para a cura do rapaz. Diz ele que ontem foi um dos dias mais felizes de sua vida." O menino estava no fundo da cama, convalescendo de doença grave, e minha carta fê-lo melhorar... Ora, evidentemente este sujeito taumaturgo vale muito mais que aquele magister dixit de Taubaté.

Mas entre o *magister* e o taumaturgo, entre o escritor aspirante e o escritor consagrado, outras facetas apareceriam ainda na correspondência lobatiana. Vejamos uma das mais importantes, talvez: a do editor revolucionário.

1906 (*Cf.* Anexo I) e que o próprio Rangel escrevera a Machado de Assis a 18 de janeiro de 1907. O original dessa carta encontra-se depositado no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras (Arquivo Machado de Assis – Academia Brasileira de Letras – Inventário; Série 2 – Correspondência Pessoal / Código de Referência: BR ABL AA MA cp; RANGEL, Godofredo. – (01 doc., 18/01/1907). Doc. nº111. Carta manuscrita). Os gestos de Lobato e de Rangel, escrevendo a Euclides, Machado e Júlia Lopes, parecem ser sintomáticos: a nova geração buscava legitimação junto à geração já consagrada nas letras.

[153] Possivelmente o drama de Henrique Raimundo Desgenettes (1801-1889).

[154] Referência à comemoração dos 25 anos de publicação de *Urupês*.

Editor revolucionário

Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literárias do país.

Monteiro Lobato,
Carta a Godofredo Rangel,
08 de julho de 1918

Sou uma pobre besta que trabalha, e nada mais.

Monteiro Lobato,
Carta a Gilberto Freyre,
s/d.

Com o dinheiro da venda da Fazenda Buquira – herdada, em 1911, com a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé, e na qual residira e trabalhara até então –, Lobato adquire, em julho de 1918, a *Revista do Brasil*, uma das publicações periódicas brasileiras mais importantes da época. Ao mesmo tempo, funda uma casa editora, da qual alguns volumes ainda serão editados, por algum tempo, sob a chancela da *Revista*, até que o nome *Monteiro Lobato & Cia.*[155] esteja firmado no mercado.

Monteiro Lobato foi um editor revolucionário. Esse se tornou um lugar-comum nas histórias do livro e nas histórias editoriais do Brasil, repetido à exaustão. Não é para menos: como todos sabem, se não foi o primeiro, foi o maior renovador do livro em nosso país, ao sistematizar diversos procedimentos editoriais, como a adoção de capas coloridas, ilustradas muitas vezes por importantes artistas – como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Paim, Juvenal Prado[156] –, que eram o avesso das amarelas brochuras francesas, o modelo editorial consagrado até então:

> Havia nessa época quatro ou cinco editoras no Brasil, cópias ou apêndices de editoras portuguesas, as quais, por sua vez, não passavam de cópias das

[155] Segundo Edgard Cavalheiro, "em março de 1919 a oficina está funcionando, e a firma registrada na Junta Comercial: 'Monteiro Lobato & Cia.'" (*Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, t.1, p.224). *Cf.* a respeito a tese de Doutorado de Cilza Carla Bignotto, intitulada *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, desenvolvida no IEL/UNICAMP sob orientação da Profa. Dra. Marisa Lajolo.

[156] Para um estudo aprofundado das capas e ilustrações no período, Cf. LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo – década de vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1985.

> francesas. As capas eram aquela coisa simples e repetida, a mesma cor, os mesmos tipos nos dizeres... Então resolvemos revolucionar também isso. Chamei desenhistas, coisa nova e escandalizante chamar desenhistas... Mandei pôr cores berrantes nas capas... E também mandei pôr figuras! Imagine, naquele tempo uma capa de obra de um grande escritor, todo circunspecto na sua sabedoria – algum herói da literatura – com figuras na capa...[157]

Mas se Lobato inovou no *como* editar, inovou também, e com muito mais relevância, no *o que* editar e no *como vender*. Em tom joco-sério, chega a afirmar a Godofredo Rangel, em carta de 08 de julho de 1918: "Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literárias do país."[158]

Num diagnóstico preciso do problema de distribuição do livro no Brasil, Lobato elaborou a famosa carta-circular que enviou aos quatro cantos do país, pedindo informações sobre estabelecimentos comerciais, aos quais posteriormente propôs o negócio do livro, sistema que expõe a Antonio Salles, em carta de 30 de novembro de 1918:

> Faz parte do meu programa uma seção editorial, por um sistema novo, que organizo. Pus, e estou pondo, a Revista, em contato com todas as cidadezinhas do Brasil onde haja uma livraria ou papelaria – já fichei 200 – e as obras editadas pela Rev. aparecerão nessas 200 casas ao mesmo tempo. Poucos exemplares, 3, 5, 10, conforme a importância do lugar – mas aparecerão, e serão adquiridas pelo menos em parte. Obterei assim uma difusão que ninguém supôs nunca possível. Já fiz a experiência com o meu livro, e o resultado foi que neste semestre (precisamente 5 meses) tiro dele 8.000 ex. em três edições.[159]

Aliás, frise-se que não é mero acaso que Lobato tenha lançado mão de uma carta para fazer mover sua máquina editorial: a correspondência era a espinha dorsal de todo o sistema editorial montado por Lobato, desde o sistema de venda por consignação, até a comunicação com representantes da editora nos Estados e com os editados. O objetivo de Lobato, com isso, era, conforme expõe a Antonio Sales, em carta de 09 de outubro de 1918, reunir a intelectualidade brasileira em torno da Revista do Brasil:

> Precisamos nos aproximar, pois, sobretudo agora que a Rev. do Brasil, nas minhas mãos, se tornou um centro propício.

---

[157] "Lobato, Editor Revolucionário". *Leitura*, ano I, nº 10, setembro de 1943, p.13, 32. Uma versão modificada dessa entrevista foi publicada em *Prefácios e Entrevistas* (São Paulo: Brasiliense, 1964, p.251-6).

[158] LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.2, p.174. Todas as citações serão transcritas dessa edição e tiveram a sua ortografia atualizada.

[159] Carta manuscrita, Correspondência a Antônio Salles, Col. AS / Cp 139 – fl. 3-4-5-6, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa.

> Trabalho por torná-la de fato a revista do Brasil, e não apenas sulista como tem sido, e também para congregar em torno dela todos os espíritos largos, todos os bons escritores que tenham idéias.[160]

Objetivo que será ampliado para toda a casa editora, conforme afirma a Câmara Cascudo, em carta de 05 de maio de 1922:

> Em Natal e Mossoró já temos vendedores, mas se nos indicasse livrarias (ou cousa equivalente) de Assú e Caicó, era favor, pois o nosso programa é não ter consignatários só onde absolutamente não for possível. Estamos já com 500 e muitos e não descansaremos enquanto não atingir o milheiro. É o meio de acabar com o regionalismo do comércio livresco, pois que as edições circularão pelo país inteiro e não só em certas zonas como era de praxe.[161]

Quanto aos editados, Lobato também seria consagrado como editor revolucionário. É o que vemos na carta a Antonio Sales, a 30 de novembro de 1918:

> Meu sonho, na Revista do Brasil é fazê-la crescer pelo país inteiro de modo a ligar todos os espíritos superiores; e pô-la a serviço deles, não só para a publicação das suas obras, como para a divulgação das anteriores, já publicadas. Não procuro reunir nela os medalhões. Entram velhos e novos, contanto que revelem valor.[162]

Lobato aparece aqui como o editor revolucionário, pois voltava de certo modo as costas aos autores consagrados, aos "medalhões", imagem que Lobato reivindicaria para si, reforçando-a, em entrevista de 1943:

> Passamos a aceitar somente autores novos. Nada de gente velha. De original sob o braço, queria falar conosco, olhávamos a cara, em lugar de ler originais... Gente nova? Publicávamos. Pagávamos os direitos, imagine que nós pagávamos os direitos, às vezes antecipados... Um escândalo, meu amigo! Mas, nada de velharias, medalhões, nada de acadêmicos com farda de general de opereta, do tempo de Luís XIV, armado daquela espadinha de cortar papel... Gente nova, de paletó saco, humilde nas suas pretensões mas, gente nova.[163]

---

[160] Correspondência a Antônio Sales, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa (Col. AS / Cp 139 – fl. 1-2).
[161] Carta de Monteiro Lobato a Câmara Cascudo, 05 de maio de 1922. Memorial Câmara Cascudo, Natal-RN.
[162] Correspondência a Antônio Sales, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa (Col. AS / Cp 139 – fl. 3-4-5-6).
[163] "Lobato, Editor Revolucionário", *cit.*, p.32.

Entre os *novos* estava o velho amigo Godofredo Rangel, que já havia publicado, na *Revista do Brasil*, entre maio de 1917 e janeiro de 1918, o seu romance *Vida Ociosa*. Em carta de 29 de agosto de 1918, é instado por Lobato a publicá-lo em livro – não sem antes sugerir algumas correções:

> Estive pensando no seguinte: é preciso editar a *Vida Ociosa* e a *Falange Gloriosa* – você é o homem dos "osas". O fato de o teu romance ter saído na *Revista do Brasil* corresponde a quase ineditismo. Ninguém lê essa maçuda e irrespirável revista cheia de cracas acadêmicas – Hélios, Mário e outros plagiadores da dureza da peroba. Que perobas! Estás ali e estás tão inédito como se te publicasse o *Correio Paulistano*. É indispensável vires a público em livro, porque o livro é como o germe que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda lá, pois, com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz, que está idiota e ninguém aceita e ainda ontem vi condenado por uma dama de faro apuradíssimo – e manda-mo.[164]

Rangel, cuja edição de *Vida Ociosa* sairia do prelo em fins de 1920, não seria o único *novo* publicado por Lobato remanescente do grupo do *Cenáculo* – o grupo de amigos oriundo da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco: "Vou editar o Ricardo em setembro – *Ipês*. Já temos, paridos pelo prelo, o Nogueira e eu; saindo você e o Ricardo, restará em estado interessante só o Albino com o seu tratado de psicologia. E o Cenáculo terá vencido, hein?" [165] Ricardo Gonçalves, que havia se suicidado em 1916, receberia como homenagem póstuma de Lobato a coleção e publicação, em 1921, de seus poemas e traduções sob o título de *Ipês*. José Antônio Nogueira publicaria, também em 1921, *País de ouro e esmeralda* e, em 1922, *Sonho de gigante*. Raul de Freitas, sob o pseudônimo de Antônio Lavrador, publicaria, em 1923, *Sonetaços*.

Além dos amigos do Cenáculo, Lobato publicaria também os versos de um conterrâneo seu: o poeta taubateano Cesídio Ambrogi (1893-1974). Inicialmente, na *Revista do Brasil*:

> Recebi tua carta e o livro, que já li quase todo com grande encanto. Palavra! Só agora me convenci plenamente do delicioso poeta que és. Há coisas lindas, lindas, no livro, e vou já escolher uma porção delas para dar na Revista, com uma nota a respeito. [...] Outra coisa: não me chame <u>mestre</u> – não sou mestre de coisa nenhuma, e sim um jeca como você e os outros. Não use cerimônias comigo. Tire o paletó e peça o pito.[166]

"Não me chame de <u>mestre</u>"... O *magister* de outrora arregaçava as mangas e punha as mãos nos prelos. Os versos de Ambrogi não foram publicados de imediato na *Revista do Brasil*, o

---

[164] *A Barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.180.
[165] Carta a Godofredo Rangel, datada de 29 de agosto de 1918 (*A Barca de Gleyre*, *cit*., p.180).
[166] Cópia xerográfica de manuscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3687.

que motivou a reclamação do poeta. Ao que Lobato retorquiu, a 14 de maio de 1922

> Recebi sua carta de 13 e em resposta cumpre-me informá-lo que recebi há tempos os seus lindos versos e os passei ao Breno Ferraz, que é quem governa e dirige a Revista do Brasil da qual sou eu um velho diretor aposentado, sem função e quase que simples leitor. Se ele ainda os não publicou é que há, como sempre, acúmulo de originais chegados antes dos seus. Mas a sua vez chegará. Sempre que quiser algo da revista deverá dirigir-se ao Breno, que é quem manda e desmanda.[167]

Possivelmente, Lobato tenha intervindo em relação à publicação dos versos, que sairiam estampados no número de outubro do mesmo ano de 1922. Posteriormente, os poemas de Ambrogi seriam publicados em livro, a partir dos termos da carta-contrato de 15 de dezembro de 1922:

> Em resposta à sua carta de 12 deste, dirigida ao nosso sócio Dr. Monteiro Lobato, temos a lhe informar que podemos editar o seu livro, numa tiragem de 1.500 exemplares, feito a capricho. Como os livros de versos são de pouca saída, propomos editá-lo dando ao autor 300 exemplares, em paga dos direitos autorais para essa edição.[168]

Seguindo a sugestão do editor, o poeta publicaria seus versos sob o título de *As moreninhas* (São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1923, 127 p.).

Mas os olhares do editor não se voltavam apenas para os amigos. Logo após a aquisição da *Revista do Brasil* Lobato, num tom bem humorado, mas em que se percebe a admiração e respeito pelo destinatário, convida Lima Barreto, em carta de 02 de setembro de 1918, a escrever para o periódico:

> Prezadíssimo Lima Barreto.
> A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo.
> Aguardamos, pois ansiosos a resposta, uma resposta favorável.
> Do confrade
>
> Monteiro Lobato

[167] Cópia xerográfica de manuscrito. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3686.
[168] Cópia xerográfica de datiloscrito original assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3684.

P.S. – Pelo amor de Deus, leia e rasgue isto. L.[169]

Admirador declarado do escritor carioca, Lobato proporia, em carta de 15 de novembro do mesmo ano, a publicação de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* em condições extremamente vantajosas para Lima Barreto – o que, salvo melhor juízo, não proporcionou a ninguém mais:

> A *Revista do Brasil* tem muito gosto em editar essa obra e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 pgs mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se o livro a 2$000 ou no máximo a 2$500; neste caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando.
> Podemos fazer mais outra proposta: a *Revista* explorará a primeira edição tirada nas condições acima, mediante o pagamento de 800$000 no ato da entrega dos originais e a outra três meses depois de saído o livro.[170]

Aliás, sobre a edição do livro, diria Lobato a Rangel, em carta de 24 de novembro de 1918:

> Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, *Isaías Caminha*. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para edição dum livro novo, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujos originais já estão aqui. A letra é infamérrima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que pára para "destripar o mico". Mas quanto talento e do bom![171]

A correspondência com Lima Barreto girará em torno do processo de edição de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Originais datilografados para cá, provas revistas para lá, as cartas de Lobato, na verdade curtos e apressados bilhetes[172], reduziam-se às questões práticas de seu *métier* de editor. Por essa época, Monteiro Lobato falaria do excesso de trabalho em cartas a Godofredo Rangel, como na carta de 1º de maio de 1919 – "recebo cartas de toda parte e vou me reduzindo à epistolografia telegráfica. Zás, trás – pronto!" –, o que pode corroborar não só o intenso ritmo de trabalho da editora, mas também o estilo sintético, "telegráfico", a que se reduzia a correspondência do escritor investido da função de editor. Ou, pelo menos, indica que até mesmo para o seu mais assíduo correspondente Lobato reservaria as mesmas

[169] BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Introdução, seleção e notas de Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1998, p.247. Todas as cartas de Lobato a Lima e de Lima a Lobato serão transcritas desta edição.
[170] *Id.*, p.247-8.
[171] *A Barca de Gleyre*, *cit.*, t.2, p.186.
[172] Consultados os manuscritos originais, depositados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vê-se que muitos desses bilhetes eram escritos em cartões de visita, o que também condicionava a extensão da mensagem.

justificativas. Assim, não apenas a Lima Barreto escrevia cartas breves ou bilhetes, mas a todos com quem mantinha correspondência. Como diria a Rangel, em carta de 20 de fevereiro de 1919, logo após a publicação do romance de Lima Barreto, Lobato se sentia tomado pelos negócios, dominado pelos afazeres comerciais, "no caminho da bestificação":

> Ontem saiu o romance do Lima Barreto; sai hoje o primeiro da série Martim Francisco – e quantos na bica! O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. [...] Há mil coisas a atender, e o tempo voa e não dou conta do serviço. Ah, os belos dias contemplativos da fazenda! Começo a não ler nada, estou no caminho da bestificação.

A despeito dos inúmeros afazeres que o retinham na editora, Lobato encontraria tempo, nos últimos dias do ano de 1918, para uma longa carta a Lima Barreto, onde, mais uma vez, transparece a admiração do editor pelo escritor carioca. A carta se abre como os pequenos bilhetes anteriores, com questões práticas em torno da edição do *Gonzaga de Sá* – "recebi as últimas provas, e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro" –, assunto que será retomado na conclusão, antes da despedida – "mando-te as primeiras provas para veres como vai ficar a coisa. Queres dar-te ao trabalho duma revisão final, ou..." No corpo da carta, apesar do olhar voltado para as questões editoriais – a qualidade das edições, tiragens –, o Lobato admirador de Lima Barreto por duas vezes se deixa entrever, no adjetivo "precioso" que destina primeiramente à obra em geral do escritor carioca – "que obra preciosa estás a fazer!" – e, depois, especificamente em relação aos comentários recebidos pelo romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*: "e o *Policarpo*... Acabada a leitura, o comentário é sempre o mesmo e o mais precioso de todos: 'É isto mesmo!' – comentário que não pilha muito imortal famoso senhor de grossa bagagem romanesca." Em carta de 22 de fevereiro, após uma breve saudação – "Saúde" –, o editor, sem rodeios, informa:

> O livro está pronto. Remeti-o hoje para todas as livrarias e agentes da Revista (cerca de duzentos) e maneira que a penetração se fez em regra, com 2.000 exemplares de um baque. Mando-lhe vinte exemplares para distribuir entre os críticos do Rio e jornais. Querendo mais, peça. Para os jornais de São Paulo e resto do Brasil, já remetemos.[173]

Ao fim, admoesta o destinatário: "você precisa fazer aí propaganda da *Revista* e nela

[173] BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro...*, *cit*., p.254.

farei do livro." A divulgação da *Revista do Brasil* acarretaria, em conseqüência, a do livro de Lima Barreto. Com isso ganhariam o autor e o editor.

De um lado, o escritor Lima Barreto, imerso num antigo e intenso sentimento de proscrição perante a sociedade, ansioso pela atenção do editor, cobra-lhe respostas mais rápidas do que a sua atividade de editor e a velocidade dos Correios poderiam permitir. De outro, aparece o editor Monteiro Lobato, em suas cartas, imerso nos afazeres da editora[174], movendo os inúmeros fios da máquina editorial que concebera. Assim é a carta de Lobato a 19 de março de 1919, respondendo à carta datada do dia anterior, em que Lima Barreto se queixava de "não ter até hoje resposta de três sucessivas cartas que te escrevi":

> Amigo Lima.
> Já te respondi creio até que duas vezes. Tenho lido as primeiras críticas aparecidas e aqui vão as daqui. Começam a falar do livro, começam apenas. A Revista a sair no dia 25 abre a bibliografia com ele – e insistiremos; quero até dar um pedaço de capítulo.
> Não saiu no último número porque a parte bibliográfica já estava composta quando o livro foi posto na rua. Que diabo de interpretação maluca deu você ao caso[175]? Olhe que os interesses do editor e os do autor andam de braços dados...
> Adeus e nunca faça mau juízo de quem tanto o aprecia como é este amigo
> Lobato

Essa carta ainda não chegara ao destinatário, e novamente Lima Barreto escreveria a Lobato a 20 de março. E ainda uma outra a 21, quando acusa o recebimento da carta de Lobato escrita a 19, e se desculpa por suas "apreensões malucas": "não repares nas minhas apreensões malucas (carta tua, que recebi hoje em casa). Sou assim e a vida me aparece cheia de gênios maus e de feitiços. Se, ao menos, eu ainda acreditasse em exorcismos de candomblé, mas..." A sucessão quase cotidiana das cartas de Lima Barreto ao editor Monteiro Lobato, que não conhecia pessoalmente – e que jamais chegou a conhecer – indica a crônica ansiedade de que padecia, e de que nenhum correspondente, por mais assíduo que fosse, poderia dar conta.

---

[174] Não só nas cartas, mas também noutros textos, de origem que poderíamos considerar insuspeita, como na entrevista concedida a Oswald de Andrade para o primeiro número da revista *Papel e Tinta*, a 31 de maio de 1920, em que Lobato aparece "em mangas de camisa, à americana", amarrando os volumes da *Revista do Brasil* para serem remetidos pelo correio: "cintava com admirável habilidade os volumes iguais e cinzentos da *Revista do Brasil*" (entrevista transcrita em: AZEVEDO, Carmen Lúcia de , CAMARGOS, Márcia , SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p.125-9) Efetivamente presenciada por Oswald, ou fruto de sua imaginação, a cena pinta de modo bastante verossímil como deveria ser a atuação cotidiana do Lobato editor.

[175] Na carta de 18 de março, Lima Barreto teria sugerido sofrer alguma espécie de preterição: "sem atinar com o motivo por que não possas querer dizer nada sobre o meu trabalhinho para a *Revista do Brasil* enviado, fiz a suposição de que ele não estava bom ou não se coadunava com a orientação da mesma" (BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*, *cit*., p.258).

Lembre-se, nesse passo, o início da correspondência entre o editor Gaston Gallimard e o escritor Marcel Proust. Proust, após enviar duas cartas ao editor, num período de apenas quatro dias[176], receberia uma resposta de Gallimard, à qual responderia:

> Finalmente recebo uma notícia sua. Como nem meus mensageiros, nem meus telefonemas, nem os de Bibesco conseguem encontrá-lo, resigno-me a lhe pedir por carta as informações que o senhor poderia me dar de viva voz.[177]

Ao que o paciente editor responderia, a 8 de novembro:

> Lamento que o senhor pudesse pensar em negligência ou em indiferença de minha parte. Eu lhe escrevi assim que retornei a Paris. Seus telefonemas não foram atendidos porque estou ausente de casa de manhã e à tarde, passando a maior parte do tempo na Revista, e nunca faço as refeições em casa. Estou, repito-lhe, à sua disposição, caso o senhor queira me chamar, um dia destes, por volta de 6h30min – 7h, pois parece que esse horário lhe convém.[178]

Diante de caso tão semelhante ocorrido entre Proust e Gallimard, seria mera negligência de Lobato em relação a Lima Barreto, ou o registro do difícil relacionamento entre a ansiedade do escritor e os inúmeros afazeres do editor? Poderíamos afirmar, como Adorno sobre a correspondência de Stefan George e Hugo von Hofmannsthal, que não são de Lobato, mas sim de um editor benevolente as cartas que Lima Barreto recebe.[179]

Contudo, o excesso de afazeres na editora e a pilha de papéis sobre a mesa poderiam também, em alguns casos, funcionar como um bom pretexto para escapar de situações delicadas. Em carta de 27 de abril de 1921, Lobato escreveria a Artur Neiva elaborando um balanço dos negócios da editora:

> S. Paulo esvaziou-me, e agora só cuido da parte comercial da vida apressando a ereção de pedestal econômico que permita mais tarde as fugas longas, propícias à recarga de pilhas. Neste momento, por exemplo, penso em reorganizar a emprezinha, admitindo novos sócios para aumento de capital, que subirá a 500 contos e me permitirá uma corrida a 100k por hora.

---

[176] A primeira carta enviada por Proust data de 2 de novembro de 1912; a segunda, de 5 de novembro.
[177] PROUST, Marcel, GALLIMARD, Gaston. *Correspondência*. Introdução de Pascal Fouché; tradução de Helena B. Couto Pereira. São Paulo: Ars Poetica / Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p.40.
[178] *Id.*, *ibid.*, p.43.
[179] Stefan George "se encontra na posição de editor do mais jovem. Não é de George, mas sim de um editor benevolente, que se esperam as seguintes frases: 'Recebi e li os seus poemas, que agradeço. O senhor quase não consegue escrever uma estrofe que não nos enriqueça com uma nova sensação e uma nova sensibilidade'." ("George e Hofmannsthal – correspondência: 1891-1906". *In*: ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p.187-8).

> Terminei já o período de experiência editorial e convenci-me que o negócio é absolutamente seguro – e de um futuro grandioso. Basta lhe dizer que nestes primeiros 4 meses, com os simples recursos da casa (oriundos, como sabe, de um livro) perfizemos 215:000$000 de mercadoria, brutos, ou sejam 75.000 volumes. E é mercadoria de saída segura e intensa. Ora isto absorve-me inteiramente. Mas admitindo mais 200 contos de capital as cousas me folgam e poderei pensar no resto de obra que pretendo escrever.

Talvez pretendesse, com essa carta, que Neiva se animasse a ser um dos "novos sócios" que estavam sendo admitidos para o aumento do capital. E foi cuidando somente "da parte comercial da vida" que Lobato escreveria a Neiva a 24 de abril de 1922:

> ontem, estando com o Fontoura[180], aproximou-se o Reis e aderiu ao café. Contou-me que recebera carta sua, queixosa das viagens diárias a que o serviço em Manguinhos o obriga. Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito, e sobre o erro que o Sr. comete persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tiram partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia, montando um laboratório aí ou aqui, fazer uma carreira econômica rápida. Não vê o Fontoura como está próspero? O próprio Afrânio só no Fontoura já tira mais de um conto por mês, e disse-me o Fontoura que breve tirará duas, três, quatro vezes mais. Porque o Sr. não pensa nisto? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta própria aqui em S. Paulo, p. ex. que clientela enorme não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa da vitória, porque provinda de iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho para isso?

Neiva parece ter ficado ofendido com a sugestão de Lobato. Numa carta bastante polida, mas em que se percebe uma certa indignação, Neiva diria a Lobato, a 08 de maio de 1922:

> Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Imensas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria, bem sei. Tal liberdade se faria, no entanto, à custa do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos, onde cheguei peregrinando qual novo Tannhäuser, e consoladoramente também vi o milagroso reverdecer do ressequido cágado que me acompanhava. Que se procura na vida, meu bom amigo? A felicidade? Essa, porém, eu a encontrei no lar. Minha companheira, os 2 filhos, algumas árvores, livros, música à noite: eis o meu paraíso doirado. A vida me tem sido áspera por vezes e periodicamente trago goles de fel que me fazem amargo dias seguidos, são vaivéns naturais do viver; mas até hoje, o meu lar tem sido o encantado ninho de sempre e onde me retempero. Quanto vale tal riqueza? No

[180] Cândido Fontoura da Silveira (1885-1974), amigo e correspondente de Monteiro Lobato, inventor do famoso "Biotônico Fontoura".

> cinturão, guardo ainda um furo para quando a necessidade for mais premente.[181]

Lobato, por sua vez, parece ter se sentido incomodado com a carta. Teria cometido uma indiscrição? Teria abusado da amizade de alguém tão importante como o Dr. Neiva? O que responder? Acaba se decidindo pelo que parece ser uma evasiva, a 20 de maio de 1922:

> Recebi uma carta sua, longa, e comecei a lê-la quando alguém me interrompeu. Foi um dia de muito movimento cá. Pois há de crer que essa carta desapareceu de minha mesa, misteriosamente? Dei uma busca em regra, repeti a busca – inútil. O Saci, um espírito qualquer entrou cá e "soverteu" a carta. É assim que respondo à sua última para dizer esta coisa estranha – que a recebi, mas não fui além das primeiras linhas.

Efetivamente perdida a carta de Neiva no burburinho da editora, ou a confusão da mesa seria um bom pretexto para evitar insistir num assunto que tanto melindrara o destinatário? O que importa é que a imagem do editor atarefado ainda aqui se faz presente.

Fosse para justificar a falta de tempo para a correspondência, como para Lima Barreto, fosse para explicar – ou servir como pretexto para – a ausência de resposta a uma longa carta recebida, como para Artur Neiva, o fato é que a imagem do editor em meio ao excesso de trabalho se reforça.

Trabalho que se traduzia em várias atitudes. Uma delas, por exemplo, era o convite à colaboração e divulgação dos trabalhos da *Revista do Brasil* e da Editora. É o que vemos, por exemplo, na carta endereçada a Alberto Rangel, datada de 06 de janeiro de 1919:

> Havemos de vencer. Para isso pedimos o concurso de quantos tem no sangue uma parcela de sangue do manchego – e são mais do que se supõe. Pedimos aos amigos a contribuição duma simpatia ativa, resumida praticamente em recomendá-la aos seus conhecidos de modo a alistá-los sob as nossas bandeiras. Agora que tivemos a felicidade de nos pormos em contato com um espírito dos que mais honram o nosso país, merecendo dele uma carta que é um prêmio, fazemos questão de ver nossas páginas iluminadas pelas suas fortes idéias. Contamos com a colaboração do autor do INFERNO VERDE. Porque não nos manda um capítulo do livro a sair? Seria um bom meio de anunciar ao Brasil a nova manifestação da sua pujante individualidade mental.[182]

[181] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 16, datado de 08 de maio de 1922 (CPDOC/FGV). Trata-se de um rascunho escrito a lápis, com todas as idas e vindas da escrita. A versão transcrita acima recupera somente o texto não rasurado.

[182] Carta de Monteiro Lobato a Alberto Rangel (Arquivo Nacional, Fundo Alberto Rangel, Caixa 13, Pacote 8). A ortografia foi atualizada.

Ou então no cartão manuscrito, do ano de 1920, a Rodrigo Otávio Filho, em que pergunta: "Então? Não metes o pau no salão deste ano?" [183] Rodrigo Otávio Filho havia escrito artigos para a *Revista do Brasil* sobre os salões de arte de 1918 e de 1919.[184]

Ou ainda a Luís da Câmara Cascudo, a 26 de setembro de 1920:

> Recebi sua de 14, com prazer duplo pois anuncia que vai mandar suas impressões do sertão para a revista. Muito bem. É isso mesmo que ela quer: impressões pessoais, diretas, sobre as nossas coisas e não-variações sobre um tema em si bemol – regra da nossa produção literária, e mal tremendo. Venha, pois, de lá isso, e bem recheado de observações, "causos", anedotas, etc. e bem recendente ao sabor da terra. O mal do Brasil é conhecermo-nos mal, e pior ainda às nossas cousas. [185]

Outra prática comum do editor Monteiro Lobato: a sugestão de mudança de título. É assim que diagnosticaria uma causa para a baixa vendagem do romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em carta a Lima Barreto datada de 23 de novembro de 1919: "O teu livro sai pouco, sabe por quê? O título! O título não é psicologicamente comercial. Um bom título é metade do negócio. Ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido." Ou então a Cesídio Ambrogi, para a publicação de seu livro de poesias:

> Recebi tua carta e o livro, que já li quase todo com grande encanto. [...] Quanto a editá-lo, apesar de estarmos aqui entupidos de serviço, faço questão de fazer o livro numa linda edição. Não acho bom o título; um tanto pretensioso. Precisamos descobrir um melhor. Os títulos femininos são os melhores; falam à libido do homem – e forçam a saída. <u>As Moreninhas</u>, ótimo título. Ou coisa assim, que dê a entender que há mulheres lindas dentro. [186]

O mesmo encontramos em carta a Alberto Rangel, datada de 09 de junho de 1923:

> Lume e Cinza! Linda coisa deve ser! De mau título, porém. Nosso povo ledor avança de preferência em livros de títulos femininos. Imagina logo que há uma mulher dentro que faz das suas. Sou *freudista*, e aplico a teoria do alemão na capa dos livros. Título é o primeiro contato e se fala à libido do freguês ele logo o compra. Não imagina como saem mais os livros de títulos mulherengos que os de

[183] Correspondência a Rodrigo Otávio Filho (Col. R. O. F. / nº258), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa. A ortografia foi atualizada.
[184] "Salão de 1918". *Revista do Brasil*, ano III, vol. IX, nº 34, p.305-10; "O Salão de 1919". *Revista do Brasil*, ano IV, vol. XII, nº45, setembro de 1919, p.44-51.
[185] Carta de Monteiro Lobato a Câmara Cascudo. Memorial Câmara Cascudo, Natal, RN. A ortografia foi atualizada.
[186] Cópia xerográfica de manuscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3687.

> títulos másculos, ou abstratos. Se eu escrever uma tabela de logaritmos, um dia, hei de intitular: *Aventuras de uma semi-virgem*. E derroto o Callet[187].
> Mude o título do Lume. Ponha, p. ex., *As mulheres do Landou*, e o livro sairá 5 vezes mais. A objeção de que tal título nenhuma relação tem com a obra, não procede. Título é nome, é designação. E que relação tem os nomes próprios com as pessoas que o trazem? Eu sou José, como poderia ser João ou Antonio. V. é Alberto como seria Teodoro. Porque mudar de sistema ao passar de homem a livro? [188]

Outra atitude, ligada ao mister do editor, era a recusa de publicação. Vista com antipatia pelos candidatos à edição, era, contudo, atitude absolutamente necessária; pois, como pondera a Lima Barreto, em carta de 05 de março de 1922, "não é só editar – é mister vender, e a venda é sempre lenta, horrorosamente lenta. Edita-se um livro em dois meses: para vendê-lo, dois anos". Ou então a Edgard Roquette-Pinto, que lhe havia proposto a publicação de um livro de poesia:

> Tenho editado alguns livros, mas só gênero comercial – ficção, contos etc. Outras edições saídas daqui – livros de Eugenia etc. – são de parceria com o autor. Tinha deliberado não editar verso, que é gênero de pouca saída para sobreprodução, e agora V. me põe em embaraço com os teus. Porque o admirador e amigo edita; mas o raio do editor, sempre com vistas voltadas pª. o lado pecunioso da coisa, franze o nariz.[189]

Note-se que a personalidade de Lobato se duplica: o admirador e amigo editaria os versos, mas como é mister vender, o editor franze o nariz e não publica.

Também vemos a recusa de publicação em relação à proposta de publicação de algumas conferências do diplomata e historiador Oliveira Lima[190], proposta por Gilberto Freyre, em carta de 04 de abril de 1923:

> Pede-me o Oliveira Lima que lhe escreva a respeito da tradução das conferências de Williamstown: deseja V. editar a tal tradução? O Oliveira Lima quer que eu seja o tradutor ou, no caso de não ser isto possível, fará ele próprio a tradução, ditando-a a um amanuense. Conheço as conferências no original, parecem-me interessantes, mesmo para o Brasil.

---

[187] Jean-François Callet (1744-1799), matemático francês, autor de uma *Tábua de logaritmos*, obra considerada das mais exatas e abrangentes do gênero.
[188] Carta de Monteiro Lobato a Alberto Rangel (Arquivo Nacional, Fundo Alberto Rangel, Caixa 13, Pacote 8). A ortografia foi atualizada. *Lume e cinza* sairia pela Livraria Scientifica Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1924.
[189] Cartas a Roquette-Pinto. Arquivo Roquette-Pinto, Centro de Memória, Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro – RJ).
[190] Lemos, em carta de Oliveira Lima a Gilberto Freyre, em 04 de janeiro de 1923: "Há muito estou privado de notícias suas. Nem sei se recebeu o livro sobre a Independência que de Viena lhe remeteu para Oxford o Dr. Freitas Valle, nosso secretário ali, juntamente com todas as conferências que o Sr. se prestará a traduzir para serem editadas pelo Monteiro Lobato" (GOMES, Ângela de Castro (org.) *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005, p.160).

> Informam-me que V. está com mais de 100 livros contratados – uma notícia que me espanta e me horroriza.[191]

A edição das conferências de Oliveira Lima foi recusada pelo editor. Talvez Lobato estivesse começando a preocupar-se com o gigantismo da Monteiro Lobato & Cia., e a dificuldade em liquidar os estoques acumulados. É o que vemos numa carta sem data enviada a Freyre, que se inicia com a retomada do final da carta recebida:

> É verdade. Mais de cem. Cento e tantos! No Brasil o que falta são leitores. Escritores há a dar com pau. Poetas, então, que castigo! É preciso colocar-se uma pessoa na posição em que me coloquei – remanso de rio para onde a corrente traz tudo quanto flutua, para saber disto: há cá poeta e meio por quilômetro quadrado. E 99% são quadradíssimos. A luta para impedir a invasão! Só isto dá jus de canonização aos pobres editores.
> O Lima escreveu-me. Eu não conheço as conferências. Recebi-as em inglês e corri os olhos – não há tempo para nada. Mas não creio que elas interessem à nossa gente. A nossa gente é muito mais idiota do que eu tenho dito nos meus livros (isto cá entre nós). E eu tenho a impressão que encruei o estômago do país com o milhão de exemplares que lancei. Estou a refrear o enxurro. Se damos muito que ler ao povo, e ele se mete a "pensar", como prêmio inevitável da leitura, temo que morra, como o outro. Por isso não me animo a aceitar a proposta do Lima, apesar da grande estima em que o tenho. Este ano, por exemplo, tenho que trabalhar sem tréguas para despejar o meio milhão de exemplares já contratados. Isso me impede de aceitar outras cousas senão aquelas de seguríssima saída, v. g. pornografia.[192]

A notícia seria dada por Freyre ao interessado, Oliveira Lima, em carta de 17 de abril de 1923:

> Acabo de receber carta de Lobato, a quem logo escrevi acerca da publicação de sua conferência em edição portuguesa. Diz que o estado do público que lê (cujo estômago ele teme ter encruado com os muitos livros que vem editando) não o anima a editar as conferências. Creio, pois, que o melhor será editá-las aí e prezo que, ditando a tradução a um datilógrafo, o senhor poderá fazer o trabalho mais rápido do que eu.[193]

Gilberto Freyre aguardou a resposta de Oliveira Lima, um tanto desgostosa, em carta de 14 de maio ("Agradeço a sua de 17 abril. A resposta do M. Lobato não me supreendeu. Somos a gente do mundo mais fértil em promessas e menos dotada de sinceridade na nossa

[191] Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL – UNICAMP (MLb 3.2.00308).
[192] Fundação Gilberto Freyre, Série Correspondência, Cartas de Monteiro Lobato a Gilberto Freyre, GF / CR271p2doc3. Manuscrito sem data; a carta, contudo, deve ter sido escrita entre 4 de abril de 1923 – data de carta de Gilberto Freyre a Monteiro Lobato propondo o livro de Oliveira Lima – e 17 de abril de 1923 – data de carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, informando da recusa de Lobato ("Acabo de receber carta de Lobato[...]").
[193] GOMES, Ângela de Castro (org.) *Em família...*, *cit.*, p.171.

aparente bonomia" [194]), para só então responder a Lobato, a 26 de maio de 1923:

> Recebi sua carta. Suas razões de editor, quanto às conferências do Oliveira Lima, acho-as justas e de peso. Sinceramente: no seu caso faria o mesmo. – Mas meu caro Lobato, V. está sendo muito liberal – *too easy* – com essa nossa gente besuntada de literatice e atacada da fúria epiléptica de fazer livro.[195]

A advertência de Gilberto Freyre – "mas meu caro Lobato, V. está sendo muito liberal – *too easy* – com essa nossa gente besuntada de literatice e atacada da fúria epiléptica de fazer livro" – revela um caráter premonitório bastante interessante. Basta lembrar que, pouco mais de um ano depois, como se sabe, com os racionamentos de energia e as dificuldades advindas da Revolução de 1924, os problemas de Lobato se agravariam e o levariam a pedir a falência no ano seguinte.

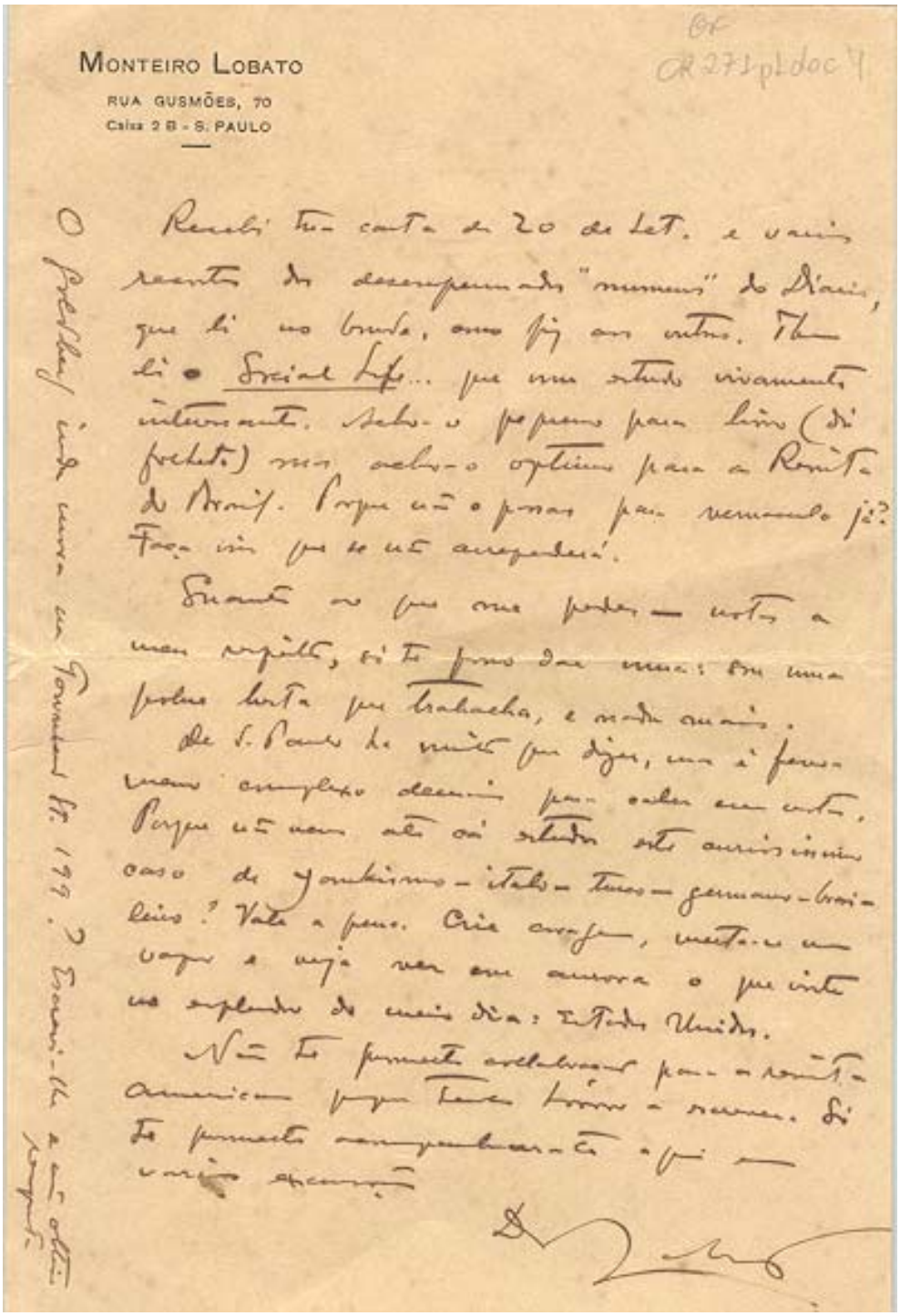
O próprio Gilberto Freyre também havia proposto a edição de um livro pela casa editora de Lobato: a edição de sua dissertação *Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century*. Lobato proporia a edição to texto como artigo para a *Revista do Brasil*, sugestão que não teria sido aceita pelo autor:

> Recebi tua carta de 20 de Set. e vários recortes dos desemprumados "números" do Diário[196], que li no bonde, como fiz aos outros. Tbem li o Social Life... que um estudo vivamente interessante. Acho-o pequeno para livro (dá folheto) mas acho-o ótimo para a Revista do Brasil. Porque não o passas para vernáculo já? Faça isso que se não arrependerá.
> Quanto ao que me pedes – notas a meu respeito, só te posso dar uma: sou uma pobre besta que trabalha, e nada mais.[197]

Carta escrita às pressas, segundo todos os indícios: Lobato abre mão das formalidades iniciais da carta (saudações, vocativos), lança mão de diversas abreviações (Set., Tbem.), além do auto-retrato solicitado pelo destinatário ("sou uma pobre besta que trabalha, e nada mais"). Tudo isso, um reforço de sua imagem como editor sobrecarregado de afazeres. E, novamente aqui, como na carta sobre as conferências de Oliveira Lima, as razões do editor é que se expunham para a recusa da publicação em livro.

---

[194] *Id.*, *ibid.*, p.172.
[195] Manuscrito original depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL – UNICAMP (MLb 3.2.00311).
[196] Referência aos artigos da coluna "Da outra América", mantida por Freyre no *Diário de Pernambuco*.
[197] Manuscrito sem data. O texto da dissertação, em inglês (FREYRE, Gilberto. *Social life in Brasil in the middle of the 19th century*. New York: Ed. Autor, 1922), está disponível em http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social_life.htm Acesso em 05 março 2006. O original da carta está depositado na Fundação Gilberto Freyre, Série Correspondência, Cartas de Monteiro Lobato a Gilberto Freyre, GF / CR271p2doc4.



MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
Caixa 2 B - S. PAULO

GF
CR271p1doc4

Recebi tua carta de 20 de Set. e vários recortes do desempenado "mumus" do Mário, que li no bonde, como faço com outros. Também li o Social Life... que um estudo vivamente interessante. Acho-o pequeno para livro (de folhetos) mas acho-o optimo para a Revista do Brasil. Porque não o pedes para remetido já? Faça isso que se vê arrependerá.

Quanto ao que me pedes — volta a mesa repetida, é tão fora das nossas: Em uma pobre luta por trabalho, e nada mais.

De S. Paulo te muito que dizer, mas é forma mais completo deserto para coisas em carta. Porque não vens até aí estudar este ambiente único caso de Yankismo - italo - Turco - germano - brasileiro? Vale a pena. Crie coragem, mete-te num vapor e vejo ver em aurora o que existe no esplendor de meio dia: Estados Unidos.

Não te prometo arranjar para a revista americana porque tenho horror a promessas. Só te prometo acompanhar-te o fio — com muita atenção.

O prefácio ainda vem em Fevereiro. Estou-lhe a dar retoques.

Carta de Monteiro Lobato a Gilberto Freyre, sem data. Fundação Gilberto Freyre, Série Correspondência, Cartas de Monteiro Lobato a Gilberto Freyre, GF / CR271p2doc4.

A resposta insatisfeita de Oliveira Lima a Gilberto Freyre faz lembrar ainda um outro caso célebre de recusa do editor Monteiro Lobato: o da edição de *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade. Segundo Marcos Antonio de Moraes,

> Oswald de Andrade se encarregara de levar os manuscritos de Paulicéia desvairada de MA a José Bento Monteiro Lobato (1882-1948). Caberia ao editor, estupefato diante dos poemas, a exigência de uma explicação inicial do livro, à qual MA responde prontamente com o "Prefário interessantíssimo". Lobato ainda recua temendo perder a clientela burguesa e não edita MA.[198]

É o que lemos na carta datada de 17 de setembro de 1921:

> Estive relendo a tua Paulicéia e... fiquei sem coragem de editá-la. Está uma coisa tão revolucionária que é capaz de indignar a minha clientela burguesa e fazê-los lançar terrível anátema sobre todas as produções da casa, levando-nos à falência. Não sou dos menos corajosos, mas confesso que neste caso a coragem falece-me por completo... Acho que o melhor é tu mesmo editares o vermelho grito de guerra.
> Vamos. Resolve lá este caso.

Na própria página datiloscrita, encontramos a anotação a lápis de Mário de Andrade:

> Respondido:
> S. P. 18/9/921
> Lobato
> Previsão utilíssima. Peço entregar manuscrito ao portador.
> "Addio, senza rancore."
> Mário de Andrade [199]

Note-se que a carta de Lobato não fora escrita por um escritor passadista, irritadiço com o que poderia considerar exageros dos modernistas, mas sim por um editor cauteloso, que tinha como preocupação principal a sustentação financeira de sua casa editorial.

Um outro caso de recusa teria conseqüências bem mais drásticas. Lemos em carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, de 31 de maio de 1923:

> Os meus poemas estão nas mãos do Lobato. [...]
> O Lobato fechou contrato comigo desde agosto do ano passado. Todavia até agora, nada. Ele diz que verso não é negócio, é negocinho. Que isso de versos é bucha, sejam péssimos ou excelentes.
> Se o Lobato desistir de editar-me, não aparecerei mais a público senão em revistas: não tenho dinheiro nem paciência nem gosto para me editar a mim próprio.[200]

---

[198] MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.95, n.37.
[199] Série Correspondência de Mário de Andrade – IEB/USP (MA-C-CPL4330).
[200] MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, *cit.*, p.94.

Dois meses depois, a 27 de julho de 1923, Bandeira escreve novamente: "Estive aqui com o Monteiro Lobato que me prometeu muito meter agora a prelo o meu livro. Estou à espera."[201] Mais dois meses se passam, até que lemos, a 24 de setembro de 1923:

> O Lobato acaba de me roer a corda, comunicando-me que não editará mais os meus versos, para a publicação dos quais ele se comprometera formalmente há mais de um ano, compromisso esse várias vezes renovado, sendo que o último não data ainda de um mês. É um canalha, cuja palavra não merece fé. E como não posso confiar que ele me devolva os originais com a devida cautela para que não se percam no correio, peço-te, meu caro Mário, o grande favor de passares pelo escritório da firma Monteiro Lobato & Cia., Gusmões 70, a fim de te serem entregues os meus manuscritos. Nesse sentido vou escrever para lá. [...] Peço-te ainda que, se estiveres com o Lobato, não converses a meu respeito, nada digas em meu favor e te limites a receber os originais. Quando estivermos juntos lerás a correspondência que justifica esse pedido assim como o juízo emitido atrás.[202]

Como se sabe, Ribeiro Couto acabou solidarizando-se com Bandeira, rompendo violentamente as relações com Lobato, que chegou a tentar uma reconciliação, infrutífera, contudo [203]. Marcos Antonio de Moraes observa que "a carta da empresa de Lobato a MB, entretanto não foi conservada no arquivo do poeta." [204] Curiosamente a carta não foi conservada, justamente a maior prova da canalhice do editor Lobato não teria sido conservada...

Canalha, mesmo? Ou um escritor momentaneamente investido das funções de editor? Gallimard não seria também um canalha na visão do ansioso Proust? O que não impediria Bandeira, 20 anos depois, de assinar a indicação de Monteiro Lobato à vaga de Alcides Maya na Academia Brasileira de Letras[205]. Mas essa já seria uma outra história...

---

[201] *Id.*, *ibid.*, p.97.

[202] *Id.*, *ibid.*, p.103.

[203] Em 21 de agosto de 2004, realizou-se em São Paulo o 2º Leilão de Livros Raros e Papéis Antigos, em que foi posta à venda uma carta escrita por Monteiro Lobato a Ribeiro Couto. Tudo faz crer que se tratasse dessa tentativa de reconciliação, conforme se conclui da descrição do lote: "32- Manuscrito. Lobato, Monteiro. Carta autógrafa assinada, sem data. Rara carta (escrita em papel personalizado com o nome e o endereço do autor timbrado no alto à esquerda) endereçada ao escritor Ribeiro Couto. Em estilo bastante pessoal, Lobato fala com o amigo sobre a relação entre eles: 'Couto, Venho propor-te paz. Queres?.....Quero-te tanto bem que teus insultos passam, não me deixam toxinas na alma..... Cordeal abraço. Lobato'." (Disponível em: http://www.foliorarebooks.com.br/ Acesso em 1º março 2006).

[204] MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, *cit.*, p.103, n.54.

[205] "Em data de 6 do corrente [outubro de 1944], findou o primeiro mês depois da declaração de se encontrar vaga a cadeira de Alcides Maya. Começou, pois, no dia 7, a vigorar o segundo período – destinado à apresentação das candidaturas por parte da Academia. Nesse mesmo dia, dava entrada na Secretaria da casa o seguinte documento: *Indicação – De acordo com o art. 18, § 1º do Regimento Interno indicamos para a vaga do nosso querido e saudoso companheiro Alcides Maya o nome do sr. Monteiro Lobato. – Sala das sessões, 7 de outubro de 1944. – Olegário Mariano, Menotti del Picchia, Viriato Correia, Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Múcio Leão, Oliveira Viana, Barbosa Lima Sobrinho, Clementino Fraga*" (*Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº 68, p.372).

Como vemos, na troca epistolar do editor Monteiro Lobato, a troca do mundo dos negócios. No vaivém postal, o toma-lá-dá-cá comercial. Contudo, lançar o olhar sobre esses documentos permite não só aprofundar e refinar os conhecimentos que temos sobre a atuação de um dos mais importantes editores brasileiros do século XX, mas também reavaliar e redimensionar, por meio de sua rede de sociabilidade – consubstanciada sobretudo na sua correspondência –, o lugar de um dos mais importantes escritores do início do século XX, considerado imprópria e injustamente, por parte da crítica tradicional – repetida e repisada ao longo dos anos – um escritor retrógrado e ultrapassado, condenado por suas posições, o que levou Oswald de Andrade, em certo momento[206], a considerá-lo o "Gandhi do modernismo".

Editor revolucionário? Talvez nem tanto. Mas a imagem que nos fica, construída a partir da leitura das cartas, é a de um incansável editor, trabalhando arduamente em torno do negócio que estabelecera, ao mesmo tempo em que intervém na publicação dos livros, sugerindo alterações, propondo títulos comercialmente mais atraentes, elaborando estratégias de divulgação e venda.

Mas o mister de editor iria se findar com a falência da Monteiro Lobato & Cia. em 1925. A partir de então, Lobato voltaria a ser reconhecido, nas letras nacionais, apenas como um escritor consagrado, e não mais como um editor revolucionário, a despeito de sua participação na nascente Companhia Editora Nacional.

[206] Trata-se do artigo intitulado "Carta a Monteiro Lobato", publicado na imprensa em 1943, pela ocasião da comemoração dos 25 anos de publicação de *Urupês*, e depois reunido em seu livro *Ponta de Lança*.

Escritor consagrado

Não pare de escrever. Como uma pianista se torna uma Guiomar, se não trabuca todos os dias no exercício para adquirir agilidade nos dedos e apuramento do ouvido? Discipline o corpo. Todos os dias, à mesma hora, sente-se à mesa e escreva. Dentro dum mês estará acostumada – e pronto.

Monteiro Lobato
Carta a Regina Toledo Moreira, s/d

Quem conhece a marca "G. R." no livro infantil?
E quem não conhece a marca "M. L."?

Monteiro Lobato,
Carta a Godofredo Rangel,
10 de maio de 1945

Com o estrondoso êxito de *Urupês*, que teria três edições no período de uns poucos meses, e se tornaria célebre com o discurso de Rui Barbosa no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a 20 de março de 1919, Lobato se tornaria um escritor consagrado, conhecido em vários pontos do país, conforme o indica sua correspondência passiva, depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL – UNICAMP [207].

Como nome consagrado das letras brasileiras, Lobato manteria correspondência com vários outros escritores. Aqui novamente, tal como em sua juventude, é uma espécie de mestre que ressuma dessas cartas. Contudo, se antes víamos um "pedantinho" Lobato, aqui vemos o escritor consagrado, investido de toda a sua autoridade, que preleciona aos companheiros nas letras.

A despeito da morte simbólica que lhe fora decretada pelo necrológio escrito por Mário de Andrade em 1926 [208], Lobato ainda era visto como um dos maiores escritores brasileiros, para o qual se cogitava o Prêmio Nobel [209] e nome em torno do qual 10 imortais –

[207] Constituída por 256 itens, a Série Correspondência Passiva congrega desde cartas de ilustres personalidades até leitores da obra lobatiana cujo nome a história não registrou.
[208] Trata-se do artigo "Post-scriptum pachola", publicado por Mário de Andrade no jornal *A manhã* a 13 de maio de 1926. Parte do artigo foi publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* em sua edição de 15 de novembro de 1997 ("A morte de Lobato". *Ilustrada*, p.4-6. Disponível em: http://fws.uol.com.br/folio.pgi/fsp1997.nfo/query=pachola/doc/{17232,0,0,0}/hit_headings/words=4/hits_only? Acesso em: 08 fev. 2007).
[209] *Cf.*, por exemplo, o final da entrevista de Lobato a Mário da Silva Brito – o mesmo que o equipararia a Hitler em sua *História do Modernismo Brasileiro* –, intitulada "Quando era proibido entrevistar Monteiro Lobato" e recolhida nos *Prefácios e entrevistas* ("Por que não se fazer uma campanha para a concessão do Prêmio Nobel a Monteiro Lobato? Não é ele talvez o maior escritor da América? O que tem, indiscutivelmente, obra já definitivamente julgada pela crítica? Não é ele também o escritor infantil de nossa época? O renovador das letras

entre os quais os modernistas Menotti del Picchia e Manuel Bandeira – se reuniram para indicá-lo a uma vaga da ABL em 1944.

Ademais, Lobato figura numa "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea" organizada pelo *Suplemento Literário de "A Manhã" – Vol. IV*, datado de 10 de janeiro de 1943. Outro exemplo: Dante Costa, num artigo intitulado "Atualidade de Monteiro Lobato", afirma:

> Eis um escritor que desceu bem fundo na realidade social brasileira, elegendo certos aspectos da nossa vida para transmiti-los bem vivos, bem recortados, sangrando de vida, aos seus leitores. Monteiro Lobato foi um antecipador da moderna tendência da novela brasileira, tão estupendamente realizada por um Jorge Amado, um José Lins, um Graciliano Ramos. [210]

Ainda outro exemplo. No artigo "O Brasileiro Lobato", diz Orígenes Lessa:

> O traço mais fundamental e mais marcante da obra desse admirável Monteiro Lobato que tantas e tão duras coisas tem dito com uma rara franqueza, contra a sua terra e os seus homens, é justamente o de um indisfarçável amor a essa terra e essa gente. Toda a sua obra, nesses vinte e cinco anos de espantosa atividade intelectual que o Brasil está festejando agora é assinalada por interesse profundo pelos nossos problemas e pelo nosso destino de povo. [211]

E mais um exemplo: "A ausência de escritores como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Álvaro Moreyra, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e outros escritores nacionais de grande merecimento tem limitado evidentemente a popularidade da Academia Brasileira de Letras." [212] Poder-se-ia objetar, porém, que se tratava de apenas um periódico (no caso a revista *Leitura*) empenhado em "ressuscitar" a imagem do escritor.

Para evitar isso, então, trago um outro exemplo, esse vindo da seção "Noticiário" da famosa revista *Clima*, encabeçada por Antonio Candido, a respeito da indicação do nome de Lobato para uma cadeira na ABL:

---

para as crianças? Um Andersen caboclo? E aqui se confundem as emoções do repórter, que se perde na revivescência de sua infância"), ou uma carta de Lobato a Cesídio Ambrogi, datada de 15 de janeiro de 1947: "Nada sei do Premio Nobel, em que você quer 'implicar-me'. Andas a perder tempo, Cesídio. Esse prêmio está condicionado, como a entrada para as academias de letras, a uns tantos atos que a mim me envergonham, como apresentar-se, solicitar, etc. Já vivi 64 anos sem isso e por que estragar meus últimos anos de vida?" (Cópia xerográfica de cópia datiloscrita. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3549).

[210] *Leitura*, ano II, nº 14, janeiro de 1944, p.11.

[211] *Leitura*, ano II, nº 15, fevereiro de 1944, p.8.

[212] *Leitura*, ano II, nº 21-22, agosto-setembro de 1944, p.3.

> A glória está, aliás, cercando o sr. Monteiro Lobato por todos os lados. Se ele pôde fugir, como acabamos de ver, à consagração acadêmica, não conseguiu fazer o mesmo à comercial, como parece provar o seguinte anúncio, espalhado profusamente pelos jornais: "Talento apenas não faz um escritor. É preciso que haja um homem atrás do livro. São palavras de Emerson, mas que nos evocam a Monteiro Lobato. Do mesmo modo, uma fórmula apenas não faz um desodorante: é preciso que haja dentro do vidro, um produto bom de verdade, tal como Sudolix, o desodorante científico e ideal, pois elimina as exsurações tresandantes do organismo, refresca os pés e as axilas, e vale por um excelente extrato". [213]

Ora, sabemos muito bem que a sátira é o veículo ideal para atingir pessoas de influência ou de poder. Por que então recorreriam à sátira de Monteiro Lobato os moços da revista *Clima* se se tratava de um cadáver morto e enterrado há quase 20 anos por Mário de Andrade, nome que seria considerado o sumo pontífice do Modernismo?

A imagem de Monteiro Lobato como um escritor consagrado afirmava-se ainda dentro do sistema literário, e não apenas em razão de suas obras dirigidas às crianças. E é dessa posição de escritor consagrado que Lobato escreve aos colegas de letras.

Nesse sentido, vejamos, por exemplo, a correspondência mantida com Flávio de Campos (1903-1947) [214]. A primeira carta de Lobato dirigida ao escritor, datada de 15 de fevereiro de 1938, revela que um artigo de Campos teria despertado seu interesse:

> Em regra não me interesso pelo que dizem de mim, tal a mediocridade, leviandade e incompreensão do comum dos nossos críticos. Mas dessa vez interessei-me porque se tratava de F., e F. estava a preocupar-me desde as oito horas. Aceitei o *Dom Casmurro* que Cid se ofereceu para arranjar-me.
> Dez minutos depois, estava eu neste escritório do Mato-grossense a ler o teu artigo. Comecei maldizendo da impressão. Infamérrima, ilegível em muitas linhas, borrada, parecendo coisa de jornaleco da roça, desses que usam tipos desbeiçados que as oficinas grandes deitam no lixo. Mesmo assim, clopin, clopan, li-o todo, e em seguida fiz mais uma coisa que raro faço: sentei-me à máquina para escrever ao crítico atestando a muita fidelidade do retrato. Raro o faço porque os críticos me desnaturam tanto que não me reconheço nos retratos. Ora, um de corpo inteiro e fiel, claro que impunha abertura de exceção. [215]

A carta seguinte [216] de Lobato é datada da "Noite de Santo Antônio, 1938", ou seja, 13 de junho de 1938. Lobato inicia a carta apontando o prazer que tem em "conversar" – conversa epistolar, por escrito, bem entendido – com o destinatário. Contudo, seleciona uma das facetas do

---

[213] *Clima*, nº 16, novembro de 1944, p.95.
[214] Sobre a correspondência de Lobato com Flávio de Campos, *v.* NUNES, Cassiano. "As cartas de Monteiro Lobato a Flávio de Campos". *In*: _____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1984, p.145-57.
[215] NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro. MPM Propaganda, Record, 1986, p.48-9.
[216] *Id.*, *ibid.*, p.50-5.

intelocutor: a de romancista. Daí podemos inferir que o Lobato que irá se dirigir ao Flávio romancista não será outro que não o Lobato ficcionista. Nesse sentido, Lobato passa a narrar ao Flávio romancista como o Lobato contista escrevia os seus contos. É importante assinalar, porém, que Lobato apresenta esse Lobato contista como "morto", ocorrendo um desdobramento do indivíduo: a *persona* do Lobato epistológrafo, que escreve a Flávio de Campos, é diversa da do Lobato contista, e aquele pode falar com isenção e distanciamento deste. Vejamos:

> Faz-me bem, de quando em quando, conversar com você – o Benjamim dos meus amigos. Por quê? Uma compreensão muito especial, talvez. É assim que esta noite de tiroteio de Santo Antônio no ar, e de frio picante – o célebre friozinho de S.Paulo –, de quatro coisas que eu tinha a fazer, deixo-as todas de lado para conversar com alguém. Com quem? Com o Flávio, romancista. E releio tua carta do dia 5.
>
> Romance, meu caro... Já vi uma coisa. Há duas espécies de obras, a que é *feita* e a que *sai* de dentro da gente – que sai no momento próprio, com a naturalidade do feto a espirrar do útero materno depois dos nove meses de sono. É sempre difícil e doloroso *fazer* uma obra; mas é facílimo e delicioso parir uma. O delicioso está no aliviar-nos de qualquer coisa que nos incomodava lá dentro – certas pressões.
>
> Antes de mais nada, porém, meu caro Flávio, devo confessar-te que eu já morri. O que ainda anda cá pelo mundo é apenas a materialização ódica do Lobato morto. Quer que te conte como ele escrevia contos? Isso talvez te ajude no romance, esclarecendo a fisiologia estética. Lobato não fazia contos, paria-os.
>
> Não escrevia deliberadamente; só quando a coisa vinha, quando a bolsa das águas rebentava e não havia remédio senão parir. Ele paria para aliviar-se de subitâneos engravidamentos – sobretudo os causados pela indignação. O seu livro mais interessante seria o em que contasse a obstetrícia da sua literatura.

Após uma longa preleção, recheada de exemplos, sobre a arte do conto lobatiano, o remetente encerra a carta com um conselho certeiro ao destinatário:

> Tudo isto, Flávio, estou a contar para benefício do teu romance. [217] Se ele não está saindo fluente, é que tua gravidez não chegou ainda a termo. Com feto a termo, a coisa sai de escorregão. Do contrário, com gestação incompleta, de cinco, seis, sete meses, não há parto natural – há partejamento a fórceps, com cesariana, muito sangue derramado, muita dor inútil e em regra sacrifício da criança.
>
> Estude o teu caso como um bom médico e veja se convém operar ou esperar que o útero o expila naturalmente.
>
> Os engravidamentos do Lobato eram instantâneos. Há-os mais lentos. O que friso é a indispensabilidade do engravidamento e da chegada a termo. Estude-se, Flávio. Seja obstetrício.

[217] Possivelmente, trate-se do romance *Planalto*, que seria publicado pela José Olympio em 1939.

Um ano depois, a 20 de julho de 1939 [218], o escritor consagrado escreveria ao neófito, aconselhando-o sobre os meandros da carreira:

> veio sua carta, e nela uma melancólica observação sobre o *Planalto*, que não está entusiasmando o autor como ele o desejava. Cuidado, amigo! O primeiro livro é tudo. Tem de ser o melhor de que somos capazes, porque não sendo assim o mundo não dará atenção aos demais, por mais valor que tenham. Em regra o mundo só toma conhecimento de um livro de cada autor – e muito naturalmente do primeiro. Nem pode ser de outra maneira, porque não há tempo, e muito grato deve ficar o autor se o seu primeiro livro recebe registro no rol das Coisas Legíveis. Graça Aranha acertou saindo em campo com *Canaan* – e será sempre o homem de *Canaan*. Macedo, o homem da *Moreninha*. Gustavo Barroso, o homem de *Terra de Sol*. Os demais livros que um autor faz é para ganhar dinheiro, satisfazer-se a si próprio, etc. Não o ajudam em nada na construção do seu nome. Tenho a impressão de que o público os compra por vício – mas não os lê. Vi comigo que morrerei o homem dos *Urupês*. O resto que fiz não foi levado em conta – ninguém leu. Foram comprados mas não lidos. De modo que o sábio é aparecer sem pressa com um livro-tanque – que entre por esmagamento pela inércia do público adentro. E depois, moita. Quem sabe dos duzentos livros de Prèvost? e todos lêem *Manon*. Quem sabe dos mil livros de Foe? e quem não lê *Robinson*?
> Em leal consciência te digo: se não estás contente com o *Planalto*, não esperes que com ele se contente o público. Tens talento de sobra para entrar na liça com um tanque. Por que não esperar pela gestação do teu tanque? Faça experiências com o original. Faça-o lido por pessoas bem representativas da média dos leitores e indague do que dizem dele por trás – não na frente, porque de frente todos nós mentimos uns aos outros – e fazemos muito bem.

Em seguida, nova exposição sobre os próprios procedimentos como escritor. Lobato entende a literatura como a ação de recolher os fatos e lapidá-los, e o escritor como o instrumento que encontra esses "diamantes brutos", lapida-os e os engasta num anel:

> Se ainda escrevo de quando em quando, é por hábito, e para desencruar a fita desta máquina. E só escrevo quando o acaso me faz encontrar na rua um diamante bruto entre cascalhos, a que o mundo chama "conto". Quem os faz não é escritor, sim a vida, como é a natureza que faz os diamantes. O escritor apenas os acha; e depois de achado, se não tem preguiça, toma-o do chão e lapida-o, e engasta-o numa trama de associações lógico estéticas, que é o anel onde vai figurar o brilhante.
> Minha literatura, meu caro, não é literatura usual dos "homens de letras" convencidos de uma porção de coisas e sem olhos para os pés, como os pavões. É literatura de ocasião. É ramo da grande indústria do recuperamento, ou do aproveitamento das coisas do chão. Por isso não escrevo habitualmente – só quando o acaso me favorece com o encontro de uma coisa já feita pela vida e só à espera de quem a tome, lapide e engaste. Indústria.

[218] NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato Vivo*, *cit*., p.55-8.

A despedida dessa carta, ao mesmo tempo que aponta para o afeto que Lobato parecia nutrir por Flávio de Campos, revela como o remetente, a despeito de ser um escritor consagrado, se via, ou seja, como alguém alheio ao mundo literário: "Adeus, caríssimo Flávio, único homem que me escreve e me lembra que ainda há no mundo literatura e vida artística."

Note-se que a imagem utilizada é a mesma que Lobato convoca numa carta escrita a uma jovem aspirante a escritora: Regina Toledo Moreira, filha de Lino Moreira, um dos velhos companheiros do *Cenáculo*. Na carta, segundo Cavalheiro, "de fins de 1939, ou princípios de 1940", o escritor consagrado aconselha a novata:

> Não pare de escrever. Como uma pianista se torna uma Guiomar, se não trabuca todos os dias no exercício para adquirir agilidade nos dedos e apuramento do ouvido? Discipline o corpo. Todos os dias, à mesma hora, sente-se à mesa e escreva. Dentro dum mês estará acostumada – e pronto.
> Outro conselho que darei para contos é não fabricá-los na cabeça, e sim colhê-los na vida. Quem cria os bons contos não somos nós, é a Grande Mestra – a Vida. Nós apenas os captamos e os pomos em forma literária. Dá-se com eles o mesmo que com os brilhantes. O garimpeiro acha-os, e depois o lapidador os transforma em maravilhosos solitários. Faça assim. Garimpeie. Pegue os contos da vida que passarem ao seu alcance – e bote-os em forma artística, sem visar coisa nenhuma senão o bom acabamento da obra. Faça assim que quando menos pensar estará com uma linda coleção de *contos vivos*, pois só são vivos os criados pela vida.

Aqui, porém, a imagem aparece muito mais detalhada e desenvolvida: talvez Lobato julgasse que não fosse necessária a explicação a Flávio, já então escritor profissional, mas necessária a Regina, de quem se despede em tom bastante afetuoso: "Adeus. Aceito o título de tio – o tio caduco. É um consolo na minha idade conseguir tão genial sobrinha. Adeus, sobrinha. Aceite mil recomendações to titio Lobato".

Já na carta de 07 de agosto de 1939, respondendo a uma carta em que Flávio de Campos deveria ter se queixado de problemas financeiros e solicitado a ajuda do amigo bem relacionado, Lobato informaria que intercedera em favor do destinatário junto a Octales Marcondes Ferreira, proprietário da Companhia Editora Nacional, mas desaconselharia o trabalho de tradutor:

> Fui ao Octales. Disse que quando tiver necessidade de alguma tradução se lembrará de você... Quanto a *Mulher Essa Desconhecida*, acha que o livro não presta. Não fez sucesso em França.
> Mas, Flávio, que imprudência a tua de pensar em traduções como ganha-pão. Que horror! Varre tal idéia da cabeça. Precisas de uma coisa segura, fixa, já

> que não dispões de boa saúde e estás casado. Esqueça o intelectualismo e faça prosa. Estude outro caminho. O intelecto está em plena *chômage*. Jorge Amado foi esconder-se numa aldeia do norte onde "se vive sem dinheiro". Rubem Braga sumiu. Compre os *Anais de Tácito* e leia. A teoria da *Eterna Recorrência*, de Nietzsche parece certa. Tudo vai e volta. Entramos num túnel que Tácito descreve. Daí do Rio até São Paulo, quantos túneis a atravessar? Assim na marcha da Humanidade.[219]

É interessante observar, contudo, que, anos depois, o trabalho de tradutor seria incentivado para Gulnara, sobrinha e nora de Lobato, viúva de Edgard. Em carta de 07 de outubro de 1943, Lobato elogia o estilo de escrita de Gulnara. Mas o elogio não é gratuito. Lobato tinha em mente promover as qualidades de Gulnara como tradutora, de maneira que se lhe abrissem as portas das maiores casas editoras do Brasil e ela tivesse trabalho garantido:

> A mim me agradou a carta por uma razão especialíssima: o estar muito bem feita, com todas as qualidades de estilo e desembaraço indispensáveis em quem vai fazer vida, ou ganhá-la, com a arte de escrever. E como você me atribui parte do sucesso, como professor prático que fui, dou-me os parabéns, porque ter uma discípula que entusiasma o mestre é a maior das recompensas e consolo. Mas agradeça os dons ao Heitor, que foi quem te legou os jeitinhos que são o segredo de tudo. Sem essas qualidades inatas, ninguém faz nada nesse campo, por mais professores que tenha. E vou mostrar essa carta ao Artur e ao Edgard Cavalheiro para que eles te tenham em alta consideração "como escritora" e te procurem quando quiserem boas traduções. Ligada assim às três maiores casas editoras do país, você terá sempre serviço bem pago e conveniente.

Lobato, então, ressalta as vantagens do trabalho de tradutor, ante outras possibilidades de trabalho que poderiam se abrir para Gulnara:

> Quando comparo o que ganha uma moça que tem "ótimo ordenado", com o que pode ganhar uma tradutora diligente, acho que todas as vantagens pendem para esta. Não está sujeita a prisão, ou a horários, pode residir onde lhe der na veneta. Ganha mais do que qualquer secretária. E beneficia-se com um lucro imaterial, mas valiosíssimo, que é do nome que vai fazendo. Quantos mais livros aparecerem com teu nome como tradutora, mais pontos sobe você na bolsa das Cotações dos Valores Não-Materiais, e dum ponto em diante isso começa a capitalizar-se, isto é, a render. Falo com absoluto conhecimento da matéria. Persista e aplique-se e aperfeiçoe-se sempre em estilo que as vantagens são enormes. Ótimo que pegue o lote de George Sand. *Mulheres por mulheres sejam traduzidas*. E o conselho último que dou é que nunca relaxe o serviço. Faça sempre o melhor que possa. No fim desse caminho é que fica a estação Triunfo.

[219] *Monteiro Lobato Vivo*..., *cit*., p.60.

Por que a diferença? Flávio de Campos tinha a saúde frágil e possivelmente, na visão de Lobato, não agüentaria o ritmo pesado de tradução que se deveria adotar para que ela rendesse o sustento. Já na sobrinha, ao contrário, Lobato possivelmente via uma tradutora com a mesma fibra e resistência com que ele trabalhava, e por isso a ela a recomendação do trabalho como tradutora. Ademais, o trabalho de tradutora poderia ser feito em casa, o que resguardaria Gulnara de ter de trabalhar fora, algo que não deveria ser muito comum e bem visto nos anos 1940.

Dois meses depois, a 29 de outubro de 1939[220], Lobato expõe ao jovem escritor as suas entusiasmadas impressões de leitura do romance *Planalto*:

> Comecei, e hoje, domingo, fui até a página 256. Lauro vai à Brasserie com Fernando e deixa-o lá. Também deixei o livro, com os olhos já cansados – e fui reler o que disse V. na dedicatória. "Mas sei que sou um escritor – tenho certeza! Sei que vivo unicamente pelo consolo e pelo orgulho de me sentir escritor." Como está certo isso... Mas V. é mais que um escritor – é um grande escritor. *Planalto* está me impressionando seriamente. [...] E mesmo antes de concluir a leitura vim dar-te a notícia da minha reação do meu gosto de ver, *afinal*, surgir destas plagas um verdadeiro, um grande escritor.

Planalto parece ter despertado algum interesse no meio literário. Sua publicação em outubro de 1939 motivou a pena de dois dos maiores escritores paulistas da primeira metade do século XX: a do amigo Monteiro Lobato que, em novembro desse ano, escreveria um artigo intitulado "*Planalto* – um romance que prenuncia outro" [221]; e a de Mário de Andrade que, em 17 de dezembro de 1939, no artigo "Os definitivos", publicado no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, menciona Flávio de Campos como um autor que "exige um comentário cheio de simpatia". [222]

O artigo de Mário, contudo, parece não ter agradado ao romancista. É o que se depreende do trecho seguinte, extraído de uma carta de Lobato não datada[223], mas em que o escritor taubateano tenta dissuadir o destinatário de sua intenção de responder à crítica de Mário, que possivelmente tenha julgado injusta:

> Tu és um monstro de orgulho, Flávio. Pois queres atacar o Mário só porque ele exerceu o seu natural direito de crítica? Ele não te insultou, não te ofendeu. Como então revidar? Revidar o quê? Se tiras ao crítico a liberdade de criticar, matas a crítica, Flávio. Faço votos para que a censura impeça a saída do teu artigo no Casmurro. Fica feio para você danar com um cabra criticamente só porque ele não gostou do teu livro da maneira pela qual

[220] *Id.*, *ibid.*, p.61-3.
[221] Incluído posteriormente no volume *Miscelânea* de suas *Obras completas*.
[222] ANDRADE, Mário de. "Os definitivos". *In*: _____. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1993, p.131.
[223] NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato Vivo*, *cit.*, p.75-6.

> querias que ele gostasse.
> Mário é um grande crítico. Mário é notabilíssimo. Mário, pelo seu talento sem par no analismo criticista, tem direito a tudo, até de meter o pau em você e em mim. Eu tenho levado pancadinhas dele. Certa feita chegou a publicar o meu necrológio. Matou-me e enterrou-me. Em vez de revidar, conformei-me, e sem mudar minha opinião sobre ele. Ainda esta semana cortei um pedaço de artigo dele sobre a nossa língua, ótimo. Mário é grande. Tem direito até de nos matar à moda dele.
> Não te preocupes, Flávio, com a variação de opiniões sobre teu livro. Foi de fato uma revelação, e se saúde te ajudar farás coisa tremendamente séria ainda – apesar dos editores e da família. Não tem conta, Flávio, o número de casos em que a Família, Deus, Pátria e Religião anatematizaram gênios, e fizeram-nos sofrer todas as guerras do aperto econômico. Isso só serviu para requintar a genialidade dos perseguidos.

Vemos nessas cartas a Flávio de Campos atitudes de um escritor consagrado, experiente, que procura guiar um colega iniciante por entre as dificuldades da carreira. Comportamento semelhante pode ser observado nas cartas ao poeta taubateano Cesídio Ambrogi que, a despeito de não ser muito mais novo que Lobato, assumiria um papel de discípulo diante do mestre, do qual já havia se queixado Lobato, como vimos, em carta não datada do início dos anos 1920: "Outra coisa: não me chame mestre – não sou mestre de coisa nenhuma, e sim um jeca como você e os outros."[224]

Em carta assinalada como sendo "provavelmente de 1942" [225], Lobato traça ligeira crítica sobre os versos de Ambrogi, enfeixados sob o título de *Covardia*, entrelaçando-os com o estilo da autora de *Éramos seis*:

> Recebi COVARDIA. Lindo. É nesse gênero que você poderá fazer uma galeria de encantadoras aquarelas, cheias de transparência e frescura. Lembra-se do sucesso de Ricardo Gonçalves? Vinha disso – da perfeição com que pintava "aquarelinhas da estrada". E sem querer me saiu um titulo para um livro de primores, não? [...] Quantos aos versos, minha pobre opinião é sempre a mesma: o teu gênero é o da COVARDIA. E quanto ao romance acho que você, como eu, como todo mundo, anda pecando por excesso de literatura. Tive a revelação disso agora – agora que é tarde e já estou me preparando para ir pregar em outra freguesia. E essa revelação me veio por intermédio duma mulher, a Sra. Leandro Dupré. Para que compreendas o meu pensamento, mando-te um romance dela que acaba de

[224] Cópia xerográfica de manuscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3687.
[225] A indicação de data, contudo, deve estar equivocada, por duas razões: Lobato alude à "última fase da doença do Edgard", o que nos faz entender que o filho já teria falecido (Edgard faleceu a 13 de fevereiro de 1943); ademais, Lobato comenta o romance *Éramos seis*, de Maria José Fleury Monteiro Dupré, afirmando que o romance "acaba de sair". Ora, como *Éramos seis* foi publicado pela Companhia Editora Nacional em 1943, tudo indica que essa carta seja posterior a fevereiro de 1943.

> sair. Li-o em provas – e arregalei os olhos. Aprendi, afinal, a diferença entre "literatura" e literatura; entre literatura e vida. E sem que ela me pedisse, sem que sequer eu a conhecesse, escrevi dum jato 12 páginas de prefacio. Isso, para pôr o dedo numa coisa que me parece muito seria: a diferença de literatura aspada e literatura sem aspas. Leia-o e estude o caso. Você está moço e ainda pode aproveitar-se da lição. O segredo do encanto dessa mulher parece-me estar na absoluta ausência de "literatura" – e nós não sabemos escrever sem literatura. [...] Experimente fazer um soneto de beira de estrada em que não entre nenhuma tinta literária, nenhuma imagem já gramaticada, nenhum respeito pela memória de nenhum Coelho. Isto que eu quero dizer você só compreenderá depois de ler a tal mulher.[226]

Note-se que Lobato não só analisa os versos de Ambrogi à luz de *Éramos seis*, mas recomenda ao amigo vivamente a leitura do romance, por meio de imperativos ("Leia-o e estude o caso. Você está moço e ainda pode aproveitar-se da lição"), além de apresentar sua tese: a distinção entre "literatura" e literatura, ou seja, entre literatura e vida.

Ao que parece, a recomendação de leitura do romance da Sra. Dupré deve ter sido seguida por Ambrogi. Na carta abaixo, apontada como sendo "provavelmente de 1943", Lobato reconhece na carta recebida, a que responde, um "espírito primesautier", em que reconhece os efeitos da leitura de *Éramos seis*:

> A sua carta está uma perfeita maravilha de graça e leveza e desempeno e espírito primesautier – e tudo por obra e graça da mulher que nem nome tem e escreve com a inocência dos que ignoram a existência da "literatura"! Juro que você devorou o ÉRAMOS SEIS de um trago, como uma boa fumaça de cigarro quando a gente sente larga de fumar e ocasionalmente fila um. Você está outro. Senti um Cesídio novo e sair dum velho casulo que parecia definitivo, cristalizado. As aquarelinhas mandadas estão com a grande qualidade das aquarelas inglesas – que é a <u>transparência</u>. [...] Examine você mesmo os teus versos de antes da Dupré e os de depois da Dupré. Compare-os. Não nota mais frescura e vivacidade? Eu achei assim.[227]

A carta se arremata com um elogio ao novo Cesídio, passado a limpo após a suposta leitura de *Éramos seis*, que acaba por ser um auto-elogio de Lobato, já que ele próprio também se dizia atingido pelo "Elixir de Nogueira Dupré", ao reconhecer que na carta de Cesídio

> aparecem lindas coisas novas, tuas tuíssimas, quer dizer que o Elixir de Nogueira Dupré já está te curando da velha infecção literocócica.
> Em mim já observei o efeito do elixir. Peguei o mais sobrecarregado dos

[226] Cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3550.
[227] Cópia xerográfica de datiloscrito sem data. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3586.

> meus livros – Fábulas – e com grande dor de coração raspei toda a linda "literatura" que ao escrevê-lo fui amorosamente empastando.

O que poderíamos chamar de "efeito *Éramos seis*" se reflete ainda na carta de "2 ou 3 de 12, 1943", em que Lobato se regozija ao saber que a esposa de Ambrogi estaria interessada em escrever um romance, a exemplo da Sra. Dupré:

> Curioso, muito curioso esse desejo de sua mulher de produzir um romance. E é capaz de sair coisa muito boa. A professora – a Dupré – é ótima. Ela abriu um caminho. O Éramos Seis também é uma semente. Que seja sincera no que escrever. O segredo de tudo está nisso. Terei imenso prazer em examinar o livro dela e de também ser sincero a respeito. Quanto mais velho fico, mais me convenço que só a sinceridade salva e cria.[228]

O final do trecho apresenta mais uma lição do mestre Lobato, em tom aforístico: na literatura, "só a sinceridade salva e cria".

Ainda sob o efeito de *Éramos seis*, Lobato escreveria a Ambrogi, a 26 de julho de 1944, uma carta com observações pontuais a respeito de alguns poemas do destinatário – pontuadas por um conselho geral ("acho que você precisa desliteralizar-se um pouco mais"):

> Acho que você precisa desliteralizar-se um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a "literatura". Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o ÉRAMOS SEIS da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas FÁBULAS para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões "literárias" cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais difíceis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas "expressões bonitas ou literárias" e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literário está justamente nelas. A cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram "belezas".[229]

A grande lição que o Lobato escritor consagrado aprendera e procurava passar ao poeta Ambrogi era a da simplicidade na literatura. Vemos ainda o escritor escolado nos meandros do sistema editorial, aconselhando o conterrâneo quanto ao melhor caminho a seguir para ver-se editado:

> A Editora [230] não edita "coisas pequenas", e além disso está realmente ultra-abarrotada. Só de reedições que precisa fazer e não encontra oficinas que as

[228] Cópia xerográfica de datiloscrito não assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3552.
[229] Cópia xerográfica de datiloscrito assinado(?) Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3583.
[230] Companhia Editora Nacional.

> imprimam está com 400... Foi por isso que tirei parte dos meus livros de lá e passei-os para a Brasiliense [231]. Nem a mim, que sou editado velho e pai da empresa eles conseguiam me reeditar por completo.
> Para o teu caso o editor há de ser dos pequenos pescadores, dos que pegam peixes miúdos. Otales virou caçador de baleias e tubarões – livros escolares de tiragens tremendas, dicionários e coisas assim. O Calvino [232], pode ser. Só vendo. Falha o Calvino, tens que procurar os pequenos daqui – os que não podem editar dicionários. A Brasiliense também está abarrotada; só as minhas Obras Completas absorve-lhe todo o capital disponível. Sabe por quanto ela tratou a impressão dos meus 30 volumes? Setecentos contos...
> A caça do editor é coisa velha, mas não razão para desanimar. O meio é um só: ir procurando, correr a via sacra, até dar com um. Faça isso. Depois do Calvino – se falhar, procure os daqui. E depressa, porque a crise vem vindo e quando vier 80 por cento das casinhas editoras vão falir. Ficarão os velhos – Otales, o Globo, o Alves, etc. A história repete-se. Foi assim na crise de depois da primeira Guerra Mundial.[233]

A busca de Cesídio por um editor continua, e Lobato novamente aconselha na carta assinalada como sendo "provavelmente de 1946":

> Publique-se como puder. Não importa editor, contanto que os poemas saiam. A crise, a Grande Crise da Deflação vai se aproximando, e o que vai cair primeiro é a indústria editora – a mais fraquinha sempre. Todas as casas fracas, ou baseadas mais no crédito do que em capital realizado, têm que cair, falidas. Ficarão as empresas velhas, como a Editora e outras já com boas raízes. Daí a dificuldade que estás encontrando em achar editor. Retraem-se todos. Sentem no ar o perigo. E coisas em verso nunca foram grande negócio, nem em eras de inflação. Paciência, pois, e pegue o editor que aparecer.[234]

Tratava-se da publicação dos chamados "Poemas atômicos", de Cesídio Ambrogi, para os quais o poeta pediria um prefácio a Lobato. Lobato, contudo, recusa o convite, devido ao artigo de Mário Donato no *Estado de S. Paulo*, em que criticava a liberalidade de Lobato ao escrever prefácios:

---

[231] Note-se que a explicação simplista demais dada ao amigo de Taubaté – "foi por isso [pelo abarrotamento da Companhia Editora Nacional] que tirei parte dos meus livros de lá e passei-os para a Brasiliense" – não dá conta da complexidade das negociações que envolveu a passagem da edição dos livros de Monteiro Lobato de uma casa editora à outra. Talvez Lobato não visse necessidade de – ou não quisesse – entrar em detalhes a respeito desse ponto.

[232] "Embora a linha editorial da muito mais obscura Editora Calvino se assemelhasse em termos gerais à da Civilização Brasileira/Companhia Editora Nacional, através dos títulos publicados pela Calvino percebe-se claramente um muito mais ativo anticatolicismo e uma marcada simpatia pelo regime soviético. A Editora Calvino também organizou várias coleções com temas sexuais ao longo dos anos 1930: a Cultura Sexual, os Estudos Sexuais, a Biblioteca de Divulgação Sexual; e, a partir de 1941, lançaria a coleção Freud ao Alcance de Todos." (CARRARA, Sérgio Luís e RUSSO, Jane Araújo. "A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.9, nº 2, maio-ago. 2002, p284. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n2/a03v9n2.pdf Acesso em 05 março 2006) A Editora Calvino estava sediada no Rio de Janeiro.

[233] Cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura, assinalado como sendo "provavelmente de 1945". Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3562.

[234] Cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33 – documento 3551.

> Quanto a prefácio, meu caro, você me perdoe, mas já me jurei a mim mesmo um ponto final. Isso porque andei a fazê-los tantos que deu na vista, e provocou aquele artigo do Mário Donato no "Estado", no qual censurou a abundância do meu animus prefaciandi e concluiu que os meus prefácios já desmoralizavam os prefaciados, etc. Em vista disso amoitei, e dos prefácios feitos só há a sair um do livro de Nhô Bento [235]. Nunca mais fiz nenhum. Tenho resistido valentemente às solicitações dos estranhos – e quanto aos amigos, como você, não tenho de resistir coisa nenhuma, porque compreendes a minha situação e me ajudarás a cumprir meu voto.
> Parece-me ótimo o título de "Poemas Atômicos". As bombas caem sobre os ricos e arrasam-nos. Mas será que tuas bombas alcançam, por exemplo, os Urbanos [236] e outros ricos decentes? [237]

Ao final, Lobato acaba por aceitar a incumbência, conforme se lê da carta assinalada como sendo "provavelmente de 1946": "Já que v. não dispensa algo desta azêmola, muito bem. Quando as bombas estiverem prontas, manda-mas, que retrucarei com uma cartinha negando prefácio, mas na realidade prefaciando-te epistolarmente". [238]

Já em Buenos Aires, Lobato receberia os "poemas atômicos", rebatizados como *Poemas vermelhos*[239], cuja temática social serve de mote para as reflexões políticas de Lobato, acerca da conjuntura nacional e internacional. Sobre o livro, Lobato desiludiria o amigo, apontando que os seus *Poemas vermelhos* não teriam repercussão na Argentina, "porque a prosperidade é inimiga da esquerda". Assim, Lobato adverte, a 26 de abril de 1947:

> Não espere repercussão dos teus poemas aqui. [Há] muito pouco esquerdismo na Argentina, porque a prosperidade é inimiga da esquerda. Não vejo comunismo. Todo mundo está ocupado em ganhar dinheiro e passar bem. Dizem-me que há comunismo, mas não vejo – não consigo ver. Os jornais aos quais mandaste o livro vão noticiá-lo... um dia. Andam sempre com fila muito comprida [na] porta, e nada dirão de interessante. E como já não estarei aqui, não sei como fazer para que recebas os recortes. Vou recomendar ao Ramon Prieto que, caso os apanhe, remeta para você. [240]

O escritor consagrado também se dirigia espontaneamente aos jovens que iniciavam na carreira literária. É o caso, por exemplo de Mário Quintana [241], a quem dirige uma carta em

---

[235] Trata-se do livro *Rosário de Capiá: poemas caboclos*, de José Bento de Oliveira (São Paulo: Lanzara, 1946).
[236] Urbano Pereira, um dos amigos de Lobato e de Cesídio em Taubaté.
[237] Cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3578.
[238] Cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3585. A carta-prefácio aos "Poemas Atômicos" de Cesídio Ambrogi seria incluída posteriormente no volume "Prefácios e entrevistas" das *Obras completas* de Monteiro Lobato.
[239] *Poemas vermelhos: uma tentativa de poesia social*. Curitiba: Guaíra, 1947, 94 p.
[240] Cópia xerográfica de datiloscrito assinado. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33A, documento 3572.
[241] Nascido em 1906 e falecido em 1994, Mário Quintana estrearia em livro com seu *A Rua dos Cata-ventos*, de 1940.

1939, impressionado pela leitura dos quartetos do poeta gaúcho:

> Prezado sr. Mário Quintana:
>
> Não resisto ao prazer de lhe endereçar esta, de agradecimento pelo fino prazer mental que através da IBIRAPUITAN me têm proporcionado seus versos. Que novidade eles representam no nosso *mare magnum* de poesias puramente sentimentais ou descritivas, sem uma sombra de idéia filosófica dentro! Cada conjunto de quatro versos seus constitui uma perfeita jóia de forma e de filosofia da mais alta qualidade – a que paira no Olimpo do "humour". Tanto me têm encantado, que já despertei a atenção de meus amigos, e muitos andam com cópias a máquina no bolso. E os jornais da UJB também andam a espalhá-los pelo mundo.
> Que coisa bonita o verdadeiro talento! Como vence, como se impõe – como se alastra por mais escondido que comece...
> Queira, meu caro poeta-filósofo, aceitar a sinceríssima homenagem de minha enorme imaginação.
>
> Monteiro Lobato
>
> P.S. Não tem já matéria deste gênero que dê para um livro? Se tem, é com prazer que me empenharei para que a editora Nacional o lance com todas as honras. [242]

A carta foi publicada na própria revista que veiculou os poemas de Quintana e vista como "um grande estímulo para o nosso alto poeta", porque vinda "de um homem de letras como Monteiro Lobato". Nela Lobato, além de reconhecer o valor literário do poeta, oferecia-se como intermediário para a publicação em livro pela Companhia Editora Nacional [243].

Ou então era procurado pelos neófitos, que lhe enviavam livros e aguardavam, ansiosos, pelas palavras do mestre. É o caso de Povina Cavalcanti [244], que enviaria a Lobato seu livro *Ausência da Poesia* [245]:

> S. Paulo, 30.10.1943
>
> Povina amigo:
>
> Cá me chegou o teu livro e estou a lê-lo calmamente, um capítulo cada noite, sempre a admirar a finura com que você aborda os complexos e perigosos casos da poesia atual – e, como sou muito leigo no assunto, regalo-me duplamente: como leitor comum e como aluno que aprende deliciosas coisas inúteis. Mas já vi que você faz justiça ao Hermes Fontes, e só por isso receba lá o meu abraço. Acho que o Hermes vale todos esses poetas de que

[242] Carta publicada em 1939 na revista *Ibirapuitã*, gentilmente cedida por André Mitidieri, doutorando sob orientação da Profa. Maria Luiza Remédios.
[243] Os quartetos elogiados por Lobato viriam a ser publicados em livro somente em 1951, sob o título de *Espelho mágico*, pela Editora Globo. Na publicação, lê-se: "A / MONTEIRO LOBATO / O.[ferece] D.[edica] C.[onsagra] / O AUTOR / *Pôrto Alegre, abril de 1945*." (informações gentilmente fornecidas por Luís Hellmeister Camargo).
[244] Carlos Povina Cavalcanti (1898-1974), crítico, jornalista e poeta alagoano.
[245] CAVALCANTI, Carlos Povina. *Ausência da Poesia.* Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F.ê, 1943.

> você trata, somados e multiplicados uns pelos outros. Onde encontrarei o teu estudo sobre ele? Está aí uma coisa que tenho vontade de ler. Fiquei te querendo só por pressentir que adoravas, como eu, aquela dolorosa figurinha surda, mas tão íntima da verdadeira, da grande Poesia. Promova, Povina, uma grande coisa, uma grande homenagem a ele. Parece-me que anda meio esquecido.
>
> Um agradecido abraço do
>
> Monteiro Lobato [246]

Lobato apresenta-se a Povina Cavalcanti como um "leitor comum" e como um "aluno que aprende deliciosas coisas inúteis". A despeito disso, de se apresentar como tal, Lobato não se furta de registrar sua opinião acerca do livro, elogiando o resgate da obra poética de Hermes Fontes.

Fundamental lembrar também que grande parte da consagração de Lobato adviria de seu sucesso na chamada literatura infantil. Nesse sentido, Lobato se reconheceria, diante do amigo Rangel, como o "Andersen desta terra":

> Vim do Otales. Anunciou-me que com as tiragens deste ano passo o milhão só de livros infantis. Esse número demonstra que meu caminho é esse – e é o caminho da salvação. Estou condenado a ser o Andersen desta terra – talvez da América Latina, pois contratei 26 livros infantis com um editor de Buenos Aires. [247]

E é de sua autoridade como "Andersen desta terra" que Lobato escreveria novamente a Rangel, a 10 de maio de 1945, respondendo talvez a alguma observação de Rangel, que iniciava na literatura infantil[248]:

> A saída de meus livros no último fim de ano foi a normal. Dos editados pela Brasiliense venderam-se no Natal 40%, segundo me mostraram. Quer dizer que saíram uns 70 milheiros. No Otales não sei, não indaguei. A diferença, meu caro, é que eu *fiz* o meu público, estou *fazendo* esse desde a 1ª edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e você agora é que surgiu no campo. Quem conhece a marca "G. R." no livro infantil? E quem não conhece a marca "M. L."?

Sim, a marca "M. L." era conhecida do público, muito conhecida do público. Mas não só na literatura infantil. Lobato havia deixado sua marca "M. L." também em outras áreas e países; há o Lobato dos Estados Unidos, e há o Lobato empresário do ferro e do petróleo. São esses Lobatos que veremos nos próximos capítulos.

---

[246] CAVALCANTI, Povina. *Hermes Fontes – Vida e Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p.226.
[247] *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, 2º tomo, p.346.
[248] Rangel escreveu dois livros infantis: *Histórias do tempo do onça* e *Passeio à casa de Papai Noel* (São Paulo: Melhoramentos, 47p., s/d).

Capítulo 3

Monteiro Lobato nos Estados Unidos

Monteiro Lobato nos Estados Unidos

Eu sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882,
quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato.

Monteiro Lobato.
Carta a Godofredo Rangel,
Nova Iorque, 17 de agosto de 1927

Após um curto período no Rio de Janeiro, onde decidira residir logo depois da falência de sua casa editora, em 1925, Monteiro Lobato seria nomeado adido comercial da embaixada brasileira em Nova Iorque, para onde partiria no navio *American Legion*, a 25 de maio de 1927.

Recém-chegado à *Big Apple*, Lobato passaria a residir em Jackson Heights. "Um apartamento ajardinado em Jackson Heights foi alugado por J. B. Monteiro Lobato, Adido Comercial da Embaixada Brasileira, através da Queensboro Corporation" [249]. É o que diz um anúncio dos classificados de imóveis do *The New York Times* de 17 de agosto de 1927. Note-se: o adido comercial alugou o apartamento, não o editor, não o escritor. Pois quem era J. B. Monteiro Lobato na Nova Iorque dos anos 1920? Era o adido comercial brasileiro e, se veio a se tornar um pouco conhecido em alguns ambientes da sociedade norte-americana – sobretudo no meio industrial ligado à siderurgia e à indústria automobilística –, foi como adido comercial, e não como editor, nem como escritor.

Não que não tenha tentado surgir nos Estados Unidos como escritor: extenuou-se para publicar o seu *Choque das raças*, romance futurista que toca fundo na questão racial norte-americana, recusado prudentemente pelos editores: diria William David Ball, editor-chefe da Palmer Literary Agency, em carta a Lobato datada de 17 de novembro de 1927, que "The clash of the races" era uma história lida com interesse crescente e que indicava uma rica imaginação criativa; "infelizmente, entretanto, o tema central é baseado num assunto que é particularmente difícil de se apresentar a este país, pois é provável que desperte o mais amargo tipo de sectarismo e, por essa razão, os editores detestam apresentá-lo ao público leitor." [250]

---

[249] *Apud* LAJOLO, Marisa. *Um brasileiro em New York*. Relatório de pesquisa, 2006, p.43.

[250] No original datiloscrito: "It has been with more than an average degree of interest that I have read your story 'THE CLASH OF THE RACES' for the material has been entertainingly presented and indicates a rich creative imagination. Unfortunately, however, the central theme is based on subject matter that is particularly difficult to present in this country for it is likely to awaken the bitterest kind of partisanship, and for that reason, publishers are invariably loathe to present it to the reading public." (*Álbum de recortes de jornais*, 1, São Paulo, Biblioteca Monteiro Lobato, Acervo Monteiro Lobato, p.309-10).

Não que não tenha tentado ressurgir como editor, ao idealizar a Tupy Publishing Company, sem ter avançado muito do mundo das idéias para o mundo real, indo repousar a Tupy ao lado da fábrica de geléias e da rua suspensa, imaginada para substituir o Viaduto do Chá, como constataria a 05 de setembro de 1927, em carta a Godofredo Rangel: "meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, combater a sangue frio o belo crime que sugeri".

Tentou, mas Monteiro Lobato nos Estados Unidos não era Monteiro Lobato, pelo menos não o editor, não o escritor. Monteiro Lobato nos Estados Unidos era tão-somente J. B. Monteiro Lobato, Adido Comercial da Embaixada Brasileira. E parece ser investido das funções de adido comercial que Lobato escreve a alguns dos amigos do Brasil, como é o caso de Cândido Fontoura. Surpreso ante a grandiosidade da nova terra, talvez uma das primeiras cartas escritas de Nova Iorque seja a seguinte, de 24 de junho de 1927:

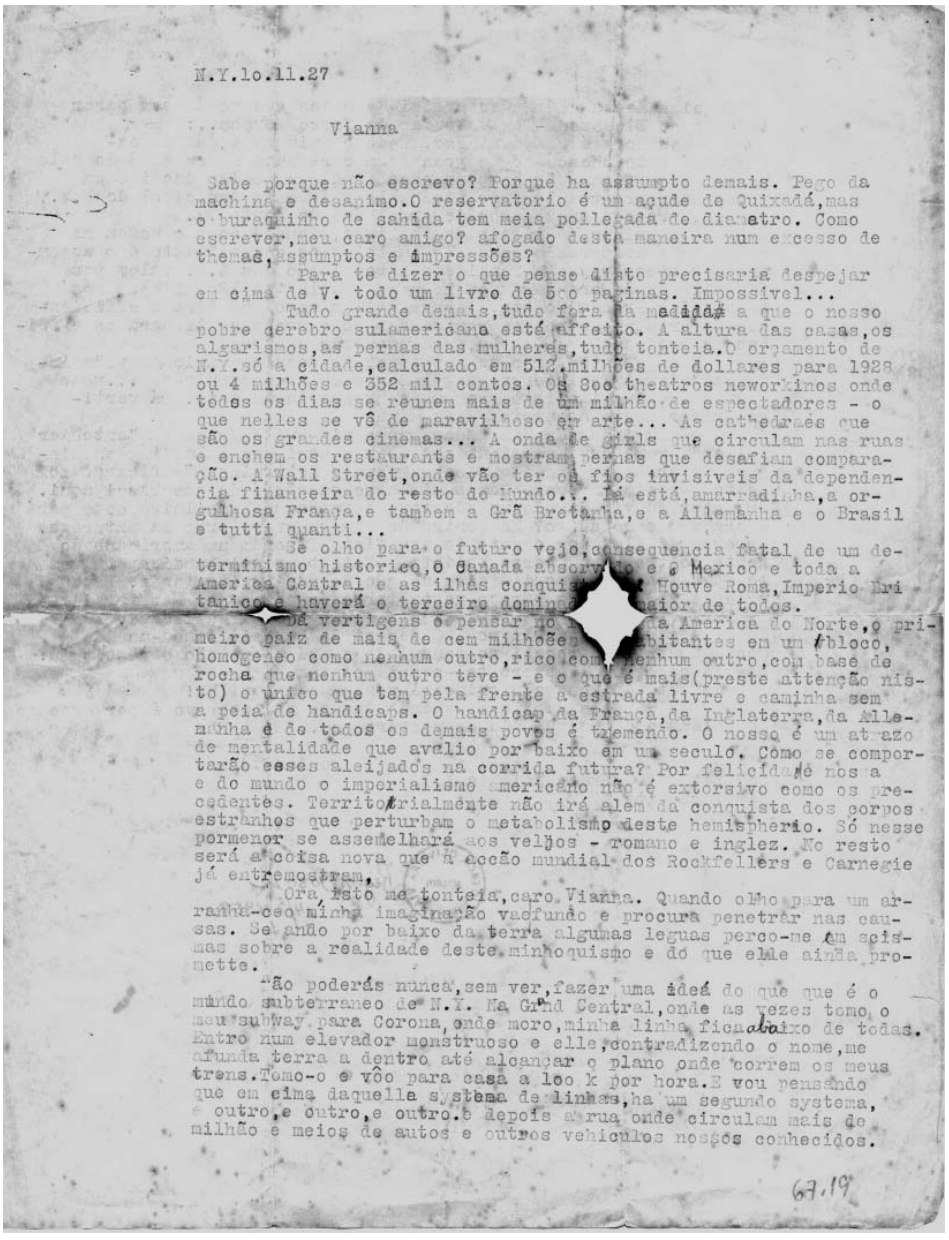
> Cá estou, na maior cidade do mundo. É bem a maior! Tudo imenso, desconforme, acima de tudo quanto podemos imaginar. A nossa mentalidade brasileira só vendo é que pode alcançar a proporção desta cidade infinita. Tudo diferente daí. A ordem, a disciplina, a facilidade da vida, a riqueza do povo... [...] Tudo é assim, de proporções desmesuradas. Você não deve deixar de vir. [...] Estou cá com o Biotônico, mas ainda é cedo para eu te dar alguma notícia a respeito. Tudo é tão grande e novo que custa um pouco tomar pé neste oceano. Mas logo que possa te darei uma opinião fundamentada.[251]

O crescimento dos Estados Unidos – sempre vazado por informações de cunho comercial ou econômico – é de tal ordem que "só vendo" é que se pode ter a dimensão das coisas. Quase cinco meses depois, a 10 de novembro, Lobato escreveria a Oliveira Vianna[252], refinando a tese da grandiosidade dos Estados Unidos:

> Sabe por que não escrevo? Porque há assunto demais. Pego da máquina e desanimo. O reservatório é um açude de Quixadá, mas o buraquinho de saída tem meia polegada de diâmetro. Como escrever, meu caro amigo? Afogado desta maneira num excesso de temas, assuntos e impressões?
> Para te dizer o que penso disto precisaria despejar em cima de V. todo um livro de 500 páginas. Impossível...
> Tudo grande demais, tudo fora da medida a que o nosso pobre cérebro sul-americano está afeito. A altura das casas, os algarismos, a pernas das mulheres, tudo tonteia. [...] Ora, isto me tonteia, caro Vianna. Quando olho para um arranha-céu minha imaginação vai fundo e procura penetrar nas

[251] Cópia xerográfica de manuscrito original. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3498.
[252] Todas as cartas a Oliveira Vianna pertencem ao acervo da Casa de Oliveira Vianna, em Niterói, RJ.

causas. Se ando por baixo da terra algumas léguas perco-me em cismas sobre a realidade deste minhoquismo e do que ele ainda promete. [...] Eu ainda não fiz nada porque vim muito fraco em "entender inglês". Meus ouvidos ainda resistem e aqui, sem falar inglês, ninguém se arranja. Creio que sem um ano de treino não ficarei no ponto. Depois, veremos. Mas a minha sensação é de que nasci aqui. Se antes de vir já não me adaptava ao marasmo brasileiro, como será agora, meu caro amigo? Há dentro de mim um grave erro da natureza. Erraram de alma no momento do meu fiat. Puseram um americano do norte dentro de um corpo sulista. Este terrível handicap talvez me faça fracassar aqui – além de que acordei muito tarde. Estou velho e inda [mais][253] o pareço nesta terra de só moços. Mas farei tudo para v[encer] e vencerei se conseguir dominar a língua.



N.Y.1o.11.27

Vianna

Sabe porque não escrevo? Porque ha assumpto demais. Pego da machina e desanimo.O reservatorio é um açude de Quixadá,mas o buraquinho de sahida tem meia pollegada de diametro. Como escrever,meu caro amigo? afogado desta maneira num excesso de themas,assumptos e impressões?

Para te dizer o que penso disto precisaria despejar em cima de V. todo um livro de 5oo paginas. Impossivel...

Tudo grande demais,tudo fora da medida a que o nosso pobre cerebro sulamericano está affeito. A altura das casas,os algarismos,as pernas das mulheres,tudo tonteia.O orçamento de N.Y.só a cidade,calculado em 512.milhões de dollares para 1928 ou 4 milhões e 352 mil contos. Os 3oo theatros neworkinos onde todos os dias se reunem mais de um milhão de espectadores - o que nelles se vê de maravilhoso em arte... As cathedraes que são os grandes cinemas... A onda de girls que circulam nas ruas e enchem os restaurants e mostram pernas que desafiam comparação. A Wall Street,onde vão ter os fios invisiveis da dependencia financeira do resto do Mundo... Lá está,amarradinha,a orgulhosa França,e tambem a Grã Bretanha,e a Allemanha e o Brasil e tutti quanti...

Se olho para o futuro vejo,consequencia fatal de um determinismo historico,o Canada absorvido e o Mexico e toda a America Central e as ilhas conquistadas. Houve Roma,Imperio Britanico e haverá o terceiro dominador maior de todos.

Dá vertigens o pensar no que será a America do Norte,o primeiro paiz de mais de cem milhões de habitantes em um só bloco, homogeneo como nenhum outro,rico como nenhum outro,com base de rocha que nenhum outro teve - e o que é mais(preste attenção nisto) o unico que tem pela frente a estrada livre e caminha sem a peia de handicaps. O handicap da França,da Inglaterra,da Allemanha é de todos os demais povos é tremendo. O nosso é um atrazo de mentalidade que avalio por baixo em um seculo. Como se comportarão esses aleijados na corrida futura? Por felicidade nós a e do mundo o imperialismo americano não é extorsivo como os precedentes. Territorialmente não irá alem da conquista dos corpos estranhos que perturbam o metabolismo deste hemispherio. Só nesse pormenor se assemelhará aos velhos - romano e inglez. No resto será a coisa nova que a acção mundial dos Rockfellers e Carnegie já entremostram.

Ora,isto me tonteia,caro Vianna. Quando olho para um arranha-ceo minha imaginação vae fundo e procura penetrar nas causas. Se ando por baixo da terra algumas leguas perco-me em cismas sobre a realidade deste minhoquismo e do que elle ainda promette.

Não poderás nunca,sem ver,fazer uma ideá do que que é o mundo subterraneo de N.Y. Na Grnd Central,onde as vezes tomo o meu subway para Corona,onde moro,minha linha fica abaixo de todas. Entro num elevador monstruoso e elle,contradizendo o nome,me afunda terra a dentro até alcançar o plano onde correm os meus trens.Tomo-o e vôo para casa a 1oo k por hora.E vou pensando que em cima daquelle systema de linhas,ha um segundo systema, outro,e outro,e outro.E depois a rua onde circulam mais de milhão e meios de autos e outros vehiculos nossos conhecidos.

67.19

Frente da carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna, danificada pela ação do tempo (Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ)

[253] Nesse ponto o papel da carta se rasgou pela ação do tempo. O que vai entre colchetes é uma hipótese, a partir do contexto.

Tudo é motivo para o deslumbramento, "a altura das casas, os algarismos, a pernas das mulheres, tudo tonteia". A partir dessa tese, Lobato apresenta ao sociólogo Oliveira Vianna um quadro bastante rico da sociedade norte-americana dos anos 1920. Contudo, Lobato acaba defrontando-se com a limitação do gênero epistolar: "para te dizer o que penso disto precisaria despejar em cima de V. todo um livro de 500 páginas. Impossível..." E, ao final, conclui: "Ficas sabendo que se não escrevo é por excesso de coisa a dizer. Um dia conversaremos..."

A tese do "extrapaisamento" desenvolve-se na carta a Oliveira Vianna de 15 de abril de 1928:

> As medidas que o mundo conhece já não servem para medir um país que está deixando de ser país para ser todo um mundo novo dentro do velho. Em matéria de riqueza, por exemplo. A Broadway tem 18 milhas de extensão – uma rua... O valor predial do seu casario margeante sobe a 7 bilhões de dólares. A riqueza do nosso riquíssimo Brasil é de 10 milhões de contos, isto é, a sétima parte da Broadway... [...] Há um livro que te recomendo, André Siegfried[254] – Les États Unis d'aujourd'hui[255]. Com toda a amargura do europeu que vê um por um dos cetros da Europa mudarem de continente, esse francês estuda o colosso, friamente, sem entusiasmo, melancolicamente e não conclui – deixa que o leitor conclua que o ciclo europeu da humanidade vai-se lentamente encerrando para abrir lugar ao ciclo novo. Tenho a impressão que o cataclisma de 1914 na Europa marcará o termo da hegemonia de um continente. No começo era a Ásia. Depois veio a Europa. Depois a Europa esclerosou-se e surgiu a América. Assim dirão as bíblias sociológicas do ano 3000 por boca dos Oliveiras Viannas de então.
> Infelizmente por América não se entenderá também o Brasil, mas apenas a América anglo-saxônica e nórdica. Nós, do México para baixo, pertencemos ao ciclo europeu, e apodrecemos com ele.
> O que vim buscar neste país, sabes o que foi? Um desânimo infinito – a certeza do que eu suspeitava, que a raça é tudo e que não temos raça... Gobineau[256], Gobineau... [...] Que campo, Vianna, a vis sociológica que possuis encontraria neste mundo que está extravasando do mundo...

---

254 "**SIEGFRIED** (André), geógrafo, historiador e sociólogo francês (Le Havre 1875 – Paris 1959). Um dos fundadores da ciência política moderna, foi o promotor da sociologia na França (Quadro político da França ocidental, 1913; Quadro dos partidos na França, 1930)." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.22, p.5368).

255 SIEGFRIED, André. *Les États-Unis d'aujourd'hui*, par André Siegfried... Avec 8 cartes et figures. Paris, A. Colin, 1927.

256 "**GOBINEAU** (Joseph Arthur, *conde de*), diplomata e escritor francês (Ville-d'Avray 1816 – Turim 1882). Jornalista e romancista, tornou-se um dos pais do racismo moderno ao escrever o ensaio A desigualdade das raças humanas (1853-1855), onde propôs uma teoria pseudocientífica sobre a superioridade da chamada raça nórdica, loura e dolicocéfala, originária do norte da Europa Ocidental. Essa doutrina teve enorme influência na formação do racismo oficializado na Alemanha pelo nazismo. Gobineau foi embaixador no Brasil, onde tornou-se amigo do imperador D. Pedro II; defendeu a tese de que o Brasil não poderia se desenvolver devido ao enorme contingente de indivíduos pertencentes a 'raças inferiores' em sua população, tese que – apesar de sua falsidade científica – exerceu enorme influência no pensamento social brasileiro da primeira metade do século XX, especialmente na obra de Oliveira Viana. Escreveu também o romance *Les Pleiades* (1874) e as novelas *Nouvelles asiatiques* (1876)." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.11, p.2734).

É importante observar o recorte sociológico que Lobato procura dar na carta a Oliveira Vianna, inclusive com a alusão a Gobineau, à obra do qual certamente o destinatário não seria infenso. Ademais, o trecho seria aproveitado, em 1932, no livro *América*, na boca de Mr. Slang: "Não meça as coisas americanas com as medidas da sua terra. As velhas medidas européias, que são as mesmas da América do Sul, não medem mais a América do Norte. Ela não só criou coisas novas, como também criou medidas novas". [257]

Por fim, a tese do "extrapaisamento" atinge o ápice em 22 de dezembro do mesmo ano, em nova carta ao autor de *Populações Meridionais do Brasil*:

> É tal a vertigem do progresso econômico, é tão rápido e constante o enriquecimento geral do povo que a evolução, sob todos os seus aspectos, tem de trotar largo. E tão largo tem trotado que não temos símile na história que aproveite para comparações ou ponto de referência para as coisas americanas. Meus estudos – e têm sido árduos, levaram-me a esta fórmula: Não é mais país. País é França, Alemanha, etc. States não é mais país. Extrapaisou-se. Virou mundo dentro do mundo e Central Station que fatalmente terá de manobrar todos os outros países. Em vista disso sua evolução está tomando rumos inéditos, imprevistos e impossíveis de serem bem apreendidos pelos pensadores de fora. Há um terrível óbice para isso: falta de medidas. A desproporção das coisas americanas está criando cada dia medidas novas e inéditas porque as velhas, as européias, não work. [...] É tal o número de autos em perpétua circulação que, visto o quadro de longe, de aeroplano ou dum skyscraper, dá uma singularíssima impressão: um novo animal, um besourão invadiu a terra e vive em simbiose com a velha criatura que Jeová concebeu à sua imagem e semelhança. Você pode conceber, por exemplo, uma cidade como esta onde 800.000 autos correm sem parar?
>
> Outro eterno assombro meu é a undercity. New York cresceu e cresce em todas as dimensões a tanto bota coisas para cima como para baixo. Constrói arranha-céus e arranha-inferno. O número de trens subterrâneos é incrível. Há dias em que o tráfico subtérreo sobe a 5 milhões. O movimento geral do ano passado ascendeu a 5 bilhões de pessoas. E a subcidade não é coisa só de trafegar. Você poderá viver a vida inteira minhocalmente sem sentir nunca necessidade de vir à tona e sem se privar de nenhum dos maravilhosos confortos da civilização. E dia a dia mais fundo desce a cidade. Estações há onde para você alcançar o andar desejado ou descerá por escada rolante ou por elevador, (descedor seria a palavra), porque a pé você não agüentaria.

Deve-se observar, ainda, nessas cartas americanas de Lobato, o grande número de palavras em inglês que vão sendo salpicadas aqui e ali – no trecho transcrito acima, por exemplo, temos *work*, *skyscraper*, *undercity*, além dos topônimos *States* e *Central Station* –, o que poderia dar uma "cor local" ao texto da carta, já que, na maior parte das vezes, Lobato utiliza concomitantemente os termos equivalentes – existentes ou neologismos – em português (no

[257] *América*. São Paulo: Brasiliense, 1962, p.96.

trecho acima, por exemplo, temos a convivência entre *skyscraper* e arranha-céu – além do jocoso neologismo antônimo arranha-inferno – e *undercity* e o neologismo subcidade).

Também na abertura da carta a Lino Moreira, datada de 18 de setembro de 1927, Lobato ressalta a insuficiência do gênero para expressar tudo o que precisaria ser dito sobre um país das dimensões dos Estados Unidos:

> Que te dizer deste maravilhoso país? As impressões são tantas que não cabem em carta, nem em livro. Só uma daquelas longas palestras na saudosa Copacabana, com o Dr. Toledo ao lado de D. Dulce[258] toda ouvidos é que seria possível dizer deste avesso do Brasil. Para ter uma idéia imagine tudo ao contrário daí – e consulte o cinema.[259]

Lobato, deslumbrado, descreve uma viagem que fizera a Washington:

> A semana passada fui a Washington de auto. Que estradas! Que conforto, que maravilha... Vim besta pelo resto da minha vida e com tristeza imensa do Brasil não ser assim. Em 650 milhas de ida e volta, cortando inúmeras cidades do interior, lindas como sonhos, não vi um pobre, um esfarrapado, um mendigo... E o que mais me assombra aqui – a riqueza, o bem-estar do povo. [260]

É interessante, nesse passo, confrontar esse trecho com parte de uma carta escrita nove dias antes a Arthur Neiva:

> Que estradas, que culturas, que gado, que cidades, que riqueza generalizada que povo imensamente feliz! Nem um pobre pelo caminho a pedir esmola pelo amor de Deus, nem um estropiado, nem um esfarrapado. Todos felizes, todos nos seu job bem remunerado. Isto é positivamente um assombro. Leio o Times e vejo na grande Inglaterra mais de um milhão de sem trabalho pesando nos encargos do estado. Vejo a Alemanha arcando com terríveis problemas, vejo a França a bracejar, vejo por toda a parte o eterno quadro da miséria ao lado da riqueza. Mas aqui vejo todos os problemas resolvidos e uma média de felicidade individual que nunca nenhum sociólogo julgou possível. É positivamente o primeiro país que acertou a mão na ciência do viver coletivo. [261]

Nessa mesma carta, encontramos o diagnóstico do Brasil, em confronto com a situação norte-americana:

> Neste ponto de vista vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar da sua mentalidade. É o caso perdido que eu já supunha aí. Para curá-lo era preciso uma campanha tremenda que o convencesse de 4 coisas. 1) Que não é um país

[258] Pedro Manuel de Toledo (1860-1935), sogro de Lino, e Dulce, esposa de Lino.
[259] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.I, p.207.
[260] *Id*., *ibid*., p.207-8.
[261] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 36, datado de 09 de setembro de 1927 (CPDOC/FGV).

> novo como os jornais e todo o mundo vivem a proclamar, e sim um país dos mais velhos do mundo. Idade se conhece pelos sinais da ação do tempo no organismo, rugas, cabelos brancos, arteriosclerose etc. e não vejo povo que apresente mais destas coisas. Herdou em 1500 a decrepitude de Portugal e aperfeiçoou-a a ponto que importa português para ronçar o sangue. 2) Que o que o brasileiro chama inteligência é uma coisa muito velha no mundo e conhecida por burrice. Somos imensamente burros, tão burros que não nos apercebemos disso. Inda não vi um jornal daqui falar na inteligência do americano. No dia em eles descobrirem que são inteligentes é possível que comecem a desandar a emburrecer, do mesmo modo que no dia em que nos convencermos da nossa burridade hereditária é possível que comecemos a ficar inteligentes. Sempre o nosce te ipsum. 3) Convencer-se que é pobre, talvez mesmo o mais pobre de todos os países pobres do mundo, pobre de pedir esmola a quanto povo souber ganhar e juntar dinheiro. Essa convicção será o primeiro passo para o enriquecimento. 4) Convencer-se que é um doente. Neste pormenor vejo uma doença nova que aí não me chamou muito a atenção: paralisia. Um país onde um sujeito para ir de um ponto a cem milhas de distância precisa, salvo honrosíssimas exceções, montar num nosso irmão cavalo e gastar 150 horas da sua vida é positivamente um país paralítico. O americano faz essas 100 milhas com o dispêndio de 2 horas de vida.

O tema apresentado a Arthur Neiva é praticamente o mesmo que vimos nas cartas a Oliveira Vianna: o avanço tecnológico dos Estados Unidos frente ao atraso brasileiro. Contudo, se nas cartas a Oliveira Vianna os argumentos expendidos eram sociológicos, aqui vemos um esforço no sentido do biológico: ao sanitarista Neiva, Lobato diagnostica os males do Brasil e conclui pela doença, pela paralisia crônica.

As cartas americanas de Lobato apresentam, assim, em sua maioria, esse deslumbramento com a terra nova, e são muito semelhantes entre si na escolha dos fatos a serem narrados. No que se diferenciam, contudo – é a nossa hipótese –, é em pequenos elementos escolhidos em função de cada destinatário.

Na já citada carta a Lino Moreira, de 18 de setembro de 1927, lado a lado com o deslumbramento pela grandiosidade norte-americana, vemos a nostalgia dos tempos da faculdade:

> Tenho estado sempre com o Sebastião Sampaio[262], e recordamos o nosso tempo de S. Paulo. Sebastião foi um dos novos do Cenáculo, um dos da última fase, de modo que olha com grande respeito de calouro para os velhos. E assim matamos saudades da pátria revivendo a boa vida daquele tempo, ou de antanho, como diria o Raul. [263]

[262] Sebastião Sampaio (1884-?), cônsul do Brasil em Nova Iorque no período em que Lobato esteve nos Estados Unidos. Obras: *A tortura do real, contos* (Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1907); *O café do Brasil neste século, um rápido ensaio histórico – memórias de um embaixador repórter – no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa – de 1892 a 1958* (Rio de Janeiro, 1958).

[263] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t. I, p.208.

Diferentemente, nas cartas a Cândido Fontoura, Lobato ressaltará sobretudo as relações comerciais, pondo em primeiro plano a satisfação dos interesses do amigo. Fontoura teria interesse em ingressar no mercado norte-americano com o seu mais célebre produto, o Biotônico, e pedira a ajuda do amigo adido comercial para obter as informações necessárias. É o que vemos no trecho seguinte, de carta de 25 de agosto de 1927:

> Quanto ao Biotônico já verifiquei o seguinte. Não há produto que não tenha saída neste país, se anuncia. A base de tudo é o anúncio, e os retalhistas chegam a não receber nem se quer em consignação produto nenhum se acaso não os vêem muito anunciados. De modo que a base para o lançamento do Biotônico é um forte capital para atrair os ouvidos do público com o reclame – o mesmo que fez v. aí. A diferença é que aí com pouco dinheiro se anuncia mas aqui sem um dispêndio inicial de 100.000 dollars nada se faz. Em compensação o volume das vendas torna-se logo tão grande que o difícil é saber o que fazer do dinheiro. O país está cada vez mais rico. Há bancos que quebram por excesso de fundos. Como a lei restringe ou regula o emprego de capitais dos bancos, impedindo-os de os empregarem em títulos especulativos, eles ficam com o dinheiro parado e quebram. Por isso andam dando dinheiro para quanto país há pelo mundo; calcula-se que cada americano, inclusive as crianças já estão empatando em empréstimos externos 15 dol. por ano. Isto para começar...
> A outra hipótese de encontrar aqui quem queira associar-se ao Biotônico para explorá-lo com um royalty para os donos da fórmula é possível, mas não fácil. Só com o tempo podemos ver isso. Mas já dei uns passos e espero umas respostas.[264]

Contudo, não vemos somente os interesses comerciais nessas cartas a Fontoura. Lobato convida o destinatário a conhecer os Estados Unidos:

> E... quando vens? porque é preciso que venhas. Não podes ficar por mais tempo sem conhecer um país perfeitamente estandardizado. Ontem fui ao teatro com P. e lá nos lembramos de V. Havia um ator que era o teu jeitinho escarrado. Como as peças daqui ficam no cartaz anos, e esse apesar de já estar há dois anos talvez ainda fique outro tanto, é possível que você quando vier ainda possa ver-se no Ziegfield Theatre.[265]

Mas nota predominante é dada mesmo pelos objetivos comerciais e industriais de Fontoura nos Estados Unidos. Além do interesse em introduzir o Biotônico no mercado norte-americano, Fontoura também manifestara curiosidade pelo funcionamento das farmácias nos Estados Unidos, no que foi prontamente atendido pelo adido comercial Lobato que responde, em carta de 10 de julho de 1930, longamente a um questionário proposto por Fontoura, cujas informações complementaria em carta de 05 de setembro do mesmo ano

[264] Cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 33, documento 3499.
[265] Cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 33, documento 3499.

("Venho completar hoje as informações sobre o farmacêutico na América, que tanto te está interessando" [266]).

Mas Lobato também servia de intermediário para proposição de negócios a Fontoura, como na carta seguinte, de 20 de agosto de 1930:

> Um médico de New York está patenteando um novo tipo de seringa para duchas vaginais sobre a qual ele diz maravilhas. Pediu-me conselho sobre a quem no Brasil poderia propor negócio de representação ou de fabricação e eu indiquei você. Veja se a coisa convém à tua firma, sabendo que, em caso afirmativo, poderás ficar com o direito de fabricá-la aí. Caso não te convenha o negócio era favor indicares alguém que tenha interesse nisso. [267]

Se para Fontoura Lobato apresentaria principalmente elementos da indústria e do comércio farmacêuticos, para o cunhado Heitor de Morais que, segundo Cassiano Nunes, "era melômano e compunha música" [268], a fatia da sociedade norte-americana escolhida será outra: a da música. Lobato, que se confessava a Rangel "tão pouco musical" [269], procura sempre incluir, nas cartas ao cunhado, um elemento musical. É o que vemos na carta de Nova Iorque, a 26 de junho de 1927:

> Já estamos americanizados, isto é, já temos automóvel e rádio. O rádio cá é um assombro, porque pode ser ouvido o dia e a noite inteira. O programa de hoje, p. ex. consta de mais de 400 números, entre os quais as melhores orquestras e virtuoses do mundo. Você aqui ficava saturado de música pelo resto da vida. [270]

O cunhado é lembrança constante, é a presença ausente quando o assunto é a música, como vemos na carta de 04 de julho de 1928:

> Vejo que continuas terrivelmente musical e por isso lembro-me de ti sempre. Isto é terra de música. Com os aparelhos multiplicadores de sons que inventaram e com a atitude libérrima que adotaram para com a coisa clássica chamada música européia, não há hoje país mais intensamente e mais curiosamente musical do que este. Mando-te um programa de rádio. Por ele verás o que diariamente circula pela atmosfera, indo ter aos ouvidos de 50

[266] Cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 33, documento 3526.
[267] Cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, pasta 33, documento 3525.
[268] NUNES, Cassiano. *O "sonho americano" de Monteiro Lobato*. São Paulo: Copidart, s/d, p.20.
[269] Carta de 26 de junho de 1930. *In*: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.321. Encontramos ainda noutras cartas um Lobato que se apresenta como pouco afeito à música: por exemplo, na carta a Adroaldo Ribeiro da Costa, compositor da opereta *Narizinho*, Lobato diria a 31 de dezembro de 1947: "bem arrumado o libreto, V. cuida lá da música, da melhor maneira possível – de música não entendo" (*Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.245). Noutra carta, "provavelmente de 1944", escrita justamente para Gulnara, filha de Heitor, diria Lobato sobre o neto Rodrigo: "Talvez o Rodrigo haja herdado a musicalidade do Heitor. Eu que não lhe transmiti nada disso. – Nasci um cavalo para a música – e 60 anos de vida na terra só serviram para acentuar a cavalência" (*Ibid*., t.2, p.126-7).
[270] *Cartas escolhidas*, *cit*., t. I, p.203.

> milhões de pessoas que melo-radizam-se dia e noite. Queria que ouvisses o órgão dos grandes cinemas, Roxy, Paramount, Hippodrome, Capitol. Eles pegaram do velho órgão europeu e fizeram coisa nova. Transformaram-no em um aparelho monstruoso, cujas bocas emissoras de sons se ocultam à direita e à esquerda, em cima e embaixo das paredes dessas imensas catedrais, de modo a permitir os mais imprevistos efeitos dialogais, e criaram uma infinidade de combinações de sons, capazes de reproduzir tudo o que é voz da natureza, desde o latido do cão até o uivo dos vendavais. [271]

Possivelmente instado pelo cunhado a se manifestar sobre o êxito de uma pianista brasileira nos Estados Unidos, Lobato assim se manifesta, nessa mesma carta:

> A D.? Uma excelente criatura, digna de toda a estima. Quero-lhe muito bem. Mas... não é pianista. Sua estréia foi um feio desastre, com manifestações de desagrado da assistência e críticas irônicas em todos os jornais. Esqueceu-se ela de que a platéia americana é a mais exigente do mundo, porque justamente a que mais elementos de comparar possui. Não há grande músico no mundo que não anseie por exibir-se aqui, única terra que paga com largueza, de modo que os freqüentadores do Carneggie Hall, por exemplo, estão num pé de capacidade crítico-comparativa que em parte nenhuma se observa. A Guiomar[272] conquistou-os e é pura expressão da verdade tudo quanto aí se diz dos sucessos dela neste país. Já o que se noticiou aí sobre a D. é tudo mentira, arranjo telegráfico para tapeação do indígena, fichas de consolo. Sei onde e como tais notícias são elaboradas. Visam apenas fazer a política social da colônia brasileira e tapear o botocudo aí. Nada exprimem da realidade dos fatos. O tal concerto na casa de Mrs. Ryan (?), pura blague. Não nego a audição nem a existência dessa desconhecida Ryan. Mas as tais doze professoras de conservatório, e o juízo de que é a D., a maior pianista brasileira, etc., tapeação. Todas as notícias sobre coisas daqui dadas para a imprensa brasileira são falsas, são arranjos. Conheço a fonte e sei o espírito que as inspira. Mas... fique isto entre nós. Quero muito bem a D. e apesar do meu amor à verdade não sei se, posto no dilema de desagradá-la, dizendo a verdade ou mentir para lhe ser agradável, não mentiria eu tão cinicamente como a agência brasileira de mentiras *ad usum* tupinambás. Bico, pois! Saiba da coisa mas não a publique, e muito menos como vinda de mim. Sejamos políticos. [273]

Da mesma forma como veremos adiante em relação ao "caso Miss Brasil", Lobato, como adido comercial, tinha acesso a informações que o público brasileiro ignorava. Confidencia ao cunhado a "mentira" das notícias a respeito da pianista e chega a – embora dissesse não entender de música – tecer críticas sobre o seu desempenho. Ao fim, pede ao cunhado que não publique a informação: "sejamos políticos".

Em carta de 24 de janeiro de 1929, Lobato voltaria ao tema caro ao cunhado, a música. Carta com curioso vocativo, em que Lobato chama Heitor de "meu caro Rouget de Lisle", em

[271] *Cartas escolhidas*, *cit*., t. I, p.253.
[272] "Guiomar Novais" (*Cartas escolhidas*).
[273] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.I, p.254-5.

alusão ao compositor d'*A Marselhesa*, o hino nacional francês, Claude-Joseph Rouget de Lisle (1760-1836). A alusão não é gratuita, pois vemos que, ao que tudo indica, o cunhado tinha se aventurado a compor uma peça musical – *Clarinada*, que Purezinha logo executou ao piano – , que deveria ser uma marcha – "os sons marcialmente ordenados pela tua veia belicosa" – tal como o era inicialmente o hino francês – *A Marselhesa*, intitulada originalmente *Chant de guerre pour l'armée du Rhin* (1792), era um canto de guerra, uma marcha militar que se tornou popular entre os voluntários da cidade de Marselha. Ademais, a "veia belicosa" do cunhado se revelaria numa "tentativa revolucionária" – é preciso lembrar que Heitor de Morais era anarquista, tinha publicado um livro de saudades em homenagem ao também anarquista Ricardo Gonçalves, e advogava em favor de militantes anarquistas[274] – em que cogitava, bem como em sua admiração pelo revolucionário e político nicaragüense Augusto César Sandino (1895-1934):

> Recebi tuas confissões com o histórico da gestação, dores e parto da Clarinada. Purezinha foi logo ao piano e encheu a casa com os sons marcialmente ordenados pela tua veia belicosa. Aprovação geral. Foste logo classificado como o Rouget da família – mas eu, como burguês velho, fiz logo votos mentais para que não venhas a ser bem sucedido na tentativa revolucionária que estás incubando. Chega de revoluções. Cuidemos de um remédio indireto e seja ele o remédio nº1 – FERRO, ferro velho cansado de guerra. Só ele, só ferro cura realmente anemias – tudo o mais é panacéia, paliativo.
> Fico ciente de que tomas a sério Sandino, e não mais direi nada que ofenda tua adoração pelo novo ídolo. Vivemos em dois mundos bem diversos, por assim dizer polares. O que tem grande importância aí não tem aqui nenhuma, e vice-versa. Apenas eu objetarei que as coisas que têm importância aqui, "resultam", *work*, como se diz na língua da terra, e as coisas de importância aí causam agitação, consumo de superlativos, rouquidação de garganta – mas tudo fica na mesma. Como estou velho e sou burguês sem barriga, ponho-me hoje sistematicamente ao lado do que resulta. *Then*...[275]

Numa carta seguinte, datada de 27 de agosto de 1929, novamente a lembrança do cunhado músico torna à mente:

> Sempre nos lembramos de você, quando estamos no rádio. Comprei um novo e apesar de não ser grande amigo da música tenho me regalado como nunca. Esta palavra rádio não diz nada para vocês aí; só vindo à América é que se pode realizar o seu *meaning*. [276]

---

[274] *Cf*., a respeito, as biografias de Domingos Gonçalves, João Gomes da Silva, Sofia Garrido, Victor Rogrigues, *in*: RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros: Biografias dos militantes anarquistas e anarco-sindicalistas brasileiros*. Rio de Janeiro / Florianópolis: VJR-Insular, 1994-1997. Disponível em: http://www.agrorede.org.br/ceca/edgar/Comps.html Acesso em 14 fev. 2005.
[275] *Cartas escolhidas*, *cit*., t. I, p.271.
[276] *Id*., *ibid*., p.292.

A ausência do cunhado em Nova Iorque era sentida sempre que a música o trazia a memória. Lobato, então, recorre à carta para trazê-lo à presença, mesmo não sendo "grande amigo de música".

Noutro sentido, encontraremos cartas de Lobato em que a nostalgia se instala não pela distância, mas pela instantânea separação após um intenso período de convivência. É o que poderíamos chamar de "nostalgia do companheiro ideal".

Tendo sido delegado do Brasil na Conferência de Havana[277] no início de 1928, Alarico Silveira (1878-1943) resolveu aproveitar a viagem e fazer uma visita ao amigo adido comercial em Nova Iorque. É o que nos diz Lobato na abertura da carta de 1º de fevereiro de 1928:

> Estive hoje com o Graça [278], do Lloyd, que veio encantado de você e me trouxe a boa notícia de que a conferência termina a 18. Fico rezando para que assim seja e você reapareça. Temos um mundo de coisas maravilhosas a ver e dessas que dobram de valia quando vistas a dois – e por dois que saibam ver e se entendam. [279]

Alarico estivera nos Estados Unidos visitando o amigo. Obviamente não há cartas desse período: a presença do destinatário eliminava a necessidade da comunicação escrita, que é retomada, contudo, a 10 de abril de 1928, quando Lobato lamenta a perda do "companheiro ideal":

> Isto ficou muito triste depois que você foi. Não há nada mais raro na vida do que um companheiro que saiba ver e veja pelo mesmo ângulo da gente. Durante um mês tive esse companheiro – e regalei-me de ver a fundo e *comme il faut*. Mas agora, que escuridão! Não saí mais, não fui mais a nenhum teatro nem cinema – e até gripe tive. Caí doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro. [280]

Meses depois, em carta de 07 de fevereiro de 1929, Lobato reafirma a necessidade do "companheiro ideal" ao imaginar Alarico como a companhia para uma "pescaria" nos alfarrabistas:

---

[277] A 6ª Conferência Internacional Americana, ou Conferência de Havana, como é mais conhecida, foi um encontro de Direito Internacional Privado que reuniu 21 países americanos (Peru, Uruguai, Panamá, Equador, México, El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Honduras, Costa Rica, Chile, Brasil, Argentina, Paraguai, Haiti, República Dominicana, Estados Unidos e Cuba), teve como principal resultado a aprovação do chamado "Código Bustamante", uma Convenção de Direito Internacional Privado, promulgada no Brasil pelo Presidente Washington Luís por meio do Decreto nº 18.871, de 13 de agosto de 1929.

[278] Talvez uma referência ao futuro Almirante Heráclito de Graça Aranha (1873-1944), que foi Adido Naval ("Oficial da Marinha, credenciado junto à Marinha do país onde serve, representando a Marinha do Brasil") do Brasil nos Estados Unidos de 21 de fevereiro de 1922 a 19 de dezembro de 1923. *Cf.* Escritório do Adido Naval nos EUA e no Canadá. Disponível em: http://www.brasilemb.org/adneuc/index_br.htm Acesso em 02 fev. 2007.

[279] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t. I, p.226.

[280] *Id.*, *ibid.*, p.228.

> Estou à espera de que de repente te surja uma nova oportunidade de dar um pulo até cá. Há coisas novas a ver e um mundo de coisas velhas a rever e estudar. O Lessa descobriu preciosidades nos alfarrabistas de Washington e creio que elas devem abundar aqui. Ando sempre me preparando para uma investida, mas nunca tenho tempo nem companheiro – e certas coisas precisam ser feitas a dois – a dois que se entendam. Por isso não perco a esperança de ainda um dia fazer essa deliciosa pescaria em companhia dum pescador de marca maior como é você. [281]

Lobato reforça aqui o traço de cumplicidade da amizade entre ambos, que já havia aparecido na carta de 1º de fevereiro de 1928 ("temos um mundo de coisas maravilhosas a ver e dessas que dobram de valia quando vistas a dois – e pois dois que saibam ver e se entendam").

O tema dos sebos parece ter interessado o destinatário, pois Lobato voltaria a eles em carta de 12 de abril de 1929:

> Descobri inúmeros sebos aqui, repletos de coisas preciosas. Dei na zona onde eles se aglomeram, em Down Town. Descobri e passei a fugir de lá, para escapar à tentação. O que há nesta terra em matéria de livros é de pôr um bibliófilo doente. Segue a título de amostra o catálogo de um deles. [282]

Lobato, sabendo do gosto de Alarico por livros [283], e apesar de não ter o "companheiro ideal" a seu lado, percorre alguns sebos e consegue um catálogo para enviar ao amigo.

Encontramos também a "nostalgia do companheiro ideal" nas cartas a Anísio Teixeira. Ao que tudo indica, Anísio Teixeira e Monteiro Lobato conheceram-se nos Estados Unidos, quando este era adido comercial em Nova Iorque e aquele, diretor-geral de Instrução do Estado da Bahia, conseguira uma bolsa de estudos do Teachers College da Columbia University of New York.

A presença de Anísio Teixeira em Nova Iorque deixa profundas marcas na vida familiar de Lobato. Mais do que em relação a Alarico Silveira, Lobato expressará em suas cartas não só a nostalgia do "companheiro ideal", mas também a nostalgia de um modelo de conduta. É o que lemos, por exemplo, na abertura da carta escrita em julho de 1929:

---

[281] *Cartas escolhidas*, *cit*., t. I, p.277.
[282] *Id*., *ibid*., p.283.
[283] Em carta de 15 de março de 1929, Lobato chega a pedir emprestado alguns livros da biblioteca de Alarico, com o objetivo de escrever um livro sobre o folclore brasileiro: "Quem sabe, Alarico, se você me pode reunir aí alguns dos livros indispensáveis para eu fornecer aos editores americanos o que eles me pedem? Na tua biblioteca deve haver muita coisa e eu proporia o seguinte: que me fornecesses por empréstimo esses livros, dois de cada vez. Eu faria a caçada e os devolveria, mandando-me você outros. Com paciência e vaivéns a coisa se faria." (*Cartas escolhidas*, *cit*., t.I, p.280-1). O mesmo na carta de 05 de novembro de 1931: "Ando necessitado que você me preste um favor emprestar-me por uns dias um livro de Mencken que você tinha, 'The American Language'." (*Cartas escolhidas*, *cit*., t.I, p.313).

Bagdad-over-the subway [284], Julho, 929

Caro Anísio

> Chegou-me tua carta do *Gelria* e lemo-la cinco vezes, eu três e Purezinha duas. Deixaste nela uma entusiasta, a ponto de te excluir sempre, como exceção única, quando tem de meter as botas na nossa gente masculina.
> Meu caro Anísio, tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem que fazer dos meus domingos e tive de inventar uns *outings* de auto, com Muniz [285] e outros, pelo estado de Connecticut a dentro, para tapar o buraco que abriste nos meus *Sundays*. A primeira parte deles ainda está boa, pois enche-a o nosso suculento e *matter-of-fact-minded Times*; mas as tardes ficaram miseráveis.[286]

Não é só Lobato quem se ressente da ausência do amigo; também a esposa, Purezinha, pelo que diz na carta, sente a falta de Anísio e passará a vê-lo como um modelo de conduta, conforme se lê em 16 de outubro de 1929: "aqui em casa continuas lembrado vivamente e Purezinha sempre que precisa puxar um exemplo completo vem com o Anísio. Creio que você jamais conquistou uma admiradora mais consciente e sólida." Assim como Lobato aguardava que uma nova "conferência de Havana" trouxesse de volta Alarico Silveira, também ele esperava que algum acontecimento propiciasse a volta de Anísio, como lemos nessa mesma carta: "estou sempre à espera de que de repente os fados te propiciem uma nova fuga para cá e possamos retomar os nossos inesquecíveis cavacos dos domingos".

As expressões de afeto são reafirmadas na carta de 15 de janeiro do ano seguinte, logo após as saudações:

> Meu caro Anísio, creia que nunca serás esquecido aqui e que não se passa domingo sem que te recordemos as queridas e eufóricas visitas. Já não tenho com quem trocar idéias e a língua me enferruja. Tirando o Coelho [287], aonde vou às vezes, não tenho prosa. Até Almeida (com o qual aliás não havia conversar e sim ouvir) anda desgarrado, parido daqueles planos gigantescos e jururu. Só o Anísio era o Anísio e só ele sabia fazer-se esperar com ansiedade e ser *missed* quando falhava.

---

[284] Essa parece ser uma corruptela de "Bagdad-on-the-Subway", a expressão pela qual o escritor norte-americano O. Henry (1862-1910) gostava de chamar a cidade de Nova Iorque. *V*., por exemplo, o verbete sobre o escritor na *Encyclopedia Labor Law Talk*. Disponível em: http://encyclopedia.laborlawtalk.com/O._Henry Acesso em 20 março 2005.

[285] "MUNIZ, Manuel Carreiro – auxiliar de Monteiro Lobato em seu escritório nos Estados Unidos" (VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p.112)

[286] Todos os excertos de cartas de Lobato a Anísio Teixeira serão transcritos da edição organizada por Aurélio Vianna e Priscila Fraiz (*Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986). Algumas cartas de Lobato a Anísio também podem ser encontradas no livro *Monteiro Lobato Vivo*..., *cit*., organizado por Cassiano Nunes.

[287] Artur Coelho.

Lobato expõe ao amigo Anísio a melancolia que sua ausência provocava. Não somente pela ausência, que podia ser remediada pela correspondência, mas também e principalmente pela qualidade dessa ausência – afinal, "só o Anísio era o Anísio e só ele sabia fazer-se esperar com ansiedade e ser *missed* quando falhava". O fecho dessa carta retoma o trecho transcrito acima:

> Adeus, meu caro amigo dos inesquecíveis domingos de New York. Escreve de vez em quando e abre-te. Comigo terás de ser o contrário do que te aconselhei – não sou a platéia política, nem dou a jornais cartas íntimas. Adeus. Saudades de Purezinha – uma tua amiga maior do que poderás imaginar – e da Rute.
> Adeus

A despedida se prolonga: por três vezes a palavra "adeus" é escrita, pontuando a conclusão da carta. Nessa conclusão, a retomada de três tópicos: os temas recorrentes da nostalgia do "companheiro ideal" – na referência aos "inesquecíveis domingos de New York" – e do modelo de conduta – de modo oblíquo, ao mencionar o grau de amizade que Purezinha lhe dedicaria –; o pedido para que escreva cartas em que se exponha, ao contrário dos conselhos políticos, o tema da carta; e a menção à publicação de cartas em jornal, tema de uma carta anterior, datada de 10 de setembro de 1929.

Nesta carta de setembro, Lobato queixava-se a Anísio a respeito da publicação de uma carta que havia endereçado a Herbert Parentes Fortes, "professor, escritor e gramático baiano" [288], com quem tinha começado a se corresponder por intercessão de Anísio:

> Encontrei no Estado de S. Paulo, onde João Ribeiro mantém uma coluna diária, um artigo *headlined* com o meu nome. Vou ler e... assombro dos assombros: era a transcrição da carta que escrevi ao Herbert. Caí do Woolsworth. Como o Herbert me prega semelhante peça? Uma carta íntima, livre, onde falei mal dos portugueses e da Academia com a franqueza que costumo usar na intimidade, como vai ele dá-la a público? *I am very worried*. É a quarta vez que isso me acontece e de cada uma tenho jurado só escrever a amigos de absoluta confiança, que sei que jamais cometeriam semelhante indiscrição, como você, por exemplo.
> É horrível isso de pôr em jornais cartas íntimas. Dá-me a sensação de ser posto em ceroulas diante do público esculhambador. E na carta que mandei ao Fontes[289] eu tive ainda por cima o mau gosto de escrever uma horrível banalidade sobre a Academia, algo sem sal nem espírito, além de que muito repetido. Ora, tenho lá dentro muitos amigos e vão todos ficar aborrecidos comigo com muita razão. Eu estou proibido de me manifestar sobre esse grêmio visto como me apresentei candidato um dia e fui solenemente recusado. Tudo quanto eu diga cheirará a despeito.

[288] VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos...*, *cit*., p.111.
[289] Na verdade, Fortes. Trata-se de um erro persistente de Lobato que escreve "Fontes" ao invés de "Fortes".

O artigo de João Ribeiro, a que alude Lobato, intitula-se "A língua brasileira", e foi publicado na edição do jornal *O Estado de S. Paulo* de 14 de agosto de 1929, como vemos abaixo:

O ESTADO DE S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1929

A LINGUA BRASILEIRA

MONTEIRO LOBATO

Li ha poucos dias numa folha da Bahia a carta que Monteiro Lobato escreveu a Herbert Fortes acerca da lingua nacional, como elles ambos a entendem.

Eis um dos topicos da carta que merece divulgada, pela escandalosa attitude do autor dos "Urupês":

"New York, 25 de Junho ....

Havia-se criado dentro de mim um sagrado horror por estudos philologicos feitos no Brasil, tamanha incomprehensão do assumpto revelam seus autores. Que cretinos. Que gallegos. Como permanecem mondrengos apesar de filhos de um paiz com mais de cem annos de desportuguezamento official. De modo que foi com desconfiança que abri a sua these. Mas como respirei vendo que havia finalmente encontrado o philologo que eu sonhava — intelligente, comprehensivo dos verdadeiros fins da philologia e, — assombros dos assombros! — attento á "lingua geral do Brasil" não á portugueza.

"A tal ponto chegou a cegueira e o rabicho dos nossos philologos e grammaticos pela lingua lusa, que ainda não temos uma grammatica brasileira, isto é, uma photographia do momento actual da lingua que o povo do Brasil criou e fala. Temos grammatica da lingua tupy, bóróró, orarymmugudoge, mundurucu', etc., mas não a temos da lingua brasileira, "uma lingua muito mais falada que a portugueza".

"Vamos fazer essa grammatica? Será um trabalho interessantissimo e de marcar epocha. Um "snap-shot" do brasileiro actual com philosophia das suas tendencias e demonstração de como representa um progresso expressivo comparado com a lingua que nos veio de Portugal com a cebola e o bacalhau. Que interessantes essas tendencias! Muitas coincidem com as do inglês. Os verbos, por exemplo, perdem as "inuteis flexões".

Eu tenho	I have
Você tem	You have
Elê tem	He have
Nós tem	We have
Ocês tem	They have
Elles tem"	

Disse que era "escandalosa" a attitude; mas, já se entende, para os grammaticos, gente irritavel, mas de somenos importancia.

E Monteiro Lobato conclue maltratando os philologos de lá e os de cá — estes "os peiores com assento naquelle asylo de invalidos que o livreiro Alves endinheirou".

Em tempos de maior pobreza foi Monteiro Lobato candidato áquelle asylo. E estavamos a lamentar a sua falta quando percebemos que o caso é de parabens á elle, com quanto de tristeza para nós.

H. Fortes e Monteiro Lobato de mão commum parece que vão escrever a grammatica brasileira.

Será, de facto, uma obra pittoresca e interessante como é de esperar de dois homens de talento e de espirito.

Infelizmente Monteiro Lobato ainda escreve na lingua horripilante dos avós portuguezes "de medo, talvez, da ferula dos philologos" como elle increpa a todos nós.

A verdade é que somos todos incapazes dessa libertação imaginaria, tão desejada.

Os grammaticos e os philologos nada influem na formação da lingua, e ainda menos podem influir os fundadores de linguas novas.

No futuro, Machado de Assis será uma reliquia da archeologia literaria ao lado dos "Fernãolopisantes" (a expressão é sua). Herbert e Monteiro; classicos provaveis do neo-idioma, quando passarem de philologos a exemplares de vernaculidade em suas obras primas ineditas e escriptas em "atil nuovo".

João Ribeiro

Reprodução da página do jornal O Estado de S. Paulo *a partir de microfilme do Arquivo Edgar Leuenroth – IFCH – UNICAMP*

Ainda aqui Anísio aparece como modelo de conduta, um correspondente exemplar, que não cometeria "semelhante indiscrição". Mas o mais importante a ressaltar aqui, talvez, seja a dualidade público/privado que Lobato expressa. Numa carta bastante anterior, escrita a 10 de outubro de 1911, Lobato dizia a Rangel:

> O que na Revolução Francesa me interessa é o que os estúpidos historiadores à moda clássica não contam. Eu quero fatias de vida da época, conservadas aqui e ali em memórias, em panfletos de despeitados. Interessa-me o *bas-fond* da revolução o formigueiro dos interesses inconfessáveis, a trama secreta dos bastidores, os fios que movimentavam os polichinelos políticos – os subornos. A história fala no patriotismo de Danton, na virtude de Robespierre, mas o que me interessa conhecer é o apetite de Danton, a ambição de Robespierre.
> Os grandes homens aparecem infinitamente mais interessantes, mais *homens*, quando despidos das falsas atitudes com que os veste a História – esse reposteiro. [290]

Ora, o mesmo interesse que Lobato demonstrava ter em relação ao *bas-fond* da Revolução Francesa o público brasileiro demonstrava por suas cartas. É que, talvez, Lobato não se visse como um "grande homem", e não pensava que interesse poderiam ter as suas cartas.

Ademais, Lobato se queixa justamente porque se tratava de uma carta íntima, escrita com "a franqueza que costumo usar na intimidade". Isso porque, como lemos noutra carta a Rangel, datada de 28 de novembro de 1928, Lobato de dividia em dois, o público e o privado: "*Tu quoque*! Até você a publicar trechos de cartas minhas! Não há nada que me desaponte tanto, porque sou um perante o Respeitável Público e outro na intimidade". [291]

O mesmo vimos no trecho transcrito acima na carta a Anísio Teixeira. Vê-se aqui um conflito entre a *persona* extrínseca, a imagem pública, e a *persona* intrínseca, a imagem privada. Publicamente, Lobato era adido comercial em Nova Iorque, escritor consagrado, havia sido candidato à Academia Brasileira de Letras por duas vezes, editor revolucionário que havia falido recentemente, mas renascido na Companhia Editora Nacional, escritor de livros infantis em ascensão. Na intimidade, Lobato aparecia como um amigo dedicado, nostálgico de conversas, mas também um crítico violento, que não hesitava por vezes em chegar ao absurdo em suas argumentações. Daí, talvez, o conflito e o aborrecimento por ver suas cartas publicadas.

[290] *A Barca de Gleyre*, *cit*., t.1, p.314-5.
[291] *Id*., t.2, p.311.

Essa dualidade público/privado aparece noutro ponto da carta, nos conselhos políticos dados a Anísio, cujo nome havia sido aventado para deputado [292]. Diz Lobato:

> Deputado. Bravo. Como situação pessoal, como comodidade nada melhor. Mas com tua mentalidade renovada e toda brotos, como vais sofrer, meu caro amigo, com a disciplina partidária – que é a mesma disciplina mental católica em outro campo. Aconselho-te, para facilidade tua, ceticismo por dentro e convicção por fora. Nunca sejas sincero em matéria política. Nunca sejas *yourself*. Leia Maquiavel e condene-o em público. Use da palavra para esconder o pensamento – e nunca saias do partido, quer dizer, da sombra de uma árvore. Não há lugar entre nós para os isolados.

Mas o conselho era para o público. Para Lobato, Anísio deveria escrever e abrir-se, fazendo "o contrário do que te aconselhei" afinal, não era "a platéia política, nem [dava] a jornais cartas íntimas", tal como Anísio, o "companheiro ideal" e o modelo de conduta, que não cometeria "semelhante indiscrição".

A nostalgia do amigo é retomada na carta seguinte, de 12 de abril de 1930, respondendo a Anísio que estivera em peregrinações pelo sertão:

> Apesar do muito que há por cá, daria algo, certos momentos, para achar-me lá, de prosa contigo na calçada, espichado numa preguiçosa e acompanhando com os olhos e o comentário os raros passantes que a cruzam. E havia o que te dizer, meu caro freguês dos domingos.

O "companheiro ideal" Anísio se consagra como a inesquecível companhia dos domingos de Nova Iorque, companhia que Lobato teria prazer em ter ao lado para conversar. Como isso não é possível, o remédio são as cartas. Remédio falho, porém, pois nem tudo se pode dizer numa carta, seja pelo perigo de ver o seu conteúdo exposto em público – embora não corresse esse perigo com Anísio, que como exemplo de conduta, não cometeria "semelhante indiscrição" –, seja pela própria limitação do gênero. Assim, Lobato teria muito a contar a Anísio:

> Só a história das minhas aventuras de cinco meses ininterruptos na Wall Street encheria uma tarde.
> Porque entrei de ponta cabeça na especulação em *stocks*, logo no dia do *crash* de 29 de outubro, e na maranha estou até agora. Dei tacadas estupendas e fiz burradas inda maiores, o que há de *thrilling*. Mas... só contado. Carta é uma joça. [293]

---

[292] Na carta de 08 de dezembro de 1929, diz Anísio para Lobato: "já não sou diretor de Instrução; anda a política cogitando – tranqüilize-se! sem grandes probabilidades – de fazer-me deputado" (VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos...*, *cit.*, p.45).

[293] Vimos na "Introdução" que, já em carta de 15 de agosto de 1909, a Heitor de Morais, o tema da limitação do gênero epistolar era abordado: "tem razão de ser a tua quizília pelo escrever cartas, veículo pequenino demais quando se tem muito a dizer e embaraçoso quando não há assunto".

Já para Godofredo Rangel, as reflexões giram em torno de língua e literatura. Paradigmático é o trecho abaixo, de carta de 26 de junho de 1930, em que Lobato fora instado pelo amigo a declarar sua opinião sobre o romance *A Filha* [294], de Rangel:

> Minha impressão foi das mais estranhas. Era uma longínqua voz do passado – a voz dum mundo morto em que eu já vivera. Um eco... Minha vida tem sido um tal romance de Edgard Wallace, um tal *rush* em direções tão opostas, que me sinto hoje a mil léguas do que fui e do que ainda és. Você ficou no mesmo canteirinho onde te plantaram. Permaneceu árvore e por isso dás lindos frutos e em cada estação uma safra. Eu virei nem sei o quê – cigano, *jumping bean*, tudo-quer-e-nada-pega e acabei expatriado neste mundo tão avesso do nosso mundinho afro-latino. Passei de água a vinho – a mais que vinho, a whiskey. De modo que quando me batem aqui jactos do passado, como *Filha*, fico-me besta, tonto, azoado de saudades do mundo perdido.

Diante do amigo Rangel, Lobato olha-se no espelho e, à força do contraste, reflete sobre as mudanças por que passou ao longo dos anos. Apresenta-se como um "expatriado", um homem, um escritor fora de sua pátria, fora de lugar. Bem diversa é essa imagem das primeiras impressões apresentadas a Rangel a partir dos Estados Unidos quando, em carta de 17 de agosto de 1927, recém-chegado a Nova Iorque, afirmava entusiasmado: "Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882, quando nasci, e só agora caiu nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei."

Outro tema recorrente nas cartas americanas de Lobato é o relativo ao concurso de beleza de Galveston (Texas), que pretendia eleger uma *Miss* mundial. Em várias cartas do período Lobato narra aquilo que chamaria de "mentira sistemática". É o que se lê na carta de 28 de maio de 1929, endereçada a Alarico Silveira:

> Ando assombrado com o que se passa em relação à recém-chegada Miss Brasil. O famoso Barnum [295] está positivamente reencarnado em alguém. O plano dele é deslumbrar o Brasil com um fogo de artifício de hábeis carapetões de modo que os jornais possam continuar sua exploração do público marchante. Tenho acompanhado o que se passa aqui e o que é telegrafado para aí, e confesso que nunca em tempo algum jamais houve mistificação mais bem engendrada.
> Exemplo. Barnum leva a menina a City Hall, casa aberta a todo o mundo, e de surpresa a apresenta ao Mayor. Um comparsa *kodaka* a cena. Pronto. está obtido o material de prova que vai permitir a arquitetação dum formidável telegrama sobre

[294] O romance *A Filha* havia sido publicado no ano anterior pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.
[295] Trata-se, possivelmente, de Phineas Taylor Barnum (1810-1891), empresário de espetáculos norte-americano. "Diretor de circo, difundiu, após 1871, o circo de três picadeiros. Proprietário de uma galeria de fenômenos, deixou um curioso livro de memórias (1855)." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.3, p.650).

a estrondosa recepção que a menina teve do governador da cidade. Depois, Ziegfeld [296]. Vai a menina para um camarote e em dado momento um ator, a pedido de Barnum (pedidos feitos sempre em nome do Brasil), aponta para ela e diz ao público que é Miss Brasil. O homem do holofote gratifica-a com dois segundos de luz. O público olha e desaponta. *She must have nerve* é o comentário. Não há *uma palma*. O espetáculo prossegue. Pronto. Está obtido material para outra peta deste tamanho. "Miss Brasil glorificada por Florenz Ziegfeld".

A coisa vai nesses termos por aí além e a tantas chega do Rio um telegrama como o que o "Times" publicou ontem: "o povo do Rio prepara grande manifestação ao embaixador americano para agradecer as excepcionais homenagens que New York prestou à Miss Bergamini [297], embaixadora do good will que fez mais pelo seu país que todos os embaixadores brasileiros acreditados" (Nabuco [298] inclusive).

Isso é enorme. É de deixar a gente de cara no chão. Não houve nada. New York não homenageou ninguém. New York é *too big* e *too busy* para distrair-se com tais bobagens. Desde que aqui estou só vi New York prestar atenção numa coisa: o vôo de Lindbergh. Só. Além disso o tal concurso de Galveston é uma coisinha regional que a gente só sabe pelos jornais do Brasil. Arranjos da Câmara do Comércio de lá para atrair gente das redondezas. [299]

Este regime de mentira sistemática revolta e me parece muito nocivo ao Brasil. Provém de uma coisa muito simples: Barnum é temperamentalmente jornalista – e jornalista do Rio. Tudo quanto faz o faz jornalisticamente,

---

[296] Florenz Ziegfeld Jr. (1868-1932), produtor norte-americano de *music-hall*. "Em 1907, criou um gênero que o consagrou: a revista. A partir de 1909, as *Ziegfeld's Follies* revolucionaram o espetáculo tradicional de variedades pelo luxo, elegância, audácia e pelas célebres coristas. Também produziu musicais como *Sally* (1920) e *Barco das Ilusões* (1927)." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.24, p.6056).

[297] Olga Bergamini de Sá, a *Miss* Brasil que viajara a Galveston para participar do concurso para a escolha da "*Miss* Universo".

[298] Joaquim Nabuco (1849-1910) foi adido de primeira classe em Washington entre os anos de 1876 e 1879 e embaixador do Brasil, na mesma cidade, a partir de 1905. "Grande era o seu prestígio perante o povo e o governo norte-americano, manifestado em expressões de admiração dos homens mais eminentes, a começar pelo Presidente Theodore Roosevelt e pelo Secretário de Estado Root; e na recepção das Universidades, nas quais proferiu uma série de conferências, propaganda viva de cultura brasileira. Quando faleceu, em Washington, seu corpo foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital norte-americana, e depois foi trasladado para o Brasil, no cruzador *North Caroline*." Academia Brasileira de Letras. Disponível em: http://www.academia.org.br/imortais/cads/27/nabuco.htm Acesso em 09 fev. 2005.

[299] A mistificação em torno do affair Miss Brasil não é exagerada por Lobato. A tanto chegou o caso que, pouco mais de um ano depois, a revista *TIME* chegou a afirmar, ironicamente, numa nota intitulada "Vingança" que a questão quase se tornara um incidente diplomático: "Há um ano todo o Brasil estava nas pontas dos pés de excitação quando sua campeã, graciosa, da cor da azeitona Senhorita Olga Bergamini de Sá participou da competição internacional de beleza em Galveston, Texas. (*TIME*, 24 de junho de 1929). Apesar dos almoços e dos chás em New York organizados pelo cônsul geral brasileiro e por essa fervorosa admiradora da beleza brasileira, a Electric Bond & Share Corp., apesar dos telegramas especiais que repetiam minuto a minuto para a América do Sul as descrições dos feitos da Miss Brasil, ela não venceu. Pior de tudo, com dez prêmios para serem concedidos, ela nem mesmo obteve colocação. O affair Bergamini-Galveston transformou-se quase num incidente diplomático. Os brasileiros fizeram um poderoso juramento de que nunca, nunca mais eles mandariam uma de suas filhas para exibir-se diante dos incompreensivos habitantes de Galveston. Na última semana o Brasil realizou o seu próprio Concurso Internacional de Beleza. Em meio a belezas da França, Alemanha, Turquia etc. etc. a Miss Brasil do ano de 1930, Srta. Yolanda Pereira, venceu sem dificuldade, foi formalmente coroada Miss Universo, agarrou um cheque de $10.000 e deu vivas ao eco. A pátria mãe do Brasil, Portugal, ganhou o segundo prêmio, a Grécia o terceiro. Completamente negligenciada foi uma loira conhecida como Miss Estados Unidos. 'Francamente,' disse o brasileiro chefe do júri, 'eu sou incapaz de apreciar o assim chamado tipo loiro nórdico'." (Revenge. Foreign News. *TIME Magazine*, 22 de setembro de 1930. Disponível em: http://www.time.com/time/archive/ preview/0,10987,740338,00.html Acesso em 09 fev. 2005. A tradução para o português é minha).

> tendo em vista a *headline*. Acho que a imprensa no Brasil tem feito mais mal que bem – e entre os seus males verifico agora mais este, de conformar deste modo a alma e o cérebro dos que na mocidade passaram por ela. [300]

Assim Lobato encerra a narração do *affair Miss* Brasil. Note-se que a associação do responsável pelas notícias sobre a *Miss* – que não era ninguém menos que o cônsul-geral do Brasil em Nova Iorque, Sebastião Sampaio [301] – à figura de Barnum, diretor de circo, ironiza o caso (Sampaio agia como Barnum, organizando um espetáculo para o público brasileiro), além de ocultar o nome do principal envolvido. O que ajuda a explicar a ressalva com que, ao final, Lobato fecha a narrativa: "estas coisas eu não digo a ninguém exceto a você, que é discreto *beyond measure* e amigo verdadeiro". Ainda mais uma vez é o "companheiro ideal" que se configura: Lobato se permite confidências justamente porque o destinatário é excessivamente discreto e amigo verdadeiro. Ademais, Lobato faz crer que somente a Alarico conta o que conta, e a mais ninguém, procurando realçar a cumplicidade existente entre ambos.

Contudo, o "caso Miss Brasil" também seria tema de cartas a outros destinatários. Lobato, a 20 de junho de 1929, escreveria a Arthur Neiva, relatando o *affair*:

> Estou de cara à banda com os telegramas lidos no Estado [302] a propósito da "recepção que Miss Brasil teve em New York". Que cinismo de mistificação. Nunca julguei possível que mentiralha jornalística pudesse chegar a tais extremos. Tudo mentira, meu amigo; tudo inventado para tapear o trouxa do brasileiro. Não houve nada. Só houve um tremendo desastre. A menina vestiu sua calcinha de banho em Galveston, alinhada com 40 outras e... foi desclassificada. Não obteve nenhum dos onze prêmios concedidos.
> Porque um jornal sério como o Estado não investiga isto? Porque não toma contas aos que tão deslavadamente o empulharam? Bastaria pedir a essa gente que apresentassem os jornais americanos que deram notícias das maravilhosas festas que eles descrevem. Não houve um, porque não poderiam dar notícia do que não houve. A coisa chegou a ponto que o Time, uma revista weekly, publicou uma nota irônica [303] a respeito dos exageros da imprensa do Brasil. Se encontrar ainda essa nota vou lhe mandar.

---

[300] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.I, p.288-9.

[301] Em carta de 20 de junho de 1929 a Godofredo Rangel, diria Lobato sobre o caso: "O fato é esse. O mais é Cônsul Sampaio e reporters vindos daí. Mas pelos jornais hás de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indígena. Manipulação pura!" (*A Barca de Gleyre*, cit., t.2, p.317)

[302] O jornal *O Estado de S. Paulo*.

[303] A nota, publicada na seção "Notícias Estrangeiras" da revista TIME de 10 de junho de 1929, intitulada "Pétalas sobre Olga", dizia o seguinte: "A maior notícia da semana para os editores de Rio de Janeiro não foi nem política, nem policial, nem um desastre, mas a chegada aos E. U. da senhorita Olga Bergamini de Sá, 'Miss Brasil', para uma competição internacional de beleza que ocorre de 8 a 12 de junho em Galveston, Texas. Tirando o espaço de outras matérias nas páginas iniciais dos jornais do Rio, estavam as descrições arrebatadas de como Manhattan deu as boas-vindas à Olga. Os editores de Rio dissertaram sobre o significado da ocasião. O *Correio de Manhã* disse: 'tivemos recentemente a honra de acolher o presidente Hoover, a quem aplaudimos como a representação da inteligência, da cultura e do mérito da grande nação americana. Agora retribuímos esta visita. Olga representa não somente a beleza feminina de nossa raça mas do encanto da mulher brasileira.... Cada pétala espargida sobre a jovem cabeça coroada

> Pobre Brasil. Como o traem de todos os lados. Como fazem dele gato e sapato... [304]

Note-se que a descrição do caso é mais genérica e mais baseada no que se publicou na imprensa do que a feita a Alarico Silveira – em que Lobato aponta inclusive o responsável pela "mentiralha jornalística", que era o cônsul-geral Sebastião Sampaio. Possivelmente, Alarico, envolvido na política, conhecia o cônsul-geral, o que não necessariamente ocorria com Arthur Neiva. Daí Lobato não mencionar, nesse caso, o nome do cônsul.

Lobato voltaria ao "caso Miss Brasil" na carta seguinte, datada de 28 de agosto de 1929, em resposta à carta que recebera de Arthur Neiva, datada de 30 de julho de 1929, e que voltava ao assunto, trazendo suas impressões do caso na cidade do Rio de Janeiro:

> Não imagina o que foi na nossa pátria a questão da Miss Brasil, sobretudo não pode calcular sequer a seriedade com que o assunto aqui foi encarado, principalmente no frívolo Rio de Janeiro. Foi uma verdadeira doença; no Rio então não havia meio de ninguém poder isolar-se convenientemente, sem ouvir referências ao absorvente concurso. Por mais patriota que se seja, o patriotismo da gente se coagula diante de imbecilidades tamanhas. Pode-se bem imaginar qual o futuro próximo desses 40 milhões de habitantes, cuja preocupação por uma futilidade tamanha como foi o concurso de Galveston, dá uma exuberante prova de que o brasileiro, em geral, não tem ainda a inteligência amadurecida. [305]

Diante do mote dado pelo destinatário, Lobato torna à carga, embora brevemente:

> O amigo acerta muito bem no seu diagnóstico do Brasil: euforia. Euforia, sim, à custa dum novo ópio inventado pela imprensa e patriotas à custa de falsificação sistemática dos fatos. O caso de Miss Brasil merecia ser estudado cientificamente, pois é um perfeito caso clínico.

Vemos novamente, nessa carta a Neiva, que Lobato lança mão de um termo do campo médico-científico para expressar o que pretende dizer: "é um perfeito caso clínico".

---

de Olga é para nós como cada uma das estrelas cintilantes em nossa bandeira'. *O Jornal*, mais conservador, disse: 'a missão da Miss Brasil cresceu a proporções que ninguém esperava... Seu sorriso deixou as duas repúblicas mais próximas do que a árdua diplomacia. Nós brasileiros somos gratos aos americanos pelas distinções mostradas a nossas conterrâneas. A opinião pública é grata à grande república irmã do norte que cada dia se torna mais amada pelos brasileiros.' Se os editores brasileiros souberam ou não, a Miss Brasil era mais uma de muitas chegadas a Manhattan das terras distantes para a competição de Galveston. Sua presença, como as delas, não recebeu nenhuma menção mais do que a rotineira, até mesmo nos tablóides onde as histórias e os retratos da beleza feminina estão tão padronizados que raramente é necessário mudar os nomes de um dia para o outro. Característico foi um artigo na *Variety*, semanário teatral, que publicou um artigo sobre as acomodações do hotel e sobre a dieta das concorrentes de Galveston, intitulada BELEZAS ESTRANGEIRAS SUSPIRAM POR CARNE QUENTE." Petals over Olga. Foreign News. *TIME Magazine*, 10 de junho de 1929. Disponível em: http://www.time.com/time/archive/preview/0,10987,751933,00.html Acesso em 09 fev. 2005. A tradução para o português é minha).

[304] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 46, datado de 20 de junho de 1929 (CPDOC/FGV).

[305] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 47, datado de 30 de julho de 1929 (CPDOC/FGV).

Ainda em 20 de junho de 1929 – mesma data da primeira carta sobre o caso enviada a Neiva –, Lobato enviaria uma carta a Godofredo Rangel. O caso é narrado por conta de uma pergunta feita a Lobato pelo destinatário:

> Perguntas por que não figura meu nome nas "festas" à Miss Brasil... Se não estivesse fazendo tanto calor, eu te contaria o que é essa vergonhosa mistificação. Não há aqui nenhuma de tais festas. Tudo é armado nos telegramas que o nosso cônsul e mais uns gatos pingados das colônias inventaram para assombro do indígena *down there*. E o botocudo cai. O bonito, as "festas", é só nos telegramas que as folhas daí publicam. Tenho-os lido e coro de vergonha. Nunca supus que fosse possível mentir com tamanho descaro – e com tanto sucesso *down there*.
> A verdade é esta. Miss Brasil, coitadinha, passou absolutamente desapercebida aqui – nem podia ser de outro modo, imensa como é New York e indiferente a tudo que não seja Lindbergh, Dempsey e Babe Ruth. O tal concurso de beleza de Galveston *ninguém* aqui sabe que existe, porque nenhum jornal trata do assunto – é coisinha local, municipal, lá de Galveston, que também ninguém sabe onde é. É *somewhere*. Foi com dificuldade que consegui saber o resultado desse concurso, onde a pobre menina foi desclassificada, não obtendo nenhum dos onze lugares. O fato é esse. O mais é Cônsul Sampaio e reporters vindos daí. Mas pelos jornais hás de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indígena. Manipulação pura!
> Senti arrepios, Rangel, quando vi *O Estado de São Paulo*, com toda a sua velha gravidade, consagrar páginas inteiras de telegramas e comentários a uma *coisa inexistente* e que aqui manipulam numa sala contígua à minha. E que fazer? Quem se atreve a desmentir ou desmascarar a cínica mistificação? Cheguei a interpelar um dos autores. "Isso é uma infâmia, Fulano. Não se abusa assim da boa fé de todo um povo." Sabe o que me respondeu? "Ninguém lá percebe nada, Lobato. Aquilo é um povo de sarambés." E seria muito fácil desmascarar esses patifes. Era só intimá-los a mostrar os jornais americanos que hajam noticiado qualquer coisa. Cada vez mais me convenço de que a nossa gente é safada e cínica fora de conta e medida. [306]

De início, Lobato parece se recusar a tocar no assunto, alegando o calor, mas passa a explicar, minuciosamente, o que denomina "manipulação pura". Uma semana depois, a 27 de junho de 1929, é a vez de Cândido Fontoura receber carta sobre o *affair*:

> Tenho lido os jornais daí e não me volto do assombro que me causou a vastíssima mistificação em que todos eles caíram, inclusive o gravebundo ESTADO, com este negócio da Miss Brasil. Tudo peta, meu caro. Tudo invenção dos dois jornalistas safardanas que vieram com ela. NÃO HOUVE NADA; NÃO HOUVE RECEPÇÃO NENHUMA. A bugrinha, que é um canhão, passou totalmente despercebida e em Galveston foi desclassificada. DESCLASSIFICADA, está entendendo? Houve ONZE classificações e a canhãozinho não pegou nem uma.
> Eu sabia que a nossa imprensa era cínica, mas jamais imaginei que fosse tanto. Enganar a boa fé de um pobre povo da maneira que eles o fizeram é indecência que merecia cadeia. Ontem perdi a paciência e no meu escritório disse os maiores desaforos a um dos tais jornalistas, chamando-o de f. da p. para baixo. E

[306] *A Barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.316-7.

> o cínico tudo ouviu caladinho. Fiquei com tamanho nojo dos nossos jornais que os boto na cesta sem abrir, cada vez que me chega um pacote. É demais.
> O resultado foi que uma revista americana já começou a fazer troça de nós e a meter-nos a ridículo. Que mais se poderia esperar? F. da p.....

Note-se a ênfase dada a determinadas palavras e expressões, escritas em caixa alta. A carta escrita a Fontoura é a mais exaltada do conjunto – mais exaltada até mesmo que a escrita ao velho amigo Rangel.

A Anísio Teixeira, assim como a Alarico Silveira, Arthur Neiva, Godofredo Rangel e Cândido Fontoura, Lobato também narra o caso da Miss Brasil. É o que vemos na carta de julho de 1929:

> Um dia de New York vale uma vida no Brasil – pelo menos ensina mais que ela. Dias eufóricos, galopados, sucessão de *screen continuity*, só estragados com a chegada dos jornais daí. Não imaginas como coramos de vergonha com a cínica mistificação a que deu lugar a vinda da Miss Brasil. Dois ou três piratas do jornalismo carioca vindos com ela, de parceria com o nosso barrigudo *double* SS [307], fantasiaram quanto cabia no caso e foram despejando as petas telégrafo abaixo. Todo mundo aí as engoliu com patriótica emoção – todos os jornais, inclusive o embezerrado e ciprestal *Estado* em que vais colaborar. Fica certo duma coisa: nunca, desde que Eva comeu a jaca e o mundo começou, nunca um povo foi mais extensa e cinicamente empulhado em sua boa fé e mondronguice ingênita como no caso da Miss Brasil. Tudo mentira da mais careca. Não houve nada, nada do telegrafado.
> Essa capacidade de ser mentindo impunemente deu-me uma nova medida do meu país. Leste aquela história do vigarista que no Rio vendeu um bonde da Light por 15 contos à vista a um mineiro tabaréu? Toda a gente aí riu-se da ingenuidade do pobre mineiro e no entanto o caso de Miss Brasil que é senão a réplica desse conto do vigário, não a um pobre mineiro sarambé, mas a um país inteiro? [308]

Ao contrário, contudo, das cartas anteriores, o fato é narrado a Anísio de maneira muito mais sucinta. Talvez passado mais de um mês do caso o furor de Lobato tenha arrefecido, talvez o assunto não interessasse tanto ao professor Anísio. O fato é que o nível de detalhamento aqui é infinitamente menor. Mas o que era narrado com indignação, mas se atendo apenas aos fatos, aqui aparece já sob a lente da reflexão: "essa capacidade de ser mentindo impunemente deu-me uma nova medida do meu país".

Diferentemente, porém, da última carta que temos a respeito do "caso Miss Brasil": a endereçada a Oliveira Vianna, em 23 de agosto de 1929:

[307] O cônsul-geral Sebastião Sampaio.
[308] VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos...*, *cit.*, p.33.

> Ter senso exato das realidades entre nós, ter o senso da escala, ter *horse sense*, em suma, é hoje ser *doente* no Brasil. Acabei de verificar isto inda uma vez com o caso da Miss Brasil.
>
> Essa menina, aliás insignificante, veio para cá e passou completamente inapercebida do público e dos jornais – e nem havia razão para o contrário. O tal concurso de beleza de Galveston a que concorreu era uma brincadeira local, promovida pela câmara de comércio dessa pequena cidade para fins comerciais. Tão sem importância que nós aqui da colônia só sabíamos dele pelos jornais do Brasil, visto como os jornais de Nova York nunca deram uma palavra a respeito. Pois bem: esse NADA que caracterizou a estada da menina aqui foi transformado aí na mais fulgurante das apoteoses. Corri os olhos durante um mês no *O Jornal* e no gravebundo *O Estado* e me assombrei da extensão e riqueza de inventiva dos três jornalistas vindo com ela que cozinharam a *féerie*.
>
> Acredite, meu caro: nunca, em tempo algum, foi um país de 40 milhões empulhado e mistificado *at such extent*. NADA HOUVE DO QUE FOI TELEGRAFADO. Não se trata de um caso de exagero jornalístico, ampliação, de excesso de adjetivos. Nada disso. Trata-se de mistificação, da pura, da inédita. Foram fantasiando à vontade e telegrafando as petas – e não houve jornal nosso que não abrisse toda a primeira página à indecente pilhéria.
>
> Nós que formamos a colônia brasileira em Nova York e estávamos a lidar com a menina abríamos a boca, de assombro, a cada número de jornal recebido.
>
> O escândalo chegou a ponto que a Liga contra a Tuberculose, a da Defesa Nacional e outras planejaram uma manifestação ao embaixador americano para agradecer aos Estados Unidos, na pessoa dele, as miríficas homenagens que a menina estava recebendo aqui, e o pobre homem, avisado pelo State Departament de que tudo não passava de um *fake*, viu-se forçado a simular um caso de urgência e fugir para a Europa – para evitar o imenso ridículo dessa manifestação pública e espetaculosa que lhe ia agradecer uma coisa que jamais existiu: recepção de Miss Brasil em Nova York.
>
> O que me impressionou no fato foi a impunidade absoluta com que a mistificação foi levada a cabo, *in spite* de cartas e telegramas daqui remetidos denunciando a pilhéria. Ninguém deu tento a estes avisos e ninguém procurou ver através dos jornais americanos o que havia de verdade no caso. Se o fizesse veriam que NENHUM JORNAL DA AMÉRICA DEU UMA PALAVRA A RESPEITO, pela muito clara razão de que NADA houve. E o caso foca por isso? Diga-me: não é isto sintoma de algo *wrong*, algo *rotten* na Dinamarca? Ou somos coletivamente bobos alegres ou uma doença nos força ao uso destes *dopes*. Queremos morfinas, que nos ponham longe da dura realidade. Estamos, como povo, em ponto de bala para pegar um vício que a China está largando, o ópio. [309]

Passados três meses da primeira carta, indignada, a Alarico Silveira, Lobato passa a refletir sobre o assunto nessa carta a Oliveira Vianna.

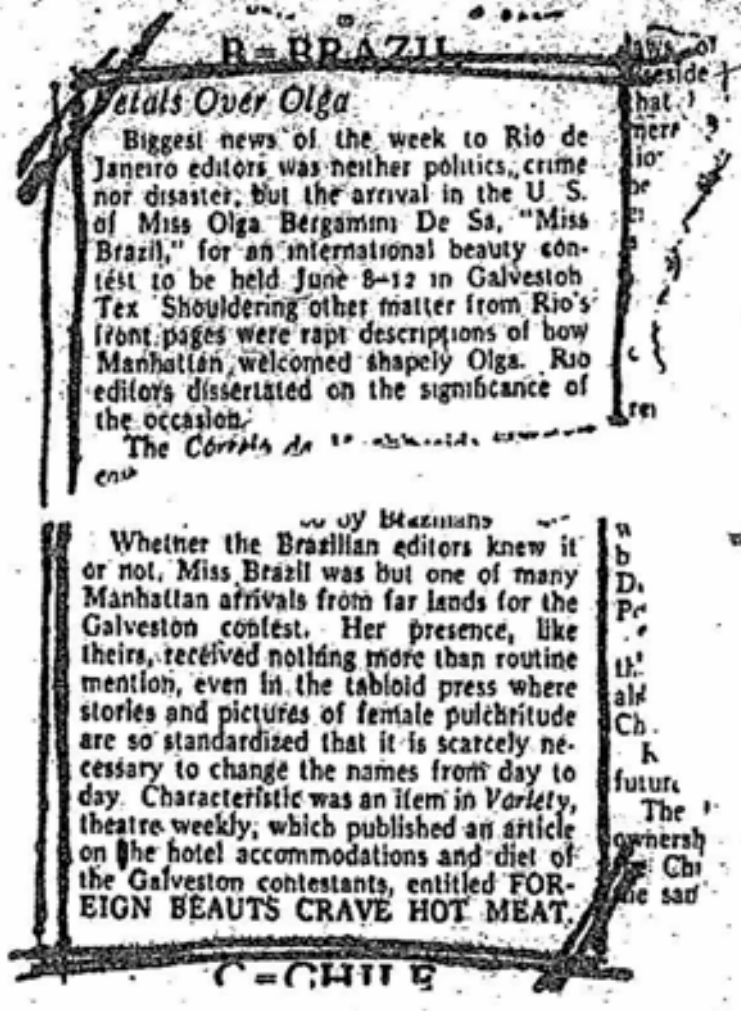
A 04 de agosto de 1929, finalmente, a mistificação seria desmascarada, como queria Lobato. O "gravebundo" O Estado de S. Paulo publicaria notícia, intitulada "O concurso de Galveston", em que denunciaria o que chama de "notícias inverídicas", a partir de "cartas numerosas de patrícios nossos residentes nos Estados Unidos".

[309] Casa de Oliveira Vianna, Niterói, RJ.

O CONCURSO DE GALVESTON

Quando, ha pouco tempo, uma distincta moça da sociedade carioca seguiu, para os Estados Unidos para competir num concurso de belleza que alli se realisou, as agencias de imprensa inundaram os jornaes brasileiros com noticias extensas, que os jornaes pagaram, sobre o enthusiasmo naquelle paiz despertado pela representante da mulher brasileira. Davam estas as accentua pela posição ridicula em que collocou a imprensa brasileira perante os seus collegas dos Estados Unidos, ridiculo esse que se estende dolorosamente a todo o paiz.

Reproduzimos em "cliché", afim de demonstrar o que affirmamos, dois retalhos da conceituada revista americana "Time", de seus numeros de 10 e 24 de Junho ultimo. No primeiro dos



R=BRAZIL

Petals Over Olga

Biggest news of the week to Rio de Janeiro editors was neither politics, crime nor disaster, but the arrival in the U. S. of Miss Olga Bergamini De Sa, "Miss Brazil," for an international beauty contest to be held June 8-12 in Galveston, Tex. Shouldering other matter from Rio's front pages were rapt descriptions of how Manhattan welcomed shapely Olga. Rio editors dissertated on the significance of the occasion.

Whether the Brazilian editors knew it or not, Miss Brazil was but one of many Manhattan arrivals from far lands for the Galveston contest. Her presence, like theirs, received nothing more than routine mention, even in the tabloid press where stories and pictures of female pulchritude are so standardized that it is scarcely necessary to change the names from day to day. Characteristic was an item in *Variety*, theatre weekly, which published an article on the hotel accommodations and diet of the Galveston contestants, entitled FOREIGN BEAUTS CRAVE HOT MEAT.

noticias ao facto as proporções de um acontecimento de alta importancia e significação internacional e quasi lhe empresteram caracter diplomatico. A acreditar nas noticias, a opinião publica se preoccupava seriamente com o resultado da competencia plastica e a imprensa norte-americana consagrava á gracioza concorrente brasileira um destaque concedido apenas a altas personalidades.

Todas essas noticias concorreram para despertar no sentimento publico uma expectativa intensa, uma esperança funda-

retalhos supprimimos a traducção de dois topicos de conceituadas jornaes do Rio de Janeiro. O ultimo paragrapho deste primeiro retalho diz:

"Quer os jornalistas brasileiros o saibam ou não, a chegada de Miss Brasil a Manhattan foi apenas uma entre as muitas que de terras distantes vieram para o concurso de Galveston. A sua presença, como a das outras, nada mais mereceu do que a menção rotineira dos jornaes, mesmo nas revistas illustradas onde narrativas e retratos de bellezas femininas estão tão "estandar-

Virtually ignored by the U. S. press, the Galveston tournament was Big News elsewhere in the world. In Paris, Madrid, Vienna, Rio de Janeiro, editors frantically cabled for longer and faster reports on just what Miss France, Miss Spain, Miss Austria, Miss Brazil were doing, wearing, saying at each instant of the final ceremony. U. S. reporters endeavored to supply the demand. In the Galveston City Auditorium behind the horseshoe platform on which the beauties paraded, were a dozen correspondents and as many telegraph operators. Minute by minute the correspondents dictated their stories. Sample dictation:

"10:10 P. M. MOTHERS AND CHAP- WHEN FOREIGN GIRLS FILLING GOWN BEGAN FIRST ROW HORSE SHOE GREETED OUS APPLAUSE. . . ."

In Brazil more than anywhere else the Galveston contest was treated as an international affair of first importance. For weeks Rio de Janeiro papers had devoted entire front pages to the daily doings of Miss Brazil (svelte Olga Bergamini De Sa —TIME, June 10). On the night of the Contest two special wires carried the story from Galveston to New York, thence by direct cable to Buenos Aires where special United Press editors hung over the keyboard to relay the story northward to Rio de Janeiro. Huge crowds were gathered in front of the big Rio newspaper offices to watch returns flashed on the screen

WHEN MISS BRAZIL APPEARS TONIGHT [the first wire from FLEURETTE WILL WEAR SEVERE SHOES ALSO DARK ON PINK AND DIAMOND AND BROOCH CENTER CHEST.

The Rio crowds cheered wildly when word came of applause in Galveston for rose-garlanded Olga. Two hours later, dismayed, they saw the words flash up:

MISS AUSTRIA WINS 6 to 1 STOP STANDING DARK CHESTNUT SURPASSED ARMS EYES OUT-MIEN STOP HER BEAUTY SCRIBED AS ETHEREAL.

Hoots and catcalls filled the Rio streets. Enraged Brazilian editors headlined their stories: "Pure Deception." They swore that, like Italy, Brazil should never participate again in such a contest.

Ten prizes were distributed, from $2,000

mentada no resultado do concurso, emprestando a este uma significação e uma importancia que normalmente não poderia ter. Não é de estranhar o desapontamento profundo pelo qual foi o publico tomado quando as mesmas agencias lhe deram a conhecer o resultado promulgado pelo jury de Galveston.

Preciso é ter presente que as agencias que vehiculavam as informações eram organisações americanas, norte-americanas.

Ora, é tambem preciso que se saiba hoje que a totalidade dessas noticias eram grande e grosseiramente exaggeradas; muitas dellas falsas, forjadas pela imaginação calida dos correspondentes que, procurando lisongear o leitor brasileiro, ao mesmo tempo estavam, para falar a sua lingua, "putting up a big joke", isto é, fabricando um colossal gracejo que elles com certeza suppunham de grande espirito.

Temos visto cartas numerosas de patricios nossos residentes nos Estados Unidos protestando contra as noticias inveridicas que sobre o concurso de bellezas publicaram os jornaes brasileiros e que só contribuem para nos expor a um lamentavel ridiculo.

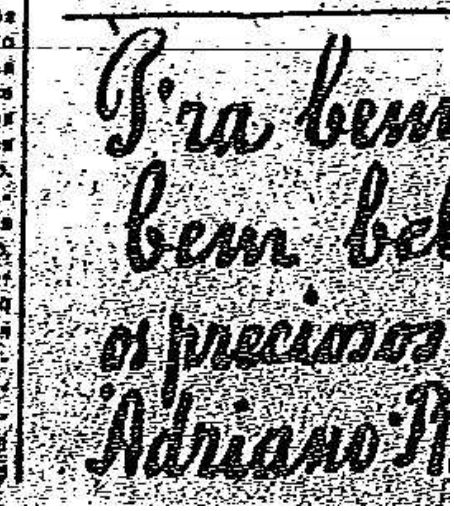
O gosto do gracejo architectado pelos correspondentes das agencias é mais do que duvidoso. Não queremos nos referir á honestidade de empresas que são pagas para prover informações verídicas e que nos fornecem falsas aos seus assignantes. Queremos apenas salientar a crueldade do gracejo pela deprecação a que dão origem e que ainda mais

disadas" que mal é necessario mudar-lhes os nomes, de umas para outras. Da caracteristico houve um artigo em "Variety", semanario theatral, sobre as accommodações nos hoteis e sobre a alimentação das concorrentes de Galveston. O titulo do artigo era "As bellezas estrangeiras gostam de carne quente".

Quanto ao segundo retalho, de que tambem cortamos as transcripções, preferimos não traduzil-o. E' excessivamente cruel.

Não nos sentimos revoltados contra a imprensa americana que nos atira essas chufas vexatorias. Se quizermos pensar bem, havemos de reconhecer que os jornaes yankees, dada a sua tradição e os seus processos estão perfeitamente no seu papel. A nossa revolta e o nosso protesto devemos guardal-os para aquelles que nos expuzeram a este fragoroso ridiculo internacional.

Que nos aproveite a lição.



Reprodução da página do jornal O Estado de S. Paulo *a partir de microfilme do Arquivo Edgar Leuenroth – IFCH – UNICAMP*

Será que alguma carta do adido comercial teria chegado ao conhecimento do *Estado*? É possível. Ademais, reproduzem-se no jornal, em "cliché", partes da matéria publicada na revista *Time*, e que teria lançado ao ridículo a imprensa brasileira e, por extensão, todo o país.

Pouco mais de um ano depois do "caso Miss Brasil", após a Revolução de 1930, Lobato seria destituído do cargo de adido comercial e voltaria ao Brasil, conforme noticia em carta a Cândido Fontoura, datada de 13 de março de 1931:

> Sigo a 19 pelo CUBANO, vapor da Kerr Line. A necessidade de fazer economia fez-me adotar esse navio, já que o governo até agora não me mandou recursos para a volta, como prometeu e tenho direito.
> Levo grandes negócios com os quais espero restaurar minha finança mais abalada que a do Brasil. Entre eles um que talvez mereça teu interesse. Um novo processo de fazer farinha de banana que é uma maravilha. Em vez de o descrever aqui, mando-te por navio uma amostra do produto. Prove-o, estude-o, analise-o e forme idéia a respeito, sabendo que há para tal farinha um grande mercado aqui e certamente no velho mundo também.

Era o fim do "sonho americano" de Lobato, na expressão de Cassiano Nunes. Mas entre os grandes negócios que Lobato trazia na mala, estariam duas grandes campanhas, nas quais se engajou quase até o fim da vida: dar ferro e petróleo ao Brasil.

Capítulo 4

Monteiro Lobato do ferro e do petróleo

Monteiro Lobato do ferro e do petróleo

Sou um soldado que nasceu
para morrer na sentinela.

Monteiro Lobato.
Carta a Charlie W. Frankie,
15 de junho de 1935

"Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista." Esse é o epitáfio que seria cunhado por Lobato em carta a Rangel, datada de 28 de novembro de 1928, respondendo a uma possível alegação do destinatário de que os interesses comuns dos dois amigos estavam se distanciando:

> Lamentas que estejam a desaparecer as nossas preocupações comuns. Em parte é certo. Distanciamo-nos bastante em nossas órbitas, você seguindo uma muito coerente com os começos, com a vocação e as idéias centrais, e eu... Quando olho para trás fico sem saber o que realmente sou. Porque tenho sido tudo, e creio que a *minha verdadeira vocação é procurar o que valha a pena ser*. Aquela minha fúria literária de Areias e da fazenda: quem visse aquilo proclamava-me visceral e irredutivelmente "homem de letras". E errava, porque o Lobato que fazia contos e os discutia com você está mortíssimo, enterradíssimo e com pesada pedra sem epitáfio em cima. O epitáfio poderia ser: "Aqui jaz um que se julgou literato e era metalurgista." Porque a minha vocação pela metalurgia é muito maior que a literária. Jamais conversei com qualquer literato mais atentamente e mais encantado do que converso com Mr. William H. Smith, o anjo Gabriel anunciador da metalurgia de amanhã. O ferro esponja, Rangel! Eis a beleza suprema. Perto do "sponge iron", todos os livros de Camilo e Machado de Assis só valem materialmente pelo papel, porque o papel contém carbono e o carbono é necessário à Reação diante da qual todos devemos nos ajoelhar porque é a mãe da Civilização: FeO – O + C = FeC. [310]

Morria o Lobato literato, para nascer o Lobato metalurgista. Em carta de 09 de setembro de 1927 a Arthur Neiva, Lobato relataria sua aproximação com o *staff* da Ford:

> Minhas relações com o Ford estão rendendo. Vai ele receber-me em Dearborn em Outubro. Já mandou-me dizer. E para o Brasil vai talvez render muito. Imagine que fiz relações com Mr. Smith, o homem que há 20 anos dirige a metalurgia da Ford Motor. Carta vem carta vai, tive uma entrevista com ele, na qual me expôs a grande descoberta siderúrgica feita lá – um processo de reduzir o ferro inteiramente revolucionário. Desde que se descobriu o ferro, o meio de extraí-lo do minério era sempre o mesmo: fundir o minério. Ora isso

[310] LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.2, p.311-2.

> exigia uma temperatura tão alta que só os povos ricos em carvão podiam obter ferro em condições industriais. E nós estávamos com o problema siderúrgico metido num impasse: sem capitais próprios para montar os caríssimos fornos de produzir alto calor e sem animo de entregar essa indústria a capitalistas de fora. Mas mesmo nesta hipótese não obteríamos ferro em condições econômicas porque teríamos de importar o coque para agente redutor. Donde, se criássemos a indústria com dinheiro dos outros, necessidade de proteger essa siderurgia com taxas contra o ferro importado. Quer dizer teríamos ferro caro – e só o ferro barato é ferro que presta. [311]

Já de 1928 é a carta ao cunhado, Heitor de Morais, em que Lobato demonstra também o entusiasmo com a recepção que recebera nos círculos da indústria automobilística norte-americana. Apresenta-se ao cunhado como um "caboclinho de Taubaté ou Buquira" que estava decidindo "os destinos da metalurgia no Brasil":

> Sou *persona grata* em Detroit, essa cidade-cérebro que hoje está liderando a metalúrgica do mundo. Estou com um pé dentro da Ford e outro dentro da General Motors Corporation. Que coisas imensas, meu caro Heitor! Dizem que o brasileiro tem imaginação, mas duvido que haja aí alguém capaz de imaginar o que essas duas companhias são. Passei lá uma semana maravilhosa, almoçando, jantando, conversando durante toda ela com as mais altas potências financeiras deste país. Almocei com Edsel e o *staff* dos executivos da Ford – e nesse dia lidei com tanto milionário que à noite, ao somar as fortunas pessoais de cada um, achei uma vertigem perto de 2 bilhões de dólares.
> Eu precisaria de escrever um livro para contar tudo o que lá se passou, tudo o que vi e aprendi – e de que maneira eu, este caboclinho de Taubaté ou Buquira, *decidi* dos destinos da metalurgia no Brasil e dei as bases e os nomes da empresa que vai operar aí em conexão com a General Reduction Corporation, uma empresa nova composta de cinco *aggressif men* que vão inverter nela, cada um, cem milhões de dólares. Só de viva voz, meu caro. Por carta, é impossível.[312]

Entusiasmado com uma visita à fábrica da Ford, em Detroit, Lobato escreve uma longuíssima carta a Alarico Silveira, datada de 03 de maio de 1928, contando em detalhes o que viu e ouviu, às pressas, segundo diz, para alcançar a mala postal:

> Prepare-se para ler a carta mais importante que ainda foi escrita daqui para aí. Acabo de chegar de Detroit e vou atamancá-la a tempo de pegar a mala de amanhã.
> Passei em Detroit a *semana mãe* da minha vida, a mais rica de ensinamentos e altas impressões – e de capital importância para a solução de *todos* os problemas brasileiros, você verá. Grifo a todos porque um país que resolve seu problema do ferro resolve *ipso-facto* todos os demais problemas que o atormentam. [313]

[311] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 36, datado de 09 de setembro de 1927 (CPDOC/FGV).
[312] *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.248-9.
[313] *Id.*, *ibid.*, t.1, p.233.

A carta é tão longa que acabou fazendo com – ou servindo como um bom pretexto[314] para – que Lobato não escrevesse para outro destinatário, possivelmente Arno Konder (1882-1942), a quem Lobato substituía interinamente como adido comercial: "Adeus. Diga ao Konder que ia escrever-lhe hoje, mas esta saiu longa demais e não tenho tempo. / Adeus, adeus, adeus!" [315]

Nessa mesma data, Lobato escreveria uma outra longa carta, mas a Arthur Neiva. A abertura da carta é muito semelhante à escrita a Alarico Silveira: "acabo de chegar de Detroit onde passei uma semana e apresso-me em fazer esta para pegar a mala de amanhã." [316] O parágrafo seguinte segue semelhante ao tom da carta a Alarico, com a explicação da importância do que vira e ouvira e a conseqüente solução dos problemas brasileiros:

> Meu caro amigo, escreva o que vou lhe dizer: o problema da siderurgia do Brasil está afinal resolvido. Quer isto dizer que o problema do Brasil está solvido. Todos os nossos problemas, até os morais, são uma conseqüência da nossa inominável miséria, e essa miséria veio porque não tínhamos ferro. Só se criam riquezas, só dão origem a civilizações os países – que têm ferro e carvão – Inglaterra, Alemanha, E. Unidos. Os que não possuíam esses elementos ficaram a funcionar de satélites, sempre dependentes e pobres. Nós tínhamos ferro e tão mau carvão que equivalia a não tel-o. E por isso tivemos de marcar passo até agora. Não preciso me estender nisto dirigindo-me a uma inteligência como a sua. O sr. sabe que o ferro é base de tudo.

A "inteligência" de Neiva permite a abreviação da carta. Nessa consideração, vemos como Lobato se coloca numa postura de grande admirador do destinatário. Como na carta a Alarico, Lobato descreve a "semana maravilhosa" de Detroit: "em Detroit passei a semana mais maravilhosa da minha vida e vi todas as grandezas possíveis e imagináveis."

Importante, nesse passo, confrontar essas longas cartas-relatório a Alarico e Neiva com um pequeno bilhete, escrito em inglês, sem data, em que Lobato, empreendendo a célebre visita à fábrica da Ford em Detroit, escreveria à esposa:

> Dear Purity
>
> I am here and begin to visit the Ford plant. Too big! Today I have seen 1/1000, and I must spend one thousand days to see all. But don't worry. I will see only 5/1000...

[314] Isso porque Lobato escreve carta semelhante, na mesma data, a Arthur Neiva, como veremos em seguida. Teria Lobato privilegiado os amigos, em detrimento da comunicação oficial?
[315] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.248.
[316] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 40, datado de 03 de maio de 1928 (CPDOC/FGV). Como vimos, para Alarico Silveira Lobato escreveu: "prepare-se para ler a carta mais importante que ainda foi escrita daqui para aí. Acabo de chegar de Detroit e vou atamancá-la a tempo de pegar a mala de amanhã."

Go to the movies and don't worry about me

Juca

Till to Monday or 3ça. [317]

Traduzindo: "Querida Pureza, / Estou aqui e começo a visitar a fábrica da Ford. Muito grande! Hoje eu vi 1/1000, e devo gastar mil dias para ver tudo. Mas não se preocupe. Verei somente 5/1000... / Vá ao cinema e não se preocupe comigo. / Juca / Até Segunda ou 3ça." Note-se que não há menção alguma a todas as maravilhas que Lobato estava vendo na Ford, diferentemente do que veremos, adiante, nas longas e minuciosas cartas a Alarico Silveira e a Arthur Neiva. Talvez porque o que interessasse à esposa era ter notícias do marido, talvez porque Lobato pudesse contar pessoalmente, quando voltasse, todas as novidades. Por isso, um curto bilhete, aconselhando que não se preocupasse, era suficiente.

O mesmo em relação ao amigo literário Godofredo Rangel. A visita a Detroit é restrita à conclusão da carta datada de 17 de agosto de 1928, com uma pequena nota sobre seus sucessos com a campanha do ferro:

> Estive em Detroit oito dias, vendo só duas coisas: a Ford e a General Motors. Mr. Smith, o meu hospedador, *manda* nas duas. O que vi lá dá um livro maior que a Enciclopédia Britânica; portanto, adeus.
>
> Lobato
>
> P. S. – Na Ford almocei com Edsel Ford na mesa redonda da *staff*, ou dos "executivos". Sorensen é muito parecido com o Roberto Simonsen. Ao Ford velho não vi. Estava na Escócia.
>
> Lobato[318]

Note-se que a descrição da visita a Detroit, para Rangel, restringe-se apenas a uma recusa em narrar o que viu, devido ao excesso de assunto – "o que vi lá dá um livro maior que a Enciclopédia Britânica; portanto, adeus" – e a um *post-scriptum* de cunho muito mais social que técnico.

Já na carta a Neiva, contudo, por mais que quisesse ser minucioso, Lobato tinha pressa, pois pretendia alcançar a mala postal – pelo menos esse era o motivo exposto na carta para a pressa com que a escrevia – e nesse ponto, é interessante observar como o discurso epistolar parece condicionar-se (ou aproveitar-se deles como pretexto) também por fatores externos à relação dos correspondentes. Nesse sentido, Lobato resolve sintetizar o essencial a ser dito:

---

[317] Bilhete publicado em reprodução fac-similar no livro organizado por Eliane Maria Teixeira Lopes *et al.* (*Lendo e escrevendo Lobato*, Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.117).
[318] *A barca de Gleyre*, *cit.*, t.2, p.311.

> O que ouvi, o que se debateu nesses almoços e jantares e visitas aos laboratórios não cabe em carta. Dava um livro. Caí no gosto daquela gente. Tenho formidáveis amigos lá, entre eles Mr. Smith que tem por mim uma simpatia que não sei explicar.
> Resumindo tudo: lançamos ali as bases da solução do problema brasileiro. A idéia está em caminho. Dei uma série de nomes nossos dos mais representativos como base de discussão. Eles só querem fazer negócio com um grupo de aggressif men, isto é, homens de muito brain – não com sacos de dinheiro. O dinheiro não os interessa. Possuem-no demais...[319]

Apesar da pressa pretextada para concluir a carta, Lobato não se esquece do filho de Arthur Neiva, que pretendia estudar metalurgia nos Estados Unidos:

> Falei sobre o caso do seu filho. Mr. Smith acha que ele deve cursar o Instituto de Metalurgia de Boston, que ele tem como o melhor do mundo, e depois especializar-se em Detroit com ele. Tudo facilitado. Quando for ocasião escreva-me que far-se-á pelo melhor.

E a carta se conclui com um último conselho sobre Arthurzinho: "Converse com o Bulcão para orientar-se quanto ao Arthurzinho".

Contudo toda a pressa de Lobato na redação da carta não o impediu de perder a mala postal, como afirma. Assim, aproveita esse providencial contratempo – se é mesmo que havia perdido a mala postal – para formular um pedido a Neiva, no *post-scriptum*. Note-se que pouco importa se Lobato estava efetivamente apressado para que a carta alcançasse a tempo a mala postal. O que importa é como o remetente se utiliza desse elemento factual para a construção do discurso epistolar:

> P.S.
> Afinal perdi a mala e foi bom porque vai mais este apêndice. Meu caro dr. Neiva, tenho muita necessidade aqui de coisas do Navarro sobre eucalyptus. Os dois problemas se ligam, metalurgia e reflorestamento e tenho que discutir este ponto com Detroit. Mas estou sem elementos e sei que se os pedir pelas vias oficiais não me chegam nunca. Elas sofrem de obstrução crônica. Venho recorrer ao seus bom ofícios e boa vontade. Mande-me o que puder, relatórios da Paulista, livros, o que houver. Não peço isso ao Navarro diretamente porque ele foi um acionista da Falida [320] e eu estou desmoralizado perante todos eles. Mas o caso é muito sério. Pelo que lá debatemos vi como se ligam as duas coisas – ferro e pau. A obra do Navarro[321] na Paulista[322] é coisa de muitos maiores conseqüências para o Brasil do que o próprio Navarro pode imaginar. Creia: foi o único passo que se deu no Brasil, desde D. João Sexto, o

[319] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 40, datado de 03 de maio de 1928 (CPDOC/FGV).
[320] A Monteiro Lobato & Cia. Editores, que havia falido em julho de 1925.
[321] Edmundo Navarro de Andrade (1881-1941) era engenheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, onde começou a trabalhar em 1903 como diretor do Horto Florestal que a empresa pretendia criar entre Jundiaí e Cordeiro. Para a sua biografia, *v.* MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.53-4.
[322] Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

> Sulfuroso, para a solução do problema siderúrgico. Navarro atirou no dormente e acertou no ferro. Navarro é um Detroiter!
> Mande o seu filho para cá quanto antes. Aqui está tudo. O resto do mundo is over. É palha, bagaço, miquia. Com um ano de Detroit ele faz mais do que com vinte de Europa. A speedway está cá.
>
> L. [323]

À margem esquerda da primeira folha da carta, vem datilografado o seguinte lembrete: "nada de bisbilhotice de imprensa, meu caro. Façamos como os chefes da indústria fazem. Construção, não discussão. A imprensa do Brasil não merece dar notícias destas." Basta lembrar que, em carta anterior, de 10 de abril de 1928, Lobato justamente censurava Neiva, já na abertura da carta, pelo fato de ter divulgado detalhes do processo de produção de aço de William H. Smith à imprensa brasileira:

> Bem feito! Quem o mandou desconhecer a terra onde mora até esse ponto? Já que descobriu a fórmula de que é preciso adivinhar, porque não adivinhou que dentro de todo brasileiro há um mineiro miúdo, mesquinho, malévolo e desconfiado?
> Quando vi no Estado a nota a respeito do processo Smith, confesso que esfriei. "Temos encrenca," pensei comigo. O brasileiro, que no fundo não passa de português degenerado, não compreende os Estados Unidos, não acredita neles, a ponto de ter inventado a definição clássica que só define o definidor: "Aquilo é um bluff." Bluff quer dizer uma coisa que parece que é mas não é. O Woolworth parece que tem 58 andares, mas não tem, é mentira. O Ford finge que faz tantos mil carros por dia, mas não faz. O Rockfeller banca o benfeitor do mundo, mas não é nada disso. Tudo mentira, exagero, bluff. Ora, com tais portugueses quem se mete sai mijado, e por isso eu limitei-me a mandar o relatório de Mr. Smith ao Washington, já que o autor queria que eu o transmitisse ao governo, e não piei a respeito em jornais nem para ninguém, exceto, incidentalmente, na carta que lhe escrevi. Mas o seu ardor patriótico (que a derrota de Ruy não foi suficiente para curar) deu publicidade à coisa – e veja como já está se aborrecendo. No Brasil só não se aborrece o egoísta que só cuida de si e nina-se para o resto. [324]

A mesma advertência viria em carta de 05 de dezembro de 1928 [325] em que, a despeito da preocupação de que o negócio não prosperasse, decide compartilhá-lo com o amigo, sob a condição de que nada dissesse à imprensa:

> Sobre o ferro li as notícias que apareceram por aí – todas mal feitas, inexatas, incompletas. Só duas pessoas aqui podem mandar notícias exatas, mas andam mudos como peixes porque negócio muito falado é negócio estragado. Vou lhe dizer alguma cousa certa com a condição de nada pôr nos jornais. Ando

[323] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 40, datado de 03 de maio de 1928 (CPDOC/FGV).
[324] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 39, datado de 10 de abril de 1928 (CPDOC/FGV).
[325] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 42, datado de 05 de dezembro de 1928 (CPDOC/FGV). Essa carta foi publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato vivo*..., *cit.*, p.156-9.

> com tal nojo dos nossos jornais que há oito meses não leio nenhum – e tenho passado maravilhosamente depois que adotei esta medida higiênica.

Lobato afirma que "só duas pessoas aqui podem mandar notícias exatas", sendo ele próprio uma dessas pessoas. Ademais, diz ter abandonado a leitura dos jornais do Brasil como uma "medida higiênica". A escolha de tal expressão não pode ser creditada à mera casualidade se lembrarmos que Neiva e Lobato se conheceram justamente ao participarem de uma campanha pelo saneamento do Brasil. A advertência é reforçada na despedida da carta: "adeus, meu caro Dr. Neiva. Mande o Arthur para cá quanto antes – e bico calado a respeito das notícias certas que lhe dei. Que circulem só as incertas".

Numa seqüência de cartas ao cunhado Heitor de Morais, vemos o entusiasmo com que Lobato levava o que ele chama "o negócio do ferro". A 17 de novembro de 1928, escreve ao cunhado, reforçando a certeza de sucesso:

> Felizmente, meu caro, o negócio do ferro está a parir-se formidavelmente e a cabeça já está de fora. O processo é o que te mandei dizer – maravilha pura, trazendo no bojo a solução integral de todos os nossos problemas, visto como não há um só entre eles que não se radique na MIQUIA crônica que anemiza os países que não produzem ferro. Sobre as excelências do processo já não resta a menor dúvida e a inauguração este mês, em Detroit, da primeira fábrica de ferro por esse processo veio demonstrar que ele é industrialmente tão certo como laboratoriamente. O meu amigo Bulcão já regressou do Brasil e não cuida de outra coisa. *Next week* deve ele assinar o contrato com Mr. Smith, o dono da patente, contrato que o autoriza a empregar esse processo no Brasil. As últimas experiências que se fizeram em Detroit com minérios do Brasil e casca de café em substituição do coque como agente redutor deram um resultado de encher o olho do... É tão notável a coisa, tão fulminantemente certa que não temos, eu e Bulcão, os únicos brasileiros iniciados na coisa, coragem de deixar transpirar na imprensa daí senão vagabundas notícias ou *twisted ones*. É de boa política que quando os outros acordarem, Bulcão esteja já com a sua usina funcionando e em tal dianteira que ninguém o possa mais alcançar. A usina que ele vai construir em Anchieta, arrabalde do Rio, começará com uma produção diária de 200 toneladas e será aumentada de modo a estar sempre em dia com as exigências da procura. Todos os estudos estão feitos, atendendo-se a todas as condições locais da nova usina. O ferro vai sair ao custo de 100 réis o quilo e o aço (e que aço! queria que visses as amostras) a 130 réis. Um sonho! E como estou sócio de Bulcão creio que não escapo de ficar milionário. Ontem ao sair do Consulado onde tenho meu *office*, em companhia de Bulcão, o Sebastião Sampaio cruzou conosco no *lobby* do edifício e disse: A corda e a caçamba. Carneggie e Schwab. Rimo-nos convencidamente e murmuramos: SO BE IT. [326]

[326] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.1, p.261-2.

Observe-se que Lobato, na carta ao cunhado, não descreve minuciosamente o processo Smith, mas somente alude a ele ao dizer "o processo é o que te mandei dizer". O que mandou dizer talvez por meio de um amigo comum, já que todo o assunto era extenso demais para caber em carta.

Dois meses depois, em carta datada de 24 de janeiro de 1929, Lobato, após elogiar uma peça musical que teria sido composta e enviada pelo cunhado, conclui pela supremacia do ferro: "Cuidemos de um remédio indireto e seja ele o remédio nº1 – FERRO, ferro velho cansado de guerra. Só ele, só ferro cura realmente anemias – tudo o mais é panacéia, paliativo". [327]

Heitor de Morais, anarquista, talvez acalentasse idéias revolucionárias, as quais Lobato afasta com a idéia do "negócio do ferro", alegorizado aqui não mais em sua importância econômica, mas numa alusão a sua relevância química para a saúde do corpo humano.

Já em carta de 12 de março de 1929, Lobato infunde ânimo no cunhado, soterrado por dívidas, mostrando-se como um exemplo, após sair dos "escombros de uma falência arrasadora" – e o motivo para não desanimar não é outro que o ferro, cujo sucesso Lobato animadamente prognosticava:

> Coragem, Heitor. O ferro vem vindo. Breve estaremos todos ricos. A senha é agüentar firme. Há muita coisa plantada e bem plantada. Resista que vencerás. Lembre-se de mim, saído debaixo dos escombros de uma falência arrasadora... com dívidas. Não foi perder o que tinha; foi perder o que tinha e o que não tinha. E perdas materiais e morais. Que houve que eu não perdesse? [328]

Segundo Cavalheiro, "ainda nos Estados Unidos, por volta de 1927, quando deliberou 'ferrar' o Brasil, não se esquecera do grande problema paralelo: o petróleo. O ferro produz a máquina, mas para que esta se movimente é preciso o combustível". [329] Nesse sentido, é a longuíssima carta-relatório [330] enviada ao novo chefe do poder, Getúlio Vargas, a 09 de dezembro de 1930:

> Acho de meu dever apresentar a Vossa Excelência algumas das conclusões a que cheguei, com respeito a vários problemas brasileiros, durante minha estadia na América. Como são conclusões meditadas e baseadas em fatos, espero que não redundará em perda de tempo os minutos que Vossa

[327] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.271.
[328] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.279.
[329] CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*, *cit*., t.2, p.2.
[330] Cópia carbono de datiloscrito original sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 26A, documento 2985. Publicada por Cassiano Nunes, com ligeiras modificações, em *Monteiro Lobato Vivo*... (*cit*., p.128-36).

> Excelência despender em lê-las. O exame das importações do Brasil revela três hipertrofias que por si sós explicam a fraqueza da nossa situação econômica – trigo, ferro e combustível. A redução dessas hipertrofias equivalerá ao aumento de exportação que a balança comercial está pedindo e não temos conseguido. Que não temos conseguido e difícil se faz conseguir, dado o fenômeno notório da superprodução mundial de todas as matérias-primas. Em vez de insistir no aumento da exportação dos artigos que produzimos, nenhum dos quais constitui monopólio nosso e portanto não encontra escoadouro livre de concorrência, parece-me linha de menor resistência atacar as importações, obtendo por meio da redução delas o ouro que tão cedo não podemos obter pelo aumento da exportação.

Segue-se, então, a divisão em três tópicos: ferro, óleo e babaçu. Interessam-nos, aqui, apenas os dois primeiros. Quanto ao primeiro tópico, Lobato, após sustentar a importância do ferro para a civilização moderna, compara a realidade brasileira e norte-americana, para então apresentar o caráter revolucionário do processo Smith, pelo qual advogava, e concluir com um balanço de suas atividades em prol de sua adoção no Brasil:

> Há três anos que minhas tentativas para que o nosso governo tome conhecimento técnico deste processo siderúrgico, como base de uma orientação segura na matéria, esbarra numa indiferença que não me explico. Apesar de haver apresentado as informações mais completas e, mais, ter promovido todas as necessárias experiências com minérios de Minas e cascas de café e babaçu, graças à cooperação oficiosa de um eminente industrial brasileiro, nenhuma reação ainda revelou qualquer interesse por questão de tal magnitude. Não será crime retardar assim o início da revolução econômica que tudo está impondo ao Brasil?

Quanto ao petróleo, lemos já aqui uma das principais teses pela qual Lobato se baterá ao longo de toda a década de 1930, culminando com sua prisão em 1941 – a da riqueza do Brasil em petróleo. Lobato então argumenta que o petróleo não é encontrado no Brasil devido aos interesses das grandes companhias multinacionais que, lançando mão de seu poder econômico, conseguem impedir a descoberta e exploração da riqueza petrolífera brasileira. Propõe, então, uma solução paliativa bastante ousada para reduzir os gastos com a importação de petróleo: negociação com a União Soviética, cujo governo não era reconhecido por inúmeros países, incluindo o Brasil. Mas Lobato via distinção entre relações econômicas e relações político-diplomáticas: o fato de o Brasil não reconhecer o governo russo não seria, na sua opinião, impedimento para que mantivesse relações comerciais com a República dos Soviets. Lobato conclui a carta em termos formais, totalmente adequados à sua posição de adido comercial cujo cargo havia sido suprimido – como noticiaria em carta de 13 de fevereiro

de 1931 a Arthur Neiva: "meu cargo foi suprimido em Novembro e devo regressar em Março próximo. Vou trabalhar no negócio do ferro, agora bem adiantado e também no do babaçu" [331] –, e que se apresentava ao novo chefe de governo:

> São estas as conclusões que julguei de meu dever apresentar a Vossa Excelência neste momento em que todos os brasileiros sentem as esperanças renascidas. Conclusões meditadas e baseadas em fatos que são, talvez mereçam ser lidas e ponderadas por quem empreendeu a gigantesca tarefa de arrancar o país ao atoleiro em que se ia afundando.
> Tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência os protestos da minha mais alta consideração.
>
> A Sua Excelência o Senhor Doutor Getúlio Vargas
> Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil

De volta a São Paulo, Lobato passaria a se dedicar às campanhas do ferro e, sobretudo, do petróleo, apresentando um "Memorial" ao chefe do governo, Getúlio Vargas, tocando novamente na questão siderúrgica, em carta de 13 de junho de 1931:

> Tenho a honra de passar às mãos de V. Excia. o "Memorial" que sobre a solução do problema siderúrgico brasileiro pelo processo Smith fiquei de apresentar. [...] Sem entrar em detalhes técnicos, apenas direi a V. Excia. que esse FATO significa para o Brasil isto: possibilidade imediata de produzir aço da mais alta qualidade a preço pouco acima de 100 réis o quilo. Não insisto no assunto, deixando ao claro espírito de V. Excia. o tirar todas as deduções dessa tremenda coisa. [...] Nada mais me cumpre dizer senão repetir o que fiz sentir na audiência que me foi concedida em Petrópolis: a meditação que V. Excia. der a esta matéria será de proveito não a grupos, partidos, facções ou homens – mas ao Brasil, ao nosso pobre e surrado Brasil. Vê ele em V. Excia. um homem marcado pelo Destino como o obreiro de duas revoluções – a política, que já se consumou, e a econômica, que, graças ao concurso do mesmo homem, vai iniciar-se.
> Que a vontade de V. Excia. na solução do nosso problema básico não vacile, como não vacilou no momento de rasgar o tumor político, são os votos de quem, cheio das mais altas esperanças, se assina,
> soldado de V. Excia. na Segunda Revolução.
>
> Monteiro Lobato
> Rua José Getúlio, 58
> São Paulo [332]

Lobato, então ainda esperançoso com os eventuais resultados positivos que a

[331] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 55, datado de 13 de fevereiro de 1931 (CPDOC/FGV). Essa carta foi publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato vivo*..., *cit*., p.163-4.
[332] Datiloscrito original sem assinatura. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 26C, documento 2986. Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato vivo*..., *cit*., p.165-5.

Revolução de 1930 poderia proporcionar, assina a carta como um "soldado" de Vargas no que chama de a "Segunda Revolução" – a revolução econômica, segunda em relação à revolução política, já iniciada por Vargas com a deposição de Washington Luís.

Ao final do ano de 1931, a 03 de dezembro, o Lobato metalurgista escreveria uma carta ao amigo Rangel, noticiando, de modo muito breve, os progressos do "negócio do ferro":

> Vai bem este grande negócio. Tenho diante dos olhos amostras do maravilhoso aço produzido com o ferro esponja que obtivemos nas experiências do Rio. Aço de lâmina Gilette, coisa que nunca houve no Brasil! Amanhã entra a nossa proposta ao governo, num tremendo relatório técnico de 90 páginas, que exaure a questão. Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, chama-se a nossa companhia. Mas nem vale a pena falar nisto: pensas que é literatura de ficção... [333]

Ao juiz literato Rangel não valia a pena falar sobre o ferro: tudo seria "literatura de ficção." Como o amigo já havia detectado anos antes, pareciam estar desaparecendo as preocupações comuns de ambos. É nesse ano de 1931, todavia, que Lobato passa, segundo a visão de Cavalheiro a se dedicar com mais afinco à campanha do petróleo: "1931 é o ano em que Monteiro Lobato, meio desesperançado com a rápida solução para o caso do ferro, resolve sacudir a Nação e convocá-la para a batalha do petróleo". [334] Um dos convocados seria o velho amigo dos tempos das Arcadas, Lino Moreira.

Na carta escrita, segundo Cavalheiro, "em fins de 1931, ou princípios de 1932", Lobato formula um convite para que Lino participe da companhia de petróleo. Não o faz de imediato, mas faz o convite ser antecedido por um preâmbulo a fim de convencer o destinatário:

> Jamais convidei amigos ou parentes para empresas, porque envolvem riscos e é desagradável vê-los perder. Mas estou abrindo exceção para esta, explanada no folheto incluso. É cousa tão séria, são tão formidáveis as últimas notícias reservadas que tenho recebido da América, que estou convidando a todos – até o pobre Rangel, para que mais tarde não se queixem de mim.
> O caso é simples. Ou há petróleo no Brasil e ficamos com a chave de todo ele na mão, ou não há e ao fim de poucos meses a companhia está extinta com perda total do dinheiro empatado. Loteria de dois bilhetes – um branco, outro com sorte grande de Espanha por ano e por ação.
> O convite está feito. Resolva como entender, sabendo que não necessitamos de capital. Há já mais que o pedido, além de que o Assis Brasil[335], que acaba

[333] *A barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.324-5.
[334] *Monteiro Lobato: vida e obra*, *cit*., t.2, p.3.
[335] Provavelmente, Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), então Ministro da Agricultura (nomeado em 13 de dezembro de 1930 e exonerado em 22 de dezembro de 1932). Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/ Acesso em 14 fev. 2005.

> de escrever-me longa carta, mostra-se empenhado em fazer a coisa com dinheiros públicos. [336]

Note-se que Lobato formula o convite como uma grande vantagem, embora não esconda os riscos do negócio. Ao mesmo tempo, deixa o destinatário livre para decidir, pois a companhia não estaria precisando de capital.

Lino não respondera ao convite de Lobato, que seria reforçado na carta seguinte, de 20 de janeiro de 1932:

> Mandei-te um folheto sobre o Petróleo, convidando-te para o negócio. Bestificado como andas com esse reconhecer firmas[337] de quanto galego existe, com certeza não deste atenção e ficaste de fora do maior negócio que se vai fazer no Brasil. [...] Só ignoro uma coisa: se a lei ou qualquer outra coisa impede, inibe ou embaraça um tabelião de incorporar empresas. Não existindo este impedimento, creia que é este o maior negócio que ainda se apresentou pelo teu caminho, e para o qual poderás entrar para ganhar muitíssimo dinheiro sem que tenhas a necessidade de entrar com um vintém. [338]

O convite perde seu caráter facultativo, deixa de ser convite, portanto, e torna-se intimação. E, novamente, a carta é veículo insuficiente para se dizer o que se deve dizer: "a coisa é muito comprida para ser exposta em carta". Como último argumento para convencer o destinatário, diz Lobato: "trata-se de criar a dinastia dos Rockefellers do Brasil e a escolha para um dessa dinastia recaiu em ti. Vê que não deixes se perder a oportunidade única." Lino, convencido pela insistência, iria se associar ao empreendimento do petróleo.

A atuação de Lobato, por meio de cartas e campanhas em prol do petróleo, parece ter surtido rápido efeito pois, na despedida de uma carta a Oliveira Vianna, datada de 24 de janeiro de 1932, informaria, exultante:

> Adeus. A minha Petróleos está incorporada, com todo o capital subscrito. Em fins de fevereiro os operadores do maravilhoso aparelho estarão entre nós. Em março já teremos indicações positivas. Em junho ou julho os jornais noticiarão o grande acontecimento do primeiro gusher. Em vez de te rires de mim, guarda esta para próxima verificação da profecia. [339]

Ainda ao autor das *Populações Meridionais do Brasil*, Lobato escreveria a 13 de maio desse mesmo ano, dando notícias do ferro e do petróleo:

---

[336] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.319-20.
[337] Lino Moreira era tabelião no Rio de Janeiro.
[338] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.323-4.
[339] Carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna. Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ.

> O ferro encrencou porque ficou na dependência do governo, e nós chamamos governo à ineficiência organizada. Mas o petróleo vai a galope, porque não depende, senão em parte pequena, do monstro. Reina cá um entusiasmo crescente no povo. As ações da minha nova companhia (a primeira antes de nascer evoluiu para uma outra muito maior e de mais largos objetivos) têm sido tomadas numa média de 700 por dia, verdadeira novidade em matéria de companhia petrolífera. E o mais curioso é que, mesmo antes de nascer já deu ele origem a três companhias novas além de revitalizar duas que estavam moribundas. [...] Só S. Paulo constrói, meu caro. Só aqui existe, no Brasil, espírito construtivo. Ocupado militarmente, transformado em C. de Mãe Joana dos outubristas, S. Paulo continua a construir. E quem vai solver o problema do petróleo nesta terra e assim dar as bases para o Brasil de amanhã, será esta gente formiga. Desmancham-lhe a casa? Ela construirá outra maior. [...] Nossa vitória está sendo organizada à alemã, sem desprezo do mínimo detalhe. Em fins deste ano o petróleo jorrará no nariz da legião de céticos e sabotadores. E em conseqüência disso, muito breve S. Paulo terá transformado em vitória a derrota em que há mais de ano se vê mergulhado.
>
> Mas para isso só pensamos e só vivemos petróleo. Eu, que fui o pai ocasional de tudo, aplico na ofensiva princípios que bebi na América. A ofensiva está organizada em seis setores diferentes, e agora a luta é para ver quem espirra o primeiro poço primeiro. Como faço ponto de honra de que essa primazia caiba à minha companhia mãe, não tenho cabeça para mais nada que não seja Oil, Oil, Oil... [340]

Ao sociólogo Vianna, Lobato apresenta razões "sociológicas" ao gosto do destinatário para o sucesso de sua empresa petrolífera: estava sediada em São Paulo, trabalhando com a "gente formiga" de São Paulo. Ademais, a vitória estava organizada "à alemã", detalhadamente, minuciosamente. E Lobato, que se pinta aqui como o "pai ocasional de tudo", aplicava na campanha o que aprendera com os *agressif men* da América.

Um mês depois, a 11 de junho, Lobato voltaria à carga, informando a Oliveira Vianna os progressos da campanha do petróleo que, em sua visão, serviria para alavancar a campanha do ferro:

---

[340] Carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna. Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ. Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato Vivo*..., *cit*., p.177-8. A "certidão de nascimento" da campanha petrolífera de Lobato seria o Decreto n. 21.415 - de 17 de maio de 1932, que "a*utoriza a incorporação pelos Srs. J. B. Monteiro Lobato, M. L. de Oliveira Filho e L. A. Pereira de Queiroz de tema sociedade anônima com sede em São Paulo e capital de 3.000:060$0 (três mil contos de réis), exclusivamente nacional, com o objetivo de pesquisar formações petrolíferas e explorar as respectivas jazidas*", cujo texto se segue: "O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requereram os senhores J. B. Monteiro Lobato, M. L. de Oliveira e L. A. Pereira de Queiroz, decreta: / Art. 1º Fica autorizada a incorporação pelos Srs. J. B. Monteiro Lobato, M. L. de Oliveira Filho e L. A. Pereira de Queiroz, de uma sociedade anônima com sede em São Paulo e capital de 3.000:000$0 (três mil contos de réis), exclusivamente nacional, com o objetivo de pesquisar formações petrolíferas, e mediante prévia autorização do Governo, perfurar e explorar as respectivas jazidas, em terras cuja área não exceda de quatro mil hectares. / Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário. / Rio de Janeiro, 17 de maio de 1932, 111º da Independência e 44º da República. / GETULIO VARGAS. / Mario Barbosa Carneiro, encarregado do expediente da Agricultura, na ausência do ministro" (Disponível em: http://www6.senado.gov.br/sicon/PreparaFormPesquisa.action Acesso em 26 março 2006).

> O petróleo está lindo. Ontem completei a passagem das ações da minha empresa, havendo-as vendido todas. Em menos de um mês, agora, a sociedade estará constituída. Mas o lindo, lindo, lindo é que já estamos em trabalhos de campo, na lufa-lufa da montagem da sonda no ponto definitivo – um maravilhoso ponto onde o aparelho Romero (e antes dele, quatro anos atrás, o aparelho geofísico de Shermuly, baseado em princípios inteiramente diversos) indicou tremendas quantidades de óleo e gás. Vou realizar meu sonho. [...] Meu ideal é solver dentro dum ano os dois problemas máximos do Brasil – o da energia, com o petróleo que melhor a produz, e o da máquina, pela obtenção da sua matéria prima, ferro.
> Adeus, meu caro. Obreiro da construção política que você é, faça construção sólida, que nos permita, a nós, obreiros da construção material, a paz e a estabilidade sem a qual não existe construção possível. [341]

Lobato apresenta-se a Vianna como "obreiro da construção material", opondo-se ao próprio Vianna que seria, em sua visão, um "obreiro da construção política" – alusão, talvez, a obras de Vianna como *O idealismo da Constituição*, de 1927, ou *Problemas de política objetiva*, de 1930, e/ou talvez a sua atuação como membro do Conselho Consultivo do Estado do Rio de Janeiro (1931) e como consultor jurídico do Ministério do Trabalho (1932)[342].

Essa imagem do Lobato factótum, pai de tudo, obreiro da construção material, com a cabeça voltada apenas para o *oil*, apareceria numa carta a Arthur Neiva, de 16 de junho de 1935:

> Incrível o que acontece. Eu fiz tudo – tudo, tudo até agora, e como estão todos convencidos da vitoria próxima, ou de Balloni ou de Alagoas, eles sabotam a nossa Cia. por amor à gloríola. Eu estou louco por entregar a eles a Cia, porque não viso glória e sim petróleo, mas eles não querem. Quem que a coisa pare nas minhas mãos. Querem desmoralizar-me. Se o Sr visse a circular que expediram... De dar nojo, tais as infâmias e falsificações. Politicagem da roça, da mais sórdida. [343]

Mas outra imagem – que se concilia perfeitamente com a do trabalhador incansável – ressumaria de suas cartas, calcada numa alegoria militar: a do Lobato guerreiro, cuja própria idéia de "campanha" já carrega muito de belicoso. É o que vemos na carta escrita a Arthur Neiva, a 08 de novembro de 1933:

> Em petróleo consegui um milagre igual, isto já por influência ou como conseqüências da ambientação americana. Na cidade onde fali, donde saí derrotado até a medula, consegui formar em 40 dias uma companhia de petróleo com 3.000 contos de capital e mais 3000 contos de material dados

[341] Carta de Monteiro Lobato a Oliveira Vianna. Casa de Oliveira Vianna, Niterói – RJ. Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato vivo...*, *cit*., p.180-1.
[342] FARIA, Luiz de Castro. *Oliveira Vianna: de Saquarema à Alameda São Boaventura, 41 – Niterói: o autor, os livros, a obra*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política / UFRJ, 2002, p.25.
[343] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 88, datado de 16 de junho de 1935 (CPDOC/FGV).

> de empréstimo pelo Estado. E ainda consegui fazer ressuscitar duas companhias mortas e enterradas – a Cruzeiro e a Petrolífera. E ainda lançar a Nacional, que opera em Alagoas. Dirigi todo o movimento como um Napoleãozinho. Fiz os manifestos de todas e toda a publicidade – e mobilizamos assim, em dinheiro, uns 10.000 contos. [344]

Lobato se retrata como um "Napoleãozinho" que, como um grande general, teria dirigido toda a campanha para mobilizar os fundos necessários à incorporação da companhia de petróleo.

A mesma imagem – a de Lobato como o grande condutor da questão do petróleo –, agora transposta para o universo náutico, apareceria na abertura de uma carta ao engenheiro suíço Charlie W. Frankie, escrita de Campos do Jordão e datada de 30 de novembro de 1934:

> Recebi com muito prazer sua carta de 25, aqui nesta serra onde vim descansar uma bocado e tirar a prova se a Cia. pode andar sem mim no leme. O mal das sociedades anônimas é uma diretoria composta de elementos díspares, cada qual representando um grupo, e não raro incapaz de puxar o carro na mesma direção. A nossa Petróleos desde o começo foi vítima desses choques na diretoria, como o amigo teve ocasião de verificar. E eu, que fui o pai da criança, nunca pude dirigir os negócios como era preciso, e como eu queria.

Lobato, além do capitão da Companhia, que a conduzia do leme, é também o "pai da criança", o pai de tudo. Essa imagem se reforça com a carta escrita de São Paulo a 05 de dezembro de 1934, em que relata suas idas e vindas nos corredores da Capital Federal:

> O meu encontro com o presidente pode vir a ser de muita importância para todos nós petroleiros. Fui ao Rio a chamado expresso dele e lá convidou-me para organizar um serviço que promova e facilite a entrada de capitais estrangeiros, afugentam com os histerismos nacionalísticos dos ideólogos revolucionários.
> Depois de tratar esse assunto, e fiz ver, que a grande coisa que tínhamos a fazer era produzir petróleo, só nisso estava a solução integral dos nossos problemas. E mostre-lhe a foto dum poço do México que havia dado em 18 anos 115.000.000 de barris de óleo.
> Suponha, disse eu, que a nossa perfuração do Araquá resulte num poço destes. Basta esse poço para o pagamento da dívida externa, etc. Fui por aí além, mostrei-lhe o perfil do poço, contei-lhe tudo, e quando o vi vivamente interessando contei-lhe que o S.G. estava fazendo para impedir que esse poço prosseguisse.
> Ele ficou seriamente impressionado e mandou-me falar com o Ministro da Agricultura.
> Não acredito em ministros, respondi. Eles são transitórios e só agem por sugestões das peças vitalícias e corruptas que eu estou combatendo. Não vou falar com ministro nenhum. vou continuar a perfurar, vou furar até 2000 metros e se tocar em petróleo então virei a conversar com o ministro...
> No dia seguinte recebi no hotel um recado dizendo que o ministro estava à minha espera. Recusei-me, dizendo que nada tinha a dizer ao ministro. Chamaram-me então ao Catete e lá o secretário do Presidente me declarou que era indispensável que

[344] Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 58, datado de 08 de novembro de 1933 (CPDOC/FGV).

> eu fosse à audiência marcada pelo ministro, o qual recebera ordens terminantes do presidente de fazer tudo que a Petróleos quisesse, porque o que ele queria era ver petróleo. Disse mais que o Presidente havia sonhado com o petróleo e não falava de outra coisa, havendo mostrado o perfil do poço do Araquá a várias pessoas.
> Fui então ao ministro e, com as costas quentes, fiz a maior carga possível contra a "quadrilha", "a camorra", ficando de escrever uma denúncia formal consegui do ministro a promessa formal de vir visitar o poço do Araquá e o fiz dar a palavra de ministro que não falharia.
> Isso mudou um pouco a situação. Voltei a S. Paulo e rompi contra o S.G. arrogantemente, e certo de que eles não se atreveriam a dar resposta. Estou agora preparando a acusação e também um plano sistemático de perfurações profundas, em vários pontos do território nacional ao mesmo tempo, com sondas Standard grandes e de nenhum modo dirigidas pelo S.G.. O governo contratará essas perfurações por metragem, devendo votar para esses serviços 10.000 contos por ano. [345]

A imagem do petroleiro incansável, a capitanear sua companhia de petróleo, diante das batalhas que se apresentavam, também aparece num trecho do *Diário* de Getúlio Vargas, que teria convidado Lobato para dirigir o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), convite recusado pelo escritor. Lê-se na anotação do *Diário* referente aos dias 11 a 15 de novembro de 1934: "Chamei o escritor Monteiro Lobato para entregar-lhe a direção do Serviço de Propaganda, mas encontrei-o muito absorvido pelas suas sondagens em busca de petróleo". [346]

"Muito absorvido pelas suas sondagens em busca de petróleo", é o que teria observado Vargas ao conversar com Lobato. E era essa a posição de Lobato nesse momento, que ganharia força com a carta de Lobato a Vargas, enviada de Campos de Jordão a 26 de fevereiro de 1935, em que Lobato, ressurgindo como metalurgista, argumentaria novamente em favor do processo Smith, para concluir:

> No desespero de ver minha pobre terra desse modo espezinhada sempre pela mesma camorra, quer se trate de petróleo, quer se trate de ferro, não me vexo de tornar-me importuno dirigindo meus gritos ao Presidente da República. Pois, fora dele, para quem apelar neste deserto de inconsciência?[347]

A imagem de Lobato, clamando no "deserto de inconsciência", seria magistralmente registrada pelo gênio de Belmonte, um ano depois, na charge "Vox clamantis in deserto", publicada na *Folha da Manhã*. Retratado como São João Batista, Lobato tem aos pés exemplares de *O escândalo do petróleo* tomados por gafanhotos, sendo observado pelo Visconde de Sabugosa, que aparece no canto inferior direito, junto a um gafanhoto.

---

[345] O original dessa carta encontra-se depositado no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE – IEL – UNICAMP).
[346] VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto; edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, v. 1, p.341.
[347] Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato Vivo*..., *cit*., p.168-71.

Basta confrontar o texto evangélico com a charge de Belmonte, que reproduzimos em seguida, para concluir pela caracterização de Lobato como o santo:

> Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizendo: Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo. Pois foi dele que falou o profeta Isaías, ao dizer:
> *Voz do que grita no deserto:*
> *Preparai o caminho do Senhor;*
> *tornai retas suas veredas.*
> João usava uma roupa de pêlos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins. Seu alimento consistira em gafanhotos e mel silvestre.[348]

"'Vox clamantis in deserto', charge de Belmonte, Folha da Manhã*, 1936"* [349]

[348] *Mt, 3, 1-4*. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, nova edição, revista e ampliada, 2002.
[349] *In*: AZEVEDO, Carmen Lúcia de , CAMARGOS, Márcia , SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p.280.

Essa imagem de um Lobato abnegado, clamando no deserto, terá a sua correspondência no Lobato mártir, como veremos no capítulo seguinte. Em carta a Frankie, de 15 de março de 1935 [350], Lobato, na posição de "responsável por tudo", desabafaria:

> Você diz na sua carta que eu vi a carta do R. ao Bromberg não tomei imediatas providências. Esquece-se que minha posição é de responsável por tudo, e que de um ato leviano meu pode vir um desastre. Lembre-se que um perfurador sozinho num acampamento pode vingar-se duma diretoria perdendo um poço. Tudo tem que ser feito com muitas cautelas e reservas. Você me entende. E é isto que quero que você faça o Dr. Winter[351] compreender. Temos de combinar nosso plano de ação com absoluta reserva e impô-lo no momento oportuno, de surpresa, e depois de todas as providências defensivas tomadas.
> Ah, meu caro Frankie, como eu desejava que você ou o Dr. Winter estivessem no meu lugar para verificarem como é preciso agir com prudência e arte! O menor ato impensado ou precipitado pode acarretar a perda do poço. [...] Ajuda-me, caro amigo. Temos que atender a vários pontos ao mesmo tempo, e com muita habilidade para não entornar o caldo. Tudo hoje depende de nós – eu e você. Se soubermos agir, conciliaremos tudo.

Dentro das estratégias do "Napoleãozinho" Lobato estaria a publicação de dois livros: *A luta pelo petróleo* e *O escândalo do petróleo*. Lobato escreveria ao engenheiro Frankie, tradutor do livro de Essad Bey, a 07 de maio de 1935:

> Acabei A Luta do Petróleo. O editor daqui pagará 500 marcos ao editor alemão, de direitos, e nós daremos nosso trabalho de tradução de graça em troca de 1000 exemplares para distribuirmos pelo congresso federal e estadual e mais gente do governo que não tem a menor idéia do que seja o petróleo. Vou agora fazer o meu prefácio. Você fará o seu – e num apêndice porei no fim a Lei de Minas, precedida duma introdução maquiavélica em que se foi a Standard que mandou fazer aquela lei cheia de embaraços, para que ela pudesse sossegadamente ir adaptando as terras petrolíferas até o dia em que entenda-se em explorar petróleo. Aí então cairá a Lei de Minas atual, que se terá aproveitado a ela, e virá uma nova que a favoreça.
> Está tudo ótimo e eu entusiasmado. Havemos de vencer. Winter que ti que sólido comigo, que a partida está ganha.

Note-se que a própria escolha do título em português para o livro de Essad Bey – *A luta pelo petróleo*, enquanto o original alemão se chamava *Das flüssiges Gold* (O ouro líqüido) – carrega em si a idéia de uma luta, de uma guerra. O general Lobato estava confiante no seu caminho rumo à vitória.

[350] Embora a carta não tenha data (o único traço temporal é a indicação "Sexta, à noite"), a pesquisadora Kátia Chiaradia identificou-a como sendo de 15 de março de 1935.
[351] "Engenheiro Guilherme Winter" (*Cartas escolhidas*).

Nesse sentido, é exemplar a carta, também escrita a Frankie, datada de 24 de maio de 1935, em que, já em sua abertura, Lobato lança mão da metáfora bélica:

> Como vai? Aqui, em véspera de batalha campal e decisiva. Vai haver assembléia no dia 28 e a circular número 2 que o Comitê enviou aos acionistas é coisa que enoja. Estou com verdadeira repugnância de continuar nesta Cia – ou numa companhia onde há gente de tal ordem. Não tenho uma para te mandar, mas um dia você há de ler.

Semanas depois, a 15 de junho de 1935, Lobato escreveria a Frankie:

> A sua carta veio me encontrar no leito, não que eu gosto dele. Mas devido os médicos e pessoas da família e amigos que sabiam da minha enfermidade. Tenho passado mal. Febre até quase 39, dores de pulmão horríveis tenho ultimamente melhorado. Dores de cabeça e etc. e acho que tudo por causa do nosso ideal: petróleo. Basta dizer que por ele descuidei completamente de minha saúde e só depois de bem adoentada e por imposição de médicos fiquei na cama. Mas eu sou um soldado que nasceu para morrer na sentinela e é por isso que fugi de casa e apesar do mau tempo de hoje sábado da assembléia, estou no Office. Gosto sempre de luta e gosto ainda mais de ver seu final. Como tenho estado isolado do centro petroleiro, nada tenho sabido, e exceto que aí tudo vai bem.

Mesmo doente, um verdadeiro soldado não abandona o campo de batalha. E assim é que Lobato se apresenta a Frankie, como um guerreiro que morreria no campo de batalha, se preciso fosse.

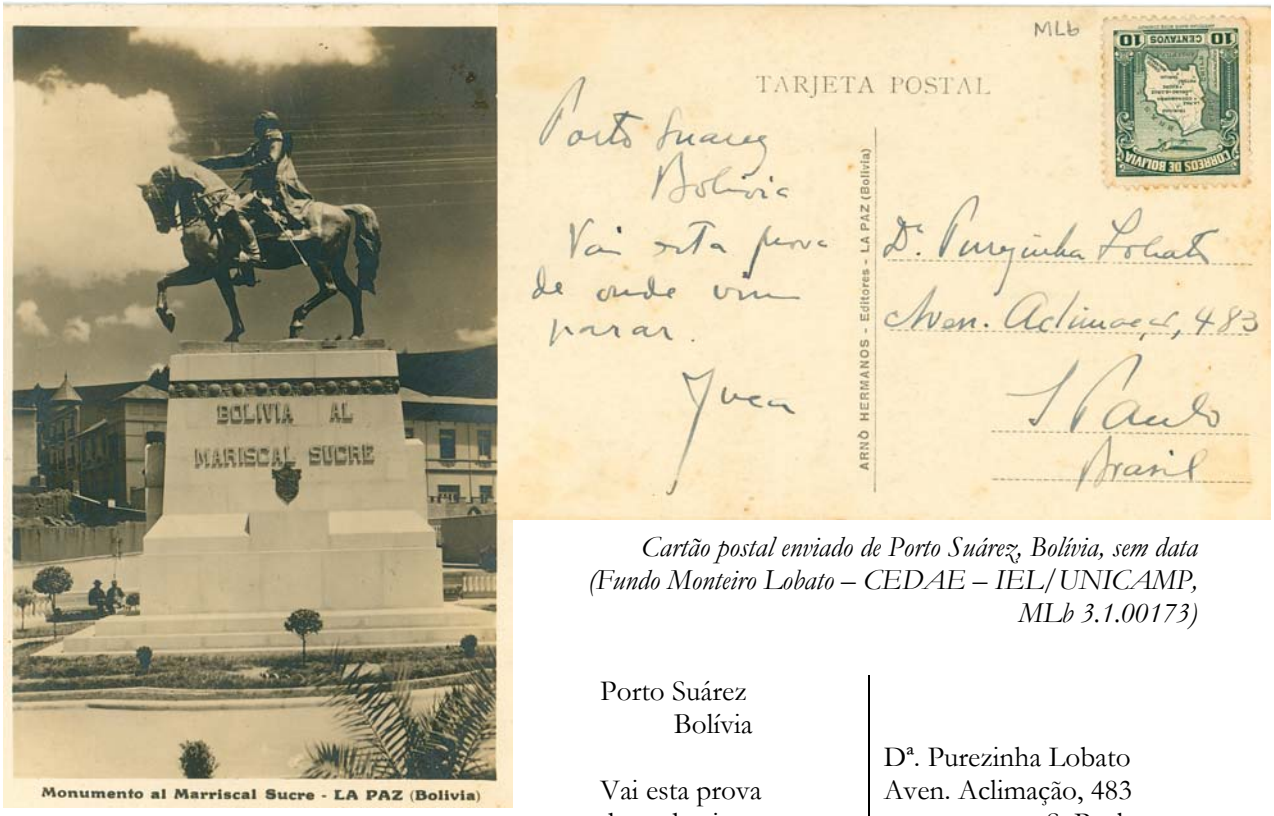
A 30 de julho de 1935, Lobato apresenta-se como o único que sabia conduzir a companhia de petróleo, já que criada por ele:

> Só eu, meu caro, que a criei, sabia conduzir a CPB. Se o dinheiro acabava, como em outubro do ano passado (ficamos com 3 contos em caixa), eu fazia novo manifesto, dava porradas no SGF e o dinheiro aparecia novamente. Este ano, quando vi que o dinheiro estava ficando escasso, lancei aquela comunicação número 6 dando notícia da combinação com Piepmeyer, certo de que o efeito seria ótimo fazendo entrar o dinheiro necessário – e no campo fiz a reforma que você sabe. Mas conjuntamente com o meu comunicado número 6 o correio levou aquela absurda e monstruosa circular do Comitê. Diante disso, e vendo todos os meus esforços anulados pela contrapropaganda, resolvi saltar fora imediatamente – e se ainda resisti algum tempo foi porque o Winter, que não estava perfeitamente senhor da psicologia do caso, o exigiu. Agora a gente do Comitê não sabe como conduzir a Cia, que em minhas mãos jamais cessou de trabalhar. Que se arrumem. Por enquanto não gasto um pensamento com a Petróleos. Dia virá, entretanto, em que a situação há de mudar. Esperemos.

Se falhasse o petróleo, seria a hora de voltar novamente à literatura, "tão abandonada,

coitadinha" – como confidenciaria a Frankie em carta de 28 de abril de 1936 –, mas que lhe garantia a subsistência. Vale lembrar que a atividade literária de Lobato, nos anos 1930, é bastante intensa, sobretudo com os livros da chamada literatura infantil.

Não era, contudo, essa a imagem que vemos esboçada a outros correspondentes. À esposa escreve, por essa época, um cartão postal de Porto Suárez, na Bolívia:



Cartão postal enviado de Porto Suárez, Bolívia, sem data (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.1.00173)

Porto Suárez
Bolívia

Vai esta prova
de onde vim
parar.

Juca [352]

Dª. Purezinha Lobato
Aven. Aclimação, 483
S. Paulo
Brasil

Singelo, econômico nas palavras, o postal enviado a Purezinha indicava a lembrança da esposa em meio à campanha do petróleo. A ausência da esposa dava ensejo à troca epistolar, ainda que sucinta. Nenhuma referência, contudo, ao andamento dos negócios petrolíferos. Já ao velho amigo Lino Moreira, Lobato expunha, a 15 de fevereiro de 1936:

> Tudo ótimo em Alagoas. Os engenheiros geofísicos partiram ontem da Alemanha; a 28 estarão em Maceió. Terça-feira segue daqui o Dr. Winter, que vai recebê-los, e o Ch. Frankie, que vai retomar a perfuração. Tenho fé em que o próximo mês de março nos vai trazer notícias importantes. [353]

[352] Cartão postal depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE – IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00173).
[353] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.11.

E em carta, segundo Cavalheiro, "provavelmente de 1936": "tudo vai bem. Furemos, que outro meio não existe de tirar petróleo. Mas olho aberto contra os sabotadores – que os há e perigosíssimos." [354] Ou então a Artur Coelho, amigo distante, que morava nos Estados Unidos, em carta de 21 de junho de 1936:

> Em petróleo V. está atrasado. Não sabe do colosso que estamos fazendo aqui e não há tempo para contar em carta – sobretudo a um que não embarcou na canoa a tempo. O ano vindouro vai ser o começo da era nova no Brasil – sobretudo se este ano derrubarmos no Congresso o tal Código de Minas, que a Standard fez a ditadura promulgar, trancando tudo. O caso não passa de uma luta entre os nacionais e o Octopus. Quem vencerá? Tenho muito medo dos que no Brasil lutam com essa arma chamada livro de cheques. A nossa gente vende-se barato demais.[355]

Sim, o ano vindouro seria o começo de uma era nova no Brasil – mas não no sentido que esperava Lobato. 1937 seria o ano do golpe do Estado Novo, a 10 de novembro, e a outorga de uma nova Constituição, a "Polaca". Com a ditadura escancarada à luz do dia, as campanhas de Lobato receberiam um novo golpe, o da censura. A 1º de junho de 1938, Lobato escreveria a Rangel:

> Tudo apodrece por aqui, Rangel. Tudo arrasta.
> Eu apodreço no petróleo; lido com ele há oito anos e nada; não consigo vencer os embaraços oficiais. E apodreço nesta UJB [356] que é um sorvedouro. E apodreço no ferro, onde também só encontramos obstáculos (já estou no ferro há 10 anos!) E você apodrece nas traduções. [357]

E a Artur Coelho, "provavelmente em 1938", segundo Cavalheiro:

> Minha impressão é que o que aqui chamamos de governo não passa da máscara dum inimigo que nos conquistou sem dar na vista de ninguém e agora tem como programa o retorno do indianismo inicial. Vamos (isto é, ele vai) destruindo uma a uma as coisas criadas, como o café, a cultura, a liberdade de pensamento, etc., de acordo com um plano. O fim será acabarmos todos nus, comendo-nos uns aos outros antropofagicamente (porque caça é coisa que já não existe nos matos – nem existe mato mais), flechando-nos, tatuando-nos. E tudo isso à sombra duma imensa batina romana estendida como pálio sobre nossos 8 milhões de quilômetros quadrados.
> Os escritores de mais mérito, como os geniais Jorge Amado e Rubem Braga, foram arrolhados e estão morrendo de fome. Os demais desse tipo guardaram a pena e apodrecem escondidos. Crime dos crimes: pensar com a cabeça. Outro crime: ter talento. Outro: ter iniciativa. Outro: trabalhar...[358]

---

354 *Id.*, t.2, p.13.
355 *Id.*, t.2, p.16.
356 Agência que tinha por função a redação e distribuição de notícias, a União Jornalística Brasileira (UJB) foi criada em 1934 por Menotti del Picchia e comprada por Lobato em 14 de agosto de 1937.
357 *A barca de Gleyre*, *cit.*, t.2, p.331.
358 *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.39.

Um dos próximos a serem arrolhados pela ditadura Vargas seria justamente Monteiro Lobato, "pelo crime de escrever uma carta sincera ao Presidente" [359]. Os fatos que levaram Lobato ao cárcere se precipitariam a partir do surgimento do petróleo no "Poço DNPM-163, perfurado no Lobato pelo antigo Departamento Nacional de Pesquisa Mineral" [360], a 21 de janeiro de 1939. A 05 de maio de 1940, Lobato escreveria uma longa carta a Vargas [361], carta que seria o estopim para a sua prisão no ano seguinte, incurso na Lei de Segurança Nacional.

De maneira ousada, por vezes até mesmo agressiva, a carta dirigida a Vargas é um verdadeiro desabafo do petroleiro Lobato que aqui reassume o seu tom profético e invoca para si a imagem do profeta Jeremias [362]:

> O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância, e se com a maior energia e urgência o senhor não toma a si a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo governo com a realização da Grande Coisa. Eu vivi demais esse assunto. No livro O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO denunciei à nação o crime que se cometia contra ela – e com a maior dor de coração vejo hoje que o oficialismo persiste nesse crime, e agora armado duma arma que não existia antes: o monstruoso "tank" chamado CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.
> Dr. Getúlio, pelo amor de Deus ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias. Medite por si mesmo no que está se passando. Tenho a certeza de que se assim o fizer, tudo mudará e o pobre Brasil não será crucificado mais uma vez.

Lobato constrói então uma longa exposição, dividida em dez fragmentos, com os títulos destacados em caixa alta e sublinhados: "Histórico", "Qui Prodest?" – que será utilizado como bordão até o fim da carta –, "Destruição das companhias nacionais", "Os pretextos", "Monopólio petrolífero", "A ineficiência oficial", "Que cumpre fazer?", "O tiro de misericórdia", "Sofisma" e "Resumo". No texto, frases como "o Governo não quer que os

---

[359] LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo. In*: _____. *O escândalo do petróleo e Ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1964, p.199.
[360] CESAR, Elieser. "Ouro negro – Descoberta do petróleo na Bahia mudou os rumos da industrialização no Brasil". Correio da Bahia, 05 de julho de 2003. Disponível em: http://www.correiodabahia.com.br/2003/07/05/noticia.asp?link=not000077957.xml Acesso em 26 de março de 2006.
[361] "Cópia da carta de Monteiro Lobato dirigida ao presidente Getúlio Vargas sobre seu livro 'O Escândalo do petróleo' e a situação do petróleo e das companhias nacionais de exploração. Esta carta motivou a prisão de Lobato e seu julgamento no TSN. 1940 (CPDOC/Arq. Artur Neiva)". CPDOC/FGV, AN c 1928.02.02, doc.25. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/Petrobras.asp Ao pé da última página lê-se: "CARTA QUE MOTIVOU A PRISÃO DE MONTEIRO LOBATO". Essa carta foi publicada, com ligeiras modificações, em *O escândalo do petróleo*, de Monteiro Lobato (São Paulo: Brasiliense, 1964, p.168-86) e, ainda, em *O petróleo do Brasil: traição e vitória*, de Lourival Coutinho e Joel Silveira (Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1957, p.344-57).
[362] A escolha de Jeremias talvez se justifique em razão das Lamentações de Jeremias, "conjunto de cinco lamentações sobre Jerusalém devastada e sobre o Templo em ruínas, compostas por um judeu, habitante de Judá, após 587 e atribuídas, em seguida, ao profeta" (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.14, p.3330).

brasileiros tirem petróleo", "o resultado da política do CONSELHO só beneficia a essa entidade", que seria política do Conselho "impedir que as empresas nacionais trabalhem, impedindo assim que o Brasil tenha petróleo com abundância" aparecem destacadas, sublinhadas, e parecem ter contribuído para a aplicação da Lei de Segurança Nacional ao caso.

Ao longo da carta, Lobato chega a aludir a possíveis ameaças à soberania do Estado Brasileiro, de maneira bastante contundente, num tom de advertência ao destinatário, o que parece constituir uma atualização do antigo gênero dos "espelhos de príncipe" – em que um intelectual, em geral um preceptor com ascendência sobre o príncipe ou jovem monarca, aconselhava-o sobre o exercício do poder. A longa carta se fecha com uma advertência final:

> E se não agir depressa, se não pensar com sua própria cabeça, pondo de lado as insinuações dos promotores da atual política do petróleo, arrepender-se-á horrivelmente um dia – no dia em que deixar o Governo e verificar que foi iludido pelos lobos que se disfarçam sob a pele do carneiro "patriótico". A nota do "patriotismo" vibra em todas as resoluções do CONSELHO – mas ninguém se ilude com ela. O povo sorri e pergunta QUI PRODEST? E como tal política só aproveita aos trustes internacionais, lamenta que o homem que pode libertá-lo, que <u>tem</u> nas mãos as armas para conferir-nos o 13 de Maio econômico, deixe de o fazer – <u>iludido</u> pela voz de sereia dos interesses encapotados, e surdo à voz do Brasil, que só se manifesta por meio de criaturas sem força e sem manhas, como por exemplo, este triste e desapontadíssimo
>
> MONTEIRO LOBATO

Como se sabe, foi a partir dessa "carta sincera ao Presidente" que Lobato, um mártir clamando no deserto, amargaria três dias de prisão incomunicável, em janeiro de 1941, e depois três meses de cárcere, a partir de 20 de março do mesmo ano. Seria o ponto final dramático e melancólico para a experiência do "Napoleãozinho" que quis dar petróleo à sua terra.

Capítulo 5

Monteiro Lobato do cárcere

Monteiro Lobato do cárcere

Under a government which imprisons unjustly,
the true place for a just man is also a prison.

Henry David Thoreau (1817-1862).
Civil Disobedience

28 de janeiro de 1941. Monteiro Lobato é surpreendido por um mandado de prisão. O motivo: uma longa carta, datada de 05 de maio de 1940, escrita ao chefe do Estado Novo, Getúlio Vargas, denunciando questões relativas ao petróleo do Brasil, como vimos no capítulo anterior. Recolhido incomunicável à Casa de Detenção de São Paulo, seria solto dali a quatro dias. Mas seria preso novamente, a 20 de março do mesmo ano, sendo condenado a seis meses de prisão, dos quais cumpriu três até, devido à pressão e mobilização de vários intelectuais [363], ser indultado por Getúlio Vargas.

Fruto, o mais das vezes, de períodos ditatoriais, as cartas escritas no cárcere trazem, em geral, características comuns que as constituem num autêntico subgênero do gênero epistolar. Isso porque podemos, por um lado, pressupor na elaboração de cartas escritas em prisão elementos que de certo modo as unificam: em geral, as cartas de prisão são escritas, como é de se esperar, em tom melancólico, em que o encarcerado relata os sofrimentos do recolhimento, repassa os acontecimentos de sua vida, demonstra preocupação com os familiares. Por outro lado, percebe-se que nem sempre todas as cartas escritas por um encarcerado adotam esse tom. É possível encontrar uma seleção de fatos relatados ou temas tratados que varia de acordo com o destinatário. [364]

Outro elemento que as unifica é o local de endereçamento. É interessante notar que, das cartas escritas por Lobato a partir da prisão, a maioria delas aponta especificamente o local de sua origem: "Casa

[363] Entre estes, sobressai o nome da escritora Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) que, segundo as palavras de Hilário Freire, um dos advogados de Lobato no processo criminal, numa carta que lhe dirigiu de São Paulo a 11 de julho de 1941, foi "a que mais converteu a amizade em ação efetiva e realizadora". Essa carta se encontra depositada no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro (pasta RCL 41 – 07.11).

[364] Exemplares desse procedimento, no século XX, são as cartas de Gramsci à esposa e à mãe, ambas datadas de 20 de novembro de 1926, mas cada uma delas escritas de maneiras e sobre assuntos diversos, a despeito de serem redigidas sob as mesmas condições de tempo e lugar. Para as cartas de Gramsci, v. GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. Seleção e tradução de Noênio Spínola. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.16-8; GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. Organização, introdução e tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, v.1, p.74-7. Excelente exemplo no Brasil são as cartas de Luiz Carlos Prestes (*Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. Apresentação, seleção e notas de Anita Leocadia Prestes e Lygia Prestes. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2002, 3v.), as cartas de Frei Betto (*Cartas da prisão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 1977) e as escritas por Joel Rufino dos Santos a seu filho Nelson, reunidas no livro intitulado *Quando eu voltei tive uma surpresa* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000).

de Detenção", por vezes adotando a variante "Cadeia". É possível ver essa indicação aqui como um sutil lembrete de que o remetente permanecia preso, a despeito do tom irônico e divertido que algumas das cartas adotam.

Durante todo o período de cárcere, Lobato não deixa de escrever cartas. Conhecemos atualmente quinze cartas escritas da Detenção[365]. A primeira[366] desse conjunto é dirigida a D. Maria da Pureza Natividade Lobato, ou simplesmente Purezinha (1885-1959), a esposa do escritor. Recolhido à prisão, incomunicável, em 28 de janeiro de 1941 – conforme se depreende da leitura da guia de identificação acostada aos autos do processo movido em face de Lobato[367] –, a carta, sem data, deve ter sido escrita em 29 de janeiro[368], eis que Lobato afirma: "O Ernani, aquele em cuja casa você esteve anteontem (27) mostrou-se muito camarada. Pedi-lhe que telefonasse a você ontem (28) e agora espero-o ansioso, para saber se telefonou."

A carta, após um vocativo simples – "Purezinha" –, abre-se em tom de confidência, como numa conversa sussurrada num canto: "Só contarei o que é a vida em prisão." O advérbio "só", ao mesmo tempo que restringe o assunto da carta, pode ser interpretado como uma reserva do assunto apenas a esta destinatária, ou seja, "**somente a ti** contarei o que é a vida em prisão". Por outro lado, num alargamento da interpretação, "só" também poderia ser lido como um adjetivo, que seria uma forma de intensificar a solidão do remetente, preso incomunicável: "**sozinho** contarei o que é a vida em prisão". Essa última interpretação é reforçada pelas duas cópias datiloscritas da carta, depositadas no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE/UNICAMP, em que lemos: "só, contarei o que é a vida em prisão". A palavra "só", isolada e destacada pela vírgula, passa a ser um adjetivo, de acordo com essa última interpretação. [369]

---

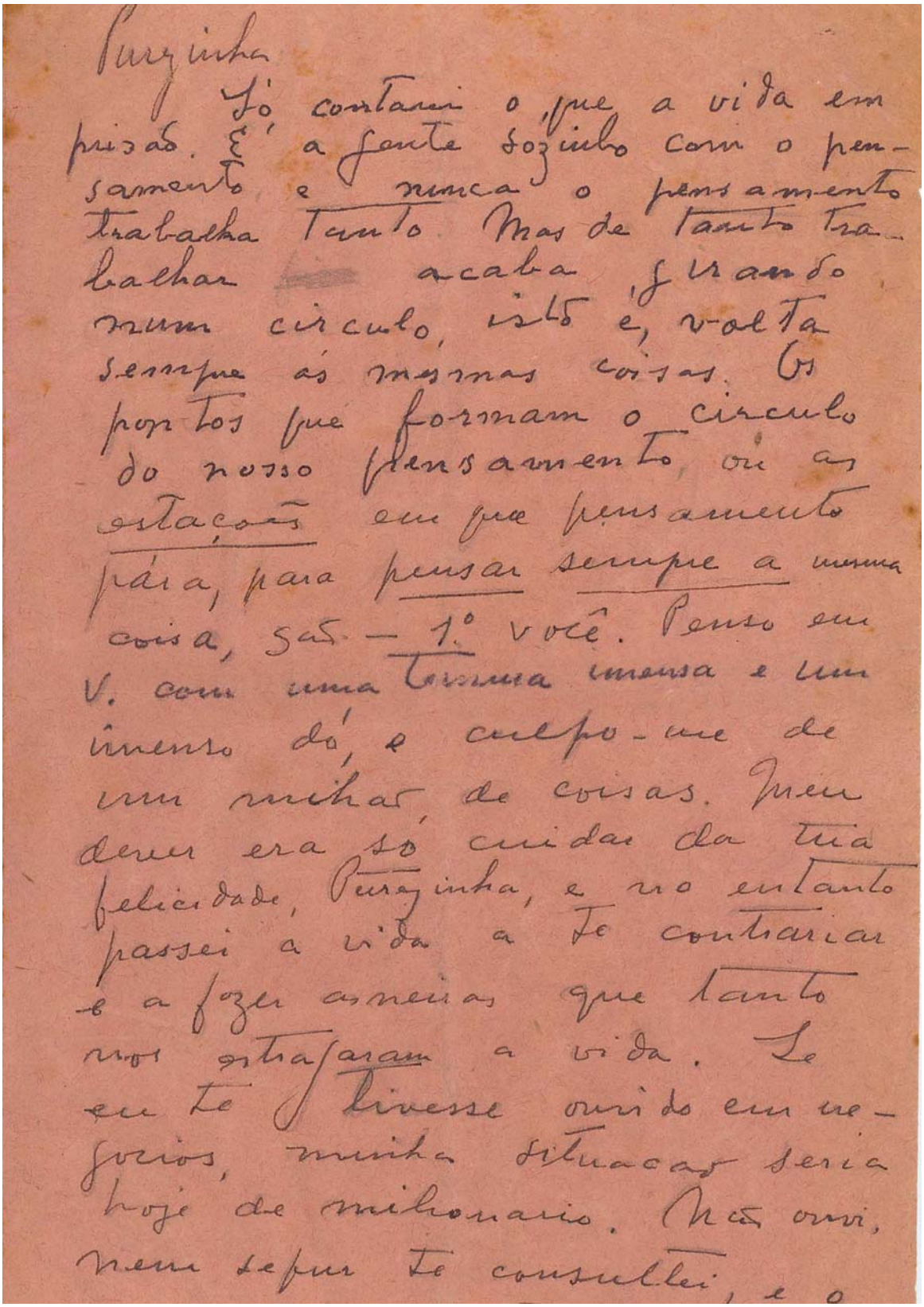
[365] Certamente existem outras cartas que, até o presente momento, não nos foi possível localizar. Da biografia de Cavalheiro conclui-se, ainda, que ele teria escrito cartas a Abelardo Vergueiro César, Menotti del Picchia, D. Yaynha Pereira Gomes, entre outros. (*Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed. revista e aumentada, 1956, t.2, p.71)

[366] Essa carta foi publicada por Edgard Cavalheiro no volume *Cartas escolhidas* (São Paulo: Brasiliense, t.2, 1964, p.70-3). O original, escrito em papel de embrulho cor de rosa, encontra-se depositado no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio), da UNICAMP. No mesmo Fundo há ainda duas versões datiloscritas da mesma carta, com algumas correções anotadas à mão.

[367] RIBEIRO, José Antônio Pereira. *As diversas facetas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, Secretaria de Cultura Município de São Paulo, s/d, p.153. Datado de 29 de janeiro de 1941, lê-se no documento: "faço apresentar a V. S., a fim de ser identificado, o detento MONTEIRO LOBATO (Dr.) [...] que deu entrada nesta Casa de Detenção, em data de ontem".

[368] Há confusão quanto à data dessa carta. Edgard Cavalheiro, no volume *Cartas escolhidas*, registra a seguinte nota em relação a essa carta: "Monteiro Lobato foi preso no dia 20 de março de 1941" (*Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.70). Ocorre que 20 de março de 1941 é a data da segunda prisão de Lobato, período em que o escritor fora recolhido à Detenção, mas não mais incomunicável.

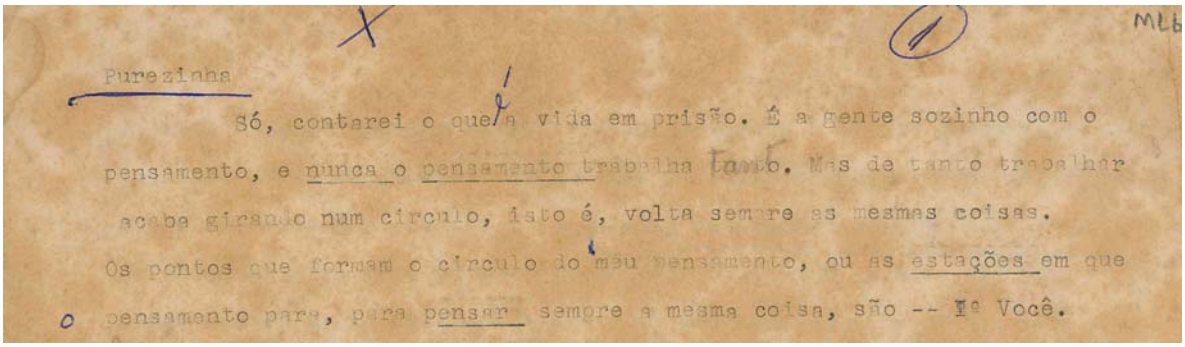
[369] A diferença entre a versão manuscrita e as versões datiloscritas – cuja identidade do datilógrafo se desconhece – se explicaria em razão do acento do verbo "é" que aparece logo na linha de baixo, como pode ser visto na imagem reproduzida na página seguinte. Isso pode ter motivado um erro de transcrição, que explicaria a presença da vírgula nas versões datiloscritas.



Purezinha

Só contam o que a vida em prisão. É a gente sozinho com o pensamento e nunca o pensamento trabalha Tanto. Mas de tanto trabalhar acaba girando num circulo, isto é, volta sempre ás mesmas coisas. Os pontos que formam o circulo do nosso pensamento, ou as estações em que pensamento pára, para pensar sempre a mesma coisa, são — 1.º você. Penso em V. com uma ternura imensa e um imenso dó, e culpo-me de um milhar de coisas. Meu dever era só cuidar da tua felicidade, Purezinha, e no entanto passei a vida a te contrariar e a fazer asneiras que tanto nos estragaram a vida. Se eu te tivesse ouvido em negocios, minha situação seria hoje de milionario. Não ouvi, nem sequer te consultei, e o

Parte da primeira página da carta escrita da prisão a D. Purezinha
(Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL – UNICAMP, MLb 3.1.00175)


Purezinha

Só, contarei o que é a vida em prisão. É a gente sozinho com o pensamento, e nunca o pensamento trabalha tanto. Mas de tanto trabalhar acaba girando num circulo, isto é, volta sempre as mesmas coisas. Os pontos que formam o circulo do meu pensamento, ou as estações em que o pensamento para, para pensar sempre a mesma coisa, são -- Vc Você.

Parte da primeira página da carta escrita da prisão a D. Purezinha – versão datiloscrita
(Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL – UNICAMP, MLb 3.1.00175)

Segue a descrição da vida na prisão, agravada pela incomunicabilidade, que força Lobato a pensar todo o tempo. E o primeiro objeto de seu pensamento é a esposa. O segundo objeto do pensamento passa a ser a vida e a morte, a existência, os entes queridos falecidos – representados pelo filho Guilherme, falecido em 1938, e pelo cunhado Heitor de Moraes, que se suicidou em 1936:

> Depois de pensar e repensar em você e de convencer-me que apesar de todas as aparências, e da nossa eterna divergência, é você a única pessoa que eu amo no mundo, pulo para outra estação. Há a estação da Morte, penso na sobrevivência, no Além, em promessas de espiritismo, etc. Penso em Guilherme e Heitor, e acho-os tremendamente felizes por já terem morrido, isto é, feito uma coisa que nós ainda vamos fazer.

A "estação" [370] seguinte do pensamento de Lobato é sua própria condição, a prisão, os motivos pelos quais teria sido preso e o temor pelo que poderia ainda ocorrer:

> Depois penso no meu caso – na vingança que os homens de cima que eu insultei hão de querer tirar de mim. Que tolice dar soco em faca de ponta! Espetei a mão e a faca ficou no que era. Meu soco não a quebrou.
> A vida aqui me tem feito pensar no horror que V. sempre teve pela prisão, pela condenação de um homem ao confinamento por anos e anos. Agora vejo como, sem ter experiência própria, V. adivinhou o certo. Não há castigo maior. Mil vezes cadeira elétrica ou a forca – dores de um momento.

Daí a reflexão sobre o tempo e a incomunicabilidade da prisão. Como que marcando a alegria que sentiu, Lobato subitamente muda o tom da carta ao descrever o momento em que recebeu o pacote com objetos pessoais enviados pela esposa:

[370] Interessante observar a escolha da palavra "estação" por Lobato que, em sua polissemia, enriquece a interpretação da carta: estação pode significar tanto o local de parada de um meio de transporte qualquer (p. ex., estação de trem, de ônibus etc.), como um período de tempo (p. ex., estação das flores), como as quatro partes do ano (ou seja, as estações do ano), como, ainda, as chamadas quatorze "estações" da Via Sacra do Calvário de Cristo.

> Imagine agora o meu prazer quando ontem recebi um pacote. Abri e vi logo você ali – 2 ceroulas, lenços meias, pijama novo e aspirina. Que presente, Purezinha! Como qualquer coisinha é todo um mundo para quem está sem nada! Repeti mil vezes o teu nome, e hoje de manhã, ao acordar e ver em cima da mesa as coisas, peguei nas meias e beijei-as... Imagine agora a que fica reduzida uma criatura depois de anos de prisão se eu só com 2 dias já estou assim.
> Foi o primeiro contato com o mundo externo, esse presente que v. me mandou. Que alegria imensa me causou! Foi o mesmo que receber a tua visita.

Note-se que, tal como a carta que, por definição, torna presentes os ausentes [371], o pacote recebido por Monteiro Lobato tem o condão de tornar presente a esposa. A carta segue com a descrição do tratamento recebido e das instalações da prisão:

> Tratam-me muito bem aqui. Os guardas e o diretor são pessoas delicadíssimas, que vêm ver-me todos os dias e conversar. Estou num apartamento otimozinho, com um banheiro de 1ª ordem, com lavatório, bidé, privada e banheiro novinho com água quente. Sou servido no quarto pelo João, um mulato que está preso há já 3 meses. Cinco refeições, imagine! para eu que só fazia três. Café com leite, pão e manteiga às 7h. Almoço com 6 pratos às 11 Chá mate, pão e manteiga às 2. Jantar às 5 e chá à noite. Creio que vou engordar.

Veremos adiante, noutras cartas, que a descrição do tratamento recebido e das instalações da prisão é muito semelhante ao transcrito acima. Contudo, o tom que Lobato adota nessas outras cartas será totalmente diverso.

Retornando à lembrança da inação a que o cárcere o obriga, Lobato recorda o sofrimento do filho Edgard, para recair no tom melancólico do início da carta. Segue-se, então, a conclusão da carta e a despedida, com uma consideração sobre a própria carta que escrevera – e que não teria como entregar, devido à incomunicabilidade –, e a assinatura da carta, com o familiar "Juca":

> Adeus, minha querida, minha cada vez mais querida Purezinha. Um apertadíssimo abraço, e outro em Rute e Edgard. Coragem aí, que cá do meu lado é o que não falta.
> Estou escrevendo por escrever, para dar vazão aos sentimentos, porque não há jeito de fazer este papel chegar a você.
> Incomunicável! Agora compreendo o horror desta palavra.
>
> Juca

[371] Atribuída a Libânio, a fórmula "epistola est absentis ad absentem colloquium" (em português, a carta é uma conversa entre ausentes) foi repetida exaustivamente ao longo dos séculos por inúmeros tratadistas do gênero, como por exemplo Erasmo de Rotterdam (em sua *Breuissima maximeque compendiaria conficiendarum epistolarum formula*, de 1520) ou Juan Luís Vives (no *De conscribendis epistolis*, de 1534). Essa presentificação dos correspondentes por meio da carta é mais patente nas cartas que Lobato dirigiu à Purezinha durante o noivado, como vimos no capítulo 1.

As cartas seguintes já são do segundo período de prisão, iniciado a 20 de março de 1941. Nelas percebemos a construção de uma *persona* totalmente diferente da que vimos na carta acima: se antes Lobato contou à Purezinha o que era a vida em prisão, expondo em tom emotivo a dor de se encontrar encarcerado, agora vê-se aflorar sua irreverência e seu agudo humor.

Preso a 20 de março, em 22 já temos uma carta de Lobato, dirigida a Geraldo Serra, secretário da União Jornalística Brasileira [372]. Recolhido novamente, mas dessa vez não incomunicável, Lobato põe em marcha a sua máquina epistolar. Na carta transcrita acima, vemos que pede ao destinatário que envie a correspondência que já deixara preparada, inclusive com indicações precisas para a sua localização: "entregue no Instituto do Café a carta inclusa, você mesmo. Debaixo do porta-chapéu há um pacote de cartas; ponha-as em movimento. Dentro duma das poltronas há um rolo delas; guarde-o para mim".

Ademais, em reforço à *persona* da carta, instrui o destinatário sobre as informações que deveria dar a quem perguntasse por ele: "A quem perguntar pela minha ilustre pessoa, diga que estou ótimo, satisfeitíssimo, na Sala Livre, com um belo jardim para passear à vontade e com ótimos companheiros." Não, é claro, sem uma ponta de ironia, presente no uso da perífrase empregada para referir-se a si mesmo – "minha ilustre pessoa" – e no uso dos superlativos – "ótimo, satisfeitíssimo". A que acrescenta a advertência, tipicamente lobatiana – "se alguém lamentar a minha sorte, diga-lhe que não seja besta" –, e a avaliação positiva da prisão para a "causa do petróleo" – "a 'Causa do Petróleo' ganha muito mais com a minha detenção do que com o comodismo parador aí do escritório" – que, como veremos, aparecerá noutras cartas do mesmo período. Com a despedida da carta, abraços enviados a amigos e conhecidos, seguido da fórmula: "Adeus. Saúde e bichas", empregada em pelo menos uma outra carta.[373] No *post scriptum*, Lobato complementa as instruções passadas ao destinatário:

> P.S. Copie a cartinha junta em papel aéreo e mande-a para o endereço que está nas costas, para Benjamim de Garay. E você mesmo leve-a ao correio da Panair. E debite-me a despesa.

[372] Agência que tinha por função a redação e distribuição de notícias, a União Jornalística Brasileira (UJB) foi criada em 1934 por Menotti del Picchia e comprada por Lobato em 14 de agosto de 1937. Em 01 de junho de 1938, Lobato escreveria a Rangel: "Esta União Jornalística Brasileira, de cujo escritório te escrevo, só me dá prejuízos, contos e contos de réis, porque não consegue a publicidade que lhe seria mister para subsistir e dar lucro. Tudo apodrece por aqui, Rangel. [...]E apodreço nesta UJB que é um sorvedouro" (*A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.2, p.331).

[373] Na carta, inédita, escrita à menina Josette Silveira Melo, sem data (mas escrita provavelmente entre os meses de agosto e novembro de 1947), Lobato se utiliza da mesma expressão.

> Mande ao mesmo endereço uma carta das mimeografadas, mas pelo correio comum. [374]

Do dia seguinte temos uma carta enviada a Cândido Fontoura (1885-1974) [375]. Se, por um lado, alguma sombra de melancolia pudesse pairar na carta a Geraldo Serra, nesta carta a Fontoura toda a verve lobatiana se faz presente. A iniciar pela própria abertura da carta, dando sua versão do motivo de sua prisão: "O Tribunal de Segurança, achando que eu estava um tanto magro, houve por bem mandar internar-me num dos melhores hotéis de São Paulo – o Detenção Hotel, na Av. Tiradentes." É interessante aqui confrontar a descrição que Lobato faz das instalações da prisão na carta a D. Purezinha[376] – cujo trecho transcrevemos acima – e esta da carta a Fontoura:

> Fiquei na "sala livre", com mais três companheiros, um médico muito ilustrado e inteligente, que matou a mulher; um industrial que também matou a mulher e o amante; e um engenheiro que falsificou qualquer coisa. Estamos grandes amigos, apesar de me sentir humilhado na presença deles, pois não matei mulher nenhuma, nem falsifiquei a verdade na carta ao Presidente. Temos um lindo jardim à nossa disposição e presos em quantidade com quem conversar. Se todas as prisões fossem como esta, todo mundo metia empenhos para consegui-las. Trouxe minha máquina, bastante papel, livros, e tenho visitas quatro dias na semana. E como todas me trazem coisas de comer, o nosso guarda-comida me lembra as prateleiras da Leiteria. Comemos à beça. Engordamos. Isso me estraga o programa de bancar o Mártir numero I do Petróleo – pois não há mártir gordo.

Se naquela o tom adotado é vazado de afetividade, nesta o tom é o da ironia, afinal, se o plano de Lobato era se tornar o "mártir número 1 do Petróleo", estar "num dos melhores hotéis de São Paulo", engordando com as guloseimas que recebe, irá lhe frustrar os planos, já que "não há mártir gordo". Note-se ainda que Lobato avalia de forma positiva sua prisão e uma possível condenação, para o bem da "causa do petróleo".

Por outro lado, se na carta ao secretário Geraldo Serra encontra-se uma série de instruções e recomendações de ordem prática, ao amigo farmacêutico Fontoura, junto da

---

374 Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato Vivo*..., *cit*., p. 235.

375 Publicada em *Cartas escolhidas* (São Paulo: Brasiliense, 1964, t.2, p.73). Há uma cópia dessa carta no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE/UNICAMP e outra no acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo (Pasta 33B, documento nº 29).

376 Pela documentação dos autos da prisão (publicada parcialmente por José Antônio Pereira Ribeiro em *As diversas facetas de Monteiro Lobato*, *cit.*), Lobato teria sido recolhido nas duas ocasiões à prisão especial na Casa de Detenção, o que nos faz supor que as condições do cárcere sejam as mesmas.

despedida, encontramos o conselho sobre marcas de creme de leite [377]:

> Adeus, meu caro Fontoura. Tenho uma recomendação a fazer: há numa casa do Largo do Arouche – Casa Leco – um creme maravilhoso, muito melhor que esse aí da Paulista: Creme Leco. Experimente.
> E até logo ou até um dia. Saudades aos bons companheiros lácteos.

A idéia de "mártir do petróleo" – que Lobato já alimentava ao longo de sua campanha, como vimos no capítulo anterior – foi muito bem captada pelo desenho de Hamilton de Souza que, segundo os autores do *Furacão na Botocúndia*, ilustrava o cardápio de um jantar oferecido a Monteiro Lobato pela diretora da Biblioteca Infantil de São Paulo, Lenyra Fraccaroli[378].

"Vargas e Lobato num desenho de Hamilton de Souza para cardápio de jantar oferecido ao escritor por Lenyra Fraccaroli, diretora da Biblioteca Infantil de São Paulo" [379]

---

[377] Uma das marcas do discurso epistolar de Lobato para Fontoura é a discussão de hábitos alimentares e de medicamentos.

[378] Embora os autores não registrem a data do referido jantar, é possível imaginar que tenha sido oferecido após a libertação de Lobato da prisão.

[379] *In*: AZEVEDO, Carmen Lúcia de , CAMARGOS, Márcia , SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p.280.

No desenho, Lobato aparece dentro de um caldeirão ou frigideira, sendo cozido ou fritado por um Vargas retratado como um diabo, numa iconografia muito próxima a da descrição de suplícios de santos mártires. Debaixo do braço esquerdo de Lobato, um livro, identificado pela legenda do desenhista como sendo *O escândalo do petróleo*, para que não restassem dúvidas sobre a razão pela qual Lobato teria sido fritado pelo diabo-cozinheiro-ditador Getúlio Vargas.

Quanto à caracterização da Casa de Detenção como um hotel de luxo, ela também aparece na carta ao juiz taubateano Paulo de Oliveira Costa (1885-1960), em carta de 26 de março de 1941 [380]:

> Escrevo-te dum hotelzinho da Avenida Tiradentes, gratuito e muito melhor que muitos daqueles das imediações da estação do Norte. O General do Petróleo houve por bem proporcionar-me uma estadazinha aqui, de descanso, à vista das minhas atividades epistolares. Tenho a "sala livre", três excelentes companheiros, e um jardim cujas plantas estou estudando sob a direção do Dr. Consoni, que é um proficientíssimo botânico. Tudo pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis, como dizia o Dr. Pangloss.

Muito semelhante à que lemos na carta a Fontoura, embora mais econômica nos detalhes, a descrição se resume na citação da célebre frase do Dr. Pangloss, personagem do *Candide*, de Voltaire: "Tudo pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis, como dizia o Dr. Pangloss." Talvez porque o assunto principal da carta não seja dar notícia de si, mas interceder por um dos presos, de nome Nelson Mendes Bezerra, o que é anunciado no segundo parágrafo da carta e argumentado até o final. A carta se fecha com a despedida alusiva à velha amizade, como *ultima ratio*, caso os argumentos expendidos até ali falhassem:

> Adeus. Um abraço amigo do
> velho amigo
> Monteiro Lobato
>
> Um abraço ao Manoel Carlos – se o encontrar de jeito – e se ele admitir que um encarcerado se atreva a tanto.

Uma longa carta [381], iniciada em 02 de abril de 1941 e retomada posteriormente em 19 de abril do mesmo ano, é dirigida a Benjamin de Garay, escritor e tradutor argentino, um dos grandes responsáveis pela divulgação da Literatura Brasileira nos países de língua espanhola da América Latina.

---

[380] NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato vivo...*, *cit.*, p. 235-7.

[381] Carta depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE (IEL/UNICAMP). Uma versão dessa carta, ligeiramente diversa, foi publicada em *Monteiro Lobato vivo...* por Cassiano Nunes (*Op. cit.*, p. 237-9).

Na primeira parte da carta, datada de 02 de abril de 1941, encontramos um Lobato reflexivo, que medita sobre os motivos de sua prisão, ainda que mantendo um tom amarguradamente irônico, seja na lembrança do conselho de Emília – "seja esperto, meu filho" –, seja na reprodução do diálogo que teria mantido com seus companheiros de cárcere, do qual se concluiria que a prisão era conseqüência da inépcia, que poderia ser lida como falta da "esperteza" recomendada pela boneca de pano:

> O incidente, entretanto, veio completar a minha série de experiências da vida e ensinar-me uma coisa muito importante – o valor da liberdade e da esperteza. Como estava certa a Emília quando, nas suas "Memórias", disse: "Se eu tivesse um filhinho, só lhe daria um conselho: Seja esperto, meu filho."
> Há neste presídio uns 400 homens vítimas da falta de habilidade em fazer as coisas lá fora. O Mário tomou com seis anos de prisão em conseqüência dum roubo de 1:700$000. Provei-lhe por A + B que o castigo veio por ter roubado só isso, em vez de 1.700 ou melhor ainda 17.000 contos. Mário convenceu-se da sua inépcia e baixou a cabeça. Outro está preso porque matou a mulher, pilhada em flagrante com um sujeito.
> – Foi inépcia, meu caro. Se em vez dessa solução violenta você tivesse feito ao tal sujeito presente da sua mulher, que aconteceria? Os dois já andariam fartos um do outro e você livre lá fora, a folhear novidades femininas, esse esporte.
> Esse também baixou a cabeça, convencido da inépcia.
> Outro está aqui porque sonhou em dar petróleo próprio ao Brasil.
> – Você foi inepto, Lobato. Isso de querer dar qualquer coisa a um país revela apenas imperdoável pretensão. Um país é um grande reservatório de coisas para uso dos patriotas. O patriota é um ser sumamente sábio – vive da pátria; em vez de dar-lhe coisas, tira-as, mas tira-as à força de retórica. Quando morrem, os necrológios choram o desaparecimento de um servidor da pátria. Eu sei como a servem: roendo-a, devorando-lhe as carnes, vivendo à custa dela a vida inteira. E acham jeito de, mesmo depois de mortos, prosseguirem no servimento da pátria; há os montepios e pensões às viúvas e filhas por meio dos quais eles prolongam o devoramento por anos e anos depois da morte.

É de se notar ainda o belo jogo de palavras que Lobato tece em torno do nome da capital argentina, Buenos Aires, ao traduzi-la para "ares bons", e confrontá-la aos "ares maus" reinantes no Brasil de então – o que poderia ser uma sugestão do regime ditatorial e repressivo de Vargas:

> Já estou detido há doze dias – "preventivamente" – pelo crime de haver pensado em mudar-me para Buenos-Aires. Quer dizer que os dirigentes de hoje não admitem que um cidadão pense em ares bons – há que aturar até o fim a malaria reinante. Malaria em italiano quer dizer ARES MAUS.

Há ainda uma breve alusão às condições da prisão, explorada nas cartas anteriores, ao mencionar o fato de estar engordando entre as paredes do cárcere: "escrevi a v. de muitos

lugares, mas nunca imaginei fazê-lo duma prisão. Life is funny! Mas eu tenho o espírito esportivo. Em vez de revoltar-me, filosofo e engordo".

A segunda parte da carta, todavia, escrita 17 dias depois, já revela um Lobato bastante entusiasmado com os rumos de sua situação jurídica, ao tomar conhecimento de sua absolvição. Avalia positivamente sua prisão Nesse ponto, Lobato reafirma suas convicções – "não cedi uma linha" – e retoma os projetos literários:

> Não cedi uma linha. Além da carta ao Getúlio, soltei a ao Góes, que é insolente e de que te mando algumas. Eu mesmo admirei a minha vitória. Recebi um número das Notícias Gráficas daí com uma nota sobre o caso, e retrato. Foi você quem fez? Escreva-me. Estou sequioso por notícias daí. Até os jornais americanos trataram do meu caso – dado lá como manobra do fascismo.
> Transformei a prisão em escritório e fiquei um personagem muito importante no presídio. Popularidade medonha. Mandei buscar dezenas de meus livros e os distribuí pelos presos (há 400), e todo mundo anda a devanear no sítio de d. Benta. A coisa aqui dá um estupendo livro, que escreverei quando estiver aí.
> Logo que me libertem, cuidarei da viagem. A espionagem da minha correspondência cessou. Já recebi até agora 230 visitas. E é tanto doce e bolo e coisas gostosas, que engordei um quilo. Ontem, dia de meus anos, veio de casa um dourado recheado de 4 palmos de comprimento, pescado por meu filho no rio Piracicaba. Foi uma festa na nossa sala. Se v. nunca foi preso, Garay, procure ser. Interessantíssimo.
> Aproveito o tempo traduzindo o KIM, de Kipling – e essa estadia na Índia me faz esquecer da maneira mais completa a prisão. Pena é que o excesso de visitas me tome tanto tempo.
> Como vai a tradução de Reinações? Recebeu a papelada que mandei para Zamora? Recebeu as amostras dos desenhos do Jurandyr?

Como alude na carta acima, escrita em dois momentos, nesse ínterim Lobato continuou a escrever cartas. Tudo motivado pela vitória no Judiciário, conforme lemos na carta endereçada ao advogado José Adriano Marrey Jr. [382], datada de 03 de abril de 1941. Carta profundamente encomiástica, em que o entusiasmo de Lobato se deixa ver de todo por meio da repetição do nome do destinatário em meio a exclamações e adjetivos enobrecedores – "sagrado", "honesto", "estudioso", "o melhor" – num processo que culmina com a comparação do nome do destinatário a uma ilha, pois seria o único que, em meio ao "arrasamento das personalidades" pelos companheiros de prisão, permaneceria alto e isolado.

[382] Publicada por Pedro Paulo Filho em *Grandes Advogados, Grandes Julgamentos (No júri e noutros tribunais)*. Campinas, SP: Millennium Editora, 2003, p.537-8. Para uma biografia de José Adriano Marrey Júnior (1885-1965), *cf.* http://www.justica.sp.gov.br/Modulo.asp?Modulo=215

> Escrever esta para dizer uma coisa apenas: um homem só escapa da língua libérrima desta gente presa, que justamente porque presa se sente numa segurança que não há aí fora, e fala com o coração nas mãos, sem medo de coisa nenhuma, porque o pior já aconteceu.
> Esse homem é você, Marrey.

Mas seria justamente uma daquelas cartas "insolentes" a que alude na carta a Benjamin de Garay que acabaria por prolongar o cárcere de Lobato. Trata-se da carta datada de 09 de abril de 1941 e dirigida ao General Júlio Caetano Horta Barbosa (1881-1965)[383]. A ironia transparece no uso hiperbólico de adjetivos e advérbios que Lobato emprega ao se referir ao seu reconhecimento – "profundamente reconhecido", "grande presente", "vinte deliciosos e inesquecíveis dias", "a minha gratidão será eterna" –, ao seu destinatário – "benemérito general", "o promotor da realização de meu sonho" – ou ao Conselho Nacional do Petróleo – igualmente "benemérito". Outro elemento a ser observado na configuração da ironia nessa carta lobatiana é o emprego de letra minúscula na patente militar: Lobato não diz "General", mas "general".

Não bastasse isso, Lobato ainda afirma que a prisão lhe possibilitara a leitura de e a reflexão sobre o "livro do Prof. Pitkin":

> Sempre sonhei com uma reclusão dessa ordem, durante a qual eu ficasse forçadamente comigo só e pudesse meditar em sossego sobre o livro do Prof. Pitkin. Lá fora, porém, o convívio humano e mil distrações iam sempre protelando a realização desse sonho. E eu já não tinha esperanças de nada, quando fui surpreendido pela denúncia do Conselho ao Tribunal de Segurança e em seguida preso preventivamente.
> – Bendito seja esse benemérito general! murmurei comigo ao ter conhecimento de que era por sugestão dele que o Tribunal me prendia, isto é, me proporcionava a realização de um sonho.

Edgard Cavalheiro identifica esse livro como sendo *A short introduction to the history of human stupidity*, de Walter Boughton Pitkin (1878-1953), professor da Universidade de Colúmbia, publicado pela Simon and Schuster em 1932. Ora, relacionar a "benemérita" ação do General Horta Barbosa, ao motivar-lhe a prisão, à "breve introdução à história da estupidez humana", por si só, já era uma estratégia discursiva bastante irônica, o que foi reforçado pelas

[383] Carta datiloscrita sem assinatura, depositada no acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (Pasta 32, documento nº 3471). Essa carta seria incluída por Lobato em nota de *O escândalo do petróleo* (São Paulo: Brasiliense, 1964, p.196-8). Uma versão um pouco modificada de partes dessa carta foi publicada por Edgard Cavalheiro em sua biografia de Lobato (*Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed. revista e aumentada, 1956, t.2, p.79-80). Uma das modificações efetuadas por Cavalheiro, por exemplo, é o registro, no corpo da carta, de todas as ocorrências da palavra "general" com a inicial maiúscula, quando Lobato utiliza sistematicamente a inicial minúscula.

expressões escolhidas para se referir ao General, coroada, por fim, pelo *post-scriptum*, escrito de uma maneira despreocupada, com o fim de encaminhar uma caixa de bombons doces como os sentimentos do remetente em relação ao destinatário, seu "generoso benfeitor". O *post-scriptum*, apesar de seu estilo aparentemente descuidado, é o corolário das ironias veiculadas nessa carta, não só pelo envio da caixa de bombons, mas sobretudo pela alusão a um sentimento de admiração e gratidão inexistentes:

> P.S.
> Tomo a liberdade de lhe enviar pelo correio uma caixinha de bombons sobrados dos muitos com que meus amigos me obsequiaram. Os sentimentos que me animam para com o meu generoso benfeitor são doces como esses bombons.
>
> M. L.

Também nesse meio tempo Lobato enviou uma carta a Fernando Costa (1886-1946)[384], então Ministro da Agricultura, datada de 14 de abril de 1941. Se nessa carta, por um lado, encontramos um tratamento respeitoso em relação ao destinatário e ao governante da época – ao destinar-lhes o qualificativo "doutor" – , vemos por outro a irreverência se revelar na referência ao General Horta Barbosa – aqui apontado como "General Cebola". Numa jocosa metonímia, o *todo* – General "Horta" Barbosa – vem substituído pela *parte* – General "Cebola".

Contudo, o tratamento formal desaparece na referência ao governante no terceiro parágrafo – "e se o Getúlio der provimento ao Recurso da Matogrossense, ah, o bicho se estatelará de quatro – e o Brasil terá petróleo" –, assim como na despedida da carta, em que o tom informal e afetivo adotado por Lobato explicitam e reforçam os laços de amizade com o destinatário: "adeus, caro amigo, tão importunado por mim. Felicidade, bons abacaxis nos dias de calor e votos para os serviços do petróleo sejam reintegrados no seu Ministério."

Interessante notar, ainda, a imagem bélica que Lobato arregimenta para informar o destinatário da vitória sobre o Conselho Nacional do Petróleo: "mas nós acabaremos vencedores em toda linha." Trata-se da linha de frente da batalha, do *front*, e a imagem ganha muito mais cor quando lembramos que justamente o chefe do Conselho Nacional do Petróleo era um oficial de alta patente do Exército.

[384] Carta datiloscrita sem assinatura, depositada no acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (Pasta 32, documento nº 3468).

Outra carta escrita da prisão é a destinada a Leonor de Aguiar [385]. Publicada por Cassiano Nunes no livro *Monteiro Lobato vivo...* [386], a carta vem endereçada da Cadeia e datada de 18 de novembro de 1941. Ora, trata-se de erro na publicação, já que nessa data Lobato já se encontrava livre – Lobato fora libertado em 20 de junho de 1941, por indulto de Getúlio Vargas, datado de 17 de junho de 1941, que cedeu à pressão dos intelectuais liderados pela poetisa Rosalina Coelho Lisboa. Como alude ao seu aniversário – em 18 de abril – é possível que a carta seja exatamente dessa data, e não de novembro, como impresso no livro de Cassiano Nunes. Reforça essa interpretação, ainda, o seguinte trecho: "Completo hoje um mês, e continuo preso porque apesar de absolvido houve apelação e tenho de esperar novo julgamento." Tendo sido preso a 20 de março de 1941, a 18 de abril, data de seu aniversário, estava preso há cerca de um mês, como afirma na carta. Por fim, ao mencionar que "hoje, às cinco da manhã, escuro ainda, já o meu *chela* veio felicitar-me e trazer-me um buquezinho de flores", a outra conclusão não podemos chegar que ter esta carta sido escrita a 18 de abril de 1941. Desse modo, a data mencionada por Cassiano Nunes não está correta.

Nesta carta Lobato mescla o tom gentil reservado a uma mulher – como veremos com mais precisão mais à frente, na carta à Sra. Heloísa Ribeiro – com a ironia característica de boa parte dessas cartas do cárcere. Aí vemos novamente uma breve alusão às "delícias" do cárcere na expressão "deliciosa prisão" – e que remete à caracterização da Casa de Detenção como um hotel:

> Vieram os cravos festejar-nos a mesa neste meu dia de anos passados na prisão – na deliciosa prisão que arduamente conquistei à custa de verdades na lata dos safardanas. Completo hoje um mês, e continuo preso porque apesar de absolvido houve apelação e tenho de esperar novo julgamento.

Lemos ainda referências à tradução de *Kim*, de Kipling, mas a alusão a esse trabalho não é meramente informativa da atividade que lhe preenchia os dias na prisão. Não podemos esquecer que, segundo informação de Cassiano Nunes, a destinatária era tradutora, de forma que o assunto "tradução" era um ponto comum entre os correspondentes:

---

[385] Segundo Cassiano Nunes (*Monteiro Lobato vivo...*, *cit.*, p.298), Leonor de Aguiar era uma "estranha mulher de tradicional família paulista, que foi para a França estudar canto no princípio do século e na Europa viveu a sua mocidade. Vinha ao Brasil apenas para dar concertos de música erudita. Contava com o apoio dos políticos da República Velha. Finda esta, voltou ao Brasil e, como era poliglota, tornou-se tradutora. Fez boa amizade com Lobato. Leonor de Aguiar – que Ênio Silveira chamou a nossa Gertrude Stein – era anticonvencional: gostava de chocar a sociedade formalista do tempo. De temperamento difícil, solitária, teve de passar seus últimos anos num retiro de anciãos".

[386] *Monteiro Lobato Vivo...*, *cit.*, p.240-241.

> Mudei para cá meu escritório – mas tenho visitas demais e o trabalho não rende. Quando me dão folga, traduzo o *Kim*, de Kipling, e mergulho de corpo e alma na Índia. Não dou ao general o gosto de sentir-me preso. Em companhia do velho lama e de Kim, a marchar pela Grande Estrada Tronco da Índia, rumo a Benares, regalo-me. Até arranjei um *chela* (discípulo) na pessoa do Elói – um cabra alagoano de desenvolvimento mental interrompido. Parou no tempo dez anos – a idade de Kim. Hoje, às cinco da manhã, escuro ainda, já o meu *chela* veio felicitar-me e trazer-me um buquezinho de flores. Ele tem uma enorme admiração por mim, e não me larga – como os bons *chelas* indianos não largam os Mestres. "Quando o senhor sai daqui, tudo escurece; quando o senhor entra, tudo ilumina." Promoveu-me a lampião...

Ademais, Lobato argumenta que o trabalho de tradução o libertava da prisão[387], de modo a não dar "ao general o gosto de sentir-[se] preso", o que nos faz lembrar que, em várias outras ocasiões, Lobato apresenta a tradução como uma fuga da realidade. Por exemplo, na carta a Rangel datada de 15 de abril de 1940: "a tradução é a minha pinga. Traduzo como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo."[388] Há também uma descrição da rotina da prisão, que motiva a exclamação contra o general:

> Hoje é dia de faxina na nossa sala livre. Tiraram para o jardim as seis camas e tudo mais, menos a mesa em que escrevo, e estou batendo esta. Lavam a sala em redor de mim, e eu gozo a sensação de ilha. Tudo novidades na cadeia. Como é burro o general! Quis prejudicar-me e só conseguiu proporcionar-me uma interessantíssima experiência.

Esse trecho retoma um antigo raciocínio de Lobato, que já havia sido formulado numa carta a Godofredo Rangel em 08 de janeiro de 1908:

> Que ótimo se pudéssemos nos engajar um ano como marinheiro, outro como soldado, outro como garçom de café, outro como cocheiro de tílburi – e assim vivermos nesses pitorescos e variados ambientes, vendo novas facetas da vida, em vez de nos estiolarmos com a fixidez num ponto da terra toda a vida, existindo mais que vivendo. [389]

Nesse sentido, a "burrice" do general teria dado ensejo a que Lobato tivesse a "interessantíssima experiência" da prisão.

Desse mesmo dia, 18 de abril de 1941, é a carta escrita ao chefe do Estado Novo,

---

[387] Reflete Maria José de Queiroz acerca do encarceramento de Camilo Castelo Branco: "O remédio para os males da cadeia? A eliminação do ócio. Camilo combateu-o, obstinadamente, na dedicação intensiva ao trabalho: escrevia até às duas horas da madrugada." (QUEIROZ, Maria José de. *A literatura encarcerada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p.70).

[388] *A Barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.334.

[389] *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.205.

Getúlio Vargas. A carta se abre de forma delicada, com a lembrança do aniversário do destinatário, que seria no dia seguinte e poderia constituir-se numa simples carta de cumprimentos, não aproveitasse Lobato o ensejo para, mais uma vez, tocar na tecla do petróleo e, de modo extremamente ousado, atingir novamente a imagem do General Horta Barbosa:

> Dr. Getúlio
>
> Amanhã é dia de seus anos. Quero dar-lhe um presente. Esse presente é uma idéia. Essa idéia é a seguinte. Assim como o Governo formou a Companhia Siderúrgica com 500 mil contos de capital, por que não funda também a Companhia Nacional de Petróleo, com outros 500 mil contos de capital? Era o meio de ao mesmo tempo solver os problemas do ferro e do petróleo, de igual importância. A solução que proponho apresenta muitas vantagens: acaba com a já muito longa luta de morte entre as nossas Companhias e o Conselho Nacional do Petróleo; permite o aproveitamento de todo o material das várias Companhias e do pessoal técnico das mesmas; defende os milhares de contos da economia popular empregados em ações de empresas petrolíferas. Se o Sr. Presidente examinar esta minha proposta, verá que é perfeita e atende maravilhosamente aos altos interesses da Nação brasileira. Permitirá até o aproveitamento do Conselho Nacional do Petróleo. O General-Comandante desse Conselho e os mais membros que o compõem, caso empregados como combustível nas fornalhas das sondas, darão para mover as máquinas por uns dois ou três dias – vantagem que, positivamente, não é de desprezar. Esperando que o Sr. Presidente tome na devida consideração a minha proposta – e a aceite como o meu presente de anos, subscrevo-me, respeitosamente,
>
> Monteiro Lobato [390]

Lobato aqui, em sua modesta proposta, lança mão de um argumento ao absurdo como recurso de eloqüência a reforçar a sua tese. O mesmo podemos observar em carta a Artur Coelho, em que Lobato se utiliza do absurdo – o elogio de Hitler como o grande instrumento para a destruição da humanidade – ao abordar a 2ª Guerra Mundial, na carta de 11 de fevereiro de 1940:

> E a guerra? Leia a *Shape of the Things to Come*, do Wells. Aquilo é profecia melhor que a dos profetas hebraicos. Vamos assistir ao soçobro da Europa – e de nós se o rodamoinho das coisas que afundam nos atrair! Meu gosto é que estou perto dos 60 anos e pois da morte. Ah, regalo! Ficar livre da estúpida coisa que é viver num mundo de macacos pensantes que por mais que façam não conseguem realizar a grande coisa necessária: destruírem-se completamente para gáudio do resto da natureza animal.

[390] Carta publicada por Lourival Coutinho e Joel Silveira em *O petróleo do Brasil: traição e vitória* (Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1957, p.395-6). Essa carta também seria incluída por Lobato em *O escândalo do petróleo* (*cit*., p.199-200).

> Ando envergonhado com a ciência bélica. Depois de tantos progressos dos laboratórios, de tantos segredos novos da matéria descobertos, inda estão com as mesmas armas de 1914, e parece que degeneradas, porque andam a matar muito menos gente. Não aparece o Raio da Morte, não aparece nada fulminante, que arrase um país inteiro num minuto. Positivamente é de se descrer dos sábios, essa gente que dava a impressão de ser poderosa.
> A esperança é que com a vinda da primavera os alemães, que são o único povo realmente eficiente na arte das artes, que é a de matar, façam qualquer coisa de sensação – esmagamentos de Holanda e Bélgica, desmonte da Suíça, uma onda de lewisite que não deixe escapar nem a Duquesa de Windsor. Só eles têm a coragem dos grandes lances. Hitler entusiasma. Está criando coisas novas, é um gênio. Criando uma loucura nova, e meus votos são para que vença e tire ao resto da humanidade o gosto de viver. Para que humanidade? Quantos milhões de anos viveu o Cosmos sem a pulga humana?
> Espero a morte, minha e de todos, e distraio-me lendo a Bíblia. Que livro! Como está tudo ali! A estupidez humana, e a humana crueldade nunca, jamais encontrarão historiadores maiores do que os escribas que organizaram aquele *scrap-book*. E estou também traduzindo a "História da Bíblia", do van Loon. Minha esperança é que com a publicação deste livro uns dez mil leitores fiquem de miolos transtornados. Quem trabalha para o mal dos homens trabalha em prol da restauração da velha natureza.

O mesmo raciocínio seria aprimorado anos mais tarde, na carta escrita em 1º de agosto de 1943 ou 1944. A estrutura dessa carta é muito semelhante à da carta anterior. O mote é novamente um livro de H. G. Wells – neste caso, *O destino do* Homo Sapiens –, a partir do qual Lobato tece considerações sobre a guerra, novamente recorrendo ao absurdo:

> A desgraça da guerra atual é matar muito pouca gente e destruir muita "coisa feita". A coisa feita é que constitui a riqueza do mundo, como obra do aturado trabalho das gerações. Destruir isso é o maior dos crimes imagináveis – ao passo que destruir gente é apenas sangria aliviadora do grande mal que é o excesso de gente.
> Imagine estas duas hipóteses. Sobrevém uma calamidade qualquer aí em Nova Iorque e morrem todos os seus habitantes sem exceção, inclusive você; mas não há o menor dano na cidade material; fica tudo perfeitinho, apenas sem gente. Que sucede? Imediatamente começará a correr gente de toda parte e em poucos dias Nova Iorque estará tão cheia como hoje. E toda gente de fora que acorreu, saiu ganhando; todos melhoraram de sorte. Houve um *enriquecimento* do país *per capita*. Se a riqueza total que era distribuída por 130 milhões de almas passa a ser distribuída por 123 milhões de ditas, o lucro *per capita* é evidente.
> Agora a hipótese contrária. Um cataclismo destrói totalmente toda a Nova Iorque material, mas não mata ninguém. Que acontece? Esses 7 milhões de criaturas *desnewyorkadas* assim de súbito têm que fugir daí e espalhar-se pelas outras cidades, agravando os eternos problemas de todas elas – de habitação, de alimentação, etc. E como a destruição de Nova Iorque significa a perda duma grande riqueza, o nível da riqueza geral baixa e diminui o *per capita* americano.
> Eis porque acho esta guerra de Hitler horrendamente calamitosa; mata muito pouca gente e destrói muita coisa feita. O balanço dessa guerra vai ser catastrófico devido à intensidade do empobrecimento.

> A guerra de 1914 foi uma guerra enriquecedora, porque tendo matado 20 milhões de criaturas e destruído relativamente muito pouca coisa feita aliviou o mundo de 20 milhões de bocas e pois melhorou a situação de todos os que escaparam. Vem daí o progresso em que entrou o mundo depois que a paz se consolidou.
> Minha tese é: se morre um simples mendigo, alguém sai ganhando, pois um outro mendigo se aumentará de alguma coisa que lhe pertenceu – um sapato velho que seja. Mas se uma casa é destruída sem que também o sejam os seus moradores, o Todo sai perdendo – fica desfalcado de alguma coisa, e a quota que cabe a cada um torna-se menor.
> O crime de Hitler, para mim, é esse: destruir *coisas* feitas em vez de matar gente, como o Kaiser. O número de franceses que morreram na guerra atual é grotescamente insignificante – e o que houve de destruição foi tremendo. Já na guerra anterior a França se beneficiou com a eliminação duns 3 milhões de franceses, isto é, 1/10 da população total. Daí o automático enriquecimento da França de após-guerra.
> Minha esperança está na guerra química. Fatalmente há de haver alguns terríveis gases novos que venham salvar a situação. Porque, meu caro Coelho, se nesta guerra não morrerem de 30 a 40 milhões de homens, a bancarrota do mundo será inevitável e a miséria excederá à da China e alcançará até os States. Escreva o que estou dizendo.

Essas considerações sobre a guerra só podem ser analisadas – tal como a "proposta" apresentada a Getúlio Vargas –, em minha opinião, sob a ótica da sátira, do absurdo – na mesma chave da *Modest proposal* (1729) [391], de Jonathan Swift, em que propunha que os pais engordassem as crianças para vendê-las como gado e servirem para a alimentação –, escritas por um Lobato que se mostrava cansado de presenciar tantos conflitos e revoluções.

A carta datada de 19 de abril de 1941 e dirigida a Teófilo Siqueira [392] inicia-se com o agradecimento pela carta recebida: "recebi na cadeia tua carta do dia 10. Obrigado." A mesma imagem bélica utilizada na carta anterior a Fernando Costa reaparece nesta carta, um pouco mais desenvolvida: "apesar de absolvido, continuo preso, porque houve apelação. O Conselho Nacional do Petróleo foi derrotado em toda a linha. E, ferido na barriga pelo meu torpedo, acabará morrendo de peritonite".

A ironia de Lobato reaparece ao refutar o conselho de prudência que o destinatário teria lhe dado na carta enviada:

> Obrigado também pelo conselho de prudência – mas é impossível, Teófilo. Sou visceralmente imprudente e os anos não me têm modificado nisso. Os homens prudentes não sabem as delícias da imprudência – e o mês de cadeia que ganhei me foi das coisas mais preciosas da vida.

[391] O título completo é *Modest proposal for preventing the children of poor people from being a burden to their parents or country, and for making them beneficial to the public* (ou seja, modesta proposta para evitar que as crianças filhas de pessoas pobres se tornem um peso para seus pais ou para o país, e para torná-las benéficas ao público).
[392] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.75.

E novamente retoma a argumentação – já aparecida, por exemplo, com bastante ironia, na carta ao General Horta Barbosa, que vimos acima – das possibilidades de aprendizado que o cárcere lhe permitia:

> Creia, meu caro Teófilo, que se me dessem uma condenação graças à qual eu ficasse aqui muitos meses, rejubilar-me-ia e aceitaria a sentença como uma oportunidade única de estudar a sociedade e a alma humana deste ponto de vista. Quem vive aí fora, solto, só fica sabendo dum pedaço da vida; aqui aprendemo-la inteira.

A despedida da carta – "adeus e mais uma vez, obrigado. Disponha sempre deste teu amigo, freguês do xilindró" – apresenta ainda uma expressão jocosa, ao se descrever como "freguês do xilindró", por meio da gíria e da utilização, pelo recurso da catacrese, do termo "freguês": *freguês* é, numa de suas acepções, o cliente habitual de um estabelecimento comercial; a cadeia, o *xilindró*, não é um estabelecimento comercial, mas Lobato aproxima as duas idéias e se autodenomina um "cliente habitual do xilindró", talvez aludindo ao fato de já ser este o segundo período na cadeia, e por já estar se alongando por um mês.

Três dias depois, a 22 de abril de 1941, Lobato escreve nova carta a Benjamin de Garay[393]. A carta anterior, iniciada a 02 de abril, e retomada a 19 do mesmo mês, possivelmente não havia ainda chegado às mãos de Garay que, nesse meio tempo, teria escrito a Lobato. Assim, o escritor taubateano inicia a carta com um breve resumo de sua situação, já que a primeira carta, quando Garay a recebesse, explicá-la-ia com mais detalhes:

> Fui novamente preso, mas não incomunicável. Estou muito bem, alegre e satisfeito porque isto só serve para pôr em foco a causa do petróleo. Recebi sua carta. Ciente de tudo. Só irei se me derem, ou quando me derem passaporte, depois de finda a minha encrenca. Não demorará muito. Por mala comum segue cópia do que deu motivo a tudo. Vá temperando o meu negócio com o Zamora, depois de receber a papelada que mandei e deve estar chegando. Já falei nisso: a lista oficial das minhas edições aqui e uma proposta de impressão dos livros na Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., que deve ser estudada.

Como na carta a Fontoura, Lobato avalia de forma positiva e entusiasmada a sua prisão e uma possível condenação:

> Meu processo vai ser rápido. A pena é de 6 meses a 2 anos de prisão. As probabilidades do máximo estão afastadas. Tudo acabará bem – e a Causa do

[393] *Id.*, p.76.

> Petróleo dará um grande passo. Estou ultra-radiante. Isto é a mais bela e eficiente aventura de minha vida. Ando a sonhar com a casinha de Vicente López e tantas mais coisas a fazermos aí. Que delícias sonhar numa prisão!

E, assim como na carta anterior, trata dos projetos literários na Argentina: a publicação de suas obras infantis, para as quais negocia que as ilustrações ficassem a cargo de seu genro Jurandir Campos, pergunta sobre a tradução de *Reinações de Narizinho*, empreendida por Garay, além de outros projetos, envolvendo livros de Paulo Prado (1869-1943) e Paulo Setúbal (1893-1937):

> Se o Zamora, depois de examinar a papelada que remeti, aceitar a proposta dos desenhos do Jurandir Campos, ele que escreva ao Otales fechando o negócio e responsabilizando-se pela metade das despesas, conforme os preços que mandei. E como vai a tradução de "Reinações"? Vou escrever hoje ao Paulo Prado sobre o livro dele e também ao Otales para que te mande o retrato do Setúbal.

A carta termina de forma abrupta, com um simples "adeus" e o pedido "escreva-me para o Otales".

Uma nova carta a Paulo de Oliveira Costa foi escrita a 06 de maio de 1941 [394]. A narração desta carta dá seqüência à carta anterior, quando Lobato intercedeu em nome de um preso, pedindo-lhe a liberdade condicional. Nesta, Lobato informa ao destinatário a reação com que o beneficiado recebera a notícia da obtenção da condicional: "se você visse o pulo que o Nélson Bezerra deu quando chegou a notícia da obtenção da condicional, você daria sistematicamente esse remédio a todos os doentes que o pedissem."

Daí deriva uma reflexão sobre o Poder Judiciário, com a irônica assertiva de Lobato:

> O mal da justiça humana está na falta duma lei que vou fazer, quando for ditador: todos os juízes, depois de nomeados e antes de entrar no exercício do cargo, têm que gramar dois anos de cadeia, um de penitenciária e um mês de "cela", a pão e água, e nu em pêlo. Só depois, então, assumiriam a vara – e as varas iam ficar macias como veludo. Não há nada mais absurdo do que o poder dado a um homem de condenar outros a uma coisa que ele não conhece: privação da liberdade.

Vemos aqui, em certo sentido, o mesmo argumento encontrado na carta a Leonor de Aguiar (e já encontrado na carta a Rangel, a que aludimos acima). Assim, na concepção de Lobato, um juiz, para bem decidir o destino de um condenado, teria de passar pela mesma

[394] NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato vivo...*, *cit*., p.239.

experiência de um recluso. Lobato, como se vê, recorre ao absurdo como maneira de argumentar com o destinatário. Mas reconhece que nenhum argumento seria tão eloqüente quanto a manifestação de alegria do beneficiado pela condicional: "o pulo que o Nélson deu foi a coisa mais eloqüente que vi em toda a minha vida."

A carta segue com um novo pedido de Lobato, em favor de outro preso, Dr. Mário Barbosa, e como último argumento Lobato relaciona o poder do juiz – a quem convida que "promova o pulo" do encarcerado – com o recebimento da graça divina: "vamos, Paulo, promova esse pulo, e eu depois contarei a você de quantos metros foi. Não esqueça que é com os pulos proporcionados aos presos que os juízes alcançam o céu." Devemos perceber que, num procedimento bastante comum em suas cartas, Lobato elege uma metáfora – no caso em análise, o pulo de alegria de um preso beneficiado por uma decisão judicial – que alegoricamente passa a permear todo o tecido da carta. Dessa forma, o juiz passa a ser o "promotor de pulos", via pela qual os juízes alcançam o céu.

A despedida, breve – "do velho camarada / Monteiro Lobato" –, assim como na carta anterior dirigida ao juiz, procura renovar os laços de amizade entre os correspondentes, que autorizariam a irreverência e intimidade com que o remetente se dirige ao destinatário.

Já do mês de junho, mas sem o dia especificado, é a carta dirigida ao amigo de longa data Alarico Silveira[395]. A abertura da carta é bastante semelhante à daquela primeira dirigida a Benjamin de Garay, com a alusão ao insólito do lugar de escrita da carta – "escrevi a v. de muitos lugares, mas nunca imaginei fazê-lo duma prisão" –, mas o tom é totalmente outro. Trata-se de uma carta consolatória, uma carta de pêsames pela morte do irmão de Alarico, o escritor Valdomiro Silveira (1873-1941), ocorrida a 03 de junho de 1941:

> Nunca imaginei que fosse da prisão que te ia mandar pêsames pela morte do nosso grande Valdomiro; mas acho que este mundo anda tão indecente, que o melhor que um homem como ele tem a fazer, é de fato mudar-se de casa. E nos jornais leio os reflexos da impressão que causou a sua morte.

Lobato, num resgate da tradicional comparação da vida com uma prisão, equipara a morte ao alvará de soltura dos presos, com o objetivo de consolar o destinatário:

> Para esta gente aqui, minha companheira de grades, a grande coisa, a Coisa Máxima, supremíssima, é o Alvará. Quando um alvará surge, como um sol depois de longuíssima noite polar, uma alma renasce aqui e outras irradiam lá

[395] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.77.

> fora. Acho, Alarico, que, vistas as coisas do ponto de vista do Além, a Morte é o Grande Alvará – e que, portanto, lamentar uma morte é não compreender a sua maravilhosa significação. Talvez neste momento o nosso Valdomiro, já sublimado, *paire* aqui atrás de mim e esteja tentando me dizer: "É isso mesmo, Lobato!" Mas o nosso mundo ainda é o dos "talvezes..."

Passa, em seguida, a uma descrição do cotidiano na prisão, quando utiliza a tradução como meio de "matar o tempo da pena" ou, na "gíria de cadeia, 'tirar a cana'." Alude à tradução de *Kim*, de Rudyard Kipling, então já concluída, e à de *Por quem os sinos dobram* (publicado em 1941) de Ernst Hemingway:

> Cumprir a pena, matar o tempo da pena, é, em gíria de cadeia, "tirar a cana". Cada um tira a cana como pode. Eu estou tirando a minha com esta máquina, a fazer traduções. Meio excelente, pois permite fugas. Passei o mês passado na Índia de Kipling, acompanhando o terrível Kim na sua peregrinação com o Lama vermelho do Tibé. Agora estou traduzindo Hemingway – "From whom The Bell Tolls", e passo meu tempo na Espanha da última guerra.

Num belo jogo de palavras, calcado na polissemia da palavra "cana" – explicada pelo remetente no início do parágrafo –, Lobato metaforiza o tempo de pena já cumprido como "gomos" da cana já chupados: "minha cana é de seis meses, com quase metade dos gomos já chupados."

A carta se fecha com um remate que resgata a célebre filosofia do Dr. Pangloss – recurso já utilizado na primeira carta dirigida a Paulo de Oliveira Costa, como vimos acima – ao que Lobato acrescenta uma breve alusão à causa de sua prisão, a luta pelo petróleo, para concluir retomando o motivo da carta, a consolação pela morte de Valdomiro Silveira: "tudo pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis. Mas o petróleo é arrolhado hoje até com cadeia! Oh, que felizardo aquele Valdomiro!"

A despedida confirma os laços de amizade, com a escolha do adjetivo "querido" precedido pelo pronome possessivo ("meu querido Alarico") e com a lembrança do filho e esposa do destinatário ("saudades ao ex-Alariquinho e a Dona Elisa"). Vale lembrar que Alarico Silveira Júnior, o "ex-Alariquinho", tinha sido correspondente de Lobato quando criança: "adeus, meu querido Alarico. Saudades ao ex-Alariquinho e a Dona Elisa, / Do sempre grato / LOBATO".

Do dia 04 de junho de 1941 é mais uma carta dirigida a Fernando Costa[396], neste momento investido na função de Interventor Federal no Estado de São Paulo. A carta é escrita justamente para parabenizar o destinatário por essa investidura:

[396] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.78.

> Os presos da cadeia não podem ir cumprimentá-lo pela grande vitória, que, se enche os "soltos" de alegria, mais ainda o faz a estas pobres vítimas do esquecimento e da crueldade humana. Há aqui cerca de 600 detidos para os quais o seu advento ao Poder em S. Paulo significa o sol depois de uma semana de chuva. Não pense que isto é engrossamento, porque é justamente por não ter esse hábito que estou aqui entre eles. É verdade.

Lobato se aproveita dos laços de amizade com o interventor para denunciar os abusos da polícia e a tortura cometida no Gabinete de Investigações, assim como a falta de higiene ali reinante – representada pela muquirana, espécie de piolho que se aloja no corpo e na roupa:

> Os presidentes de S. Paulo se sucedem e nenhum se lembra de corrigir as falhas horrendas dessa coisa monstruosa que se chama Polícia de S. Paulo, com a sua Câmara de Torturas, que se chama Gabinete de Investigações. Foi preciso que eu viesse passar uma temporada aqui entre as vítimas para me convencer da hedionda realidade.
> Inda ontem entraram os moços do furto dos 5 mil contos – e quem os viu chegar sentiu engrovinhamento [*sic*] do coração. Eram espectros que se arrastavam, tontos, bobos, idiotizados – tantas foram as torturas que lhes infligiram no famoso e infame Gabinete. E entre os presos comuns tenho visto sinais horríveis – mãos com cicatrizes de rachaduras feitas pelas palmatórias do Gabinete. O preto Cotrim, um inocente absolvido pelo Júri, mas mesmo assim aqui detido há dois anos, mostra a quem quer ver os colhões rachados pela borracha do Gabinete. E há o suplício de meter cunhas de taquara nas unhas. E há os que ficaram ou foram postos nus nos ergástulos de lá, cubículos de metro quadrado ou pouco mais, onde tinham de ficar de braços para o ar para caber, e depois, baldes d'água em cima, e vidros de amoníaco. Não tem fim, Fernando, a lista dos horrores desse nefando Gabinete. E há o suplício das muquiranas, em que esses nojentos bichos criados no Gabinete quase devoram os pacientes. Um homem aqui da administração me disse textualmente de uma das vítimas: "Quando o rapaz chegou aqui, semimorto, a roupa que tiramos do corpo dele mexia-se no chão – andava..."
> Muitos chegam e vão para a enfermaria – para morrer.

Num preciso raciocínio jurídico – não podemos nos esquecer da formação de Lobato como advogado – , argumenta:

> Ora, não me consta que haja alguma lei autorizando a aplicação de torturas no Brasil. E se não há essa lei, então esses atos constituem monstruosos crimes da polícia. A solução tem que entrar neste dilema: ou a polícia suspende as torturas, ou então o Estado Novo as legaliza, restaurando uma daquelas velhas leis da Inquisição na Espanha.

Numa atualização do antigo gênero dos "espelhos de príncipe" – em que um intelectual, em geral um preceptor com ascendência sobre o príncipe ou jovem monarca,

aconselhava-o sobre o exercício do poder –, Lobato aponta uma série de irregularidades, denuncia a violência da polícia e chega a sugerir uma solução para o problema:

> Ficar assim como está é que é impossível, no futuro governo de Fernando Costa. Nós, seus amigos e amigos de S. Paulo, mesmo presos, nos esforçamos para que a coisa mude – e eu me faço voz de todas estas miseráveis vítimas. Pelo amor de Deus, Dr. Fernando, reforme esse tumor maligno que já vem durando muito.
> Há um corregedor encarregado de fiscalizar as prisões, mas costuma avisar com uma semana de antecedência as suas visitas, de modo que encontra tudo perfeito. No dia do corregedor ir espiar o Gabinete, os carrascos transferem para aqui carradas de vítimas – que voltam logo que o Corregedor sai e assina a ata de que tudo estava perfeito.
> Uma visita sua, inesperada, absolutamente inesperada ao Gabinete há de revelar coisas, apesar de estarem eles práticos em fazer como as casas de tavolagem clandestinas, em que as roletas e tudo o mais desaparecem como por encanto, quando a polícia chega.
> Eu dou por bem aproveitada a minha prisão, só pelo fato de me permitir verificar o medievalismo da polícia de S. Paulo.

Lobato conclui a carta com um último conselho: que o interventor saiba distinguir entre os verdadeiros amigos e os bajuladores. Para tanto, retoma a imagem das muquiranas, nas quais faz ver os aduladores: "e não errará, enquanto puder distinguir os verdadeiros amigos das muquiranas da amizade – enquanto distinguir um Queiroz dum puxa-saco qualquer." Na despedida, o adeus ao amigo e a comemoração festiva de São Paulo com a investidura do interventor: "adeus, meu caro amigo. E viva S. Paulo!" Embora a fórmula de despedida seja idêntica àquela que fecha a carta a Alarico Silveira, que vimos anteriormente ("Adeus, meu querido amigo"), a escolha aqui do adjetivo "caro" parece marcar uma intimidade menor que a existente entre Lobato e Alarico – motivada, talvez, também pela importância do cargo a que ascendia Fernando Costa.

Por fim, a última carta escrita da prisão de que se tem registro é a datada de 05 de junho de 1941 e dirigida à Sra. Heloísa Ribeiro[397], que lhe enviara uns *eclairs* (os doces também conhecidos como bombas) e um exemplar da *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis:

> Novamente os seus deliciosos *home made eclairs* vieram iluminar estômagos entenebrecidos por um pão do governo que já ninguém sabe do que é e ai de quem diga que não são de trigo! E desta vez não foram os matadores de mulheres que também se regalaram, mas um belíssimo médico de origem síria, Fadul, creio, implicado no furto dos 5 mil contos do Banco do Brasil – o tal que escondeu em casa um "garrafão de explosivo" a pedido de alguém, e depois, com medo que a casa voasse pelos ares, diminuiu a dose do explosivo, tirando de dentro dez contos. E enquanto o autor da hábil

[397] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.82.

> operação mastigava um *eclair*, eu, sem querer, filosofava sobre os estranhos fregueses que ele tem tido. Nunca doces feitos em sua casa, D. Heloísa, foram degustados por gente mais "especial", barba-azuis tremendos e operadores de garrafões! Os pobres doces, afeitos a só serem mastigados pela gente fina de sua casa, Dona Heloísa, devem estar assombradíssimos com a verificação de como é variada a fauna humana. E hão de murmurar lá consigo: "enfim, tudo é de esperar do Estado Novo".

Pelo tom elegante e ao mesmo tempo respeitoso que adota nessa carta, é possível arriscar que a destinatária não fosse uma pessoa do círculo de amizades de Lobato, mas sim mais uma das várias que se manifestaram contra a prisão do escritor. É o que se depreende da afirmação sobre a amizade do casal, amizade que "nunca esperou", ou do trecho seguinte, quando afirma que devido à prisão foi distinguido pelo "casal mais generoso de S. Paulo": "E abençôo a minha condenação, pois me tem proporcionado coisas em que aí fora nunca pensei – como, por exemplo, ser distinguido de tal maneira pelo casal mais generoso de S. Paulo."

Nesse sentido, a carta se abre com um refinado agradecimento à destinatária pelos *home made eclairs* que "novamente" enviara à prisão. Lobato descreve toda a cena de degustação dos *eclairs*, apresentando aqueles que se regalaram – "os matadores de mulheres", "um belíssimo médico de origem síria, Fadul, creio, implicado no furto dos 5 mil contos do Banco do Brasil", com um verdadeiro parênteses sobre Fadul[398] – e a reação dos "pobres" *eclairs* diante da degustação por uma gente mais "especial".

O segundo parágrafo da carta foi destinado ao outro presente enviado pela destinatária, um exemplar da *Imitação de Cristo*:

> Comecei a ler a "Imitação" que a senhora teve a bondade de me mandar, mas achei-a triste demais, resignada demais, creio que não é a leitura adequada a quem está num sofrimento da Prisão Especial (um verdadeiro *eclair*, em comparação com a Prisão Comum), com banheiro de água quente, máquina de escrever, consciência limpa e manifestações de solidariedade e amizade aí fora que nunca esperou, como, por exemplo, a sua e a do Dr. Samuel [399]. E isso

[398] É bem provável que o "furto dos 5 mil contos do Banco do Brasil" fosse um assunto na ordem do dia; assim é possível supor que Lobato o tivesse escolhido para, fornecendo detalhes sobre o caso, vindos diretamente de um dos implicados, permitir que sua destinatária saboreasse uma novidade tão deliciosa quanto os *eclairs* que saboreara.

[399] Trata-se possivelmente do Dr. Samuel Ribeiro que "nasceu em Santos a 8 de janeiro de 1882. Faleceu nesta capital a 7 de setembro de 1952. Freqüentou a Escola Politécnica de S. Paulo até o primeiro ano do curso geral, transferindo-se, em 1902, para a do Rio de Janeiro, onde se diplomou. Dedicou-se à construção de ferrovias, tendo construído grande parte da Leopoldina Railway no Estado do Espírito Santo. Fez diversas viagens à Europa. Foi diretor da Auto-Estrada de Santo Amaro, tendo iniciado a construção do Clube dos Duzentos, para o qual doou o terreno. Diretor da Caixa Econômica Federal em S. Paulo, orientou os planos arquitetônicos de seu edifício na Praça da Sé. Fundador da revista de cultura "Inteligência". Desempenhou o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil na Sétima Conferência Pan-Americana, estimulou a aviação nacional, presidiu o Automóvel Clube, era membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, do Instituto de Engenheiros Mecânicos de Londres, do Centro de Engenharia do Rio de Janeiro, do Instituto de Engenharia de S. Paulo, do

> significa tanto, que não nos afina com o espírito dolorido de Tomás Kêmpis, o provável autor do livro. A "Imitação de Cristo" exige o velho *cachot* medieval, subterrâneo, com paredes de pedra e sem um raio de luz. Com o banho quente, a luz elétrica, o jardinzinho de que dispomos, os companheiros uxoricidas e agora o operador do garrafão, a gente não consegue chegar ao estado de tristeza que Kêmpis exige. O Estado Novo impede até proliferação de mártires! Vim com a intenção de construir o Mártir Número Um do Petróleo, mas já vi que não vai. Onde já se viu mártir alimentado com *eclairs*, presenteado com pinturas de Antônio Carneiro, iluminado com lâmpadas Phillips, lavado com água da Cantareira a quase cem graus? Já desisti do meu martírio...

É interessante que Lobato considera a leitura inadequada para quem "está num sofrimento da Prisão Especial" e, retomando o parágrafo anterior, considera a prisão especial "um verdadeiro *eclair*, em comparação com a Prisão Comum", e enumera as regalias de sua prisão – de maneira semelhante às cartas a Cândido Fontoura e Paulo de Oliveira Costa, que vimos acima, em que chama a Detenção de "hotel". No final do parágrafo, Lobato retoma a imagem do mártir, já utilizada na carta a Fontoura, embora trabalhe-a de modo mais extenso.

A carta se fecha com uma elegante e formal despedida, iniciada por um superlativo e assinada por um Lobato "cada vez mais grato": "Obrigadíssimo, pois, Dona Heloísa, pelos seus *eclairs* de tão alta significação. Se contribuíram para "desfazer" um mártir *in herbis*, criaram mais um devoto, como é este, que lhe beija nas mãos!"

Duas cartas merecem ser mencionadas ainda aqui, embora não tenham sido escritas da prisão. A primeira delas, de que transcrevo o excerto abaixo, foi escrita em São Paulo em 06 de julho de 1941 e dirigida a Arthur Neiva:

> Depois que saí da prisão, indultado pelo Getúlio num gesto espontâneo, caí enfermo, e hoje é o dia em que senti a virada – razão de vir para a máquina pôr em dia a correspondência.
> Aquele sonho do petróleo, que durou dez anos, terminou no maior dos éffondrements. Tudo desabou, todas as Cias. foram caçadas e trucidadas – e eu como o chefe da quadrilha e o verdadeiro culpado de tudo, tomei com 6 meses de cadeia. A minha sensação hoje, Dr. Neiva, é curiosa: de soterrado por uma montanha de Desapontamento. O meu consolo único está em que meus amigos sabem da história e compreendem tudo – e estão comigo.
> Meu regalo é pensar que estou velho e logo a abençoada Morte vem e me leva. Que maravilha morrer, num tempo destes, em que uma a uma se vão apagando todas as luzes da Dignidade e da Justiça Humanas.[400]

Embassy Club, de Londres, etc. Tradutor. **Bibliografia:** "If", por Kipling, tradução para o português, retradução em espanhol." (MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.527).

[400] Publicada por Cassiano Nunes em *Monteiro Lobato vivo*..., *cit*., p.197. O original dessa carta encontra-se no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro (Classificação: AN C 18-06.21, Série: c – Correspondência, documento nº 134).

Ao velho amigo Neiva, Lobato desabafa o "desapontamento" diante do malogro de toda a luta pelo petróleo. Apesar de todos os esforços, apesar de todos os sacrifícios, apesar da prisão, "tudo desabou".

Um fato curioso chama a atenção. Não encontramos nenhuma carta de Lobato endereçada da prisão a Rangel. Ou Lobato não escreveu ao amigo durante todo o tempo de prisão – o que é pouco crível –, ou – possivelmente – as cartas escritas nesse período foram vetadas da versão final d'*A barca de Gleyre*. Mas há uma carta, datada de 17 de setembro de 1941, em que Lobato desabafa, assim como na carta a Neiva, e deixa entrever, no trecho abaixo, a mágoa e o desapontamento decorrentes da prisão:

> Nem livros novos para crianças tive coragem de fazer este ano, apesar de ter na cabeça idéias magníficas. Vem vindo a indiferença por tudo. Se eu for para a Argentina, talvez ainda bruxoleie antes de apagar-me completamente. Aqui nesta terra, nem ânimo de bruxolear eu tenho. Não vale a pena. Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo à minha terra, morri um bom pedaço na alma. Espero que seja esse o meu último desapontamento. Nada mais empreendo, não correrei risco de nenhum outro. [401]

Na reflexão sobre o período imediatamente posterior à sua libertação, a referência a "livros novos para crianças", para quem, anos mais tarde, Lobato reconheceria que teria escrito pouco. [402] É, contudo, o "Monteiro Lobato das crianças" [403] a faceta mais célebre do escritor taubateano, a despeito do "pouco" que lhes escrevera.

---

[401] *A barca de Gleyre*, *cit.*, t.2, p.334.

[402] Em sua última entrevista, concedida ao jornalista Murilo Antunes Alves, da Rádio Record, a 02 de julho de 1948, dois dias antes de seu falecimento, Lobato afirmaria: "as crianças me condenam uma coisa: que eu escrevi pouco para elas; poderia ter escrito muito mais. E eu creio que sim. Eu perdi o tempo escrevendo para gente grande, que é uma coisa que não vale a pena" (*In*: LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, p.349).

[403] Tomo de empréstimo aqui a expressão utilizada por Alaor Barbosa como título de um de seus livros (*Monteiro Lobato das Crianças*. Goiânia: Ed. Oriente, 1975).

Capítulo 6

Monteiro Lobato das crianças

Monteiro Lobato das crianças

O Major prometeu não se esquecer do recado. E ia dizer mais alguma coisa, quando a entrada duma libelinha mensageira o interrompeu.
– Salve, Princesa! – exclamou ela.
– Viva! – correspondeu a menina franzindo os sobrolhos. Traz alguma mensagem para mim?
– Trago uma carta dum ilustre marquês. Ei-la.
Narizinho tomou a carta e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha kovardia. Tommíques stá aqui amolando a phaca pra me mattar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra, criado amigo brigado
RABICO.

– O estilo, a letra, a ortografia e a gramática é tudo dele! Este bilhete corresponde a um perfeito retrato de Rabicó – ou Rabico, sem acento, como ele assina. Grandíssimo patife!

Monteiro Lobato.
Reinações de Narizinho

A carta recebida por Narizinho seria um perfeito retrato de Rabicó... Monteiro Lobato é um dos grandes escritores de cartas da literatura brasileira – e certamente um dos maiores escritores da chamada literatura infantil. É enorme o número de pessoas com quem se correspondeu, desde nomes conhecidos do meio intelectual até pessoas comuns, em geral leitores entusiásticos de sua obra. Entre estes, muitas crianças, leitoras ávidas e atentas de suas obras. Será que as cartas para as crianças também corresponderiam a um perfeito retrato de Lobato?

Talvez motivadas pelo próprio universo de liberdade que existia dentro de seus livros, as crianças escreviam a Lobato fazendo sugestões, pedidos ou até mesmo apontando correções. Algumas dessas cartas estão conservadas no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (IEB-USP), e foram objeto da tese de Doutorado de Eliane Santana Dias Debus, intitulada *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores* [404], bem como da dissertação de Mestrado de Marco Antonio Branco Edreira, intitulada *À caça do sentido – Práticas de leitura de*

[404] Desenvolvida na PUC do Rio Grande do Sul e orientada pela Profa. Dra. Regina Zilberman, a tese (disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese12.html Acesso em 03 fev. 2007) foi publicada em livro no ano de 2004: DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí, SC: UNIVALI Ed.; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.

leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946) [405], e ainda estão sendo objeto da pesquisa de Doutorado de Raquel Afonso da Silva, do IEL – UNICAMP, intitulada *Conversas de bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis*, sob orientação da Profa. Dra. Marisa Lajolo. Interessam-me aqui, contudo, as respostas de Lobato a essas cartas de crianças.

O olhar de Lobato se volta para a literatura infantil, segundo o próprio autor, a partir do nascimento de seus filhos, diante da pobreza da literatura para crianças de então, como se lê num trecho exaustivamente citado de uma carta a Rangel, datada de 08 de setembro de 1916.

E é justamente a um de seus filhos, a Edgard, a carta mais antiga de Lobato, de que se tem registro, dirigida a uma criança. Essa carta, segundo nota de Cavalheiro, teria sido escrita "da Fazenda do Buquira, no ano de 1917":

> Sr. Edgard de Halley
>
> Recebi sua carta. Estimo os bons propósitos. Continue neles. Respeite aos mais velhos e lave as orelhas. Cuidado com os autos e com os espiões. Não meta o bedelho em política interna enquanto durar o estado de sítio. Não jogue roleta no Miramar; mas se o fizer não perca de olho o 17 e o 20. Mastigue doze vezes antes de engolir e não tire ouro do nariz na mesa, como um seu parente. Quando escrever não me adule que é inútil; mande lembranças à sua mãe de preferência que a mim, pois tenho o couro duro. Adeus. Saudades da sua mãe. Minhas nenhumas. Tenho gozado tanto o sossego da sua ausência que quando o sr. voltar é bem possível que o meta num colégio. Abençoa-te o pai
>
> LOBATO [406]

Logo de imediato chama a atenção a saudação da carta, em que Edgard parece assumir uma outra personalidade ao receber o apelido "de Halley" – uma alusão ao nascimento do destinatário em 1910, ano da passagem do famoso cometa. Lobato mescla, então, conselhos típicos de um pai – "respeite os mais velhos e lave as orelhas", "cuidado com os autos" – com advertências cujo *nonsense* torna o texto leve e hilário – "[cuidado] com os espiões" [407], "não meta o bedelho em política interna enquanto durar o estado de sítio" etc. Ademais, o jogo de negação da afeição com que Lobato encerra a carta faz lembrar algumas das páginas de outro missivista célebre, Lewis Carroll, como, por exemplo, na carta seguinte, escrita para a menina Sydnei Bowles:

---

[405] Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 2003, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf.

[406] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.1, p.166.

[407] Essa advertência faz lembrar a atmosfera do conto "O espião alemão", supostamente datado de 1916 – conforme indicação das *Obras completas* – e incluído em 1919 em *Cidades mortas*.

Ch. Ch., Oxford, 22 de maio de 1891

Minha querida Sydnei,

Estou verdadeiramente desolado e confuso. Sabe? Eu nem me tinha apercebido de sua existência. Fiquei francamente surpreso ao saber que você fala de mim com tamanho interesse. Senti de repente a impressão de que alguém havia entrado na sala e me dera um beijo! (É uma coisa que, há algum tempo, me acontece quase que diariamente). Se pelo menos eu tivesse sabido de sua existência já lhe teria enviado uma montanha de carinho. Pelo menos agora que eu posso pensar em você, posso também lhe enviar essa montanha de carinho sem me inquietar se você existe ou não. De outro lado, veja, as pessoas que não existem não ficam zangadas conosco, não nos contradizem, não pisam em nossos pés! Oh, elas são muito mais gentis que as pessoas que existem! Mas não faz mal, você não é culpada de existir, e posso até dizer que você é tão gentil como se não existisse.
Qual de meus livros eu vou lhe dar, agora que eu sei que você é uma criança de carne e osso? Será que você prefere *Alice no País das Maravilhas*, ou *Os Subterrâneos de Alice*? (Este livro eu escrevi primeiro e eu mesmo ilustrei).
Beijos para Weenie e Vera, e para você também (não se esqueça do seu beijo, e por favor: o melhor lugar é na testa).

Seu amigo afetuoso,

Lewis Carrol.[408]

Tal como na carta de Lobato a Edgard, vemos na carta de Lewis Carroll o desenvolvimento de um jogo com a destinatária, com algumas idéias sem sentido, mas que levam, ao final, à despedida afetuosa.

Infelizmente, não há registro de outras cartas de Lobato para os filhos, quando crianças. Mas temos algumas cartas de Lobato para outras crianças.

Vejamos, inicialmente, as cartas escritas para Alarico Silveira Júnior, filho de Alarico Silveira, amigo de Monteiro Lobato. Como aponta Eliane Debus, Alarico Silveira Júnior

[408] CARROL, Lewis. *Cartas às suas amiguinhas*. Tradução e notas de Newton Paulo Teixeira dos Santos. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997, p.92-3. No original: "Christ Church, Oxford / May 22, 1891 / My dear Sydney, / I am so sorry, and so ashamed! Do you know, I didn't even know of your existence? And it was such a surprise to hear that you had sent me your love! It felt just as if Nobody had suddenly run into the room, and had given me a kiss! (That's a thing which happens to me, most days, just now.) If only I had known you were existing, I would have sent you heaps of love, long ago. And, now I come to think about it, I ought to have sent you the love, without being so particular, about whether you existed or not. In some ways, you kno, people that don't exist are never cross: and they never contradict you: and they never tread on your toes! Oh, they're ever so much nicer than people that do exist! However, never mind: you can't help existing, you know; and I daresay you're just as nice as if you didn't. / Which of my books shall I give you, now that I know you're a real child? Would you like 'Alice in Wonderland'? Or 'Alice Under Ground'? (That's the book just as I first wrote it, with my own pictures.) / Please give my love, and a kiss, to Weenie, and Vera, and yourself (don't forget the kiss to yourself, please: on the forehead is the best place). / Your affectionate friend, / Lewis Carroll" (CARROLL, Lewis. *The selected letters of Lewis Carroll*. Edited by Morton N. Cohen. [New York]: MacMillan (Papermac), 1982, p.206-7).

"talvez tenha sido uma das primeiras crianças a se corresponder com o escritor" [409], fora do círculo familiar. Três cartas enviadas por Lobato a Alariquinho foram reunidas no volume *Cartas escolhidas*, organizado após a morte do escritor por Edgard Cavalheiro.

A primeira delas, sem data – que Cavalheiro afirma ter sido escrita "em New York, provavelmente em 1928" –, estabelece um interessante diálogo entre o escritor e o menino:

> Prezado amigo deste tamanho,
>
> Recebi sua carta com um menino pescando uma botinha velha em cima. Recebi também os retratos que você mandou. Já remeti esses retratos para S. Paulo, para o desenhista que vai fazer desenhos para o livro que eu fiz e que se chama – Circo de Cavalinhos (a Emília, que é uma burra, diz Circo de Escavalinho[410]). Mas estou com medo que o desenhista não faça você parecido – e mamãe vai ficar danada. A Emília vive se queixando dos desenhistas, que nunca pintam como ela é. [...] Adeus meu caro amigão e diga a papai que quando vier cá outra vez não deixe de trazer você para ver a máquina que a gente põe um níquel e sai um pedacinho de *chewing gum*.
> Até logo. Lembrança a papai, mamãe e ao Presidente.
> Do sempre seu
>
> MO. LOBATO [411]

Lobato, ao dirigir-se a Alarico Silveira Júnior, não adota uma posição superior: não é um adulto que se dirige a uma criança, é uma carta que não leva em conta a diferença de idade – a única diferença marcada entre eles é o tamanho, conforme se lê na saudação da carta: "Prezado amigo deste tamanho". Lobato fala do livro *Circo de Escavalinho*, publicado em 1929, no qual o menino aparece como um dos convidados da apresentação de circo que se resolvera preparar no Sítio. Refere-se à boneca Emília não como uma personagem, mas como se se tratasse de uma pessoa real – num processo semelhante ao encontrado em seus livros, de convivência entre o real e a fantasia. Por fim, refere-se a uma máquina de chicletes, que deveria ser a delícia de um menino dessa idade. Note-se que todos os assuntos eleitos por Lobato para abordar na carta dizem respeito ao universo do destinatário e foram registrados numa linguagem afetiva que, certamente, aproximava os correspondentes.

Tanto é assim que, na abertura de outra carta, datada de 31 de janeiro de 1929, Lobato passa a se referir ao menino Alarico como seu "amigo íntimo" – possivelmente em resposta a uma carta de Alariquinho na qual tenha chamado Lobato por esse epíteto –, o que

---

[409] DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, *cit*., p.19.
[410] *O circo de escavalinho* sairia pela Companhia Editora Nacional em agosto de 1929.
[411] LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*, *cit*., t. 1, p.265-6.

reforça a tese de que Lobato, com suas cartas, estava conseguindo estreitar os laços com seu jovem destinatário:

> Estou com dez cartas para responder e entre elas uma do único amigo íntimo que aí possuo. Nada mais raro que um amigo íntimo, por isso é essa carta a primeira a que vou responder. As outras são de uns sujeitos importantes e barrigudos, mas que vale isso diante de um amigo íntimo?

Posta ao lado dessa instauração da intimidade, a saudação da carta – exemplo de formalidade protocolar – acaba por ironizar as regras repetidas à exaustão nos manuais do gênero:

> Bagdad-over-the-Subway [412], 31-1-1929
>
> Mr. Alarico da Silveira Júnior
> Casa de Papai e Mamãe
> Rio de Janeiro
>
> Dear Sir:

Segue, então, logo após a abertura da carta, um elogio à caligrafia do destinatário, o que dá ensejo a um germe de narrativa ficcional, com a história da baratinha que quase morreu afogada no tinteiro, que bem poderia ter sido desenvolvido em livro, de forma mais ampla:

> Gostei muito da sua letrinha. Está muito mais bonita que a de uma baratinha que escreveu uma carta à Rute. Não sabe como foi a história? Pois a burrinha tanto fez que caiu de ponta cabeça no seu tinteiro e por um triz não morreu da pior das mortes: afogada em tinta preta, sem poder enxergar coisa nenhuma desta vida. Mas a Rute veio e a salvou com um pauzinho. Ela então ficou toda tonta e catacega, a passear sobre um papel que estava perto do tinteiro, e deixou escrita nele uma carta que ninguém na casa pôde ler porque ninguém aqui sabe a língua das baratas. Mas a Rute adivinhou que eram agradecimentos por ter sido salva da tal morte preta. Pois a letra do meu caro amigo íntimo é muito melhor que a da tal baratinha, apesar de ser ela uma das baratinhas mais sabidas deste país de gente sabidíssima. Meus parabéns, pois.

É importante observar que toda a narrativa é engendrada para elogiar o progresso da caligrafia do destinatário. Devemos lembrar aqui o caso da escritora inglesa Helen Beatrix Potter (1866-1943), cuja origem de várias de suas histórias, que mais tarde seriam editadas, está

[412] Como vimos no capítulo 3, essa parece ser uma corruptela de "Bagdad-on-the-Subway", a expressão pela qual o escritor norte-americano O. Henry (1862-1910) gostava de chamar a cidade de Nova Iorque. *V*., por exemplo, o verbete sobre o escritor na *Encyclopedia Labor Law Talk*. Disponível em: http://encyclopedia.laborlawtalk.com/O._Henry Acesso em 20 março 2005. É curioso observar que Lobato utiliza, indistintamente, a mesma expressão para registrar o local de envio da carta, seja para um adulto (Anísio Teixeira, como vimos), seja para uma criança.

em cartas que enviava a crianças que ela conhecia. Foi assim com a carta escrita a Noel Moore, filho do caseiro de seus pais, data de 04 de setembro de 1893:

> Meu querido Noel,
> Não sei o que escrever para você, então vou lhe contar uma história sobre quatro coelhinhos, cujos nomes eram Flopsy, Mopsy, Cottontail e Peter.
> Eles viviam com a mãe num banco de areia debaixo da raiz de uma grande árvore de abeto. "Agora, meus queridos", disse a velha Sra. Coelha, "vocês podem ir ao campo ou descer a alameda, mas não entrem no jardim do Sr. MacGregor..." [413]

Lobato, na seqüência, agradece a opinião de Alariquinho sobre os seus livros:

> Fico muito satisfeito da opinião do amigo íntimo a respeito dos livros do Monteiro Lobato. Vou publicar num jornal daqui essa opinião para mostrar aos americanos que eu sou um sujeito regularmente importante na minha terra. Eles vão ficar bem admirados, estou certo.

Para Eliane Debus, "a resposta de Lobato, certamente, ultrapassava os laços de amizade. Já não era somente uma resposta ao filho de um grande amigo, mas ao leitor que lhe apresentava resultados concretos de recepção". [414]

> Outra cousa que também muito me admira é um papagaio que o nosso vizinho tem, muito falador, mas que fala na língua de Xakspir. Ele diz a toda hora: "Gud bai, au ar iú?" e outras coisas esquisitas que só mesmo Xakspir poderá entender.
> Diga a papai que estou com muitas saudades dele e se não fosse o mar ser muito largo eu dava um pulinho até aí para contar a ele uma porção de coisas muito engraçadas. Mas custa tanto para chegar até aí... Precisa entrar num navio e levar 15 dias vomitando as tripas no mar – por isso não vou.
> Faço questão de receber outras cartas do amigo íntimo, dando-me idéias para os meus livros, mas cartas inteirinhas escritas por ele, sem que papai nem mamãe metam o bedelho ou consertem as idéias do amigo. Os amigos íntimos dizem tudo o que pensam e não pedem opinião para ninguém.
> Adeus, meu caro. Dê um abraço em Papai e outro em Mamãe mandado pela Senhora Dona Purezinha, que está neste momento diante de mim, na mesa de jantar, lendo um jornalzinho chamado "Evening Graphic". A Rute está do outro lado lendo "Alice in Wonderland", um livro muito engraçado, e também manda lembranças para todos. A Marta não manda lembrança nem coisa nenhuma porque não está mais morando com a gente aqui. A boba se casou com um homem e foi morar na casa dele.

---

[413] No original: "My dear Noel, / I don't know what to whrite to you, so I shall tell you a story about four little rabbits, whose names were Flopsy, Mopsy, Cottontail and Peter. / They lived with their Mother in a sand bank under the root of a big fir tree. / 'Now, my dears', said old Mrs. Bunny, 'you may go into the field or down the lane, but don't go into Mr. McGregor's garden..." (*Apud* MACHADO, José Barbosa. "As histórias de Beatrix Potter ou a deriva da Arca de Noé", 1994. Disponível em: http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/infantil/estudo01.htm Acesso em 14 out. 2006).

[414] DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí, SC: UNIVALI Ed.; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004, p.202.

> Adeus, caro amigo íntimo, até outra ocasião, está ouvindo?
> Do amigo íntimo, patrício e criado muito obrigado
>
> M. LOBATO
>
> P.S. Narizinho Arrebitado me escreveu uma cartinha muito pândega. Outra vez que te escrever te contarei o que ela disse, viu?[415]

Algo interessante a observar é o constante recurso a frases interrogativas – cinco no total – que reforça o caráter dialógico da carta (nunca podemos esquecer que, para Lobato, ecoando tratados e manuais epistolares, a carta é "conversa escrita" [416]).

Outro ponto interessante é a descrição do inverno em Nova Iorque esboçada na carta. Lobato elege alguns elementos – o rio, os peixes, o leite congelado nas garrafas – para dar a dimensão do frio ao menino, mas a maneira como os arranja na carta se volta toda para que a descrição seja interessante, divertida, agradável:

> Aqui está fazendo um frio que o amigo íntimo não é capaz de imaginar. O Rio Hudson, que é um rio muito grande que passa atrás da nossa casa, está gelado por cima. Os pobres peixes não podem dar pulos para o ar para pegar moscas, porque dão com a cabeça no gelo e esborracham o nariz. Aí a gente precisa comprar gelo na venda; aqui há tanto gelo que a gente anda pisando nele. Todas as manhãs quando o leiteiro traz o leite, é preciso botar as garrafas na água fervendo, se não não se pode tirar o leite de dentro. É muito bonito este tempo, mas dói nas orelhas e na ponta do nariz.

É interessante, aqui, confrontar essa descrição do inverno com a que realiza numa carta a Dona Iainha Pereira Gomes, datada de 19 de abril de 1928:

> Inverno, sabe o que é? Morte da cor. Morrem primeiro os *red*, os *pink*, os lilás, os tons todos que a Natureza botou nessa coisa maravilhosa que é a flor. Depois morre o verde, a cor 99% que forma o fundo do tapete. Depois morrem os vermelhos queimados que o Mr. Fall, com os seus ventos frios, bota em substituição de todas as cores filhas de Miss Spring e de Mr. Summer – o casal artista, criador de tudo quanto é lindo na natureza, até o amor, pois o amor também hiberna por estas paragens.
> Morre tudo. Mr. Fall começa a matança, e Mr. Winter a conclui, e para que não fique vida sobre a terra, nem de pernilongo, recobre tudo com lençol das suas neves áridas. E a gente fica *looking for* as coisas perdidas, a cor, a flor, o passarinho, o inseto, até o pernilongo. Imagine que em janeiro comprei um microscópio e não consegui achar um bichinho para inaugurá-lo. Só pude examinar poeiras e mais coisas mortas. Bicho nenhum. E nesse marasmo fica tudo, inclusive a alma das gentes. Nem pernas de *girls* se salvam. Entram em cena os capotes, as peles, e parece todo mundo um esquimó. Aquelas pernas

[415] *Id.*, t. 1, p.273-5.
[416] *A barca de Gleyre*, cit., t.1, p.17.

de que falei somem-se, e a América sem pernas fica a pé.[417]

Note-se como um mesmo fato – no caso, um fenômeno climático – é retratado de formas tão diferentes. No caso da carta a Alariquinho, a descrição é mais viva, ligada a elementos fantasiosos ou cotidianos; já na carta a Dona Iainha a descrição assume um tom mais poético e, talvez, mais melancólico. Afinal, como aponta Nelson Palma Travassos, "escrever para as crianças é saber instintivamente interpretar o seu modo de ser". [418]

Também é de se observar o comentário de Lobato acerca dos negros falando inglês. Diz Lobato:

> Aqui há muitas cousas engraçadas, mas a mais engraçada de todas é ver negro falando inglês. Eu cada vez que vejo isso na rua paro e abro a boca. E o mais engraçado é que eles não entendem uma palavra da nossa língua. Vale a pena dar um passeio até aqui só para ver esse "felômeno" como dizia a nossa criada.

A observação seria aproveitada, anos mais tarde, em 1935, em *Geografia de Dona Benta*, posta na boca de Tia Nastácia:

> E esses negros que só falam inglês? É outra coisa que me parece arte do diabo. Ontem criei coragem e saí e cheguei até a esquina. Estava lá olhando aquelas casas que somem na altura quando passou por mim uma negra, tal e qual a Liduína, cozinheira do Coronel Teodorico. Eu arreganhei uma risada de gosto. Uma negra! Uma patrícia minha! E me dirigi para ela dizendo: "Como vai?" Pois há de crer, Sinhá, que a diaba não me entendeu? Olhou para mim, como quem olha para bicho do mato, e disse uma palavra que seu Pedrinho depois me ensinou: **Ai donte anderstande** que é como quem diz que não está entendendo nada. Já se viu coisa assim? Fiquei desapontada, porque nunca imaginei que negro falasse inglês. Desde que nasci só vi negro falar brasileiro – inglês só um ou outro branco, ou aqueles estranjas de cara vermelha que às vezes portavam lá no sítio. Mas aqui é isso – até negro – até as negras falam esse raio de língua que ninguém entende... [419]

Ademais, o fecho da carta – "Do amigo íntimo, patrício e criado muito obrigado" – espelha a formalidade da saudação da carta e brinca com os clichês da escrita epistolar (tal como na carta escrita por Rabicó, transcrita como epígrafe desse capítulo).

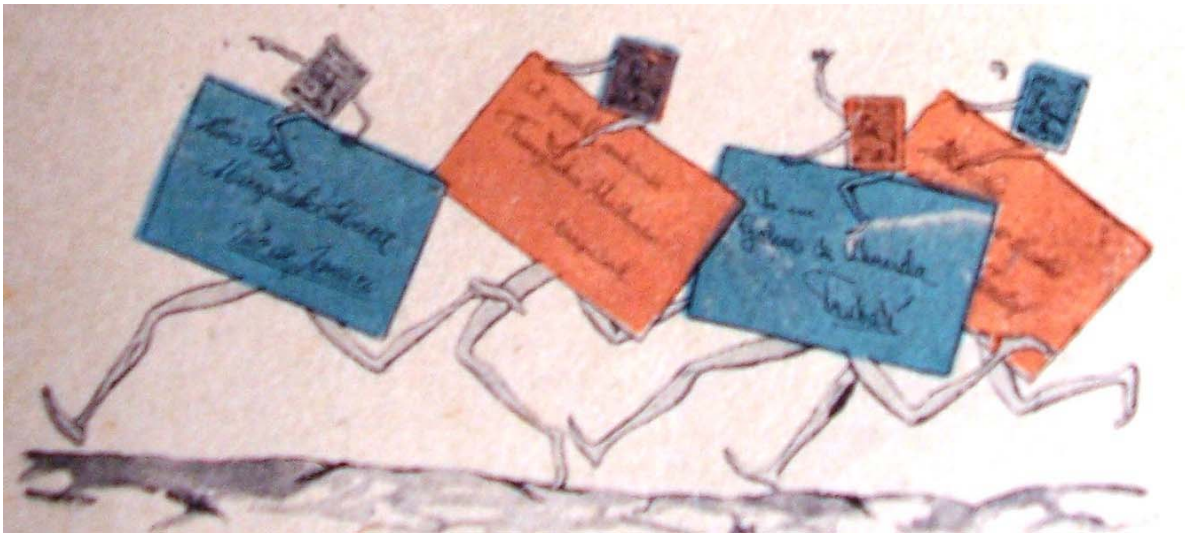
A carta ainda comporta um *post-scriptum* em que Lobato alude a uma "cartinha muito pândega" que teria recebido de Narizinho e da qual falaria noutra ocasião em que escrevesse ao

---

[417] NUNES, Cassiano (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda / Record, 1986, p.24.
[418] *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974, p.174.
[419] *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1955, p.116.

menino. O *post-scriptum* aqui, mais do que um adendo ao texto – que seria a sua função primordial –, tem o objetivo de manter aberto o canal de comunicação e criar expectativa pela próxima carta – da mesma forma que Lobato fazia no início e no final de alguns de seus livros infantis, em que resgatava elementos da história anterior ou criava expectativa para a próxima história.

Por fim, a última carta dirigida a Alarico Silveira Júnior de que se tem registro foi enviada de Nova Iorque, e é datada de 10 de setembro de 1929:



Vinheta de Belmonte à p.9 de O circo de escavalinho*: a primeira das cartinhas é endereçada ao "Sr. Alariquinho Silveira", Rio de Janeiro (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929)*

Prezado amigo,

Junto com esta estou mandando um exemplar do Circo de Escavalinho, onde aparece um tal Alariquinho que está com jeito de ser você.
O impressor botou o retrato dele logo na segunda página, em vez de o botar no ponto em que o meu amigo íntimo aparece na história, de visita ao pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo. Creio que é esse o único erro do livro, não contando outros errinhos de revisão que o amigo certamente desculpará.
Estive sabendo que está aprendendo inglês. Muito bem. É o que se chama aqui uma *good idea.* Aprenda logo e bem para vir dar uma prosinha com Mr. Hoover, que é o bagunça de cá. Se meu pai tivesse feito isso para mim quando eu era do seu tamanho, não imagina que vantagem me teria sido. Porque nesta terra até negro fala inglês, o que é a coisa mais esquisita que se possa ver. Até papagaio! O nosso vizinho tem um que diz a toda hora: *Hello, god bye, how are you?* e outras coisas assim. E gato, então? Mia em inglês que é da gente morrer de rir.
Desejo muito que o amigo me mande a sua opinião sobre a futura campanha presidencial, porque tenho lido os jornais e cada um diz uma coisa e estou na dúvida. Preciso de uma opinião segura e insuspeita. Também desejaria saber a opinião do amigo íntimo sobre a situação econômica do nosso país, que me consta não ser boa.

> Já pegou muitos sacis com a lanterna mágica? Fique sabendo que essa lanterna me foi dada pelo Aladino da lâmpada maravilhosa. Não é maravilhosa como a dele, mas ilumina muito bem e para pegar sacis é uma danada. Se pegar dois, veja se me manda um. Quero provar a estes americanos que saci existe. Os trouxas dizem que é história, que não pode ser.
> Adeus, meu caro. Muitas lembranças a Mamãe e Papai e à lanterna,
> Do amigo velho,
>
> MONTEIRO LOBATO [420]

Nesta carta é possível observar que o tom adotado por Lobato tornava-se cada vez mais à vontade diante do destinatário. Analisando as saudações das três cartas, é possível perceber que Lobato passara da marcação da diferença de tamanho – "Prezado amigo deste tamanho" –, passando à ironização das formalidades da carta – "Mr. Alarico da Silveira Júnior / Casa de Papai e Mamãe / Rio de Janeiro / Dear Sir" – até chegar finalmente a uma saudação indistinta, sem marcação de diferença ou ironia – "Prezado amigo".

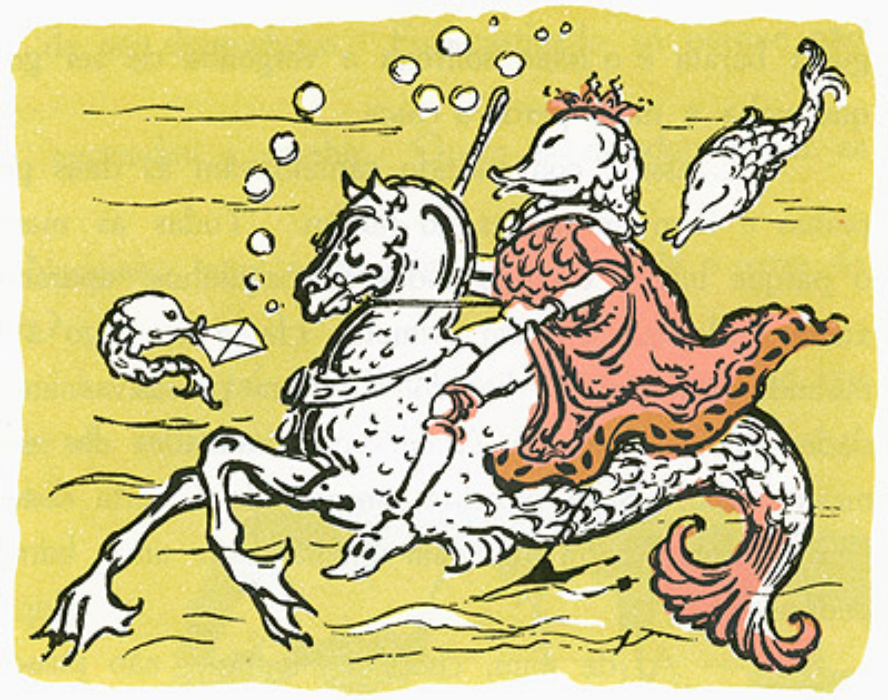
Lobato passa ainda a inserir algumas expressões em língua inglesa – recurso utilizado em muitas de suas cartas para destinatários adultos, como é possível observar no trecho da carta a Dona Iainha, transcrito acima –, ao saber que o menino estava aprendendo o idioma. Encontramos novamente aqui a irrupção do universo fantástico na narração da carta, ao afirmar Lobato que a lanterna de pegar sacis lhe "foi dada pelo Aladino da lâmpada maravilhosa", num processo semelhante ao das suas narrativas para crianças. Ao mesmo tempo, Lobato pede a opinião do menino sobre a futura campanha presidencial e sobre a situação econômica do país, num processo que coloca lado a lado fantasia e realidade, da mesma forma que encontramos em suas narrativas ficcionais:

> Não demorou muito e apareceu Pedrinho de vara na mão; vinha pescar justamente ali. Chegou, pôs uma pobre senhora minhoca no anzol e já ia lançá-la ao rio, quando...
> – Concha por aqui! – exclamou muito admirado. Isto tem dente de coelho!...
> Pegou a concha. Examinou-a. Sacudiu-a ao ouvido. Percebeu barulhinho de carta dentro. Abriu-a: era carta mesmo!
> – Hum! Carta para Lúcia. Há de ser namoro – e voltou para casa a correr.
> – Narizinho! foi gritando logo da porta da rua. Uma carta para você!...
> A menina estava ajudando tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho. Assim que ouviu aqueles berros, largou da massa, limpou as mãos no avental da preta e disse:
> – De quem será, meu Deus do céu?
> Rasgou o envelope e leu:
>
> *Senhora!*

[420] *Cartas Escolhidas*, *cit.*, t. 1, p.292-3.

> *A felicidade do Reino-das-Águas-Claras está nas vossas mãos. Nosso Príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou casa-se ou morre – diz o médico da corte.*
> *Quererá a menina salvar este Reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado Príncipe?*
> (Assinado) Peixinhos-do-mar
>
> – Sim, senhor! – disse Narizinho depois de lida a carta. Estes tais peixinhos sabem escrever na perfeição. Acho que nem vovó, que é uma danada, seria capaz de escrever uma cartinha tão cheia de gramáticas... [421]

Narizinho, imersa numa cena absolutamente cotidiana – auxiliando Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho –, é surpreendida pela chegada da carta dos peixinhos-do-mar, que instaura o universo da fantasia no universo cotidiano. Da mesma forma, a carta de Lobato ao menino Alarico traz ao mundo cotidiano das aulas de inglês, das campanhas presidenciais e das discussões econômicas do país – estes dois últimos elementos certamente não seriam estranhos à vida familiar de Alariquinho, filho do político Alarico Silveira que, por essa época, estava prestes a ser nomeado como Ministro do Supremo Tribunal Militar – o universo fantástico por meio do Saci e da alusão à lanterna para capturá-lo, inclusive com a sua personificação na despedida da carta: "Adeus, meu caro. Muitas lembranças a Mamãe e Papai e à lanterna".



Vinheta de Voltolino para A Menina do Narizinho Arrebitado
(São Paulo: Edição da "Revista do Brasil", Monteiro Lobato & Comp., 1920, p.31)

[421] *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1955, p.100-2.

O mesmo pode ser observado ainda em duas outras cartas. A primeira delas é dirigida a "Geo David" – que Debus considera um jogo com a palavra "geografia" para garantir o anonimato do leitor[422] –, em que Lobato agradece ao leitor uma incorreção apontada em seu livro *Geografia de Dona Benta*:

> S. Paulo, 24,2,1938[423]
>
> Prezado amiguinho Geo David:
>
> Recebi sua cartinha de 14, sobre os meus livros, e gostei muito da sua observação sobre a Groenlândia. A coitada da Dona Benta é uma sábia, mas, como está muito velha, às vezes cochila e erra. *Errare humanum est*, diz um latim. E tanto erram os moços como os velhos.
> Na Geografia há outros errinhos da boa velha, como, por exemplo, a capital do Canadá, que ela deu errada. Quem primeiro descobriu essas pequenas falhas foi o Visconde de Sabugosa, razão pela qual Emília lhe colocou na cartola uma fitinha.
> – Que fitinha é essa, Emília? indagou Narizinho.
> – É que o Visconde foi condecorado Cav. Uff. da Ordem da Geografia Certa, respondeu a diabinha.
> Pois muito bem, meu caro Geo. Obrigado pelo quinau na velha, e se descobrir novo "gato", escreva-me contando qual é.
> E disponha sempre deste seu amigo
>
> MONTEIRO LOBATO [424]

O recurso ao diálogo dentro da carta remete à construção das próprias narrativas infantis de Lobato, todas elas calcadas nos diálogos lúdicos e instrutivos entre as personagens. Ainda uma vez mais vemos o escritor tratar as personagens ficcionais como pessoas reais, de carne e osso. E ainda aqui vemos o germe de uma narrativa ficcional, com a irrupção de personagens e a instauração de diálogos que poderiam figurar em qualquer dos livros de Lobato.

A outra carta é a enviada de São Paulo às meninas Nilda, Margarida e Rute, em 18 de novembro de 1944, em que Quindim – o famoso rinoceronte que surge no livro *Caçadas de*

---

[422] DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, *cit*., p.188.

[423] Debus formula a hipótese de que a data dessa carta não estaria correta, considerando que ela poderia ter sido escrita em 1945, em resposta à carta do leitor carioca Severino de Moura Carneiro Júnior – cujo nome estaria velado pelo pseudônimo "Geo David" que Lobato teria lhe atribuído –, datada de 19 de fevereiro de 1945. Contudo, a partir da leitura da carta de Lobato entendemos não ser possível tal hipótese, pois o menino "Geo David", a quem responde, teria questionado apenas sobre a Groenlândia, e nada teria afirmado sobre o Canadá, sendo que Lobato é quem adianta a informação sobre o erro da capital daquele país. Já a carta de Severino versa justamente sobre a questão da capital do Canadá, com a seguinte questão: "Eu encontrei uma coisa que me deixou impressionado: a capital do Domínio Canadá como sendo Montreal. Ora todas as geografias dizem que a capital é Otawa. O que é que você me diz, meu mestre?" (*Op. cit*., p.188)

[424] *Cartas Escolhidas*, *cit*., t. 2, p.37-8.

Pedrinho e que se tornaria o guia das crianças na viagem pelo País da Gramática, narrada em *Emília no País da Gramática* – aparece como tendo se tornado dentista:

S. Paulo, 18,11,1944

> Meninas Nilda, Margarida e Rute:
>
> Em mãos a cartinha de 25 do mês passado, sobre a falta de gabinete dentário aí. Que vergonha! Uma escola da Prefeitura do Distrito Federal em que as crianças precisam andar pedindo esmolas para cuidar dos dentes! Vergonha das vergonhas – mas eu não me admiro, porque uma prefeitura que chegou ao ponto de mandar retirar das bibliotecas das suas escolas os meus livros infantis e queimou-os é naturalíssimo que não pense nos dentes das crianças. É uma prefeitura amiga da Cárie. *Asinus asinum fricat*[425], diz o latim. *Qui ressemble s'assemble*[426], diz o francês. Para tal Prefeitura, só mesmo a Cárie Dentária.
> Querem vocês que eu contribua... Pois não. Vou mandar uma caixa de fósforos para vocês porem fogo nessa escola da Prefeitura – venham todos brincar no Sítio do Picapau Amarelo. O Quindim virou dentista e bom dentista. Ele trata dos dentes de vocês todas, de graça...
> Do amigo velho
>
> MONTEIRO LOBATO[427]

Encontramos nesta carta o mesmo Lobato aguerrido e polêmico das campanhas do ferro e do petróleo, por exemplo. Utiliza-se de expressões em outras línguas, tal como nas cartas para adultos (mais um indício da maneira indistinta pela qual tratava seus destinatários infantis). Recorre ainda ao absurdo – a sugestão do incêndio da escola – e à fantasia – o rinoceronte Quindim – para responder àquilo que não teria resposta, o descaso do poder público com questões como saúde e educação. Ao mesmo tempo, formula o convite: "venham todos brincar no Sítio do Picapau Amarelo". O Sítio é a república ideal, a utopia lobatiana onde tudo se pode realizar. Tal como André Luiz Vieira de Campos afirma, Monteiro Lobato

---

[425] "Um asno coça o outro. Esse provérbio, em latim vulgar, ainda é usado (como seus equivalentes nas várias línguas européias modernas) para indicar – sobretudo jocosamente – a ajuda recíproca. É conceitualmente semelhante a *Uma mão lava a outra*, ainda que costume ser usado em contextos menos sérios e com conotação mais irônica." (TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000, sentença nº 1343, p.608).

[426] Provérbio francês, cujo significado é: aqueles que se assemelham se reúnem. "Este provérbio, tão vulgar, porque é tão verdadeiro, remonta a uma muito alta antigüidade. Ele se encontra na *Odisséia* de Homero (cap. XVII, v.218), na primeira epístola de Aristeneto, numa peça de Menandro, em muitas passagens de Platão, em Aristóteles, no *Tratado da velhice* de Cícero, e na quarta epístola de Plínio, o Jovem, que o cita a partir de Eurípides." (QUITARD, Pierre-Marie. *Dictionnaire étymologique, historique et anecdotique des proverbes et des locutions proverbiales de la langue française en rapport avec des proverbes et des locutions proverbiales des autres langues*. Paris: P. Bertrand, 1842, p.629. Disponível em: http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM50844&M=pagination&Y=Image Acesso em 20 março 2005).

[427] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.143.

> na fantasia e no sonho, construiu um mundo onde todos os seus desejos pudessem ser realizados. Neste lugar projetou um novo Brasil, mais conforme às suas idéias. Jogou seus sonhos nos livros que escreveu para as crianças, na esperança de plantar uma semente que pudesse germinar no futuro. [...] A literatura infantil de Monteiro Lobato parece conter o objetivo político bem claro de formar cidadãos, despertando nas crianças a curiosidade intelectual e a atitude crítica. Por isso, estes livros são questionadores, desmistificadores da autoridade, antietnocêntricos; daí provocarem tanta polêmica. [428]

Contudo, essa carta, escrita no mesmo dia de uma outra a Artur Coelho, não apresenta nenhuma sombra de pessimismo e nenhuma lembrança do conflito mundial, temas abordados à exaustão na carta a Coelho. Assim se lê na carta a Coelho, falando sobre a 2ª Guerra:

> Guerra, guerra, guerra... Ando arquifarto dessa porcaria sem esperança de vê-la tão cedo fora do cartaz. Os inimigos são dos mais duros, e tenho a impressão de que o inimigo amarelo vai ser ainda mais duro de roer que o ariano.
> E nem sequer podemos comentar os fatos como queremos, porque há na eterna fiscalização. Felizmente estou com 62 anos e breve morro e fico livre de tudo – desta terra, destes governos, da luta armada e da futura paz, que você vai ver, sairá uma porcaria tão grande como foi a de depois de 1918. O *Homo sapiens* faliu. Estou com Wells naquele livro que traduzi com o título de "O Destino do *Homo Sapiens*".
> Esse macaco glabro vai falir no governo do mundo. Destruir-se-á totalmente nas guerras futuras – e a mais bicharia ficará livre da peste. Teremos então, com grandes probabilidades, outro "rei dos animais". Que bicho será? Voto no besouro. Acho o besouro singularmente bem apetrechado para a dominação do mundo. É um safadinho que usa "asas dobráveis e guardáveis", como diz a Emília, aperfeiçoamento que não vemos em nenhuma outra espécie animal.[429]

Note-se que, a despeito da irrupção do fantástico na carta a Coelho – por meio da alusão a Emília –, o trecho não tem a mesma leveza e doçura da carta escrita, na mesma data, às três meninas do Distrito Federal. Ademais, certamente que a irrupção do universo da fantasia na carta não teria o mesmo efeito sobre um destinatário adulto e sobre um destinatário infantil, para o qual Emília, Dona Benta, tia Nastácia ou o Visconde de Sabugosa *existiam* da mesma forma que existia o seu criador ou o carteiro que lhes trazia a correspondência.

Nessa esteira, três cartas merecem destaque: as escritas ao menino Gilson Maurity Santos, e publicadas por Debus em seu livro. A primeira delas é datada de 20 de dezembro de 1933. Mas não é assinada por Lobato; quem a "redige" e a "assina" é o Visconde de Sabugosa:

---

[428] CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p.123, 124.
[429] *Id.*, t.2, p.143-4.

> Estou escrevendo esta carta em nome do Monteiro Lobato, que me emprestou a sua máquina. Eu sou o Visconde, sabe?
> Você quer aparecer nas aventuras... Isso é meio difícil, porque você mora aí muito longe. Por que não se muda aqui para o sítio? É lindo este sítio de dona Benta, e tia Nastácia faz umas comidas muito gostosas. Ontem preparou uns chuchus recheados para o jantar que todos comeram, repetiram e lamberam os beiços.
> Peça licença a seu pai e venha. Mas... você não tem medo do rinoceronte? Olhe que ele tem um chifre bem pontudo no meio da testa!
> Emília está aqui perto me amolando. Volta e meia bota o dedinho na máquina para fazer uma letra. Ela gosta muito de bater o ponto de interrogação, este – ?
> Rabicó está na porta da cozinha comendo umas cascas de abóbora. Não há no mundo marquês mais guloso.
> A pele da onça da Toca Fria dona Benta mandou para a cidade para ser curtida. Se não sabe o que é isso pergunte a seu pai. Depois de pronta dona Benta vai usar essa pele como tapete na sala de visitas.
> Não viu por aí o Detetive xb2? O coitado saiu daqui numa disparada que até dava dó... Parecia veado!
> Então você torceu por S. Paulo na revolução? Fez muito bem. Nós aqui também torcemos muito, menos Emília que é da ditadura. Ela anda com planos de fazer uma revolução para botar o Getúlio abaixo e ficar no lugar dele. Nesse caso tia Nastácia irá ocupar a pasta da fazenda e Rabicó o ministério da Educação. Eu serei Ministro do Exterior – e você vai ver que nós endireitamos este país. Emília é uma danada!
> Adeus. Vou preparar-me para uma nova aventura, que você daqui uns dois meses há de ver em livro – *Emília no país da gramática*. Vai ser uma lindeza.
> Adeus. Lembranças do Rabicó e do rinoceronte, que já tem nome. Emília o batizou de Quindim. Bonito nome, não?
> Adeus, adeus, adeus...
>
> Visconde de Sabugosa.[430]

Essa talvez seja a carta em que a irrupção do mundo da fantasia no mundo real tenha ido mais longe. Lobato assume a *persona* de uma de suas personagens – o Visconde – e por meio dela redige toda a carta. Além disso, cada uma das personagens aparece em situações típicas, que lhe são características (tia Nastácia preparando quitutes, Emília amolando o Visconde, Rabicó comendo cascas de abóbora etc.), o que reforça a verossimilhança do narrado. Aqui, assim como na carta às meninas Nilda, Margarida e Rute, Lobato convida o destinatário a vir morar no Sítio o que, ao lado da alusão à Revolução Constitucionalista e a idéia de uma nova revolução, liderada por Emília, é novo indício da pintura do Sítio como uma república utópica, em que tudo se poderia realizar. Ao final, a despedida é protelada, com a repetição do "adeus" por três parágrafos sucessivos. No primeiro deles, o Visconde/Lobato noticia a publicação próxima de um novo livro – *Emília no país da gramática*, que viria a ser

[430] Publicada por Eliane Debus em *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, *cit*., p.255-6.

lançado em 18 de junho de 1934. Em seguida, a novidade do "batismo" do rinoceronte, que recebera de Emília o nome de Quindim – o que o remetente antecipa ao destinatário, já que somente no livro *Emília no país da gramática*, a ser publicado, é que o rinoceronte viria a ter nome. Por fim, por três vezes a palavra "adeus" é escrita, seguida de reticências, pontuando a conclusão da carta.

A carta seguinte é de dois meses depois, a 26 de fevereiro de 1934:

> Recebi sua cartinha de 23 do corrente se não me engano respondi à primeira carta que você me escreveu. E se respondi foi dizendo que sim, que vai também entrar nas aventuras dos netos de dona Benta.
> Há tantos meninos e meninas que querem entrar nessas aventuras que a pobre de dona Benta está tonta – e anda pensando em comprar um novo sítio para aumentar o que já tem. Isso porque no sítio do Picapau Amarelo não cabe tanta gente.
> O livro *Emília no país da gramática* só agora é que entrou para a tipografia. Demorou por causa do homem que ia fazer os desenhos e que ficou atrapalhado. Creio que lá pelo mês de Abril esse livro sai. Você não imagina como a Emília pinta o sete com a gramática – ela e o rinoceronte, que é um sabidão de marca.
> Enquanto escrevo esta tenho aqui ao lado o Visconde que chegou hoje do sítio para me contar a história da briga da Emília com tia Nastácia. Ele aproveita a ocasião para mandar lembranças ao amigo Gilson.
> Fico sabendo que seu pai vai fazer uma conferência em S. Paulo e se puder lá irei. Não prometo porque ando muito sem tempo, estou furando um poço profundíssimo para achar petróleo e esse serviço me come o tempo inteiro.
> Adeus, meu caro amigo Gilson. Muito obrigado da sua cartinha. Saudades de dona Benta, da Emília, do Visconde, de Rabicó e de todos.
>
> Seu amigo
> Monteiro Lobato
> Av. Aclimação, 483 [431]

Nessa carta é Lobato *lui-même* quem assina a carta, mas novamente aqui a fantasia se mistura à realidade: o remetente tem a seu lado o Visconde – o primeiro a escrever a Gilson –, e conclui a carta com as saudades de todas as personagens do Sítio. Lobato também noticia o atraso na publicação de *Emília no país da Gramática* – e o credita ao ilustrador, que teria se atrapalhado na execução do serviço –, aproveitando para manter aceso o interesse do destinatário – e eventual leitor – pela nova aventura.

A última carta, por fim, não tem data, mas deve ser pouco anterior ao lançamento de *Emília no país da Gramática*, ocorrido a 18 de junho de 1934. Novamente, o tema é o atraso na

[431] *Id.*, *ibid.*, p.257.

publicação do livro, "com quase cem desenhos do Belmonte", que tinha de ser revisado com todo o cuidado porque "Emília não quer saber de erros nos livros":

> Recebi suas duas cartas e se não respondi a primeira foi porque a Emília andava a me amolar com o seu passeio ao país da gramática. Afinal a diabinha fez o tal livro, com quase cem desenhos do Belmonte, e agora estou a rever as provas tipográficas para que saia sem nenhum erro. Emília não quer saber de erros nos livros que ela parece. [*sic*]
> Lá pelo fim deste mês talvez o livro saia – e você, senhor Gilson, vai aprender muita coisa brincando. O rinoceronte está mais sabido que todos os gramáticos do Brasil juntos. Ele é que acompanhou a criançada pela cidade da língua e foi explicando tudo.
> Você tem razão com o Visconde. Todos ficaram muito tristes com a morte dele e aborrecido de tia Nastácia ter feito um novo Visconde errado. Em vez de sair Visconde saiu o tal Dr. Livinigstone, [*sic*] que era muito sem graça. E foi e a diaba da negra deu um jeito e o Dr. virou de novo no velho Visconde. Ele também foi passear na terra da gramática e lá fez uma coisa muito interessante, que você verá quando sair o livro. Não conto para não tirar a graça.
> Emília está com idéia de escrever as memórias da Marquesa de Rabicó. Mas será que ela tem tanta coisa para contar? A vidinha dela é tão curta. Memórias só os velhos devem escrever, não acha?
> O poço de petróleo está em 800 metros. Temos de furar até mil. Se sair petróleo, vai ser uma beleza. O Visconde irá montar uma refinaria para fazer gasolina e Emília vai comprar uma dúzia de automóveis para gastar a gasolina que o Visconde fizer.
> Você não imagina como é interessante a vida no Sítio de dona Benta. Todos os dias acontecem coisas do arco da velha.
> A meninada deste país inteiro anda assanhada para ir passear por lá, mas dona Benta não quer. Costuma dizer: "Se estes meus dois netos, mais essa pestinha da Emília, me dão tanto trabalho imaginem se vem para aqui mais essa criançada toda o Brasil afora? Se não fosse isso não haveria melhor lugar no mundo para um menino como você passar umas férias. Eu só queria ver você lutar com o Rabicó. Sabe que ele é um bicho no boxe? Põe o Visconde a nocaute num *round*. Mas com o rinoceronte não se mete – por causa daquele chifrão na testa.
> Adeus, mestre Gilson. Parabéns por ter lido a *História do mundo*. É lindo que os meninos aprendem, por isso não perca a *Gramática da Emília*. Adeus.[432]

A cada parágrafo da carta, Lobato apresenta idéias dos livros que viria a publicar nos anos seguintes: *Memórias de Emília*, de 1936, e *O poço do Visconde*, de 1937. Ao final, na conclusão da carta, o elogio do destinatário pela leitura de *História do mundo para crianças*, que havia sido publicado em setembro de 1933, e a convocação à leitura do tão esperado *Emília no país da gramática*.

Nesse mesmo sentido, destaquemos ainda as cartas de Monteiro Lobato à menina

[432] *Id.*, *ibid.*, p.258-9.

Maria Luíza Pereira Lima[433], de Pelotas. A primeira das cartas é datada de 04 de março de 1936:

> Só hoje recebi sua cartinha, tão interessante, de 11 deste mês. E também o retrato, que é pena estar tão apagado. Não pude ver direito a carinha da amiguinha pelotense.
> Emília, que estava ao meu lado, leu também sua carta e disse: "Sim senhor! Está aqui uma menina que bem merecia morar no sítio de dona Benta e tomar parte nas nossas aventuras. Sabe alemão e tem "personality" (Emília está aprendendo inglês); além disso, é atéia. Gosto muito dos ateus.
> O visconde também veio ler a carta e ficou assanhado quando soube que a biblioteca da Maria Luiza tem já 110 volumes – e deu um pulo de alegria quando viu que a Maria Luiza trata a tal Arimetica [*sic*] da Emilia de Arimetica [*sic*] do Visconde.

Detalhe da capa de Belmonte exibindo o título Arimetica da Emília *(1935)* [434]

> – Toma, disse ele virando-se para ela. Aquela patifaria que você me fez, mudando o nome dum livro que era meu, não pegou. As meninas inteligentes estão restaurando a verdade.
> E eu fiquei ainda mais contente de ver que tenho uma leitorazinha de 12 anos que vale muito mais do que os leitores de 30 ou 40. Nada me causa maior encanto do que encontrar uma criança que seja realmente inteligente, que tenha originalidade e também personalidade. Em geral são umas burrinhas. Recebo muitas cartas de crianças, mas burrinhas quase todas. Você, porém, Maria Luiza, vai para o primeiro lugar. Passou a perna em todas. Se morasse aqui em S. Paulo havíamos de ser amigos. As pessoas inteligentes viram logo amigos íntimos.
> Pelo que vejo, é muito estudiosa. Continue. Aperfeiçoe-se em línguas. Assim poderá ler os muitos livros interessantes que há nas outras literaturas. Na nossa é a pobreza que você sabe. Se eu não me metesse a escrever uns livrinhos para vocês, que é que vocês teriam para ler? Nada, ou quase nada. Quer ser minha colaboradora? mande dizer que livro quer que eu escreva.

[433] As cartas a Maria Luíza Pereira Lima estão depositadas no CEDAE – IEL – UNICAMP.

[434] A imagem dessa capa consta à p.39 do catálogo do 5º Leilão de Livros Raros e Papéis Antigos, realizado em São Paulo a 06 de abril de 2006. A descrição do lote 95, à p.19, é interessante e merece ser transcrita:
"95. LIVRO. LOBATO, MONTEIRO. ARIMETICA DA EMILIA, SÃO PAULO, COMPANHIA EDITORA NACIONAL, 1935. 164 PP., 4 UNNUM. FF. Primeira edição, com capa e ilustrações de Belmonte, dessa obra da literatura infantil de Monteiro Lobato. Nessa edição há um erro tipográfico no título: 'Arimetica'."

> Quem sabe se V. me dá uma boa idéia para este ano. Ainda não resolvi sobre o assunto dos 4 livros que a Cia Editora quer que eu dê para o fim do ano.
> Adeus, boa amiguinha. Ando com idéia de fazer um vôo de condor até o Rio Grande, e se chegar em Pelotas hei de fazer-lhe uma visitinha. Quer?
> Adeus, adeus, adeus...
>
> Monteiro Lobato

Lobato tece elogios à inteligência da destinatária, destacando-a da maioria das crianças que, "em geral são umas burrinhas". Há ainda aqui a aparição natural das personagens do Sítio, que lêem a carta recebida por Lobato e opinam sobre ela, com o registro do diálogo que travam entre si. Note-se que Lobato, fiel à personagem Emília, que, em *Emília no País da Gramática*, havia posto para correr a velha Ortografia Etimológica e que, na *Aritmética da Emília*,

> fora ao escritorinho do Visconde e, vendo lá o manuscrito da "ARITMÉTICA DO VISCONDE", cortou o "T" da palavra e substituiu o nome do autor pelo seu. Eis a explicação da ARITMÉTICA DO VISCONDE ter saído com o frontispício duplamente errado – sem o "t" e sem o nome do verdadeiro dono...[435],

escreve na carta "Arimetica", e não "Aritmética". Lobato reforça na carta a brincadeira de que lançara mão no frontispício da primeira edição do livro, brincadeira do escritor que um dia foi editor... Por fim, a despedida da carta novamente se prolonga por meio da repetição da palavra "adeus", seguida de reticências.

A carta seguinte, de pouco mais de três meses depois – escrita a 21 de junho de 1936 – retrata um fenômeno pouco comum na correspondência de Lobato com as crianças: a iniciativa da carta partira do próprio escritor, ou seja, não se tratava de uma resposta a uma carta recebida, mas sim de um envio espontâneo de correspondência. Essa mudança de comportamento é digna de nota, pois pode indicar um interesse maior do escritor em relação a essa destinatária. Estaria Lobato sondando a destinatária em busca de idéias e informações para possíveis novas aventuras do pessoal do Sítio? Vejamos a carta:

> Arrumando os meus papéis hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de "livre pensamento".
> Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? Aquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já está em 120.
> Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emília disse: "Ela que venha aqui e eu tiro a prosa dela" – e como você disse que sabia alemão, a sapeca da Emília pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando você

[435] *Aritmética da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1955, p.302.

> vier. Ela já sabe dizer Como vai? Bem obrigada, e outras coisinhas assim na língua do Barão de Munchhausen.
> Emília, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram notícia que ela estava escrevendo as Memórias da Marquesa de Rabicó e essas memórias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sai nada. Eu desconfio que quem vai escrever as memórias dela é o visconde – e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez com a aritmética.
> Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles têm se regalado. Até o Quindim está gordo, de tanto mascar laranja – esse com casca e tudo.
> Rabicó anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele também sai com um livro, Geometria de Rabicó, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma História Natural – e bem boa para um animalão chifrudo daqueles.
> Bem, a prosa está boa, mas é hora de ir tomar café. Já me chamaram (e com bolinhos de tia Nastácia) Por isso, adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e asneirenta como as da Emília.
>
> Do amiguinho desconhecido
>
> Monteiro Lobato

Nesse sentido, a carta é muito mais pontuada de questões do que outras cartas. Lobato como que prolonga o diálogo da carta anterior ao perguntar sobre a biblioteca da destinatária. Novamente, a irrupção da fantasia aqui se dá pela entrada natural das personagens ao longo do texto. Como a destinatária conhecia a língua alemã, Emília aparece aqui aprendendo o idioma. Lobato, tal como nas cartas a Gilson, antecipa elementos de um livro futuro – no caso, *Memórias de Emília*. Outras idéias são lançadas, como uma eventual "Geometria do Rabicó" ou a História Natural do Quindim – talvez projetos de Lobato que acabaram não se concretizando. Por fim, o pretexto para interromper a carta é o café com bolinhos de Tia Nastácia, e o pedido de uma carta "bem comprida e asneirenta como as da Emília".

A última carta, sem data [436], dá prosseguimento ao diálogo sobre a biblioteca da destinatária, concluindo-se com a promessa de uma visita a Pelotas – que Lobato imaginariamente já antecipa:

> Falemos de você – que merece parabéns por já estar com 170 livros na biblioteca e em vésperas de passar para o 4º. Ano. Quer dizer que breve teremos mais uma doutorazinha – e esta poliglota e cultora do ateísmo. Admirável! O trágico, porém, é que vocês, meninas, ao contrário de Peter Pan, crescem – estão todas condenadas a se transformarem na grande

[436] Embora sem data, a carta, por vir escrita em papel timbrado da União Jornalística Brasileira, deve ser posterior a 14 de agosto de 1937, data em que Lobato adquirira a instituição.

> sensaboria que se chama "gente grande". Que pena! Se pudessem todas imitar o Peter Pan naquele ponto... [...] Este ano pretendo fazer uma viagem à Argentina e Uruguai, e de volta passar por várias dessas cidades riograndenses, inclusive Pelotas. Terei então ensejo de tocar a campainha aí da rua S. Felix da Cunha e perguntar a quem abrir:
> – É aqui que mora a senhorita Maria Luiza? Está em casa?
> E como é possível que você esteja em casa, conhecer-nos-emos e conversaremos demoradamente. Quer?

O tom dessa carta é bem diferente dos anteriores: não mais o aparecimento das personagens do Sítio, não mais a atmosfera de fantasia a cercar o autor. A menina, "em vésperas de passar para o 4º. Ano", estava crescendo e, portanto, a conversa escrita teria um tom diferente do anteriormente adotado.

Também vemos nas cartas às crianças um Lobato que interroga o seu público, desejando saber o que interessaria às crianças. Plano antigo, já anunciado a Rangel quando da escrita do *Narizinho* escolar: "mando-te um *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças".[437] Agora Lobato não precisava mais lançar mão da impressão do amigo professor: tinha ele próprio como averiguar o interesse das crianças por meio das cartas. É o que vemos, por exemplo, na carta dirigida à menina Josette Silveira Mello, de Piracicaba [438], escrita em Buenos Aires a 23 de julho de 1946:

> Sinto-me bem aqui porque também aqui há crianças que me escrevem – e para um escritor de livros para crianças o maior prêmio é saber que elas gostam de seus livros. Ora, aqui elas gostam dos meus livros, logo, estou contente. Ainda ontem, junto com a tua cartinha, veio uma da menina Hierdis Kievene, que começa assim: "Mi muy querido amigo: Yo soy una gran lectora suya; hay algunos libros que Usted ha escrito, que los hé leido hasta 15 veces." Essa cartinha me deu grande prazer, e esse prazer dobrou quando abri a outra vinda junta – a da Josette. Com duas cartinhas como essas, recebidas no mesmo dia, um autor de livros até engorda, não?
> A Herdis quer que eu escreva um livro de aventuras do pessoalzinho de dona Benta lá na Terra do Nunca, onde mora Peter Pan. Parece uma boa idéia, não?

Já na carta de 19 de agosto de 1947, Lobato pede que a destinatária lhe dê a opinião sobre *Os doze trabalhos de Hércules*, pois gosta "de escrever livros de acordo com as crianças, e por isso as" consulta:

---

[437] *A barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.228.

[438] Obtivemos cópias das cartas que Lobato dirigiu à então menina Josette – a Sra. Josette Silveira Mello Feres é hoje Professora de Música em Jundiaí –, por meio de sua irmã, a Sra. Maria da Glória Silveira Mello, residente em Piracicaba, a quem agradecemos a gentileza.

> Quero que depois de lidos os Hércules você me dê a sua opiniãozinha bem franca, bem sincera, dizendo que é que acha do gênero e do modo de tratá-lo. Eu gosto de escrever livros de acordo com as crianças, e por isso as consulto, e fico danado quando os pais (ou qualquer gente grande) se mete a "assoprá-las". Tem valor a opinião das crianças; mas não tem valor nenhum, nenhum, o de uma criança "assoprada" por um adulto.

A carta seguinte, sem data, mas possivelmente do ano de 1947, traz, em sua abertura uma sutil censura à destinatária que, provavelmente, teria se queixado da demora para o escritor responder: "Vocês são centenas de meninas e eu um só, por isso hão de perdoar-me que demore em responder às cartinhas que me escrevem ou às vezes deixe de o fazer". Nessa carta ainda temos o epílogo de um projeto malogrado – a escrita da história da América contada pelo Monte Aconcágua:

> Ah, o ACONCÁGUA! Creio que esse livro ficará no título apenas. Para escrevê-lo eu tinha de subir ao Aconcágua, mas andei lá por perto e não tive ânimo. Isto de ser velho é a pior das porcarias deste mundo. Aquela escadaria da Galeria Prestes Maia tem 80 degraus – e sabe que é um verdadeiro Aconcágua para mim? Velho só morrendo – não prestam para outra coisa.
> Mas se não fizer esse livro, espero fazer outro, porque vocês merecem. E são tão paus os livros que não são do Lobato...

Lobato havia se referido à idéia desse livro, anos antes, a 1º de fevereiro de 1943, em carta a Godofredo Rangel:

> A última da pestinha está me dando dor de cabeça. Imagine que encasquetou conhecer a história da América "autocontadamente." A história completa da América, desde o tempo em que isto foi um pedaço da Atlântida até agora. Quer conhecer a formação dos Andes e de todas as plantas e animais que evoluíram no lombo dos Andes e à margem das "crias" dos Andes (ela acha que até o rio Amazonas não passa do desenvolvimento duma pequenina cria dos Andes). E quer saber, depois, como apareceram os aborígenes (ela sabe o que quer dizer aborígene), e quer ao vivo a história de todos os descobridores da América até Colombo (que, segundo Wells, é o 18º). E quer assistir à toda a tragédia da destruição dos incas, astecas e maias pelos espanhóis invasores. Até aí, muito bem. Qualquer criança quer saber isso e pergunta-o ao pai ou ao professor. Mas Emília, que está agora "estratosférica", não acredita em pai ou professor, que pertencem ao gênero *Homo sapiens* e ela sorri da sapiência do homem. Quer ouvir a história da América, sabe da boca de quem? Do Aconcágua, Rangel! E isso, diz ela, porque só um Aconcágua pode ter a necessária isenção de ânimo para contar a coisa como realmente foi, sem falseações patrióticas, nacionalísticas, raciais ou humanas... E como é assim, tenho, num próximo livro, de levá-la ao topo do Aconcágua para que o pobre vulcão extinto lhe satisfaça o desejo. E já sei que ela vai obrigá-lo ao supremo esforço de uma erupçãozinha "própria para menores." Estou vendo a cena. Quando, no seu tremendo esforço de reumático, o velho vulcão extinto espremer as tripas e roncar, Emília, que estava em seu

> colo, foge correndo para a cidade próxima, onde havia deixado dona Benta e outros; e lá, da janela dum hotel Emília assiste à sua erupção do Aconcágua... Esse livro me irá dar muito trabalho. Tenho não só de ler Humboldt e outros, como de fazer uma demorada viagem pela costa do Pacífico, beirando os Andes – um velho sonho meu. [...] a viagem pela beira dos Andes, da Terra do Fogo ao Istmo. Sonho uma peregrinação *sui-generis*, de um ano, dois, três, toda vida, sem itinerário ou prazo. Ir andando e parando. Um mês ou um ano em Cusco. Pescarias no Titicaca. Caçada de lagartixas no deserto de Atacama. Sem tempo marcado. Sem objetivo aparente. Tudo pelo prazer do caminho. E então escreverei O ACONCÁGUA.[439]

Alguns dos elementos do livro que seria escrito aí se deixam entrever: a narrativa dos fatos por eles mesmos, visando à isenção – daí a escolha de um narrador acima de qualquer suspeita: o Aconcágua; episódios cômicos envolvendo o vulcão extinto e a boneca Emília. Mas, infelizmente, o projeto seria abandonado. A carta a Josette se conclui com o *merchandising* de uma nova edição das Fábulas, prestes a sair dos prelos:

> Breve (fim de novembro) sai a nova edição dos meus livros, e entre eles vem um com matéria nova. O volume de FÁBULAS estava muito pequeno, e completei-o com 100 gs de contos que vocês não conhecem. Tudo emilices.
> Bem. Agora vou bater uma respostinha à Ligia, que também me escreveu há já vários dias. Adeus. Saúde e bichas.

Talvez em razão da censura veiculada na abertura da carta anterior, a menina Josette teria ficado com medo de que Lobato estivesse zangado, fato a que o remetente alude na abertura da carta de 28 de dezembro de 1947:

> De volta da Bahia, encontrei entre muitas tua cartinha de 16 do corrente. Diz que está com medo, muito medo de que eu esteja zangado... Como, filhinha – como poderei zangar-me com quem só me dá provas de amizade?

Provavelmente respondendo a um questionamento da menina sobre sua viagem à Bahia, Lobato responderia:

> Férias passadas na Bahia seriam impossíveis, pelo menos para mim, porque lá não descansei um só dia. Festas, cauda de caçadores de autógrafos... Tive de gastar muita tinta e muitos adjetivos – esses deliciosos adjetivos-bombons que gosto de distribuir entre as meninas, achando-as "a fã nº 1" – "a mais isto ou aquilo" sempre com grande agrado da que recebe o presentinho. Como a vaidade humana se péla por açúcar!

Tal como na carta a Maria Luíza em que elogia a inteligência da destinatária em

[439] *A Barca de Gleyre*, *cit*., t.2, p.342-4.

detrimento do restante das crianças, que chama de burrinhas, aqui Lobato alude de modo pejorativo aos "caçadores de autógrafos" e às meninas em busca de "adjetivos-bombons" – das quais, obviamente, exclui a destinatária. A despedida da carta retoma os adjetivos mencionados no corpo do texto, transformados em votos para o ano vindouro: "Adeus, querida Josette! Que o 1948 te traga um balaio de adjetivos dos mais gostosos, e também muita coisa mais sólida".

De 05 de fevereiro de 1948 – cinco meses antes de seu falecimento – é a última carta de Lobato a Josette. Nela Lobato agradece uma caixa de mangas recebida de Piracicaba e comenta a montagem da opereta *Narizinho*, de Adroaldo Ribeiro da Costa, a que assistira na Bahia. A conclusão da carta, por fim, retoma o agradecimento pelas "mangas tão convincentes":

> A casa aqui foi hoje iluminada e perfumada por uma caixa de mangas que V. teve a genial idéia de me mandar. Provei uma. Deliciosa! Eu se fosse rei do mundo, mandava cortar a cabeça de quem plantasse manga espada e outras qualidades inferiores. Por que razão havendo mangas que são puras delícias, há quem plante as fibrosas ou inferiores?
> Estive na Bahia, que é terra de mangas, mas não comi lá nenhuma como as que V. me mandou. Quer dizer que a Bahia tem que baixar a cabeça diante de Piracicaba, hein?
> Foi pena que V. e Ligia não vissem a opereta NARIZINHO que está sendo levada na Bahia. Já a representaram umas 6 vezes e o povo não se contenta. Quer mais.
> Isso me fez escrever um novo libreto, que quero ver se publico. Vocês aí poderão montar a peça, com música de algum musicista local. Fica lindo, como ficou na Bahia.
> Adeus, Josette. Dê minhas lembranças à Lígia, e receba lá um abraço e um beijo na ponta dos dedinhos, pela maravilhosa idéia que teve de me mandar umas mangas tão convincentes.

No início desse capítulo, vimos uma carta de Lobato ao filho Edgard, então com 07 anos. Atando as duas pontas da vida, veremos aqui as cartas escritas ao filho de Edgard, o neto Rodrigo. Escrita em Buenos Aires, a 17 de abril de 1947, a carta seguinte é uma resposta a uma carta recebida do neto, juntamente com um "conto", mas que não era "propriamente conto, e sim uma carteira de traques":

> Recebi sua cartinha inclusa na que escreveu à vovó, e o conto. Li e vi que não é propriamente conto, e sim uma carteira de traques, tantos são os "puns"! Em matéria de traques, portanto, você está um mestre: traqueia muito bem!
> A lista dos livros está grande, são quase todos, de modo que você tem de esperar que saia a nova edição em andamento. Não me esquecerei do neto.
> Estamos arrumando as malas para voltar, e voaremos para São Paulo no dia 8 de maio. Vamos nos regalar com as delícias da Paulicéia, entre as quais figura um número novo, chamado "Ademar" – que vejo falar muito mas ainda não sei o que é. Algum bicho novo no Jardim da Aclimação?
> Faço votos para que estas mal batidas linhas encontrem sua mãe, sua avó e o

> Olavo no gozo da mais perfeita saúde; nós aqui, graças a Deus, vamos indo bem obrigado. Adeus, caro neto traquista. Vá praticando na arte de contar lorotas porque disso a gente pode viver e muito bem. Com puns-puns de mentira vamos extraindo os cobres da humanidade, como faz o teu avô. [440]

A carta apresenta uma sucessão de assuntos, que vão se justapondo: a lista de livros que o neto pede ao avô escritor; a volta a São Paulo; as delícias da Paulicéia; os bichos do Jardim da Aclimação. Note-se que a justaposição, nesses dois últimos casos, faz com que se possa imaginar que "Ademar" – provavelmente Ademar de Barros (1901-1969), eleito governador de São Paulo em 1947 – seja um "bicho novo no Jardim da Aclimação", já que Lobato ouve falar muito em "Ademar", mas não sabe o que é. Novamente, como nas cartas a Alariquinho, vemos aqui a fantasia irrompendo em meio ao cotidiano. Ao final, o conselho ao neto: "vá praticando na arte de contar lorotas porque disso a gente pode viver e muito bem. Com puns-puns de mentira vamos extraindo os cobres da humanidade, como faz o teu avô".

A carta seguinte, de 14 de fevereiro de 1948, inicia-se com uma saudação bastante formal, à semelhança da carta a Alariquinho, que vimos anteriormente: "Ilustre Senhor Rodrigo meu neto". Lobato então guia o destinatário em suas leituras por sua obra, que seria objeto de discussão posterior:

> Recebi sua carta de 11 do corrente, dizendo que está lendo o D. QUIXOTE e já leu REINAÇÕES e gostou. [...] Depois de REINAÇÕES, você vai ler todos os outros, na ordem marcada, e irá verificando que o seu avô, como diz a Emília, é um danadinho para escrever histórias que toda gente compra. [...] Depois que você ler todos os meus livros, então conversaremos mais longamente. Por ora você sabe ainda muito pouco das coisas maravilhosas que se passaram no sítio de Dona Benta. E como é assim, até por lá.

Entre as observações ao neto, o tom melancólico diante da morte prematura do filho Edgard – pai de Rodrigo – e o desejo de uma longa convivência com o neto: "Você por enquanto é um simples crila, mas vai crescer, como cresceu o Edgard; e não vai morrer cedo, como o Edgard morreu – e teremos muita coisa a conversar. Por enquanto ainda é cedo". [441]

Longa convivência que, infelizmente, estava fadada a não se realizar. Na carta seguinte – segundo Cavalheiro "a última carta escrita por Monteiro Lobato. Seu neto – Rodrigo Monteiro Lobato – só a recebeu quando o avô já havia cessado de existir" –, Lobato, sentindo-se próximo da morte, ainda prevê longas conversas, mas não mais com o neto, e sim com os falecidos filhos Guilherme e Edgar. A despeito disso, a carta não tem o peso que se

[440] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.224.
[441] *Cartas escolhidas*, *cit.*, t.2, p.268-9.

poderia esperar, e é vazada num tom divertido:

> Ao Neto Rodrigo,
>
> O Avô Lobato saúda e deseja menos formigas no quintal.
> Aqui vou indo eu, escorado pela Digitális, uma droga que em tempo próprio V. saberá o que é. O meu coração, já cansado de fazer tique-taque como um relógio, exige a Digitális, quando me esqueço de lhe dar a dose diária. Isso quer dizer que não vou ficar muito tempo neste mundo. Breve me mudarei para o Outro, onde a vida deve ser mais agradável, porque não há Corpo a carregar. E então me divertirei muito, de puxar a perna e fazer outras reinações com os vivos. E terei longas conversas com o Edgard e o Guilherme, e outros que tiveram a bela idéia de ir na frente, e nos deixaram sozinhos atrás.
> Contaram-me que V. já sarou da tosse comprida, a qual se passou para a Gulnara. A mim também me aconteceu ter sarampo fora do tempo – aos 36 anos. Coisa muito sem graça.
> Continuo sem poder ler correntemente, o que me deixa a vida muito vazia. Pois, que pode fazer um velho como eu, se não ler?
> Adeus, caro neto. Cresça e apareça.[442]

Abre-se a carta com a emulação de uma saudação formal – ironia bem humorada das formalidades protocolares do gênero epistolar, que deveria fazer as delícias tanto do remetente (tão avesso a formalidades como era Lobato) quanto de seus destinatários infantis –, e o fecho acrescenta um último conselho ao neto – "cresça e apareça".

Como bem sintetiza Eliane Debus, o Monteiro Lobato das crianças "possuía um modo especial de escrever às crianças, até mesmo em respostas às cartas que lhe chegavam: ora criava pequenas histórias, ora respondia como se fosse uma das suas personagens. Aos leitores, procurava sempre incentivá-los para novas leituras, dava conselhos literários, estimulava-os para atividades relacionadas com a leitura" [443], mas também, como vimos, lançava mão de estratégias para verificar se seus livros interessavam às crianças ou então o que interessava às crianças para que isso se transformasse na matéria de sua literatura. E era por meio das cartas que tudo isso se dava.

[442] *Cartas escolhidas*, *cit*., t.2, p.277-8.
[443] *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, *cit*., p.234-5.

Considerações finais

Considerações finais

> *Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do* Pithecanthropus erectus...
>
> Monteiro Lobato.
> *Carta a Godofredo Rangel*,
> 05 de setembro de 1943

Monteiro Lobato familiar, escritor, editor, nos Estados Unidos, militante do ferro e do petróleo, encarcerado, das crianças: são alguns dos trezentos, trezentos e cinqüenta Lobatos. Mas, afinal, quem era o "Lobato das cartas"? Ou quem eram os "Lobatos" das cartas?

Lobato diria a Cesídio Ambrogi, em carta escrita de Buenos Aires a 15 de janeiro de 1947: "nunca deixei carta sem resposta. Acho uma grande incivilidade". [444] Exercício de sociabilidade? Certamente. Fosse como escritor, aconselhando os neófitos; fosse como editor, estabelecendo contatos para a *Revista do Brasil* ou para a Editora; fosse em seu exílio voluntário nos Estados Unidos, nostálgico dos amigos; fosse em sua luta pelo ferro e pelo petróleo, a arrebanhar amigos e sócios para a grande empresa; fosse na prisão, a afastar dos ânimos preocupados dos amigos os pensamentos de piedade; fosse escrevendo para crianças, trazendo à realidade o mundo da fantasia; em qualquer dos casos, o exercício epistolar era, para Lobato, um exercício de civilidade.

Era também um meio de intervenção. Lobato parecia ter e manter a convicção da eficácia do discurso epistolar, por mais insuficiente, raso, que pudesse ser. Se assim não fosse, o que o motivaria a escrever a Rodrigo Otávio Filho a seguinte carta, a 26 de dezembro de 1920?

> Recebi a tua carta. Infame contabilidade! Além de tantas dificuldades peculiares ao negócio, o câmbio a 9 e a contabilidade contra! Mas esperamos que V. saberá dar volta à coisa, e obter o pagamento malgré contabilidade. Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gafe?
> Adeus, e obrigadíssimo
> Lobato[445]

[444] Cópia xerográfica de cópia datiloscrita. Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo, pasta 33, documento 3549.
[445] Correspondência a Rodrigo Otávio Filho (Col. R. O. F. / nº256), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa. A ortografia foi atualizada.

"Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gafe?" Uma carta resolveria o problema? Uma carta levaria o Ministério a saldar a dívida oriunda de uma assinatura da *Revista do Brasil* não paga?

Lobato insistiria noutra carta, sem data:

> Como está duro o Ministério, hein? Não acha V. que devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques [446] pedindo o obséquio de não ser caloteiro? Nem relapso ou tão tardio no pagamento dum sermão que eles mesmos (o Murici) encomendou?
> Responda-me. Abraça-te o Lobato [447]

"Não acha V. que devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques?" Anos mais tarde, em carta a Charlie W. Frankie, Lobato diria:

> Recebi a telefonada do Hilário e escrevi hoje duas cartas enérgicas, ao Armando e ao Clóvis. A coisa há de sair. Está sendo arrancada a fórceps.
> Minha ida é inútil. Faço daqui por cartas o mesmo que faria aí pessoalmente – e para agir pessoalmente tenho o Dr. Azevedo.
> Esteve com ele?
> Procure-o. Ele sabe agir e tem prestígio.

"Escrevi hoje duas cartas enérgicas [...] Faço daqui por cartas o mesmo que faria aí pessoalmente": Lobato parecia acreditar mesmo na eficácia das cartas, no poder da palavra escrita, ecoando pelo tempo e pelo espaço.

Por que se escrevem cartas afinal? Apenas para cobrar assinaturas não pagas ou para reunir as hostes em torno do petróleo? Uma resposta parece ser óbvia: para manter a comunicação com o destinatário. Mas desde o final do século XIX a carta não havia deixado de ser o veículo privilegiado de comunicação entre as pessoas? Não fora substituída pelo telégrafo e pelo telefone? Em *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*, a Baronne Staffe lamentava ver as comunicações telefônicas e telegráficas substituírem inteiramente as correspondências escritas [448]. Parece, porém, que a previsão melancólica da baronesa não se

[446] José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa. Possivelmente, o "Azevedo Gafe" da carta anterior.
[447] Correspondência a Rodrigo Otávio Filho (Col. R. O. F. / nº257), Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa. A ortografia foi atualizada.
[448] No original: "Il serait très malheureux de voir les communications téléphoniques et les dépêches télégraphiques se substituer entièrement aux correspondances écrites." STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les*

concretizou de todo, e o gênero teve uma grande sobrevida ao longo de todo o século XX, inclusive com o surgimento de grandes epistológrafos que, no caso brasileiro, basta citar Monteiro Lobato e Mário de Andrade para se ter esse argumento muito bem fundamentado.

Isso porque, no fim das contas, parece que o ato de escrever cartas não encerra em si tão-somente o aspecto primordial da comunicação. Há no ato da escrita da carta todo um ritual que qualquer outro meio de comunicação não pode manter. A escrita de uma carta tem o seu tempo próprio, tem o seu ritmo próprio. Nela se escolhe o que se vai dizer, pesam-se muito bem os prós e os contras, sabe-se até onde ir, o que falar e o que calar.

Como afirma Cavalheiro, "apesar de ter levado uma existência trabalhosa, cheia de altos e baixos, Monteiro Lobato jamais descurou da sua correspondência. Diariamente, antes de dar início às suas atividades, cuidava daquilo que julgava obrigação intransferível e inadiável". [449]

E talvez aqui esteja uma das chaves desse Lobato epistológrafo, intenso e extenso na sua atividade epistolar: uma obrigação intransferível e inadiável. Mas, talvez, mais do que isso: o veículo ideal para a expressão de sua "personalidade múltipla", como aponta Nelson Palma Travassos no livro em que procurou fixar "cada um dos múltiplos Lobatos". [450]

Como pudemos ver, cada uma das facetas de Lobato – a familiar, escrevendo aos pais e, posteriormente, à futura esposa; a de escritor, em formação e consagrado; a de editor revolucionário; a de adido comercial em Nova Iorque, admirado diante do progresso dos Estados Unidos dos anos 1920; a do militante do ferro e do petróleo, acreditando que nesses minerais estaria a chave para a independência econômica do Brasil; a do encarcerado, ironizando a mão de ferro do Estado Novo; a do escritor para crianças, mesclando realidade e fantasia – aparece estampada em suas cartas, de forma que, a cada momento, em cada uma das páginas que lemos, um retrato, um instantâneo, um *snap-shot* de Lobato se nos apresenta diante dos olhos.

Retrato, sim, mas com tudo aquilo que um retrato possa ter de construto. Afinal de contas, como observa novamente Nelson Palma Travassos, Lobato "muita vez [...] se escondeu [nas entrelinhas de suas cartas], não só pelo instinto humano da simulação – que nós todos

---

circonstances de la vie. Paris: Léon Chailley, Éditeur, Sixième édition, 1895, p.1. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 19 fev. 2006.

[449] *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, p.9.

[450] *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974, p.71, 81.

possuímos, mesmo quando falamos a nós mesmos – como também pela carência expressiva das palavras". [451] Ademais, Lobato era um homem público pelo menos desde o início dos anos 1910. Suas cartas já começam a aparecer reproduzidas em periódicos pelo menos desde o final dessa década [452]. E pelo menos desde meados da década a idéia de publicação já rondava a mente de Lobato, como sugerida por Rangel, a que se oporia Lobato, em carta de 29 de outubro de 1916:

> Falas tanto nas minhas cartas que estou na suspeita de que se enchem de coisas boas pelo caminho. Chegas a insistir na absurda idéia da publicação! Estou curioso de relê-las e verificar que enxertos são esses, tão do teu agrado. [453]

Rangel teria insistido com a idéia da publicação, à qual responderia Lobato, a 26 de maio de 1919:

> Que idéia sinistra a tua, de publicarmos as minhas cartas! Seria dum grotesco supremo, porque cartas só interessam ao público quando são históricas ou quando oriundas de, ou relativas a, grandes personalidades. No nosso caso não há nada nisso: não são históricas e nós não passamos de dois pulgões de roseira – eu, um pulgão publicado; você um pulgão inédito. O interesse que achas nas tais cartas é o interesse da coruja pelas peninhas dos seus filhotes. Foram um álbum de instantâneos da nossa vida. Mas o público quer penas de pavão, plumas de avestruz ou *aigrettes* de garça: não quer peninhas de filhote de coruja. Todos iriam rir-se de nós, além de que estão cheias de maldadezinhas endereçadas a amigos e conhecidos, sobretudo por mim, que tenho a mania de arrasar tudo, a começar por mim mesmo. Não. Varra com a idéia. [454]

É claro que não podemos perder de vista todo o processo pelo qual as cartas d'*A barca de Gleyre* passaram antes de serem publicadas, como vimos na Introdução deste trabalho. Processo que, na opinião de Tânia Regina de Luca, constitui um esforço "para difundir e cristalizar uma determinada auto-imagem, aspecto particularmente importante quando se

---

[451] *Id.*, *ibid.*, p.70.
[452] Na coluna "Bilhete", do jornal *A Pátria*, João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto, nascido em 1881 e falecido em 1921) transcreve um cartão recebido de Monteiro Lobato, prestando-lhe solidariedade em razão do atentado que sofrera em 03 de outubro de 1920 (*Cf.* RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p.240-5). Também em sua coluna "Bric-à-brac", do jornal *A Imprensa*, Câmara Cascudo publicaria uma carta de Lobato datada de 1º de agosto de 1920. Esses e outros artigos vêm reproduzidos no Anexo II.
[453] *A barca de Gleyre*, *cit.*, p.114-5.
[454] *Id.*, *ibid.*, p.198-9.

considera que Lobato foi deslocado, ainda em vida, do centro para a borda do campo literário". [455] Contudo, podemos imaginar que o processo da representação de si não teria se dado somente com a publicação da correspondência com Godofredo Rangel, mas sim ao longo de toda a carreira de Lobato: o filho obediente diante do pai, mas brincalhão diante da mãe; o noivo amoroso diante de Purezinha, mas misógamo diante dos amigos; o *magister* que preleciona aos amigos; o editor que se apresenta como revolucionário; o escritor consagrado que procura conduzir os novos que o procuram; o adido comercial que se americaniza; o "Napoleãozinho" do ferro e do petróleo; o mártir encarcerado; o fantasioso "Lobato das crianças".

Em cada um desses instantâneos, um Lobato que se auto-retrata, que apresenta uma sua faceta condicionada pelo tempo e pelo espaço. É em cada um desses Lobatos que encontraremos o "Lobato das cartas": tão diversos e variados foram quanto variada e diversa fora a sua correspondência.

[455] "Monteiro Lobato: poder e auto-representação n'*A barca de Gleyre*". *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.140.

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas

1) Documentos originais

Cartas de Monteiro Lobato a diversos correspondentes depositadas nos seguintes centros de documentação:

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro – RJ.

Arquivo Nacional. Rio de Janeiro – RJ.

Biblioteca Monteiro Lobato. São Paulo – SP.

Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro – RJ.

Casa de Oliveira Vianna. Niterói – RJ.

Casa de Oswaldo Cruz – Departamento de Arquivo e Documentação. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro – RJ.

Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (IEL – UNICAMP). Campinas – SP.

Centro de Memória. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro – RJ.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Rio de Janeiro – RJ.

Fundação Gilberto Freyre. Recife – PE.

Memorial Câmara Cascudo. Natal – RN.

2) Obras de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998. Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.

_____. *Urupês: outros contos e coisas, "edição onibus", comemorativa do 25° aniversário da estréia do escritor*..., organizada e prefaciada por Artur Neves. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

_____. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, prefácio de Edgard Cavalheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1ª edição, 1944.

_____. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, [por] Edgard Cavalheiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1955.

_____. Carta de Monteiro Lobato a Agrippino Grieco. *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1948, p.09.

_____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 2 tomos, 1959.

_____. *Cartas de Amor*. Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. De Lobato a Abguar [carta de Monteiro Lobato a Abguar Bastos]. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.14, agosto de 1958, p.06.

_____. Um documento de Monteiro Lobato – Carta a Cassiano Ricardo. *Autores & Livros*. Rio de Janeiro: Suplemento Literário de "A Manhã", vol. IX, n.4, 01 de agosto de 1948, p.59.

3) Obras sobre Monteiro Lobato

a) Sobre a epistolografia lobatiana

ALVES, Ernesto. *Ouvindo Monteiro Lobato através de algumas cartas*, Artes e Letras. Campinas, 11 jul. 1948.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. *A presença francesa em* A Barca de Gleyre. Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Gilberto Pinheiro Passos. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2001.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. Dissertação de Mestrado (orientação Ana Maria Lisboa de Mello). Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002.

CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

_____. Noticiário – Cartas de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Cecília Meireles e confissões de Mário de Andrade. *In*: CAVALHEIRO, Edgard. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944, pp.271-282.

LIMA, Herman. Monteiro Lobato e o Saci. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano II, n.23, outubro de 1944, pp.49-50.

LUCAS, Fábio. O Mundo das Cartas de Monteiro Lobato. *In*: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, pp.47-59.

MOREIRA, Dalton. Os últimos inéditos de Lobato. *Folha de S. Paulo*, 16 de setembro de 1984, p.59 (artigo disponível na Hemeroteca do CEDAE – IEL – UNICAMP).

NUNES, Cassiano. *O patriotismo difícil: a correspondência entre Monteiro Lobato e Artur Neiva*. São Paulo: Copidart, 1981.

_____. A correspondência de Monteiro Lobato. *In*: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, pp.61-85.

_____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s/ed., 1982.

_____. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: s/ed., 1983.

_____. *O último sonho de Monteiro Lobato: o georgismo*. São Paulo: Copidart, 1983.

_____. *A correspondência de Monteiro Lobato*. Brasília: Roberval, 1998.

NUNES, Cassiano (org.) *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. São Paulo: s/ed., 1986.

_____ (org.) *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

PANTALEONI, Nílvia Terezinha da Silva. *As cartas de Ruy Barbosa a Maria Augusta e de Monteiro Lobato a Purezinha: a interação por escrito e as metáforas do amor*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa (orientação Anna Maria Marques Cintra). São Paulo: PUC-SP, 1999.

VIANNA, Aurélio , FRAIZ, Priscila (org.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc, 1986.

b) Obras gerais sobre Monteiro Lobato e a obra lobatiana

ALBANO, Neide Munhoz. *Estilística-Lingüística: uma análise das cartas de Monteiro Lobato*. Londrina, PR: UEL (orientação Edina Regina Pugas Panichi), 2004.

ALVES, Henrique L. "Edgard Cavalheiro e Monteiro Lobato". *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XIX, n.39, setembro de 1960, pp.08-09.

_____. "Campanha Nacional pelo Museu Monteiro Lobato". *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XXI, n.58, abril de 1962, p.50.

ATHANÁZIO, Enéas. *Meu amigo Hélio Bruma*. São Paulo: Editora do Escritor, 1987.

_____. "Monteiro Lobato e o Modernismo – Equívocos que os afastaram". *Literatura – Revista do Escritor Brasileiro*. Brasília, São Paulo, 1992, n° 3, pp.19-22.

_____. "O outro lado de 'A Barca de Gleyre'". *Literatura – Revista do Escritor Brasileiro*. Brasília , São Paulo, n° 10.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de , CAMARGOS, Márcia , SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Um Cenáculo na Paulicéia: um estudo sobre Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo*. Brasília: Projecto Editorial, 2002.

BERTOZZO, Sandra Maria Giovanetti. *Revendo Monteiro Lobato: vida e obra de Edgard Cavalheiro – uma leitura de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 1996.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens Infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências*. Dissertação de Mestrado (orientação Marisa Philbert Lajolo). Campinas, SP: UNICAMP, 1999. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Cilza/index.html. Acesso em: 15 jun. 2002.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Brasiliense, 3ª edição, 1962.

_____. "As crianças escrevem para Monteiro Lobato". *Panorama: arte e literatura*, n° 7, ano 1. Minas Gerais: abril/maio de 1948.

CÉSAR, Guilhermino. "Dois Momentos de Lobato". *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, p.07-14.

COSTA, Dante. "Atualidade de Monteiro Lobato". *Leitura*. Rio de Janeiro, ano II, n.14, janeiro de 1944, p.11.

DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

_____. *Presença de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *O leitor, esse conhecido : Monteiro Lobato e a formação de leitores*, Tese de Doutorado (orientação Regina Zilberman). Porto Alegre: PUCRS, 2001. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese12.html Acesso em 03 fev. 2007 (posteriomente publicada em livro: DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí, SC: UNIVALI Ed.; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004).

EDREIRA, Marco Antonio Branco. *À caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. Dissertação de Mestrado sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2003.

FRIAS, FILHO, Otávio , CHAGA, Marco Antonio. *Monteiro Lobato*. Chapecó: Grifos, 1999.

FROTA, Aquino. Um serão no Sítio do Pica-pau Amarelo. Província de São Pedro. Porto Alegre, n.12, 1948, pp.40-43.

GARCIA, Eliana Yunes. O Pensamento Lobatiano: "princípios", "meios" e "fins". *In*: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, pp.29-34.

GOH, Simone Strelciunas. *Metalinguagem e marcas de oralidade em Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado (orientação Hudinilson Urbano). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

GRIECO, Agrippino. Uma traducção de Monteiro Lobato. *In*: GRIECO, Agrippino. *Pérolas*... Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1937, pp.183-190.

_____. Ainda uma traducção de Monteiro Lobato. *In*: GRIECO, Agrippino. *Pérolas*... Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1937, pp.190-197.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Queiroz, 1982.

LAJOLO, Marisa. A Modernidade em Monteiro Lobato. *In*: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, pp.15-22.

_____. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*, São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Monteiro Lobato, o mal amado do modernismo. *In*: LAJOLO, Marisa (org.) *Monteiro Lobato: Contos escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp.07-12.

_____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa (org.) *Monteiro Lobato – literatura comentada*, São Paulo: Abril Cultural, 1981.

LESSA, Orígenes. O brasileiro Lobato. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano II, n.15, fevereiro de 1944, p.08.

LOPES, Eliane Maria Teixeira *et al*. *Lendo e escrevendo Lobato*, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARSHALL, Ana Maria Dischinger. *Relendo Monteiro Lobato: representações de linguagem em cenários da lingüística, da literatura e do ensino*, Dissertação de Mestrado (orientação Rosa Maria Hessel Silveira), Porto Alegre: UFRGS, Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade – Faculdade de Educação, 2000.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano*, Dissertação de Mestrado (orientação Enid Yatsuda Frederico), Campinas, SP: UNICAMP, 1998. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Milena/index.htm. Acesso em: 15 jun. 2002.

MENEGALE, J. Guimarães. Monteiro Lobato. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.13, julho de 1958, p.25.

"MONTEIRO LOBATO VIDA E OBRA", Disponível em: http://www.lobato.com.br . Acesso em: 15 jun. 2002.

MONTELLO, Josué. Origem e grandeza de Monteiro Lobato. *In*: MONTELLO, Josué. *Histórias da vida literária*. Rio de Janeiro: Nosso Livro, [1944], pp.111-122.

MOURA, André Muniz de. *Monteiro Lobato: um leitor de Nietzsche*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

NUNES, Cassiano. *O sonho brasileiro de Lobato*. Brasília: s/ed., Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1979.

_____. *O "sonho americano" de Monteiro Lobato*. S/l.: s/ed., 1984?

_____. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1984.

_____. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998.

_____. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRÁS, 2000.

PASSIANI, Ênio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP (orientação Maria Arminda do Nascimento Arruda), 2001. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese9.doc Acesso em: 08 fev. 2007 (publicada posteriormente em livro: PASSIANI, Ênio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a*

formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: EDUSC (Editora da Universidade do Sagrado Coração), 2003).

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *O Melhor Anúncio do Século*. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2002. Disponível em: http://www.jrwp.com.br/artigos/lpt-artigos.asp?ID=79 Acesso em 25 jan. 2005.

PEREIRA, Maria Otília Farto. *Estilo e metalinguagem na literatura de Monteiro Lobato*. Tese de Doutorado (orientação Jeane Mari Sant'Ana Spera). Assis, SP: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2004.

RESUMO das sessões realizadas em outubro de 1944. Sessão de 12 de outubro. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, n.68, 1944, pp.367-375.

RESUMO das sessões realizadas em julho de 1948. Sessão de 08 de julho. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, n.76, 1948, pp.366-372.

RESUMO das sessões realizadas em julho de 1948. Sessão de 22 de julho. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, n.76, 1948, pp.377-380.

ROSA, Wenceslau. Lobato na Literatura Brasileira. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XVII, n.18, dezembro de 1958, pp.32-33.

SODRÉ, Nelson Werneck. Lobato e as crianças. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano II, n.24, novembro de 1944, pp.39,44.

TELLES, Lygia Fagundes. "E agora, adeus!" *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1948, pp.11-12.

TRAVASSOS, Nelson Palma. A infantilidade do Pe. Salles. *Leitura*. Rio de Janeiro, ano XVI, n.7, janeiro de 1958, pp.30-31.

_____. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VIEIRA, Adriana S. Metáforas lobatianas de leitura. *In*: *Proleitura*, UNESP de Assis, n° 18, fev./1998, p.07.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e a Aventura do Imaginário. *In*: *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, pp.35-46.

4) Obras Gerais

a) Sobre epistolografia

ALBALAT, Antoine. "Lição Vigésima – Do estilo epistolar". *In*: _____. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 8ª edição, 1948, p.319-25.

AMBRIÈRE, Madeleine, CHOTARD, Loïc (orgs.) *Nouvelles approches de l'épistolaire: lettres d'artistes, archives et correspondances*. Actes du Colloque international tenu en Sorbonne les 3 et 4 décembre 1993. Textes réunis par Madeleine Ambrière e Loïc Chotard. Paris: Honoré Champion, 1996.

ARROU-VIGNOD, Jean-Philippe. *Le discours des absents*. Paris: Gallimard, 1993.

BAASNER, Rainer (org.) *Briefkultur im 19. Jahrhundert*. Herausgegeben von Rainer Baasner. Tübingen: Max Niemeyer, 1999.

BASTOS, Maria Helena Câmara , CUNHA, Maria Teresa Santos , MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.) *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 2002.

BILAC, Olavo , BOMFIM, Manoel. Cartas. *In*: BILAC, Olavo , BOMFIM, Manoel. *Livro de Composição*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 9ª edição, 1930, pp.187-206.

CHAMAYOU, Anne. *L'esprit de la lettre (XVIII^e siècle)*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

CHARTIER, Roger , BOUREAU, Alain , DAUPHIN, Ecile C. *Correspondence: Models of Letter-Writing from the Middle Ages to the Nineteenth Century*. Princeton, NJ, U.S.A.: Princeton University Press, 1997.

CHARTIER, Roger (dir.) *La correspondance : les usages de la lettre au XIXe siècles*. [Paris]: Fayard, 1991.

CÍCERO, Marco Túlio. *Lettres familières – I. Livres I-VI*. Traduction nouvelle de Édouard Bailly. Paris: Librairie Garnier Frères, tomo I, 1933.

DEMÉTRIO. *Sobre el estilo*. Introducciones, traducciones y notas de José García López. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*. Paris: PUF, 2002.

D'ORVAL, Baronne. La correspondance. *In*: _____. *Usages mondains – Guide du savoir-vivre moderne dans tous les circonstances de la vie*. Paris: Victor-Havard et Cie., Éditeurs, sixième édition, 1901, pp.389-407. Disponível em: http://gallica.bnf.fr Acesso em: 09 jan. 2004.

ERASMO (pseud. de Eduardo Ramos). Factores da civilisação contemporanea. *In*: ERASMO (pseud. de Eduardo Ramos). *Correspondencia, notas e colloquios de Erasmo (Eduardo Ramos) – Collaboração n'O Paiz (Capital da União) de 1911 a 1912*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1914, pp.33-39.

_____. Pastel Postal. *In*: ERASMO (pseud. de Eduardo Ramos). *Correspondencia, notas e colloquios de Erasmo (Eduardo Ramos) – Collaboração n'O Paiz (Capital da União) de 1911 a 1912*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1914, pp.159-169.

FAJEAU, Fabrice (org.) *Raconter, séduire, convaincre: lettres des XVII^e^ et XVIII^e^ siècles*. Présentation et dossier-jeu par Fabrice Fajeau. Paris: Flammarion, 1998.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de Antõnio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. S. l.: Veja, [1997], pp.129-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira , GOTLIB, Nádia Battella (org.) *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998.

KAUFMANN, Vincent. Relations épistolaires – De Flaubert à Artaud. *In*: *Poétique – revue de théorie et d'analyse littéraires*, XVII, 1986. Paris: Éditions du Seuil, pp.387-404.

_____. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Minuit, 1990.

LINS, Ronaldo Lima. Caro amigo: as cartas e a construção da identidade moderna. *In*: *Revista do Livro*, n.45, Ano 14, outubro 2002. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, pp.179-190.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. "Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa". *In*: _____. *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

QUEIROZ, J. *O Secretário Moderno ou Guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1950.

ROCHA, Andrée Crabbé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

SILVA, J. T. da. *Cartas familiares: novíssimo manual epistolar contendo cartas de Boas Festas, aniversários, parabéns; de solicitações e empenhos, de convites, pêsames, etc. etc.* Nova edição cuidadosamente revista e aumentada com novos modelos de cartas por J. T. da Silva. São Paulo: Teixeira, s/d.

STAFFE, Blanche, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Paris: Léon Chailley, Éditeur, Sixième édition, 1895. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 19 fev. 2006.

_____. *Usages du monde – Régles du savoir-vivre dans la société moderne*. Paris: Victor-Harvard, Éditeur, Vingt-Quatrième Édition, 1891. Disponível em: http://gallica.bnf.fr/ Acesso em 19 fev. 2006.

SUCUPIRA FILHO, Eduardo. *A arte de escrever cartas e os meios de adquirir um bom estilo*. [São Paulo]: s. ed., 6ª edição, 1968.

TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

WILLIAMS, William , TRESSLER, J. C. "The Letter". *In*: _____. *Composition and Rhetoric by Practice*. Boston: D. C. Heath and Company, 1923, p.112-51.

b) História da Literatura, obras gerais e de referência

ABREU, Casimiro de. *Obras Completas de Casimiro J. M. de Abreu*, colligidas, anotadas precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o auctor e seus escriptos por J. Norberto de Souza S. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, 1888.

ABREU, Dina Maria Baptista. "A importância da linguagem gastronômica nas sátiras de Juvenal". *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 3 (2001), p.81. Disponível em: http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Linguagem.pdf Acesso em 26 jan. 2007.

ABREU, Maria Morgado de. *Taubaté: de núcleo irradiador de bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba*. Aparecida, SP: Santuário, 1985.

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 8ª edição, 1948, p.319-25.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

AZEVEDO, Álvares de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente de Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976.

BAUDELAIRE, Charles. *Cartas a la madre (1833-1866)*. Traducción, introducción y notas de Roberto Mansberger. Barcelona: Grijalbo, 1993.

_____. *Correspondance*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler. Paris: Gallimard, 1973, t.1.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, s.d.

BRAY, Renato Toller. "A cultura jusnaturalista escolástica-tomista e o neotomismo no Brasil". *Jus Navigandi*. Disponível em: http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7250 Acesso em 28 fev. 2006.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial*. São Paulo: SENAC, 2001.

CARLOS & MÁRIO: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Prefácio e notas de Silviano Santiago; organização e pesquisa iconográfica de Lelia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

CARROL, Lewis. *The selected letters of Lewis Carroll*. Edited by Morton N. Cohen. [New York]: MacMillan (Papermac), 1982.

_____. *Cartas às suas amiguinhas*. Tradução e notas de Newton Paulo Teixeira dos Santos. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

CARVALHO, José Murilo de *et al. Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1985.

DEL FLORENTINO, Teresinha Aparecida. *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1982.

De LORENZO, Helena Carvalho & COSTA, Wilma Peres da (org.). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1997.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: http://www.dicionariompb. com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Assis+Pacheco Acesso em 14 fev. 2005.

ENCICLOPÉDIA DA LITERATURA BRASILEIRA. Direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. 2ª ed. rev., ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001.

FLAUBERT, Gustave. *Gustave Flaubert – George Sand: correspondance*. Texte édité, préfacé et annoté par Alphonse Jacobs. Paris: Flammarion, 1992.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMIDE, Bruno Barretto. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. Tese de Doutorado (orientação Francisco Foot Hardman). Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. Seleção e tradução de Noênio Spínola. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1959.

GUSDORF, Georges. *Les Écritures du Moi*, *Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP/T.A. Queiroz, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra – estudos de crítica literária (1920-1947)*. Org. de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996.

IV Centenário de São Paulo – Especial Memória. São Paulo: Abril, 1954. Disponível em: http://www.abril.com.br/especial450 Acesso em 20 março 2005.

LAJOLO, Marisa , ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *O Preço da Leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia paulistana*. São Paulo: Duprat, 1903. Disponível em: http://www.geocities.com/lscamargo/gp/genpaulistana.htm Acesso em 24 julho 2006.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.

MACHADO, José Barbosa. "As histórias de Beatrix Potter ou a deriva da Arca de Noé", 1994. Disponível em: http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/infantil/estudo01.htm Acesso em 14 out. 2006.

MAJAKOVSKIJ, Vladimir. *Cartas de Amor a Lilja Brik (1917-1930)*. Desenhos originais de Majakovskij, introdução de Giansiro Ferrata, tradução de João Amendola. São Paulo: Hemus, 1973.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MELO, Victor Andrade de. "Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX". *Estudos Históricos*. Tema: Esporte e Lazer. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº 23, 1999, 44p. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/258.pdf Acesso em 28 jan. 2005.

MICHEL, Louise. *Cartas a Victor Hugo*. Introdução de Luiz Carlos Dantas. Tradução de Ana Paula Castellani. Vinhedo, SP: Horizonte, 2005.

MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MORAES, Marcos Antonio de. *"Orgulho de jamais aconselhar" (A epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico)*. Tese de Doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

NEIVA, Arthur. *Daqui e de longe... Chronicas nacionaes e de viagem*. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

PAIXÃO, Fernando (coord.) *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

PAULO FILHO, Pedro. *Grandes Advogados, Grandes Julgamentos (No júri e noutros tribunais)*. Campinas, SP: Millennium Editora, 2003.

PRESTES, Anita Leocadia, PRESTES, Lygia (org.) *Anos tormentosos: Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945)*. Apresentação, seleção e notas de Anita Leocadia Prestes e Lygia Prestes. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2002, 3v.

QUITARD, Pierre-Marie. *Dictionnaire étymologique, historique et anecdotique des proverbes et des locutions proverbiales de la langue française en rapport avec des proverbes et des locutions proverbiales des autres langues*. Paris: P. Bertrand, 1842. Disponível em: http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-50844&M=pagination&Y=Image Acesso em 20 março 2005.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. *O Espelho da Nação: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971)*. Tese de Doutorado (orientação Marisa Philbert Lajolo). Campinas, SP: UNICAMP, 1999. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/ Teses/Marcia/ index.htm. Acesso em: 15 jun. 2002.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros: Biografias dos militantes anarquistas e anarco-sindicalistas brasileiros*. Rio de Janeiro / Florianópolis: VJR-Insular, 1994-1997. Disponível em: http://www.agrorede.org.br/ceca/edgar/Comps.html Acesso em 14 fev. 2005.

SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei tive uma surpresa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 3ª edição, 1999.

SÊNECA, Lúcio Aneo. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SETTE, Mário. *Memórias íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 3ª edição, revista e aumentada, 1973.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5ª edição, 1969.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Nos Bastidores da Literatura*. Prefácio de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1944.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. São Paulo: Saraiva & Cia., 2v., 1924.

VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto; edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2v., 1995.

VIEIRA, Camila. "O navegante da cultura. Entrevista de Affonso Romano de Sant'Anna". *O Povo*. Fortaleza, 28 de agosto de 2004. Disponível em: http://www.noolhar.com/especiais/bienalfortaleza/396025.html Acesso em 24 abril 2005.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WEGUELIN, João Marcos. *O Rio de Janeiro através dos jornais*. Disponível em: http://www.uol.com.br/rionosjornais/rj13.htm . Acesso em 14 fev. 2005.

ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Anexo I

Cartas de Monteiro Lobato

NOTA PRÉVIA

Aqui estão transcritas as cartas inéditas de Monteiro Lobato que foram recolhidas em alguns centros de documentação do país. Nesse sentido, foram deixadas de fora as cartas que já tenham sido publicadas, salvo quando houvesse alguma razão para a sua transcrição aqui. Cada grupo de cartas é precedido pela identificação do local em que podem ser encontradas. Sempre que existente algum tipo de referência ou organização, esta foi registrada na transcrição.
Foram adotados os seguintes critérios:

1º) Conservou-se a ortografia original;

2º) Foram mantidas na transcrição rasuras e erros de datilografia;

3º) Trechos de difícil interpretação ou que sofreram qualquer espécie de mutilação foram indicados como [ilegível];

4º) Todas as hipóteses em relação ao texto vêm registradas entre colchetes;

5º) Sempre que possível, as referências feitas nas cartas foram identificadas por meio de notas.

Cartas a Antônio Salles
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
Casa de Rui Barbosa

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 1-2]

[manuscrito]

S.Paulo 9 Out. 918
Presado aº. Ant. Salles

Em mãos o seu bilhete de 28. O J. do R.[456]! Aquela nadegosa creatura, Petronio de gaforinha, quantas vezes publicar é quantas vezes levará páu. Tenho-o atravessado na garganta, e só admiro a paciencia com que todo o mundo lhe tolera o pontificado chic.

A "Revista" está organisando um corpo de directores estaduaes. Lembrei-me de convidar no Ceará ao padeiro mór; mas informado de que elle não residia ahi effectivamente, mandei convite ao Papi Junior[457], não recebendo resposta até agora.

Meu caro Ant. Salles, é de velha data que sou seu amigo – somos todos naturalmente amigos, embora nunca avistados, os que temos /fl.1v/ um certo molde mental – e um odio commum a essa coisa moderna de que J. do R. é o grande expoente. Precisamos nos approximar, pois, sobretudo agora que a Rev. do Brasil, nas minhas mãos, se tornou um centro propicio.

Trabalho por tornal-a de facto a revista do Brasil, e não apenas sulista como tem sido, e tbem pª. congregar em torno della todos os espiritos largos, todos os bons escriptores que tenham idéas e saibam o segredo de amenidade.

Preliminarte. trato de divulgal-a o mais possivel, porque a prosperidade commercial da empreza permittirá o selecionamento e o apuro da collaboração. Vae tudo mto. bem. Em quatro mezes apenas de trabalho já houve um augmento de assignaturas de perto de 800, o que me faz admittir /fl.2/ a hypothese de uma victoria completa.

Posta a mira nesse objectivo e fazendo a divulgação da Revista uma idéa fixa – prego mettido na cabeça – peço a todos os amigos a cooperação preciosa duma sympacthia activa. A Revista é nossa; que todos, pois, ajudem-n'a o seu bocado – todos que tem nas veias umas gotas de D. Quixote.

Como? Preconisando-a aos amigos, influindo-os a assignarem-n'a, remettendo o que encontrar digno de publicidade, gravuras antigas, documentos preciosos, notas pitorescas – ou suggestões, conselhos... Tudo é contribuição e o total de pequenas parcelas avulta. Ahi nessa poetica terra do Ceara temos... seis assignantes! Menos do que em qualquer lugarejo de S.Paulo ou Minas. Menos que em Tres Lagoas (onde alias temos 24!) cidade com oito annos de ~~vida~~ idade.

em Matto Grosso!

/fl.2v./ Conhecedor que é do Norte pode indicar-nos os nomes mais convenientes para o lugar de director nos Estados visinhos?

[456] João do Rio.
[457] Antônio Papi Júnior (1854-1934), escritor carioca radicado no Ceará.

Adeus. Já muito abusei de tua paciencia. Fico, pois, a espera de sua resposta pª. ulterior combinação.

Abraça-o affectuosa^te^. o
Monteiro Lobato

Caixa 2. B

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 3-4-5-6]

[manuscrito; existe cópia datiloscrita]

S.Paulo 30 Nov. 918

Meu caro Antº. Salles,

Recebi e li, "Aves d'Arribação". E não comprehendo porque não teve esta novela a estardalhaçante consagração merecida! Â cada capitulo, a medida que me crescia o enlevo, punha-me a ~~admirar~~ pensar no cabotinismo sujo que tomou conta das nossas letras, e por ahi thuribula com furor tanta coisa reles, cobrindo com o capote do silencio as obras de verdadeiro valor. Um exemplo: cada vez que Felix Pacheco edita ou reedita qualquer coisinha, geme o telegrapho, geme a imprensa do paiz inteiro em longos estudos criticos onde se encastoa o homem num corno reservado da Lua. Tenha ou não tenha valor a obra, se vem de paredro literario, bem graduado nalguma maçonaria secreta, Loja d'Apollo, Commissão Central do Partido Republicano Paulista, corre um mot d'ordre, e explue a apotheose.

Ha varios corrilhos assim organisados para sustentar taes e taes marcas de fabrica. No entanto a sua novella passou, silenciosa, num vôo discreto de ave de arribação. Digo isto pelo que vejo aqui. Não o encontro nas livrarias, com excepção do Alves; aos amigos, dados a letras, a quem falei a respeito, ouvi sempre a mesma resposta: não li. Eu mesmo a desconhecia, até de nome. E que injustiça!

Onde um painel de costumes mais fiel do que aquelle? Lendo-o ia reconhecendo em cada personagem um typo com que esbarro em todas as cidades do Brasil. Ipuçaba é o Brasil. Asclepiades, Alipio, Casimiro, não são individuos, são legiões. Não são cearenses, mas nacionaes. Que galeria, meu amigo! Que riqueza ha ali dentro! Florzinha – a menina seria, enigmatica pela simplicidade desnorteadora do seu mechanismo psychico, toda instinctos mas sem vontade – e sacrificada. Ritinha – a eterna

II

victima do macho arreitado, a coitadinha que paga o crime do temperamento dos paes, temperato. que herdou e que a domina, quebrando-lhe as forças, no momento do assalto. Alipio – o Brasil novo, educado á franceza, com a moral no bolso, chama que persegue e queima a aza das mariposas, garanhão mordedor, á solta no pasto, – o aproveitador, o arrivista

– o homem que a sociedade critica, mas admira e imita – Alipio: nós todos, os superiores... O jury; a moral theorica e a moral realisada. As paisagens, pintadas com mão de Rose Bonheur[458]: vi-as todas, nenhuma dellas me deixou no espirito uma impressão confusa. A psychologia, paisagem d'alma: mesma nitidez, mesmo apuro de desenho. A filosofia decorrente do livro, o compendio de sociologia brasileira que elle é!

Este mez eu tentei (isto fica muito em reserva cá entre nós) ler varios romances de Coelho Netto e Afranio. Fui-me a elles armado dessa sympathia que torna legiveis os livros illegiveis. Pois confesso: não consegui chegar a termo. Não discuto nem analyso o porque. Adopto o systema de não argumentar com o paladar. Se lhe sabe a iguaria, bem; se não, ponho-a de lado. Entre beber vinho e ingerir oleo de ricino, tudo é beber, mas... Já com o seu livro foi o contrario. Li-o d'arranco, e porisso me externo tão longamente. Não ha gosto maior do que encontrar no mundo almas affins – e abrir-se para com ella com ingenua sinceridade. Meu sonho, na Rev. do Brasil é fazel-a crescer pelo paiz inteiro de modo a ligar todos os espiritos superiores; e pol-a a serviço delles, / não só para a publicação das suas obras, como para a divulgação das anteriores, já publicadas. Não procuro reunir nella os medalhões. Entram velhos e novos, contanto que revelem valor. Erro diaria[te]. na apreciação do valor – submetto-me às vezes às injunções de amizade, de sympathia, mas – dado o desconto da contingencia humana – procuro fazer della um instrumento serio e honesto de entrelaçamento mental como não existiu nem existe outro no paiz. Está no meu programma publicar ensaios criticos sobre as obras injustamente esquecidas, ou mal conhecidas.

III

Pretendo iniciar a serie com um estudo sobre a sua novella. Ou faço-o eu, se puder (o tempo me é mto. escasso) ou recomendal-a-ei ao J. M. Bello[459]. Outra novela que merece ser tirada do ostracismo é a D. Guidinha do Poço. Parece-me que a Rev. Brasil não a publicou integralmente. Com quem estarão os originaes? Já escrevi a várias pessoas a respeito, sem resultado. Acho mto. bonito aquilo, e queria até edital-a. Faz parte do meu programa uma secção editorial, por um systema novo, que organiso. Puz, e estou pondo, a Revista, em contacto com todas as cidadesinhas do Brasil onde haja uma livraria ou papelaria – já fichei 200 – e as obras editadas pela Rev. apparecerão nessas 200 casas ao mesmo tempo. Poucos exemplares, 3, 5, 10, conforme a importancia do lugar – mas apparecerão, e serão adquiridas pelo menos em parte. Obterei assim uma diffusão que ninguem suppoz nunca possivel. Já fiz a experiencia com o meu livro, e o resultado foi que neste semestre (precisa[te]. 5 mezes) tiro delle 8.000 ex. em tres edições.

Ora, a machina está em inicio de montagem. Depois de organisado definitiva[te]. julgo ter nas mãos uma especie de rêde telefonica que ligue todos os homens de letras e os ponha em contacto com a sua clientela – a meia duzia de pessoas que em cada cidade se preoccupa de ouvir intellectuaes, Iê e compra livro. Assim, quando V. tiver algum novo romance a editar não

458 "BONHEUR (Marie Rosalie, dita Rosa), pintora e escultora francesa (Bordeaux 1822 – By, Seine-et-Marne, 1899). Suas cenas rústicas tiveram grande êxito na França, Inglaterra e Estados Unidos." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.4, p.839).

459 "BELO (José Maria de Albuquerque), historiador brasileiro (Barreiros PE 1885 – Rio de Janeiro RJ 1959). Redator de debates e bibliotecário da Câmara dos Deputados; deputado, senador e governador eleito de Pernambuco, não foi empossado devido à Revolução de 1930. Exerceu o professorado e o jornalismo; foi procurador da prefeitura do Distrito Federal. Escreveu vários estudos críticos (1917), ensaios sobre Rui Barbosa (1918) e o clássico *História da República* (ensaio, 1940), etc." (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v.3, p.721).

deixe do consultar-nos primeiro. Agora, esta semana, contratei varias obras do Martim Francisco e um romance do Lima Barreto[460]. Uma sua viria em mto. bom momento. Faço contratos dando 50% dos lucros liquidos ao autor. Mas só edito coisas boas.

Para conseguir a realisação do meu plano eu precisava contar com a sympathia activa dos directores regionaes – homens como V. que comprehendem logo o alcance deste esforço. Se todos trabalharmos com afinco nesta obra commum, que bellos resultados colheremos! O maior delles será possibilisar edições grandes, e, portanto, lucros apreciaveis para o pobre do escriptor que raro tira proveito do seu trabalho mental. Mas como é difficil encontrar os verdadeiros amigos da Revista! Como se erra na apreciação dos homens! Quanta trapaça! Quanto calote! Não obstante, a idéa

/-6-/

caminha, e hoje uma, amanhã outra, vou congregando em torno da Revista todas as boas vontades em que ela se alicerçará. Quixotada? Que importa! As mais belas coisas do mundo tem sahido de D. Quixote.

– Obrigado pela noticia que deu da Revista. Preciso agora que me indique com que jornais devo fazer a permuta da Revista.

Já convidei para directores regionaes as pessoas que me indicou, e aguardo resposta. O Papi, moita, e não posso esperar mais. Ficamos entendidos, portanto, que no Ceará será Antonio Salles o director. No proximo numero já virá o seu nome na capa.

Que mais, meu amigo? Que mais alem de um abraço comovido pelo alto prazer mental que me proporcionou – a mim e à minha mulher, que tem o faro do cosinheira de Molière[461], e nunca erra nas apreciações. Leu ~~e disse~~ antes de mim, contou-me a historia inteira, frisando a psychologia de cada typo, e relacionando-a á de varios conhecidos nossos. E concluiu: – Não passe esse livro a ninguem que eu quero reler varios trechos.

Ella não é literata, não é bas-bleu. Mas é como o rato que roe sempre o melhor queijo.

Adeus, e disponha do
Mont. Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 7-8]

[datiloscrito assinado; existe cópia datiloscrita]

S. Paulo, 2 * 1 * 919

460 *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.*

461 Lobato parece fazer referência à cozinheira Martine da comédia *Les femmes savantes* (1672), que é despedida pela patroa por expressar-se mal. As réplicas da empregada à patroa ("Tudo o que vós pregais é, creio eu, belo e bom; mas eu não saberia, eu, falar o vosso jargão"; "quando a gente se faz entender, sempre se fala bem, e todos os vossos belos ditos não servem para nada"; "eu não estudei como vós e falo tudo certo como a gente fala na nossa casa"), na cena VI do ato II, parecem coadunar com uma "arte poética" lobatiana expressa, entre outros exemplos, no início do conto "O 'Resto de Onça'", publicado em *Cidades mortas*, em que a referência à "cozinheira de Molière" também aparece, encarnada em Josefa, "velha mulata sabidíssima".

Presado amigo A. Salles

Está salva a patria. Papi escreve escusando-se por varios motivos e o sou nome já figura na capa do ultimo numero como o director da revista no Ceará.

Tanto tempo andei atraz de boas informações sobre a "Guidinha do poço" e afinal me chegam ellas inesperadamente e da melhor fonte. Tenho cá a Rev. Bras. mas com falta dos ultimos fasciculos onde vem o final da primorosa novella. Desejo muito edital-a em volume porque é um crime tel-a enclausurada numa revista hoje rara. Mas, nesse caso com quem devo me entender a respeito de direitos autoraes? Na qualidade de editor tomo cautellas para evitar futuros aborrecimentos. Preciso de informações a respeito. Fica desde já entendido que o amigo prefaciará a obra e eu me esforçarei por que na factura material não destoe o livro das excellencias da obra. Quero ver se a faço illustrada. Depois, muita propaganda e reclame. Foi o que faltou as AVES. O publico naõ pode adivinhar; é mister que lhe abramos os olhos. Para começar – porque naõ me conformo de ver tanta bagaceira da A. B. de L. no galarim e o seu livro esquecido – já escrevi ao J. M. Bello sobre o estudo critico de que lhe falei na outra. Caso responda recusando-se baterei á porta do Amadeu Amaral; falhando inda este, fal-a-ei eu. Ando escassissimo de tempo, mas quando ha boa vontade "faz-se tempo". E ando escasso de tempo porque m'o toma todo a revista. Metteu-se-me na telha embrechar o Brasil de Revistas do Brasil, e vivo n'um

/fl.2/

corropio. O programma deste anno é levar a tiragem a 10.000 ex., coisa que parecia impossivel mas que absolutamente naõ é, como demonstrei com factos. Para isso muito conto com a boa vontade de amigos sympaticos e dedicados. Dez mil, porque naõ? Si tirei dos URUPES 7.000 em cinco mezes poque naõ farei outro tanto com a revista? A questão é de trabalho e organisação, coisas que nunca sobraram nas tentativas anteriores, sempre eivadas dos vicios de vieux jeu. Estou a espera de que me entregue a officina um material de propaganda que encommendei, e lhe escreverei de novo remettendo munição e combinando detalhes para a grande offensiva do veraõ contra o naõ assignante. Tambem mandarei uma batelada de numeros avulsos para inundar esse Ceará inteiro. E ha de ver que os assignantes viraõ como avoantes...

Como naõ vivo disto, empato toda a renda da revista na propaganda e vejo que é boa politica. Veremos como se comporta o Ceará. Naõ deixa de ser um positivo escandalo, capaz de incommodar na tumba os ossos de Alencar o facto absurdo de termos 25 assignantes em Tatuhy – uma cidadoca – e na terra de Iracema, dos "verdes mares" e de tantas e taõ bellas intelligencias termos apenas...

[datilografado com tipos diferentes]

(3 de Janeiro)

Continuo hoje. Apenas...

Em Crato	1	
Benj. Constant		1
Milagres	1	
Fortaleza	7	

E mais não diz o nosso registro de assignantes!
Quer isto dizer que o Ceará está virgem. E que te-

/fl.2v./

mos muito ou tudo que fazer ahi. Se o amigo me ajuda com o prestigio que tem logo a situação estará mudada.

Para não perder tempo já por este correio mando um sortimento de numeros para ir distribuindo pelos seus amigos nas condições do assignantes provaveis.

O material de que atraz falei Irá depois.

E por hoje basta

Do

[ass. M. Lobato]

P.S. Minha mulher agradece ~~as retribuições~~ os cumprimentos da sua e manda muitas lembranças (Inda hontem me disse ella que ia reler as Aves... Olhe que ella é a cosinheira de Molière!)

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 9-10]

[manuscrito]

[papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / SCIENCIAS – LETRAS – ARTES / CAIXA POSTAL, 1373 / **S. PAULO**]

S. Paulo 31-1-919

Presado Aº. Salles

Tenho em debito varias cartas suas. Numa V. revelava-se desconfiadissimo quanto aos destinos da Revista. É natural. Mas o caso foi este: a grippe paralysou durante 45 dias as officinas do "Estado" onde é feita a Revista, e como é uma officina [ilegível], de muito serviço, tendo grande copia de contratos de obras a entregar ate o fim do anno, ao voltar à actividade só cuidou das a que estava presa, e nós ficamos esperando. De modo que só neste mez poderemos regularisar a coisa. Foi um trabalhão, imagine. Expedir tres numeros num só mez! Mas fizemol-o. O 35 foi para o correio no dia 5, o 36 no dia 15, e o 37 hontem, 30. Tome nota lá para ver quanto tempo gasta o correio na viajem: os numeros de Janeiro foram expedidos a 30 de Janeiro.

O correio novo é mais que uma vergonha, é uma infamia. Não imagina o que recebemos de reclamações e que prejuizo é isso! Que paiz, o nosso! Já me lembrei de mandar as assignaturas dos Estados, em pacotes de 10, registrados e endereçados ao agente de cada cidade, fazendo este a entrega. Mas elles quererão dar-se a esse trabalho? É um problema de difficil solução.

A edição de novembro exgottou-se, e é com difficuldade que arranjamos um numero para o Herman Lima[462]. Vae registrado. Quanto esta lhe chegar às mãos, ja

/fl.2/

deve estar lido o nº. de Dezembro, e em mãos dos estafetas o de Janeiro. Em Crato temos uma boa agente, a mesma do Correio. Arranjou-nos lá 10 assignantes, o que com 2 já existentes

[462] Herman de Castro Lima (1897-1981), escritor cearense.

forma 12. Dois mais que em Fortaleza! A Revista cresce que é uma lindeza. Estamos tirando 5.000 ex. e espero até o fim do anno tirar 7.000 o que será um facto merecedor de foguetes, porque virgem no Brasil para uma publicação pouco popular como a nossa. Ja temos directores em 7 Estados. Procuramos agora o homem de Alagoas, R. G. do Norte, Sergipe etc. Se pudesse nos indicar nomes idoneos, era favor, porque não conhecemos ninguem desses Estados. Agora que a sahida da Rev. esta regularisada vamos trabalhar na diffusão. Dê-nos conselhos quanto ao movimento ahi, indique-nos agentes nas melhores cidades, e requisite o material de propaganda que julgar necessario.

Unamo-nos nesta campanha para obrigar o Brasil a ler a força. Estamos aqui enthusiasmados com a sua boa disposição. Ah! se em todos os Estados encontrassemos um auxiliar da sua ordem!... Meu plano é por a Revista n'um pé de prosperidade que permitta fazer della, logo que as circunstancias commerciaes o permittam um magazine magnifico, abundante[te]. illustrado, como ainda não tivemos outro. E parece que tudo caminha para lá.

Adeus, e disponha deste companheiro de cruzada

Lobato

[escrito na vertical, na margem esquerda da folha]

Meu retrato! Eu sou mto. feio. Vou mandar-lhe um e V. vae [ilegível]

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 11]

[datiloscrito assinado; existe cópia datiloscrita]

[papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. Paulo, 25-2-919

Presado amigo

Em maõs a sua de 12. Obrigado pelo que já começou a fazer pela nossa revista, a qual vae de vento em popa. Estamos completando installação de officinas proprias e espero ~~que~~ ver o numero de março sair dellas. Isto permitte-nos alargar a secção editora que acaba de parir mais uma obra, romance do Lima Barreto, do qual lhe mando um exemplar. Ja mandei registrar no livro de remessa a Bibliotheca dahi, como pediu. Quanto ao romance do Paiva, aqui farei copiar o que falta ao que me vae mandar, e havemos de fazer uma boa edição. Não era conveniente virem esses originaes com uma revisão sua? Ha de por força hever gatos nelles.

Junto com o seu exemplar do livro do Lima Barreto vão mais 3 para que o amigo offereça em nome da Revista aos jornaes dahi. E agora aguardemos o resultado do seu trabalho de propaganda do qual multo espera a Revista. Que pena ser a nossa terra um paiz de analphabetos!

Adeus, disponha do

[ass. Lobato]

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 12]

[manuscrito]

S. Paulo 6.3.919

Presado Aº. Salles

Como insistes lá mando minha má careta. Foi preciso dar busca em velha papelada para descobril-a. Amador photographico, tenho fotografado meio mundo e meia natureza, mas sempre atraz da machina, nunca me occorreu pôr-me ante a objectiva. Vae porisso um retrato velho, de quando me bacharelei. Venha agora o teu: curiositas versus curiositas. Já escrevi ao H. Castriciano[463] (que é um dos dois unicos assignantes q. temos no R. G. do Norte). Se acceitar, como aceitou o indicado do Amazonas, fica Antonio Salles guindado à posição de Grande Eleitor[464], e uma especie de superintendente geral pª. o Norte. Vê-se que o antigo Padeiro inda não perdeu o amor à arte, e continua padeiro quand même. Assim encontrassemos em todos os estados um conselheiro e amigo como V.! Desculpe o Voce – lá escapou e agora fica.
Recebi do R. Teophilo[465] uma carta e a Violação. Optimas qualidades possue elle, de narrador. Empolga-nos a imaginação da primeira à ultima linha. Com um pouco mais de apuro na fórma, melhores pronomes, etc., esse conto seria uma das obras primas da nossa literatura. Da nossa pobre literatura. Leu nossa Resenha Bibliographica publicada pelo "Estado"? 300 livros em 1918! (A Allemanha antes da guerra dava 70.000 por anno) Destes 300, 192 vindos à luz no Rio, 58 em S. Paulo, 9 em Minas, 7 na Bahia, e por ahi abaixo ate 0, contribuição de 5 Estados. E nestes 300 quanta bagaceira, quanto livreco!... Pobre paiz!
Adeus Salles, abraça-te o Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 13]

[manuscrito]

[papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. Paulo 5-4-919

[463] Henrique Castriciano de Sousa (1874-1947), poeta e político potiguar.
[464] Lobato aqui se refere ao título de *eleitor* que alguns príncipes alemães detinham para elegerem o imperador do Sacro Império Romano Germânico.
[465] Rodolfo Teófilo (1853-1932), escritor que, embora nascido na Bahia, considerava-se cearense de nascimento.

Meu caro Salles

Más noticias dás. A approximação da secca, a antevespera do forno: que coisa dolorosa... Pudessemos nós canalisar para ahi tanta agua que sobra cà, e tudo inunda como aconteceu este anno... A esta hora já o nº. de Fevº. deve estar ahi, e o Março em meio de caminho. A revista cresce. Este mez elevamos a tiragem de mais 500 – mas desenvolveu-se mto. pouco ahi. Ate agora... seis assignantes em Fortaleza, menos que em Crato. Já em Recife estamos com 60 e tantos, e sempre vem novos.

O retrato là foi. Se alguem não o interceptou pelo caminho para fazer delle papão de espantar criança, la chegará. Não me recordo se lhe mandei o Lima Barreto. Na duvida, segue outro, já.

Vamos ver se me arruma o Paiva. Dá um bello volume, sobretudo se eu puder fazel-o illustrado.

Adeus. Que venha para o sul, como pretendo, mas não tangido pela secca.

Abraça-te o

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 14-15]

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. Paulo 28-4-919

Caro Salles

Sopponho, a avaliar por telegrammas, que a secca está conjurada. Assim seja, pois acabo de ler a Fome do R. T. e inda sinto arrepios de horror ante os quadros de miseria humana lá descriptos! Nós que aqui tomamos periodicos banhos de cheias e inundações, só por suggestão dum evocador como elle podemos avaliar o desespero duma população "ressecada" durante dois annos a fio. Aqui chamamos secca, e berramos, quando passa dois mezes sem chover. Dois mezes apenas de falta dagua do ceu deve ser ahi pão de Ió...

Por descuido meu não foi a revista para o jornal indicado; penitencio-me mandando tres exemp. para V. distribuir aos jornaes que o mereçam, mandando|me o endereço delles para depois continuar a remessa directamente.

O Ruy fez-se-me evaporar toda a quarta[466] edição dos Urupês e metter no prelo a quarta, attingindo assim a onze milheiros em nove mezes. Hei de te mandar um da nova edição, um

[466] Evidente equívoco de Lobato. O trecho deve ser o seguinte: "O Rui fez-se-me evaporar toda a terceira edição dos Urupês e meter no prelo a quarta". Efetivamente, a quarta edição de *Urupês* é de 1919, concluindo, numa tiragem de 4 mil exemplares, o 11° milheiro. *Cf.* a respeito MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem (Orientador: Marisa Lajolo). Campinas, SP: [s.n.], 2003, p.172 e ss.

pouco melhor do que as anteriores.
/fl.2/
O Geca popularisou-se horrivelmente. Raro o dia em que não o vejo citado nos jornaes. No Rio já está até em musica e me consta que em breve surgira à|luz da ribalta. O Rio atirou-se com furor uterino aos Urupes devorando 2000 exemp. em 15 dias, exgottando a edição e fazendo pedidos que quase absorvem já a metade da quarta. Que força tremenda e a palavra do Ruy! E que sorte a minha! Isto entristece. Tudo na vida depende da "chance", tal qual como na roleta. Quantos livros preciosos por ahi ignorados só porque os não favoreceu a critica, porque os|tratou com indifferença ou má fé! Mas é assim a vida e não vale deblaterar contra.
Não recebi o seu retrato mas já o co

Interrompi esta aos gritos dos meus pequenos:
-- Os aeroplanos!
Vieram hontem do Rio dois e ainda estão a esta hora em revoos sobre a cidade. Bella coisa! Admiramo-nos disso e no entanto ha quanto tempo voam as moscas e as aves? E somos nós o animal mais aperfeiçoado...

Adeus. Escreva sobre a secca que interessara muito a este sul encharcado, e disponha do teu

[ass. Monteiro Lobato]

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 16-17]

[manuscrito]

S. Paulo 1.6.919

Caro aº. Antº. Salles

A sua de 15 vem confirmar a noticia de jornaes d'aqui sobre a persistencia da secca. Que incapacidade administrativa a nossa! Os problemas se eternisam sem solução. Nos momentos de apuro surgem palliativos; mal decresce a crise nomeiam-se commissões, e ficaria tudo como dantes se a parelha dos defficits não engrossasse um bocado.

Os seus gemem projectos quanto à Revista!... Meu caro amigo, não se rale por causa della. Inda é cedo para uma publicação desta conseguir expansão no norte. Toda a propaganda ahi é de tão pequenos resultados que não compensa absolutamente o esforço. A experiencia de um amº. a testa desta publicação ensinou-me mta. cousa, e sobretudo a conveniencia de circuncrever-lhe o raio de penetração a S. Paulo, Minas, R[io] e Sul. Contra a expansão no Norte ha: 1º) o Correio, cada vez mais infame, cada vez mais gatuno barato, gatuno réles; 2º) o caracter provinciano que para o norte ha de ter uma publicação de S. Paulo; 3º) a depressão economica e o horror nacional à leitura um pouco mais ahi do que no sul. Tambem lê pouco o sul; mas as cidades são mais populosas, mais ricas e disso resulta a possibilidade de apanhar n'uma dellas tantos assignantes quantos em um estado inteiro d'ahi. com a Bahia deu-se isto: fizemos uma grande propaganda, e colhemos um nº. de assignantes relativamente grande. Mas apenas 3% reformaram as assignaturas. Fogo de palha. Ja aqui em S. Paulo um

/fl.2/
assignante conquistado é em 90% dos casos um assignante permanente. Feito o trabalho de captura uma vez, automaticamente a presa volta ao aprisco no anno seguinte. Já por ahi parece-me que cada assignante é uma coisa arrancada, extorquida, tirada a saccarolhas; assignam para obsequiar a quem pede, mas dando pr'o diabo a coisa. Esteve cà, semana passada, o Annibal Fernandes[467], do Recife. È nosso amigo e obteve là 9 assignantes, mas, confessou-me, extorquidos! Pedi-lhe que desistisse de tão desagradavel empreitada. Acanha-nos abusar das relações de amizade para tentar impôr uma publicação cujo tempo inda não chegou para a mòr parte do paiz. Se è assim num Estado que está prospero com a alta do assucar que será n'um assolado pelo flagelo da secca? Não insista, meu caro Salles, com ninguem. Ficaremos gra[tos] se inculcar a revista, contando onde se tomam assignaturas, mas nunca insista, nem faça ninguem assignal-a por deferencia pessoal para com V. A base da prosperidade economica da revista consolidal-a-emos por cá.

O Papi escreveu-nos propondo a edição de um livro de costumes paraenses; aguardamos a vinda dos originaes para decidir do negocio. Quanto à Guidinha que venha, que bemvinda será. Acabo de tirar a 4ª. edição do meu livro, que ja alcançou assim o 11º. milheiro em 10 mezes. Sorte até à raiz das unhas. Adeus, e disponha sempre deste seu

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 18]

[manuscrito]

S. Paulo 20.8.919

Presado aº. Antº. Salles

Estou com uma carta sua em atrazo. Veiu com ella a Guidinha. Quanto à propriedade literaria a primeira lei que cuidou disso entre nós foi uma de 1898 estabelecendo o prazo de 50 annos da data da ~~mort~~ publicação da obra. Ora a Guidinha sahiu em 99, já no regimen dos 50 annos. Não está pois no dominio publico, e eu necessitava duma autorisação dos herdeiros para reedital-a. Dà-se entre nós uma coisa curiosa: a edição de uma obra qualquer, literaria, é um negocio insignificante, que raro dá um pequeno lucro. Mas se um editor se mette a fazel-a sem autorisação do autor ou herdeiros corre o risco de ver cair-lhe em cima um processo, com pedido de gorda indemnisação. Aconteceu isso com o A. Piccarollo[468], que fez de D. Casmurro

[467] Aníbal Gonçalves Fernandes (1896-1962), professor e jornalista pernambucano. *Cf.* "Aníbal Fernandes". Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=285&textCode=6155&date=currentDate Acesso em 03 fev. 2007.
[468] "Antonio Piccarolo (1863-?) nasceu na província de Alessandria, Piemonte, Itália. Em 1881 ingressou no Curso de Direito da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Turim. Em 1892 participou da constituição do Partito dei Lavorati Italiani (depois Partido Socialista Italiano). Destacou-se como historiador na sua terra natal, e em 1895 ocupou a posição de administrador do periódico socialista de Turim, Il Grido de Popolo. Em 1904 foi convidado pelo Partido Socialista para dirigir o jornal Avanti! publicado em língua italiana, em São Paulo, Brasil,

uma peça theatral em italiano[469], por mera "curiosidade", pois não havia lucro possivel nisso. Cahiu-lhe em cima o Garnier com um pedido de indemnisação de 20 contos. Esse editor, entretanto, adquiriu por oito a propriedade de todos os livros de M. de Assis. O caso, quanto à Guidinha, está pegando aqui. Não pode o amigo indicar-nos os herdeiros do Paiva? Dirigindo-nos a elles temos esperança de obter a autorisação salvaguardadora.

A revista esta se transformando em empreza editora. Organisamos uma sociedade por quotas, entram uns socios, eleva-se o capital a 100 contos, e é bem possivel que a estabeleçamos no Rio para o anno. Aqui em S. Paulo ella sempre terá contra si o caracter, que ella não tem mas lhe emprestam, de regional.

Disponha do mto. amigo

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 19]

[manuscrito]

S. Paulo 3.10.919

Aº.Salles

Recebi "Minha Terra". É um magnifico livro. Deram-me a mais viva sensação da terra, desse "lindo inferno" martyrisado pela Luz. Tem ella muitos cantores, mas que a faça sentir como V. não conheço nenhum. E note-se que estou fóra do ambiente propicio para uma leitura dessas; móro no centro da cidade, mergulhado dia e noite nesse rumor inenterrupto das cités. Razão pela qual, logo que saia para o campo, levarei comigo os seus versos para uma releitura na paz da natureza, em silencio, sub . Na segunda parte do livro o quadro da secca que vem vindo e chega e destroe tudo é soberbo; realça-lhe o effeito do terrivel o quadro anterior de felicidade da terra tão bem descripto. Se em cada Estado surgisse um livro assim que rica pintura do Brasil teriamos!

Quanto ao negocio da Guidinha, ficamos entendidos. Edito-a logo que puder, independente de mais nada. A sua carta tirou-me os receios.

Mandei a Manoel Galvez, na Argentina, as suas "Aves de Arribação". Elle é romancista de nomeada e de valor, e tem uma "La Maestra Normal" com mtos. Pontos de contacto com as Aves.

---

onde também fundou seu próprio jornal, Il Secolo. Lecionou latim em várias escolas de São Paulo e foi um dos fundadores da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, em 1931. Encerrou sua carreira docente na Escola Livre de Sociologia e Política, em 1946. Foi ativo militante antifascista e fundou o primeiro órgão antifascista de São Paulo, La Difesa, que orientou até 1926. Participou da Sociedade Amigos da América, entidade antifascista, de apoio aos Aliados, durante a 2ª Guerra Mundial." (Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_api/website-ael_api.htm Acesso em 04 fev. 2006). No catálogo de bibliotecas da USP consta as seguintes datas: "Piccarolo, Antonio 1863-1947". Sobre Antonio Piccarolo, *Cf.* HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1989.

469 *D. Casmurro : melodramma in tre atti.* / parole di A. Piccarolo ; musica del. maestro Joao Gomes junior. - S. Paulo. : [sn], 1922 (stampa tip. Pasquino) – 45 p.; 19 cm.

Andamos infelizes com o correio d'ahi. Continuas reclamações e demora inexplicaveis. Ha dias eu mesmo lhe enderecei uns nos., de Abril em diante. Vamos ver se chegam.

E adeus, [ilegível] do

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 20]

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado: *à esquerda* – Escriptorio: / RUA BOA VISTA, N. 52 / SOBRADO; *no centro* – Monteiro Lobato e Cª / Editores · São Paulo; *à direita* – TELEPHONE: 1603-Central / CAIXA, 2-B]

S. Paulo, 1-9-921

Antonio Salles

Não acha que já e tempo de fazermos ao pazes? Voce está brigado commigo, mas eu estou disposto a pagar na mesma moeda porque continuo a ter Antonio Salles em alta estima e a fazer propaganda dos seus livros sempre que me occorre opportunidade. Alem disso a victima da nossa sua turra está sendo a Oliveira Paiva, cuja D. Guidinha inda não desisti de vulgarisar. Nem por amor delle você se resolve, caro e neurasthenico Salles, a reatar amizade com o Lobato? Vamos Iá! Toque nestes ossos e retomemos o caminho do ponto em que a Allemanha nos apartou[470].

A Guidinha! Só cae no dominio publico em 1849 [471]! E para dal-a agora só com autorisação dos herdeiros. Não sei como resolver isto, pois não os conheço nem sei onde moram. Salva-me, Salles! Descobre-me os homens. O Paiva precisa sahir da obscuridade, e sahirá, se fizermos as pazes.

Adeus. Responde com um abraço do amigo velho

Do amigo, quand meme

[ass. Lobato]

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 21]

[manuscrito; existe cópia datiloscrita]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

[470] Referência a uma carta sem data (Col. AS / Cp 139 – fl. 36-37-38) em que Lobato declara-se "pró-Alemanha".
[471] Engano de Lobato, por 1949.

S.Pº. 18.5.922

Aº. Salles

Tenho editado tanta coisa e nada da tua lavra. Já fizemos as pazes selemos o tratado com a publicação de uma novela tua. Esse teu silencio já se prolongou domais. É tempo de provar ao paiz que viges o viças.

Um romance, uma novela, um livro de contos, queres? As "Aves" não alcançaram varias edições porque o regime editorial de seu editor é defeituoso. Imprimem o livro mas não o espalham. Assim não ha livro, por melhor que seja, que consiga dilatar o vôo. Faze a experiencia connosco e verá como tudo muda.

Abraços do

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 22]

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

S.Pº. 9.8.922

Aº. Salles

Andei por secca e meca (B. Horizonte...) e só agora posso eu responder à tua carta de 25 p. p. Estive ahi, fui a Niteroy visitar o Oliveira Vianna, mas como esqueci-me de levar teu endereço em Icarahy, não pude ver-te. E como estava mto. de passagem e sem tempo não pude insistir.

Acabo de receber uma carta do Lourenço, na qual me fala com grande enthusiasmo de tuas Aves, e propõe-me que as reedite[472]. Ninguem dá mais apreço a ellas do que eu, como sabes, e quando quizeres fazel-as revoar conta commigo.

Vem a S. Paulo? Venha. Isto aqui é interessante.

Adeus. E acceite um longo

abraço do

Lobato

[472] O trecho da carta de Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), de julho de 1922, a que se refere Lobato, é o seguinte: "Se tivesse tempo, mandava-lhe algumas notas interessantes sobre assuntos daqui, inclusive a *Padaria Espiritual*, de que ainda encontrei 2 representantes vivos: o Rodolfo Teófilo e o Antônio Sales. Este último tem um romance – *Aves de arribação*, que você deve editar. A 1ª edição foi limitadíssima, sem reclame, sem nada. Uma edição sua fará o livro conhecido como merece, porque é admirável. O Sales está agora no Rio; ele não me pediu nada, mesmo porque só terminei a leitura do livro há alguns dias. Acredite, porém, *Aves de arribação* é dos melhores romances nacionais e que você terá lucros certos com a edição" (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL/UNICAMP, MLb 3.2.00284cx6).

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 23]

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Seguem os livros pedidos, com excepção de Negrinha que esta exgotado. Recommendo-te Vida Ociosa, que acho uma obra prima de observação minuciosa e justa. Esse livro ainda não teve a repercussão que merece, mas tel-a-á um dia – se justiça não é palavra vã.

Adeus. Dispõe do

Lobato

S. Pº. – 30.8.922

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 24-25]

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

S. P.º 8.1.923

Salles

Ando de ferias, correndo estações e de passagem por S. Paulo encontro a tua carta de 1. Obrigado. Desejo que o Ceará te seja mais prospero que o Rio. Quanto ao poeta, Salles, pelo amor de Apollo não me bote mais um poeta aqui dentro. Ando doido com os que tenho, que se vendem mto. pouco, e agora só com mto. rigor edito versos. Ha versos demais. Todo o mundo os faz. O que não ha é publico para ler e comprar tanto verso.

/fl.2/

Brasileiro que sabe ler, escrever e contar invariavelmente faz versos pela puberdade. Todos! Milhões! Eu estou em ponto estrategico adequado a conhecer disso. Não se passa dia sem que me seham propostos 6, 8, 10! livros de versos. Resultado: cerca de arame farpado, trincheira contra os poetas. Porque, editorial[te]. pouquissimos constituem negocio. No geral não se vendem.

Adeus, caro amigo. Que encontres o Ceará reverdecido como um periquito e humido como uma orvalhada.

São os votos do
M. Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 26]

[manuscrito]

Amigo Salles

Recebi tua ultima, sobre o Catunda[473], que já esteve cá e e já se foi para o Rio. Sympathizei-me muito com elle e gostei muito do romance que trouxe, mais um bello panorama da região martyr. Infeliz[te]. nada combinei com elle, porque a situação nossa de cambio a 4 encarece de tal maneira o papel e a impressão que só é possivel editar ou coisas pequenas ou livros de consumo forçado. E o romance delle dá 400 pgs! É também essa a razão, meu caro Salles, de não termos ainda feito as Aves e os Brilhantes do Theophilo[474]. Pegue na penna e faça a conta de quanto fica um exemplar de 400 pgs. com papel a 2800 o kilo. Seria preciso augmentar o preço do livro, o que o publico não admitte. É uma situação estupida, e inedita, porque jamais nosso cambio achatou-se tanto como agora. Quando comecei a editar obtinha papel a 1300 e o preço por pg., para milheiro, era de 5 a 6$000. Agora está em 12! e como o cambio continua a afrouxar é possivel que o papel se transforme em materia tão cara que só será possivel imprimir nelle notas do thesouro.

Assim, o Catunda ficou para o anno, pois temos esperança que até lá as taxas melhorem. Emquanto estivermos a 4 o remedio é espiar a maré, resignadamente.

Adeus, caro amigo, perdoa o [ilegível] desta victima do cambio.

Lobato

S. Pº. 8.11.923

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 27]

[manuscrito]

[473] Talvez Hugo Catunda Fontenele (1899-1980), historiador cearense.
[474] Trata-se do romance *Os Brilhantes*, publicado pela primeira vez em 1895, de Rodolfo Teófilo (1853-1932).

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

30.12.923

Salles

Recebi a de 18 deste. Podes mandar-me a Guidinha, mas com autorisação de alguem da familia. Não prometto fazel-a já, porque estou parado, e apenas editando livros escolares, de consumo forçado. O aperto geral da vida diminuiu tanto a sahida dos nossos livros que fechamos a torneira, e estou apenas cumprindo uns contratos urgentes. Cambio a 4 e 5! Que calamidade não é isto para o paiz! Que sangria que nos vae pondo exanimes, mortos...

Não só o livro fica hoje carissimo, e com margem insignificante de lucro, como o publico não o adquire!...

Mando-te o meu Macaco, talvez ultimo livro que eu escreva. Não dou mais para isso.

Adeus. Um abraço do

Lobato

O Catunda só deixou saudades. Excelente moço! Senti sincera[te]. não poder edital-o.

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 28]

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / PRAÇA DA SÉ, 34 / S. PAULO]

S. Pº. 2.12.924

Aº. Salles

Boas festas!

Recebi carta. A Revista está futurista mas eu não tenho culpa. Meu nome figura nella pela força do habito, mas não mexo uma panella. Quem a orienta é o Paulo Prado. Mesmo assim dará o teu bello artigo, tão repassado de bom senso, uma coisa que mais e mais escasseia entre os nossos intelectuaes.

Aqui se trabalha intensamente, e não ha a fazer senão isso. É o meio pratico de não sentir a revolução[475].

Já dei ordem para que te expedissem a revista de Novº.

E agora um abraço do

Lobato

---

[475] Alusão à Revolução de 1924, ocorrida no mês de julho daquele ano.

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 29]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Amigo Salles

Em mãos tua carta anterior. Um novo escriptor de talento? Bravo! É cousa tão rara... Louvo-me no teu juizo e cà espero os originaes do homem. Bem sabes que minha intenção é editar tudo quanto apparecer de bom, e se não o faço na medida que desejo, é que ha limites de producção pª. a nossa cosinha. Nós é que estamos com cerca de 150 edições a lançar, o que não me permitte prometter brevidade para o que for entrando agroda. Mas mande a coisa que estou curioso.

Adeus

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 30]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Segue catalogo. Não tenho nem vi a tal entrevista Medeiros – Facó. Obrigadissimo pela fabula que me dedica. Estou ansioso por vel-a. Estamos no tempo dellas. Inda agora o G. Barroso me propõe – Fabulas do Tamanduá.

Parece-me que o Ceará adoptou os meus livros. Houve objeções contra o Nariz. que é "offensivo à igreja" (!!!!) mas esperam 2ª edições "desaggravadas". Não sabia que era V. que dera parecer favoravel. Obrigado por mais isso, meu caro amigo.

Mande o artigo pª. a Revista e escolha no catalogo os livros que o interessam que te não custarão nada.

E adeus. Até... não sei quando.

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 31]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Veio o artigo. A letra está optima e o nosso revisor é taco. Não é preciso que revejas as provas. Em todo o caso, se o exiges, irão.

Dispõe do aº.

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 32]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Recebi tua carta. Obrigado. Vou tentar convencer o Th. Se o não conseguir, paciencia, feio pª. elle.

Estou as vesperas de mudar-me pª. ahi. Vamos fundir a nossa casa com o Leite Ribeiro[476] e fazer uma terceira coisa maior que ambas sommadas. Espero em Novembro estar em nova phase. Agora ate o fim do mez, cuidamos do balanço.

Adeus. Ate por ahi

Lobato

[476] Anunciava o Jornal do Brasil, a 22 de outubro de 1922: "Circula, há dias, a notícia da fusão de duas importantes firmas que exploram o comércio da livraria: Monteiro Lobato & C., de São Paulo, e Leite Ribeiro, desta cidade. Praza a Deus que a boa nova, que nos foi transmitida sob a forma de cochicho, torne-se uma realidade que será de grande benefício para nossas letras". A fusão não daria certo, conforme nota publicada no mesmo jornal a 23 de dezembro do mesmo ano: "Acreditando que o nosso aparelhamento comercial e os nossos esforços pessoais, reunidos em um só corpo, tornar-se-iam mais proveitosos à produção, divulgação e venda dos artigos do nosso comércio (livros de todo gênero), cogitamos de uma fusão de nossas casas, mas tal cometimento mostrou-se se irrealizável, por não convir aos primeiros, domiciliados em São Paulo, transferirem-se para o Rio de Janeiro, e exigir o segundo tal transferência, para, na Capital da República, fixar-se a sede social. São Paulo, 21 de dezembro de 1922. **Monteiro Lobato** & C (S. P.) **Carlos Leite Ribeiro** (R. J.)" ("Nas páginas da história". *Jornal do Brasil*. Disponível em: http://jbonline.terra.com.br/ Acesso em: 18 abr. 2003).

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 33-34]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Que prazer me deu a sua carta! Fazer justiça ao Rangel é coisa que considero das mais nobres, das mais altas, porque é elle um dos mais bellos talentos de sua geração e o mais esquecido. Doentia[te]. modesto, no fim das vida já, pois está tabelião, mettido là num fundão de Minas, vive uma vida ignorada de frade no fundo da cella. Tem varios romances, mas não quer publical-os. Com muito custo arranquei-lhe a V. Ociosa e mais um de contos, que darei inda este anno. Tem uns 5 romances ineditos, cada qual mais precioso! E não quer apparecer...

Releia o livro. Supporta todas as releituras e a cada uma dellas nos sabe melhor. Não ha ali nada de palavrorio. É tudo minuciosa[te]. visto, observado e estudado. Toda Minas está alli, desde a paisagem ate as pobres almas. E veja voce, amigo Salles, esse homem
/fl.2/
nunca foi lembrado para a Academia por exemplo, onde nenhum dos 40 é capaz de escrever uma Vida Ociosa. Candidatam-se umas mulas, uns mediocres, uns simuladores de talento. São eleitos uns cabras que ninguem lê, ninguem conhece fóra do circulo de amigos.

Eu avalio da solidez de uma obra para capacidade que ella tem de supportar a releitura. Faça essa experiência com o Rangel. Repare a sciência, a arte infinita do seu descriptivo, que não se parece com nenhum outro e é o mais perfeito que ate hoje appareceu em nossa literatura.

Gosto tanto d'aquilo que daria todos os meus livros, os feitos e os futuros, pelo delle, pela Vida Ociosa.

Elle tambem te conhece. Mandei-lhe as Aves ha tempos, e vae ter uma alegria sabendo da tua opinião.

Adeus, caro amigo, acceita um abraço gratissimo do aº.

Lobato

[escrito no verso da 2ª folha]

Releia o Rangel e escreva um estudo sobre o livro. Os homens desinvejosos e de boa vontade precisam se colligar pª. fazer justiça a quem a merece

---

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 35]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Salles

Talvez nos encontremos ainda ahi, pois irei espiar a exposição, quando inda não sei.

Espero as aves, que farei voar lindamente, como merecem. Não será já, que estou abarrotado ate às orelhas de edições contractadas, mas será.

Adeus. Mette o pau nalgum pela Revista. Foi apreciadissimo o teu artigo versus-[ilegível].

Adeus!

Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Antônio Salles
Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 36-37-38]
[manuscrito sem data; a carta deve ser posterior a 1920, devido à alusão do romance de Louis Dumur, publicado nesse ano]

Aº. Salles

Recebi carta, retrato, Guidinha e não respondi por varios motivos. 1º porque me aborreceu – perdôe a expressão – o tom malcriado da carta versus Allemanha. Não que eu tenha nada com a Allemanha, nem eram minhas aquelas palavras que te irritaram (eram do Neiva) mas pelo tom. Respondi com raiva, mas não mandei a carta, vendo que era tolice brigar por tão pouco. Cada um tem Ià o direito de pertencer a este ou aquele partido – e em materia de sociologia o que ha são partidos politicos, violentos, extremados. A calma e filosofica apreciação de factos é impossivel quando o problema social é de nossos dias e soffremos a influencia das correntes de propaganda. Voce, por exemplo, tem a visão apaixonada pela apresentação francesa dos factos, vê a Alemanha atravez dos olhos gaulezes e faz corpo com a obra politica movimentada pela machina de propaganda alliada. É uma contingencia humana, e um direito teu. Já commigo dá-se o contrario. Vejo os factos por um outro prisma; tenho que os provar se equivalem, saem todos da mesma massa, /fl.2/ e são bons ou maus conforme são fracos como nós ou fortes como a Allemanha, a Inglaterra, os E. U. Mas como a violencia da corrente alliada revoltou-me, fiz como Você, esqueci a filosofia e alistei-me no partido contrario. Sou pró-Alemanha. Considero-o o unico paiz civilizado, culto, decente, digno de viver. Aprovo incondicional[te]. tudo o que a Alemanha fez, invasão da Belgica, destruição da França, bombardeio de cathedraes etc. Só lamento que o não fizesse em escala maior ainda, dando cabo de todos os povos latinos, inclusive o nosso, que è latino da Africa, à força de gaz lacrimogeneo, gaz de mostarda, gaz do diabo. Tudo que não é alemão para mim traz o cunho duma marca inferior, e vice-versa. Como vê, partidarismo extremado, violento, injusto, cego – tal qual o teu. Não ha, pois, entre nós, harmonia possivel neste ponto, e não vale a pena perdermos tempo com esta politicagem.

Mas como ia dizendo, não mandei a carta, e fiz bem. Que tolice, esfriar relações por motivos de politica internacional!

Depois, sahi de S. Paulo. Andei sempre fóra, em excursão pelo sertão e pelo litoral. Sempre que voltava, e me lembrava de escrever-te, encontrava aquela pedrinha no sapato da penna e adiava a coisa para amanhã. Esse amanhã durou mto. tempo, mas chegou, afinal, e hoje te peço desculpa da minha grosseira falta, não agradecendo o retrato e o resto. O retrato! Como te pinta /fl.3/ bem a photographia! Estás alli neurasthenico e amargo como si engulira dez boches vivos. Cá está na parede da Revista, entre os numerosos amigos da casa. Mto. obrigado. O meu foi, não?

Apesar de zangado com V. fiz propaganda do teu livro na Argentina. O Mel. Galvez encontrou-se com as Aves, e escreveu-me admirado de um livro desse valor ser mal conhecido no paiz e fóra. Pediu-me teu endereço para mandar-te a Nacha Regules e outras cousas delle.

Quanto à Revista, será como quizeres. Ella é boche. Torcerá sempre por elles, embora nunca tenha occasião de o fazer, tratando como trata só de assumptos nacionaes. Mas é boche, do corpo e alma. Queres, ainda assim, continuar como director, ou ha incompatibilidade? Resolve lá, que vou ver porque te interrompeu a remessa e restabelecel-a.

Vou mandar-te todos os meus livros; um vae já. Outro, depois, que está em nova tiragem. Coisa de uns 20 dias. Quanto ao livro do Dumur[477] – Nach Paris[478], não o lerei visto que è coisa do "outro lado". Reservo o tempo que perderia com elle para ler um sobre a bancarrota final da França que sairá nestes 10 annos, quando a Alemanha se reerguer da campanha que lhe fez o mundo. A tolinha está fiada nas indemnisações, e vai ver como a Alemanha as paga. Rirá melhor quem rir-se o por ultimo. Viva a Allemanha! Viva o gaz lacrimogeneo!

Adeus, meu caro, e perdoe esta maluquice – não esquecendo que foi V. quem começou.

Este mez passo no Rio (vou amanha) e Iá estarei às tuas ordens à rua Rodrigo Silva 28.

Deutschland über alles!

M. Lobato

---

[477] Louis Dumur (Genebra, 1863 – Neuilly-sur-Seine, 1933), romancista suíço de expressão francesa.

[478] Romance de Louis Dumur (Paris, Payot, 1920. In-12, 359 p.), cuja tradução do título alemão seria "em direção a Paris!"

Cartas a Rodrigo Otávio Filho
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
Casa de Rui Barbosa

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Col. R. O. F. / nº255]

[Republica dos Estados Unidos do Brasil / BILHETE POSTAL / NESTE LADO SÓ O ENDEREÇO]

Dr.
Rodrigo Octavio Filho
R. S. Pedro 48

Rio

[texto]

[carimbo: MONTEIRO LOBATO & C. / EDITORES / Caixa, 2-B – S. PAULO]

Caro Collega

Ha uns 15 duas escrevi-te / uma carta. Recebeste? Pedia noticias do / nosso negocio e indagava si o não facilitaria / uma representação nossa, directa, ao ministro. / Que aranha, não?

Lobato

23.2.921

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Col. R. O. F. / nº256]

[cartão manuscrito]

[cartão: J. B. MONTEIRO LOBATO / "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

Aº Octavio

Recebi a tua carta. Infame contabilidade! Alem de tantas difficuldades peculiares ao negocio, o cambio a 9 e a contabilidade contra! Mas esperamos que V. saberá dar volta à coisa, e obter o pagamento malgré contabilidade. Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gaffe?

Adeus, e obrigadissimo

Lobato

S.Pº 26.12.920

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Col. R. O. F. / nº257]

[cartão manuscrito sem data]

[cartão: J. B. MONTEIRO LOBATO / "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

Caro Collega e Amigo

Saude.

Como esta duro o Ministerio, hein? Não acha V. que devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques[479] pedindo o obsequio de não ser caloteiro? Nem relapso ou tão tardio no pagamento dum sermão que elles mesmos (o Murici) encomendou?

Responda-me. Abraça-te o Lobato

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Col. R. O. F. / nº258]

[cartão manuscrito sem data – anotado a lápis pelo destinatário: Recebido em 30 de ??? 1920 –]

[cartão: J. B. MONTEIRO LOBATO / "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

Presado amigo Rod. Octavio

[479] José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa.

Repete-se este anno a encrenca do anno passado: receber a importancia da assignatura do Ministerio do Interior e venho te pedir que me indiques quem poderá encarregar-se disso mediante a porcentagem de 20% ou seja 400.000 réis. Como conheces a engrenagem ahi e já lidaste com isso estás em condições de me indicar a munheca precisa.

Então? Não mettes o páo no salão deste anno?

Adeus. Abraços do

Lobato

[no verso]

P. S.

Como és poeta, aproveito o ensejo para te remetter a nossa ultima edição.

[AMLB
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Col. R. O. F. / nº259]

[cartão manuscrito sem data – o cartão deve ter sido escrito em meados de 1919; o artigo sobre o salão – "O Salão de 1919" – foi publicado na *Revista do Brasil*, ano IV, vol. XII, nº45, de setembro de 1919, às p.44-51, sendo que Rodrigo Otávio havia publicado em 1918 um artigo sobre o salão daquele ano ("Salão de 1918". *Revista do Brasil*, ano III, vol. IX, nº 34, p.305-10]

[cartão: J. B. MONTEIRO LOBATO / "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

Amigo Rodrigo Octavio

V. é tão gentil que ficamos aqui todos amarrados. Ahi vae a papelada. Que venha o artigo sobre o salão, mas cuidado com a copia á machina, que a do anno passado veiu sem tua revisão e levada da breca.

Adeus. Abraços do

Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº260]

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Rodrigo

Em mãos a tua.

A preferencia que os autores ultimamente deram á nossa casa acarretou para ella uma verdadeira obstrucção. Temos aqui mais de 150 obras contratadas, alem das reedições necessarias! Em vista disso o remedio foi fazer como os negociantes de café, que de vez em quando "sahem do mercado". Assim é que estamos fóra do mercado por uns tempos ate que a avalanche desabe sobre o paiz e a moéga vazia possa receber novas coisas.

Quando vieres a S. Paulo chega ate cá, para veres com teus olhos a plethora que nos empanturra.

Do

Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº261]

[manuscrito]

S. Paulo 28.12.921

Caro e muito amolado Rodrigo.

Conforme conversamos escrevi ao Veiga, o Veiga carambolou o Azevedo e o resultado foi a carta junta que nos ensina o caminho de Damasco. Peço-te, pois, meu caro e muito amolado Rodrigo, que dês mais esse passo já que o ministro o exige como condição sine qua. Caso isso te amole ou não te convenha, poderás substabelecer a procuração ao Ruy Ribeiro Conte.

E agora, um abraço do

Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº262]

[manuscrito]

S. Paulo 25.5.919

A.º Rod. Octavio

Saude.

A Revista do Brasil emquanto for feita em S. Paulo terá um caracter provinciano que mto. a prejudicará em materia de influencia e expansão. Para obviar a esse inconveniente quero transferil-a para o Rio. Para isso necessito de um companheiro, rapaz d'ahi, bem relacionado, bem conhecedor do meio carioca, com o qual eu possa me associar na nova phase. Lembrei-me de voce, como o que reune todos os requisitos que imagino. E antes de entrar em pormenores ausculto-te a respeito. A revista está em franca prosperidade, e já me dá um bom lucro. Ahi tudo triplicará.

Adeus. Espero a tua resposta pª.
maiores explanações.
Do
Monteiro Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº263]

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

S. Paulo 3.6.922

Aº. Rodrigo

Recebi a tua ultima acompanhando a ordem do dia. Muitissimo obrigado pelo grande serviço que me prestaste.
Já estou estudando um typo de edição pª. o [ilegível]. Mas como este mez vou ate ahi conversarei com elle.

Adeus
Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº264]

[manuscrito sem data; possivelmente, posterior a 1920, quando sai *A Menina do Narizinho Arrebitado*]

Rodrigo

Salve! Estás nomeado Benemerito de 1ª. classe com direito à Gran-Cruz do Narizinho Arrebitado que mandaremos cunhar. Emquanto isso recebe lá as nossas ultimas edições.

Abraços do

Lobato

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº265]

[manuscrito sem data; a carta deve ser de 1922, ano em que saiu o livro *Alameda Noturna*, a que Monteiro Lobato possivelmente alude em sua carta]

Rodrigo

Li o teu livro[480] e venho dar-te um abraço. É um optimo livro onde todas as finuras do teu sentimento e da tua mentalidade de escol se perfilam sob o velho molde do soneto e desfilam para encanto do leitor. "Velho molde". Digo assim porque penso como o Ronald[481] e prefiro os moldes modernos, cujo ideal me parece a forma livre de prosa do Alvaro[482]. Mas tu quizeste engaiolar o pensamento no verso, o que é a grande predilecção dos brasileiros, e o que posso te affirmar é que estão primorosa[te]. engaiolados. Meus parabens pela 2ª. vez.

Recebeste uma carta minha com uma palavra só?

Adeus

Lobato

---

[480] Possivelmente, *Alameda Noturna*, livro de poesia publicado pelo Annuario do Brasil em 1922.
[481] Possivelmente, alusão a Ronald de Carvalho (1893-1935).
[482] Possivelmente, Álvaro Moreyra (1888-1964), amigo de Rodrigo Octávio Filho.

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº266]

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / RUA BOA VISTA, 52 / CAIXA POSTAL, 2-B / SÃO PAULO]

S. PAULO, 25 de Setembro de 1919

Presado amigo Rodrigo Octavio Filho

O fim desta é apresentar-te o nosso collega e amigo Luiz Antonio Nogueira, director de um Collegio em Tatuhy, e estudante de direito. Elle ahi te explicará, melhor do que eu posso fazer em carta, o que pretende, e pelo auxilio que Você lhe prestar, desde já se confessa summamente agradecido

o amigo grato

[ass. JBMonteiro Lobato]

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº267]

[datiloscrito]

[papel timbrado: *à esquerda* – RUA BOA VISTA, 52 – SOBR. / TELEPH. 1603-central – CAIXA, 2-B; *no centro* – Monteiro Lobato e Cª / Editores · São Paulo; *à direita* – "REVISTA DO BRASIL" / E EDIÇÕES EM GERAL]

S. Paulo, 22-6-921

Amigo Rodrigo

Recebi a tua carta de 18 deste acompanhando os versos do Dr Octavio[483] para a Revista. Muito embora eu não tenha mais nada com a direcção da Revista, que está sendo dirigida pelo Amadeu[484], vou interessar-me para que os versos saiam logo.

[483] Rodrigo Octávio Langgaard Meneses (1866-1944), pai de Rodrigo Octávio Filho.

E os nossos arames? Que governo miqueado, não?

Adeus

[ass. Lobato]

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº268]

[datiloscrito]

[papel timbrado: *à esquerda* – Escriptorio: / RUA BOA VISTA, N. 52 / SOBRADO; *no centro* – Monteiro Lobato e Cª / Editores · São Paulo; *à direita* – TELEPHONE: 1603-Central / CAIXA, 2-B]

S. Paulo, 15-10-921

Amigo Rodrigo Octavio

Esta aqui no escriptorio o pintor Quiroz atrapalhado por não ter reproducções dos seus quadros para o reclame das revistas. Lembrou-se porem que voce tem umas photog. do seu "taller" e autorisou-me a pedir-tas para as reproduzir na Rev do Brasil. Se puderes mandar isso depressa é favor

Abraços delle e do

[ass. Lobato]

Como vão os nossos dois contos? Não ha noticias delles?

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº269]

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado: *à esquerda* – Escriptorio: / RUA BOA VISTA, N. 52 / SOBRADO; *no centro* –

---

[484] Amadeu Amaral (1875-1929).

Monteiro Lobato e Cª / Editores · São Paulo; *à direita* – TELEPHONE: 1603-Central / CAIXA, 2-B]

S. Paulo, 30-8-921

Meu caro Rodrigo

Venho saber se ha alguma noticia a respeito do encrencadissimo pagamento dos dois contos. Tenho medo que isso demore tanto que caia em exercicios findos. Não acha voce que devemos escrever uma carta ao Azevedo Marques?

Mandei hoje para as officinas ao poema do teu pae, para haver tempo de ser feita a revisão ahi. Qualquer dia segue elle.

Adeus. Escreve-nos qualquer coisa

[ass. Lobato]

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Correspondência a Rodrigo Otávio Filho
Localização: Pasta nº9/1 – Col. R. O. F. / nº270]

[manuscrito]

S. Paulo 9.10.921

Ao Rodrigo Octavio

Já tenho vergonha de incommodar-te tanto com o negocio do Thesouro, mas foste tão gentil pª. com a Revista que ella... Não sabes a razão do não pagamento dos dois contos? Não achas conveniente escrevermos ao ministro? O fim do anno está proximo e se cae em exercicios findos là se vão dois contos laboriosamente ganhos. O que doe é isso: tanta difficuldade para receber uma pequena quantia em troca de 1200 nummeros religiosa^{te}. mandados. E como o dº. sae facil quando é ~~para~~ cavação!...

Adeus, meu caro, e perdôe a maçada

Lobato

O Quirós esta cá. Que finissimo typo de homem e de artista!

Carta a Mário da Silva Brito
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
Casa de Rui Barbosa

[AMLB – Avulsos
LOBATO, Monteiro
[José Bento Monteiro Lobato]
Carta a Mário da Silva Brito. São Paulo, 20 set. 1943
Datilografada. Uma folha.
Agradece artigo publicado.
Conservação: boa
Doador: Mário da Silva Brito
Localização: pasta – LOBATO, Monteiro]

S. Paulo, 20, 9, 943

Presado Mario da Silva Brito:

Venho agradecer o tão interessante e vivo artigo que a meu respeito publicou no HOJE. Fui para o plenario, falou o Promotor Publico, falou a defesa, houve replicas e treplicas – mas como o voto de Minerva estava com as crianças, fui absolvido. Foi voce o Juiz que presidiu o julgamento, e eu venho louva-lo pela serena imparcialidade com que conduziu os debates. Sou duma geração e você é de outra – e é um grande prazer d'alma para os velhos receber dos novos um salvo-conduto para o futuro.

Adeus, e mais uma vez os ~~meus~~ agradecimentos do amigo e admirador

[ass. Mont. Lobato]
Monteiro Lobato

Cartas a Alberto Rangel
Arquivo Nacional

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado, canto superior esquerdo: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. Paulo, 6 – 1 – 919

Presadissimo amigo e confrade, Sr. Alberto Rangel

Deu-nos grande prazer a sua entrada para o ról dos assignentes da "Rev. do Brasil" e no-lo dará em tresdobro a sua entrada para o ról dos collaboradores. A "Rev. do Brasil" é uma quixotada que reincide. Já foi a Rev. Brasileira em suas varias phases. É hoje a nova tentativa. Felizmente desta vez os moinhos de vento foram vencidos. O analphabeto de 8 milhões de k. quad. já lê um pouco mais e a prova é que a revista nasceu e prosperou durante a guerra no periodo mais calamitoso que jamais tivemos para a industria que depende do papel importado. Está já no seu terceiro anno, e tira 5.000 exemplares, o que é um asombro para este paiz. Isto nos leva a suppor que está definitivamente creada e enraizada a primeira revista séria do Brasil. As tentativas anteriores morreram lentamente de inanição – esta cresce; tivemos no derradeiro semestre de 918 um accrescimo de 700 assignantes e muito esperamos de 919; para isso trabalhamos como mouros pelo paiz inteiro, norteados por este programma: onde houver de Norte a Sul um leitor possivel lá /fl.1v/ iremos agarrá-lo, arrancál-o da toca como se fôra paca.
Havemos de vencer. Para isso pedimos o concurso de quantos tem no sangue uma parcella de sangue do manchego – e são mais do que se suppõe. Pedimos aos amigos a contribuição duma sympathia activa, resumida praticamente em recommenda-la aos seus conhecidos de modo a alista-los sob as nossas bandeiras. Agora que tivemos a felicidade de nos pormos em contacto com um espirito dos que mais honram o nosso paiz, merecendo delle uma carta que é um premio, fazemos questão de ver nossas paginas illuminadas pelas suas fortes idéas. Contamos com a collaboração do autor do INFERNO VERDE[485]. Porque / não nos manda um capitulo do livro a sair? Seria um bom meio de annunciar ao Brasil a nova manifestação da sua pujante individualidade mental.

Martim Francisco[486] é um assiduo frequentador da nossa salinha de redacção, em cujo

[485] Talvez o mais importante livro de Alberto Rangel (1871-1945), *Inferno Verde* teve sua primeira edição em 1908, com prefácio de Euclides da Cunha (1866-1909).
[486] "ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de (São Paulo, SP, 11 fev. 1853 – Rio de Janeiro, RJ, 20 abr. 1927), orador, ensaísta, historiador, panfletário, dipl. direito Fac. de São Paulo (1875), advogado, político, fundador da Acad. Paul. Letr., filho de Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1825-1886). BIBL.: *Carta-careta.* 1888 (sátira política); Rindo. 1919; Contribuindo. 1921 (ens.); Américo de Campos. 1921 (biogr.); Viajando. 1929-1930. 2 vol.; Falando. 1929 (orat.); Gracejando. 1933, além de discursos e obras de assunto diverso. Colab. em periódicos paulistas e cariocas." *ENCICLOPÉDIA DA LITERATURA BRASILEIRA.* Direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. 2ª ed. rev., ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001, v. I, p.230.

ambiente derrama um oxygenio / sadio, uma aura benefica de "passado", de brio, de rigidez moral. É o nosso mestre em materia de verticalidade de espinha. Formamos um oasis, cercado de arame farpado, de modo a impedir o ingresso na Revista do asqueroso espirito de chantage que caracterisa hoje a imprensa brasileira, vasto esterquilinio onde impam de charuto na bocca e gazúa em punho meia duzia de "reinóes" foragidos de Limoeiro.
/fl.2/
Conheço as suas ideas; são as nossas; são as de quantos não desbotaram ainda na consciencia. O Brasil fermenta como mosto de uva. Está á tona a espuma repugnante, mas pela lei do rythmo um vinhosinho passavel se apura debaixo della.

Trabalhamos todos que temos ideaes e vergonha e brio e sangue de Quixote para dar bouquet a esse vinho...

O pessimista confunde fermentação com decomposição cadaverica, mas nós idealistas, por euphemismo ou convicção, enxergamos no phenomeno um periodo critico de fermentação apenas.

É o meio de não emigrar... Entretanto, mesmo encouraçados desta crosta de boa vontade, quantas vezes nos vêm o impeto de correr a uma agencia de vapores e tomar uma passagem para fóra, seja para onde seja, na ancia de respirar a salvo da nossa miasmatica athmosphera de ilha da Sapucaia!

Pobre paiz! Tem vicios irreductiveis, desarranjos congeniaes da medulla...

Fiquemos, porem, por aqui. Máscara de gaz axphixiante no rosto e tóca para a frente, de olhos postos nas estrellas...

Mando-lhe, para lhe recordar a patria distante, o meu ultimo livro – um cogumello brotado da terra, expontaneamente.

A Revista irá para S. Jean até novo aviso

Do seu confrade e companheiro de axphixia

Monteiro Lobato

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado, canto superior esquerdo: REVISTA DO BRASIL / DIRECTOR: / MONTEIRO LOBATO / GERENTE: ALARICO CAIUBY / RUA DA BOA VISTA N. 52 / CAIXA POSTAL N. 2-B / TELEPH. 1603 – CENTRAL / SÃO PAULO]

S. Paulo, 9-4-919

Dr Alberto Rangel

Em mãos a sua de 16, o "Carrilhão de Symbolos" [487] e ainda o cartão postal que mandou atraz como um menino de recados para prevenir uma má collocação de pronome. Escusava isso. Cinco minutos depois de chegado o Carrilhão já o pronome estava nos eixos, por

[487] "Carrilhão de Symbolos", artigo de Alberto Rangel publicado na *Revista do Brasil.*

imposição do Martim Francisco. Foi assim o caso: elle estava presente quando chegou o pacote; mostrei-lh'o; elle leu o começo e o fim, deu logo com o máu pronome e disse:

– Tire isto daqui e ponha aqui

– ?

– E já, por minha conta e risco. Escreva-lhe que foi por ordem minha.

Obedeci. O Martim estava de bengala ao collo e é seu amigo.

Logo depois vem o cartão, e ficamos em|paz com a consciencia. Cumpre-me agora agradecer a distincção que fez á revista, com esperança de que não fique nisso. Ella bem merece a sua cooperação pelo muito que luta para viver|limpasinha e honesta, sempre longe das gamellas da Verba Secreta, onde se derrama um angú de que é muito gulosa a imprensa brasileira. Quando nos mandar o capitulo do "Estafeta" dê-nos informações sobre a obra afim de que possamos noticia-la convenientemente.

Estamos cá em plena effervescencia eleitoral. Por toda a parte ligas Pró-Ruy e Pró-Epitacio, meetings, lugares communs, retorica velha, pancadaria, arruaças, O Brasil é cada vez menos uma coisa séria. Isto falhou indecorosamente, e hade arrastar-se assim-vasto territorio estragado pelo fogo- até que o excesso de população européa extravase, derrame-se pelo paiz inteiro como já se derramou em S. Paulo, e alije os residuos lusos como os lusos alijaram tupis e aymorés. O mundo é de quem póde e o brasileiro oriundo do portuguez, negro e não sei que mais, não póde com a gata pelo /fl.2/ rabo. Que felicidade a|sua, de estar longe daqui! O Brasil é optimo para se ter saudades delle.

Mas deixemos em paz o Grande Opilado...

Por falar: mando-lhe as ultimas edições da Revista – trata um da doença do povo, vermes a|dar com páu. Outra é um curioso romance do Lima Barreto. E agora, com sua licença, vou aborrecer-me num concerto. Nove horas, Já estou atrazado.

Disponha desta sua revista e de quantos nella teimam, a começar

pelo cabeçudo deste seu

[ass. Mont. Lobato]

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito]

Taubaté 27.6.919

Dr. Rangel

Respondo à sua de 21 de Maio cá de Taubaté, onde tomo um descanço de dois mezes para cura das varias neurasthenias agudas que inocula S. Paulo. Que felicidade a sua, de viver no exilio! Cada vez mais me convenço de que o Brasil é um paiz optimo para se ter saudades delle. Como as montanhas, azul de longe, de perto bicharia. A função dos que fazem uso do seu cerebro e aqui residem resume-se hoje em verificar a marcha de um processo de decomposição.

Apodrecem antes de amadurecer – e vivemos a nos tomar o pulso, põe e tira o thermometro, discute meisinhas, expeimenta drogas americanas. Emquanto isso o extrangeiro entra, assenta e conquista. Em S. Paulo, capital, a colonia brasileira é a menor de todas (não incluindo nella os filhos de paes extrangeiros ali nascidos por mero accidente), e a mais incapaz. Pelo interior, commercio e industria, tudo que rende, passa rapidamente para as mãos do carcamano, que desprezamos, e do portuguez, que chamamos burro. Caminhamos para a situação de párias dentro da propria patria. A imprensa é cada vez mais portugueza. Em todos os jornaes mora no balcão um galego "burro" a mover as manivelas que fazem escrever o que a elles convem os nossos "intelligentissimos" patricios. De ha muito que ando preoccupado /fl.1v./ com a intelligencia brazileira, a apregoadissima, e cheguei à conclusão de que ella não passa da forma mais perniciosa da estupidez humana. E é logico, pois só dá resultados desastrosos. A burrice do portuguez dá-lhe victoria na vida. A intelligencia do brazileiro dá-lhe derrotas. O grande conselho a dar aos brasileiros deve pois ser este: burrificai-vos! E que pobreza a nossa! Taubaté tem seculos de vida. Hontem vi num cartorio autos de 1600 e tantos. Tem uma população urbana de 20.000 almas, municipal de 60.000. Pois não ata nem desata. Sempre na miquia. Já fundiu ouro aqui ha seculos; hoje, ouro, só o que tiram do nariz. Já teve livraria; hoje, papel impresso, só bilhetes de loteria. Que felicidade a sua de assistir, de longe, longe do máu cheiro, à decomposição duma raça. O Brasil será, um dia, mas com elementos novos. Da crueza do portuguez colonial com indio e negro, nada subsistirá dentro dum seculo. Provou mal a liga. Não resiste à concurrencia do europeu adventicio no parigato[488] da vida. Expira sempre.

Acabei de reler esta semana as Sombras n'agua[489]. Dali se conclue um de nossos males, a vastidão aggravada pelo despovoamento e mais ainda pela ausencia de transporte rapido. Como vae se differenciando a lingua! O numero de palavras locaes empregados nesses cantos e desconhecidas minhas, é enorme. E como divergem as almas de d'aqui do sul! Tirante o fundo comum de natureza animal, aqueles seus personagens são todos determinados pelas caças, pelos igarapés, pelos rios, pelas chuvaradas, pelo gaiola, pelo aviador. Que mundo estranho para nós do Sul esse mundo cosmico da Amazonia! De par com isso a sua arte, o seu estylo. Digo-lhe francamente: o Sr. é pouco lido. E é pouco lido porque "diz demais", concentra um nº de idéas em cada periodo superior à capacidade comprehensiva do leitor. O leitor brasileiro é um pasmado cerebral que se cança ao menor esforço e só lê a quem seria as ideas uma a uma, de vagar, na andadura. O trote, o galope, as inversões, as allusões, a metaphora repetida, o seu estylo de offensiva fulgurante que abrange tudo e marcha impetuoso com todas as armas em acção, pondo em jogo todas as sciencias naturaes, a historia, a sociologia, a prophecia, / fl.2/ fazendo todas as approximações, tonteia, estramunha o santo socego da intelligencia indigena. O processo associativo de suas ideias é complexo, é rapido demais para a nossa debilidade. Só lhe dão o verdadeiro valor os que aprendem a ler a sua lingua. É uma coisa tão nova em nossa literatura que é "outra coisa". Requer acclimação. D'ahi os mais disparatados juizos a seu respeito. Um delles: estylo de engenheiro. Outro: Euclides da Cunha "aggravado". Este asneirão é corrente, e explicavel. De relance, à primeira impressão, quem abre um livro seu approxima o estylo ao de Euclides. Uma frequencia maior e mais attenta mostra o erro. De comum tem ambos que ambos são "estranhos" no nhem-nhem-/nhem em que vinham desde Alencar. Num ceu todo estrellas redondinhas, cor de ceu, Euclides surge estrella "differente", differente no brilho, na forma, na cor, na formação. A. Rangel é a segunda "differença" que brilhou em nosso ceu. D'ahi o approximal-

[488] "Parigato é uma expressão que quer dizer como 'parto de gato', com muitas crias" (Entrevista de Sylo Soares, concedida ao Projeto Memória do Ministério Público do Rio Grande do Sul em 23 de agosto de 2000. Disponível em: http://www.mp.rs.gov.br/areas/memorial/anexos_noticias/sylo_soares.pdf Acesso em 03 fev. 2007).
[489] RANGEL, Alberto. *Sombras n'agua – Vida e paisagens no Brasil Equatorial*. Leipzig: FA Brockhaus, 1913. 360 pp.

os. Acima disse: Euclides "aggravado". Por isto entendem as qualidades de Euclides levadas ao excesso, ou aos ultimos desenvolvimentos. Porque tinha este sentido especial, [ilegível] a palavra. Seus leitores não são muitos, mas os que aprendem a lel-o são-n'o devéras, e desses que fazem o supremo consolo d'um artista. E como a sua obra cresce, o numero delles já avulta, e formam entre si como uma irmandade. Assim tbem aconteceu com Euclides, que não será cousa popular. Isso é um bem pª. o artista, dada a sujeira de popularidade, mas é um mal pª. o paiz. O /fl.2v./ povo só lê Escrich[490] e literatura policial. Os nossos autores não o influenciam de maneira nenhuma. Eu, si tivesse gosto pela carreira das letras e fosse dedicar-me a ella, iria escrever exclusivamente para o povo, este nosso pobre e miseravel povo a que a intellectualidade brasileira não liga a minima importancia, e que no entanto ancia por ter "linguas". Vi isso com os meus contos, dos quaes tirei 11 milheiros em dez mezes, e que, estou vendo, terão a 5ª edição inda este anno. Não será um erro nosso este permanecer segregado, em torre de marfim?

Não sei se a Revista já recebeu o seu "Estafeta". Mas logo que terminar a publicação de Symbolos, que por falta de espaço demos em 2 nos.[491], sahirá elle, e creia que a Revista fará o possivel para diffundir o livro, annunciando-o e recommendando-o particularmente aos 500 agentes que possue. Nós que [ilegível] como materia cinzenta da nação temos o dever de cerrar fileiras e ajudarmo-nos terrivelmente.

Martim Francisco continua esplendido de saude e vigor mental. Dá-me a impressão duma perobeira que permaneceu, unica, em grande queimada. Rodeia-o de todos os lados o matto atôa, as urtigas, os arranha-gato, viçosas, bem esfolhadas, mas rasteiras. Martim, secco, desfolhado, semi-combusto, é o solitario da região, incomprehendido, negado, mas madeira de lei do Orgulho como não conheço outro. Isto define o Brasil: já não ha lugar para um homem como elle. O ambiente força-o a~~o~~ um como exilio dentro da propria patria. O tempo é de carúrús.

Disponha deste seu apaixonado amigo
Lobato

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito sem data; a carta deve ser do ano de 1919 ou pouco posterior, devido à alusão ao livro *Quando o Brasil amanhecia*, publicado naquele ano]

Presado amigo Alberto Rangel

Recebi no Rio por mãos do Gastão, creio, o Quando o Brasil amanhecia[492], e vim a lel-o nas doze horas que a Central gasta para levar um mortal dali a S.Paulo. Nessas horas revi, às fortes suggestões do livro, todos os nossos começos, e mais uma vez verifiquei como somos um

[490] Enrique Pérez Escrich (1829-1897), escritor e dramaturgo espanhol, autor de diversos folhetins. Muito lido no Brasil de fins do século XIX e das primeiras décadas do XX, seria alvo de críticas de Lobato em contos como "O comprador de fazendas" (*Urupês*) e "O bom marido" (*Negrinha*) e em artigos como "Traduções" (*Miscelânea*).
[491] "Carrilhão de Symbolos" seria publicado nos números de maio e setembro de 1919 da *Revista do Brasil* (nº41, Ano IV, v.XI, maio de 1919, p.48-52; nº45, Ano IV, v.XII, setembro de 1919, p.52-55).
[492] RANGEL, Alberto. *Quando o Brasil amanhecia: (fantasia e passado)*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1919.

producto logico daqueles antepassados. Fortes, em geral, mas [lumezinhos]... Bello livro, sim senhor. Desses que restauram eras vividas e põe-nas em carne e osso diante dos olhos creaturas das quais não resta nem farelo de osso nas tumbas. Ah! si todos os historiadores fossem assim, artistas dessa ressurreição, e nos cinematographassem retrospectivamente os homens e as coisas mortas, que encanto conviver com historiadores! Lembro-me o horror que me causavam na escola os compendios aridos, farpeados de datas, de nomes, de chronologias, de coisas hispidas te limites insupportaveis para uma [respiração] infantil! Livro de historia, de historiador verdadeiro é o seu, porque atrahe e dá a sensação da epocha. Já o noticiamos na revista e vi sobre elle boas apreciações criticas, de Ronald[493] e de Tristão[494]. Por falar em revista: consultei-a e a caixa me responde que sua assignatura esta paga ate fim deste anno. Foi acerto portanto errar o caminho o cartão ao A. Cavalcante.

O mez passado, como no Momento da Revista não sahiu destacada de sua parte, que aqui agradeço, a parte da redacção, o amigo encampou o texto na imprensa assalariada. E agora vejo o trecho transcripto na Bahia com a sua assignatura... Ficou pois o pae de mais essa creança. O facto de morar longe accar-/reta destas. Ja o anno passado os jornaes daqui publicaram um telegramma de Recife anunciando que Alberto Rangel tinha /fl.2/ escripto um longo artigo sobre os Urupês. Tratava-se de Annibal Fernandes, nome que no Telegrapho é muito parecido com o seu. É o caso do To go morrow – o gato morreu.

Já lhe mandei meus ultimos livros – simples reedições. O João Ribeiro[495] com mta. graça classifica-os de by products. E é isso mesmo.

O velho Martim sempre rijo. Fala sempre na proxima viajem à Europa – sempre que se zanga com o paiz. Mas a idade já lhe vae pesando. Não o confessa, mas já sente alguma difficuldade em regyrar pelo mundo.

Adeus, e disponha sempre do

mto. amigo e adr.
M. Lobato

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito sem data; a carta deve ser anterior a abril de 1920, devido à alusão ao texto "Bucho de piaba", de Alberto Rangel, que seria publicado na *Revista do Brasil* naquele mês e ano]

Dr. A. Rangel

Recebi o Bucho de Piaba[496], e li-o com espanto crescente. Como conhece este país, sua gente e suas coisas! Parece ate um Bucho de Piaba de larga visão, que viveu todas as vidas, tudo viu e tudo sentiu. O que, sobremaneira, me admira é a persistência dessas impressões num ambiente

493 Ronald de Carvalho (1893-1935).
494 Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983).
495 João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934), jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor e tradutor sergipano, membro da Academia Brasileira de Letras.
496 O texto "Bucho-de-piaba", de Alberto Rangel, seria publicado na Revista do Brasil em abril de 1920 (nº52, Ano V, v.XIII, p.294-302). A carta, portanto, deve ser pouco anterior.

que a deve dessorar. O vocabulario, que riqueza! Vejo que a edição definitiva de suas obras deve ser acompanhada de um volume, um glossario de brasileirismos, tanto abundam elles na sua obra. Mais tarde, quando a lingua brasileira desligar-se de vez da portugueza, como esta se desligou da latina, e tivermos o nosso diccionario, de seus livros serão tirados milhares de vocabulos de creação popular nossa, muitos delles fixados pela 1ª vez pela sua penna.

Ando pensando em tratar com uns philologos vagabundos d'aqui, que andam a lamber embira, a feitura do Diccionario Brasileiro, onde se suprimam todas as palavras portuguezas que não tem uso no Brasil, e se introduzam todos os brasileirismos creados. Já é tempo de nos convencermos que não somos colonia politica e não ha razão para sermos colonia mental. A lingua portugueza aqui é um absurdo. Um aldeão português, p. ex. não comprehende e não é comprehendido por um sertanejo. Está, pois, creada a nossa lingua brasileira, está adulta, está vivinha e sadia – e não temos um diccionario nosso. Quis conhecer o significado de muitas palavraas do Bucho de Piaba... e não consegui, porque só temos diccionarios lusos. Que absurdo!

/fl.2/

E aqueles 40 cavallos que o Alves enriqueceu[497] não cuidam de coisa tão urgente!

E que lingua rica vae sendo a nossa! Nesta extensão territorial immensa, cada região, cada Estado, cada zona, a crear, a crear incessantemente! No entanto, a cavallaria alta, em vez de colher este ouro, fixal-o, [ilegível], [ilegível], laval-o, cunhal-o de vez, está idiotamente a attender a sentença de Candido de Figueiredo[498] e outros papas de uma lingua... extrangeira!

Hade chegar, entretanto, o dia, e nesse dia o seu nome terá redobrado fulgor, e a sua obra decuplicado valor, como o repositorio, o maior de todos, da riqueza da nossa lingua.

Bem haja o primeiro!

Martim, sempre roble[499]. Vem sempre cá. Está de mal com o Brasil – sub raça em via de eliminação (seu estribilho). Esplendido! Quando elle entra, é como se entrasse uma força da natureza. Calamo-nos, e ouvimol-o.

Boa noticia, a da sua vinda. Se vier a S.Paulo não deixe de chegar ate aqui, onde encontrará um amigo e uma sympathia intensa.

Adeus,

Lobato

Vou lhe mandar os meus livros, mas depois de sahida a 2ª edição. A primeira esta mto. defeituosa.

---

[497] Alusão aos 40 membros da Academia Brasileira de Letras, legatária da fortuna do livreiro Francisco Alves (1848-1917).

[498] António Cândido de Figueiredo (1846-1925), filólogo e escritor português, autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1899.

[499] Roble: carvalho; árvore grande e velha.

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[cartão manuscrito; impresso no centro: J. B. MONTEIRO LOBATO; no canto inferior esquerdo: "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

SP. 20-12-920

Aº. Rangel

Recebi carta e Reprobo[500], que [ilegível] a todo o panno. Não o li ainda porque tenho de lel-o 3 vezes na revisão.

A salvação do Brasil só mesmo como diz: com um rei. Creio que até um rei de baralho seria mais forte que o nosso presidente, porque não faria nada e os males nossos vem do que os chefes fazem. Agora p. ex. estamos atolados na [ilegível] da crise monetaria, pagando o dollar a 8.000! Cambio a 9 para a libra e a 8 para o dollar! Uma lastima.
/verso/

Cada vez me convenço nisso: o Brasil é uma delícia... de longe. É tão ruim isto que nenhum povo imperialista quer saber de conquistal-o e beneficial-o com uma colonização como a q. faz em Africa. É pulha, pulha ate o tutano. Para livros, então, um desastre. Só ha uma classe que lê: as creanças. Isso enriquece os editores de livros infantis. Passada a idade de 10 annos o brasileiro não abre mais um livro ate morrer. Em vista disso vou editar [ilegível]. Mando-lhe uma [filha] [ilegível] – Negrinha – e uma historia infantil.

Adeus. Disponha do

Lobato

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[datiloscrito assinado]

[papel timbrado: *à esquerda* – RUA BOA VISTA, 52 – SOBR. / TELEPH. 1603-central – CAIXA, 2-B; *no centro* – Monteiro Lobato e Cª / Editores · São Paulo; *à direita* – "REVISTA DO BRASIL„ / E EDIÇÕES EM GERAL]

S. PAULO, 28-7-921

Presado amigo

Acabo de receber o seu livro de figuras[501] e já li diversos capitulos com grande encanto. Acho esse uns dos seus melhores livros. Será que desta vez erguer-se-á para ouvir os sons magicos do carrilhão indigena que soa em Paris? Pela Revista do Brasil darei uma alentada

[500] Trata-se de "Réprobo da Secessão", de Alberto Rangel, publicado na *Revista do Brasil* em janeiro de 1921 (nº61, Ano VI, v.XVI, p.20-5).
[501] *Livro de figuras*. Tours: E Arrault, 1921.

noticia do livro[502] e entre os amigos que movimentam a imprensa tocarei caixa de modo a interessal-os. Porque entre nos não basta que um livro seja bom para impor-se. e mister fazer a coisa entrar pelos olhos a dentro dos manipuladores da opinião, que julgam pelos que os amigos dizem ou porque não teem tempo de lar ou... porque não sabem ler, caso mais commum.

Estou editando um livro do Martim – Contibuindo[503], a sahir em / Agosto.

A titulo de curiosidade mande-me dizer os preços da sua typographia em Tours; quero cotejar com os nossos.

Mando-lhe os meus ultimos livros, e com elles novos parabens pelo seu e um grande abraço sincero

[ass. M. Lobato]

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito]

S. Paulo 28.10.921

Presado aº.

Recebi a tua carta de 3, dando a boa noticia de que já "concluiu a cura da estupidez". Dou parabens às letras patrias. Depois dessas curas é que costumam surgir as obras primas. Infelizte. não posso adoptar o systema: tenho a estupidez incurável...

Que preços os do livro ahi! Caríssimos ficam, não ha revisão, e muito mais que por cà. As nossas edições, em optimo papel, igual ao da Rev. do Br., ficam-me em 1.000 rs o volume. Mas nunca tiro menos de 3.000. No Brasil já se vae lendo, e posso affirmal-o porque vivo da leitura que os outros fazem nos livros que publico.

Organisei um apparelho distribuidor, um systema circulatório do livro, que o leva já a 460 revendedores, quer dizer, a todas as cidades do Brasil onde exista uma pequena dose de curiosidade literaria. Este anno ja lancei no mercado uns 120.000 volumes, e chego ao fim com 150 milheiros. Dos meus já produzi, de 1918 pª. cà, 114.000 e tenho no prelo mais 10.000 a sahirem. Parece à primeira vista absurdo, mas dada a organisação que dei ao negocio, o absurdo é ter sahido apenas isso. O nosso lema commercial é: fazer o livro desabar sobre o nariz de todos os leitores possiveis e provaveis do paiz inteiro. Não esperamos que elle venha a nós: vamos a elle com o livro em cima. Agora iniciei o livro popular, a Coleccção Brasília, onde dou obras modernas, completas, ao preço de 1.500, com tiragens mínimas de 5.000, e estou com grande fé nessa penetração à força de preço barato. Quando tiver um livro de contos, experimente a nossa casa, e peça-nos /fl.1v./ as condições.

Martim acaba de sahir daqui. Leu o trecho da tua carta referente a elle e queixou-se de não ter recebido uma. A Graúna está de pé, mas sente-se que verga.

Adeus, e dispõe do amigo como collega e como editor.

Lobato

---

[502] A "alentada notícia do livro" sairia publicada na seção "Bibliographia" da *Revista do Brasil* em agosto de 1921 (nº68, Ano VI, v.XVII, p.449-50).
[503] *Contribuindo*. S. Paulo: Monteiro Lobato & cia., 1921.

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

S. Paulo, 11.3.923

Presado amigo

Em mãos suas cartas ultimas, e o enxerto ao artigo. Já o fiz. O Gordon não ficará desfalcado daquellas tantas linhas.

Aqui, trabalho, cambio baixo, revolução, caos político: a encrenca sempiterna. Foi-se o Ruy[504] – e o Brasil está com cara d'asno. Era elle quem decidia tudo em ultima instancia. Agora, tudo se decidirá no juizo de paz. Fica o paiz, afinal, com o juizo que merece. Ruy escandalizava o Brasil. Era um pico. Mas afóra o pico só havia o sopé – o corpo da montanha não existia. Um escandalo de lesa corographia.

Conhece Paulo Prado? É elle agora quem dirige a Revista, e seu mto. admirador. Recebeu de cara alegre a noticia de sua collaboração. Que ella não fique nisso, e se amiude, são os desejos delle, meus e de todos quantos inda leem cà na terra do sopé e pico.

Adeus. Mande no

Lobato

Arquivo Nacional
Fundo Alberto Rangel
Caixa 13
Pacote 8

[manuscrito]

[papel timbrado, canto superior esquerdo: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

SP.º, 9.6.923

Presado amigo.

Cà está, de volta, seu artigo e já entregue ao Julio Cesar, mestre cosinheiro de nossa revista. Obrigado por ella. E tambem pela honra que me dá de convidar-me para editor do Lume e Cinza[505]. Às ordens. Mande que será obedecido, e apesar do accumulo excessivo de edições que já temos contractadas, abriremos brecha ao artista querido do Inferno Verde. Lume e Cinza! Linda coisa deve ser! De máo titulo, porem. Nosso povo ledor avança de preferência em livros de titulos femininos. Imagina logo que ha uma mulher dentro que faz das

[504] Alusão ao falecimento de Ruy Barbosa, ocorrido em Petrópolis a 1º de março de 1923.
[505] *Lume e cinza* sairia pela Livraria Scientifica Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1924.

suas. Sou freudista, e applico a theoria do allemão na capa dos livros. Titulo é o primeiro contacto e se fala à libido do ~~comprador~~ freguez elle logo /fl.2/ o compra. Não imagina como saem mais os livros de titulos mulherengos que os de titulos masculos, ou abstractos. Se eu escrever uma tabela de logarithmos, um dia, hei de intitular: Aventuras de uma semi-virgem. E derroto o Callet[506].

Mude o titulo do Lume. Ponha, p. ex. As mulheres do Landou, e o livro sahira 5 vezes mais. A objeção de que tal titulo nenhuma relação tem com a obra, não procede. Titulo é nome, é designação. E que relação tem os nomes proprios com as pessoas que o trazem? Eu sou José, como poderia ser João ou Antonio. V. é Alberto como seria Theodoro. Porque mudar de systema ao passar de homem a livro?

Caro amigo, mande, repito. As nossas condições são as seguintes: [ilegível] 15% do preço de venda ao autor, à proporção da vendagem, conta de 6 em 6 mezes.

Se quizer assim, disponha deste

Lobato

[506] Jean-François Callet (1744-1799), matemático francês, autor de uma *Tábua de logaritmos*, obra considerada das mais exatas e abrangentes do gênero.

Carta a Antonieta
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3548

[cópia xerográfica de manuscrito original]

[papel timbrado: Editora BRASILIENSE Ltda. / RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 – 2º ANDAR – SÃO PAULO – BRASIL / Caixa Postal, 163-B – End. Telegráfico: EDIBRASDA – Telefone: 4-5693]

Dª. Antonieta: Recebi sua carta [ilegível] de Iaras. Fiquei muito avariado com o "espasmo vascular" de que fui vitima. Ainda não posso ler correntemente, e escrevo com dificuldade. Eis porque ando em atrazo com os amigos. Vou juntando as cartas, para lel-as bem, e atende-las convenientemente, quando eu sarar de todo – se sarar...

Este afastamento compulsorio em que o tal "espasmo" me pôs me é mto. penoso, justamente por me privar da leitura. Esta vai apenas para informa-la disso e pedir que me escuse. Só se voltar ao que era é que poderei voltar ao cultivo das minhas velhas, boas e queridas amizades.

Adeus, Dna. Antonieta.

Do

Monteiro Lobato

15-6-1948

Carta a Denise Fernandes Tavares (de Salvador)
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3546

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S.P.8,2,948

Dona Denise:

Grande surpresa e encanto me causou sua carta de 3 do corrente. Surpresa porque a vi naquela vespera de Natal e nunca imaginei que a veria novamente; e prazer porque considero um grande premio ser convidado por Denise para... para não sei o que ainda. Para levar avante "uma empresa sem nenhuma possibilidade de lucros". Que maravilha! Nunca jamais fui convidado para uma coisa assim, e acho que deve ser um encanto trabalhar já certo de não haver lucro nenhum.

Denise – permita-me que a trate assim; os velhos tratam com muita familiaridade os moços. O que se deu entre nós é coisa muito interessante. Eu estava no hotel já a sair para pegar o auto que me levaria ao aero-porto, quando V. apareceu. Dirigiu-se a mim com um livro em punho e eu olhei-a... e me deslumbrei com seus olhos! Vi uns olhos tão maravilhosamente lindos, que nem pude ve-los bem, atrapalhei-me, e escrevi a dedicatoria que me pediu sem saber o que estava fazendo

– e nem sei hoje o que disse. Atrapalhado, Denise, como quem inesperadamente vê um fulgor, um brilho intenso demais... Só vi aqueles olhos, e nada mais vi, porque nada mais pude ver. Não tenho a minima ideia de como V. é – do seu fisico, da sua fisionomia. Parece que é morena clara. Passei por uma pura sensação de deslumbramento diante daqueles olhos, que nem sei que côr tem. E vim embora a pensar no caso e a lamentar comigo: "Que estupido sou! Deixei-me atrapalhar e não pude "ver" ~~ta~~ a creatura mais impressionante com que me encontrei em seis dias de Bahia."

Perguntei quem era. Responderam-me "Denise Tavares" – e não houve tempo para mais. Estavamos na hora, o auto saiu ventando e lá me levou para o avião, ainda tonto com o acontecido. Que acontecera? Eu vira uns olhos maravilhosos... e fui pensando naquela Denise. Quem seria? Que profissão? Solteira? Casada? Viuva?... Que vontade de voltar e perguntar: Mas quem é essa mulher, dona de tais olhos maravilhosos? E me veio a dedicatoria que eu devia ter escrito: "A Fulana de Tal, Monteiro Lobato – siderado". Sim, porque ao ver aqueles olhos o que eu fiquei foi isso – siderado, fulminado...

E aqui os dias se foram passando, e sempre que eu contava a um amigo meus dias em Salvador, o remate era sempre o mesmo: a maravilha daqueles olhos que eu vira inesperadamente no hotel, na hora da saida, e que me deixaram siderado.

– "Mas quem era essa creatura? perguntavam os amigos.

– Não sei, eu respondia. Só consegui pegar-lhe o nome. Não tenho a menor ideia de quem seja.

– E por que não escreve para lá tomando informações?

– De medo!... De medo que as informações recebidas colidam e de qualquer modo estraguem a maravilhosa impressão que me ficou do incidente.

Mas agora que Denise me escreve, eu ouso perguntar: "Quem é V., Denise? Que faz? Que situação tem no mundo? Que idade? Onde nasceu? Qual o estado civil? E que ha com esses olhos? Serão assim mesmo, maravilhosos e siderantes, ou eu estava tonto naquele momento? As perguntas que não ousei fazer a terceiros, faço-a a V., porque sinto em V. uma amiga.

Quero ver se vou a Salvador em abril. O Maneka me convidou a ficar em sua casa e esse convite está me tentando – e agora me está tentando tremendamente outra coisa: a possibilidade de ver outra vez aqueles olhos...

Escreva-me, Denise. Conte-me quem V. é. Responda a todas as perguntas que fiz. Talves isso faça que o siderado ressuscite...

Do seu amigo profundo,

[ass. Lobato]

Monteiro Lobato

Carta a Fernando Costa
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 32 – documento 3468

[Datiloscrito sem assinatura]

Casa de Detenção, 14,4,941

Dr. Ferandno Costa:

Acabo de escrever uma acrtinha ao Dr Getulio, que o amigo fará o obsequio de entregar. Vai pelo Hilario. Desta vez tive o cuidado de pedir ao Presidente que não mande a carta ao Conselho do Petroleo...

Fui absolvido, mas continuo preso. Isso, porem, não me aborrece, visto como derrotei o general Cebola. Se ele tivesse brio, demitia-se – mas não tem: é burro e sem vergonha.

Mas nos acabaremos vencedores em toda linha. Li a defesa do Vitor, feita pelo Hilario: é uma peça inteiriça, sem uma falha. Uma verdadeira bola de bilhar, perfeitamente lisa, sem um ponto de péga. Impossivel que o Vitor não saia absolvido – e será nova derrota italiana no general. E se o Getulio der provimento ao Recurso da Matogrossense, ah, o bicho se estatelará de quatro – e o Brasil terá petroleo.

Adeus, caro amigo, tão importunado por mim. Felicidade, bons abacaxis nos dias de calor e votos para os serviços do petroleo sejam reintegrados no seu Ministerio.

De como sempre, solto ou preso,

Monteiro Lobato

Carta a Márcia Quadros
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3547

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado sem data – 1946]

Senhorita Marcia Quadros:

Recebi sua cartinha de 13. Sim, minha menina linda. (Por que é que sei que você é lindinha? Emilia leu a sua carta e adivinhou. "Esta é das bonitinhas", disse)

Sim, sim – vou escrever logo outros livros para o fim do ano, e estes vão ser lindos como você. Para feio basto eu – como se vê do retrato que me pediu e aqui vai.

Adeus, botãozinho humano...

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato

[cópia xerográfica do retrato de Monteiro Lobato]

Á Marcia, o / Lobato / 1946

Carta a Paulo Pinto de Carvalho
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 35 – documento 122

São Paulo, 9 de julho de 1943

Prezado Snr. Paulo Pinto de Carvalho

Recebi sua carta e os "Aspectos de Nossa Economia" Rural" e nunca vi tantas verdades, tanto pragmatismo, tanta visualização exatas das realidades concentrada em tão poucas paginas. O seu pequeno livrinho vale uma biblioteca... E se esses homens incomensuravelmente ineptos que nos governam por delegação propria enxergassem um milimetro adiante do nariz, o senhor seria convidado para um cargo inedito: – o orgão pensante do governo.

O Brasil é uma pobre cousa enorme, inerme e condenada a um triste destino, porque somos muito pobres de inteligência. Essa pobreza determina a outra, a material. Tão ininteligentes que nem o fato de dispormos dum dos maiores territorios unificados do mundo nos dá mais que o magro territorio da Dinamarca, da Suiça, da Holanda, da Suecia, dá a esses pequenos paizes europeus. Sentados em caima de gigantescas riquezas, potenciais, somos um paiz de pé-no-chão, miseravelmente vestido, miseravelmente alimentado e miseravelmente governado – hoje destituido até dêsse oxigenio politico dos povos, que é a liberdade de manifestação do pensamento. E a politica dos que nos governam à força é a do avestruz diante do perigo: – esconder a cabeça. A atual supressão da imprensa livre e a proibição do livre debate dos nossos defeitos e mazelas, articulada com a pomada côr de rosa das insistentes, renitentes e imbcilizantes "horas nacionais", sob todas as suas sordidas modalidades, está precipitando ~~está~~ esta pobre massa de gente doentia e estupida na senda dum novo Oriente Medio. Somos cada vez mais a maior mentira e a maior vergonha do mundo. Caiação oficial por fóra, dourados de pechisbeque e bicheiras roedoras por dentro. E para supremo escárneo, um grande Coordenador coordena em beneficio do clan dominante os restos de magra riqueza acumulada no passado.

Fui um grande inquieto dos nossos destinos, e pensei demais no Brasil. Mas só durante uma estadia de cinco anos nos Estados Unidos é que percebi as verdadeiras causas da nossa miseria, e seu eu lhe contasse o que sei, o senhor compreenderia o meu atual desinteresse por tudo. Somos um povo que "não presta". Falhamos – e o estado de escravização politica atual é a mais logica das conclusões.

Muito agradeço as palavras de sua carta, mas não me sobra ~~enrgia~~ energia, nem vontade nenhuma para cousa nenhuma. Já não creio e nem espero mais nada – estou sem função. O destino me deu como função na vida "manifestar o meu pensamento". Estou "desempregado". Manifestação de pensamento hoje, nesta terra, a não ser para a apologia do satrapismo, é atividade proibida.

Seu livro é o mais belo feixe de sugestões e visões "certas" que ainda vi. Num país vivo, bastariam apenas essas 57 paginas para provocar um grande movimento restaurador. Num país morto, são 57 /p.2/ paginas destinadas ao silencio da "não repercussão".

Nada hà a fazer. Fechemos tambem os olhos e deixemos que o processo de decomposição se processe. O ~~imprer~~ imperio ~~Roamno~~ Romano levou quatrocentos seculos a decompor-se. Minha curiosidade é uma só: quantos anos durará a decomposição do Brasil?

Adeus, caro amigo. Creia que seu livro me deixou na mais profunda tristeza. Revela um homem dotado de olhos que sabem ver num horrendo "mare magnum" de cegos. Que adianta dizer a uma multidão de cegos: "Há estrelas no céu" se eles não podem ve-las? E a cegueira nacional ~~é a pior das cousas~~ é a pior de todas, porque tem como causa a pior das causas – uma estupidez organica.

Do ~~am~~ seu admirador e amigo

(a) Monteiro Lobato.

Carta a René Thiollier
Biblioteca Monteiro Lobato

Pasta 33 – documento 3697

[cópia xerográfica de cópia datiloscrita sem assinatura]

S. Paulo, 15/6/944

René amigo:

Aureliano Leite quer entrar para o rebanho e eu acho ótimo, porque tem leite até no nome. Isso diminuirá o número das "maninhas" sob o teu perpétuo secretariado. Voto nele para a vaga da coruja que morreu. E se por acaso aparecer alguma outra carta minha dando voto para outro (como daquela vez), rasgue-a, porque será caduquice do

amigo

Monteiro Lobato

Carta a Waldemar Medrado Dias
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3544

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

São Paulo, 4 de Agosto de 1943

Meu caro Waldemar

Está você hoje como advogado do Fontoura no caso da cisão social em curso e, conciencioso como é, deve, no máximo possível, querer ambientar-se quanto a tudo – quanto a

todos os aspectos do negócio. Para ajuda-lo nessa compreensão integral, venho trazer a você o meu depoimento e faço-o na absoluta convicção de que o que eu penso é o que pensam todos os que acompanharam desde os começos o desenvolvimento da firma Fontoura & Serpa – todos os que realmente conhecem o negócio.

Travei relações com Candido Fontoura ha cerca de trinta anos, logo que êle começou a trabalhar em São Paulo na realização de um velho sonho: o Instituto Medicamenta[507]. E desde êsse tempo, até hoje, nunca mais nos separamos; tenho sido um amigo de todos os dias, um confidente, o que me habilita a atestar que o Instituto Medicamenta, o seu desenvolvimento e prosperidade, a realização integral desse sonho da mocidade, sempre foi, é e sem dúvida será a coisa suprema na vida creadora desse homem. Em todos os nossos contactos, em todas as nossas conversas e confidências de quasi trinta anos, nunca deixei de sentir o latejar constante, como um pulsar de coração, da idéia creativa desse homem no desenvolvimento e aperfeiçoamento do Instituto.

Fontoura foi o caso mais perfeito que em minha vida vi dum creador integrado na sua creação. Fontoura não se limitou a crear o Instituto – viveu-o, vive-o ainda e o viverá enquanto lhe restar um fio de alento. Fontoura o tirou do nada, e só depois que viu a planta já em plena germinação e segura de si é que admitiu um sócio – muito menos para que êsse cósio o ajudasse do que para ajudar a êsse sócio, velho companheiro dos tempos de escola.

Fontoura creou o Instituto á força de carinho e amor, interesse constante e de cuidados infinitos – e de luta sem treguas contra os mil ponderaveis e imponderaveis que atacam os negocios novos como as más bacterias atacam os organismos debeis; e forçou-o a prosperar incessantemente até que chegasse a ser o "sonhor realizado" que hoje é. Todos os passos acertados que a emprêza deu, todos os arrancos propulsores, todas as pequeninas vitorias que, somadas, deram a vitoria grande, sairam da iniciativa de Fontoura – e dele exclusivamente.

Dele foi a fórmula do Biotonico, o produto que foi e continua a ser o alicerce do edificio. Dele, exclusivamente dele, foi o prodigioso trabalho de lançamento e propaganda desse produto, que graças a isso o país inteiro conhece, mas que antes disso ninguem conhecia. "Biotonico" era apenas uma palavra indicativa duma fórmula medicamentosa. Quem o transformou num tremendo "valor industrial"? Candido Fontoura, exclusivamente êle.

Sei disso mais do que ninguem porque desde os começos colaborei com êle. Vezes e vezes, me trazia ele uma idéia vaga, informe, que lhe acudia naquela elocubração constante em prol do lançamento do produto, para que eu o ajudasse a po-la em bôa forma de apresentação psicológica ao público. E era nessas ocasiões que eu tomava o pulso da intensidade creativa desse homem.

2

Fontoura creou o Biotonico, o alicerce economico do Instituto, e simultaneamente foi creando todas as outras pedras e tijolos com que ia erguendo o edificio. E num trabalho de todos os instantes tambem foi creando a argamassa que única as pedras – foi creando o "good will", a aura moral do Instituto, a sua reputação perante o público, sua aceitação incondicional por parte dos médicos – êle, só êle, sempre êle exclusivamente.

Homem da grande raça dos creadores e predestinado até no nome a um destino de "Fonte" (pois que a palavra "Fontoura" vem do latim "fons", fonte), constituiu-se a fonte da qual jorrou esse sonho realizado – o Instituto Medicamenta. Mas quiz também o destino que êsse creador fosse "candido", isto é, ingenuo, inocente, sincero demais, desatento ao insidioso da vida – e por contingência duma associação estampada em seu próprio nome "Candido Fontoura", admitiu como sócio uma

[507] O Instituto Medicamenta foi fundado em São Paulo em 1915 pelo farmacêutico Cândido Fontoura, que se reuniu mais tarde em sociedade com outro farmacêutico, Francisco Serpe.

"serpe". Se houvesse lido as fábulas de La Fontaine, entre elas encontraria uma de grande e eterna verdade – a do Homem que aqueceu no seio uma víbora. Entanguida de frio, êle a encontrou e apiedou-se; mas logo que o calor do seu seio restaurou as forças da ingrata, ela tentou morde-lo.

E quiz ainda o destino que a marca industrial do Instituto Medicamenta figurasse graficamente o caso; tal marca representa uma serpe a desalterar-se numa fonte que jorra. A desalterar-se para ganhar forças e depois morder. La Fontaine é eterno.

A sociedade entre a fonte e a serpe durou muitos anos, graças sempre á lenidade, á generosidade da fonte. Hoje está em crise. Robustecida por aquela água que nunca deixou de fluir, a serpe está em pé de guerra. Quer morder. Quer envenenar. Quer realizar a fábula de La Fontaine.

O caso vai subir á Justiça para a decisão final.

A Justiça!... Ha duas. Uma vinda hereditariamente da Roma cruel de outrora – simbolizada por uma mulher de olhos vendados que empunha a balança numa das mãos e na outra a espada. Quer dizer, uma entidade verdadeiramente mecânica, um puro autómato, que abdica do maravilhoso dom de ver, de sentir, e se limita a pesar os fatos materiais produzidos pelos litigantes. É a justiça que se faz como os merceeiros: apenas pesa, mecanicamente, o que lhe apresentam. É a Justiça do bárbaro passado humano, a mesma que encheu o mundo de forcas, de fogueiras, de patíbulos, de in-paces; a mesma que creou os ordalios e as polés de tortura. Essa triste justiça ainda usa venda nos olhos, como se a cegueira fosse coisa mais alta que a visão; e usa balança de merceeiro, como se um simples mecanismo automático fosse coisa mais alta que o discernimento; e por fim sanciona suas decisões com a fria brutalidade da espada, o instrumento de cortar carnes e produzir dor.

E ha a justiça moderna ou do futuro: a Equidade. A que em vez de vendas, isto é, suprimir os olhos, procura multiplica-los por cem, para tudo ver e penetrar no fundo mais íntimo dos seres; a justiça que procura compreender e em vez de mecanicamente pesar em balança de merceeiro, discerne, isto é, pondera, examina, atende a todos os imponderaveis que escapam ao mecanismo das balanças de merceeiro, e ausculta as almas, e mede as

intenções e por fim julga de acordo com o conjunto integral das provas circunstantes, visiveis ou invisiveis, legais ou extra-legais, humanas ou extra-humanas, físicas e psíquicas; a justiça, em suma, que sobrepõe as provas morais ás simples provas físicas – tantas vezes imorais ou amoraes.

No julgamento do caso Fonte & Serpe está claro que as duas justiças terão de julgar de modo contraditório. A velha justiça de olho cego, obtusa e romana, poderá dar igualdade de direitos á serpe; mas a super-justiça, a serena Equidade, dá-la-á á Fonte – porque Fonte é Fonte, origem da água que flue, a água creadora, vivificadora, estimuladora, desalterante; e serpe é serpe, o símbolo do que morde venenosamente.

Faço votos para que com sua inteligência, meu caro Waldemar, você abra os olhos dos nossos juizes. Lembro-me de Megnaud, aquele luminoso juiz francês que deu ao mundo uma luz nova nos famosos julgamentos em que as serpes nunca venciam, porque suas luminosas sentenças eram sempre alicerçadas na mais pura, nas mais cristalina equidade.

Como velho amigo da Fonte e como testemunha de que essa fonte foi a integral creadora do Instituto Medicamenta hoje em crise – integral e única! – achei-me no dever de dar o meu depoimento ao grande advogado do Fontoura, que tambem foi meu patrono num momento duro de minha vida.

Do sempre o mesmo,

MONTEIRO LOBATO

Carta ao General Horta Barbosa
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 32 – documento 3471

[Datiloscrito sem assinatura]

Casa de Detenção, 9 de Abril, 1941

General Horta Barbosa
DD. Comandante do Conselho Nacional do Petroleo
Rio de Janeiro

Exmo Sr.:

É profundamente reconhecido que venho agradecer a V. Excia. o grande presente que me fez, por intermedio do Tribunal de Segurança, de vinte deliciosos e inesquecíveis dias na Casa de Detenção desta cidade. Sempre sonhei com uma reclusão dessa ordem, durante a qual eu ficasse forçadamente comigo só e pudesse meditar em sossego sobre o livro do Prof. Pitkin. Lá fora, porém, o convivio humano e mil distrações iam sempre protelando a realização desse sonho. E eu já não tinha esperanças de nada, quando fui surpreendido pela denuncia do Conselho ao Tribunal de Segurança e em seguida preso preventivamente.

– Bendito seja esse benemerito general! murmurei comigo ao ter conhecimento de que era por sugestão dele que o Tribunal me prendia, isto é, me proporcionava a realização de um sonho.

Como, portanto ~~pois~~, agora que fui absolvido, e que com grande dor de coração tenho de interromper a leitura da obra ~~do livro~~ de Pitkin, não considerar-me no dever de, antes de mais, mandar os meus mais sinceros agradecimentos ao general Horta Barbosa, o promotor da realização de meu sonho?

Passei aqui dias inesquecíveis, dos quais sempre me lembrarei com a maior saudade. Tive ensejo de observar que a maioria dos detentos é gente de alma muito mais limpa e nobre do que muita gente de alto bordo que anda solta. E também tive ocasião de receber inumeras provas de amizade de excelentes amigos que nunca imaginei tivessem por mim tanta dedicação. Fui leal: a todos fiz ver a realização do meu velho sonho eu a devia a uma pessoa apenas – o general Horta Barbosa, comandante superior do benemerito Conselho Nacional do Petróleo.

Pesarosamente saio ~~tenho de deixar~~ hoje ~~esta~~ ~~eden~~ ~~delicia~~, mas seria o maior dos ingratos se antes de deixar o "Chiqueiro", vulgo "Sala Livre", não cumprisse o meu dever, batendo na maquina esta carta de despedida. Creia, general, que a minha gratidão será eterna.

Cordealmente,

Monteiro Lobato

P.S.

Tomo a liberdade de lhe enviar pelo correio uma caixinha de bombons sobrados dos muitos com que meus amigos me obsequiaram. Os sentimentos que me animam para com o meu generoso benfeitor são doces como esses bombons.

M.L.[508]

[508] Uma versão um pouco modificada de partes dessa carta foi publicada por Edgard Cavalheiro em sua biografia de Lobato (*Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª ed. revista e aumentada, 1956, t.2, p.79-80).

Cartas a Cândido Fontoura
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3496

[cópia xerográfica de manuscrito original]

Fontoura

Sem coragem de me despedir pessoalmente dos amigos queridos, faço-o por este meio. Vou de mudança para o Rio, recomeçar a vida. Se de lá te puder ser útil nalguma coisa, manda em mim como se fosse um irmão. Por enquanto fico a R. S. Fr.co Xavier 367.

Adeus, caro Fontoura!

Lobato

1 de Outubro de 1925

Pasta 33 – documento 3498

[cópia xerográfica de manuscrito original]

N. Y. 24.6.27

Fontoura

Cá estou, na maior cidade do mundo. É bem a maior! Tudo imenso, desconforme, acima de tudo quanto podemos imaginar. A nossa mentalidade brasileira só vendo é que pode alcançar a proporção desta cidade infinita. Tudo differente dahi. A ordem, a disciplina, a facilidade da vida, a riqueza do povo... Hontem estive em Chelsea vendo partir navios (e que navios!) pª a Europa. Um mundo! E hoje li nos jornaes a noticia do movimento. Partiram 12.000 turistas que pagaram de passagem 3.600.000 dollares!... Tudo é assim, de proporções desmesuradas.

[p.2]

Voce não deve deixar de vir. Quem não conhece esta civilização não está com o seu curso de vida completo. A Europa é zero deante disto.

Todo o mundo tem automovel, e não Ford. O povo enriqueceu tanto que o Ford cahiu. Tem o defeito de ser mto. barato. Os jornaes de hoje dão a sensacional noticia de que H. Ford parou o fabrico de fordecos e vae lançar o Edsel. Imagine que o porteiro do nosso bloco possue uma Cadillac!

Estou cá com o Biotonico, mas ainda é cedo pª eu te dar alguma noticia a respeito. Tudo é tão grande e novo que custa um pouco tomar pé neste oceano. Mas logo que possa te darei uma opinião fundamentada.

[p.3]

Não se vê miseria por aqui. O povo é [assustadora^te.] gastador. Vê-se o dinheiro rolar. Tudo cheio, hoteis, restaurants, theatros, magazines. Em summa: isto é em tudo o contrario do nosso pobre Brasil, illudido com a historia de ser Deus brasileiro. Deus é norte-americanissimo!

Adeus, meu caro Fontoura. Esta vae apenas pª dar uns ares da minha graça e indicar meu endereço. Deixei no Rio o Raul Mattos encarregado de retirar a tua carta de fiança, mas não recebi carta delle ainda. Andaria tudo direito?

Adeus. Mtas. recomendações de Purezinha a Dª. Elvira. E voce aceite o meu abraço

Lobato

Pasta 33 – documento 3499

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 25/8/27

Caro Fontoura

Recebi tua carta e muito me satisfez as boas noticias que v. deu. Vamos ver se S. Paulo melhora um bocado da serie de desastres que foi o governo felizmente passado. Se o Julio P. realizar, como se espera, um governo a Washington, não ha duvida que isso entra nos eixos. E é preciso. Pelo que vejo aqui convenço-me de o Brasil pode tambem progredir e enriquecer grandemente. Mas é preciso que haja como aqui governos intelligentes e de uma mentalidade essencialmente construtora. O que este povo fez desta terra é simplesmente assombroso e apezar de mettido nelle ja quasi tres meses ainda não me cansei de admirar. E para nós o trabalho está muito facilitado porque temos a experiencia daqui para nos guiar. Basta que copiemos com intelligencia – mas saber o que se deve copiar é das coisas mais difficeis...

O meu povinho já está perfeitamente acostumado, inclusive Purezinha, que era a que mais me preocupava. Adaptou-se muito bem e quasi que instantaneamente. Ella é excessicamente paulista e como encontrou aqui um clima que sem tirar nem pôr o de S. Paulo teve a sensação de ter voltado do Rio para S. Paulo.

Temos passeado muito de automovel pelo interior, na Haupmobile dechada (não se usam por cá autos abertos) que compramos. Você não calcula que delicia é correr as estradas americanas! Não têm fim, cortam o paiz em todas as direções possiveis e são melhores que as nossas melhores avenidas asphaltadas. Agora já estão elles passando do asphalto para cousa muito melhor, estradas de concreto, tão lisas e bem niveladas que equivalem ás melhores pistas de velodromo. Não imaginas que encanto é atravessar uma velha floresta por uma via assim, tendo a certeza de encontrar, de duas em duas milhas, uma estação de refreshment, onde ha de tudo para comer e beber, exceto alcool, bombas de gazolina a 15 cents os 5 litros e officina mechanica. Tambem existe espaçadamente os "fires" ou campos reservados para goso dos excursionistas, onde elles podem acampar, armar tenda para dormir, fazer fogo, tomar banho, etc. Em suma, é o paraizo dos automobilistas. Infelizmente tudo isso trouxe como resultado existirem mais automoveis em movimento do que mosquitos no Amazonas, e onde quer que v. vá nunca cessam as duas linhas continuas de carros, a que vem e a que vae. Para dar uma

imagem do que é isso só dizendo que os E. U. dão a impressão de que ha um enterro do Carlos de Campos continuo e extendido a todo o paiz. E como não ser assim se aqui em N. Y. por exemplo, /– 2 –/ só no primeiro semestre deste anno, foram registrados 600.000 carros novos? Eu imagino o regalo dos teus meninos tão automobilistas, se se pilhassem neste oceano de automoveis.

Quanto ao Biotonico já verifiquei o seguinte. Não ha produto que não tenha sahida neste paiz, se annuncia. A base de tudo é o annuncio, e os retalhistas chegam a não receber nem se quer em consignação produto nenhum se acaso não os veem muito annunciados. De modo que a base para o lanlamento do Biotonico é um forte capital para atrair os ouvidos do publico com o reclame – o mesmo que fez v. ahi. A differença é que ahi com pouco dinheiro se annuncia mas aqui sem um dispendio inicial de 100.000 dollars nada se faz. Em compensação o volume das vendas torna-se logo tão grande que o difficil é saber o que fazer do dinheiro. O paiz está cada vez mais rico. Ha bancos que quebram por excesso de fundos. Como a lei restringe ou regula o emprego de capitais dos bancos, impedindo-os de os empregarem em títulos especulativos, elles ficam com o dinheiro parado e quebram. Por isso andam dando dinheiro para quanto paiz ha pelo mundo; calcula-se que cada americano, inclusive as crianças já estão empatando em emprestimos externos 15 dol. por anno. Isto para começar...

A outra hipotese de encontrar aqui quem queira associar-se ao Biotonico para explora-lo com um royalty para os donos da formula é possivel, mas não facil. Só com o tempo podemos ver isso. Mas já dei uns passos e espero umas respostas.

Agora o negocio da casa. Saiba v. que fui escandalosamente roubado pelo tal sujeito. Logo que fui nomeado fui ao escriptorio delle e avisei lá o capataz que ia deixar a casa antes de terminar o prazo e indaguei se haviua alguma divida. Respondeu que não porque tinha muitos pretendentes. Quanto ao resto, o que elle fez foi aproveitar-se da situação para reformar a casa á minha custa. Todos aquelles estragos já existiam quando entrei. O papel estragado nunca foi do leilão e sim de gotteiras que elles só tiraram depois de eu reclamar por cartas durante 4 meses. Os taes vidros da varanda eram quebrados por pedaços da cimalha que estava a se desmoronar, tão ruim é a construção da casa. E assim por diante. E o aluguel não pago do ultimo mez é historia pois deixei o nosso empregado no Rio o Raul Mattos, com o dinheiro para isso.

Em suma, fui furtado. Mas isso não tem importancia, a não ser o incommodo que te deu. Eis o que me deixou muito aborrecido. Voce a me prestar um favor e em troca a se aborrecer... É o cumulo. Só mesmo cousa daquelles estupidissimos gallegos do Rio.

[– 3 –]

E... quando vens? porque é preciso que venhas. Não podes ficar por mais tempo sem conhecer um pais perfeitamente estandardizado. Hontem fui ao theatro com P. e lá nos lembramos de V. Havia um actor que era o teu jeitinho escarrado. Como as peças daqui ficam no cartaz annos, e esse apezar de já estar ha dois annos talvez ainda fique outro tanto, é possivel que voce quando vier ainda possa ver-se no Ziegfield Theatre.

Adeus meu caro Fontoura. Muitas lembranças de P. a Mrs. Fontoura e dos meus pequenos aos teus. Até outra.

LOBATO

Pasta 33 – documento 3500

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 14 set. 27

Meu caro Fontoura:

Recebi teu cartão e meditei longamente a idéa da fita, concluindo que é coisa perfeitamente possivel e que constituirá uma reclame de valor excepcional pela absoluta novidade. Você com esse geitão de Jéca de Bragança está-me sahindo um perfeito americano...

Acontece, porem, o seguinte. Não convem fazer o film aqui porque sahiria muito caro, dada a necessidade de crear scenarios artificiais como a casa do Jéca e os arredores, "esculhambados". Tudo aqui é tão bem arrumado e novo que só a força de dinheiro poder-se-ia crear um ambiente semelhante ao em que o film tem de se desenrolar. Fazendo-o ahi já tudo muda porque nem caracterizar um jéca é preciso, basta agarrar um Léo, um Maneco qualquer. E para o ambiente tem-no você em ponto de bala por toda uma extensão de 8.300.000 K. Q. De modo que proponho o seguinte. Fazer aqui o enquadramento, isto é, organisar na ordem artistica necessaria o numero de scenas, articulando-as com os lettreiros. Escrever o film, em summa, ficando o trabalho photographico para ser executado ahi. Indo assim o prato bem preparado, a coisa fica como receita de doce. Qualquer "camaraman" da fabrica do Menotti ou do Pamplona traduz a receita em doce. O principal duma fita é justamente esta organização preliminar. Se está mal feita, por melhor que sahia o trabalho photographico o resultado é uma porcaria.

Para organisar a fita já tomei as precisas informações e tive hoje uma conversa com um technico que falla espanhol. Isso permittiu-me entrar em detalhes e estudar o caso deante de um volume do meu livrinho. Elle acha que a historia cabe em dois "Reels", isto é em duas latas de goiabada ou dois rolos. Cada rolo tem em media 1.000 pés de comprimento. O film ficaria, portanto dividido em duas partes – e é quanto basta. Indagando de preços elle veio pedindo-me preços americanos – depois mil dollares, coisa que para elles aqui corresponde como para nós dois contos. Fiz-lhe uma preleção sobre a nossa moeda, sua desvalorisação, etc, assombrando-o com o que 2.000 dollares significam na terra do mil reis e obtive que me reduzisse a exigencia a metade. Tambem combinei que tudo se faria sob o meu controle e o trabalho só seguiria para ahi se eu o aprovasse plenamente. Ficou meu camarada e acceitou as condições. Elle escreverá em ingles, que é sua lingua, e eu verterei para o portugues, de modo que o trabalho ahi possa ser executado fielmente.

Esta é a solução que me parece mais favoravel. Não obstan- /– 2 –/te já calculei as dimensões da fita, numero de personagens, scenarios, etc. e pedi preço a uma casa que se encarrega disso. Vae vir um preço absurdo (para nós ahi) mas servirá de base para você contratar o serviço ahi.

Como em qualquer das hipoteses é preciso fazer o tal enquadramento, seja a coisa feita ahi ou aqui, acho que, se queres decididamente fazer a fita, deverás, para ganhar tempo, autorisar-me por telegramma. Basta uma palavra "Sim". Em caso de não, silencio – e esperarei carta.

Quanto ao meu trabalho fique sabendo que é com o maior prazer que te ajudarei nisso, e que tudo quanto tinhas de me pagar generosamente já me pagaste.

Adeus, meu caro americano com geito de Jéca. Um abraço no Léo e saudades do amigo velho

LOBATO

Pasta 33 – documento 3501

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York 7-10-27

Dear Fontoura:

Recebi o teu sim telegraphico e por elle entendi que acceitaste o meu conselho de fazer ahi a fita, de accordo com o enquadramento executado aqui. É isso? Se é isso, muito bem. Vou metter mãos a obra. Em primeiro lugar tenho de traduzir em inglez o folheto. O meu primeiro homem sahiu de N. Y. e não sei quando volta. Terei de encarregar o trabalho a um outro, tambem meu conhecido mas que é inglez, digo americano e necessita conhecer a historia vertida para a sua lingua.

Vou passar uns dias em Washington, pois tenho de representar o Brasil numa conferencia que lá se reune no dia 10. Só depois que voltar terei a folga necessaria para começar a tratar do teu caso. Mas creio que num mez ou menos a coisa já estará prompta e posta no correio.

A fita feita aqui, 2 rolos ficaria em mais ou menos 10.000 dollars, conforme informação que pude colher. Ahi você a obtem por muito menos. Mais tarde, conforme for o resultado da tentativa, você poderá tirar uma segunda edição melhorada aqui, com base na primeira. Mas o negocio estará estudado e o facto de custar mais caro talvez em nada influa, tal seja o exito da propaganda.

Esta cidade é tão grande que eu ando sentindo symptomas de uma doença nova: a doença do tamanho, uma espécie de vertigem das alturas. Acabo de ler o calculo do orçamento da cidade para o anno proximo. Sabem em quanto monta só o imposto predial? Apenasmente em 510.000.000 de dollares. Quer dizer 4 milhões.... 335 mil contos, ou umas 4 vezes o nosso orçamento federal...

Tudo é assim, meu caro, e a gente ao cabo de 3 mezes tem de adoptar a politica de não se espantar nem admirar coisa nenhuma. Do contrario arrebenta.

Adeus. Fico á espera de carta com mais detalhes. Recebi os folhetos enviados.

Adeus.

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3502

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York, 12,12,927

Illmos. Srs. Fontoura Serpa & Cia.
S. Paulo
Brasil

Presados amigos

Accuso o recebimento da sua presada carta de 16 p. p. acompanhando a remessa de uma cambial de $1000,00 contra The Chade National Bank, destinada ao pagamento do "enscenamento" do Jeca Tatuzinho, afim de ser por elle feita um fita ahi, de accordo com o que por carta combinei com o Sr. Candido Fontoura.

Sem mais e sempre ás suas ordens
sou com estima

Amigo e Criado Obrigado

[ass. Monteiro Lobato]

[carimbo: Receb.º / em / DEZ 29 1927 / E / 09/2 S ____ / P.....]

Pasta 33 – documento 3503

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York, 8,dez.27

Meu caro Fontoura.

Acabo de receber a tua cartinha e uma outra da firma acompanhando o cheque. Muito bem. Vou receber o trabalho do meu scenario-writer e trasladal-o para o portuguez. Como te disse, tive que traduzir o livrinho para habilital-o a "architectar" e agora o trabalho é o inverso, e muito mais facil. Já li o trabalho, tendo dado algumas ideas que elle approvou e emcampou. Na minha opinião o schema está muito bem feito e vae facilitar bastante o trabalho da filmagem ahi. tenha um bocado de paciencia que encontrarás quem te faça o film e por muito bom preço comparado ao que elle te custaria aqui.

Como são bem pagos os escriptores e artistas nesta terra! Agora é que vejo como o pobre Voltolino, o Wiese e outros trabalhavam de graça. Estive hontem num atelier dum pintor canadense que havia contratado com a Pacific Canadian, uma comp. de navegação, illustrações para os lindissimos livros de reclame que essa companhia destribue aos interessados em turismo pela quantia de 150.000 dollares! Disse-me elle que em tres mezes dá todos os desenhos... Veja se entre nós um pintor pode trabalhando a vida inteira ganhar isso...

Não tenho te escripto porque te julguei na Argentina. Adiou a viagem ou já voltou?

Logo que complete a traducção a remetterei e com ella uns conselhos praticos para a filmagem. Vi falar numa companhia allemão que se estabeleceu ahi para fabricar films. Indague della.

Adeus, meu caro. Até outra.

[ass. Lobato]

O novo Ford fez furor. É uma belleza e parece incrivel que possa ser vendido com tão pequeno augmento de preço. O phaetom, que é o typo de exportação para ahi, custa apenas mais 15 dollares.

Pasta 33 – documento 3504

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York, 24 Dez. 27

Caro Fontoura

Andou mais depressa do que esperei o trabalho da fita. Alterei tanto o trabalho de Mr Byrnes que elle a principio resingou. Mas concordou depois que me ouviu as razões. Vi que fiz asneira eu não fazer eu mesmo tudo, porque a cousa não e tão difficil assim. É preciso conseguir um equilibrio geral de conjuncto. O resto se torna simples. O tal enquadramento não passa de uma marcação, como na pintura, que deixa uma grande margem para o executante, se for habil, poderá tirar numerosos e optimos effeitos, aproveitando-se do que elles chamam aqui "o elemento occasional" – isto é, cousas que surgem no momento.

Depois de feita a filmagem é preciso a revisão. Consiste em passar a fita ante os interessados e entendidos para ver o que é preciso cortar, augmentar, corrigir etc. Só então se pode verificar se uma scena está muito curta e se outra está muito comprida. Tambem ahi é que se fixa definitivamente a letreiragem, tendo em vista a clareza do entrecho. Letreiro demais ou de menos é defeito a corrigir.

Isto que estou a dizer são coisas sabidissimas de qualquer filmador intelligente. São o A,B,C, da technica e é bobagem estar eu a repetil-as. Arranje esse filmador intelligente que tudo sahirá a contento. O Paschoal de que te falei na minha ultima me parece capaz de dar conta do recado muito bem. Para a parte dos laboratorios o Maneco te poderá ajudar muito.

Não fiz reclame excessivo dos teus productos primeiro porque o que abunda noscet, segundo porque voce melhor do que eu sabe o que deve enxertar e onde.

O desenvolvimento está calculado para dois reels e o filmador deve equilibrar as scenas de modo que caiba tudo nessa medida.

Alleguei ao meu americano o meu trabalho de revisão do seu enquadramento e pedi uma reducção de 200 dollares. Elle não fez questão, de modo que tens aqui um saldo.

Resta agora o resto... que acertes com o homem capaz. Veja o Pascoal!...

Adeus, meu caro; para tudo quanto quizeres aqui teras o
sempre teu, velho amigo,

[ass. Lobato]

Abrasileirei a coisa ao maximo.
Mais creio que é impossivel. Ex-
premi-a de todo o americanismo que
viria falsear o typo e caracter
do heroe. Mr. Byrnes achou tanta
graça na "horta" do Jeca que disse
que ainda ha de enxertal-a nalguma
fita aqui.

Pasta 33 – documento 3506
[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

N.Y.29,5,28

Meu caro Fontoura

O teu telegramma veio certificar-me de que a minha, em resposta á tua carta em que communicavas a morte do teu sogro, perdeu-se no mar ou onde quer que seja. Respondi, assim, áquella minuscula cartinha (trate de arranjar papel grande, sêo Fontoura! papelzinho daquelles é coisa de moça), mandando pezames á tua senhora e falando sobre o Biotonico aqui.

O Biotonico pode entrar aqui muito bem, dada a immensa receptividade deste mercado infinitio. Mas tems seus contras. Como contem alcool em dose maior que a admittida pela Volstead Law, paga uma tarifa de entrada quasi que prohibitiva. Não poderás pensar em fabrical-o ahi e exportal-o para cá. Terás que fabrical-o no paiz e para isto é mister primeiro que as autoridades o examinem e julguem realmente vantajoso para os doentes. O rigor nesta materia é grande e não passa gato por lebre.

Para montar a fabrica aqui torna-se preciso um forte capital para a propaganda, 2/3 do capital da empreza, pelo menos. Os revendedores não acceitam, nem em consignação, productos que não são vivamente annunciados. O melhor caminho para voce seria conseguir interessar uma casa daqui na formula – e é o que tenho procurado, embora sem nenhum resultado até agora. Dizem os entendidos que o mercado está saturado de fortificantes e um novo só pode entrar se revelar-se de um merito realmente excepcional.

Vou pedir na saude publica as condições que a lei exige para a introducção de medicamentos e te mandarei pelo proximo correio.

Eu e os meus vamos indo admiravelmente bem. Isto é um paiz onde dá gosto viver, apezar da intensidade estonteante da vida. O Octales ficou de tal modo atordoado que só passou aqui 4 dias. Não escorou o choque. Mas passado esse primeiro tempo de tonteira a gente accostuma-se e depois o que não supporta mais é justamente esse marasmo do Brasil. Eu não sei o que será de mim quando voltar para essa lagoa de aguas mortas...

[p.2]

Meus negocios vão optimamente. Imagine que dentro de dois mezes já poderei ter a certeza de uma grande cousa: se dei ou não a grande tacada da vida. Dei a tacada, a maior de todoas, mas só nestes dois mezes a coisa estará com o preto no branco e antes disso não ha tacada que não seja parenta do ovo ainda nas tripas da gallinha. Mas posso dizer-te isto: se o preto cahir no branco da forma aqui combinada de pedra e cal, estou feito para o resto da vida e em caminho para ficar millionario á moda americana. Imagine que até já estou gastando os cobres e entre estes gastos está o pagamento integral de todos os accionistas da Editora que perderam lá seus cobres. Já vê voce que para eu me permittir tal sonho é preciso que a tacada seja mesmo americana do norte. Não te conto ainda o que é porque é cedo. O ovo ainda está dentro da gallinha.

Estou bem em Detroit como voce não imagina. Com um pé na Ford Motor Company e outro na General Motors Corporation. Não imaginas que semana fecunda em consequencias passei lá com aquella gente unica no mundo! Almocei com Edsel Ford e foi-me suggerido escrever um livro sobre elle para ser publicado aqui. Ficaram de me fornecer todos os elementos informativos. Edsel é lá adorado por todos, o que não se dá com o pae.

Que coisa immensa é Detroit! A Ford eu já sabia o que era, mas a G. Motors foi novidade para mim. O lucro liquido do anno passado foi de 235 milhões de dollares, ou 6.000 contos por dia... O capital da empreza é equivalente a 9 milhões de contos! A producção está em 9.000 carros por dia. Um assombro. Detroit cresceu dez vezes em 15 annos. Passou de 200 000 habs a 2 milhões. Tem uma renda municipal que bate o orçamento do Brasil.

Houve um dia em que almocei, lunchei e jantei com homens que sommavam fortunas no valor de quasi dois bilhões e dollares. E tão simples, tão gentis, tão sem farofa que ninguem os distingue de um dos seus empregados. Este paiz, meu caro Fontoura, é o assombro dos assombros.

Converse com o Octales. Elle só esteve 4 dias, mas mesmo assim viu mais que em toda a sua vida.

Adeus.

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3507

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 17 August 28

Caro Fontoura

Recebi tua carta com a encommenda dos desenhos. Para que não tenhas decepção acho bom que me mandes instrucção mais especificada ou então um desenho já usado que sirva de padrão ou suggestão. São caros os desenhos aqui e não convem que vá coisa que não sirva.

Uma pena o encrencamento da tua fita. São umas bestas, uns cretinos toda essa gente cinematica dahi. Incapazes de iniciativa, de inovações e só amigos de engulir os pratos já feitos que a America lhes exporta. Mas insista que consegues. Voce é mestre em conseguir o que quer, tens um geitinho de pingo dagua que tanto dá na pedra até que fura...

Estava a ler, quando me chegou tua carta, um caso muito curioso fóra daqui – mas muito "nem porisso" aqui. Um sujeito ao morrer legou ao seu cão $150.000 dollars para que esse seu unico amigo na vida não se visse forçado a comer o osso que o diabo amassou nem andar pelas ruas a farejar latas de lixo. Não sei se o cão millionario foi mais feliz que os cães do commum, só sei que viveu gordo e somnolento, entre riquezas e quitutes que é sonho de muito bipede e ao morrer teve dos jornaes o succulento necrologio que as pessoas gradas ou de altas posses conseguem. Por sua vez legou a fortuna a uma sociedade protectora de cães. Não era um cão estróina, perdulario e limitou-se em vida, modestamente, a não gastar mais que os 6% da renda, ou sejam 6 contos por mez.

Cachorro aqui é gente. Ha innumeros celebres e celebrados em monumentos e na memoria do povo. No Central Park vi a estatua em bronze de Stubby, ao lado da estatua de Galileu e a de Shiller. Em Washington, no palacio da Cruz Vermelha, fui encontrar uma vitrina especial dedicada a um glorioso cachorrinho, que lá está empalhado, com seu brilhante olho de vidro e rodeado das medalhas innumeras que ganhou, colleiras incrustadas de pedras, casaquinho feito pelas mulheres de Ypres com fragmentos de bandeiras dos alliados e um grande livro onde se reunem todas as noticias apparecidas sobre elle, alem de um record da sua vida. Stubby foi um

dos heroes da guerra e como hoemenagem foi nomeado membro honorario da Cruz Vermelha, unico ser de 4 pernas que recebeu tal honra. Alem disso foi recebido em audiencia especial pelo presid. Wilson em Paris, pelo natal, e depois, de volta para a America, foi recebido tambem em audiencias especiaes por todos os presidentes que succederam a Wilson, inclusive o casmurro Calvin. Ao morrer teve lagrimas de saudades e monumento de bronze no Central Park.

Vale a pena ser cachorro aqui. possuem elles seus cemiterios com lindos monumentos, seus hospitaes, seus asylos para a velhice – e até conta no banco, como o millionario que acaba de fallecer. No cinema ha varias estrellas cães; e quem vae a Hollywood não deixa, depois de admirar a agilidade dos musculos do Douglas e o novo bob-hair da Mary Pickford, de conhecer Retintin e outros. Cada qual desses felizardos ganha por semana o que um addido commercial brasileiro ganha por mez – razão pela qual ando muito triste por não ter nascido cão americano.

Quanto ao Biotonico na sua introducção aqui já estou informado de tudo. Ha emprezas que se incumbem da distribuição e da reclame por conta propria, levando para tudo isso uma commissão de 60%. Hei de mandar-te todos os informes com toda a precisão, mas a base de tudo é saber se as autoridades admittem a droga. Para isso o meio mais facil não é requerer uma analyse, e sim expedires dahi um duzia de frascos a uma pessoa daqui – e desde já te indico uma: Hugo Franklin, Brazilian Consulate. Chegando cá a remessa a alfandega immediatamente apprehende e manda fazer o exame ex-officio, sem despeza nenhuma, nem demora. Caso a repartição de analyses ap-/p.2/prove o producto e dê licença de entrar – determinando o imposto que tem de pagar, voce estará com o caso resolvido e apto a tratar com um distribuidor. Entrando um frasco pode entrar um milhão.

Os entendidos "nos caminhos da America" indicaram-me esta forma como a usual, a mais rapida e barata. Faça isso.

Então o Léo ainda existe? É espantoso. Cada vez que ergo os olhos para um arranha-céu ou dou de frente com estas desconformes coisas americanas lembro-me do Léo, o sujeito menos America que Tupan botou no mundo. Se elle cá viesse bateria o Octalles no record de curta estadia que este conquistou. Tres dias esteve cá o nosso Octalles! Tonteou e metteu o pé o matto, gritando – acuda, mamãe!

E a televisão? No meu Choque botei isso como coisa dos seculos vindouros, não obstante no Times de hoje leio esta sensacional noticia: "A estação WCFW vae começar esta semana a irradiação regular da imagem, inaugurando assim, commercialmente, a televisão no mundo, etc, etc.

E o Televox, o homem mechanico que a Westinghouse está construindo em quantidade para as innumeras applicações que vae ter? Esse automato electico, evolução do macaco electrico vulgo Leopoldo de Fretias, faz uma porção de coisas ao simples commando do telephone. Voce bota em casa um desses bichos, adaptando-o a uma serie de coisas que voce talvez precise fazer na sua ausencia. Havendo precisão de fazer qualquer dessas coisas voce chega ao telephone e ordena e o bicho ouve e age de accordo como a ordem. O nosso defunto Domingos Jaguaribe queria ou propoz que se ensinassem macacos a colher café. Todos se riram delle. No entanto é muito provavel que a solução do problema da colheita do nosso café esteja com o Jaguaribe. Não macacos naturaes, como elle propoz, mas macacos electricos, telebugios, telemonos, telemicos que só colham os grãos maduros e não stephanoderados. O fazendeiro na capital toma o telephone e ordena: Hello, macacada! – e a macacada começa a pick up o café sem derriçar. Voce poderá encommendar uns tantos á Westinghouse – para pregar rotulos nos vidros, para botar tabloides nas caixinhas, etc, e até um para socio. Se consegues em vez do Serpe um Teleserpe, inda será melhor. E provando bem o systema frias alem, pondo na firma um telefontoura – e um teleléo ao lado para philosophar nas horas vagas.

Esta America é um assombro. A gente tem ás vezes a impressão de estar no mundo da lua...

Adeus, caro Fontoura e parabens por ter abandonado o papelzinho de moça que não tem assumpto.

Do de sempre

LOBATO

Pasta 33 – documento 3508

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York 17 Novembro 928

Caro Fontoura,

Escrevi-te uma longa pelo passado correio mas creio que a carta seguiu pelo Vestris e foi lida pelos tubarões. Tenho de repetir parte do que nella dizia. Dizia, por exemplo, que de nada adiantou a tua ultima em materia de esclarecimento sobre o desenho. Preciso que me expliques o que queres (e estou desconfiado que não sabes muito bem o que queres, não?). O melhor seria que explicasses ao Leo, por exemplo, e elle me escrevesse, porque noto que tens uma immensa preguiça em explicar as coisas por carta miudamente – vindo dahi a letra espichadissima que adoptaste, meio commodo de chegar ao fim do papel sem grande gasto de palavras. Sem uma idéia exacta do que queres não poderei explicar a coisa ao desenhista.

O biotonico mandado ao Franklin chegou e está correndo os tramites. O perigo é a alfandega achar que a remessa é muito insignificante para fazer jus a uma analyse official e fazer a entrega ao destinatario sem mais aquella. Veremos. Por este correio mando-te em separado a lei e regulamento a que estão sujeitos a venda e importação de drogas neste paiz. Verás por elle as possibilidades do teu biotonico.

Não sei se já te falei no caso da pharmacia... Recebi tua carta e escrevi a uma associação de pharmacia expondo o caso e suggerindo que algum dos associados escrevesse sobre os pontos que voce indicou, a tempo de alcançar o congresso. Mas parece que não houve lá ninguem que se interessasse pela coisa. Somos ainda, nós, Brasil, muito pequenininhos para conseguir interessar estes donos do mundo.

Não te escrevo mais porque o navio do proximo sabbado pode tambem ir ao fundo e eu perderia o meu trabalho, não achas boa a politica?

Adeus meu caro. Muitas recommendações de Purezinha e mil felicidades

do LOBATO

Pasta 33 – documento 3509

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 22, Nov. 928

Fontoura,

Recebi a carta de 1, sobre o Andino Abreu. Vou ver o que é possivel fazer se bem que não espere grande cousa. New York é o maior centro musical do mundo porque não ha celebridade que não tente caçar os valiosos dollares do americano. Por isso mesmo a concurrencia é tremenda. O artista que não for realmente de primeirissima agua fracasa lamentavelmente. Eu tenho muita desconfiança dos nossos genios regionaes. Em regra eles são formidaveis ahi, onde o acanhamento do meio dá relevo a tudo, mas quando sahem mingoam terrivelmente. Não quero com isto desfazer no Andino, que não conheço, mas cumpre notar que até agora só a Guimar Novaes conseguiu entrar aqui. isso mostra como é difficil. A primeira coisa necessaria é ter dinheiro, pelo menos uns 4.000 dollares para custear uma estadia de experiencia cá e fazer face ás despezas de propaganda. Isso me disse outro dia uma distincta pianista nossa, Rita da Cunha Canto, a qual, apezar do seu valor, não se animou a experimentar a "praça" de New York por julgar que sem dipor de uns 4.000 dollares para lançar-se, era inutil pensar nalguma cousa. O brasileiro em regra não faz a menor idéa das proporções das cousas aqui e dos caminhos, estrictamente americanos, que tudo segue. Portanto bom seria que o Andino viesse pessoalmente tratar disso. Elle terá que procurar um manager, demonstrar a elle o seu valor e entregar-se a elle, contentando-se com a pequena porcentagem que esses piratas dão aos que ainda nada podem impor por não terem nome feito aqui. O prestigio das criticas europeas para o americano não significa muita coisa. A opinião de Parisa vale em New York tanto como a opinião de Taubaté para S. Paulo. Pode pois dizer a elle o seguinte – 1) que sem vir cá nada conseguirá, e nesse caso terá de vir antes do inverno, pois a grande estação para concertos de celebridades estrangeiras e estreantes é justamente na estação que está correndo. Terá pois de vir alli por Agosto mais ou menos. 2) Vir com dinheiro, no minimo /p.2/ 4.000 dollares. De longe e por intermedio de terceiros nada conseguirá. Ha artistas em excesso aqui cavando contratos para que alguem preste attenção num que procura obtel-os de longe.

Agora aqui entre nós: elle que não conte commigo. Não me metto mais com artistas, tantos prejuizos levei dessa gente. Artista hoje quero de longe, e só atravez das obras. Pessoalmente nem que me paguem uma fortuna eu me metto em negocio delles. Estou muito velho para não tirar partido de velhas lições. E aconselho-te a fazer o mesmo. Proteja-os, sempre que puderes, comprando-lhes as obras – mas pessoalmente não te mettas. Quem dorme com creança amanhece mijado, diz o povo. E quem se mette com artistas sae uma outra coisa.

Esta semana morreram aqui em New York dois homens regularmente riquinhos. Um deixou 180 milhões e outro 100 milhões de dollares. O estado vae arrecadar de imposto de transmissão, diz o Times, nada menos de 35 milhões ou 280.000 contos. Tudo isso numa só semana... Infelizmente, não estava o meu nome na lista dos herdeiros. Os donativos por ambos feitos nos testamentos para instituições publicas anda por 100 milhões, ou 830.000 contos. Ambos começaram do nada. É um paiz que deixa a gente besta, seu Fontoura.

Adeus. Saudades de todos aqui e muitas recommendações nossas a D. Elvira e creançada.

Lobato

N.

Apezar do acima dicto, vou estudar melhor o caso do Andino e depois te escreverei.

Pasta 33 – documento 3510

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

N.Y.7-2-29

Meu caro Fontoura.

Até que enfim, á custa de gancho e ajutorio do Léo, pude pescar o que voce queria e estava com preguiça de explicar. É isso, está rico, cada vez mais rico, a fazer casas e desdobrar o negocio e dá a lombeira quando tem de explicar uma idéia que está lá no fundo da cabeça. Mas agora já sei o que queres e vou pensar no teu caso. O que queres chama-se aqui um slogan, e é uma phrase curta, synthetica e impressiva que dê na vista do publico, possa ser facilmente decorada e diga sobre as excellencias do remedio. Ahi a arte do slogan está ainda nos coeiros, e só o Eu Era Assim approximou-se um pouco da coisa. Aqui é mania. Não ha producto que não tenha o seu e ás vezes vejo abrirem-se concursos com premios até de 25.000 dollares para um bom slogan. Se eu encontrar nas livrarias algum livro onde a arte do slogan seja estudada te mandarei, certo de que tirarás partido delle. Alem disso quero ver se me sahe dos miolos alguns entre os quaes possas escolher.

Eu te aconselharia a abertura de um concurso bem espalhafatoso para um slogan e uma marca. O concurso em si constituiria um reclame sui generis e de muito effeito. O reclame na America é a sciencia das sciencias e se soubesses inglez eu te aconselharia um passeio cá, de 2 ou 3 mezes, só para estudar isto. Mas sem inglez esta America é uma cousa tragica. Não vale a pena.

Já te contei que fomos logrados no negocio do Biotonico. Agora me lembro que sim. Como te prometti, dei um frasco da droga a um importador para estudar. Elle ficou de dar-me solução esta semana mas ainda não se manifestou. Vou cotucal-o.

Aquella carta a que te referes, sobre o ferro, foi uma traição que o Capitão Frederico Villar, nosso Addido Naval em Washington, me /p.2/ armou. Imagine, uma carta tão intima como aquella, publicada em não sei quantos jornaes ahi! Fiquei danado, e envergonhado, como quem se vê em fraldas de camisa deante do publico. Mas tudo que nella se contem é verdade, apezar de verdade velha, do anno passado. As cousas este anno tomaram rumo muito differente. O bom é que já ha contrato feito para o Brasil e o contratante já está ahi reunindo elementos para a construcção da primeira fabrica. Vae ser ferro a dar com pau.

Fontoura amigo, isto aqui é uma maravilha, mas eu já estou sentindo saudades dos amigos e neste momento dava um destes arranha-ceos por uma prosinha com voce alli na Brahma, ao lado de dois chopazios de collarinho. Quanta coisa teria a contar! Carta é uma porcaria. Não cabe nada dentro – e grande razão tem voce para fugir de escrevel-as. Mas uma prosinha, deante de dois chops, essa coisa tão innocente ahi e aqui tão perseguida pelas leis, que maravilha!

O Léo, pela carta ultra-vagabunda que me escreveu, vejo que continua Léo, leão, só no nome. É o maior broxa que eu conheço. Ah se eu o pilho cá, num rush de subway! O biotonico unico no mundo capaz de arrancar aquellas minhocas do desanimo que elle tem nas tripas da alma é New York. Com um mez deste turbilhão inconcebivel elle ficava esperto como lã de kagado. Ou rebentava. Aqui não ha meias medidas. Ou o cabra acorda de verdade e pula, ou enterram-no vivo. New York é o maior absurdo em ponto cidade que o mundo conhece. Peixe que aprende a nadar aqui, ri-se depois ~~de depois~~ de todas as aguas do mundo – menos das aguas de S. Paulo, pois é coisa (acabo de ler nos jornaes) que não existe. Incrivel essa nossa terra! Os problemas mais elementares não se solucionam nunca. Nem agua tem S. Paulo! Parece que toda que existe é usada pelos leiteiros para por no leite.

Adeus, Fontoura. Bebe um chope por mim e pense no concurso.

Do

Lobato

Pasta 33 – documento 3511

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York,17-2-29

Caro Fontoura,

Creio que será muito difficil introduzir o Biotonico neste paiz. Esta semana tive uma longa conversa com o gerente da Humphreys a respeito. Como essa casa tem negocios no Brasil, elle conhece o teu biotonico e isso facilitou o estudo do caso.

Disse-me elle que para a introducção de uma droga no mercado é necessario como ahj a approvação de Saude Publica e o registro da formula – a qual deve tambem figurar nos rotulos. Esse registro, entretanto, não patenteia o producto. Quem quizer pode usar da formula com outro nome. Porisso, se o producto é bom, elle acha que o meio é fabrical-o no extrangeiro e pol-o á venda aqui como artigo importado. Neste caso, a formula fica defendida pelas leis e ninguem mais poderá usar della. Se esse mesmo producto for fabricado no paiz, a formula deixa de ser defendida.

Ora, para exportar para cá um producto ha necessidade de ter armazens para manter o stock, o que se torna muito dispendioso. Ha mais: um producto só entra se obtem o placet da associação dos droguistas, á qual estão ligados todos os drug-stores do paiz, por intermedio dos quaes as drogas são vendidas. Essa associação só acceita um novo producto para ser vendido se o fabricante lhe fizer taes e taes vantagens e tambem se se comprometter a fazer uma campanha de reclame intensa. Do contrario, não.

Indaguei do que seria necessario dispender em annuncios para lançar um fortificante como o teu, e elle respondeu-me que no minimo, para asegurar o sucesso, esse advertising exigiria o dispendio de um milhão de dollares. Como é muito forte a posição dos innumeros fortificantes que existem no mercado, só á força de milhões um novo pode entrar.

Da nossa conversa deduzi que deves ficar por ahi mesmo e quando muito fazeres uma penetração na Argentina. Esses dois campos te permittirão ficar millionario sem grandes dores de cabeça.

Quanto ao desenho e o slogan, ando á espera de que a inspiração me visite de uma hora para outra e me assopre nos miolos a coisa mais conveniente. Não tenhas pressa. De repente a massa encephalica, que anda muito lerda, poe-se a trabalhar e dá cria ao que desejas. Esperemos.

Que nevada cahiu hontem, sêo Fontoura! Uma belleza e uma trapalhada para o transito. Diz o jornal de hoje que estao 20.000 homens a removel-a das ruas. Tivemos 12 pollegadas de coco ralado. Inda agora (são 8 horas) tive de botar meu leite no banho maria para tiral-o da garrafa, pois estava congeladinho.

Agora, como hoje é feriado nacional – dia de Washington, vou dar um passeio no Central Park, que deve estar uma maravilha de belleza, clad in its snowy mantle. Queres vir commigo?

Adeus. Reza para que meu cerebro accorde logo. Ando burro como um peixe secco.

Adeus. Recommendações de Purezinha. Dá por mim um murro no nariz do Léo.

Lobato

Pasta 33 – documento 3512

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York,27, junho 929

Meu caro Fontoura,

Recebi o livrinho do teu primo e já lhe escrevi uma carta louvando-o e agradecendo a gentileza. Está excellente, fez-me dar vastas risadas e se esse rapaz está começando agora e começa assim, irá longe. Nada ha a fazer por elle. Elle é dos que se farão a si proprios sem ajuda de ninguem. Isto de ajutorio é para os mediocres.
Tenho lido os jornaes dahi e não me volto do assombro que me causou a vastissima mystificação em que todos elles cahiram, inclusive o gravebundo ESTADO, com este negocio da Miss Brasil. Tudo peta, meu caro. Tudo invenção dos dois jornalistas safardanas que vieram com ella. NÃO HOUVE NADA; NÃO HOUVE RECEPÇÃO NENHUMA. A bugrinha, que é um canhão, passou totalmente despercebida e em Galveston foi desclassificada. DESCLASSIFICADA, está entendendo? Houve ONZE classificações e a canhãozinho não pegou nem uma.
Eu sabia que a nossa imprensa era cynica, mas jamais imaginei que fosse tanto. Enganar a boa fé de um pobre povo da maneira que elles o fizeram é indecencia que merecia cadeia. Hontem perdi a paciencia e no meu escriptorio disse os maiores desafores a um dos taes jornalistas, chamando-o de f. da p. para baixo. E o cynico tudo ouviu caladinho. Fiquei com tamanho nojo dos nossos jornaes que os boto na cesta sem abrir, cada vez que me chega um pacote. É de mais.
O resultado foi que uma revista americana já começou a fazer troça de nós e a metter-nos a ridiculo. Que mais se poderia esperar? F. da p.....

Do Lobato

Pasta 33 – documento 3513

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York,28, Agosto, 29

Meu caro Fontoura,

Em mãos tua carta de 31 p. p. em resposta da minha ultima. Julguei que só desejasses aquelles dados sobre farmacia para o tal congresso do anno passado mas visto que ainda tens interesse no assumpto vou ver se os obtenho.
Dá-se com o nosso paiz uma cousa bem curiosa. Elle vive de illusões, tal qual aquelles chins que passavam a vida fumando opio e immersos em sonhos maravilhosos. E ninguem procure desmanchar as illusões do brasileiro. Elle fica furioso e berra logo: derrotista. De modo que a attitude dos sahem do borralho, veem as cousas alheias, comprehendem a extensão da "nossa doença" são obrigados a ficar quietinhos. Foi a politica que adoptei. Vejo hoje bastante claro na nossa situação mas silencio. As veleidades de escrever para os nossos jornaes já passaram. O sabio é deixar correr o marfim e viver em paz, sem assumir attitudes de pretender concertar o mundo.

O caso de Miss Brasil proporcionaria uma occasião optima para um verdadeiro escandalo jornalistico e em outras epocas, mais moço que eu era, certo que eu o faria. Hoje, não. Estou muito velho e commodista para me aborrecer com o que quer que seja. Mas fique certo voce duma cousa: Nunca jamais em tempo algum um povo foi abusado de tal maneira e em tal extensão. É de dar nojo.

Hoje á tarde vou esperar em Battery Place a chegada do Graf Zeppelin no seu ultimo "hop" do maravilhoso vôo em redor do globo. Pelo radio venho acompanhando essa performance desde a partida da Allemanha. É maravilhoso isto. o bicho lá em cima da Siberia e eu cá em casa a apanhar as mensagens do Dr Eckner, apanhadas por certas estações e rebroadcasted pelas estações que servem New York. Quando o Graf chegou a Los Angeles passei meia hora no apparelho ouvindo os speaches de varios passageiros e ouvindo a descripção das festas feitas. A grita da multidão, o roaring dos motores de aeroplanos, o ruido dos automoveis – todos os sons caracteristicos dum acontecimento desses eu apanhei como se presente estivesse. Este paiz é uma maravilha e eu não sei, caso me mude daqui, se me acostumarei em outra partte.

Ahi, lucta presidencial... Que desgraça vae ser. Toda a vida do paiz parada durante mais de um anno e tudo gyrando em torno do caso. Cada lucta dessas atraza o Brasil de dez annos. Veja o caso Hermes-Ruy e depois o mais triste ainda Bernardes-Nilo.

Adeus, meu caro. Vou ver se te mando logo os dados que desejas.

Do

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3514

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York,5, Setembro, 29

Meu caro Fontoura,

Recebi tua ultima a proposito da idéa de mandar o Olavo estudar aqui. Acho optima a resolução. Elle que é um menino muito vivo aproveitará immenso e como estamos aqui olharemos poe elle como se fosse nosso filho.

O meu filho Edgard tive gripe no collegio, ficou jururú e eu mandei-o a ares para ahi, de modo que uma conversa de voce com elle será muito proveitosa. O Edgard entende bem destas materias e poderá de dar informações minuciosas. Para te pores em contacto com o Edgard voce deverá informar-se com a tia delle, dona Noemia Varella, rua S. Joaquim 55-A. Avise-o lá para que te procure para conversar sobre o assumpto.

O Olavo com uma estadia cá fica apurado ao ultimo grau e quem sabe um dia elle virá a ser o lançador do Biotonico no mercado americano. E vindo o Olavo tenho a certeza de que um bello dia teremos tambem voce por aqui. Já estou antegozando isso e serei teu ciceroni pelo menos em New York

Adeus. Fico á espera do resultado da tua conversa com o meu boy e sempre ás oredens para tudo quanto precisares.

Do de sempre

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3515

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

N. Y. 10, Set.29

Fontoura,

As informações que obtive cá quanto ao movimento homeopathico decepcionaram-me. Em todo o paiz não existem mais de 40 pharmacias desse typo e em New York ha apenas uma. Tenho estado nella algumas vezes, pois consumimos homeopathia em casa e o movimento é bem pequeno.
O dominio da allopathia é completo e isso se explica muito bem. Os medicos formam uma formidavel gang muito unida e a industria pharmaceutica está in totum a serviço dessa gang. E como a allopathia, como negocio, é melhor negocio que a sua rival, um povo de negociantes como este não quer saber de mudar.
Temos ainda que considerar o seguinte. Este povo é mais são que o nosso e menos inclinado ao uso de remedios. Dá-se uma grande importancia á hygiene preventiva e aos regimens dietarios. Quasi todos os jornaes manteem secções de conselhos hygienicos e suggestões dietarias ao povo. Não ha palavra de que se use e abuse mais do que diet, dietist, dietary e não ha doença que não seja tratada com regimen de laranja ou tomate ou outras frutas e vegetaes ricos em vitaminas.
Se tens real interesse em acompanhar o movimento homeopathico daqui poderás tomar uma assignatura da revista que os homeopathas mantem. Se queres e tens ahi quem te leia o inglez, dize, que te mandarei. Custa $8.00 por anno e como tens um saldo de $200.00 commigo, está facil.
A proposito deste saldo: estou sempre para t'o devolver, mas nunca chega a occasião. O melhor seria usal-o em compras de pequenas cousas que desejes daqui, não?
Estamos em começo do outono. O calor felizmente foi-se embora e já hontem tivemos o primeiro dia frio do anno. Logo, inverno, com a neve, essa coisa tão maravilhosamente linda. Já estou tão affeito á neve que irei sentir falta della quando regressar ao Brasil.
O Edgar com certeza já esteve com voce. Eu te pediria, meu caro Fontoura, para o aconselhares em materia de saude. Elle talvez precise ir a Campos do Jordão ou coisa semelhante, visto como teve gripe e ficou de pulmão fraco. Por esse motivo mandei-o de volta. O exame radi~~s~~oscopico feito aqui não revelou tuberculose, mas esta pode vir, voce sabe. Veja-me um medico de tua confiança para examinal-o de novo e aconselhe o Edgar que procure esse medico. Se o resultado do exame não for favoravel, elle que que não se metta com drogas (salvo o Biotonico) mas que que afunde em clima de serra. Preciso que lhe mettas isto na cabeça, sendo ~~o~~ caso.
Adeus, meu caro. Dispõe sempre do amigo velho,

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3516

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

New York, 21 Março, 930

Caro Fontoura,

Teu telegramma causou-nos um grande allivio e mais uma vez te agradeço a feliz lembrança. Nada sei de positivo sobre o estado do Edgard, pois que quando uma carta chega dahi está atrazada de 20 dias e em 20 dias quanta coisa pode acontecer... Muito receio por aquelle menino dada a sua condição de grippado. O raio dessa molestia costuma deixar residuos no organismo que derepente tomam surto e se apresentam sob aspectos que desnorteiam os medicos. Talvez a pneumonia do Edgard seja uma dessas manifestações e não a velha e conhecida pneumonia.
Estou sem fundos na Companhia Editora visto ter vendido minhas acções ao Octalles e transferido o dinheiro para aqui. Em vista disso peço-te o grande obsequio de falar com o Heitor e fornecer a elle o dinheiro que for preciso para o tratamento do doente. Em seguida me mandarás a nota e farei immediatamente a remessa do dinheiro.
Estou á espera do Olavo e farei tudo para encaminhal-o da melhor maneira. Espero que mandes instrucções a respeito do destino que lhe queres dar aqui.
Adeus, meu caro amigo. não me esquecerei nunca as sinceras provas de amizade que me tens dado e estás dando. São prova do teu grande coração e lealdade. Obrigado.
Adeus. Abraços do

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3517

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 26 Março, 930

Caro Fontoura,

Recebi teu segundo telegramma que muito agradeço. Veio como um raio de luz na noite escura pois estavamos havia uma semana sem noticias do menino. Deus te abençoe.
Na proxima segunda feira cedo chega o Olavo. Vou recebel-o a bordo e guial-o do melhor modo nesta Babylonia immensa. Não sei que projectos voce formou a respeito delle e estou á espera de carta de instrucção.
Sabes que stou avô? Ha um mez que veio ao mundo uma americanazinha, Miss Joyce Campos, que me transformou em grandfather. Paciencia. Ella veio demonstrar-me que os meus cabellos brancos não estão vindo fóra de tempo.
Entramos antehontem na primavera, mas apezar disso tivemos hoje uma bella nevada. Que coisa linda a neve! É o que me vae deixar mais saudades das coisas novas que vim a conhecer neste paiz.
Adeus, meu caro amigo. Segunda feira terei o gosto de estar um pouco comtigo atravez do Fontourinha que chega.
Adeus, adeus...

Lobato

Pasta 33 – documento 3518

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

N.Y.Abril, 3, 930

Caro Fontoura,

Fui receber teu menino em Hoboken e mal o navio encostou já vi a carinha delle na linha de passageiros debruçados na amurada. Reconheceu-me incontinente. Desembarcou sem novidade, desembaraçou as malas, apresentou-me o Lauro, e tocamos para Manhattan pelo ferryboat. Alojei-os no Alamac Hotel, que fica no meu caminho diario para o escriptorio e perto da minha casa. Depois dei-lhes uma licção sobre o modo de comer nas cafeterias e automaticos, os melhores restaurantes que aqui ha para os recemchegados ainda sem lingua da terra. Aprenderam depressa e não ha perigo de que morram de fome.

Olavo está de bocca aberta com o tamanho das coisas americanas e muito aborrecido porque "se mando dizer o que estou vendo, papae nem mamãe não acreditam". Levei-os a ver a cidade subterranea onde mais de 3 milhões de pessoas circulam diariamente e podem viver a vida inteira, com todos os confortos da civilisação, sem nunca sentirem necessidade de subirem á superficie.

Ainda na noite da chegada foram elles, com o Vadico, ao Roxy, e hontem ao Paramaont. Ambos arregalaram o olho, achando o caso muito serio. Lauro está interessado principalmente em arranha-céos e vive de nariz para o ar calculando alturas e Olavo presta mais attenção aos automoveis. Acho que é um menino bastante sensato para a idade e capaz de conduzir-se aqui sozinho sem nunca dar cuidados aos paes. Vi já que é dos que se apaixonam pela America e tiram grande proveito duma estadia aqui. Voce acertou como nunca, mandando-o a estudos. O futuro dirá se estou certo ou não.

[p.2]

Estiveram cá em casa no dia da chegada e voltam hoje novamente. Olavo já me telephonou duas vezes e isso prova como elle é geitoso, porque pedir ligações em inglez, sem saber a lingua, é Africa.

Pretendem passar uma semana aqui e depois rodar para Chicago. Vou recommendal-os ao Gabriel de Andrade, nosso consul la e meu particular amigo, e tenho a certeza de que ficarão muito bem guardados.

Fique socegado que tudo ha de correr muito bem. E vá preparando as malas para vir tambem. Bom tempo seria em julho porque tenho de ir á California em Agosto e poderiamos ir juntos de automovel. Pelo trem são 5 dias e de auto 12. É viagem maravilhosa dessas que a gente nunca mais esquece e marca epoca na vida. E se a gente a faz em companhia de amigo velho, requinta. Voce já viajou a Europa e precisa agora completar o curso com o conhecimento da America.

Quiz alojar os meninos aqui commigo mas aconteceu ter a Martha dado á luz uma americanazinha e estar provisoriamente comnosco aprendendo a lidar com o baby. Não havia espaço e porisso deixei-os irem para hotel.

Adeus, caro Fontoura. fique em paz de espirito que estarei sempre de olho no teu menino para que nada de máo aconteça, e muito obrigado pelo ultimo telegramma sobre o Edgard. Creio que elle escapa da esfrega. Logo que sare pretendo trazel-o para cá outra vez embora com prejuizo dos estudos. Mais vale um burro vivo que um sabio morto.

Adeus. Muitas recommendações a D. Elvira e um abraço

do

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3519

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 12, Abril, 930

Caro Fontoura,

Recebi tua carta ultima, de 20 p. p. Obrigado mais uma vez pelo interesse que tens demonstrado pelo Edgard. A doença delle te proporcionou o conhecimento do Heitor de Moraes que é uma das creaturas mais dignas e honestas que se possa imaginar. Com certeza já estás amigo delle porque entre os bons ha sempre affinidades.
Olavo e Lauro já partiram para Chicago. Seguiram segunda-feira (hoje é sexta), com destino ao hotel Stevens onde ficarão provisoriamente. Houve uma alteração nos planos do Olavo, quanto á escola a que veio destinado. Elle mudou de idéa relativamente ao curso a seguir, com approvação de todos nós aqui e fatalmente com approvação tua assegurada. Em vez de mechanica, escolheu chimica industrial. É o de que voce, como creador do Instituto Medicamente, precisa – um successor na mesma linha de actividade. Sobre o assumpto quiz eu que fosse passado um telegramma pedindo tua opinião, mas Olavo allegou que era esse e sempre fora teu velho desejo de modo que em vez de consulta foi telegramma annunciando como definitiva a mudança de curso.
Em Chicago tenho um excellente amigo na pessoa do Gabriel de Andrade, nosso consul lá. Dei carta ao Olavo recommendando-o insistentemente a esse amigo, que olhará por elles e os guiará do melhor modo em tudo quanto for preciso.
Estiveram ambos aqui em casa no sabbado, de capotes novos e outras roupas já americanas. Estão bem desembaraçados apezar do nenhum inglez que fallam e tenho a certeza que já não se apertarão em nenhuma circunstancia.
Creio que voce não podia acertar melhor do que mandando teu filho para a America. É um menino vivo, de cerebro aberto, justamente do typo mental que tira grande partido das lições deste ambiente. Quanto vieres cá, se vieres, vaes ficar espantado dos progressos delle sob mil aspectos. Digo-o porque notei progressos nos poucos dias que passou aqui.
Lauro é um optimo companheiro que elle tem. Ponderado e de muito juizo. É outro que tambem vae lucrar muitissimo.
Hontem recebi telegramma delles dizendo que haviam chegado sem novidade e tudo ia correndo muito bem. O Sebastião Sampaio tambem os recommendou a amigos de lá, de modo que se acharão bem amparados em caso de encrenca.
Manter-me-ei aqui em contacto com elles e te mandarei sempre as noticias que puder. Fique socegado.
E agora, adeus. Um grande abraço do velho amigo

Lobato

Pasta 33 – documento 3520

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura; escrito a lápis, no alto da página: maio, 2, 930]

Maio 2

Caro amigo Fontoura,

Recebi uma tua, incluindo carta aos meninos que remetti immediatamente. Elles continuam muito bem. Lauro escreve-me todas as semanas, dando conta do que ha – e me confirmando na idéa de que não poderias escolher melhor companheiro para o Olavo.

O Olavo fez muito bem em relaxar com os estudos ahi, pois se assim não fosse não estaria aqui a beneficiar-se com as grandes lições da America. Deus escrevei direito por linhas tortas, diz a sabedoria popular. Um dia voce verificará como é sabio este dictado.

O Gabriel de Andrade, nosso consul em Chicago, tem-se mostrado muito util aos meninos. Lauro está encantado com elle e sempre que me escreve não deixa de me agradecer a feliz idéa de lhes haver proporcionado tão excellente guardião.

Tudo vae bem e só resta que voce venha ver com os olhos da cara os progressos do Olavo. Boa opportunidade seria agora, durante a visita do Prestes. Porque não te resolves logo?

A primavera já entrou. As arvores estão brotando e os campos começam a se transformar em jardins. Tudo está dizendo: Venha logo, seu Fontoura.

A convalescença do Edgard vae seguindo tão lenta que não sei se elle poderá vir com o Bulcão agora em Maio. Será uma pena se isso não se der, porque Bulcão é um companehiro ideal. Voce com certeza jap soube a historia dos cabellos que sahiram da fistula do Edgard. Que poderá isso? Por mais que dêq tratos á bola não consigo achar explicação. E para mim a causa real das doenças delle era a infecção prolongada que tal fistula estava causando. Agora que o foco foi supprimido talvez elle sare depressa.

Adeus, meu caro Fontoura. Mais uma vez mil agradecimentos pelo que voce tão expontaneamente e generosamente tem feito por nós. São coisas que tocam o coração e jamais poderão ser esquecidas.

Adeus. Um grande abraço do

Lobato

Pasta 33 – documento 3521

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura; carimbo no alto da página: BRASIL BANDECCHI]

New York, Maio 22, 930

Fontoura,

Recebida tua carta vinda pela Nyrba (que aliás pouco encurta a viagem). Estimei muito saber que o meu doente ja se abalançou a ir visitar-te. bom signal. Quer dizer que está virando gente outra vez.
Teus meninos vão sem novidade e por noticia que tive delles do Andrade, nada ha a receiar. Andrade é um excellente guia, muito sensato e pratico da vida e deste paiz, de modo que elles se acham muito bem amparados por lá.
Hontem escrevi ao Lauro – porque o Lauro é que é o correspondente. Olavo empurra para cima delle a tarefa de contar o que ha.
Meu caro Fontoura, tens feito tanto pelo Edgard que não sei como retribuir. Eu e Purezinha, se já eramos devotados de voce, agora somos escravos. Só quero que appareça occasião em que possamos demonstrar com actos o que dizemos com palavras.
Hoje escrevi ao Octalles propondo uma serie de novos livros infantis, que elle anda querendo publicar, em troca delle me custear as despezas da doença do Edgard. Caso elle acceite ira conversar com voce para combinar o pagamento do que já forneceste a Teca. Minha moeda sempre foi o livro e vamos ver agora se reduzo a moeda os livros em estado potencial que tenho na cabeça. Será muito bom para mim se elle acceitar minha proposta. Caso não, peço-te me mandar dizer quando já forneceste afim de eu possa providenciar para o pagamento.
Não sei em quanto me vae ficar a festa porque o medico inda não apresentou conta e a convalescença inda se prolonda, mas fique emquanto ficar será mais um esfrega para este pobre Lobato, tão severamente surrado pela vida em materia economica. Emgim, é a vida.
Adeus, meu caro Fontoura. Aqui me fico ainda com esperanças de que cries coragem e venhas visitar o Olavo este anno.
Tens gostado do Heitor? É um dos mais nobres caracteres que encontrei na vida. Felizmente parece que elle agora sarou. Heitor doente era um desastre para a familia.
Adeus, adeus, um grande abraço do

Lobato

Pasta 33 – documento 3522

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado; carimbo no alto da página: BRASIL BANDECCHI]

New York, 17, Junho, 1930

Meu caro Fontoura:

Tem esta por fim apresentar o portador, sr Jurandyr Campos, casado com a minha filha Martha. Elle é desenhista commercial de profissão, ao typo dos que voce muitas vezes procurou para desenhos de reclame do Biotonico. Trabalhou bastante tempo neste paiz, na staff artistica do New York Times, que, como voce sabe, é o mais importante jornal dos Estados Unidos. E isso só já é uma recommendação.
Inda está nesse jornal, mas vae ao Brasil por dois mezes a ver se é possivel estabelecer-se ahi. Em caso contrario, voltará.
Lembrei-me que, dado o espirito creador que voce possue, talvez quizesse conversar com elle sobre um plano de propaganda artistica do Biotonico, para o qual elle está no ponto, visto como com as baterias mentaes carregadas do muito que nesse ramo se aprende aqui.
Estão apresentados. Só desejo agora que as ideas combinem, para reciproco proveito.

Do

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3523

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]
[papel timbrado: COMMERCIAL ATTACHÉ OF BRAZIL / 17 BATTERY PLACE / ROOM 241 / NEW YORK]

New York 10 Julho 930

Carissimo Fontoura,

Hoje escrevi á tua casa dizendo que recebessem os dinheiros fornecidos ao Edgard do Octalles. Elle acceitou o negocio que eu propuz e disse-me que não pensasse mais nisto, que elle effectuaria o pagamento. Assim sendo, cumpre-me mais uma vez agradecer a tua extrema gentileza e promptidão em servir-me num momento difficil.
Agora vamos á tua consulta sobre a pharmacia aqui.
1) A pharmacia é uma casa vagabunda, sem responsabilidade etc?
R. Não. O que se da é que, como tudo mais neste paiz, a industria da pharmacia é exercida por grandes corporações que mantem chains, isto é, centenas e milhares de casas iguaes pelo paiz inteiro. Para reforço do negocio, em vez de simples pharmacias organizam casas que vendem todos os artigos de mais urgencia nas redondezas, sob o nome generico de Drug Stores. A

secção pharmacia desses Drug Stores occupa sempre uma secção á parte e é dirigida por um pharmaceutico licenciado.
2) Para ser proprietario de pharmacia o que é mister?
R. Pela nova lei que governa o assumpto é preciso ser pharmaceutico. [trecho rasurado] Não é permittido o aluguel do nome, como ahi, e como já foi aqui tambem.
#)
3) A abertura de ph. é livre em qualquer parte?
R. Sim, respeitadas as disposições legaes sobre a materia, que variam de estado para estado.
4) Que exames são necessarios para a matricula numa escola de pharmacia?
R. É requerido o curso da High School, que corresponde ao nosso curso gymnasial. O mesmo se dá com ~~com~~ respeito á matricula nas escolas de medicina.
5) De quantos annos consta o curso de Ph.?
R. Tres annos. Depois de feito o curso, porem, a lei exige quatro annos de pratica antes que possa o pharmaceutico agir sob a sua responsabilidade pessoal, possuindo ou dirigindo uma pharmacia. /p.2/ Findos os 4 annos de pratica tem elle de requerer um exame ~~que~~ de habilitação, e so depois é que, ~~pode ser~~ caso approvado, fica emfim pharmaceutico para todos os effeitos.
Os actuaes Drug Stores, possuidos pelas corporações, nasceram sob o dominio da lei antiga e conservam-se por que teem direitos adquiridos. Mas, ha dois annos, sob o regimen da nova lei, é preciso ser pharmaceutico para ter pharmacia.
Creio que isto responde aos teus quesitos, não? Se queres mais esclarecimentos, peça
Adeus. Teus meninos, conforme me escrevem, vão indo muito bem.
Adeus. Esta vae a galope para pegar a mala que esta a fechar.

Do velho amigo

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3524

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, August 1st, 930

Caro Fontoura,

Tive o teu telegramma, que muito agradeço, sobre o Edgard. Parece que esse menino cahiu no gotto de todos quantos lidaram com elle. A Téca, minha irmã~~o~~, está encantada e não quer largal-o. Agora é voce que vem confirmando a coisa com o teu telegramma.
Ando em maré de doenças. Agora cahiu-me de cama o Guilherma, com pleurisia. Um menino forte como um touro, que nunca na vida teve a menor doença. Felizmente o medico acha que não tem gravidade.
Estou sem noticias recentes dos Fontouras chicaguenses, signal de que tudo corre bem. Pas de nouvelles, bonne nouvelle, diz o francez. Com certeza ja estão falando inglez correntemente.
É provavel que já tenhas estado com o Jurandyr Campos, que se casou com a minha filha Martha e levou uma carta para voce. Esse razpaz foi ver se se estabelecia no Brasil, mas as coisas cheiram-me tão más ahi que duvido muito encontre furo. Terá de voltar ao Times, onde sempre trabalhou.

Ando horrozidado com o curso das nossas coisas politicas. O assassinato do Pessoa[509] me parece facto gravissimo, dos que podem trazer infinitas consequencias. O assassinato dum archiduque austriaco trouxe a Grande Guerra. Pessoa é um dos archiduques da nossa republica. Que da sua morte não surja a tão falada e esperada revolução.
Adeus, meu caro Fontoura. Obrigado pelo telegramma. Edgard já não volta mais para aqui. Ficará ahi á nossa espera, pois creio que quem vae, de licença, sou eu.
Adeus, adeus...

Lobato

Pasta 33 – documento 3525

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura; carimbo no alto da página: BRASIL BANDECCHI]

New York 20 Agosto, 30

Caro Fontoura:

Recebi tua carta sobre a questão da pharmacia aqui. Logo mandarei a resposta. A citação do trecho do Mario Mariani é pilherica e nem siquer tem graça. Não se fie no que literatos em transito dizem dos Estados Unidos. É barbaridade sobre barbaridade. Quando vim, um amigo meu, que havia passado cá uns mezes, me encheu a cabeça de caraminholas. Vim e vi que era tudo muito differente. É muito raro um observador serio e de visão certa. Em regra a mania da generalização falseia tudo.
Latrinas em pharmacia! Está claro que as pharmacias as teem aqui, como ahi, como em toda a parte, visto como os que trabalham nella não são differentes dos outros mortaes; mas publicas, como se deduz do trecho transcripto, é ridiculo. Publicas só as ha, aqui, como em toda a parte, nos logradouros publicos, nos cafés e restaurantes, etc. Tal qual como em toda a parte.
Um medico de New York está patenteando um novo typo de seringa para duchas vaginaes sobre a qual elle diz maravilhas. Pediu-me conselho sobre a quem no Brasil poderia propor negocio de representação ou de fabricação e eu indiquei voce. Veja se a coisa convem á tua firma, sabendo que, em caso affirmativo, poderás ficar com o direito de fabrical-a ahi. Caso não te convenha o negocio era favor indicares alguem que tenha interesse nisso.
Estou esperando carta de Chicago, dos Fontourinhas, aos quaes escrevi antehontem. Se vier resposta antes de malar esta, ainda terei tempo de te dar noticias delles num P. S.

Adeus, meu caro Fontoura. Obigado pelas noticias do Edgard e de tudo.

Do sempre amigo

Lobato

[509] João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878-1930), presidente do Estado da Paraíba entre 1928 e 1930, ano em que foi assassinado.

Pasta 33 – documento 3526

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

New York, 5 Set. 930

Caro Fontoura,

Venho completar hoje as informações sobre o pharmaceutico na America, que tanto te está interessando. Alem do que já te disse ha mais isto, respondendo aos teus novos quesitos:
P. a)
R. O curso de pharmacia nas Universidades é de 3 annos. Findo o curso o graduado tem de cuidar da pratica de 4 annos, sem a qual não poderá exercer a profissão. Para isso emprega-se num Drug-Store (que é como se chamam as pharmacias aqui) e o dono desse estabelecimento registra o praticante em Albany, capital do Estado de New York. Nos outros estados o systema é o mesmo. Depois disso, cada primeiro de Janeiro, o dono do Drug Store confirma o registro, isto é notifica a repartição competente que o cabra continua praticando com elle – e assim por deante até completar-se 4 annos. A tal repartição, pois, fica sciente de quem está praticando e onde, de modo que poderá fiscalizar o tirocinio pratico que a lei exige.
P.b)
Antes de assunir a direcção duma pharmacia o pharmaceutico precisa se qualificar para isso, isto é, precisa tirar licença. Essa licença é concedida pelo State ~~Depart~~ Educational Department, que só a concede se verificar que o praticante realmente praticou durante os 4 annos /p.2/ requeridos.
c)
R. O curso preparatorio para pharmacia é o curso da High School, que corresponde ao nosso curso gymnasial. As materias desse curso de High School são as mesmas do nosso gymnasio. Quem sahe duma High School pode matricular-se em qualquer curso de Universidade ~~sem mais exames. Tem de prestar um exame theorico~~ seja de pharmacia ou medicina.
d)
R. As materias do curso de pharmacia são: pharmacia, chimica, materia medica, botanica, toxicologia, ethica, phamacia commercial e commercio em geral.
~~e)~~
~~R. Não entendi a pergunta. Ha um exame geral~~
Como voce está fazendo muita questão deste assumpto escrevi a uma associação de pharmacia pedindo ums exposição completa da material. Se me mandare, resumirei de modo que voce possa publicar nos jornaes um bom artigo a respeito.
Estou hoje in a hurry. A Martha segue para ahi com a netinha americana e tenho de correr para que nada falte no embarque. Em outra serei mais completo, mas creio que com a informações dadas já voce pode adenatar alguma coisa no congresso.
Os meninos em Chicago, bem. Recebi esta semana carta do Lauro.
Adeus, Fontoura. Perdoe o galope.

Do Lobato

Pasta 33 – documento 3527

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]
[papel timbrado: COMMERCIAL ATTACHÉ OF BRAZIL / 17 BATTERY PLACE / ROOM 241 / NEW YORK]

New York, 20 de Nov. 1930

Presado Fontoura,

Recebi seu telegramma pedindo noticias do Lauro e communiquei-me com elle indagando o que havia. Respondeu-me que estava se preparando para vir passear em New York e aqui conversaria.
De facto veio dois dias depois e appareceu em casa. Achei-o simplesmente optimo, sem nenhum signal de ter estado doente. Voce não se assuste. O menino nada temç apenas (isto em segredo) teve por la um namoro que o aborreceu um bocado. Mas esperto como é, deu o fóra na namorada e mudou de bairro e escola. Grande como é Chicago isso corresponde a ter mudado de cidade e pois está tudo muito bem e a doença curada. O Andrade olha muito por elle e o tem guiado da melhor maneira. Nada receies.
Olavo resolveu ficar aqui uns 4 ou 5 dias para variar, e de volta agirá de geito a comprehender o que são as namoradas da America.
Ando admirado como elle sabe agir aqui. Não se embaraça com coisa nenhuma e está cada vez mais ficando como peixe nagua.
Aqui andamos escassissimos de noticias dahi. Amanhã saberei de coisas pelos jornaes que chegarão pelo vapor de hoje. Como estamos com vapores de 15 em 15 /p.2/ dias, as novas já estão de cabellos brancos quando batem por cá.
Estou ansioso por voltar a S. Paulo e ver o S. Paulo novo, limpo daquella canalhada que nos envergonhava. Creio que agora todos os meus amigos estão de cima visto que estavam todos por baixo.
Se voce se interessa pela montagem ahi duma fabrica daquelles phosphoros que o Olavo te mandou communique-se com o Dr Fortunato Bulcão, rua Valparaizo 36 Rio. É o melhor negocio que por meu intermedio já foi encaminhado para o Brasil.
Adeus, meu caro. Ha tanta coisa a dizer que desanima e dá vontade de não dizer nada.

Do Lobato

Pasta 33 – documento 3528

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado; carimbo no alto da página: BRASIL BANDECCHI]
[papel timbrado: COMMERCIAL ATTACHÉ OF BRAZIL / 17 BATTERY PLACE / ROOM 241 / NEW YORK]

New York, 13 Março 1931

Fontoura,

Voce é um amigo como haverá poucos. Não sei como possa te pagar tanta boa vontade e dedicação.

Os ultimos telegrammas socegaram Purezinha que estava em vias de ficar louca – e a voce devo esse retorno da ordem num pobre coração de mãe torturado pela incerteza.

Escrevi ao Olavo e não obtive resposta. Desconfio que se mudou de casa e esqueceu-se de m'o participar. Em vista do que fiz hoje uma carta ao Andrade e espero ~~a~~ atravez delle levar noticias frescas dos meninos.

As drogarias aqui são livres de fazer tambem o commercio a varejo, tendo para isso secções de varejo ao lado da secção de atacado. O commercio americano não soffre embaraço nem restricção nenhuma do governo. Age em tudo como melhor lhe convem e quando ha uma tentativa do Esyado para alguma restricção a resposta é sempre estea: Mind your business – isto, não metta o bedelho onde não é da sua conta.

Sigo a 19 pelo CUBANO, vapor da Kerr Line. A necessidade de fazer economia fez-me adoptar esse navio, já que o governo até agora não me mandou recursos para a volta, como prometteu e tenho direito.

Levo grandes negocios com os quaes espero restaurar minha finança mais abalada que a do Brasil. Entre elles um que talvez mereça teu interesse. Um novo processo de fazer farinha de banana que é uma maravilha. Em vez de o descrever aqui, mando-te por navio uma amostra do producto. Prove-o, estude-o, analyse-o e forme idéa a respeito, sabendo que ha para tal farinha um grande mercado aqui e certamente no velho mundo tambem.

Adeus, meu caro Fontoura. Estou ansioso por chegar e de viva voz agradecer o muito que tens feito pelo pobre Edgard.

Adeus, adeus.

[ass. Lobato]

Pasta 33 – documento 3529

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Bs. As. 29,9,46

Fontoura:

Respondo á de 23, com parabens pela 2ª infancia, que te fez voltar á leitura – e parabens a mim tambem por ter sido a cartilha escolhida. Para uma estação como a que v. faz diante ao mar, evidentemente que uma Barca vale mais que uma Farmacopeia. Aproveite. Como aquilo é coisa do nosso tempo, recorda muita coisa que vimos, lemos e cocemos, todos nõs que temos a mesma idade.

O endereço do meu escritorio aqui é PIEDRAS 346

Estive com o Ney e a Ruth, mais o Geraldo Macedo, numa farra pelas boites elegantes, até 2 ou 3 da madrugada. Ambos gostaram muito, e parecem-me encantados com Buenos Aires. Ficaram fregueses, porque só a primeira viagem é que custa; as outras fazem-se com a maior facilidade.

Ha aqui um medico alemão que me parece uma maravilha. Um iriologo, isto é, que só diagnostica pelo exame da iris. Não tem consultorio, porque a lei lhe veda isso, mas atende a chamados. Chamei-o por mera curiosidade, para ver se adivinhava o que eu tive e tenho; e disse-lhe isso. Pois o homem examina-me a iris e diz tudo direitinho!... Depois fiz tres outros repetirem a experiencia – e foi um assombro. Um deles, ferido na guerra da Espanha, tem um remendo de platina no craneo, muito bem oculto pelo cabelo. Pois o diabo examina-lhe a iris e ~~diz~~ fala desse ferimento no cranio e de mais um menor, tambem na cabeça, que nem eu sabia e o meu amigo bem mais se lembrava. Depois diz que nada daquilo o estava afetando e sim a miorreia, cujas toxinas o iam envenenando – e deu-lhe uma [ilegível] complicada, e o pos bom em 15 dias! A mulher desse amigo sofria de uma dor de cabeça cronica, ha anos, e andava cada vez pior na mão dos [ilegível]. /p.2/ Pois o alemão examina-lhe a iris e diz: "Seu mal vem duma operação de apendicite mal feita (era verdade, coisa de 6 anos atrás), mas o seu mal maior é o envenenamento por drogas, sobretudo calcio (ela já havia tomado 200 injeções de calcio). Deu-lhe o remedio homeaopatico e no 2º dia já cessaram as dores de cabeça; faz um mez que esteve lá e a criatura nem me parece a mesma. Está ressuscitando a galope! Hoje ele vem cá ver Purezinha, que anda artritica. Quero ver o resultado de mais essa experiencia. Esses alemães são verdadeiramente diabolicos!...

E quando volta para S. Paulo? Não tenha pressa. Aquilo lá funciona mesmo sem você – e você aí nessas brisas marinhas se enrijece como se estivesse com o meu alemão ao lado. Faça como eu, que pus de lado todos os cuidados e estou vivendo um pedaço de vida perfeitamente feliz – ainda mais agora que tenho o Dr. Kodmann para me garantir a zona. E baratissimo. Cobra 10 pesos por uma visita.

Basta de prosa. Aqui me chamam para o almoço, e aí devem estar-te chamando para alguma coisa.

Adeus,

[ass. Lobato]
Lobato

Sua ultima carta estava muito bonita, muito correntia, o que me fez dizer comigo: "O Fontoura está ficando barqueiro".

Pasta 33 – documento 3530

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. Paulo, 20, Julho, 1941

Caro amigo Fontoura:

Passei quinze dias de cama, com uma doença caracterizada pelo peor dos fastios; bastava que me falassem em comida para eu peorar. Mas afinal fui sarando, sem que, entretanto, o fastio desaparecesse. Nisto me lembrei do BIOTONICO e fiz a experiencia, mas com o maior cepticismo, porque não ha "fortificante" que não se classifique a si mesmo como o melhor ~~de todos~~ do mundo. Comecei a ~~tomar~~ toma-lo na dose prescrita e rapidamente o fastio desapareceu, substituido por apetite que já anda a me envergonhar. Ora, como nunca fui de muito comer e sempre lamentei a falta de apetite, mesmo em meus periodos ~~da vida~~ de maior higidez, ~~fui~~ sou forçado a atribuir ~~a minha~~ esta "crise de apetite" ao uso do BIOTONICO – e é com o maior prazer que te mando contar isto. e é envergonhado que confesso que lá no meu intimo ~~eu~~ sempre ~~tive~~ considerei o que se dizia ~~do BIOTONICO~~ desse fortificante como ~~a~~ "voz da propaganda", mas hoje tenho de admitir que a propaganda absolutamente não diz tudo que o Biotonico é.

Do amigo de sempre

[ass. Mont. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33 – documento 3531

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado sem data; carimbo do lado direito da página: BRASIL BANDECCHI]

Fontoura:

Aí vai a cara do teu desconsolado amigo. Desconsolado por que? Porque se sente cada vez mais velho e a separação dos amigos e chinelos velhos não é compensada pelas coisas novas destas plagas. Gato velho quer borralho. Muito sabia a tua politica de crear um confortabilissimo borralho, com varios chinelos, e nele se deixar ficar enquanto outros menos sabios procuram pelo mundo coisas inexistentes...

[ass. Lobato]
Lobato

[a cópia xerográfica reproduz ainda fotografia de Monteiro Lobato com o pescoço envoltou num cachecol xadrez; lê-se no verso da foto, em manuscrito:]

Veja que cara de desconsolo a do teu amigo Lobato neste ano de 1946, na cidade de Buenos Aires

Pasta 33 – documento 3532

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Buenos Aires, 20, 6, 946

Fontoura amigo:

Cá me chegou tua carta com o recorte do DIARIO. Obrigado. Os bons amigos não se esquecem nunca. Para lembrar voce, tenho cá o FONTOL, de que já tomei um, e o DEFLUXOL, ao qual todas as noites recorro para desobstrução do nariz – e lá vai para V. meu pensamento.

Ainda estou em hotel, mas já de apartamento contratado; amanhã entra a mobilia e mudo-me. Tome nota na sua carteira:

Calle Sarmiento 2608
Buenos Aires

Isto aqui está num apogeu de prosperidade e riqueza. Puro fenomeno de apoplexia. A guerra trouxe montanhas de ouro para a Argentina, e a paz está fazendo o mesmo. Num mundo em que ha fome generalizada, um país produtor de comida faz negocios da China.

Adeus. Esta vai apenas para abraçar-te e desejar-te a continuação da felicidade que tens tido.

Grande abraço do

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3533

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Buenos Aires, 7, 9, 946

Fontoura amigo:

Hoje, 7 de setembro, em vez de ir ás festas que o Luzardo organizou, tirei o dia para escrever aos amigos – e começo por você, que sempre foi o puxa-fila.

Aqui tudo vai indo muito bem, e eu num sossego e numa paz infinita, na situação de boi bernento e acarrapatado que de um momento para o outro toma um banho carrapaticida e livra-se da parasitalha toda. Analisando meu sossego vejo que vem da separação geografica de uma infinidade de parentes, amigos, fans, penetras, tiras, cavadores de prefacio e autografo, admiradores e admiradoras, etc., que por causa da minha bondade natural foram aumentando em tal proporção que tive de fugir. A verdadeira causa da minha vinda para a Argentina foi essa: necessidade de fugir da parasitalha infinita e cada vez maior. Ora, a ausencia

disso me redundou em tal sossego, que ás vezes até tenho remorso de estar neste macio. Parece-me excesso de egoismo. E agora que a primavera está entrando, a delicia está que v. nem imagina, Fontoura!

De vez em quando leio uma noticia do Brasil nos jornais de cá, sempre resumidas telegraficamente – e fico sabendo das novas coisas desagradaveis que aí se vão seriando. Mas como não recebo jornais da patria, fico-me no resumo – e não me amofino muito. Só sinto uma coisa: não ter vindo ha mais tempo...

Ontem estive com o Geraldo de Macedo e soube que o Ney vem. Otimo. Se vem com a Ruth, terei um pouco de Fontoura aqui para matar saudades. E talvez Otales peça ao Ney que me traga um dinheiro.

Uma coisa é passear ás pressas num país, outro é morar nele. Vi essa diferença ma America do Norte e estou vendo-a aqui. A verdadeira patria da gente é a casa. Montada a casa, com a familia ali dentro, a gente está perfeitamente bem em toda parte. Só sente falta de alguns amigos – não todos. Em geral englobamos na palavra "amigos" uma serie de pessoas que seria uma delicia termos como inimigos. Dizia o Maneco: "Dos amigos livre-me Deus, que dos inimigos me livarei eu." Mas tirante a minha meia duzia de amigos de fato, e dos quais realmente tenho saudades, não sinto a menor falta da patria – nenhuma, nenhuma. E como já estou mergulhado do trabalho aqui – e o trabalho é a maior das maravilhas – posso te dizer que estou numa das fases mais felizes de minha vida.

De voce não pergunto como vai porque sei como vai. Vai como sempre foi. Ninguem soube organizar melhor a sua vida neste mundo, do que voce, Fontoura. Parece aqueles patriarcas biblicos que tinham tudo – e áté conversavam com Jeovah, como conversam dois socios. Ninguem pergunta como vai um patriarca deste tipo porque sabe que vai inalteravelmente bem.

Neste momento a Ruth abriu pela primeira vez o radio, na sala de estar. Só agora chegou daí e vai entrar em ação. Aquele que v. me deu. Quer dizer que vamos ter agora quem te lembre nesta casa todos os dias...

Adeus. Recomendações a todos, do

[ass. Lobato]
Lobato
Sarmiento 2608

Pasta 33 – documento 3534

[cópia xerográfica de datiloscrito incompleto]

B. A., 12, 9, 46

Fontoura:

A tua carta de 6 cruzou com uma que te escrevi para S. Paulo. Houve engano na apreciação a meu respeito. Não sinto a menor saudades da patria. Creio mesmo que nasci para viver fora dela. O borralho de que tenho saudades não é a patria – a patria é Dutra, é Getulio, é essa eterna e dolorosa bagunça sem concerto. O Borralho é o que sabes, os amigos e as amigas. Se eu tivesse isso aqui, nunca me lembrava do resto.

Muito boa a foto do Olavo, e de muito proveito vai ser a estadia dele lá. lembro-me de quando te queixavas dos "pequenos" e eu dizia, profeticamente: "Não te incomodes; eles são de boa semente, e passa a epoca do estouvamento da juventude (que é uma epoca de excesso de

vitalidade, transbordante e brincalhona) eles te hão de recompensar. Essa epoca chegou – e eles te estão fazendo felizes.
Minha neurastenia incipiente sarou com o trabalho. Era falta de trabalho. Não posso viver sem isso. Agora que me pus a trabalhar de novo, me sinto feliz como um passarinho. A primavera é a estação dos passarinhos, e como ela chegou, os passarinhos andam radiantes – e eu com eles.
Em novembro o Jurandir ver, e em dezembro vem a Marta com a Joice, minha neta – e assim a coisa vai sendo levada agradavelmente. Este fim de ano vai ser meu, aqui. A casa Harrods, que é a principal daquil, especie de Mappin em ponto grande, vai fazer este mês, no seu grande salão de exposições, a "semana M. Lobato", com exibição de todos os meus livros, cartazes, bonecos, etc. Depois teremos em outubro a Exposição do Livro Brasileiro organizada pela Embaixada – e nele figurarei com 80 livros, as edições daí e as daqui. Uma tacada. E antes do Natal o Harrods vai repetir a Exposição Monteiro Lobato. Tudo isso continuará com o lançamento de LAS HAZAÑAS DE HERCULES, num grande volume de luxo, de 30 pesos, lançado espetacularmente, com anuncios nos jornais e no radio. Quer dizer que a Argentina está me recebendo muito bem. E signffica dinheiro.

Pasta 33 – documento 3535

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Baires, 22, 1, 947

Fontoura:

É verdade: passou-se pela primeira vez um Natal com os dois velhos amigos separados, mas desforraremos este ano. Já andam as saudades rondando aqui a casa, e é muito possivel que em vez de irmos ao Peru resolvamos voltar ao Brasil, quando nada para uma matança de saudades. Mas a ideia esbarra numa dificuldade: casa. Dizem-me que ainda não ha casas para alugar, e uma das coisas que a vida impõe é MORAR. Ninguem pode viver sem morar.

Dona Estela Rocha esteve aqui, e anda agora por Bariloche, que é uma região de lagos famosa. Jantei com ela e a filha no City Hotel. Pos-me ao par das novidades da patria. E agora tenho todos os dias alguma noticia nos jornais – das eleições havidas aí. Pelo que dizem os de hoje, parece que o Adhemar está bem ~~aí~~ – e dos tres candidatos é o que me parece melhor. Tem a grande vantagem de resolver as coisas e fazer.

Não quero passar o inverno aqui. Muito rigoroso para um porcalhão da minha marca. Prefiro até o inverno de S. Paulo, que ficou rehabilitado depois que padeci o inverno daqui. Porisso creio que lá pelo outono começo a mobilizar-me para a volta á patria – se a patria ainda existir e estiver habitavel.

A Ruth me mandou umas mangas lá de Valinhos, que tem sido comidas "poupadamente", uma por dia. Das coisas brasileiras, a manga é talvez a que me faz mais falta. Sou um papa-mangas.

E mais não ha por hoje, caro Fontoura. Recomendações a todos e um abraço do velho amigo que já vai se aproximando daí...

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3536
[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

1, 2.47 – Bs. As.

Caro Fontoura:

Recebi o novo livro do Silva Melo. Lá li alguma coisa. Pena que muitos autores, entre os quais este, digam em 100 palavras o que poderiam dizer em 10. Talvez venha disso o excepcional sucesso de SELEÇÕES, essa engenhosa revista americana (não era preciso dizer) que tira 8 milhoes de exemplares. A ideia-mater dessa revista é dizer com 10 ~~plavras~~ palavras o que os autores disseram com 100. Leio SELEÇÕES desde o 1º numero, e cada vez gosto mais, porque não me rouba tempo – e tempo é vida. Lembre ao Silva Mello propor a SELEÇÕES dar os seus livros em resumo. São obras muito uteis, mas todas pecam pelo tamanho. Resumidas, teriam mil vezes mais leitores e prestariam, portanto, mil vezes mais serviço. Na farmacopeia o uso antigo eram tisanas em garrafadas imensas. Lembro-me duma Salsaparrilha nuns vidrões enormes. Hoje o sistema está mudado. Passou do garrafão á ampola e aos comprimidos – com vantagens para os industriais e fregueses.

Se eu fosse moço e voltasse á industria editora iria lançar para os livros o sistema de SELEÇÕES. Imagine as vantagens tremendas da ~~papelada~~ papelada gigantesca dos livros modernos reduzida a folhetos otimamente concentrados! O comprimido na literatura!...

Estou me adaptando á ideia de passar o inverno aí, em vez de aqui ou no Perú. No fundo, saudades. Fiz uma grande descoberta. Isso que chamamos "patria", no fundo não passa da "lingua". Patria é a lingua. Nostalgia é apenas a saudade da lingua. E se temos mais saudades dos amigos do que do Pão de Açucar e de todas as coisas materiais da patria, é que com os amigos ~~que~~ estamos literalmente dentro da lingua, como um bicho dentro da goiaba. É com os amigos que conversamos – e viver é conversar.

Lá pelos fins do outono volto – se achar casa. A Marta está aqui, volta depois de amanhã e vai cuidar disso – achar casa onde possa me instalar. E de volta, creio que ficarei atí até o fim da vida – conversando. Quanto não vale uma boa hora de conversa lá na varanda da fazenda de Valinhos, ou na~~a~~ do Chapa~~dão~~dão? Dando balanço em minhas saudades cheguei á conclusão de que o que me falta aqui – ou onde quer que eu esteja fora do Brasil – é sempre a mesma coisa: a Lingua, esse borralho do espirito.

/p.2/

Fora da terra natal, isto é, da Lingua, a gente não <u>conversa</u> na lingua estranha, apenas <u>fala</u> – somos mal entendidos e entendemos mal. Se o Brasil, por exemplo, ficasse exatinho como é, mas de lingua mudada, para a chinesa ou alemã, por exemplo, nós nele não nos sentiriamos em nossa patria. E viceversa: se tudo nele mudasse completamente menos a lingua, continuariamos nele a nos "sentir em casa". O gosto de "voltar para casa" quando saimos, é isso; é que só em nossa casa estamos ~~dentro~~ bem dentro da lingua. Ando agora a refletir nisso: na tremenda importancia da lingua, sobretudo para os velhos. Os moços ainda enganam com outras coisas a fatla da lingua – mas para os velhos a lingua é positivamente o que é o borralho para os gatos. Ando pois com muita vontade de me "espojar" na lingua, e o meio é ir para aí. E para ficar permanentemente. A minha grande descoberta que a patria é a lingua me fez desistir de novas estadias em terra estranha. Para o velho, o borralho.

Você é um homem feliz porque adivinhou desde cedo o que eu só descobri agora e "organizou" o borralho. Eu errei. Errei demais – e no fim da vida estou... procurando casa! E não tenho desculpa, porque perdi os pais cedo e fui morar com o meu avô, o homem, de quantos conheci, que melhor organizou o seu borralho. Um dia te contarei isso. E tão ajeitadamente vivia naquela gostosura,

que certa vez em que a mulher insistiu em viagem á Europa, ele decidiu-se; arrumou tudo, comprou passagens e na hora de partir ficou. E naquele borralho morreu aos 84 anos de idade, consciente de que não havia errado. Ora, com um exemplo desses em minha vida, só um defeito mental explica haja eu errado tanto. Com 64 anos... e a procurar casa! Se eu fosse viver outra vez a minha vida, faria tudo exatamente o contrario do que fiz. E ha tanta gente que me considera inteligente...

Se v. souber de alguma casa, telefone á minha filha Marta, para ela ir ver.

Adeus. Estamos em pleno verão, mas ha sempre umas brisas que o refrescam. Melhor que o verão do Rio de Janeiro.

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3537

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Baires, 8, 2, 47

Meu caro Fontoura:

Sim, Fontoura, quero que me ajudes na obtenção de casa para abril. Não posso passar novo inverno aqui: muito forte para mim. Apesar do inverno em S. Paulo ser o que sabemos, é primavera em comparação do inverno de cá.

A Marta aqui esteve e já voltou. Sabe o que queremos em materia de casa, de modo que v. descobrindo alguma, pode telefonar-lhe para 70992, para que ela vá ver e decida. Prefiro em bairro servido pelos bondes que descem pela Av. S. João ou pela rua Barão Itapetininga. Purezinha tem horror a apartamento, de maneira que temos de ver casa individual. Eu aqui pago 514 pesos pelo meu apartamento, que é otimo. Aí não sei por quanto poderei ter casa.

O Octaviano é um excelente amigo, do qual gostarás quanto mais o conheças. Um dia hei de leva-lo á tua fazenda de Valinhos, para uma longa prosa sossegada. Andamos a nos corresponder muito ~~amide.~~ amiude.

Já te disse da minha descoberta que Patria é a lingua. Volto e vou passar o resto da minha vida gosando a Patria – isto é, a Lingua. Conversando...

Vejo as coisas do Brasil muito confusas e escuras. Tudo pode acontecer – até o bom. Mas Adhemar no governo me parece a melhor coisa possivel no momento. Dele podemos esperar alguma coisa. Dos outros, nada. Que adiantou o governo do Macedo? Não houve um centimetro de melhoria – exceto para os padres.

Adeus. O restó é muito e não cabe em carta.

Do

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3538

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Baires, 17, 3, 47

Fontoura amigo:

Recebi suas tiras de 11, junto com um artigo do Chateau. As tiras não diziam nada, e o artigo ainda menos. V. só me falou da chuva, e por noticias telegráficas dos jornais daqui sei que as chuvas têm sido tremendas – houve uma forte no Rio que durou 48 horas a fio. Imagino os estragos. Pois aqui chove muito pouco. É uma raridade uma chuvinha. E temporal, nestes meus dez meses de Argentina, só tivemos um.

A Marta anda na pista duma casa que me serve, duma familia que mora na mesma rua a uns metros de distancia e que vai para a Inglaterra este ano. Se ela conseguir essa casa, estará tudo muito bem. Em caso contrario, vou ficando, pois estou muito bem aqui, e cada vez mais acostumado.

Houve uma mudança em meu organismo, para melhor, que eu atribuo a uma penicilina "amortiguada" que meu medico daqui. Ótimo, o Dr. Hansen, me receitou por ocasião do meu ultimo resfriado ha nove meses. Tomei 12 comprimidos de LEDERCILINA – G cada uma com 25 mil unidades de "penicilina amortiguada" com carbonato de calcio (Laboratorios Lederle. U.S.A.) e sarei e não me gripei ou resfriei mais. Agora, por exemplo, com a entrada do frio, vejo todo mundo resfriado – e eu nada. ora, como a unica medicação que tomei foi essa, vejo-me obrigado a atribuir a ela a mudança. Experimente-a aí.

Novo Governo! Adhemar em repetição! A expressão "Novo Governo" é do mesmo naipe e da mesma força da expressão "Ano Novo", que todo mundo recebe com a maior alegria e com grandes esperanças – mas que deixa tudo na mesma. Não ha nada mais igual a um Ano Novo do que um Ano Velho; nem mais igual a um Governo Velho do que o um Governo Novo. Isso porque a vida do mundo está muito bem expressa num velho ditado francês: PLUS ÇA CHANGE, PLUS ÇA C'EST LA MÊME CHOSE.

Nunca imaginei que o verão em Buenos Aires fosse tão suave! Passei tão bem, gostei tanto, que quando tiver de voltar cá a passeio escolherei essa estação. O mau aqui é o inverno – mas creio que é menos mau que aí, pois que as casas tem calefação.

Eu disse que aqui pouco chove, mas não me expliquei bem. Pouco chove agua – mas a chuva de brasileiros turistas não cessa. Ontem jantei no City Hotel com D. Yainha e o esposo – e aquilo lá, todos os salões, estavam literalmente inundados de brasileiros. Só engenheiros, 159 – uma verdadeira tromba de engenheiros desabada lá. Esse hotel está sendo monopolizado pela brasileirada – é um verdadeiro pedaço do Brasil.

Bom, adeus. Não esqueça a Ledercilina. Assim como me imunizou, pode fazer o mesmo a voce – e mal não faz nenhum.

Grande abraço do

[ass. L.]
Lobato

Pasta 33 – documento 3539

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

Bs. As., 24, 4, 947

Fontoura:

Então? Como vai a bizarria? Ha muito tempo que não nos escrevemos, e creio que esta vai ser a minha ultima. Isso porque já estou de passagem comprada para o dia 8 de maio, na Panair, e nesse dia lá pelas 3 horas da tarde vou pisar de novo a terra patria. Fico em hotel, ainda não sei qual, e sossegadamente procurarei casa.

E assim termina a minha aventura argentina, que foi muito calma e feliz. Passei um ano excelente, muito bom para varias coisas entre elas para valorizar o que deixei aí. Nada como uma separaçãozinha de vez em quando. Tal qual o que se dá com os namorados. Toda gente devia de vez em vez passar um ano longe de sua terra... e de sua mulher. Voltaria cheio de amor.

Bom. Está dado o meu recado. Agora, adeus! até o dia 8.

Com um abraço do

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3540

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado; escrito à mão, no canto superior direito: Resp. / 11.3.48]

S. P.3/3/48

Fontoura:

Tenho recebido copia das "circulares" – otimo sistema que V. achaou para escrever a toda a familia, com copia aos amigos. Desse modo, escrevendo uma carta só, V. se comunica com todos! Otimo, otimo.

Dessas cartas vejo que os E. U. não estão te decepcionando, bem ao contrario. Estão causando em V. a mesma prodigiosa impressão que me causaram a mim, e causam em todo mundo. Isso aí é realmente uma "coisa que só vendo". Descreve-la ninguem pode. E quanto mais V. ficar aí, mais motivos terá de admirar os americanos. Os 5 anos que vivi em New York não deram para exgotar minha admiração. Cada dia vinha uma coisa nova.

Não deixe de ver o panorama noturno da cidade do alto de algum arranha-ceu – Empire, Chrysler ou Woolworth. E tambem não deixe de fazer uma excursão ao Grand Canyon do Colorado, que tem fama de ser o mais grandioso espetaculo natural do mundo. E indo lá, poderá conhecer os parques nacionais, como o Yosemite – passeios inesqueciveis. Aí em New York eu te aconselhava umas excursões pelos villages visinhos, Scarsdale, Garden

City, etc. é preciso que v. conheça o "interior" americano, que me parece uma maravilha de civilização e beleza. Garden City me dá ideia de uma linda fita de cinema, tecnicolor.

Não tenha pressa em vir, e não se afobe em ver as novidades daí, para não saturar-se e cansar. Vá piano, piano, sem pressa, como V. costuma fazer, que isso é o sabio e o bom. Não deixe de ver o Museu de Historia Natural – mas ver bem, por horas e horas, durante os dias que forem necessario. Eu se tivesse de dar um presente ao Brasil, dava um museu de historia natural como o de New York. É uma escola viva de tudo, agradabilissima e interessantissima.

Eu ando entrado em fase nova. Meu coração começa a arriar. As coronarias andam insuficicientes, e estou tomando uma serie de injeções de estrofanto. Tenho de poupar-me muito, e até de falar pouco... Meu caro: a vida é uma fila como as da Praça da Sé, para pegar o onibus da linha ALEM. Antigamente eu estava tão no fim da fila, que nem enxergava o onibus. Agora já estou bem perto, e vejo o onibus muito bem. É um onibus côr de burro quando foge. Já ha pouca gente na minha frente. Logo chega a minha vez. Entro no onibus e: "Adeus, minha gente!"

Só tenho uma coisa a te dizer: a mesma que disse mais acima: não tenha pessa em~~v~~ voltar. Isto aqui te espera sem a menor mudança em coisa nenhuma – e quanto mais tempo V. passar aí mais rico virá em observações e ideias novas.

Adeus, caro Fontoura. Um grande abraço, extensivo ao Olavo, do velho amigo de tantos anos,

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3541

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S.P.9,3,948

Fontoura:

Quando o assunto é muito, o melhor é não dizer nada. Escrevo pois apenas para dizer que recebi a carta de 3 do corrente, de New Haven, e outra do Coelho, referindo-se á visita que V. lhe fez. Coelho é uma excelentissima criatura, e tenho a certeza de que voces vão ficar amigos. A filha dele Ann passou uma quinzena aqui em casa do Jurandir e agora está se preparando para voltar. Linda menina, mas tremendamente grande. Deixou todo mundo aqui no Brasil pequeno... Creio que conheci o Nilson cá em S. Paulo. Apareceu-me no escritorio com a apresentação do Coelho. Mas que é que V. está aprendendo com ele?

Não escrevi porque V. me disse que ia demorar-se coisa de uns 20 dias – prazo que não dá nem para a troca de duas cartas. Mas vejo que os 20 dias vão multiplicar-se por 2 ou 3... Sinal de que está gostando da terra magica do tio Sam. Quanto a eu ir, é tarde... Isso de ir, para mim, só para o outro mundo. Sou tremendamente mais velho que você. A idade se mostra pelo grau de interesse que o hoem tem pelas coisas. Quanto menos se interessa, mais velho está. Meu desinteresse por tudo anda a me dar 80 anos...

Creio que vou passar o mês de Abril ou Maio na Bahia, porque os amigo que fiz lá estão a exigir isso. Vou muitissimo mais por eles do que pela Bahia, que já vi duas vezes e não é coisa que aguente mais uma vista. Mas fiquei querendo bem lá uma proção de gente.

New Haven... Estive por aí de passagem, num dos passeios que aos domingos eu fazia pelos estados de N.Y., N.J. e vizinhos. Eramos um grupo de amigos que todos os domingos saiamos de New York muito cedo passavamos o dia inteiro excursionando, e piquenicando. Voltavamos de [escrito na margem esquerda da folha] noite. Foram muito interessantes e ricos os anos que passei nesse país. Creio que foram os 5 anos mais interessantes da minha vida. Eu ainda pertencia ao sexo masculino e tirava partido disso.

Adeus.

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3542

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S.P.18,3,48

Caro Fontoura:

Cá me chegou a sua de 11, e tambem uma do Coelho contando encontro que voces ~~es~~tiveram. Excelente amigo o Coelho o melhor coelho que pode haver, e um excelente guia dos E. Unidos, que ele conhece a fundo e "ama". Voce vai aproveitar muito com as prosas do Coelho, que são sempre instrutivas e ilustrativas. Esse~~s~~ deslumbramento que voce está experimentando com as coisas americanas, foi o meu durante 5 anos. Nesses 5 anos não passei um dia sem admirar uma coisa nova nesse país que é unico no mundo – e inalcançavel. Quando voce voltar é que vai ver <u>o que é o Brasil</u> – que coisas triste e decepcionante é o Brasil, como verifiquei na Bahia. E agora aqui em S. Paulo a coisa está desagradabilissima, com a guerra politica. Verdadeira guerra para destruir o Adhemar – e não sei se ele aguentará o ataque. Isso o bota exclusivamente na defesa e o impede de fazer o muito que era preciso e que esperavamos dele. E assim vai o tempo se passando, os governos se sucedendo, um sempre pior que o outro, o país crescendo em degradação e miseria. E aí – aí é o que você vê: um progresso continuo, sem interrupções e em todos os ~~r~~ os rumos. E o que a gente não vê ainda é maior do que o que gente vê. Quem pode sonhar as maravilhas que estão se gerando no fundo do laboratorio dessas primorosas universa~~i~~dades? Voce viu a de Yale. Ha quasi sessenta, todas prodigiosas. Visite a Cornell, a de Princeton, onde está o Einstein, a de [ilegível] perto da qual morei. Um dia fui lá e coincidiu com o fechamento das matriculas. Tinahm se matriculado 26 mil e tantos alunos...

Acho que se voce, com o espirito que tem, e as mais qualidades americanas que tem, tivesse passado uma temporada grande aí em [ilegível] de começar a sua vida industrial, teria aproveitado imensissimamente. A America não é para toda gente. Muitos passam por aí e não aprendem nem [escrito na margem esquerda da folha] aproveitam coisa nenhuma. A America é para os que nascem com o espirito do americanismo na alma, expressão que é sinonima de "espirito do progresso". A grande escola moderna dos homens realmente inteligentes e vivos, é esse país. Voce concordará comigo.

Lobato [ass. Lobato]

[escrito no canto superior direito, acima da data: Já sarei. Ando passando otimamente.]

Pasta 33 – documento 3543

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

S.P. 31/3/48

Fontoura:

Ontem telefonou-me a Ruth, e disse-me que v. está para vir. É muito possivel portanto que não receba esta carta. Mas se acaso receber, faça-me o favor de juntar um cheque de 10 dolares ao coupon junto e de botar no correio. Aqui justaremos contas. É a minha contribuição para a campanha do Wallace, o homem da paz:

Mas não sei se a aceitarão, porque sou extrangeiro. Aqui a luta para derrubar o Ademar assume proporções atomicas – mas ele vai aguentando. Se conseguir vencer a tormenta, ter-se-á revelado um herói – e ainda irá longe.

Como estás para vir breve, deixo o resto para conversar aqui.

Do velho amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3589

[Cabograma 14 novembro 1927]

CABOGRAMMA

ALL AMERICA CABLES INC. DATA DA RECEPÇÃO E HORA
ESTAÇÕES NO BRAZIL
RIO DE JANEIRO – RUA DA ALFÂNDEGA N. 50
SANTOS – RUA 15 DE NOVEMBRO N. 141
S. PAULO – RUA 15 DE NOVEMBRO N. 26

JAMES A. SCRYMSER, FUNDADOR JOHN L. MERRILL, PRESIDENTE

O seguinte cabogramma foi recebido "VIA ALL AMERICA" 18.50 y.

WLT3 NEWYORK 15

WLT DR CANDIDO FONTOURA ~~URA~~ RUA PADRE JOAO MANOEL SPAULO
TRABALHO PROMPTO PODE MANDAR DINHEIRO

LOBATO

Communicações com os Estados Unidos da America do Norte, Canadá, Europa e todas as partes do mundo.

Pasta 33A – documento 3590

[cópia xerográfica do manuscrito original – 1925-10-16]

Rio 16 Out. 25

Caro Fontoura

Aqui estou preocupado com a installação da família, porque, primeiro, morar. Sem morar ninguém vive. Passei todos estes dias a procurar casa. Andei tanto que estou com callos d'agua nos pés. Mas achei uma linda casinha á rua Professor Gabizo 97. Purezinha ficou desesperada por ella e apesar do preço tomei-a, porque uma casa deve satisfazer sobretudo ás mulheres. Ellas é que moram. Os maridos são hóspedes. Mas encrenquei na fiança. Não tenho ninguém aqui nas condições de dar-me e lembrei-me de você.
O proprietário não conhecia tua firma. Sahiu a indagar na praça. Cinco minutos depois voltou de cara amável e entrou dizendo:
– A casa é sua. A informação foi optima.
Eu disse-lhe então:
– O Sr. está magro: por que não usa o Biotônico?
– Mas é bom mesmo?
– Experimente. E contei casos, de modo que o homem na minha vista mandou um pequeno buscar um vidro.
Hoje é tarde, não há tempo para comprar selo; porisso vae por selar. Paga 16$ federaes, firma reconhecida e registro. Não esqueça o registro. O Correia irá procurar-te para pagar as despezas. Tenho uns cobres com elle.
Que maravilha o Rio! Estive hontem em Águas Férreas e voltei deslumbrado. Deante de tanta beleza fiquei com dó de quem móra em S. Paulo.

Adeus. Acceite um abraço e despedidas

do

Lobato

Pasta 33A – documento 3599

[cópia xerográfica do original datiloscrito – 1927-12-16]

New York, 16-12-27

Caro Fontoura

Já recebi o trabalho e traduzi. Achei bom mas precisado de varios concertos. Combinei com Mr Byrnes – foi com este que afinal tratei ~~os~~ serviço, uma remodelação. Elle americanisou o trabalho, isto fez de modo a ficar um Jeca daqui. Vou eu abrasileiral-o e enxertar uma serie de pequenos detalhes que só um brasileiro conhecedor do ambiente pode conceber. Tenho tambem que levar em conta que é ahi que a fita vae filmar-se e quero que só exista nella scenas dentro das nossas actuaes possibilidades cinematographicas. Ha ahi um italiano gordo – Paschoal de Lorenzo, creio (que é Pascoal tenho certeza) que acho

muito capaz de te fazer essa fita. Dos que conheci era o mais geitoso. Veja se o descobre e trate o serviço delle como director do film. Depois trate um camaraman para trabalhar ás ordens delle. Assim o custo ficará mais reduzido e V. não será explorado. Tenho quasi certeza que esse Pascoal é o teu homem. Quem pode saber delle é o Miguel Milano, um professor publico de S. Paulo.

Com a remodelação do trabalho haverá uma demora de um mez mas o film ganhará com isso.

Adeus, até outra

Lobato

Pasta 33A – documento 3610

[cópia xerográfica de telegrama original – 1930-03-19]

*No.*_____ 89 13

"VIA WESTERN MADEIRA."
THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.
(CABO SUBMARINO)

A via telegraphica directa para todos os paizes da Europa, da Asia, das Americas do Norte, Central e do Sul, da Africa, e da Oceania, e para os principaes Estados do littoral do Brasil.

CIRCUITO. EMPREGADO. HORA REC.: CARIMBO.
1548 r1557 19 MAR [1930]

N. B. – As emprezas telegraphicas não acceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegraphia
(Art. 3º da Convenção Internacional).

NP 119 NYK 11 19 LH

LCD FONTOURA JOAOMANUEL 35 SPAULO

OBRIGADO NOTICIA CUIDAREI TEUFILHO COMOMEU

FOSSE

SEDE DA COMPANHIA, "ELECTRA HOUSE", MOORGATE, LONDON, E.C. 2.

[impresso na vertical, à margem esquerda: "A primeira linha d'este telegramma contem as informações / seguintes na ordem indicada: / Nummero do telegramma. Estação de procedencia. / Numero de palavras. Data original. Hora de apresentação (conforme as / letras do relogio impresso), e observações."]

Pasta 33A – documento 3614

[cópia xerográfica de telegrama original – 1930-03-31]

No. 13014

"VIA WESTERN MADEIRA."
THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.
(CABO SUBMARINO)

A via telegraphica directa para todos os paizes da Europa, da Asia, das Americas do Norte, Central e do Sul, da Africa, e da Oceania, e para os principaes Estados do littoral do Brasil.

CIRCUITO.	EMPREGADO.	HORA REC.:	CARIMBO.
		1754	31 MAR 30

N. B. – As emprezas telegraphicas não acceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegraphia
(Art. 3º da Convenção Internacional).

NP 129 ~~NYK~~ New York 9 31 NQ

LCD FONTOURA JOAOMANUEL 35 SPLO –

FONTOURAS CHEGARAM OPTIMOS – LOBATO

SEDE DA COMPANHIA, "ELECTRA HOUSE", MOORGATE, LONDON, E.C. 2.

[impresso na vertical, à margem esquerda: "A primeira linha d'este telegramma contem as informações / seguintes na ordem indicada: / Nummero do telegramma. Estação de procedencia. / Numero de palavras. Data original. Hora de apresentação (conforme as / letras do relogio impresso), e observações."]

Pasta 33A – documento 3619

[cópia xerográfica de telegrama original – 1930-06-08]

2967 31 No._____

"VIA WESTERN MADEIRA."
THE WESTERN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.
(CABO SUBMARINO)

_____

A via telegraphica directa para todos os paizes da Europa, da Asia, das Americas do Norte, Central e do Sul, da Africa, e da Oceania, e para os principaes Estados do littoral do Brasil.

No.	De	Pal.	Data	Hora de apresentação.	Observações.	Emp.
P7	NEWYORK	16	7	WLT	H. GNW	Hora Rec.: 9.30

ENDEREÇO WLT MEDICAMENTA SÃOPAULO

N. B. – As emprezas telegraphicas não acceitam responsabilidade alguma por motivo do serviço da telegraphia
(Art. 3º da Convenção Internacional).

LOBATO PEDE FONTOURA DIZER EDGARD QUE

VENHA NUM DOS NAVIOS COMPANHIA DIAS GRACIA

[escrito à mão: "Telegramma recebido hontem, dia 9. / Snr. Edgard já foi avisado."]

SEDE DA COMPANHIA, "ELECTRA HOUSE", MOORGATE, LONDON, E.C. 2.

Pasta 33A – documento 3629

[cópia xerográfica de cópia datiloscrita – em *Cartas escolhidas*, t.2, p.262, há uma carta a Paulo Dantas, datada de 03 de fevereiro de 1948 em que ML menciona "Níobe" dizendo que a conheceu; é possível, portanto, que essa carta seja do ano de 1947, depois da volta da Argentina, em 08 de maio desse ano]

Fontoura:

Dona Niobe, a portadora, é a madrinha de Paulo Dantas, um moço de belo talento e muito amigo nosso, que todos estamos empenhados em salvar das unhas da T.B. por meio de Campos do Jordão e da estreptomicina. Já está em meio da cura, e com mais uns empurrões salva-se. D. Niobe, a sua salvadora, está agora empenhada em obter mais um pouco do

medicamento magico, e vai conversar com V. para saber qual o minimo do preço por que V., ajudando-nos nesta cruzada, V. pode pedir pela estreptomicina. Com ele conversando uns minutos, V. por-se-á melhor ao par do caso. Com votos para cheguem a acordo, subscreve-se o

amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3632

[cópia xerográfica de original datiloscrito – 1946-07-09]

9-7-46 [escrito à mão]

Fontoura:

Recebi a ultima "telefinada" – Muy bien – Encontrei num jornal daqui uma noticia do serum do nosso russo. Diz isto: "Se não se produz a catastrofe atomica universal, temos perspectivas de viver 150 anos, evitando a decrepitude. A chave de tudo está no serum de Bogomelets, um doutor russo do Instituto Experimental de Kiev. O milagre tem o nome de de A. C. S. – Antirreticular Citetexio Serum. Parece que um magnata do cinema entrou em negocio para um primeira produção do serum nos Estados Unidos.

O livro do prof. Bogomelets – O PROLONGAMENTO DA VIDA – está se vendendo como paõ. Um milhão de exemplares em poucos meses.

O quid da experiencia realizada por Bogomelets se baseia em estudos realizados sobre o tecido conjuntivo: parace que é aí que reside todo o misterio da vida.

Do diario O CLARIN, de Buenos Aires

Votos para a A. C. S. nos chegue a tempo e nos renove por mais 90 anos. Temos muita coisa a fazer ainda...

Lobato

Pasta 33A – documento 3634

[cópia xerográfica de parte de datiloscrito original – 1946-12-25]

Bs. As. Natal, 946

Fontoura:

Acaba de chegar teu telegrama de festas. Muchas gracias por todos nós. Creio que v. não recebeu a minha ultima, mandada para o Laboratorio, em resposta á ultima que v. me escreveu do Rio, nas vesperas de voltar para aí. O que veio foi uma comunicando apenas o retorno a S. Paulo.

Estou me preparando agora para ir em fevereiro ao Perú. Creio que vou gostar muito. O Perú está para a America do Sul como a Bahia para o Brasil; e a Argentina está como S. Paulo para o Brasil.

Aquelas galetitas de que v. comprou uma lata por não sei quanto, custam aqui 16 mil reis.

Esta estação é a das frutas, de que ha cá em grande quantidades e muita variedade. Mas faltam-me as mangas de Valinhos e do Chapadão. Curioso! Nestes ultimos anos dei para pôr as mangas em 1º lugar entre as frutas. Felizmente ha mangas no Peru – já me informei.

Meu plano, depois do Peru, é ir ao Mexico. Plano por enquanto, porque tudo depende do estado de saude. Vou indo bem, mas me sinto baleado por dentro. Os medicos me remendaram, mas não me refizeram.

[aqui a carta foi cortada]

Pasta 33A – documento 3635

[cópia xerográfica de original datiloscrito em papel timbrado da União Jornalística Brasileira – 1946-11-??]

UJB

UNIÃO JORNALÍSTICA BRASILEIRA
RUA DR. FALCÃO FILHO, 33
S. PAULO

DIRECTORES
ARTHUR C. MONTEIRO
MONTEIRO LOBATO

CAIXA 2324
CABLE: UJOTABE
PHONE: 2-7054

Nov. 46 [escrito à mão]

Fontoura:

Está aí com voces uma proposta de publicidade nos jornais do interior, que o ano passado a U. J. B. apresentou, e da qual, na mudança, perdemos a copia. Para regularidade do nosso negocio preciso que v. nos forneça o original afim de tirarmos copia.

Adeus. Ao receberes esta estarei suando no Rio, a chamado do Ministro da Agricultura. Eles lá não mexem em petroleo sem que eu meta o bico...

Recado do
Lobato

[impresso ao pé da página]

INTERCAMBIO CULTURAL – PROPAGANDA

A PROPAGANDA DISTRIBUIDA PELA UJB PENETRA POR TODO O BRASIL
NUMA CADEIA DE 1.000 JORNAES
RADIO – CINEMA – NOSSA REVISTA

Pasta 33A – documento 3644

[cópia datilografada de fragmento da carta manuscrita constante da Pasta 33 – documento 3498]

[...]
Brasil, illudido com a historia de ser Deus brasileiro. Deus – é norte-americano!

Adeus, meu caro Fontoura. Esta vae apenas para dar uns ares da minha graça e indicar meu endereço. Deixei no Rio o Raul Mattos encarregado de retirar a tua carta de fiança, mas não recebi carta delle ainda. Andaria tudo direito?

Adeus. Muitas recomendações de Purezinha à Dª. Elvira. E você aceite o meu abraço

Lobato

Pasta 33A – documento 3646

[cópia xerográfica do datiloscrito original sem data]

Fontoura:

O amigo Walter de Oliveira, portador, tem a indicação dum negocio que ele acha execelente e que poderá convir a você, visto como é de drogas – essas coisas em vidros com que vocês consolam a humanidade. E como ele muito me merece, e me pediu uma apresentação, apresso-me em fazê-lo.

Do

Lobato

Cartas a Cesídio Ambrogi
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33 – documento 3549

[cópia xerográfica de cópia datiloscrita]
COPIA

Nota: os grifos não foram feitos pelo autor.

"Bs. As. 15, 1, 947

Caro Cesidio:

Chegou-me agorinha tua carta de 8 de dezembro. As outras sumiram-se pelo caminho. Porisso não respondi. Nunca deixei carta sem resposta. Acho uma grande incivilidade. Do Raul Guisard recebi uma, cuja resposta ficou condicionada ao recebimento do "Zabeu" do Urbano, o qual não chegou até agora. Noticias daí só tenho as que me vem em cartas, pois não recebo jornais; quando um jornal do Brasil me cai sob os olhos, sinto uma aflição; neles se reflete muy bien o caos, o carnaval em que isso anda, sobretudo agora com a aproximidade das eleições. De longe, visto com calma, o Brasil me dá a sensação que sempre me sugeriu a palavra inglesa "bedlam", a qual vem dum velhissimo hospicio inglês – Santa Maria de Bethlehem, em Londres, que hospeda loucos desde o ano de 1402. Deve ser o mais velho hospicio do mundo. A palavra Bedlem já se tornou sinonima de "madhouse", casa de loucos. O Brasil é uma Bedlem em ponto maior. Todos gritam e gesticulam – mas não sai nada. E o modo de ver e raciocinar dos brasileiros é cada vez mais um delirio. Homens inteligentes e cultos vem aqui, olham, cheiram – e saem dizendo o oposto do que é. Caracteristico do louco: ver, não a realidade, mas fantasmagorias.

Em outros, um histerismo patriotico contorciona-os. Irritados com a abundancia, a riqueza e continuidade de progressos dos argentinos, eles, por amor do Brasil, tudo negam – como se a negação /-2-/ do sol afetasse no mais minimo a evidencia do sol.

As formas do patriotismo brasileiro merecem o estudo dum psiquiatra. É um delirio histerico que nega as evidências alheias como se isso aproveitasse ao Brasil.

A Argentina exerce no brasileiro um efeito tremendamente depressivo. Nos apequena horrorosamente. A cada momento realça as nossas inferioridades. Está o pais nadando em prosperidade. Pagou o ano passado toda a divida externa. Nacionalizou o serviço de telefones – e pagou à vista, num cheque 500 milhões de pesos. Está nacionalizando – isto é, comprando, todas as estradas de ferro em mãos de capital inglês. Está negociando com a Inglaterra deixar lá, sob forma de emprestimo, os 3 ou 4 bilhões de pesos ouro que tem lá em deposito; concedeu à Espanha um emprestimo de 300 ou 600 milhões de pesos; e um de 300 milhões ao Chile; e abriu credito de não sei quanto à Suecia. Em suma, está funcionando como anos atraz funcionava a Inglaterra em relação aos paises novos e semi-coloniais da America; financia-os. O Plano Quinquenal iniciado este ano é de tais proporções, que se for realizado pela metade já dobra a riqueza e o poder da Nação. Inclui a introdução de 4 milhões de imigrantes selecionados – e já estão vindo 50 mil por mês.

Estes são os fatos – alguns dos fatos. Mas o brasileiro vem aqui e se sente na necessidade de negar tudo isto, sabe por que? De dó do Brasil. Acha que negando a realidade faz patriotismo e ajuda a patria. Mas as coisas do mundo são implacaveis e seguem seu curso. A

verdade é o que é – e só o que é importa. Tudo mais: fumaças que o vento leva. E a verdade é que a Argentina prospera progressivamente, vai subindo como um balão, e o nosso pobre Brasil desce, rola por uma ladeira, empurrado pelas duas maiores forças da es- /-3-/ tupidez humana: o militarismo e o clericalismo. E como essas duas forças, na sua atuação, no Brasil, são incoerciveis e incontrastaveis, o nosso destino nacional está escrito na parede de Baltazar: BANCARROTA, DESASTRE, miseria cada vez maior, penuria do povo, hospital, hospicio.

O Brasil está atolado até às orelhas nas duas lamas mais mortiferas para os povos, a clerical e a militar. E quem o salvará? Var morrer como Bocatorta...

O petroleo apareceu – mas que é do petroleo? Tudo aquilo que eu inutilmente denunciei no Escandalo em 1936, continua, dez anos depois, exatamente no mesmo ponto. Os interesses ocultos não puderam impedir a abertura dos poços do Lobato e de Candeias – mas esse petroleo não aparece nas bombas de gasolina. Por que? Porque se aparecesse substituiria nessas bombas as gasolinas da Standard. Esse polvo ri-se das ingenuidades dos Lobatos e controla mais que nunca essa coisa dolorosa que se chama Governo Brasileiro, esse governo que se fosse personalizar-se produziria o Barreto Pinto.

O Barreto Pinto é o Brasil; o Brasil é o Barreto Pinto...

Felizes os que, como o Urbano, encontram um Zabeu que o arranque das realidades nacionais. Antes um padre desmaterializado como esse do que os padres materilissimos, como esse Dom Caramelo de S. Paulo, sem assentimento do qual o Macedo Soares não se anima nem a arrotar. Caramelo e Dutra: o nosso Brasil geme como Bocatorta no atoleiro sob o mando desses dois honestos representantes das duas mais perigosas lamas do universo...

Otimo a mudança do titulo dos Poemas. Começará a irritá-LOS já no titulo, como o pano vermelho dos toreadores irrita a inamovivel estupidez dos touros na arena. Aos menos irrita-los, já /-4-/ que não podemos enforca-los.

Nada sei do Premio Nobel, em que você quer "implicar-me". Andas a perder tempo, Cesidio. Esse premio está condicionado, como a entrada para as academias de letras, a uns tantos atos que a mim me envergonham, como apresentar-se, solicitar, etc. Já vivi 64 anos sem isso e por que estragar meus ultimos anos de vida? Entre o Lobato e Gilberto, eu escolheria o Gilberto. CASA GRANDE E SENZALA é um grande livro – mas duvido que Gilberto saia a campo para a cabala. E, alem disso, os dois, L. e G., têm contra si o Padre e o Militar – Dom Caramelo e Dutra. Não percas tempo com isso.

Ando pensando em levantar acampamento, e ou vou para o Perú ou... para o Brasil! Se achar casa, para o Brasil. Sinto-me muito isolado aqui, e com saudades dos amigos. que resta a um velho como eu senão os amigos? Tambem tenho saudades das mangas e das jaboticabas. Isto aqui é terra de frutas – mas faltam justamente as minhas prediletas. Meu sonho, hoje, não é o premio Nobel – mas uma mangueira que ha na fazenda do Chapadão em Campinas, que dá as melhores mangas do mundo. Não sei que nome tem. Só sei que é coisa que derrota a ambrosia dos deuses; basta lembrar-me delas, e todas as glandulas do paladar se me abrem como comportas de um dique holandês.

Morreu em S. Paulo Raul de Freitas – um dos cães da Cainçalha. (1) Que bom se o proximo for eu! Transferido para o Alem, poderei conversar muita coisa interessante com o Urbano. (2)

O ano passado bati um record aqui, com 14 edições; e tenho outras no prelo: uma com todos os meus contos; e AMERICA e MUNDO DA LUA. Mas como já estou com um total de 253 edições, ai e fora daí, esse fato não me causa mossa – como se tivesse 253 filhos e viessem mais alguns.

/-5-/

Cuidado, Cesidio! Eu tambem comecei com uma e estou com 253. No andar em que vais, acabas tendo mais filhos que eu edições. O que te salva é seres mestre em filhos lindos, coisa otima numa terra de gente feia. A Eliana deve estar mocinha.

Essa historia do Premio Nobel só serve para uma coisa: botar contra mim todos os literatos do Brasil. A inveja é um fato, meu caro. O ano passado tive prova disso no Jurandir Campos. Como é um pintor que vende todos os quadros que pinta, na exposição do anos passado os pintores que não vendem ou vendem mal, concentraram no rabo dele os raios da inveja – e em plena exposição produziram-lhe uma hemorroide terrivel. O coitado teve de deixar o salão e ir a um sanatorio operar-se.

Meu rabo ainda está virgem de hemorroides; mas se você e outros insistem no tal Premio Nobel, não dou nada por essa virgindade...

Ando a ler um grande livro, o ROMANCE DE LEONARDO DA VINCE, de Merejskowski. Foi Leonardo o maior genio da humanidade – e que triste o seu romance... A figura de Rodrigo Borgia e seu filho Cesar são coisas apocalipticas. Vale a pena perderes o amor a uns tantos cruzeiros e leres isso.

Ando com vontade de dar um pulo ao Brasil, para ver de perto a patria – e jejuar um pouco. Ontem pesei-me numa balança do subterraneo: 63 quilos! Um escandalo para quem ai nunca passou dos 57. O diabo é que a gordura nos homens predomina na barriga – e me vou aproximando do Getulio. Um medico amigo, que andou por aqui e ao qual pedi remedio contra a barriga, receitou imediatamente: "Brasil, Lobato!" – e eu estou com vontade de fazer a experiencia. E se for, é provavel que chegue até Taubaté para uma prosa com os Tres Jaca-/-6-/rés do Vale.

Estou escrevendo muito hoje. Sabe o que é isso? Saudades...

Adeus. Um beijo na mão gorducha da Senhorita Eliana. Diga ao Urbano que não recebi o Zabeu anunciado pelo Raul – e estou curioso. Sobre um livro do Urbano a gente jura em cima.

Adeus, adeus, adeus...

LOBATO".

Pasta 33 – documento 3550

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

[escrito ao pé da página: (provavelmente de 1942)]

Cesidio:

Recebi COVARDIA. Lindo. É nesse genero que voce poderá fazer uma galeria de encantadoras aquarelas, cheias de transparencia e frescura. Lembra-se do sucesso de Ricardo Gonçalves? Vinha disso – da perfeição com que pintava "aquarelinhas da estrada". E sem querer me saiu um titulo para um livro de primores, não?

Agora que sosseguei do terremoto que foi a ultima fase da doença do Edgard, estou voltando ás coisas antigas e posso atender á tua carta velha, com o pedaço de romance e os recortes de versos. Quantos aos versos, minha pobre opinião é sempre a mesma: o teu genero é o da COVARDIA. E quanto ao romance acho que você, como eu, como todo mundo, anda

pecando por excesso de literatura. Tive a revelação disso agora – agora que é tarde e já estou me preparando para ir pregar em outra freguezia. E esse revelação me veio por intermedio duma mulher, a Sra Leandro Dupré. Para que compreendas o meu pensamento, mando-te um romance dela que acaba de sair. Li-o em provas – e arregalei os olhos. Aprendi, afinal, a diferença entre "literatura" e literatura; entre literatura e vida. E sem que ela me pedisse, sem que sequer eu a conhecesse, escrevi dum jacto 12 paginas de prefacio. Isso, para pôr o dedo numa coisa que me parece muito seria: a diferença de literatura aspada e literatura sem aspas. Leia-o e estude o caso. Você está moço e ainda pode aproveitar-se da lição. O segredo do encanto dessa mulher parece-me estar na absoluta ausencia de "literatura" – e nós não sabemos escrever sem literatura. Nossos mestres de arte (sobretudo Coelho Neto) nos inocularam uma noção errada de arte. Eles é que nos asparam literariamente. Machado de Assis foi uma reação – mas quem ainda compreende Machado de Assis?

Quando li a Drupré estava tambem lendo os originais dum "novo" que vai aparecer e que mais ainda me acentuou o ponto. É um que escreve com a maior perfeição, mas segundo os canones "aspasios", como diria a Emilia. Tudo perfeito – mas a consequencia é que a vida está ali substituida pela "literatura". na Dupré esbarrei com a vida crua e nua, sem nem um só granulo de literatura. E li a Dupré dum folego e não consegui ler o "perfeito"! O prefacio me saiu como sai um carnegão dum tumor, justamente por força do contraste. E agora lendo analiticamente o teu capitulo do romance TAUBATÉ vi que voce tambem está contamidado – você tambem, como eu, como todos, está sobrepondo a literatura á vida. Não <u>senti</u> Taubaté em teu capitulo, porque entre o Taubaté coitadinho que eu conheço a fundo está interposta uma camada de literatura – e fiquei a imaginar o que seria o teu romance se o processo usado fosse o do ERAMOS SEIS: pintura direta da vida, num estilo que seja clado da vida, expremidura da vida, lingua da vida, sujeira da vida, fedorzinho da vida.

Experimente fazer um soneto de beira de estrada em que não entre nenhuma tinta literaria, nenhuma imagem já gramaticada, nenhum respeito pela memoria de nenhum Coelho. Isto que eu quero dizer você só compreenderá depois de ler a tal mulher.

Estou preparando o meu livro FABULAS para nova edição, e sabe em que consiste o preparo? Em tirar todas as "coisas lindas" que inconcientemente lá botei, isto é, a "literatura". Estou raspando a literatura que ha nessas fabulas. E como é doloroso! O mesmo que uma raspagem de osso! A gente fez aquilo com tanto amor, achou tão bonito, gostou tanto – e ainda acha tão bonito... E tem de votar fora, tem de raspar. Por que? Por causa da tal Senhora Leandro Dupré. Exquisito, não? passei a vida a lidar com a literatura, li todos os mestres – e afinal fui aprender com uma senhora que nem nome tem – assina o do marido.

Bem. Fica o resto para depois que voce ler o romance da Dupré. Talvez coincidam as nossas impressões.

Adeus. Saudades aos dois jacaréspaguás.

Do

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33 – documento 3551

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado; a carta deve ser de 1945-6]

[escrito ao pé da página: (provavelmente de 1946)]

Cesidio:

Estou com o furaboloso doído, e não sei se esta chegará ao fim. Escrevi, isto é, bati na maquina 30 tiras anteontem, com o esforço principal concentrado no furabolos; isso mês faz que tente bater esta com o furabolos substituido pelo "maior de todos", dedo sem pratica e pois mau substituto.

Publique-se como puder. Não importa editor, contanto que os poemas saiam. A crise, a Grande Crise da Deflação vai se aproximando, e o que vai cair primeiro é a industria editora – a mais fraquinha sempre. Todas as casas fracas, ou baseadas mais no credito do que em capital realizado, têm que cair, falidas. Ficarão as empresas velhas, como a Editora e outras já com boas raizes. Daí a dificuldade que estás encontrando em achar editor. Retraem-se todos. Sentem no ar o perigo. E coisas em verso nunca foram grande negocio, nem em eras de inflação. Paciencia, pois, e pegue o editor que aparecer.

O passeio a B. H. te será creador. Voce verá mais uma vez que pobre coisa somos, ainda diante do que temos de melhor. O Aleijadinho foi um grande drama de dor – morfeia traduzida em arte escultorica. Arte feita para esquecer – como o maleiteiro da roça que bebe pinga para iludir os cansaços e desesperos da doença.

Somos, como país, a mais pobre das coisas – e dolorosa na sua inconciencia. O remedio unico é ser rico – esquecer a miseria ambiente com a pinga do dinheiro. Daí a furia geral para ganhar dinheiro, seja por que meio for – roubando, assassinando, capitalizando a infamia. Somos uma coisa bem dolorosa – e Taubaté é um bom ponto de observação para o verificarmos.

Urbano cansou. Para que? Nada adianta. E pragmaticamente acertou. Vai cair no "esquecimento da pinga do dinheiro". Já deu a sua contribuição de serviço social. Eu, na situação dele faria o mesmo – e você tambem. E se não o fizessemos seriamos dois tremendos cretinos.

Não li o Agripino na MANHÃ. Se o tens aí, me mande. Mas li dele um rodapé em grifo no Diario de S. Paulo, que me entusiasmou: CENTENARIOS. Agripino é o Grande Vingador – o esfrangalhador da chatice nacional. O que arde cura. Não creio que ele cure, porque nossos males são incuraveis, mas arde na pele dos mediocres pretenciosos e isso nos consola. Porisso todos o lêem avidamente.

Estou imerso até ás orelhas na revisão das OBRAS COMPLETAS. São 10 mil paginas, e como tenho de ler 4 vezes cada volume, isso equivale á leitura atenta de 40 mil paginas. É pagina, hein?

Liquidado isso, creio que vou para a Argentina. Lá ao menos ha pão e carne – e que carne! De bois Hereford, verdadeiros paralepipedos de carne tenra. A carne aqui dá nojo. É carne duns bichos tão dolorosos e sofredores como o pobre nacional. Não tenho coragem de come-la. Lembro-me dos bernes e carrapatos que torturam nossos pobres irmãos bois.

Adeus. O dedo não aguenta mais. Sem o furabolos em ação não sou gente.

Abraça-o o

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3552

[cópia xerográfica de datiloscrito não assinado]

S. Paulo, 2 ou 3 de 12, 1943

Meu caro Cesidio:

Recebo a de 2º. Não houbr nada. houve uma tosse horrivel e esquesitissima, da qual só agora estou me libertando. E houve tambem que voces prometeram chegar até cá e ficou em promessa. Muita coisa so de viva voz – não cabe na carta.

O livrão-paralelepipedo de que falei só agora vai entrar para a maquina, e antes do fim do ano, darei com ele na cabeça dos tres jacarés. Será de criar galos. Sete~~n~~centas paginas! Nunca me supus capaz de um crime desses.

A minha curiosidade pela biblioteca-sitio é grande como sempre, e há uns aspectos que me intrigam. Quem paga isso? Estou curioso de saber. Outra coisa: não tenho a menor duvida que as tais homenagens de Taubaté ao filho desnaturado não são nada disso: São uma coisa de voces tres. Taubaté vai entrar na dansa como Pilatos entrou no Credo. Taubaté, meu caro (e eu sei isso a fundo). Taubaté, o padre, o bispo, a carolice, a estreiteza mental, o acanhamento intelectual cronico; e, portanto jamais prestaria homenagem a um sujeito que é anti-Taubaté em tudo, e isso desde menino. Logo, as homenagens de Taubaté são de fato homenagens, provas de amizade e carinho, de tres amigos, só, só e só. Aquele barulhão que voce fez pelo MOMENTO devia ter feito toda essa tropilha de Albericos arregalar o olho, e com muita razão, porque esse Taubaté só conhece do Lobato o que os jornais dizem – e devia ter ficado até aborrecido com os teus exageros "momentaneos". Ah, meu caro eu já vivo 61 anos e sei o que é o mundo e as terrinhas natais da gente.

Dessas homenagens o que me interessa profundamente é a curiosissima biblioteca que o Urbano concebeu e teima em fazer; não me interessa por mim, mas pela criançada que no futuro irá encontrar a coisa que me fez falta na meninice: livros para ler. O bem que será para ela, o prazer que irá dar a tantas e tantas crianças pobres, será o meu maior premio, e eu abençoo a voces por terem proporcionado tal premio. O fato de haver eu sido a causa causante de criação de tal biblioteca enche-me de intima satisfação. Mas não nos iludamos, meu caro. Taubaté nada tem com isso. Isso é coisa do Urbano e de voces. Só, só e só. Urbano é um caso de bondade construtiva. Porque ha a bondade inutil. Em Areias lembro-me dum pobre diabo que dizia: "Coração bom está aqui; mas poder mesmo, quando?" O coitado tinha um grande coração, mas não podia coisa nenhuma. O Urbano é a bondade que quer e pode, e voces prestam-lhe mão forte. Hoje eu sou um pretesto para que a bondade construtiva do Urbano – e isso vira Homenagem de Taubaté ao Filho Prodigo! Engraçado não?

Meu interesse caro Cesidio, não é por homenagem nenhuma: é pela biblioteca-sitio, pois vejo nela uma semente. Talvez outras cidades copiem o sitio-biblioteca daí – e temos em varios pontos do Brasil uma instituição de maior valor para o futuro da nossa gente que todos os bispados, que toda essa palhaçada militar que por aí vai. E como não hei de sentir-me profundamente orgulhoso de ter sido a causa disso?

Mas se tal se der, nunca o atribuirei a Taubaté nenhum – e sim ao jacaré construtor e aos jacarés acolitantes. O futuro duma nação depende exclusivamente do pão mental que as gerações velhas proporcionam às novas – e eu estou vendo na ideia genial que os jacarés tiveram o olho dàgua de todo um Amazonas...

(segue)

E porisso receio que a coisa não vá por diante. Em geral as ideias generosas morrem em botão. Se essa vingar, vamos ter todo um jardim de flores amanhã.

Se voces não vem cá, avisem-me que irei debater o assunto aí. Voce fala no desenho colorido que o Urbano fez. Que vontade de ver isso e colaborar! E será uma ideia original – coisa preciosa no pais da macaquice – nesta gente que só copia o que o estrangeiro faz, mas não tem capacidade de criação.

Curioso, muito curioso esse desejo de sua mulher de produzir um romance. E é capaz de sair coisa muito boa. A professora – a Dupré – é otima. Ela abriu um caminho. O Eramos Seis tambem é uma semente. Que seja sincera no que escrever. O segredo de tudo estpa nisso. Terei imenso prazer em examinar o livro dela e de tambem ser sincero a respeito. Quanto mais velho fico, mais me convenço que só a sinceridade salva e cria.

Adeus, caro amigo. Avisa-me se vem ou não, para na hipotese negativa eu ir. E um abraço nos outros.

do

Lobato

Pasta 33 – documento 3553

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. P. 20, 12, 43

Cesidio:

Respondo á ultima – de 5: Ciente de tudo. Eu tinha vontade de ver o projeto e discuti-lo com voces, e chegaria até aí para isso, se voces no tempo proprio me convidassem. Estou certo duma coisa: o que vai sair é o projeto do Urbano. O Poder Publico não colaborará, porque o Poder Publico em nossa terra é a propria Sujeira Organizada. Quando eu ouço essa expressão "Poder Publico" sinto vontade de vomitar. Para meu estomago tem mais força que a velha poaia.

Meu interesse no assunto, como já te disse, é enorme. Não como homenagem á minha pessoa, porque isso de homenagem é besteira, mas como realização duma verdadeira novidade em beneficio das crianças. Hoje dizem que a Criança é tudo, falam em S. M. a Criança – mas falam só. A não ser na Russia e nos Estados Unidos, a criança não passa dum tema para belas dissertações em salas de conferencias elegantes. E entre nós ninguem quer saber das crianças, ou então tomam-nas como "material politico". O governo conforma-as no sentido politico do momento – isto é, ajeitam-nas como tijolos consolidadores da igrejinha dominante. Os padres catolicos preparam-nas como o cimento perpetuador da insigne patifaria chamada Igreja Catolica – uma coisa que os carcamanos inventaram e tem o escritorio central em Roma. Mas quem pensa no livre desenvolvimento da personalidade humana na criança? Livre, livre? Todas as facções dominantes querem-nas como futuros elementos politicos das respetivas politicas.

A nossa Ordem Social é uma coisa tão suja e sordida que o meu consolo hoje é um só: saber que vou morrer e afastar-me ab aeternitate da sujeira. Quando meus filhos morreram|senti uma grande satisfação intima que nem aqui em casa compreenderam. É que os vi livres da Sordicia Reinante. E invejo-os, e anseio para que tambem me chegue a hora de escapar ao imenso campo

de concentração da Estupidez Dominante, aqui ~~em~~ em toda parte. Mas mesmo quem chega a esta infinita descrença no Homo, não pode furtar-se ao prazer do sonho – á ilusão do Quem Sabe? E o surto dum Sitio aí, como vocês imaginam, com possibilidade de reprodução em outros pontos desta terra, me põe um pouco de luz cor de rosa ou azul na alma. Mas depois vem a advertencia da Realidade. Fazemos os Sitios e logo a Sordidez enche-os de coisas politicas – livros sobre a vida dos ditadores, sobre o papa, sobre o Deus que eles inventaram e manipulam – e adeus beleza do nosso Sitio! Não ha o que os infames não desnaturem – e eles sabem perfeitamente que a criança de hoje pode ser transformada no tijolo de que eles necessitam amanhã...

Adeus. Quando houver novidade, avise-me.

Do

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3554

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. P. 11, 944

Cesidio amigo:

Que maravilha os versos do Urbano! Que revelação! E ponho aqui 'revelação' num sentido muito especial. Estou crente de que a Alta Inteligencia que paira sobre nós ou nos envolve como a agua do mar envolve os peixes, mas só se comunica com os grandes mediuns, está atuando em nosso amigo. Aquelas suas retiradas periodicas para Ubatuba são como a de Moisés no Sinai: para ouvir o silencio da Suprema Inteligencia. Versos de maior elevação que os mandados jamais vi. Se a coisa continua e ele dá todo um livro de versos assim, teremos uma nova voz no mundo. Todos os grandes poetas foram iluminados, foram aparelhos receptores de invisiveis psico-emissoras. Poeta – Vate – Profeta... Mediuns das mais apuradas receptividades que captam as ultra-ondas dos mais altos emissores.

Ando com muita vontade de conversar com voces aí. Voces são hoje os meus melhores amigos. Tenho tamebm um na Bahia – mas muito longe. E aqui em S. Paulo, só um, ou uma. Ando pobre como Job...

Sim, meu caro. Meu nome anda em dois "Index" – o oficial e o sacerdotal. Isso me afligia tempos atrás. Hoje me faz sorrir. Estou me "urbanizando" – me despegando destas pequenas vaidadesinhas, para só/atentar nas coisas grandes. Isto aqui me lembra o travessio dum rio em balsa, travessio incomodo, dorido, com mil encrencas e todas as mazelas desse chiqueiro de porcarias a que chamamos "corpo". Mas assim que alacançamos o lado de lá do rio e pulamos da balsa, o chiqueiro cai nagua e nós viramso passarinhos de luz. Que importa que os padres, que tambem vão na balsa comigo, me torçam o nariz? Que ha de fazer uma vela acesa, senão derreter-se? diz o M. de Assis. Que ha de fazer um nariz de padre senão torcer para mim? para você? para o Urbano? As reliquias de D. Leme voce as encontrou naquela saleta. São restos do chiqueirinho em que morava D. Leme enquanto esteve conosco na balsa.

Hoje D. Leme já não é Dom e ha de contemplar com infinitos de piedades os cretinos de sua terra que veneram suas "reliquias", ou coisas do seu chiqueiro já caidas na agua...

Vejamos o que v. diz na Folha. Avise-me quando sair, porque raro leio a Folha.

Aedus, caro amigo

[ass. Lobato]
Lobato

Pasta 33 – documento 3555

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura]

[escrito no canto superior esquerdo: (provavelmente de 1945)]

[escrito no canto superior direito: 25/3]

[escrito ao pé da página: (A Bibl. provavelmente foi inaugurada em 20 de março de 1945)]

Cesidio.

Em maõs a de 15. Ocorreu aqui no dia 20 a inauguração da nova sede da Biblioteca Infantil, no antigo palacio do Rodolfo Miranda[510], rua Gal. Jardim. Que parque magnifico! Voces precisam visitar essa nova instação. Custou uma fortuna, ou vai custar, porque os herdeiros estão demandando e pedindo 3600 contos pela propriedade. O Maia tambem desapropriou o restou do quarteirão. Vai construir um predio novo. Só o mobiliario infantil ficou em 500 contos. Que maravilha! Quando jamais hiuve um prefeito que gastasse tanto com as crianças? E sua ideia é fazer varias bibliotecas assim, uma em cada bairro.

Em vez de discurso li lá uma dialogo entre D. Benta e Narizinho a proposito de bibliotecas, e aproveitei a ocasiao para falar no Sitio e abrir lá o concurso de desenhos. D. Lenira se encarraga de tudo.

Mando-te o dialogo para que o publiques aí. Depois de sair aí veja se outros jornais do interior o reproduzem. Temos de ir espalhando a ideia de um Sitio em cada cidade.

Os jornais parecem cemiterios no Dia do Juizo: erguem-se das tumbas do esquecimento todos aqueles politicos mortos em 1930 – Silvio, Cirilo, Cesar Vergueiro, Altino... Não ha mais espaço para as coisas literarias, como nos bons tempos da Ditadura. Mesmo assi temos de ir enfiando noticias sobre o bibliotequismo infantil.

Adeus. Hoje vou visitar D. Lenira e saber como vai o concurso de desenhos.

O Jurandir Campos e a Marta estão aí. Convide-os, ou faça-os irem ver o Sitio. Estão em casa do Ascendino até sabado

Lobato

Cesidio, telefone e vá com o Campos decidir sobre a decoração das paredes com os desenhos infantis. Ele tem bom senso artistico e decorativo. Aproveite. Entregue-lhe o bilhete abaixo.

---

[510] Essa mudança ocorreu em 1945. O antigo palácio, a que Lobato faz referência, foi demolido, sendo construído o prédio atual da Biblioteca Monteiro Lobato, que foi inaugurado em 1950, recebendo o nome atual em 1955 (Fonte: http://www.copa.esp.br/divirtase/noticias/2001/jun/26/259.htm Acesso em: 06 fev. 2006).

Pasta 33 – documento 3556

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura]

[escrito no canto superior esquerdo: (provavelmente de 1946)]

Cesidio:

Creio que agora haverá mais facilidade de encontrar editor – se é que o problema não está já resolvido. Não te prometo ajudar nisso porque estou em preparativos de mudança e com tempo curtissimo. Quero ver se parto na 2ª quinzena de maio.

Quem toma ai conta do SITIO? Essa pessoa precisa entrar em entendimento com dona Lenira, da Biblioteca Infantil daqui, a qual deseja organizar uma excursão para visitar o SITIO e ajudar vocês a resolver os problemad que surgiram. Outra coisa aconselhavel (a bem da criançada do país) seria cuidar daquele velho plano: um folheto ou prospecto sobre a realização aí, com fotografias, que fosse remetido aos jornais do interior e a muitas prefeituras, concitando-as a fazerem o mesmo. Em Santos a Casa de Cultura está montando o SITIO DE DONA BENTA. Se voces aí fizerem e espalharem o folheto, é bem possivel que esses "siltios" se multipliquem de norte a sul. Que desanimo ganhou voces? Mas estou certo que com a visita de D. Lenira voces renascem.

Mandem-lhe um convite para visitar o Picapau Amarelo; dirijam-no á Biblioteca Infantil, rua General Jardim. Ela vai – e dessa visita poderá sair grandes coisas. Com a alta tremenda do livro, as pobres crianças do Interior já não podem ler coisa nenhuma. A multiplicação dos sitios viria melhorar a situação. Já que não ha mais pão do corpo, ao menos que elas tenham um pouco de pão do espirito.

Veja se estimula o Urbano. Basta que voces façam duas coisas: o convite a D. Lenira e o folheto. Com essa plantação, surgirá uma flotesta.

Adeus.

Lobato

Pasta 33 – documento 3557

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. P. 18, 10, 943

Cesidio:

Respondo á de 14. Li aquilo e julguei que fosse brincadeira. Depois li no Estado o teu artiguete – e vi que era serio! Que terrivel grupo formam os jacarés! A coisa está tão linda que me custa a crer... Só sinto não ser criança para ir aproveitar a "minha biblioteca".

Pelo que diz o artigo, o Sitio já está em construção. Onde? Em que terreno? Não consigo formar ideia.

Hoje recebi o MOMENTO, com a primeira pagina cheia de coisas. O Poder Publico em cena. Adesões. Cesidio, Cesidio... Essa gente anda enganada. Com certeza supõe que o tal Monteiro Lobato é algum futuro Interventor. Quando descobrirem que é um simples escritor de lorotas, vão ficar desapontadissimos... Cuidado! Eles acabam te linchando. E vejo

que na comissão entram os tres jacarés classicos e mais dois que só conheço de nome, Eurico e Vitor. Serão por acaso jacarés tambem? Que lagoa está me saindo o velho Taubaté!

Quando o projeto do Urbano estiver pronto, eu quero ver. Talvez me ocorram algumas sugestões. Estou empenhadissimo em que o Sitio saia como é na realidade. Já mandei contar toda a historia a D. Benta e ela e toda criançada assanhou. A Emilia quer colaborar. Ameaça até de chegar até aí "para que a conheçam e não lhe pintem nas paredes a cara errada." E se com ela vai tambem o Quindim, o turumbamba[511] será grosso.

E vejo que entra em cena até Palas, a boa Minerva valeparaibana. Nesse andar, não me admirarei de que até as piabanhas do Paraiba venham tambem com a sua solidariedade.

Voces estão fazendo e dizendo coisas que em geral só se fazem e dizem depois que o escritor morre. Assim em vida, é de deixar bem atrapalhado o pobre marquês. Na cara! É demais.

Pois muito bem. Só quero que me vás botando a par dos desenvolvimentos, e me deixem ver o projeto do Sitio. Ah, meus dez anos! Como era triste a infancia naquele tempo, só com o "João Felpudo" e "O Menino Verde" para ler. Em vez de dois livros apenas, a criançada de agora vai ter toda uma biblioteca. Grandes creaturas são vocês, grande é o Urbano – tão generosos! Como me arranjarei eu, nesta idade, com tantas dividas contraidas? Tenho de abrir falencia, chamar credores, propor moratoria com 40 por cento...

Adeus, generoso amigo. Um grande abraço do

atrapalhadissimo

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33 – documento 3558

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura]

[escrito ao pé da página: (provavelmente de 1946)]

Cesidio:

Recebi a de 8. Não tenha medo. Tuas bombas vão fazer barulho, e tem o sabor especialissimo de sairem de Taubaté, a terra classica das opas, dos balandraus[512], dos hissopes e mais farragem[513] dos candonblés do senhor bispo.

Uma coisa: entre os volumes das OBRAS COMPLETAS do Monteiro Lobato vai aparecer um intitulado PREFACIOS E ENTREVISTAS. Mande-me copio do prefacio das BOMBAS, que o incluirei no volume – e isso te aproveitará.

Aquela historia sobre o Vale, voce poderá publicar, se quiser. Vai sair nas OBRAS.

Estou atolado até ás orelhas na revisao dos 30 volumes. Que peste o erro tipografico! Como resiste e persiste...

Adeus.

Lobato

---

[511] Turumbamba (s.m.), situação na qual várias pessoas discutem e/ou batem-se corpo a corpo; rolo, pega-pra-capar, tempo-quente.

[512] Balandrau, veste com capuz e mangas largas, abotoada na frente; opa us. pelos membros de certas irmandades em cerimônias religiosas.

[513] Farragem, coisas misturadas, miscelânea, mistura.

Pasta 33 – documento 3559

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

[escrito no alto da folha: De Buenos Aires. Provavelmente de 1946]

O livrinho está muito bem apresentado, e é dos que a gente lê de um folego. Não se trata da poesia comum, um jogo de palavras e imagens com as silabas bem medidas, e sim dum autentico e sincerissimo clamor de revolta. Uma verdadeira voz do pobre – que passará despercebida dos pobres (quando poderá um pobre comprar um livro?) e fará o rico sorrir (mas que lhe deixará um pulguinha atrás da orelha). A linguagem que essa gente compreende é uma só: da guilhotina ou da forca, e essa não será talvez usada nunca no Brasil, porque somos um povo completamente dessorado, dos que morrem de fome mas não reagem. Batina e farda já lhe destruiram até o proprio instinto de conservação.

Minha volta para S. Paulo está perigando, porque não me encontram casa. Por uma que apareceu, por 9 meses, mobiliada, pediram-me 8 contos mensais... Nem o Urbano é capaz desse milagre urbano que é me descobrir uma casa que sirva. E, pois, vou ficando.

A ideia de minha colaboração num governo é uma rima de poeta. Tenho contra mim toda a corvoalha, e agora com a carta ao Prestes ainda pus mais contra mim todos os perrepistas, e todos os catolicos e todos os meus amigos ricos. Não perca tempo em falar qualquer coisa ao Adhemar – ao pobre Adhemar que já terá de fazer prodigios para aguentar-se no balanço. O destino do Brasil é ir apodrecendo até desfazer-se. Quem viver verá.

Devo dar parabens por mais um rebento? Não estarás perturbando a harmonia da esferas com uma excessiva multiplicação?... Em todo o caso, vá lá meus parabens – e um beijo na mão gordita da Eliana,

do

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3560

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura – 1944-03-23]

S. P. 23,3,944

Cesidio:

Não li os versos do G. Achei sordido demais que ele ponha a sua musa a serviço dessa sordida e aladroadissima comedia militar chamada "Expedição contra a Alemanha". Que a gente simples, que a arraia miuda acredita nisso e tome a sério a quadrilha, vá lá, pois que a simplicidade de espirito não tem outra função afora ser enganada. Mas ele, tipo sabidão sophisticated, como se diz em inglês, é ser sordido.

Não sujo meus olhos com essas infamias metrificadas, afim de te-los plipidos para uma voz de extase como a do Urbano, ou uma voz humana como a tua canção do funcionário. Isso, sim, é a verdade, é a realidade vista com o humor dos poetas satiricos. E se meditares outro estribilho em que não entre a Roxane e o nariz do Bergerac, coisas que 999% dos

leitores não entendem, porque é alusão excessivamente literaria e já bastante demodée, e puser em lugar um fecho bem simples e humano, a tua Canção do Funcionário pode correr mundo nas asas da mimeografia.

Outrora o pensamento e a satira dispunhas das asas dos jornais e livros, e dos teatros e das conferencias publicas. Os inefaveis patifes que nos governam tomaram para seu uso exclusivo essas velhas asas – e só ficou para o pensamento livre a asinha fragil e cara das copias mimeografadas. Periodicamente recebo aqui coisas anonimas que são o debil protesto de um povo asfixiado, talvez o ultimo, porque as ditaduras muito prolongadas acabam mergulhando o povo naquele absoluto servilismo de alma que destruiu o velho Oriente.

A tua canção é a historia de toda gente hoje nesta terra, e que tem o grande valor de retratar um estado d'alma da historia. Neste momento historico da vida do país Brasil somos todos – todos apenas com exceção da quadrilha que nos explora – aquilo que com tanto pitoresco teus versos dizem.

Um livro musicado! Uma opereta infantil! Quem sabe se aí em Taubaté ha um Humperdink, aquele compositor alemão que da velha historia de João e Maria, ou em alemão Hansel e Gretel, fez uma das operas mais mimosas que existem – Hansel e Gretel? Na Bahia anda um com essa ideia, e já me mandou uma parte da musica para exame, o que tenho de fazer por intermedio de um amigo musico, pois que em musica sou a rainha das toupeiras. Que é o musici aí de Taubaté?

Eu te digo com franqueza que nunca acreditei em Taubaté para coisa nenhuma, mas depois que conheci aí certas almas e certos cerebros já não duvido de coisa nenhuma, e muito menos que haja aí um Humperdink in the making.

O Urbano escreveu-me e mandou-me mais duas laudas da sua super-poesia. Que curioso, que estranhissimo esse caso do Urbano, não acha?

Lindo o retrato do casalzinho de filhos. A menina já aprendeu a grande arte de falsificar uma risadinha para o fotografo. Ela ali, ~~não~~ não está rindo por impulso de alegria interior, mas porque mandaram-na rir-se. O menino mais criança e portanto mais sincero, ainda não obedece a esses mandamentos...

Lobato

Pasta 33A – documento 3561

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1943 ou 44"; contudo, a afirmação de que "as Folhas foram vendidas" – possivelmente uma referência aos jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, então de propriedade de seu amigo Otaviano Alves de Lima – faz-me pensar que essa carta seja próxima ou posterior a 10 de março de 1945, quando o novo grupo diretor assume a direção dos jornais]

Cesidio:

Recebi o impresso sobre os desenhos e acho que v. complicou uma coisa muito simples. Voce abriu um concurso na forma usual dos concursos, mas o de que precisamos não é isso: é juntar o maior numero possivel de desenhos infantis para com eles encher uma faixa das paredes. Não conhecendo as dimensões das paredes não posso fazer calculos, mas acho que ainda que aumentemos no triplo cada desenho serão necessarios 200, 300 ou mais para encher toda a area da faixa. O ~~mmamem~~ Urbano deve calcular isso. Precisamos ter uma ideia do numero aproximado de desenhos requeridos. Poderemos oferecer premios para os

melhores apenas como estimulo, mas não serão os melhores que irão para as paredes, porque os melhores são sempre pouquissimos e temos necessidade dum colosso.

Outro ponto: não ha necessidade de pseudônimo, como nos concursos da Academia; voce está tomando a coisa a serio demais. Tire a cartola. Temos de estimular as creanças para que mandem o que puderem e quiserem, sempre com a assinaturazinha em baixo e a idade. Junto aqui um como amostra.

Foi pena acordarmos tão tarde, porque se fosse aberto o concurso aqui tambem teriamos logo todo o material necessario. Não creio que em Taubaté reunamos 200 ou 300 desenhos aproveitaveis. Agora já está mais dificil aqui, porque as Folhas foram vendidas e os jornaes só querem saber de politica e pau do Getulio. Meses atrás o marasmo era absoluto. Já começo a ter saudades da censura á impremsa...

Recebi o Diario do Vale. Como está importante e papeludo! Quantas folhas, meu Deus! Será que o Vale tem peito para sustentar um jornal assim?...

Adeus.

Lobato

Pasta 33A – documento 3562

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1945"]

Cesidio:

Recebi carta e prefacio. Deixe o você e o tu juntos. Os gramaticos implicam-se e eu me implico com os gramaticos. Se eles na lingua falada sempre se misturam, por que na lingua escrita separar os coitadinhos?

A Editora não edita "coisas pequenas", e alem disso está realmente ultra-abarrotada. Só de reedições que precisa fazer e não encontra oficinas que as imprimam está com 400... Foi porisso que tirei parte dos meus livros de lá e passei-os para a Brasiliense. Nem a mim, que sou editado velho e pai da empresa eles conseguiam me reeditar por completo.

Para o teu caso o editor ha de ser dos pequenos pescadores, dos que pegam peixes miudos. Otales virou caçador de baleias e tubarões – livros escolares de tiragens tremendas, dicionarios e coisas assim. O Calvino, pode ser. Só vendo. Falha[ndo] o Calvino, tens que procurar os pequenos daqui – os que não podem editar dicionarios. A Brasiliense tambem está abarrotada; só as minhas Obras Completas absorve-lhe todo o capital disponivel. Sabe por quanto ela tratou a impressão dos meus 30 volumes? Setecentos contos...

A caça do editor é coisa velha, mas não razão para desanimar. O meio é um só: ir procurando, correr a via sacra, até dar com um. Faça isso. Depois do Calvino – se falhar, procure os daqui. E depressa, porque a crise vem vindo e quando vier 80 por cento das casinhas editoras vão falir. Ficarão os velhos – Otales, o Globo, o Alves, etc. A historia repete-se. Foi assim na crise de depois da primeira Guerra Mundial.

Lobato

Pasta 33A – documento 3563

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

S. P. 18,6,944

Cesidio amigo:

O mau olhado é fato. Teca, a minha irmã casada com o Heitor de Morais, tinha em Santos uma belissima coleção de avencar, num puxado que fazia as vezes de greenhouse. Pois um dia aparece lá a visita-la uma senhora; falam em avencas e a tal senhora se assanha para ver; a Teca leva-a ao puxado e lá ela se extasia e se abre em exclamações. Mas tinha mau olho, pois no dia seguinte todas as avencas amanheceram murchas e secaram. Todas! O curioso está aqui. Se secasse uma ou outra, podia ser isto ou aquilo; mas secando todas a causa tinha de ser uma causa geral – a misteriosa ação, portanto, da visitante, unico fator novo que podia ter agido na vespera. Infelizmente a ciencia – ou os atuais cientistas – se recusam a estudar semelhantes fenomenos. Mais comodo nega-los. Mas um dia serão esclarecidos. Na chimica ha a "ação de presença" de certos corpos, ou a catalise. Basta que esses corpos se aproximem de outros para que tais e tais reações se operem. Sem essa ação de presença tais reações não se realizam, ficam em estado potencial. O que o povo chama "mau olhado" é evidentemente uma ação de presença, uma catalise humana. Se o pézinho de menta morreu de vez, levarás outra muda quando vieres. Se apenas murchou e já recobrou, o olho do homem não é totalmente mau.

Fico ciente dos progressos do Sitio, e ciente tambem de que serei avisado quando estiver em ponto de ser visto.

Ando já na segunda revisão daquele meu novo Livro, o de cartas. Ha muitas de Taubaté. Um pouco do Taubaté do meu tempo de rapaz está fixado ali, um Taubaté já muitissimo afastado do de hoje. Esse Taubaté de hoje me é tão estranho como qualquer outra cidade do Paraíba. Não é o meu...

[escrito na vertical, na margem esquerda do papel]

Voces estão na lista dos que receberão A BARCA DE GLEYRE logo que sair. Esse titulo para um livro de cartas é um misterio, que no decurso da leitura, de repente, se esclarece. Os titulos misteriosos são atrativos.

Adeus. Saudades aos [ilegível]

Pasta 33A – documento 3564

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

S. P. 10, 9, 944

Cesidio:

Recebi a de 7. Encontrei-me com o Dr. Feliz na rua. Contou-me que o Sitio já está funcionando, com muita criança lá dentro, apesar de ainda não inaugurado. Mas tua carta me entristeceu. "Não será na verdade a republica com que sonhamos", diz voce. Por que? Que foi que falhou? Estou de nariz caido. Estou curioso de conhecer a irradiação das irmãs Marcondes. Em geral as teatralizações que têm aparecido são um desastre, como a do Carlos Lacerda e E. Cavalheiro. Votod para que as Marcondes não sejam burras como em geral a maioria das moças metidas a sebo. Geny não é a bibliotecaria?

Pela tua carta vejo como se dá importancia á Academia em nossa terra. Eu quando penso naquilo represento-me logo o fardão – um fardão teremendamente grotesco, com uma espatula de cortar papel á cinta, fingindo espadim. E rio-me dos que esperam ver um macaquinho da minha marca, divertindo o opvo "elegante" do Rio dentro daquilo e a ler um trabuco em que, com toda a|gramatica, um novo "imortal" toma a sério a si mesmo / a todos os "imortais" pre-existentes, inclusive o Oswaldo Urico e o Gêgê...
Diga á Eliana que este ano ela vai ganhar uma serie de 12 volumes novos do Lobato, intitulada OS DOZE TRABALHOS DE HERCULES. Sao livros pequenos de 100 paginas – e que 13º trabalho me foi escrever isso em 36 dias!... Estou derreado e/precisado de uma quinzena de ferias num clima.
Adeus. Espero que me anuncia a inauguração.

Lobato

Mandei uma Barca. Não naufragaria pelo caminho?

Pasta 33A – documento 3566

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura – anotado a lápis no alto da folha: "provavelmente de 1945"]

Cesidio:

V. escreveu-me ha dias, mas disse que ia chegar breve até cá fiquei esperando – e nada. Que ha? Quando vem? Ha muita coisinha a conversar.

Voce casou uma filha. Otimo. Creio que este ano tambem caso a minha ultima; – eu ficou pronto, sobrando, mas voce ainda terá de casar muita gente. Desvantagem de ser moço...

Por que é que não sai o concurso? Não estou entendendo nada disso aí. Voces perderam uma ocasião otima, em que os jornais não tinham assunto; agora estão transbordando de politica.

Esta semana, 5ª feira, inaugura-se aqui a nova biblioteca infantil e o Prestes Maia intimou-me a ir presidir a coisa. Tenho amanhã de escrever um discursinho em que vou traçar um programa e escandalizar todos os burgueses que lá estiverem, tal será o meu comunismo. O Maia é uma verdadeira dona Benta. Não só vai gastar varios milhares de contos com a nova biblioteca infantil como vai crear diversas mais, nos outros bairros. Temos de aproveitar o ensejo para lançar o programa de um Sitio para cada cidade do país. Esse é a revolução que o Brasil precisa. Nosso mal social é a estupidez infinita da massa por absoluta ausencia de cultura.

Faça uma coisa com a Eliana (eu não fiz com meus filhos e me arrependi). Arranje um caderno de "Elianices" em que voce fixe todas as coisas engraçadinhas que ela fizer, os ditos, as ingenuidades. Eu se fosse rei do mundo tornaria isso obrigatorio a todos os pais. Que riqueza se perde em verdadeiras preciosidades psicologicas por causa da burrice ou do preguiça do adulto – essa coisa feia em com o tempo as crianças se transformam... Não perca as "produções" da Eliana, do Fredi e dos outros. Isso mais tarde te encantará a velhice.

Adeus. Purezinha acaba de bater palmas lá embaixo: ~~sianl~~ sinal de almoço. E ha ~~tanta~~ tão pouca coisa de comer nesta cidade vitima do Estado Novo, que tenho de ir correndo...

Do amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3567

[cópia xerográfica de datiloscrito assinado(?)]

S. P. 10, 5, 45

Cesidio:

Em mãos a sua de 30 pp. contando as façanhas polemisticas. Parabens. Quer dizer que ainda está muito moço, pois só a idade nos arrefece a glandula da gana.

Recebo o diario do Paraíba e assombro-me com a quantidade de materia. Bate qualquer jornal daqui – mas tenho saudades dum jornalequinho do Honorio Jovino onde escrevi minhas primeiras coisas de namoro, e tenho-as aqui em recorte. Conheceu Honorio Jovino, um gorducho? Tambem escrevia nesse jornalzinho o Bento Ramos, que ás vezes vejo por aqui, oficial de justiça, muito grande e gordo e de pescoço torto. O Bento era vitima do nome. De qualquer modo que assinasse os seus artigos, produzia um trocadilho: B. Ramos (berramos); Bento Ramos (Bem torramos).

Com que então quer um retrato meu? Incrivel... Mas posso arranjar. Tenho de ver onde anda a chapa e encomendar uma ampliação como aquela que mandei para o Picapau. Mas não aprovo a tuda ideia. Mais interessante se formasses na parede uma galeria dos velhos jornalistas de Taubaté – o Jovino e tantos outros. Isso sim, teria uma significação. Eu já não represento nada nessa parede.

Não te preciptes no julgamento do Prestes. Porque, se nos falha o Prestes, que teremos pela frente que nos anime com um pouco de esperança? Ele não aderiu ao Getulio. Está apenas ganhando tempo. Calma, calma.

Leia esse recorte. Veja o que os russos fazem nos países que eles libertam. Não libertam só dos alemães. Imagine que beleza a divisão assim do latifundio que me descreves!

Adeus. Saudades e palmadas nos meninos

Lobato

Pasta 33A – documento 3568

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado(?) – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1943"]

Cesidio:

Viva! Os planos urbanistas, encampados por voce, são maravilhosos, porque a Biblioteca-Sitio virá prestar ~~inumeros~~ ~~e~~ duradouros beneficios a inumeras crianças pobres que não lêem nada porque não podem ler. O Urbano é um tipo eminentemente construtor, e resolve tudo com bibliotecas (e no fundo é <u>o unico</u> meio de resolver-se decentemente qualquer coisa no mundo, porque o mal é sempre a ignorancia e o remedio para esta é o livro). Fiquei radiante, porque andava com medo que me dessem uma placa de rua. Para essa coisa devemos reservar os herois militares, porque são decorativos e lembram aos passantes coisas bonitas, dragonas, talabartes, quépis, espadas, esporas. Quando eu era menino lembro-me que passava

com certo entusiasmo pela rua Duque de Caxias, mas me sentia deprimido ao entrar na Souza Alves. Um duque é um duque mas quem é um Souza Alves?

E que linda ficará essa biblioteca-sitio como já a estou vendo na cabeça do Urbano, com pinturas murais ad-hoc, absolutas novidades neste país sem bibliotecas e sem pinturas. Estive numa das bibliotecas infantis de New York e nunca me esqueci das cenas. Creio até que em meu Livro AMERICA falo disso. Se as crianças comuns (porque ha as ricas) acabam tendo aqui uma bibliotequinha delas, dou-me por bem pago de todos os meus esforços na vida.

Quanto ao retrato é o de menos, porque o original está vivo e cada vez mais lindo. De repente aparece aí.

Quem será Paulo Florenzano? Não tenho a menor ideias desse artista – o que aliás não quer dizer coisa nenhuma, porque ando muito fora do mundo.

Encontrei ontem, tarde da noite, na praça da Sé, uma coruja de cara conhecida. Era o Gentil! Esse tremendo Gentil que sabe latim e é requesitado aqui para a Capital, quando precisam de alguem que saiba latim. O Lima Barreto tem um conto, "O Homem que Sabia Javanês". Podemos escrever "O Homem que Sabia Latim".

Quando ao anuncio do Alberico, fale lá no Momento que podem continuar a publica-lo por minha conta. Anda a me fazer falta esse anuncio. Enchia-me a alma.

Adeus. Vou agora escrever ao Urbano

Lobato

Pasta 33A – documento 3569

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado(?) – anotado a lápis no alto da folha: "provavelmente de 1943"]

Terça

Cesidio:

Recebo e leio sim o MOMENTO, onde sempre me encontro com o C. e um ou outro amigo – e até com o nosso adoravel Alberico. Pena é que ele tenha parado de colaborar com aquele famoso anuncio: "Dr. Alberico Alves de Matos Guimarães (Dr. Alberico Guimarães)" De medo que dando o nome inteiro não o identifiquem, ele mete entre parenteses uma redução do nome, esclarecedoramente.) Tão cedo o MOMENTO não pilhará um anunciante que tanto bem faça ao figado dos leitores.

O Jubileu!... Incrivel. O Sussekind de Mendonça inventou isso lá no Rio e pegou. Em Belo Horizonte houve o diabo. Todas as coisas que em geral se diz depois que o bicho morre, voces andam a dizer agora – e a me envergonhar. Com que cara, por exemplo, vou ficar depois do teu artigo, se reaparecer em Taubaté? Voces excedem-se e quem paga o pato sou eu. E a coisa ainda não está no zenite – o qual será quando aparecer o Onibus.

Este onibus é uma coisa curiosa. A Editora tmabem quis jubilar-me e organizou uma edição monstro, de 700 paginas, imagine, na qual vem retrato, prefacio comprido, bibliografia, e todos os contos. Estes, comodamente sentados nos bancos; e de pé entre eles, ou pendurados como pingentes de bonde, vem outras coisas tomadas dos livros de cronicas, etc.

Daí a ideia o "Onibus Lobatino", a jardineira... Esta em revisão. Quanto sair, voces, jacarés, receberão essa lembrança do amigo que não os esquece.

Um filho novo! Mas isso é lindo, porque indica mocidade e capacidade criadora. Eu, se fosse estado novo, fazia uma lei acabando com a liberdade de procrear. Para ter filho era necessario um atestado de habilitação e uma permissão especial. A gente feia ficava proibida de reproduzir-se. Outros teriam licença para um filho só. Outros, dois e tres. E alguns teriam licença sem limites. Voce, meu caro, entrava para este grupo. E não precisava produzir filhos só em casa – teria licença de fazer roças grandes, por montes e vales. Porque sabe ter filhos bonitos e claros. Voce, Cesidio, é um embelezador e embranquecedor desta raça tão feia e encardida. Não me esqueço nunca do encanto que é a tua filhinha gorda e de fala grossa.

Adeus. Lembranças aos outros.

Lobato

Pasta 33A – documento 3570

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado (?) – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1943"]

C.

Não sei para que queres retrato. Conforme o fim, conforme o retrato. Recebi uma carta da Gulnara, onde vem que você bateu lá em procura de meu retrato. Vejo que o interesse é agudo. Acham-me lindo e querem rever-me pelo menos em efigie! Bom; se é assim aguda a coisa, vou mandar uns retratos-amostras, e voce decidirá se servem ou não.

Estou verificando que o Taubaté mental compõe-se hoje de voce, Urbano, Gentil e José Pato. Um triunvirato com um pseudopodo medico. Mas como uma das pernas do triunvirato anda perdido em Roma, e quando sai de Roma cai na Macumba, o que ha realmente é um duunvirato. Mas como neste duunvirato o Urbano o que quer é a India de Vivekananda e outras coisas universais e esotericas, fica na ação só o Primeiro Consul Cesidio. É voce, Cesidio, quem pensa e decide por Taubaté nas coisa concretas do viver corrente, como no astral é o Urbano, e no subterraneo é o Gentil.

Agora pergunto: quem quer o retrato? Quem vai precisar dum retrato para convencer-se de que existo? Não é voce, nem o Urbano, nem o Gentil, nem o Pato. Então quem é? Será possivel que exista mais gente em Taubaté?

Lobato

Pasta 33A – documento 3571

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

BA 30,3,47

Cesidio:

Chegaram afinal os ex-poemas atomicos – agora "Vermelhos", em contradição com a nota não-comunista. A côr vermelha e a palavra vermelha estão comprometidas. Cuidado! Aparentemente, os campos estão se definindo para um "péga de monte", com aquela besta de Truman a servir de instrumento. Muita gente está inquieta – mas acho que nada ha a temer, porque isso de guerrear ideias já é coisa provada absurda. A causa de tudo não passa dum momentaneo desequilibrio de armas; os E. U. possuem a atomica e os outros ainda não; no dia em que os outros (ou a Russia) tamebem estiver na posse da bomba Atomica, vai acontecer o mesmo que com os gases asfixiantes: ninguem a emprega. Quando na outra guerra a Alemanha apareceu com os gases, o mundo se horrorizou. Mas os gases foram usados só enquanto estava na mão de um país; assim que todos os tiveram, ninguem mais ouviu falar neles. Na ultima guerra todos dispunham de gases tão horrendos e em tais quantidades, que nem Hitler, um louco, teve coragem de emprega-los. A condição de paz para o mundo hoje é que a Russia anuncie a sua bomba atomica; será azeite nas ondas tempestuosas – tudo sossega. Tudo pois depende hoje dos sabios da Russia.

Na qualidade de satelite que somos, se os E. U. suprimiram lá o F. C., telo-emos suspenso aqui tambem; se perseguirem os comunistas, serão perseguidos aqui tambem. Mas o perigo será enquanto a bomba estiver dum lado só. Estando dos dois lados, teremos o equilibrio e a terrivel arma vai para o quarto dos badulaques da Historia, trocar impressões e memorias com o gas de mostarda e outros – e o sossego volta ao mundo – e os POEMAS VERMELHOS ficarão no campo da Arte e não do da "Subversão Comunista". Bote, pois, a Eliana rezando para que a bomba atomica russa saia depressa.

Mandarei o que aparecer aqui sobre o livrinho, mas não espere muita coisa. Este é o povo menos revolucionario do mundo, e ainda agora venceu no Congresso a instituição do Ensino Religioso. O comunismo aqui é um avo do nosso aí – talvez porque todos os estomagos estejam cheios.

Não perca tempo com "entrevistas minhas", porque na realidade são deles, uns cretinissimos reportes; só dei uma, redigida por mim, que vai sair em DIRETRIZES. Aquela carta ao Presyes saiu com uns erros tolos; retifiquei – e o erro reapareceu na retificação... Que país esse nosso, santo Deus!... Aqui incluo um recorte para que v. veja a nossa degradação. Publicam uma coisa para corrigir um erro e conservam o erro apenas levemente variado.

Não creio que o Adhemar possa fazer coisa nenhuma. O caso da eleição é ilusorio. Embora derrotados nas urnas, os reacionarios são a imensa maioria e a força; e Adhemar, para conseguir manter-se, vai fazer-lhes tantas concessões quantas eles quiserem. E não me admirarei se não sair o maior perseguidor do comunismo e dos comunistas. Será o seu meio de "resgatar" o grande pecado cometido contra a urubualha[da] onipotente aliada aos ricos donos de tudo.

Pasta 33A – documento 3572

[cópia xerográfica de datiloscrito assinado(?)]

Baires 26, 4, 47

Meu caro Cesidio:

Tua carta ultima já me encontrou em manobras para o retorno. Estas viagens de mudança levam muitos dias. Ha uma serie de atos sucessivos e progressivos, que acabam dando com a gente no ponto de destino. Iludimo-nos considerando como "ida" apenas o voo final. O voo é a ultima pagina do livro, mas para chegar a ele quantas temos de escrever! De modo que "estou indo" para S. Paulo ha já uma porção de dias, e continuarei indo até o 8 de maio, que é o do vôo, no qual deverei desembarcar lá ás 3 horas da tarde e ir para um hotel, pois que não consegui casa. Meu endereço provisorio será o da Editora Brasilienses, Itapetininga 83.

Não espere repercussão dos teus poemas aqui. [Ha] muito pouco esquerdismo na Argentina, porque a prosperidade é inimiga da esquerda. Não vejo comunismo. Todo mundo está ocupado em ganhar dinheiro e passar bem. Dizem-me que ha comunismo, mas não vejo – não consigo ver. Os jornais aos quais mandaste o livro vão noticia-lo... um dia. Andam sempre com fila muito comprida [na] porta, e nada dirão de interessante. E como ja não estarei aqui, não sei como fazer para que recebas os recortes. Vou recomendar ao Ramon Prieto que, caso os apanhe, remeta para você.

E agora adeus. Vou hoje arrumar os livros.

Abraços do

Lobato

Pasta 33A – documento 3573

[cópia xerográfica de datiloscrito assinado]

S. P. 5,2,948

Cesidio:

Não ha nada. Falta de animo de dizer coisas que no fundo não têm nada. Com o avançar da idade, vamos perdendo o interesse em tudo – nos convencendo de que nada paga a pena.

Recebi o recorte. Eu ando em marre de surras. Ha tres acusações "tremendas" contra mim: 1) ateu ou irreligioso; 2) comunista; 3) passadista. Se eu fosse ler essa literatura, tão mal feita, coitadinha, era bem provavel que me aborrecesse com tal quadro de má fé e estupidez humana. Mas por higiene não leio; nem respondo portanto, a nenhuma acusação que me fazem. o enxurro traz a espuma suja e leva-a de novo.

Estive na Bahia, para assistir á estreia duma opereta NARIZI[NHO]. Curioso, não? Na Bahia, a terra dos côcos e do petroleo.

O sr. Beer Lichtenstern ignora, pelo que vejo, o mecanismo editorial dos USA. Mas que venha, que aqui conversaremos.

Como V. está para ver, não espicho mais esta. Ficam os mais assuntos para ser ventilados de viva voz. Eu moro no 83 da R. Itapetininga, ultimo andar, e tenho escritorio no mesmo predio, 2º andar. Estou no escritorio todos os dias, menos sabados, das 2 e meia ás 6, 7 da tarde.

Adeus. Venha. Temos muito que conversar.

Saudades á Eliana

Do

Lobato

Pasta 33A – documento 3575

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1944 ou 45"]

Dez. 7

Cesidio:

Depois de recebida sua carta, apareceu-me o Urbano. Sim, o livro do padre versus o do Urbano é a maior homenagem que o nosso amigo podia ter. Doeu? Gelou.

Cachoeira do Marimbondo. Sim, estive lá. Maravilhosa. Tenho até hoje, trazido de lá, um desses seixos redondos e polidissimos que o revolver das aguas deixa nos buracos das pedras. Não ha campo melhor para o estudo da erosão por meio da agua que um pedraçal daqueles.

Muito bonita a revistinha. Aproveitem-na, por que esse genero de publicações tem a vida curta como a daqueles lindos insetinhos da familia Ephemera, ou como os chapeus de sapo. Surgem da noite para o dia e murcham e secam do dia para a noite. Quanto á colaboração pedida, acho que os velhos não devem atravancar o espaço das revistas novas. Lé com lé cré com cré. Revistinha nova, mocinha ainda, por novos seja mantida e nas mãos deles acabe.

Os livros da serie Hercules já sairam e não sei por que lá a editora não os mandou. Deixei lá a lista. Hei de ver qual a causa da demora.

E por que está demorando tanto a abertura do concurso de desenhos infantis? Olhe que a ideia é otima e dessas que vão pegar. D. Lenira, da biblioteca infantil daqui, encantou-se com a lembrança, e está querendo fazer o mesmo na biblioteca nova que estão construindo. Quando for da inauguração do Sitio aí, a Biblioteca Infantil daqui vai mandar uma comissão de meninos representando-a, disse-me D. Lenira.

E adeus. Que saia o concurso. D. Lenira vai fazer todos lá da sua biblioteca concorrerem.

Do

Lobato

Pasta 33A – documento 3576
[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

B. A. 20/2/947

Cesidio:

Recebi a de 16 e fiquei muito triste. Pois você, que me conhece, me supôs capaz da entrevista que veio no recorte da FOLHA DA MANHÃ? Em que decadencia progressiva vai nossa terra! Os jornais mandam ao estrangeiro reporters acretinados, capazes de produzir monstrengos ao naipe dessa entrevista – e a coisa circula a serio, é transmitida pelo telegrafo, espalha-se pelo país... E, sistematicamente não dou entrevistas faladas, porque sei o que acontece na redação do reporter. Dou-as escritas e assinadas, como fiz hontem para DIRETRIZES. Esteve cá o Samuel Vainer e me levou uma – séria, escrita, assinada, minha em suma. Você fez bem em me mandar o recorte; isso me habilita a enviar á FOLHA a nota inclusa, que me farás o favor de pôr no correio.

Não te entusiasmes, Cesidio, com os resultados da ultima eleição. É que eles foram colhidos de surpresa. Mas se coligarão e destruirão esse movimento de liberação do povo. E destruirão o P. C., e prosseguirão na horrivel obra em que estão empenhados, que é a de apodrecer o Brasil até ás ultimas. Ainda é cedo para que esse processo de decomposição se detenha. Muita agua tem ainda de correr pelo leito do Paraíba. A reação vai trazer o caos, e a revolta surda, e talvez prepare uma montonera popular, que será abafada pelo exercito e abrirá caminho para mais uma ditadura militar. OS PRIVILEGIOS DEFENDEM-SE, E, INFELIZMENTE, NOS PAÍSES INCULTOS COMO O NOSSO, O UNICO PROCESSO DE ACABAR COM OS PRIVILEGIOS É ENFORCAR OS PRIVILEGIADOS. Foi o que fez a França em 1879, e em nossos tempos a Russia. Processo horrivel, mas unico nos países atolados na incultura. Muito receio que o nosso malaventurado país tenha de passar por semelhante calamidade.

Acha você "promissor" o panorama social e politico do Brasil. Sim, promete sangue, suor e lagrimas...

Chegou-me afinal o Zabeu do Gentil – e já escrevi ao Urbano. Não ha ali fatos novos; tudo velho é já ultra sabido. Mas as Conclusões do Urbano são novas. São, rigorosamente, as conclusões que a ciencia de hoje pode deduzir dos fatos observados, e Urbano as compendiou com um espirito cientifico que me enche de admiração. É muito facil concluir sentimentalmente, diletantescamente, ou parcialmente, segundo o nosso parti-pris no assunto. Mas concluir com a olimpica serenidade filosofica dum Oliver Lodge, ou a dum Darwin, Huxley ou Stuart-Mill na apreciação dum fenomeno natural, isso, no Brasil, só o Urbano. Nos países de solida cultura cientifica, é comum aparecerem conclusões com o equilibrio das do Urbano; entre nós, são as primeiras que me chegam ao conhecimento. E são dignas de, por meio da tradução do "Zabeu" em inglês, serem divulgadas entre os países que raciocinam com a cabeça – e lá atrairão as vistas dos sabios. Einstein lerá aquilo e tirará o cachimbo da boca, ficando a meditar na possibilidade de reduzir o pensamento do Urbano a uma formula matematica.

Estive na casa do Ruy, com ele, antes daquilo ser a "Casa de Ruy Barbosa". Estive em sua biblioteca, em conversa com o velhinho, e lembro-me do que me disse – das patifarias do senador Azeredo que ~~ele~~ me contou. Ruy ali dentro era um bicho dentro da goiaba, e tinha a serenidade de um bicho dentro da goiaba. A livralhada era o seu cerebro – as celulas de seu cerebro; e a nenhuma delas a sua conciencia, servida pela melhor das memorias, se mostrava alheia.

Pelo amor de Deus não lembre ao Adhemar coisa nenhuma a meu

[continuação escrita na vertical, à margem esquerda do papel]

respeito, porque não sou homem de ação administrativa. Extremado demais, libertario demais, ou faço as coisas como quero (e sai asneira) ou não faço nada. Vou voltar como um bicho de goiaba volta para a goiaba. Minha goiaba é a lingua organica em que nasci e da qual sinto falta. Vou voltar para conversar – e por fim passar para o outro lado

[continuação escrita na parte superior da folha]

como meus filhos já passaram, como todos vamos passar, e verificar se Morte é sinonimo de virgula, ponto-e-virgula ou ponto-final. Somos um cavaleiro imortal montado num cavalo mortal. Meu cavalo está manco, estropeado, no fim. Breve desmonto, o cavalo vai para o monturo e o cavaleiro, a pé, vai... fazer o que, meu caro Cesidio? Meu interesse unico hoje é verificar esse ponto – mas verificar por mim mesmo, e não por informação dos outros.

Lobato

Pasta 33A – documento 3577

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

22, 10, 43

Cesidio:

Cá me chegaram a fotografia do "meu predio" e a planta do Sitio. Fora de caçoada: se voces fazem aí uma coisa como a projetada, dão uma tacada linda, porque sei que as outras cidades estão de olho na ideia, e caso se realize pensam em reproduzir o Sitio de Taubaté em outros pontos. Até no Rio Grande querem fazer um – e voces os pais da Ideia ficam imortais.

Sempre tive muito medo disso que se chama Poder Publico; mesmo quando quer fazer bem, sai asneria e onus para o povo. Será que o Poder Publico de Taubaté vai constituir exceção? Esperemos. A ideia de aproveitar para a biblioteca aquele inutilissimo e feissimo pedaço do largo da Estação é otima, mas não contem com isso. O Poder Publico logo engasga e fica na mesma. Como está na planta do Urbano já é otimo – e será a primeira coisa original saida do cerebro de Taubaté.

Se a D. Lenira está apoiando a ideia, não ha receio de que venha a falhar. Conheço-a. É um encanto de criatura, uma verdadeira fada lá na Biblioteca Infantil da rua Major Sertorio. A criançada adora-a, e o jornalzinho que a biblioteca mantem, todo feito pelas crianças, inclusive os desenhos e a mimiografagem – A VOZ DA INFANCIA – é o unico jornal decente desta cidade, e o unico que eu leio sem sentir enjoo nas tripas.

Não acredito em adesão da A. B. de Letras, porque está de mal comigo. Há tempos tive lá o Levi Carneiro, Presidente, perguntou-me: "Quando se apresenta para a Academia?" Respondi: "Quando for Presidente da Republica". E agora consultaram-me se eu queria entrar.

Respondi: "Sim, mas não de alijar de lá, a pontapés, o presidencial intruso." Não percam tempo em pensar naquilo. É sem-vergonha demais.

Muito melhor que o meu retrato será, para a linda menina, o livro que mando. Hpa bichinhos para ela ver, e mais tarde fabulas para ler.

Bom, fico ciente de que voces vem no dia 28, e espero que me avisem e procurem; o Gentil passa temporadas aqui e não me dá a honra de ver-lhe a cara; e até o Urbano anda a me calotear. Esteve aqui e nada de Lobato. E no entanto andou lá pela Editora.

Adeus, caro Ambrogi. Voces são os mais perfeitos jacarés que encontrei na vida.

Lobato

Pasta 33A – documento 3578

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data e sem assinatura – anotado a lápis no pé da folha: "provavelmente de 1945 ou 46"]

Cesidio:

Sim, senhor! Que furia! Voce investe contra os ricos como o Borghi contra o Banco do Brasil. E acho que se lanças um livro de poemas assim vais inflamar muita gente – e receber a excomunhão papal. A Igreja garante aos pobres o ceu depois da morte, e defende furiosamente os ricos na terra. "O ceu, que é eterno, voces o terão – diz ela; mas com a condição de deixarem em paz os ricos aqui da terra, coitados, que só contam com delicias durante o fugaz momento terreno. Eles que gosem as suas riquezas terrenas, que eu garanto a voces pobres uma eternidade de delicias celestiais. E os pobres então se contentaram com esse mel. Hoje, porem, andam desconfiados que tal teoria não passa dum puro engazopamento, e resolveram exigir uma parte das "delicias do fugaz momento terreno" – e toda a crise moderna, qualquer que seja o nome que tenha, não passa disso: a nova atitude do pobre.

Voce reflete nos versos atomicos a revolta já não surda, mas declarada, da escravatura imensa, da povralhada infinita. Não te doam as mão, nem pares no meio do caminho.

Quanto a prefacio, meu caro, voce me perdoi, mas já me jurei a mim mesmo um ponto final. Isso porque andei a faze-los tantos que deu na vista, e provocou aquele artigo do Mario Donato no "Estado", no qual censurou a abundancia do meu animus prefaciandi e concluiu que os meus prefacios já desmoralizavam os prefaciados, etc. Em vista disso amoitei, e dos prefacios feitos só ha a sair um do livro de Nho Bento. Nunca mais fiz nenhum. Tenho resistido valentemente ás solicitações dos estranhos – e quanto aos amigos, como voce, não tenho de resistir coisa nenhuma, porque compreendes a minha situação e me ajudarás a cumprir meu voto.

Parece-me otimo o titulo de "Poemas Atomicos". As bombas caem sobre os ricos e arrazam-n'os. Mas será que tuas bombas alcançam, por exemplo, os Urbanos e outros ricos decentes? Tive o Urbano aqui ha coisa de uma semana, gordo e vermelho, e sempre indiano. Taubaté dá de tudo, até avatares de filosofos da velha India – ou talvez dalgum sabio lama vermelho do Tibé. Dos 3 jacarés, o mais logico, o unico taubateanamente certo me parece o Gentil, com aquele lambancismo indiferente a a tudo e macumbeiro. Porque o jacaré Cesidio chega até a incorrer na excomunhão do Santo Papa com suas revoltas contra os manipangos do ouro. E

Urbano é a propria filosofia vendanta sob forma humana, rica e corada. Isso não é taubatianismo – é tibetismo.

Chega de prosa. Adeus. Um grande abraço do redivivo

Lobato

Vou te mandar um artigo meu sobre o Vale do Paraíba, que a pedido do Amaral Gurgel escrevi no tempo do Adhemar. Lembrei-me disso porque vai aparecer nas Obras Completas, que estou revendo.

L.

Pasta 33A – documento 3579
[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

Baires 6, 2, 947

Meu caro Cesidio:

Jamais uma carta me deu tanto prazer como a tua ultima – e nunca uma diferirá tanto de outra como eu estava no ultimo que te escrevi e esta. Na ultima que te escrevi eu estava no ultimo [grau] do desanimo e [ilegível] possibilidades de salvação para o Brasil; e isso ocorria quando aí se incubava o "19 de Janeiro", uma data que vai figurar em nossa historia como a do encerramento da nossa Idade Media e o primeiro albor do Renascimento. O Voto Secreto, pelo tanto que bati no tempo do PRP (ver MUNDO DA LUA nas Obras Completas) me decepcionou profundamente na penultima eleição, quando o povo, ainda tonto com os 15 anos de ditadura, elegeu Dutra (quer dizer, a continuação do que estava) e pôs no Senado (e por S. Paulo!) Getulio [ilegível] Mas é que o povo ainda estava tonto, como o Prestes ao sair do seu encerramento incomunicavel de oito anos. Mas a tontura passou e o povo a 19 de janeiro resolveu libertar-se de todas as [patinas que o envinagravam] e transformar~~am~~ ~~uma~~a eleição em Varrição. O que houve nesse milagroso dia foi isso: VARRIÇÃO. Num [momento] de escolha liberrima, o povo varreu Getulio, varreu a intromissão do clero na politica e varreu a tentativa de ressurreição do PRP, isto é, do governo oligarquico que nos [manietou] desde 1889 até 1930 por meio da mais cinica e impenitente fraude eleitoral. O voto secreto [ilegível] no tempo em que o propus [ilegível] o que falhou na primeira prova teria depois do tombo militar dado ao Getulio, deu afinal o grande resultado que dele era de esperar. Varreu tudo! Pôs fim á nossa Idade Media e abriu as portas da nossa Renascença!... Que maravilha! O Brasil já não é Barreto Pinto. Está salvo, e nenhuma força retrograda o embaraçará daqui por diante. Teremos petroleo, teremos trigo, teremos liberação do imperialismo capitalista, seremos donos de nós mesmos – se o movimento não for detido pela Reação, um dia seremos no Sul a grande coisa que os Estados Unidos são no Norte. Nunca me passou pela cabeça a possibilidade de, entre uma carta ao Cesidio e outra, estar eu dizendo isto... Milagre! Milagre! E tudo obra da fé construtora do martir que sofreu oito anos e incomunicabilidade carceraria pelo mesmo fato que me levou á prisão: querer arrancar o Brasil ao atoleiro em que se debatia. De que maneira pode o ~~pías~~ país agradecer a Prestes o imenso serviço prestado?

Eu saí do Brasil com a firme decisão de nunca mais voltar. Minha descrença era absoluta. Mas tudo mudou de modo tão espetacular que já não penso em Perú, Mexico e outros opiatos a que queria recorrer para descanso do espirito em face do descalabro progressivo e incoercivel da minha pobre terra. Só penso agora em voltar, para ajudar na obra tremenda do Renascimento. Apesar de velho, ainda poderei fazer alguma coisa. O que me afugentou do Brasil não foi a falta de pão, de transporte, de mil coisas materiais. Foi a falta progressiva de ar para respirar, foi a descrença da possibilidade de cura. Tudo mudou. Voltou o ar. Volt~~ou~~aram a esperança e a fé. Vai ser trabalho lento e penoso, mas o Brasil safar-se-á daquele atoleiro em que estava afundando, como afundou Bocatorta.

Já mandei ver casa, e logo que a consiga volto. Já não me interessa este macio em que vivo; chega a parecer-me criminoso. O trabalho a ser feito é imenso e exige a cooperação até de mortos ressuscitaveis, como eu...

Diz v. muito bem que o 19 de janeiro foi uma bomba atomica. Na guerra com o Japão, bastou a lançada a Hiroshima para demonstrar a 80 milhões de japoneses, enlouquecidos pelo delirante orgulho de serem filhos do sol, que eles não passavam de sauvas que uma boa dose de sulfureto de carbono arraza – e lá está Mac Arthur remodelando os ex-filhos do sol numa comunidade terrena e humana. Entre nós a bomba atomica do 19 de janeiro bastou para fechar um lugubre periodo historico e abrir todas as janelas para a reconstrução. Bem acham os sabios que a fisica atomica vai operar no mundo a transformação na qual falharam todas as religiões, filosofias e politicas! Essa mesma bomba atomica <u>sub specie</u> voto secreto, vai tambem, com o estouro do dia 19 de janeiro, iniciar a transformação do Brasil do Barreto Pinto que era no Jardim do Eden que pode ser...

Mande os Poemas para La Nacion, La Prensa, La Epoca, [La] Guardia, Clarin; e mande 20 exemplares para Ramon Prieto, Editorial Acteon, avenida de Mayo 654, que aqui faremos conveniente distribuição. // Ainda não recebi o Zabeu do Urbano; continuo a espera-lo, e ansiosamente. // Não pense em mandar mangas; tudo dificil no regimem de emperro e embaraços em que vivemos, e que felizmente vai mudar. // Diga á Elina que cá estou á espera da carta. Ha dias recebi uma comovente. Um menino dizia, no fim, que tambem era escritor de livros. "Já fiz tres, mas sairam muito sem jeito, cheios de bobagens e erros. Eu faço a capa, encaderno, faço os desenhos depois escrevo. Mas saem tão ruins, tão feios, que só mamãe os compra". O coitadinho pensa que os autores fazem materialmente os livros, um por um...

Creio que v. pode continuar na fabricação de filhos, já que os produzes tão bonitos. Eles agora vão ter uma Patria decente...

[escrito na vertical, à margem esquerda do papel]

Adeus. Grande

Lobato

Pasta 33A – documento 3580

[cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

Buenos Aires, 6, 8, 946

Cesidio:

Cá me chegou tua carta de 26, com as classicas noticias que sempre me chegam da patria amada: nunca boas coisas. E como só posso voltar quando as coisas endireitarem, não sei...

Aqui me vou adaptando, e me sentindo muito em casa, porque, afinal de contas, isso de lingua portuguesa e espanhola são uma em duas. Não procuro falar espanhol, porque se falo claro e despacio todos entendem muito bem meu português – e desse modo não estropio a lingua de Cervantes. Ás vezes até acontecem coisas engraçadas, como quando hablo qualquer coisa em espanhol e não me entendem, e digo o mesmo em português e me entendem...

A vida aqui é o que pode ser numa grande terra amiga e irmã. As creanças me escrevem, como me escreviam as daí, de modo que ~~n~/~~ absolutamente não me sinto "transplantado". Ainda a semana passada passei-a toda navegando rio Paraná acima; e ao lembrar-me que aquelas aguas imensas juntavam-se e vinham do Brasil, e estavam cheias de peixes nossos, pintados, dourados, pacus, piranhas, senti-me em cima dum Paraíba de agigantadas proporções. E numa hacienda da provincia de Entre Rios – os rios em que está a provincia são o Paraná e o Uruguay, formadores do rio da Prata – comi um ensopado de bagres de barriga amarela evidentemente netos duns que comi ha anos em Mato Grosso. E a folhinha inclusa, de "sombra de toro", um arbusto muito frequente nas barrancas do Paraná, por entre os algarrobos o espinillos, vai como documento botanico da minha penetração.

Pasta 33A – documento 3581

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado (?) – anotado no alto da folha: 25.5.46]

Cesidio:

Que maçada! Então veio justamente quando eu voava para Belo Horizonte? Azar. Fui lá num avião e voltei noutro, apenas para pagar uma visita que em Areias tive do Rangel. E nesse curto intervalo em que estive fora, vens...

Em Taubaté não estive, nem sei como se formou tal bosto. Depois de saida a Barca, fiquei com medo de Taubaté. São capazes de me receberem com vaia...

Não vi o Urbano por aqui.

O Silveira Peixoto é o representante da Guaira. ~~aqui.~~ Vou conversar com ele a proposito dos teus Poemas, e pedir-lhe que não deixe a Guaira te lograr.

Sigo no dia 6 de junho, e meu endereço te será fornecido pela Brasiliense, lá em fins de junho. Vou para um hotel, e lá pelo fim do mês espero estar num apartamento.

Diga á Eliana que se eu tivesse estado em Taubaté, ter-lhe-ia entregue de mão propria o livrinho que vai pelo correio. Haverá melhor prova de que não estive em Taubaté?

E adeus, meu caro Cesidio. Vais receber a nova edição da Barca, quando sair (em junho). Entram as ultimas cartas ao Rangel e numa delas apareces.

Adeus. Um grande abraço no Urbano e no Gentil, do

velho amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3582

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado (?) – anotado a lápis ao pé da folha: 22/10/45]

Cesidio:

Cá me chegou ontem tua carta com os versos. Que mocidade eterna, meu Deus! Fazer versos é dar flor – e voce ainda dá tanta flor que numa simples carta inclue dois sonetos – e lindo! Que inveja! Creio que sou ar~~o~~vore que não dá coisa nenhuma – só serragem da broca.

Tive alta no dia 16. Ressuscitei. Estou como Lazaro quando se ergueu na cova. E com que apetite, meu Deus! Quanto mais como, mais quero comer. E durante a doença, que fastio!...

Ando em lua de mel com a vida, achando tudo bom e bonito. ~~Smnn~~ Só entenderá~~s~~ isto quem passou uma longa temporada na modorra do vai-não-vai. Creio que V. não passou por esta.

Adeus. Li na revista a tua nota sobre a minha doença. Talvez fosse os bons desejos de tua menina que revogaram a ordem do alto. A gente não sabe nada. Adeus. Um beijinho nela.

Do amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3583

[cópia xerográfica de datiloscrito assinado (?)]

S. P. 26, 7, 944

Cesidio:

Cá tenho tua ultima, com más noticias da hortelã. Esqueça a hortelã e cultive as aquarelinhas. Vou dar as minhas impressões DO CHIFRE FURADO, acho muito o "coisa horrorosa" e erudito demais o "sacripanta". Não é nada horroroso ter sido do chifre furado, e sacripanta nenhum dos leitores entende. Eu sei que as contingencias da rima obrigam os poetas aos maiores pulos, mas é preciso que nas aquarelas não seja "acqua rala", bem transparente e entonada.

No segundo soneto ha uma "giesta" que me soa mal. A giesta que conheço, e ha muita aqui pelo bairro, é uma [planta de galhos] fininhos onde um sabiá não pode pousar. E o terceiro, [ilegível] o "sol doudeja" não me sabe bem. O doudejar sugere a ansia de movimento e o sol é estatico. O "cheiro de restinga" não é de côr local. Cheiro de mato, sim. Eu já percorri muito mato e nunca senti cheiro de resina. "Canções de aguas cristalinas" me parece

romantismo daqueles que perdem de vista o natural. "Canções de aguinhas", ou coisa assim, é melhor. E "graça estilizada" está um tanto tecnico.

Acho que voce precisa desliteralizar-se um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a "literatura". Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o ERAMOS SEIS da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas FABULAS para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões "literarias" cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais dificeis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas "expressões bonitas ou literarias" e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literario está justamente nelas. A cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram "belezas".

Não faz mal que o Urbano fique cada vez mais rico. O que salva o regimem capitalista é justamente o acumulo de dinheiro na mão dos Urbanos. Wells tem no livro CONSTRUÇÃO DO MUNDO uma ideia muito feliz. Ele imagina um mundo futuro em que os ricos não são os que se tornam ricos e sim os que são nomeados para a função de rico. O Estado eleje os ricos, como hoje são eleitos deputados e senadores. Quando um sujeito demonstra ter tais ou tais qualidades sociais, o Estado [ilegível] grande fortuna para que ele a gaste [ilegível] que ele a gastará com proveito para a humanidade. [ilegível] foi posta em pratica na Inglaterra. Um milionario [irlandês] deixou alguns milhões de dolares para cinco cidadãos ingleses de notorio espirito social, para que delas dispusessem á vontade, como entendessem. E esses ricos por eleição deram lindamente conta do recado: tornaram-se os mais amados ricos da Inglaterra. [ilegível] que veio ao mundo do imenso acumulo de dinheiro nas mãos do Rockefeller. Tenho diante de mim o relatorio para 19[ilegível] da Rockefeller Foundations. Que maravilha! Os "santos" [ilegível] do super-capitalismo serão os milionarios eleitos, como Wells os imagina. De mim só desejo que o Urbano se encha de milhões, já que sem eleição é um rico eleito nato.

"O sitio vai indo", dizes. Está aí uma coisa que tenho tentado de ver – sonho com a multiplicação desses Sitios pelo país inteiro. Imagine se os nossos ricos, em vez de darem aviões sociais, dessem Sitios do Urbano ao país! Que revolução na mentalidade nova – na criançada que vai ser o Brasil de amanhã... [Esse]

[escrito na vertical, à margem esquerda da folha]

é um sonho [ilegível] Seu livro vai [sem provas]. Já está a imprimir-se. Lá o terás.
Adeus, [ilegível]
Lobato

Pasta 33A – documento 3584

[cópia xerográfica de manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Querido amigo

Muito me sensibilizou a sua generosa atitude vindo a campo em meu favor. E chego a felicitar-me da agressão de C., uma vez que ela me proporcionou a honra de sua ardente defesa. Guardarei carinhosamente a tira enviada entre as recordações mais queridas.

Aceite o abraço aº. do
confrade grato

Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3585

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado (?) – anotado a lápis ao pé da folha: provavelmente de 1946]

Cesidio:

Já que v. não [ilegível] algo desta azemola, muito bem. Quando as bombas estiverem prontas, manda-mas, que retrucarei com uma cartinha negando prefacio, mas na realidade prefaciando-te epistolarmente.

A historia do Vale irá quando me vierem provas tipograficas.

Passei uns dias fora e cheguei hoje e encontrei 10 cartas a responder. Tenho de tornar-me telegrafico. Adeus, pois.

Lobato

Pasta 33A – documento 3586

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data – anotado a lápis no alto da folha: provavelmente de 1943]

Cesidio:

Viva! Você está se salvando. Está saindo das espumas do Mas das Aspas como Afrodite das espumas do Mar [ilegível] A sua carta está uma perfeita maravilha de graça e leveza e desempeno e espirito primesautier – e tudo por obra e graça da mulher que nem nome tem e escreve com a inocencia dos que ignoram a existencia da "literatura"! Juro que voce devorou o ERAMOS SEIS de um trago, como uma boa fumaça de cigarro quando a gente

sente larga de fumar e ocasionalmente fila um. Você está outro. Senti um Cesidio novo e sair dum velho casulo que parecia definitivo, cristalizado. As aquarelinhas mandadas estão com a grande qualidade das aquarelas inglesas – que é a transparencia. Eu pintava aquarelas mas saiam opacas. O Campão, que é um pintor de limpido talento, me esclareceu o porque: "Você empasta, Lobato. Sobrepõe cores e isso mata a transparencia, que é a grande qualidade da aquarela." Só com isso que ele me disse, aprendi a pintar, e a escrever. O tudo é não empastar. É fazer a coisa direta, sem sobreposições, sem superfetações – isto é, sem todas aquelas belezas de estilo que nos ensinaram os grandes mestres da "arte de não ser lido por ninguem" e, porisso mesmo, havendo sorte, cair na imortalidade duma academia – especie de adega-de-rico onde os vinhos envelhecem. A diferença é que os vinhos depois que envelhecem ganham em qualidade e valor – e os imortais guardados nas adegas da imortalidade oficial emboloram e só são "citados" – lidos, nunca.

Examine você mesmo os teus versos de antes da Dupré e os de depois da Dupré. Compare-os. Não nota mais frescura e vivacidade? Eu achei assim. O ultimo João de Barro bate longe o primeiro. Já está expurgado. Já está nú. Isto me faz lembrar umas pinturas de Velasquez na côrte de Felipe O Beiçudo. Pinturas de meninas reais, princezinhas, coitadas, tão vestidas, com tanta coisa artificial (roupas de tecidos caros) em cima do corpo, que do que a natureza ~~fez~~ [deu] só aparece a cara e as mãos. Perto dessas martires da sobrecarga que linda fica uma criancinha nua aí da roça, barrigudinha, de ranho no nariz, sujinha – mas tremendamente humana! Veja lá na biblioteca os quadros de Velasquez e só assim V. compreenderá o que estou dizendo.

Eles nos envenenaram, Cesidio – eles, ELES, E L E S, essa recua de cacetões que veio vindo em chouto pela estrada da literatura a sacolejar ceirões de artificios e coros de belezas que o povo refuga. Parece que eles só tinham um empenho: não ser lidos; e, quando acaso lidos, um segundo empenho: não ser entendidos. E como alcançaram maravilhosamente bem esses objetivos! Como é facil alcançar tais objetivos!

Mas o grande prazer da literatura está justamente no contrario – ser lido pelo maior numero de pessoas e ser entendido por crianças e velhos, sabios e imbecis. E para isso, meu caro, o remedio é escrever vitaminadamente, com tintas vivas, vivissimas, vivacissimas – e não empastar. Não sobrecarregar! Nunca dizer demais. Nunca, nunca, nunca dizer tudo. Já fiz essa grande descoberta.

As coisas mais velas que um leitor encontra num livro não são o que pomos nele – são o que está dentro do leitor e nós apenas sugerimos. Vou dar um exemplo.

Todos nós temos lá dentro a imagem duma certa fazenda, onde passamos a infancia, onde nascemos, ou a primeira onde passamos as ferias, ou a em que namoramos. Fazenda para nós é aquilo. Uma que discrepe, está errada. Muito bem. Vai um coelho qualquer e põe-se a descrever uma fazenda. E descreve uma certa fazenda que ele viu e decorou, em vez de sugerir a nossa fazenda querida. Resultado: ficamos com um fossil na cabeça, com um empastelamento, e sentimos um mal estar – o mal estar causado pela traição. Porque o que nós instintivamente queremos é que os autores nos recordem a nossa fazenda, a única cheia de poesia, a única certa. E que faz um autor esperto e psicologo? Dá uns traços gerais e espalha umas cores que sugerem em cada cerebro de leitor [exatamente a][514] fazenda que ele tem lá na memoria como a [certa, a boa.] E o leitor acha lindo e diz: "Como este sujeito [descreve bem] uma fazenda!" e entusiasma-se e passa a ler [tudo quanto] ele escreve.

[514] A partir desse ponto, a carta está rasgada em um pedaço que atingiu toda a margem inferior esquerda. Parte da carta pode ser reconstituída consultando uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo (16/09/1984), ou então por hipóteses, todas assinaladas por colchetes.

Muitas carta de crianças e gente grande elogiando [ilegível] sitio de dona Benta (ou do Picapau Amarelo) onde [ilegível] as cenas da minha criançada. Todos o acham um [ilegível] sitio – exatinho como os sitios são. E sabe você [ilegível] esse sitio? Com os seguintes ingredientes: [casarão ve]lho, com varanda na frente; escadinha dando para [ilegível] [tr]epadeiras. Pomar velho atrás da casa.

[ilegível] no terreiro. Um cupim no pasto, depois da porteira. [ilegível] [v]elho cedrão no pasto. E uma velha figueira.

[ilegível] ponte, a casinha dum negro velho, tio Barnabaé. [ilegível] isso – isto é, coisas que existem em todos os [ilegível] portanto evocam, sugerem todos os sitio e [ilegível] particular, lindo, o bom, que cada um de nós [ilegível] [ilegível]oria. Mas se eu quisesse impor a pintura, [ilegível] [s]itio, tudo seria o contrario. Eles gostam da [ilegível] porque não ha pintura nenhuma e sim a suges[tão] [ilegível] a pintura que todos têm dentro de si. Capisca?

[ilegível] [A ul]tima carta que você me escreveu estava fina, [ilegível] [bas]tante literaria: dava a impressão de que você [queria mostrar] a sua riqueza – e abria diante de mim um [bahu] [ilegível] em [ilegível] tomadas dos grandes mestres. Já esta [ilegível] está quasi vazia de coisas de bahu – em vez delas aparecem lindas coisas novas, tuas tuissimas, quer dizer que o Elixir de Nogueira Dupré já está te curando da velha infecção literococica.

Em mim já observei o efeito do elixir. Peguei o mais sobrecarregado dos meus livros – Fabulas – e com grande dor de coração raspei toda a linda "literatura" que ao escrevê-lo fui amorosamente empastando.

"Siga o bugre!" dizia o Dr. Luiz Barreto. Nós tambem, literariamente, temos de seguir o bugre na sua inocente nudez. Adeus, Portugal! Adeus Herculano! Adeus, Coelho Neto! Adeus, bahu de mascate! – e atraquemo-nos com a carne viva da vida nua e crua, vitaminada e sujinha. A Dupré apareceu como a Revelação, para salvar-nos do Empastamento, para dar-nos transparencia.

Vou publicar tua carta. Corto um pedacinho em que ha piadas contra um poeta vivo e sairá como documento do Novo Cesidio – do Cesidio depois da Dupré.

Adeus. Continue a pintar aquarelinhas bem transparentes, copiadas do natural, que o futuro livro será tacada e o Otales curvarão a cabeça. Os editores tambem são sensiveis ao Certo...

Lobato

Pasta 33A – documento 3587

[cópia xerográfica de fragmento de datiloscrito assinado sem data – deve ser de 1940, pois ML diz: "este ano vou para a Argentina", mas ainda não conhecia Cesidio literariamente; é importante lembrar que desde 1940 ML pensava em morar na Argentina o que, aliás, foi o pretexto para a sua prisão em 1941]

[...]
humana, a capanemice, a arlindice, a atahydice da degenerescencia do "fim de periodo" em que patinhamos faz que se tire do cemiterio glotico uma carcassa apodrecida e a impinjamos aos pobres rapazes e moças dos ginasios – e para cumulo de maldade necrofila faz que inteligencias como o gentil se esterilizem, coisa supinamente idiota que é "ensinar latim", isto é, dar aos meninos rações diarias de carne de cadaver, quando existe tanta carne fresca no mundo de

hoje, para a qual a mocidade se mostra avida. A carne fresca da lingua inglesa, por exemplo, que é o melhor filé mignon da atualidade.

Depois li os artigos do MOMENTO que o Gentil me deu. Primorosos! Absolutamente bons! Sem nem resquicio da praga que assola o genero: o enfadonho. Não haverá um meio de darmos um livro do Gentil? De faze-lo tomar-se a serio e produzir para um campo maior que o do grupinho de alunos da aula e latim?

Uma pena que ele não queira estudar inglês. Perfeito escritor como é, poderia, como tradutor da Editora, fazer 4 contos mensais em media e ainda ficar com boa margem de tempo para a sua produção literaria original. E desse modo poderia viver com absoluta independencia e folgado.

O caso do Gentil me revoltou. Parado aí, vegetando como chapeu-de-sapo – sem projeção nacional – desconhecido, ele que é um perfeito escritor, um notavel e grande escritor! [Daí] me lembrei da hipotese acima, de traduzir para a Editora. [Vê] que este ano vou para a Argentina e "meu emprego" fica vago – e eu teria imenso prazer em que um escritor da força do Gentil o ocupasse. Esse "meu emprego" me dá uns 50 contos por ano, sem me impor patrão nem horarios, e deixando-me absolutamente senhor de mim mesmo e de boa parte do meu tempo. Eu queria passa-lo para o Gentil – mas como, se o animal está como ostra agarrado ao inutilissimo latim e o exigido é o inglês? Veja se o convence a mudar de lingua.

Bom. Dos Tres Jacarés fiquei conhecendo dois – Urbano o Cientista e Gentil o Necrofilo. Falta-me conhecer você. Que devo fazer, Cesidio, para conhecer você literariamente? Ajude-me nisto.

Adeus e boas festas. Logo voltarei e teremos uma moblização para a tertulia urbana.

Do

Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3592

[cópia xerográfica de datiloscrito assinado]

S. P. 23, 1, 944

Cesidio:

Otimo que a mudinha haja pegado. Trata-se da Menta japonesa, riquissima em mentol o que está criando uma grande industria entre nós. Outro dia estive numa fabrica daqui, onde se extraem os cristais do Mentol do oleo dessa plantinha obtido por distilação e vi lá uma partida de 1000 quilos de cristais já prontos para o embarque. Os americanos estão pagando 700 cruzeiros por quilo de mentol. Quem sabe se esse teu pézinho não vai ser o começo da mentolização de Taubaté?

Bom, se v. já teve a gripe inglesa, então está livre de te-la, o que é uma grande coisa. Parabens pela habilidade com que se saiu dela, e parabens a mim tambem me dou, porque fez que me lesses o Onibus. Eu considero as doenças como grandes oportunidades culturais ou recreativas. O sarampo que eu tive aí em Taubaté em meninote, valeu-me a leitura de todos os volumes das MEMÓRIAS DE UM MEDICO de A. Dumas – coisa que eu jamais teria lido, se

não fosse o sarampo. Fora do confinamento forçado dessas abençoadas doenças que não matam nem alejam, onde tempo e paciencia para ingerir onibus? Faço pois votos para que os demais jacarés, para os quais tambem mandei o Onibus, tenham gripe e e me leiam.

Diga ao seu amigo que a Academia de Letras "quer" o Lobato, mas o Lobato não sente atração nenhuma por galões de caixão de defunto nem espadim de cortar papel á cintura. Toda sorte de farda é uma libré – escravisa. E que delicia, Cesidio, ser livre como um passarinho fora da gaiola! Elegeram-me para a gaiola academica paulista, mas o meu irredutivel amor á liberdade me fez não tomar posse – isto é, não entrar na gaiolinha dourada...

Diga ao Urbano que quando for a Ubatuba procure lá D. Idalina da Graça, dona do hotel Ubatuba, uma creatura das mais estranhas e evidentemente metapsiquica. É minha amiga. Seduzi-a com uma dedicatoria que ainda acabará fazendo dela uma colega, isto é, uma autora. Ele que estude o caso, que é dos mais impressionantes.

O Campos está em pleno mar de deleites com a sua exposição. Obteve sucesso jamais esperado. Não só vendeu tudo na primeira semana (fato virgem em S. Paulo, um pintor vender tudo: em geral, mesmo nas exposições mais bem sucedidas, sempre sobra alguma coisa), como está tendo <u>todos</u> os louvores. É realmente um pintor excepcional, desses que só aparecem de longe em longe. Um dia voce se convencerá disso. E foi esse sucesso esbandorrador que o retardou na cooperação com voces no sitio; mas hontem prometeu-me que logo vai meter o bico no projeto; talvez despois de amanhã, se for dia feriado, ou então no proximo domingo – e logo em seguida te mandarei o que ele fizer.

Que conto de Dias Monteiro? Não sei do que se trata. Já houve alguma referencia sua a isso em carta anterior? Não me lembro...

Adeus. Lembranças á menininha amiga e ao pesinho de mentol. Alegra-me e consola-me saber que colaborei em teu jardim...

Do amigo

Lobato

Pasta 33A – documento 3681

[cópia xerográfica de manuscrito sem data – deve ser de 1923, devido à referência ao livro *Mundo da Lua*: "Li num jornal de Caçapava uma nota sobre o Mundo, na qual enxerguei o teu dedo e o teu carinho."]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Cesidio

Agora mesmo vim das oficinas e vi lá metade das moreninhas impressas. Isto quer dizer que inda este ano as teremos em revoada pelo mundo afora. Quanto a Carta não respondida não me lembro de não ter respondido a alguma. Talvez se extraviasse aqui na mesa, que é as vezes a imagem do caos.

Li num jornal de Caçapava uma nota sobre o Mundo, na qual enxerguei o teu dedo e o teu carinho. Obrigado.

Quanto aos que latem, deixa-los latir. É a função do cão.

Lobato

Pasta 33A – documento 3682

[cópia xerográfica de manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Cesidio

Recebi o recorte. Obrigado. Cristo já disse: Bem aventurados os pobres de espirito porque deles será o reino dos ceus. E disse uma coisa muito certa...

Lobato

Pasta 33A – documento 3683

[cópia xerográfica de manuscrito sem data]

Cesidio:

O Nelson Lobo merece que V. o conheça e o informe do que ele quizer saber. É companheiro dos bons. Conheci aqui uma tua parenta, interessantissima. Breve escreverei a respeito.

Abraços do

Lobato

Pasta 33 – documento 3684

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado]

ESCRIPTORIO, DEPOSITO E OFFICINAS: RUA DOS GUSMÕES Nº 70 | Monteiro Lobato E Cª Editores – São Paulo | TELEPHONE, CIDADE 6278 CAIXA 2-B

S. Paulo, 15 de Dezembro de 1922. –

Ilmo. sr. Dr. Cesidio Ambroggi
T A U B A T É. –

Amigo e sr. –

Em resposta á sua carta de 12 deste, dirigida ao nosso socio Dr. Monteiro Lobato, temos a lhe informar que podemos editar o seu livro, numa tiragem de 1.500 exemplares, feito a capricho. Como os livros de versos são de pouca sahida, propomos edital-o dando ao autor 300 exemplares, em paga dos direitos autoraes para essa edição. –

Aguardando a sua autorisação, firmamo-nos com muita estima e apreço,

de V. S.
Amos. Attos. Obrdos.

[ass. Monteiro Lobato Cia.]

Pasta 33A – documento 3685

[cópia xerográfica de cartão datiloscrito sem data – anotado a lápis no alto da folha: provavelmente de 1916 ou 17]

[cartão impresso: J. B. MONTEIRO LOBATO / "REVISTA DO BRASIL" – RUA BOA VISTA, 52]

Presado amigo e confrade

Recebi a sua carta de de 22 e os lindos versos de scenas e costumes roceiros destinados á Cigarra. Vou envial-os ao Gelasio, reommendando-os, mas não lhe garanto que publiquem porque me parece que o Gelasio não é amigo do genero.

Sem mais sempre ao seu dispor

M L

Pasta 33A – documento 3686

[cópia xerográfica de manuscrito]

S. Paulo 14.5.922

Prezado amº e confrade C. Ambrogi

Recebi sua carta de 13 e em resposta cumpre-me informal-o que recebi ha tempos os seus lindos versos e os passei ao Breno Ferraz, que é quem governa e dirige a Revista do Brasil da qual sou eu um velho diretor aposentado, sem função e quasi que simples leitor. Se ele ainda os não publicou é que ha, como sempre, acumulo de originais chegados antes dos seus. Mas a sua vez chegará. Sempre que quizer algo da revista deverá dirigir-se ao Breno, que é quem manda e desmanda.

E sem outra cá me fico,

aº. ob. e muº. admor.

Mont. Lobato

Pasta 33A – documento 3687

[cópia xerográfica de manuscrito sem data]

Cesidio

Recebi tua carta e o livro, que já li quasi todo com grande encanto. Palavra! Só agora me convenci plena^te^. do delicioso poeta que és. Ha coisas lindas, lindas, no livro, e vou já

escolher uma porção dellas para dar na Revista, com uma nota a respeito. Sente-se, porem, que está mto. influenciado pelo Ricardo. Tomaste delle até personagem, até ideias e imagens. Havemos de tirar do livro o que for mto. relembratorio disso, para evitar reparos da critica. Quanto a edital-o, apesar de estarmos aqui entupidos de serviço, faço questão de fazer o livro numa linda edição. Não acho bom o titulo; um tanto pretensioso. Precisamos descobrir um melhor. Os titulos femininos são os melhores; falam á libido do homem – e forçam a sahida. As Moreninhas, optimo titulo. Ou coisa assim, que dê a entender que ha mulheres lindas dentro. Por que não apparece aqui quando vem a S. Paulo?

Outra coisa: não me chame mestre – não sou mestre de coisa nenhuma, e sim um jéca como você e os outros. Não use cerimonias commigo. Tire o paletó e peça o pito.

Vou concluir a leitura e voltarei de novo pª. combinarmos. Esta vai às pressas para satisfazer a comichão de te dizer o quanto me encantou o livro.

Abraços

Lobato

Cartas a Cora Coralina
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33A – documento 3702

[Cópia xerográfica de datiloscrito sem assinatura]

São Paulo, 4-out. 921

Exma. colega Dna. Cora Coralina

Recebi sua gentilissima carta de 25 e antes de mais cumpre-me agradecer a simpatia que demonstrou para com este humilimo rabiscador. Quanto ao negar o Estado creio que a amiga dirigiu mal duas vezes; a 1º mandando sua colaborção para lá, pra um jornal ranzinza e ingrato e abarrotado de material. 2º dirigindo-se a mim para obter a publicação, quando nenhuma ligação tenho com tal velho. Não obstante a primeira vez que la for falarei do seu artigo ao Amadeu. O melhor porém seria remeter-me cópia desse que eu cá fá-lo-ia publicar.

E sem mais, Dona Cora pedindo-lhe que creia na muita simpatia deste seu co- lega, subscrevo-me

Amigo Att.

Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3701

[cópia xerográfica do original manuscrito / Cópia datiloscrita]

São Paulo, 10-1-922

Exma. Sra. (ou Srta.?) Cora Coralina

Só hoje respondo à sua de 30 de dez. porque estive fóra, de férias. Se li o seu artigo no Estado? Li-o sim e lembro-me muito bem dele. Propunha a Sra. uma visão cinematographica geral do paiz por ocasião do centenario. A ideia era otima e creio que está em inicio de execução. Formou-se cá uma empreza para esse fim. Estão já batendo caixa, e prometem grandes coisas. Depois, como de costume, sairá um ratinho.

Recebi as suas tiras de saudade sobre o Rio Vermelho. Li com especial carinho, pois de ha muito que, apesar de viver com o tempo contado, leio tudo que traz a sua assinatura. Conhecia-a da Rev. Feminina, e tanta expontaneidade vi em seus escritos que telefonei a redação indagando quem era D. Cora. Soube que era uma Curado (informaram-me errado?) e já não me admiro por escrever bem, filiada que é a uma família tão distinta. Quiz até escrever-lhe para Goiaz, convidando-a para colaborar na Revista do Brasil. Vieram mil atrapalhações e o quiz ficou no quiz. Hoje a Sra. antecipou-me e veio para a Revista. Mas não vem como deve vir. Seu artigo, lindamente escrito, cheio de sentimento e saudade, não cabe no carater dessa revista, que dá preferencia a artigos de estudo, de observações sociologicas, e evita o que chamamos literatura pura (sabor no verso). Assim, retenho o seu artigo para publical-o se me autorizar a isso, em outra publicação onde assente melhor, e fico a espera de que mande para R. do B. algumas linhas proprias sobre tanta coisa que seu espirito está apto a tratar. Mando-lhe o programa da Revista, que tracei ha tempos, e onde assinalei numerosas sugestões que lhe poderão guiar. Observadora como é, a senhora não dependa do escrever bem, tenho a certeza de que encontrará nessa lista temas interessantes. E fóra deste programa poderá a Sra. tratar do que queira, contanto que se norteio pelo espirito dela.

Aguardo as suas ordens, e peço que disponha deste humilde criado e velho admirador

M. Lobato

Cartas a Hilda Junqueira Villela
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 33A – documento 3650

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Ás encantadoras Maria Elisa e Hilda

[ass. Monteiro Lobato]

vem agradecer a gostosura das balas de cacau

com que adoçou a boca neste Natal, e re-

tribue com o livrinho em que a Emilia
muito sabiamente faz umas reformazinhas
na Natureza

Pasta 33A – documento 3651

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Ás graciosas Junqueirinhas Vilelas

[ass. Monteiro Lobato]

vem agradecer o abraço telegrafico
por mais um "zanos" como diz a
Emilia – e aconselha-as a não fazerem
o mesmo, pois só quem faz anos en-
velhece.

Pasta 33A – documento 3652

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Ás suas grandes amiguinhas, Maria Elisa e Hilda,

[ass. Monteiro Lobato]

agradece os cumprimentos de ano
e comunica que lá no Sitio todos estão com muitas
saudades das duas – todos menos a Emilia, que está
com gripe no fundo da cama e com tanto medo de morrer
que não pensa em Natal nem em ninguem – só pensa
nos remedios que o Visconde lhe está dando, preparados
por ele mesmo no seu laboratorinho.

Pasta 33A – documento 3653

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Ás meninas Hilda e Maria Elisa

[ass. Monteiro Lobato]

agradece os cumprimentos e deseja
que seus corações sejam um eterno
Sitio do Picapau, não só amarelo
como azul e cor de rosa, cheiinho de
emilias da Alegria e quindins de
coco e ovos e toda sorte de encantos
da vida, que merecem e vão ter.

Rua Alabastro, 296
Ainda sem telefone

Pasta 33A – documento 3654

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Á Hilda e á Maria Elisa, jovens "velhas amigas"
sempre queridas e lembradas,

[ass. Monteiro Lobato]

agradece as balas
de cacau; e em retribuição acaba de telefonar
para o Sitio do Picapau, pedindo a Tia
Nastacia que mande para aí um prato dos seus
famosos bolinhos – e que o portador seja o
Quindim. Se ele não aparecer, então é que a
polícia o prendeu pelo caminho, comeu os bo-
linhos e o pôs num jardim zoologico.

Pasta 33A – documento 3655

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. P. 4/1/41

A Maria Elisa e Hilda, e a todos da familia

[ass. Monteiro Lobato]

deseja um jacá de sortes grandes e pequenas,
um cargueiro de alegrias e um vagão de namo-
rados.

Pasta 33A – documento 3658

[cópia xerográfica de datiloscrito original sem data assinado]

Hilda e Maria Luiza:

Ás vezes me arrependo de ter nascido a 18 de abril de 1882; mas quando chega um 18 de abril e me entra em casa um pacotão das famosas e divinas balas marca "Vilelas", desarrependo-me, pois que se não tivesse nascido está claro que não teria o gosto de receber o presente anual das duas meninas mais galantes e fidalgas de S. Paulo, as verdadeiras angelicas da avenida Angelica. Obrigadissimo – e com licença... Como as balas não se acabaram ainda e estou com agua na boca, tenho de parar para ir buscar uma. Estão lá em baixo...

Do desarrependido

[ass. Lobato]

Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3659

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. Paulo, 19/4/944

Á Hilda e á Maria Elisa venho comunicar que
estou batendo esta cartinha de agradecimentos
com uma bala de chocolate na boca, das que
voces tiveram a linda lembrança de me mandar
ontem, dia de meus anos. Que pena em vez de anos
a gente não fazer "mêses", e ter assim balas e outras
coisas gostosas 12 vezes por ano, em vez de uma só!
Obrigadissimo ás duas, e em retribuição declaro
que vou acender duas velas a um Sant'Antoninho muito
feio que ha por aqui, mas danado para fazer milagres.
E os dois milagres encomendados serão dois noivos
aqui da pontinha, muito mais bonitos e bons e ricos e
inteligentes e finos e dignos de ser amados que
aquele tal...

[ass. Monteiro Lobato]

Pasta 33A – documento 3660

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. P. 28, 12, 47

Queridas amigas:

Os anos se passam e o trio Hilda – Maria Elisa – Lobato não se dissolve. Elas crescem, "adultam-se" e já começam a multiplicar-se, e ele vai afundando na velhice – mas o trio não se dissolve; e todos os anos, pelo Natal, é recordado pelo cartãozinho e as balas de Hilda e Maria Elisa.

Hilda já é Hilda Merz. Maria Elisa ainda é Junqueira Vilela – ainda não mudou o nome, mas com certeza já está a caminho disso, e breve estará se chamando... Maria Elisa Muller? ...Hertzog? ...Pereira? ...Ramenzoni? ...Blatgé?...

Seja lá como for. Mas de uma coisa tenho a certeza: de que embora mude de nome, como Hilda mudou, continuará sempre, como Hilda, a mesma amiga do velho Lobato.

É que as duas estiveram no Picapau Amarelo, e quem um dia botou os pés naquele abençoado sitio, fica eternamente amiga do

[ass. M. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3661

[cópia xerográfica do envelope original selado e do manuscrito original assinado]

[envelope]
[carimbo postal: SÃO PAULO / 4A SECÇÃO / 2? – V – ??46]

Da. Hilda Junqueira Vilela
Alameda Barros 909
S. Paulo

[carta]

Belo Horizonte 20.5.946.

Hilda:

> Recebi a participação / do seu casamento – e só o que / daqui posso fazer, é cortar / um pedaço do lindo ceu de / hoje para nele embrulhar os / meus votos de felicidade. Votos / para que esse casamento seja um / verdadeiro "sitio" matrimonial...

Monteiro Lobato

Cartas a Marina de Andrada Procópio de Carvalho
Biblioteca Monteiro Lobato – São Paulo

Pasta 9 – documento 1364

["Original na Biblioteca Mário de Andrade – Seção de Obras Raras e Especiais"]

S. Paulo, 14, 11, 1947

D. Marina de Andrada Procopio de Carvalho
Rua Anajás 20
S. Paulo

Presada amiga:

Tem esta por fim declarar ~~declarar~~ que confirmo o nosso entendimento verbal, no sentido de conceder eu á grande amiga, com exclusividade, o direito de utilizar no radio, para teatralização e radiofonização, os meus livros infantis, constantes nas edições da Companhia Editora Nacional. Prazo: tres anos.

Com a maior estima,

Monteiro Lobato

Pasta 9 – documento 1364

["Original na Biblioteca Mário de Andrade – Seção de Obras Raras e Especiais"]

S. Paulo, 14, 11, 1947

D. Marina de Andrada Procopio de Carvalho
Rua Anajás 20
S. Paulo

Presada amiga:

Tem esta por fim declarar que confirmo o nosso entendimento verbal sobre a teatralização e radiofonização das minhas historias infantis, constantes das edições dadas pela Cia. Editora Nacional. Fica a boa amiga com exclusividade para essa teatralização radiofonica pelo prazo de tres anos, desta data sem que a estação de radio que a contrate tenha de me pagar alguma coisa por direitos autorais.

Com a maior estima,

Monteiro Lobato

Cartas a Vicente Guimarães
Biblioteca Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3669

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO]

Campos do Jordão,12,1,936

Prezado colega Vicente Guimarães:

Recebi sua carta de 27 de dezembro, com varios numeros da CARETINHA, "primeira tentativa de revista infantil em Minas". Muito bem. É tentando que o homem chega a todas as realisações. Se sua tentativa falhar, tente de novo, por outro caminho. Lembre-se do que diz o Henry Ford: "Um fracasso significa apenas uma oportunidade para começar de novo com mais inteligência".

Não posso atender ao seu pedido de colaboração porque ando sempre ocupadíssimo com o raio do petróleo, alem de que uma revista infantil em Minas deve sentir-se abarrotada de colaboradores locais, dado o pendor dos mineiros pelas letras. Mas qualquer reprodução que a Caretinha queira fazer de coisas minhas já publicadas, será uma honra para mim.

O lançamento da CARETINHA enche-me de prazer porque vejo que em Minhas já se começa a dar ás crianças o carinho mental devido. Uma coisa que sempre me horrorizou foi ver o descaso do brasileiro pela criança, isto é, por si mesmo, visto como a criança não passa da nossa projeção para o futuro. E assim como é de cedo que se torce o pepino, tambem é trabalhando a criança que se consegue boa safra de adultos.

Sua revista começou muito bem. Insista. Não desanime com os naturais contratempos; aperfeiçoe-a de numero em numero; faça-a tão util e tão querida da criançada mineira como é a chupeta em certa idade. Vença, consolide comercialmente a tentativa – e seu nome será abençoado por milhares de coraçõezinhos. Maior recompensa a um esforço homem nenhum poderá esperar.

E disponha sempre do

[ass. M. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3670

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO]

S. Paulo, 1, 9, 937

Caro Vicente:

Aqui estou, e ainda tonto com a descoberta de Minas e de vocês. Como S. Paulo é feio! Horrorizei-me ao pisar aqui. São tão estreitas as ruas que eu, que sou magrinho, tenho de andar de lado. Ah, o desafogo de Belo Horizonte!

Vou escrever uma serie de artigos para contar ao mundo o que isso é e vale. Logo que mate o grosso do serviço que encontrei acumulado, ~~aqui~~ darei começo – e soltarei a coisa pela cadeia da UJB, para que tenha a máxima repercussão.

Os paulistas andam danados comigo. Inventei que no livro de impressões da feira de amostras escrevi isto:
M. L. mineiro naturalizado, ex-paulista, ex-burro, ex-ladrão".

- É verdade? Voce teve coragem de fazer isso?

- Claro que tive. Peça certidão para ver...

Se eles me expulsarem daqui irei morar aí nessa gostosura de cidade.

E o Menegale? Que camaradão. O Arduino, o Rangel, todos. Voces, meu caro, não sabem o que valem.

E os negocios? Nada? Estamos preparando uma proposta para turismo, feita com entusiasmo. Se for aceita, encaminhar-se-á para aí tanto turista que voces ficarão tontos. Mas é preciso que construam um novo hotel. Diga ao Otacilio que isso é urgente.

O armandismo está desanimado com S. Paulo e com fé em Minas. O grande coisa para eles é Minas. Cuidado! Nada de caírem num conto do vigário que o paulista, apesar de burro, não vai cair.

Veja se me descobre o nome daquela meninota de oculos que no Ginásio Mineiro recitou em segundo lugar. Guardei o nome das que tomaram parte ativa nas festas, mas escapou-me essa menina, que é um encanto. A segunda, lembra-se? uma de oculos.

Continuo envergonhado com o meu papelão no Ginasio. Aquela choradeira. Que raiva! Não nasci para essas coisas publicas. Vou voltar á minha vida de misantropo, de bicho de concha. Chorar! Que vergonha! Que ideia os mineiros não ficariam fazendo de mim? Um petroleiro que chora...

Adeus. Escreva-me. Recebeu a lista dos jornais da UJB?

Adeus

Lobato
Rua Boa Vista 22, 2º andar

Pasta 33A – documento 3671

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. Paulo, 14, 9, 937

Vicente amigo:

Recebi sua carta e ~~a~~ vi a escrita à UJB sobre propostas de propaganda. Vamos estudar essas propostas.

Muito lamentei que a encrenca do papel me privasse de ler o que v. escreveu sobre o M. Lobato, um sujeitinho que me interessa particularmente. Mas espero que a encrenca se solucione e o artigo saia.

O seviço que encontrei acumulado aqui, e ainda doenças em casa, impediram-me de escrever o que eu queria sobre B. Horizonte. Só hontem pude fazer o primeiro, do qual mando copia, para algum jornal daí que o queira. Aqui sairá no Correio Paulistano. Vou escrever outros. O tema é inexgotavel – e vou tambem escrever uns para a linha da UJB. Positivamente essa cidade me encantou. Pena que esteja ainda com 200 mil habitantes. É pouco. Tem que cehgar a 500 mil para ficar no ponto de bala. Infelizmente estou muito velho para aproveitar-me dessa delicia.

Mandei aos grupos e escolas que me festejaram alguns livros meus, com retrato e uma carta. Que festas encantadoras! Que saudades tenho desses dias! E que grande companheiro foi você, Vicente! Não me esquecerei disso nunca.

Adeus. Esta vai só para encaminhar o meu artigo.

Do

[ass. M. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3672

[cópia xerográfica de manuscrito original assinado]

S. Paulo 26.10.937

Vicente:

Chegou-me a sua de 21, explicando, afinal, o silencio. Não recebemos, nem eu nem a UJB, nenhuma das cartas a que V. se refere. Que paiz este nosso, santo Deus!

Não me chegou, pois, nem o nome da menina, nem a tua crônica, que eu tanto desejava ler. Veja se repete.

Vou mandar-te na proxima semana o meu novo livro, "O Poço do Visconde", que é petroleo infantil – queria manda-lo tambem àquela menina. Cava-me, de novo, o nome dela.

Junto a nota que a UJB forneceu-me relativa às comissões.

Adeus. Responda!

Do

Lobato

[escrito no canto inferior esquerdo, na diagonal]
Parabens pela marcha.
Vou faze-la tocar.

[escrito na margem esquerda, na vertical]
Endereço: Cia. Matogrossense de Petroleo
R. Boa Vista, 22, 2º andar

Pasta 33A – documento 3673

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado: Companhia Mattogrossense de Petroleo / Edificio Paes de Almeida – – Rua Bôa Vista, 416 – – 2º andar – – Salas 212-214 – – Phone 2-7278 / Caixa Postal 2151 – End. telegr.: Mattogrossense / SÃO PAULO]

S. Paulo, 24, 3, 938

Meu caro Vicente:

Recebi e li teus contos educativos, que ensinam ás crianças as vantagens de ir sempre pondo de lado uma reservasinhas, e a respeito do merito da obra só posso ter palavras de louvor. Estão escritos com elegante simplicidade, exatamente no estilo que a simplicidade do cerebro infantil pede. Pouca gente acerta com a arte de escrever para as creanças. Muitos forçam a nota da simplicidade, só conseguindo vulgaridade e pieguice. Mas você alcançou a justa medida. Está aprovado com grau dez.

Estamos com a UJB já restaurada e em casa nova, no Martinelli, 7º andar. Tome nota do novo endereço. O nosso valente Ascendino é o chefe comercial, e com tal chefe iremos longe. O programa é tornar a UJB a maior empresa de publicidade do Brasil, no menor espaço de tempo. E havemos de o fazer, porque nela Minas colabora com S. Paulo.

Esteja de olho aí na creação do serviço oficial de propaganda para entrarmos com o nosso jogo quando for tempo oportuno. Outro ponto do programa é tornar a UJB a agencia de publicidade de Minas.

Hoje almocei com o Lamounier, o genro e o Zanoni num restaurant oriental, onde comemos toda uma serie de comidas incompreensiveis, mas felizmente digestiveis. O alentado da freguezia, toda ela siria, nos deu prova provada de que aquelas coisas alimentam solidamente. Voce, que é magrinho, precisa adotar esta cosinha.

Adeus. A sala está cheia de petroleiros á espera da minha palavra de "papa do petroleo". Que país este nosso, santo Deus!

Do teu

[ass. Lobato]

Lobato

Pasta 33A – documento 3674

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado: UJB / UNIÃO JORNALISTICA BRASILEIRA LTDA. / PREDIO MARTINELLI – 7º ANDAR / S. PAULO // DIRECÇÃO DE / MONTEIRO LOBATO // CAIXA 2924 / CABLE: UJOTABÊ / FONE: 2-7004]

S. Paulo, 14, 12, 938

Presado amigo Vicente:

Chegaram-me ás maõs dois exemplares do Pequeno Pedestre, um para mim, outro para o Hilario. Muito bem. Belo Horizonte sabe que vai crescer indefinidamente e começa a preparar os seus futuros pedestres. Ideia excelente. Se todos os meninos fossem ensinados a bem andar nas ruas, naõ veriamos tantos adultos de pernas de pau, nem tanta gente remetida para o outro mundo antes de completada a sua missão na terra.

Queira receber meus parabens pela maneira feliz com que abre os olhos dos meninos, recreando-os aos mesmo tempo que lhes inocula noções praticas de bem comportar-se nas ruas. Voce acaba escrevendo um livro para gente grande, para o qual apresento desde já o titulo: Manual do Perfeito Pedestre.

Adeus. Já ando com saudades daí e de repente vou mata-las. Tambem já fiz a revisão da Geografia de Dona Benta para uma nova edição – e desta vez os mineiros não se queixarão dessa velha.

Um grande abraço do velho amigo

[ass. M. Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3675

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

[papel timbrado: UJB / UNIÃO JORNALISTICA BRASILEIRA LTDA. / PREDIO MARTINELLI – 7º ANDAR / S. PAULO // DIRECÇÃO DE / MONTEIRO LOBATO // CAIXA 2924 / CABLE: UJOTABÊ / FONE: 2-7004]

S. Paulo, 14, 1, 940

Meu caro Vicente:

Recebi sua carta de 7 do corrente, e dou-te parabens por "estar entrando". Nada se consegue sem esforço, mas quem <u>quer</u>, chega. Vais varando, e um dia serás um grande escritor de livros infantis – <u>o sucessor do Monteiro Lobato</u>.

Quanto ao concurso, meu caro, isso é coisa para os novos. Um burro velho, como eu, não se mete nessas coisas – nem com o nome, nem pseudonimamente.

Esta semana li num jornal daqui uma boa noticia de voce e seus livros. Com certeza já a recebeste. Parabens,

Estou convencido de que o unico verdadeiro geologo que o Brail possueé~ é o nosso viscondinho de Sabugosa. Começou a acertar na Baía – e vais ver como acertará em todas as demais indicações que fez. Um dia o Brasil, se tiver vergonha, erguerá uma estatua a esse notabilíssimo sabugo. Que verfonha, Vicente, um país em que os sabugos derrotam os sabios do Ministerio!

O Petroleo da Baía veio em consequencia da nossa campanha. Não fosse ela, e o que a respeito prepomderaria eram as conclusões do relatório-Oppenheim, que estão citadas na pg 164 da 3a edição. Se a tem aí, veja. Só depois de rompida aquela barragem era que o petroleo podia sair – e foi o que sucedeu. Meu merito foi ter destruido Oppenheim. Mas ninguem reconhece isso, a pesar de ser um fato insofismavel e documentado num livro. Não importa. O que importa é que a existemcia do petroleo esteja demonstrada.

Aqui está um calorzinho que nos dá saudades do maravilhoso clima daí. Aproveite, meu caro, que um dia poderá tambem ser condenado a morar num forno.

E adeus. Obrigado pela tua carta e queira sempre bem ao

[ass. Monteiro Lobato]
Monteiro Lobato

Pasta 33A – documento 3676

[cópia xerográfica de datiloscrito sem data assinado]

Ao Vicente Guimarães Monteiro Lobato

Agradece o cartão de festas, e faz votos para

que o numero de ouvidos que o atendem, e de

olhos que o lêem, triplique em 1946

Pasta 33A – documento 3676

[cópia xerográfica de datiloscrito original assinado]

S. Paulo, 4, 7, 947

Meu caro Vicente Guimarães:

Recebi das maõs do Roberto a carta de 22 p. p. e copia do começo do novo livro. Realmente, a ideia é luminosa. As crianças preferem encontrar-se com personagens já seus conhecidos a com personagens novos. O mesmo que se dá conosco na vida: preferimos o encontro de amigos ou conhecidos ao de desconhecidos. E voce vai conduzindo muito bem a

historia. Li e aprendi os começos de Belo Horizonte e suas bonitezas atuais. Prevejo muito interesse publico por essa obra.

Faça V. falar a Emilia como quiser, sem nenhuma interferencia minha, porque o curioso é justamente isso, ver como ela fica depois de coada através de outro que não o Lobato; e essa diabinha tem tanta personalidade, que nos momentos em que entra em cena ela dirá o que quer, e não o que V. quer. Cá comigo é assim. Ela nunca diz o que eu quero ou sugiro: ha de ser, integralmente, o que ela quer. Bem diz Pedrinho: "É uma peste!"

Parabens pelo vigor e pela inteligencia com que V. continua a comandar as crianças de Minas. Elas são muitissimas, e todas juram pelo Vôvô Felicio, que eu considero o mais feliz dos vôvôs destes Brasis.

Recebi semanas atrás os "Quinze minutos", que ainda não tive tempo nem de abrir, e está na cauda esperando a vez. Com a minha estada de um ano fora juntou-se tanta e tanta coisa que tenho de atender, que a solução seria desdobrar-me em seis – coisa que a cirurgia moderna ainda não ousa empreender. Mas, "seu dia chegará", sossegue. Apesar de que não tenho paciencia de ler livros infantis. É uma coisa mesmo para crianças. Como os brinquedos, carrinhos, boisinhos, bonecas. "Olho" para um brinquedo, mas não consigo "brincar" com eles, com o gosto com que as crianças brincam.

Não fui ao Congresso aí porque ando cada vez mais misantropo. Muita gente reunida me dá aflição. Mas tenho a certeza de que a festa foi muito interessante. Eu nunca vou a essas coisas – e quando vou gosto, como se deu com o Congresso reunido aquie em S. Paulo.

Bom – adeus, caro colega, e muitas felicidades e vitorias é o que te deseja o

velho e rabujento

[ass. Mont. Lobato]
Monteiro Lobato

Carta a Euclides da Cunha
Biblioteca Nacional

Título: Euclides da Cunha
Datas: 1883-1908
Fundo/Coleção: parcialmente organizado Documentos localizados no cofre não foram quantificados.
Procedência: Olyntho Sanmartin – compra – 23/08/1974
Âmbito e Conteúdo: Correspondência do titular e de terceiros, sobre assuntos de caráter particular. Notas, esboços de discursos, caderno de apontamentos, papéis diversos. Escritos de terceiros.
Assuntos: Reprodução condicionada aos termos da Lei n° 9610, de 19/02/1998 ("Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências").
Localização: I-4,182,2,2049,2,1150,1,24

Microfilme
217-200 – Cartão de J. B. Monteiro Lobato a Euclides da Cunha. Taubaté, 20 de dezembro de 1906. 1c.
Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro

459.700 C
1974

Reg. nº 217/1975

[cartão – papel timbrado: J. B. Monteiro Lobato]

Taubaté 20.12.06

Dr. Euclydes da Cunha

Permitti que um desconhecido signifique por esta forma o enthusiasmo, a admiração, a emoção inedita, o frisson novo, que o discurso de terça-feira lhe provocou na alma.

M. Lobato

Carta a Raul Pederneiras
Biblioteca Nacional

[Manuscrito; papel timbrado: Comp. Graphico-Editora / Monteiro Lobato / Praça da Sé, 34 – 1º andar / São Paulo (Brasil)]

Rio 1 – 1 – 27

Raul

Tentei pagar o seu cartão na mesma moeda, julgando a coisa facil (como são difficeis as cousas que parecem faceis!) mas sahiu esta burrice, que vae para humilhação.

Do teu certo
ador.
M. Lobato

[escrito com letras de diversos tamanhos e em espiral: M. LOBATO AGRADECE E RETRIBUE?]

Cartas a Nelson Werneck Sodré
Biblioteca Nacional

[datiloscrito – tinta de cor azul]

S. Paulo, 27/4/944

Werneck Sodré:

Obrigado por ter-se ocupado comigo pelo ESTADO. Sim, meu caro, o que ha a destruir em nossa terra é coisa acima ainda das forças da RAF ou do Prestes Maia – e enquanto não destruirmos essa concreção que vem desde os tempos da colonia,[515] não ha construir a serio – ha só essa simulação[516] de construção de construção que aí vemos. Não posso compreender nenhuma construção sem demolição previa; do contrario temos superfetação, super-posição, coisa peor, talvez, do não ter coisa nenhuma. Mas agora vejo que estou a latir como um cachorro de tanto ão-ão. Maldito ditondo[517]!

Obrigado mais uma vez e disponha do
[assinatura em vermelho, a lápis]
Monteiro Lobato

[515] Vírgula colocada a lápis.
[516] A letra "i" de "simulação" foi inserida a lápis.
[517] A palavra "ditondo" foi corrigida a lápis para "ditongo".

[datiloscrito]

S. Paulo, 26, 4, 945

Amigo Sodré:

Venho agradecer a oferta de "Formação da Sociedade Brasileira". Pretendia faze-lo depois de totalmente lida a obra – mas quanta coisa retarda uma leitura total quando somos muito ocupados. Tenho tido agora uma sobrecarga de entrevistas... Mas já li no bastante para ter o seu livro como dos mais esclarecedores que conheço. Vamos vendo como os ingredientes raciais e sociais iam caindo no panelão e[518] como as circunstancias os mexiam e o que saiu – ou o que está saindo, porque somos uma coisa muito "em formação ainda", a receber ainda temperos novos e a[519] abandonar tentativas de cristalização que falharam no meio do caminho. Obrigadissimo pois pelo pelo[520] presente mental que me deu com o seu solido ensaio.

Do
[assinado somente "Lobato"]
Monteiro Lobato

[518] A conjunção "e" foi inserida a lápis.
[519] A preposição "a" foi inserida a lápis.
[520] *Sic*.

Cartas a Oliveira Viana
Casa de Oliveira Viana – Niterói, RJ

[manuscrito sem data, possivelmente de 1927]

Dear Vianna.

Received your manual cablegram.
Thank. Next week I wil go [*sic*]
see you and bid farewell. Please
to determine the day.
U.S.A.! Mr. Ford! Marvelous!
I feel to depart at my real country.
Optical illusion?
Till to next week!

Lobato

[acrescentado em outra caligrafia, com uma seta apontando para a frase "Optical illusion?":

Completa. Aliás antes de morrer
Compreendeu seu engano. E. R. A.]

[datiloscrito: S. Paulo, 8 de Junho [de 1933]?]

Viana:

Teu cartão veiu provar-me que, como homem que se mumi- mumifica dentro dum ministerio do trabalho, te~~m~~s forçosamente que IGNORAR o que o trabalho anda a operar em redor de~~l~~e ti. Mundo da lua...

Pois, meu caro, estamos a trabalhar a serio no petroleo e com a vi~~c~~toria já bem mais proxima. Amanhã minha compania completa o seu primeiro ano de existencia e nesse periodo fez mais pela solução do problema do carbono liquido do~~q~~ que o governo durante anos e anos. Da minha ação aqui brotaram da terra duas companias novas e resurgiram do tumulo onde estavam enterradas mais duas. Hoje somos quatro entidades vivissimas, com dinheiro, que furam o solo brasilico em quatro zonas. Mas que furam de verdade, para achar petroleo, e não á moda do Euzebio, "para provar que não ha petroleo". Andamos a apostar corrida e são quatro os cavalos – Alagoas, Lobato, Baloni e Cruzeiro. O povo conhece assim as companias.

Alagoas saiu na frente, mas tropicou no marco 317 metros, já bem perto do petroleo, pois teve contacto com ele, e caiu. Teve de voltar atrás e recomeçar a corrida. O seu segundo poço está ou deve estar em 250 metros. Depois partiu o Baloni e tomou ~~n~~a dianteira, estando ainda hoje nela, com 550 metros. Lobato, que partiu com atrazo já passou dois cavalos e só tem na frente Balon~~o~~i. Está em 480 metros e como vai em passo acelerado hade pegar a deanteira ainda este mes. Furamos uma media de 3 metros por dia num arenito compacto de extrema dureza, emquando o nosso unico rival, o da frente, não faz mais de 50 centimetros.

Todos nós, cavalos, já tivemos contactos com pequenas camadas de betume que provam de maneira absoluta a existencia do petroleo nos pontos onde estamos perfurando. Alagoas poderá atingir a meta aos 400 metros; os outros, todos em S. Paulo e operando no planalto, só contam alcançar a grande camada a 700 metros mais ou menos. Mas pode ser que ela esteja ainda mais profunda, por isso estamos nós – Lobato – perfurando um diametro suficiente para atingir 2200 metros, se preciso for.

A nossa compania tem sido um colosso de sucesso e voce faria uma coisa otima para esse ministerio se viesse inspeciona-la. A semana passada tivemos lá a visita dum dos diretores do Banco do Brasil, que veio daí especialmente para isso. Saiu tão encantado que prometeu voltar. Agora é o general Valdomiro que nos manda dizer que quer fazer uma visita oficial.

Vem passar dois dias cá. Precisas de sol – mas sol de campo, de montanha, de zona petrolifera e não desse INfecto sol do Rio, para galegos. O minIsterio deve estar-te embolorando. Vem desembolorar-te cá. Temos inUMmeras coisas a conversar, inclusive a campanha que vamos empreender para matar o famoso imposto de importação sobre o papel, que está impedindo que se tenha livro barato no Brasil, e portanto impedindo a cultura.

Vem, vem. Se estás miqueado, pagarei as despesas da excursão.

Aguardando deferimento do convite, cá me fico, todo esperas.

Abraços do

Lobato

S. PAULO
8 JUNHO

[datiloscrito]

Bagdad-on-the-Subway, 22, Dez., 928

Meu caro Vianna,

Recebi teus queridos garranchos com a grata nova de que adheriu. Parabens. Nada mais duro, nem mais idiota que remar contra a corrente. E muita coisa boa pode fazer uma pessoa intelligente, para o bem publico, que se põe a vogar ao sabor das aguas. Mais do que vogando contra. Nenhuma prova poderias dar da tua intelligencia do que essa resolução de entrar na politica e assim se vá recheiando ella de valores. A abstenção dos cultos e estudiosos tem sido parte grande em nossos erros. Criticar é facil, commodo, agradavel, mas pouco rendoso e inutil. Collaborar é tudo. Toque. No dia em que te vir no Congresso deixarei de me referir a elle com os adjectivos de hoje e muita gente fará o mesmo. É de Viannas lá que o Brasil precisa, embora todas as pessoas que enxergam saibam que bem pouco poderás fazer. Mas entre fazer bem pouco e nada fazer porque está de fóra vae a differença entre o signal positivo e o negativo.

Tuas observações sobre as nossas traducções são bem exactas. Já desanimei de ser traduzido aqui. Fico chato como um chato. Pertenço á infeliz classe dos não traduziveis. Meu Choque falhou por esse motivo. Deu em inglez uma coisa de dormir em pé e a traducção franceza nem a leio. Já voce é da feliz classe dos traduziveis. Como és pensamento puro e

sciencia, até ganhas em ser posto em lingua mais de sciencia que a nossa. Se fizesses um estudo capaz de interessar o amricano poderias conquistar aqui um larguissimo mercado.

Vianna amigo, não tens noticias a dar-me. Comprehendo isso. Somos um tal marasmo que uma carta bem recheiada de hoje não diz cousas differentes de uma datada de cinco ou dez annos atraz. Nossa evolução é excessivamente lenta porque está em função de uma coisa mais lenta ainda que é o nosso factor economico, é tão rapido e constante o enrequecimento geral do povo que a evolução, sob todos os seus aspectos, tem de trotar largo. E tão largo tem trotado que não temos simile na historia que aproveite para comparações ou ponto de referencia para as coisas americanas. Meus estudos – e teem sido arduos, levaram-me a esta formula: Não é mais paiz. Paiz é França, Allemanha, etc. States não é mais paiz. Extrapaizou-se. Virou mundo dentro do mundo e Central Station que fatalmente terá de manobrar todos os outros paizes. Em vista disso sua evolução está tomando rumos ineditos, imprevistos e impossiveis de serem bem aprehendidos pelos pensadores de fóra. Ha um terrivel obice para isso: falta de medidas. A desproporção das coisas americanas está creando cada dia medidas novas e ineditas porque as velhas, as europeas, não work.

Todos os estudo que tenho lido da America são ridiculos porque pretendem medir com medidas velhas. A mentalidade europea não pode comprehender a America e o Americano, occupado como vive em attender ao seu eterno phenomeno de rush em todos os sentidos, á sua eterna necessidade de descongestionar, ignora as necessidades mentaes do resto do mundo e não dá um passo para as satisfazer. Estados Unidos não tem tempo. Ninguem aqui tem tempo, nem eu. Ja aqui está uma grande differença. Em toda a parte ha tempo para tudo e nalguns esse material de construcção sobra de tal modo que o deitamos fora. Nós, por exemplo. Tempo para nós é synonimo de maçada e nossa preoccupação é matal-o. Aqui, se alguem matasse tempo, um minuto que fosse, iria parar na cadeira electrica como o maior dos criminosos.

/fl.2/

A falta de tempo leva o americano a fabricar machinas para tudo e isso vae dando ao homem uma funcção inteiramente nova, desconhecida nos outros paizes e não prevista por aquelle pobre Jehovah biblico que fez o mundo sem prever o americano. Essa funcção é a de fiscal de machina. Voce não vê o americano trabalhar pelo systema antigo (antigo apenas aqui), usando os musculos, etc. Voce o vê parado, de ouvido attento ao rumor funccional de uma machina qualquer. E só o vê arregaçar as mangas, á portugueza, quando se trata de reparar a machina que por qualquer circumstancia parou ou está rodando mal.

E as machinas crescem dia a dia em intelligencia e astucia, a tal ponto que receio um dia ellas se revoltem e ponham os americanos a trabalhar para ellas, como escravos romanos. Na rua o nume-ro de machinas já excede o de creaturas. É tal o numero de autos em perpetua circulação que, visto o quadro de longe, de aeroplano ou dum skyscraper, dá uma singularissima impressão: um novo animal, um besourão invadiu a terra e vive em symbiose com a velha creatura que Jehovah concebeu á sua imagem e semelhança. Voce pode conceber, por exemplo, uma cidade como esta onde 800.000 autos correm sem parar?

Outro eterno assombro meu é a undercity. New York cresceu e cresce em todas as dimensões a tanto bota coisas para cima como para baixo. Constroe arranha-ceus e arranha-inferno. O numero de trens subterraneos é incrivel. Ha dias em que o trafico sub-terreo sóbe a 5 milhões. O movimento geral do anno passado ascendeu a 5 bilhões de pessoas. E a sub-cidade não é coisa só de trafegar. Voce poderá viver a vida inteira minhocalmente sem sentir nunca necessidade de vir á tona e sem se privar de nenhum dos maravilhosos confortos da civili- sação. E dia a dia mais fundo desce a cidade. Estações ha onde para voce alcançar o

andar desejado ou descerá por escada rolante ou por ele-vador, (descedor seria a palavra), porque a pé voce não aguentaria.

Outro aspecto inedito e novo na vida da humanidade é a ge-neralisação do conforto. Praticamente não ha mais a velha differença, o velho dualismo do pobre e do rico, do culto e do inculto, etc. Todo o mundo está com um standard de living que não pode ser comprehendido ahi. Para teres a medida disso basta este algarismo: está sobrando ao povo americano que vive de salarios, depois de satisfeitas todas as despezas do morar, comer, vestir, ir ao cinema, etc, etc, a somma fabulosa de 20 bilhões de dollares, a qual é annualmente applicada em titulos etc. A novidade do phenomeno é que este bem estar é geral, é do povo e não de uma classe.

Ha dias estive conversando com um pedreiro portuguez que havia levado a mulher á igreja no seu automovel. Como vivo a estudar detalhes indaguei de quanto ganhava. Respondeu-me que 18 dollares diarios, mas que ia passar a ganhar 20 trabalhando para a municipalidade. Para avaliares o que significa isso é preciso que saibas que com 60 dollares mensaes uma pessoa vive aqui.

Vou te dar alguns dados economicos bem illustrativos. Paiz que antes da guerra era credor de capital europeu, estão os Estados Unidos hoje credores do mundo por $26.000.000.000 e a medida dos novos emprestimos feitos ao mundo está em 2 bilhões por anno. Isto significa bem pouco para o povo americano, pois dá 17 dollares per capita. Pouco porque a riqueza nacional dá $3.200 per capita; a renda nacional, $750; o saving annual, $167; o commercio annual, $100 e a annual renda do Estado, $33. Veja que lindos per capitas!

Os reflexos de uma situação economica nunca julgada possivel neste mundo feito em seis dias são, como facilmente comprehenderás, des-norteantes e não mensuraveis com os metrinhos, litrinhos, gramminhas e outros estalões creados no tempo do onça por povos pobres. Vem dahi, por exemplo, a situação para nós incomprehensivel da mulher americana /fl.3/
e seu papel activissimo e decisivo na vida nacional. A escolha do Hoover por exemplo foi decidida por ellas por tres razões: porque a mulher não quer que o homem beba alcool e Hoover é dry; porque a mulher de Hoover dá uma melhor first lady of the country que a do seu antagonista Smith; porque Hoover não é catholico. Hoover ganhou por 6 milhões de votos e só de votos femininos, de mulheres pertencentes a varias associações anti isto e aquillo, houve uma descarga de 7 milhões.

Assisti ás eleições. Que maravilha! Votaram 38 milhões de creaturas e eu, que passei o dia sapeando polls eleitoraes, não pude ver um só eleitor.

Vim com uma velha sensação de eleitor gravada a fundo no cere-bro. Lembro-me que uma vez, em casa de avô de minha mulher, cujo filho andava fazendo politica, estando eu á mesa, no café das duas horas, bateram na porta e uma criadinha foi ver quem era.

– "É um sujeito exquesito, parece um eleitor." Veio ella dizendo.

Estranhei aquillo e perguntei-lhe porque parecia o homem eleitor e ella respondeu:

– "Eu sei conhecer. Elles <u>dão</u> muito aqui em cima de sêo Bentinho. Vem pedir as <u>coisa</u>." [*grifos a lápis*]

Vim com essa impressão de eleitor: um bicho exotico, só visivel em certas occasiões do anno e perfeitamente reconhecivel pelas roupas, pelo sapatão com que vem da roça pisando em ovos, o ar parvo. Esse bicho vem das querencias tocado em pontas, como pontas de gado, por boiadeiros os voteiros bem trenados, e são encurralados na cidade em quintaes. Em Buquira assisti a um quadro dessas. Um dos chefes empar-cou a sua ponta de eleitores num grande quintal que tinha e deu-lhes um boi a comer e um barril de pinga para o bicho. Depois

metteu uma patrulha vigiando as ruas convisinhas porque descobriu que o partido contrario lhe havia pescado uns dois ou tres votantes por cima do muro.

Essa, a minha sensação de eleitor. Calcularás o meu assombro não vendo em New York um para remedio. Quem vota, oh assombro, é gente como eu, como voce e como nossas mulheres, e votam por machina, sem receio de nenhum passe de magica – não fosse Edison o inventor e constructor dessa machina maravilhosa que eu no Choque puz no anno 2 mil e tantos mas que já existe.

Entre os espantos (meus) da eleição está o facto do pertido socialista ter got apenas 300.000 votos, tendo alcançado mais de um milhão na eleição anterior. Isto upset todas as nossas velhas concepções politicas advindas through Europa. Na terra que diziam classica do capitalismo, onde, diziam, o capitalismo iria trazer a exasperação e final victoria disso que chamam lá socialismo, nessa terra, no anno da graça de 1928, o bem organizado e optimamente leadera-do partido socialista got apenas 300.000, ou 700.000 mil menos que 4 annos atraz. É ou não é desnorteante, bewildering?

Tenho idea de escrever um livro sobre este paiz, mas não para o Brasil, especialmente. Incidentemente para ahi. Mas isto só o farei si, si, si, si... Depende de mil coisinhas e sobretudo do meu negocio do ferro. Enjoei de escrever e acho até um tanto ridiculo escrever para ahi, isto é, para cinco ou seis mil pessoas. A gente acostuma com os milhões daqui e fica eyebrow para o milhar ou centena que ainda somos.

Puxa! Não sei que furia scribendi me deu hoje que me sahiu esta deste tamanho. Sabe a razão real, dado que nunca tenho tempo de nada? É que eu tinha hoje um party com o Decio de Paula Machado, uma coisa linda e havia scheduled a noite para isso. Mas elle telephonou-me adiando a coisa e... fiquei com toda este tempo para voce. Não fosse a falha e, apesar do immenso que me mereces, terias um telegramma typewrited. Mas adeus. Já estou aporrinhando, não?

Lobato

[escrito na lateral esquerda do papel]

Moro na rua maior do mundo, esta Broadway de 18 milhas de comprimento. Meu numero é 3505, de modo que com o uso de 32 letras voce põe carta dahi em minha mão. Tome nota:

Mr. M. Lobato
3505 Broadway
New York City

[datiloscrito]

[papel timbrado: J. B. Monteiro Lobato / Rua José Getulio, 58 / S. Paulo]

24/1/932

Meu caro Vianna:

Entre as muitas maluquices que estou fazendo, e as mais contraditorias (ferro, petroleo, etc.) mais uma está prestes: a ressurreição da Revista do Brasil. Deu-me saudades da coitada, alem de que não posso passar sem um orgão de expressão de idéas onde EU ~~ue~~ mande e desmande.

E ressuscitando-a, quero que o primeiro numero da nova phase traga algo de sensacional do nosso grande sociologo – daria os moldes exactos da forma de equilibro de que necessitamos. Lança a tua idéa de como DEVE ~~vem de~~ ser, para que não degenere em asneira sociolog I ~~o~~ca, as novas bases constitucionaes do paiz, nesse artigo que te peço para a Revista. Ou o que quizeres. A remunreção será pifia como os tempos – 100$.

Adeus. A minha Petroleos está incorporada, com todo o capital subscripto. Em fins de fevereiro os operadores do maravilhoso apparelho estarão entre nós. Em março já teremos indicações positivas. Em junho ou julho os jornaes noticiarão o grande acontecimento do primeiro gusher. Em vez de te rires de mim, guarda esta para proxima verificação da prophecia.

Adeus.
Do

Lobato

[datiloscrito – papel timbrado: J. B. MONTEIRO LOBATO / RUA JOSÉ GETULIO, 58 / S. PAULO]

S. Paulo, 8, 1, 933

Vianna:

Estou morando em Campos do Jordão, donde cheguei hontem e onde recebi teu cartão de abraço pelo anno novo. Obrigado. 1933 vae ser o anno das colheitas: toma nota do que te digo. Mas colheita em jacás do tamanho de elephantes. Quanto a este seu pequenino amigo, está elle com o contrato de exclusividade do apparelho Romero para todo o Imperio BRitannico e logo que o petroleo jorre aqui nos cinco ponto determinados por esse maravilhoso apparelho, irá elle para Londres incorporar a big one – a Romero Oil Company, com desdobramentos na India, Canada, Sul Africa, Australia...

Queres aproveitar a maré para uma estadia longa lá fóra – fóra dessa nossa innominavel bagunça? Escolhe o posto e fixa o ordenado – em libras!

Adeus, Vianna. Trata de apurar o inglez e sondar preços de malas. A coisa é seriissima!

Do

Lobato

Rua Boa Vista, 18 . 8º andar, Cia. Petroleos

[manuscrito – papel timbrado]

Ender. Telegr.
PETROLEOS

Companhia Petroleos do Brasil
Rua Boa Vista, 18, 2º andar
Caixa Postal 1934. São Paulo

Telephone
2-1322

S. Paulo 1. 2. 933

Oliveira Vianna:

Parece que a Revista Brasileira vae sahir – e estamos precisados de que devolvas as provas do teu artigo – provas que pª. ahi mandei antes da revolução. Já é coisa da Edade Media – mas é possivel que ainda te lembres.

Recebi umas palavras tuas em Campos escriptas em Guará. Foi pena não teres dado um pulo até nossa casa.

Adeus

Lobato

[manuscrito]

S. Pº. 13 –11 – 933

Viana:

Recebi teu cartão. Queres mais? Lá vae. A fabrica não pára. Sabes a que total já cheguei com os meus livros? Parece incrivel mas é cverdade. O Octales acaba de me fazer tirar a conta. 544.000 num valor de venda pª o publico de 2.455:000$000.

Fiquei encantado com a verificação de haver feito o pobre paiz despender tamanha soma pª a leitura das minhas besteiras. E como está programmado para o 1º semestre de 934 edições e reedições num total de 150.000, estarei breve com 700.000 exemplares – isto é, a caminho do milhão!

Creio que vou passar uma semana ahi e então te visitarei em Niteroi.

Abraços

Lobato

[datiloscrito; papel timbrado: UJB / UNIÃO JORNALISTICA BRASILEIRA / PREDIO MARTINELLI – 7º ANDAR / S. PAULO // DIRECÇÃO DE / MONTEIRO LOBATO // CAIXA 2924 / CABLE: UJOTABÉ / FONE 2-7004]

S. Paulo, 16,11,938

Meu caro Oliveira Vianna:

Ha quantos milenios não nos encontramos! E foi preciso que a UJB tivesse negocios com esse Ministerio para que me surgisse a oportunidade de dois dedos de prosa. Onde andam as neves de antanho? As populações meridionais... como é linda a mocidade – e como é breve...

Meu caro Viana: o que preciso de V. é que me ajude aí numa pretenção nossa, e me diga que obstaculos ha – se os houver. A União Jornalistica Brasileira requereu autorização para a organização duma feira permanente de amostras em S. Paulo. Requereu ao ministro. Ha uma comissão para isso. Como os caminhos da Burocracia Nova são mais insondaveis que os antigos da Divina Providencia, muitas vezes as coisas encalham e a gente não sabe por que. Ora, o que te peço e ver se a nossa pretenção vai encalhar – e a ajude, com bons conselhos, a desencalha-la.

POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRADIL... Ou sont elles les neiges d'antan[521]? (Será assim?)

Do teu realmente (fisicamente) velho camarada

Monteiro Lobato

[escrito à mão, ao pé da página:]

Os papeis estão na mão do / Dr. Eloy de Souza, 11º andar, / ramal 616.

[datiloscrito]

S. Paulo, 29, 11, 938

Viana amigo:

Só hoje, 29, recebi a tua de 20. O correio do Estado Novo descobriu meios de dilatar para 9 dias o trajeto de uma carta daí para aqui. se no zodiaco houvesse o signo do kagado, não seria outro o escolhido para o nascimento do Estado Novo.

Quando te falei nos misterios insondaveis da burocracia esoterica não calculei que estava proxima a vinda de mais uma documentação dos cujos. O despacho que S. Excia. deu, como vejo de tua carta, foi: Diferido, em termos.

Se isso não é esoterismo inegral, não sei o que o seja. Em termos! Fiquei na mesma. Que termos? Se é a parte de lá que fale em termos, e sabe de termos porque não declara logo? Voltaire mandava que antes de qualquer debate se definissem os termos. A burocracia esoteria que nos felicita não segue o precioso conselho de Voltaire. Não define os termos... E ficamos todos na mesma, de boca aberta, a perguntar-nos uns aos outros: Que termos, mulher?

[521] Alusão ao verso-refrão da *Ballade (des dames de temps jadis)*, c.1461, de François Villon (1431?-1463?).

Quem saber que voce, que é um insider, pode esclarecer-me nesse ponto, ou informando-me de tais termos ou indicando-me o caminho de descobrir o pensamento secreto que anima os esotericos quando dizem: Em termos.

Deu-me grande prazer a noticia de tua vinda a S. Paulo pelo mes entrante. Faço absoluta questão de que me avise ao chegar e me procure ou indique o lugar em que devo procurar-te. Meu telefone, cá do escritorio, é 29939, Predio Martinelli, 7º andar. E se queres um bom hotel, em ponto bem comodo, o mais central de todos, indico-te o Hotel S. Bento, que é aqui mesmo no Martinelli.

Adeus, Vianna. Ajuda-me com as tuas luzes. Sou pouquissimamente versado em ocultismo...

Do

[ass.]
Monteiro Lobato

[datiloscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO]

S. Paulo, 4, agosto, 1939

Presado amigo Viana:

Ha tempos te incomodei com o negocio duma exposição industrial que haviamos requerido – e a autorização ministerial foi concedida sem demora. Mas aconteceu o que não esperavamos: não houve meio de encontrar em S. Paulo um espaço bastante amplo onde localizar a exposição. Estivemos de pedir dilatação do prazo – a qual foi concedida. Mas durante o novo prazo, nada de espaço... Como este mundo é pequeno, Viana! Mas agora, inopinadamente, apareceu o espaço – caiu verdadeiramente do ceu... mas o segundo prazo está fim. E vai então a UNIÃO JORNALISTICA BRASILEIRA, que é a autorizada, e requer terceira dilatação de prazo. É coisa lá com o Sr. João M. Lacerda, Diretor Geral do Departamento Nacional de Industria e Comercio. Pergunto: não poderá voce, amigo Viana, fazer que ele conceda isso logo á União? O pedido de prorrogação já está com ele. Mas se ele não der a prorrogação logo, tenho medo que o espaço milagrosamente aparecido desapareça. No regimen do Estado Novo v. bem sabe que tudo é possivel...

Saudades duma prosa, Viana. Os anos se passam e nunca nos encontramos. Como o mundo é grande!

Adeus, meu caro e disponha sempre do amigo certo

Monteiro Lobato
Rua José Getulio 523

[manuscrito sem data; pelo contexto, deve ser de 1927, antes de maio de 1927]

Vianna

Obrigado. Foste ultra gentil. Já conversei sobre o teu caso com o Alarico. Procure-o. Não deixe tbem. de procurar o Konder. Faça-se visto.

Parto no dia 24 pelo American Legion. Se puder vir dizer-te um apressado adeus.

Lobato

[manuscrito sem data: o livro a que se refere pode ser Populações Meridionais do Brasil, publicado em 1920; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2B – S. PAULO]

Vianna

Recebi cartão. Adiarei minha viajem pª. quando voltares. Avisa-me disso. Quero conhecer o "bichão".

Teu livro continua a enthusiasmar. Todos o leem e o gabam sem reserva, derramando-se em louvores.

Vou mandar um ex. ao Bernardes e outro ao Washington intimando-os a lerem-no. Os futuros presidentes tem que ser orientados por ti. A Liga Nacionalista vae-te convidar pª uma conferencia. Pretexto para S. Paulo te manifestar a grande admiração que lhe causas.

Lobato

[manuscrito sem data; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2B – S. PAULO]

Vianna

Recebi carta e cartão. Deu-me grande alegria saber de tuas melhoras. Que se accentuem ellas e que venhas logo combinar a tua nova vinda. Virás pª cá como um messias, um homem que traz a ley nova. Lê a carta junta, que verificarás que é assim. O Secretario do Interior pergunta-me sempre: E o Viana, quando vem? Como te querem, como te comprehendem aqui! E como isto depõe a favor da mentalidade de S. Paulo, um dos poucos lugares no Brasil onde creio possivel a passagem do utopico pª o organico.

Cuida seriamente de sarar, que é aqui que vaes ter o que mereces.

Do

Lobato

[datiloscrito sem data; por discutir a candidatura de Oliveira Vianna à ABL, cuja eleição ocorreu a 27 de maio de 1937, a carta deve ser de 1936-7]

Viana:

Obrigado pelo convite para entrar em tua companhia no matadouro. Tenho de tirar petroleo e fazer ferro; não devo, portanto, arriscar a vida.

Mas voce, meu caro, tem o dever de lá entrar: 1) porque toda a gente estranha a sua ausencia; 2) porque pela carta que me escreve não demonstra nenhum medo da letalidade da imortalidade brasilica. Apresente-se que cabalarei os votos dos amigos de S. Paulo.

Sinceramente e sem brincadeira devo dizer-te que me sinto muito velho e arrazado para disputar glorias sociais. Tirante petroleo, de fato não desejo mais coisa nenhuma deste mundo – e cada vez mais me convenço da vitoria no petroleo. Temos um poço com 800 e outro com 980 metros, este está começando a denunciar os primeiros terrenos impregnados. Não se espante pois de mais mês, menos mês, a noticia te chegar que we struck oil. E se essa epoca voce não estiver imortalizado pela Lethal, entrarás na minha academia de letras. Doarei um poço de petroleo para termos uma comme il faut – com um jetaonzão que vai fazer o pessoal dessa aí morrer de inveja.

Mandei-te uns livros. Enquanto o petroleo sai exploro os leitores. Has de crer que com o que tenho a sair do prelo este mês subo ao belo e nada academico algarismo de 789.000 exemplares? E no Brasil, isso! É positivamente absurdo e fantastico. Se o Otales não mo provasse com os assentos da Editora eu mesmo seria o primeiro a duvidar.

Adeus. Ha muito a dizer, mas só de boca. Quando o petroleo sair has de chegar até cá para uma inspeção e uns dias com o Araquá King.

Do

Lobato

[manuscrito sem data; deve ser do início da década de 1920]

Vianna

Tinha visto o tal artigo, mas não te disse nada pª não te aborrecer. Houve [ilegível] malvado que o mandou... Mas ao sair esse artigo é que vi o formidavel conceito de que gosas. Indignação geral! Todo o mundo: – "Viu o artigo do [Serra]? Que infamia!" Resultado: a tua cotação subio e ficou logo combinada uma grande festa, com banquetes [ilegível], para quando vieres. Todos querem dar uma prova de admiração. Agora, as razões d'aquillo: inveja. Elle, coitado, escreve ha annos, trata de tudo, e não conseguiu impor-se como sociologo, como pretende. De repente apparece voce e de golpe conquista o posto ha tanto namorado. Mordeu-se todo. É natural. Alem disso, elle escrevia no Estado. O Estado alijou-o e admittiu voce. Escrevia na Revista. Esta fez o mesmo. E ainda criticam duramente o ultimo livro delle e a voce deu de Messias para cima. Ora isto, num invejoso, doe. E elle [ilegível] dizendo inepcias e favorecendo o teu pensamento. Tu és o culpado, Vianna; tu tiraste da bocca delle um lindo bocado que elle vivia a crear, a chocar. Toma. É bem feito. Pensa que se tem talento impunemente? Ter talento é um crime. Lê a fabula que te mando, que o caso está de ha muito previsto.

Quanto tiveres de vir avisa-me com antecedencia. Vaes ter uma festa que engasgará o S. pelo resto da vida.

Adeus

Lobato

[manuscrito sem data; deve ser do início da década de 1920]
[carta com parte da margem direita danificada]

Vianna

O B. é vingativo. Não dará quartel aos chefes contrarios? Nilo está fora do leito. O alijamento do Seabra desenha-se. O proprio Borges corre perigo. A vingança é o prazer dos deuses. Lá se avenham. Eu, para escapar ás amofinações, colloquei-me na posição do extranjeiro que para o Brasil veiu com o intuito exclusivo de resolver o seu problemazinho pessoal. Desliguei o phone. A "patria soluça", e eu ignoro. Que regalo! Que regalo ser italiano!

Mas vamos ao que serve. Pretendo dar o teu livro em for-mato menos idiota que o de estatistica. Formato populações, p. ex. [E] neste caso dispensamos os clichés ministeriaes. Hemos que fazer [...] menores. Sendo assim, podias desde já ir escolhendo as gra[vuras?] que quizeres, organizando graphicos, [eschemas], o que quizeres, pois [ilegível] deve sahir bem pintalgado. Proponho retirar as trichromias, [ilegível] e o mais que é pessoal, historico, mas não biologico. Hei de fazer um lindo livro – sem um erro! verás. Quanto à tua vinda, conselho meu, de velho e de ex-patriota: apressa-a. Desliga o phone e vem. A intervenção, o [Ambrosio], os [Rauls], o Nilo, nada disso merece que percas uma hora de teu pensamento. Volta-o para o planispherio sociologico e continua a observar a via-lactea da nossa evolução. Os homens passam e as leis ficam – as leis evolutivas. Sociologo, observador de movimentos, é possivel que te detenhas [deante] de agitações? Arruma a trouxa e vem pª Campos metter mãos à grande obra que os paulistas esperam de ti: A bandeira e o bandeirante.

L.

[datiloscrito sem data; pelas referências ao Rio e ao "Ford", que deve ser o livro *How Henry Ford is regarded in Brazil*, de 1926, a carta deve ser de 1926]

Cher Vianna

Por coincidencia recebi tua carta com mais duas do Duriau, de modo que de tão saturado me sahiu lá em cima um involuntario "cher". A tua (delle a você) é de pura amabilidade, mas asx minhas (delle a mim) são de guerra. Quero convertel-o ao yankismo e o raio do gaulez resiste, incerto ainda quanto ás minhas provas de que a França já está em adiantadissimo estado de decomposição cadaverica. Elle quer que eu escreva o meu "Cunhambebe", do qual lhe dei a idéa e que me preoccupava antes da maravilhosa descoberta que fiz do U.S.A. Positivamente, da França só se salva a p... franceza.

Não achei entre as revistas que tenho a que traz o artigo do Gahisto sobre a Evolução.

O irmão do Alarico, Valdomiro, veio passar as fereias forenses com elle. Isso tem prejudicado a nosso projectado passeio a Niterrohy. Logo que elle se vá, ahi surgiremos, com aviso previo.

Mando-te um Ford.

Adeus

[ass.]

[manuscrito sem data; há dois livros de Oliveira Vianna com a palavra "evolução" no título: *O idealismo na evolução política do Império e da República*, editado por O Estado de S. Paulo, na Coleção Biblioteca de Oesp, nº1, e *O povo brazileiro e sua evolução*, editado pela Typographia da Estatística, Ministério de Agricultura, Indústria e Commercio, DF, ambos de 1922. Houve ainda uma edição deste último, com o título de *Evolução do povo brasileiro*, em 1923, pela Monteiro Lobato & Cia.; a partir de 1933, passaria a integrar a "Coleção Brasiliana" da Companhia Editora Nacional. Assim, é possível que essa carta seja do ano de 1922 ou posterior]

Vianna

Seguem 2 mezes – 1:600$. A Evolução vae optima, e o melhor é que se accentua a influencia do teu pensamento em tudo quanto se escreve ou planeja aqui. S. Paulo! S. Paulo é um caso seriissimo. Quando vieres correr as zonas vaes ter uma impressão 5 vezes maior do que a que esperas.

O plano da geographia das familias é optimo é rara coisa de entrar no coração do pessoal. O orgulho familial é intenso.

E a historia do Brasil para as escolas? Isto é que preciso. Começarás a influir no novo Brasil à moda dos jesuitas: impressionando as cellulas virjens da meninada.

Adeus. Estou armando um grande negocio. Se pegar, fico o Mattarazzo das artes graphicas da America do Sul.

Depois te contarei o plano

Lobato

Aquelle professor de Campinas que fez um bello discurso mandou-me, ufano, a copia da tua carta. As tuas cartas são copiadas e circulam...

[manuscrito sem data]

Vianna

Falei com o Konder[522]. Conhece-te a obra e admira-a. Facilitará uma excursão ao Sul. Procura-o. Apparece ou no Ministerio, ou em casa delle, de manhã, na rua Santa Christina 125. Entrega-lhe a carta junta.

Adeus. Saúde e bichas

Lobato

[datiloscrito sem data; ML fala do livro *O ocaso do Império*, publicado pela Melhoramentos em 1926; assim, a carta deve ser desse ano, ou do início de 1927]

Vianna

Recebi nova carta do Jean Duriau. Diz de voce: "Les livres de O. V. m'ont passioné et, danls le volume "Pequenos estudo..." j'ai traduit l'article "Nacionalismo e a questão social"; puis j'ai envoyé à tout hazard ma traduction à la Revue de Genève qui est le plus grand organe international et lu dans tous les pays du monde. Je reçois ce matin un mot du directeur m'...ant qu'il va publier ma traduction de ce remarquable travail et me demandant de collaborer reguliÈrement à la revue en ce qui concerne le BrEsil. Vous pensez si j'accepte, mais il faut que vous prevenez Mr. O. V. en lui en demandant de m'excuser si j'ai pris la liberté de le traduire sans son autorisation. J'ai de lui Evolução, Populações e Peq. Est. Pourais je avoir les autres ouvrages?"

Em todas as cartas ele me fala de voce e eu já lhe mandei todos os livros, excepto o Ocaso; escreve-lhe qualquer cousa e manda-lhe o Ocaso.

E o [nome]? Como vae?

Adeus

[Ass.]

Anotação: Jean Duriau
Boulevard Murat, 29
16ème.
= Paris =

[522] Deve estar se referindo a Victor Konder (1886-1941), Ministro da Viação e Obras Públicas durante a presidência de Washington Luís (1926-1930).

[manuscrito sem data; ML fala nas "populações revistas". *Populações meridionais do Brasil* saiu publicado em 1920, e a 2ª edição em 1922. Assim, a carta deve ser desse período, entre a primeira e a segunda edições]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2B – S. PAULO]

Vianna

Recebi a tua. Andava apprehensivo. Tem razão, quanto a Campos, agora; mas findo o inverno é lá o teu lugar. Entretanto, creio que melhor que Palmeiras te será S. José dos Campos. Tem-se operado milagres alli. Pensa nisto, e para o que te puder servir, manda. Tenho conhecidos lá, que poderão te arranjar casa. Terminas o inverno alli e depois subias a serra. Não imagina como a tua doença me está fazendo mal! Voce é o grande orientador de que o paiz precisava. Não ha nenhuma vida hoje mais preciosa que a tua!

Lobato

E as populações revistas? Quando vem?

[datiloscrito sem data; a carta deve ser dos anos imediatamente posteriores à volta de Lobato ao Brasil, com o início da campanha do ferro e do petróleo, ou seja, os anos de 1932 ou 1933]

[papel timbrado: J. B. MONTEIRO LOBATO / Rua José Getulio, 58 / S. Paulo]

Nov., 5

Vianna,

Como impuzeste na tua penultima que chegasse até para ver-te, não o fiz até agora por falta de tempo. Ir ahi é gastar um dia e minhas estadas no Rio, embora frequentes, tem sido horrendamente occupadas com o big fight pró ferro. Custa ferrar um paiz brabo como o nosso, mais que ferrar um chucro. Foge com os cascos, escoiceia, dá corcovos.

Lembro-me duma caricatura assim: um inglez de chapeu de cortiça ao typo classico dos exploradores de Africa foge com quantas pernas tem dum elephante que o persegue furioso. Diz a legenda: como fazer este burro comprehender qe sou presidente da Real Sociedade para Protecção dos Elephantes?

Com o ferro dá-se isso, igualzinho.

E agora temos o petroleo que vae ser lançado. O novo apparelho que assignala a existencia do petroleo e pois permitte que se perfure no lugar certo. Quanta coisa! Só por bocca, meu caro, senão a carta vira livro.

Por falar em livro – e o resto das Populações? Desanimou? Quer fazer coisa perfeita? Lembra-te daquelle santeiro, que tanto quis aprimorar o olho do santo que acabou furando-o.

Para qualquer coisa que desejes o remedio é appellares para o Phone 42995[523] e dar recado ao Fortunato Bulcão, nosso general na legião ferreira. Rua Mayrink Veiga 15, Syndicato Nacional de Industria e Commercio. Lá para quando no Rio. Lá trabalham os modernos Anchietas e Nóbregas. De lá vae sair a grande coisa. Nosso programa é lindo: derreter Minas para ferrar o Brasil. Será a vingança do paulista contra a politica anti-paulistica do mineiro. Mas, caluda! É preciso que elles, desconfiadissimos que são, de nada desconfiem.

Ando doido por uma prosa contigo (dirás: então proque não apparece?) A verdade é o que disse acima – escassez brutal de tempo. Estou ficando velho, só me apercebi disso agora. O que me resta a viver não é muito – e a tarefa a realisar ainda é maior que um bond. Não tenho tempo para mais nada do que me agrada. Todo elle vae para o o que forçoso fazer, seja agradavel ou não.

Adeus. Até por ahi.

Lobato

Não ha tempo nem de assignar com tinta, nem de reler o escripto para eliminar gatos. "Perdoe os erros" como dizem as cozinheiras nas cartas que escrevem aos bombeiros.

[manuscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2-B – S. PAULO]

S. Paulo 22 – 6 – 922

Vianna

A Liga Nacionalista incumbiu-me de convidar-te pª uma conferencia aqui. Deseja ella, interpretando a voz maxime de S. Paulo, ter a honra de apresentar-te solemnemente ao publico paulista. És o grande homem que surje, o sociologo, o abridor das sendas novas, e a Liga quer ter o gosto de dizer mais tarde – Fomos nós que o descobrimos e o apresentamos ao paiz.

Prepara-te, pois, e vem, e verás que linda acolhida vaes ter

Lobato

Quando vem as Populações?

[manuscrito sem data e sem assinatura]

Vianna

Veiu o jornal de Vassouras com a tua carta. Conta-me que o Codigo[524] cuidou da propriedade literaria; mas o Codigo nisso como em muitas coisas considerou o Brasil ideal que não existe, a tal miragem sociologica para a qual os ideologos da Constituinte fizeram a lei de 24 de

[523] Escrito a lápis.
[524] Possivelmente, o Código Civil, de 1916.

Fevereiro[525]. Eu, quando se trata desta cataplasma de 8 milhões de kilom.^{2}, [cremos], em vez de consideral-o pelo prisma formalistico das leis, examinal-o in anima vilissima, de perto, e sempre vejo uma coisa diversa. Quando as leis, a estatistica, a empafia nacional falam de jornaes occorre-nos logo ao espirito a impressão europea ou norte-americana dos jornaes fortes e ricos de lá. Mas olhando de perto, a quão poucas folhas é possivel dar semelhante accepção! As pequenas meias folhas de papel borradas de graxa que pelo interior saem do prelo [ilegível]. Damos-lhe o nome de jornal pelas mesmas razões de [folha] que chamamos exercito ao [ilegível] maligno que vegeta no orçamento, marinha ao apparato duns mastodontes que não [ilegível], justiça a uma chicana cara, velhaca e torpe que nunca metteu na cadeia um coronel ou um rico, ensino a um apparelho de manter em 85% a taxa de analphabetismo, etc. O pobresinho do papel sae aos domingos com um soneto no frontispicio, um artigo de fundo sobre coisas municipaes que ninguem lê salvo o autor e os louvados, umas noticias velhas de 7 dias, já fóra, da berlinda do cavaco nas boticas, um
/fl.2/
folhetim, uma "variedade" e anuncios de Emulsão de Scott e 50 outros medicamentos infalliveis na cura da anemia economica dos fabricantes. Meia duzia de meninas romanticas leem a "variedade" e o folhetim, suspirando nos trechinhos onde se fala de amor. A maioria dos assignantes, como assignaram a folha a contra gosto por injunções de amizade ou disciplina partidaria, vingam-se no correr do anno, não dando tento [a] que ella existe. E assim vivotam esses urupês de Guttemberg, ignorados, ineditos, sem a menor acção na vida local, contribuindo exclusiva^{te}. para augmentar o consumo de pasta de [madeira] e do pó de sapato ate que venha abaixo a situação politica a que se aparasitam como bons bernes que são. O facto de um delles publicar sem licença do autor uma obra, não acarreta para este um milimetro sequer de [lucro] ou de propaganda ou de reclamo. Fica tudo exacta^{te}. no mesmo lugar. De modo que o autor deve simples^{te}. commover-se com a homenagem prestada pelo "collega" que ratou e lá dirije a folha esmoendo toda a vida chavões e frases feitas ao sabor da politica q. os custeia. Que triste bicho é o literato falho da roça! Fez sonetos, fez "variedades", muitos chegaram ate ao romance e ao uso da cabeleira caspenta symbolica, mas a fome os fez ancorar para o resto da vida na agua morta da "imprensa partidaria". "Incomprehendidos", ali criam ferrugem nas ideas e acabam chocando filhos as duzias. Quando morrem, tem necrologio farfalhudo e deixam a familia na miseria, "pobreza honrada" é o termo.

[datiloscrito]

N. Y. 10.11.27

Vianna

Sabe porque não escrevo? Porque ha assumpto demais. Pego da machina e desanimo. O reservatorio é um açude de Quixadá, mas o buraquinho de sahida tem meia pollegada de diamentro. Como escrever, meu caro amigo? Afogado desta maneira num excesso de themas, assumptos e impressões?

Para te dizer o que penso disto precisaria despejar em cima de V. todo um livro de 500 paginas. Impossivel...

Tudo grande demais, tudo fora da medida a que o nosso pobre cerebro sulamericano está affeito. A altura das casas, os algarismos, a pernas das mulheres, tudo tonteia. O orçamento de N. Y. só a cidade, calculado em 512 milhões de dollares para 1928 ou 4 milhões e 352 mil contos.

[525] Trata-se da Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1891.

Os 800 theatros neworkinos onde todos os dias se reunem mais de um milhão de espectadores – o que nelles se vê de maravilhoso em arte... As cathedraes que são os grandes cinemas... A onda de girls que circulam nas ruas e enchem os restaurantes e mostram pernas que desafiam comparação. A Wall Street, onde vão ter os fios invisiveis da dependencia financeira do resto do Mundo... Lá está, amarradinha, a orgulhosa França, e também a Grã Bretanha, e a Allemanha e o Brasil e tutti quanti...

Se olho para o futuro vejo, consequencia fatal de um determinismo historico, o Canada absorvido e o Mexico e toda a America Central e as ilhas conquistadas. Houve Roma, Imperio Britanico e haverá o terceiro dominad[or] maior de todos.

Dá vertigem o pensar no [ilegível] America do Norte, o primeiro paiz de mais de cem milhões de habitantes em um v bloco, homogeneo como nenhum outro, rico como nenhum outro, com base de rocha que nenhum outro teve – e o que é mais (preste attenção nisto) o unico que tem pela frente a estrada livre e caminha sem a peia de handicaps. O handicap da França, da Inglaterra, da Allemanha e de todos os demais povos é tremendo. O nosso é um atrazo de mentalidade que avalio por baixo em um seculo. Como se comportarão esses aleijados na corrida futura? Por felicidade nossa e do mundo o imperialismo americano não é extorsivo como os precedentes. Territotrialmente não irá alem da conquista dos corpos estranhos que perturbam o metabolismo deste hemispherio. Só nesse pormenor se assemelhará aos velhos – romano e inglez. No resto será a coisa nova que a acção mundial dos Rockfellers e Carnegie já entremostram.

Ora, isto me tonteia, caro Vianna. Quando olho para um arranha-ceo minha imaginação vae fundo e procura penetrar nas causas. Se ando por baixo da terra algumas leguas perco-me em scismas sobre a realidade deste minhoquismo e do que elle ainda promette.

Não poderás nunca, sem ver, fazer uma idéa do que é o mundo subterraneo de N. Y. Na Grand Central, onde as vezes tomo o meu subway para Corona, onde moro, minha linha fica ABAixo de todas. Entro num elevador monstruoso e elle, contradizendo o nome, me afunda terra a dentro até alcançar o plano onde correm os meus trens. Tomo-o e vôo para casa a 100 k por hora. E vou pensando que em cima daquelle systema de linhas, ha um segundo systema, e outro, e outro, e outro. e depois a rua onde circulam mais de milhão e meio de autos e outros vehiculos nossos conhecidos. E em cima desta camada superficial de rodas que rodam sem parar inda ha os ElevAted – as estradas de ferro aereas...

New York é uma synthese. Todo o paiz em todas as espheras é este phenomeno de granedeza e riqueza nunca sonhado pelo homem. Tudo fica anão comparado com qualquer coisa daqui e em materia de progressao tudo fica pulga. A renda municipal de N. Y., por ex., cresceu em 9 annos de 2 milhões de contos...

E a mulher, já inteiramente livre, trenada como o homem na sciencia e cooperando com elle em todos os campos? Isto é o assombro dos assombros. Na realidade a população dos E U vale por 240 milhões de creaturas, ou, melhor, se elle tem 120 milhões nós temos 15, a França 20, etc. Porque aqui o sexo não tira a efficiencia da creatura e nos outros paizes só o macho conta para os effeitos de produção – ou, antes, para empurrar o carro.

E em quanto tempo se fez isto? Em seculo e meio de vida independente. A Inglaterra gastou 20 ou 30 a construir-se... Roma quantos... Imagine isto com mais um seculo ou dois. Dá vertigem pisar neste assumpto.

Eu ainda não fiz nada porque vim muito fraco em "entender inglez". Meus ouvidos ainda resistem e aqui, sem falar inglez, ninguem se arranja. Creio que sem um annos de treino não ficarei no ponto. Depois, veremos. Mas a minha sensação é de que nasci aqui. Se antes de vir já não me adaptava ao marasmo brasileiro, como será agora, meu caro amigo? Ha dentro de mim um grave erro da natureza. Erraram de alma no momento do meu fiat. Puseram um americano do norte dentro de um corpo sulista. Este terrivel handicap talvez me faça fracassar aqui – alem de que

acordei muito tarde. Estou velho e inda [ilegível] o pareço nesta terra de só moços. Mas farei tudo para v[encer] e vencerei si conseguir dominar a lingua.

Inda não [li] teu livro. O Sebastião Sampaio tomou-mo das mãos qunado eu o recebi no consulado e até agora não o restituiu. Mas já reclamei e espero tel-o esta semana.

Hontem nevou pela primeira vez. Que maravilha!

Adeus. Ficas sabendo que se não escrevo é por excesso de coisa a dizer. Um dia conversaremos...

Do Lobato

205 24th St. Jackson Heights, L. I.
New York City

[datiloscrito]

New York 15 April 28

Vianna,

Está um dia lindo de primavera. Céo azul, mas do azul daqui, mais celeste, menos metallico do que o nosso. Comecei a ver este céo a partir do mar Caribeo, o mais lindo mar dos poucos que conheço. Não vou te fazer a prelecção que sobre elle me fez o dr Alfaro, ministro das relações exteriores da republica do Panamá, meu companheiro de viagem e cicerone das novidades que eu vinha vendo pela vez primeira. Seria longo e poetico – e eu timbro em matar o poeta que ha dentro de mim porque estou velho e acho a poesia é linda só até aos 25 annos. Se comecei esta carta falando em céu é que elle está hoje invasor. Em revanche dos dias mixtos da primavera que quer entrar e inverno que teima em não sahir, dias sombrios e ventosos e cloudy, veio hoje um céu de arrancar sonetos até ao Capistrano de Abreu, que, creio, foi o brasileiro que não fez nenhum. Está invasor. Entra-me por todas as janellas e mata o resto. Entrou até por esta carta a dentro e se não resisto é capaz de ficar-se nella até o fim, impedindo-me de dizer o que tenho a te dizer. E é que commeterás um crime se não fizeres das tripas coração e não concluires a tua obra.

Sei o que isso ahi no Brasil do escriptor ver-se solicitado a tudo, menos escrever, menos concluir a obra começada. A ausencia de estimulo e entre elles o grande e eterno – lucro pecuniario, faz que que todos que nascemos com capacidade de uma obra fiquemos nos primeiros capitulos. Emquanto perdura uma chamma de nascença trabalhamos. Quando esse fogo ingenito arrefece e vae exigindo combustivel, o combustivel não surge... e brochamos.

Dahi vem que os dois phenomenos que mais admiro no Brasil serem Machado de Assis e Coelho Netto – dois homens nascidos com taes reservas de calorico que foram até o fim, por mais que o meio lhes negasse, não digo coal nem oil, mas gravetos.

Aqui o abastecimento em vida é formidavel. O escriptor vê-se ameaçado de morrer de plethora de recursos advenientes. Chovẽlhe dinheiro em cima ás torrentes. Um senhorita escreveu uma peça theatral, Irish Albie Rose, e passou dois annos sem conseguir emprezario. Correu tudo em vão. Por fim, como nos contos de fada, um surgiu, que lhe montou a pela sem outra confiança alem da rece-bida por suggstão da fé da escriptora. Pois essa pela pegou e

ha 4 annos está nos palcos e cinemas, tendo dado á autora (isso em outubro do anno passado) 5 milhões de dollares. Comprehende-se que com taes possibilidades pela frente os Oliveira Vianna daqui não demorem muito o segundo tomo das Populações – e deem terceiro, e quarto e quinto.

Mas que merito tão maior ha ahi em voce, que sabe não haver lucro possivel da trabalheira, nem mesmo o do renome – tão fraco é o nosso meio para repercussão de coisas mentaes! É o céo que conquistas, meu caro, já que o céo terreno que o Brasil possue, a A. B. de Letras, parece que te não sorri. Se já temos um acervo de riqueza accumulada – obras, é que a abnegação no brasileiro existe em doses massiças. Não deserte das fileiras desses heroes. Conclue a tua obra. Depois de haver acenado ao paiz com o plano geral della e de ter construido os alicerces e o primeiro lanço, chega a ser crime não levares a termo o edificio. Assignaste uma letra de cambio e tens que honrar tua firma.

/fl.2/

Eu tenho razão para desertar. Cahi do andaime e minha cathedral veio abaixo commigo. Quebrei pernas e braços e cabeça. Tenho justificativa para ficar como Mario chorando sobre as ruinas de Carthago. Mesmo assim inda me comixa na cabeça a idéa de uma obra sobre os Estados Unidos... Não a farei, está claro. Obra sobre tão formidavel mundo exige no minimo dez annos de estudo e observação diaria. Mas comicha... A cobra mesmo depois morta ainda mexe a cauda.

Ás vezes me vem essa idéa, como vem ás creanças idéa de ir á lua. Mas se me ponho a olhar para as proporções deste paiz, ineditas na vida da humanidade e projectadas em todas as dimensões conhecidas e classicas e ainda em dimensões novas, inestudadas e de creação local, rio-me de mim com um dó infinito.

As medidas que o mundo conhece já não servem para medir um paiz que está deixando de ser paiz para ser todo um mundo novo dentro do velho. Em materia de riqueza, por exemplo. A Broadway tem 18 milhas de extensão – uma rua... O valor predial do seu casario margeante sobe a 7 bilhões de dollares. A riqueza do nosso riquissimo Brasil é de 10 milhões de contos, isto é, a setima parte da Broadway...

Tudo assim. Em qualquer campo que se meçam os States, os metros e litros e ergs da mensuragem commum, que é europeia, arrebentam, estouram. Isto é um abysmo ás avessas, aberto para o futuro em vez de para baixo como todos os velhos abysmos.

Houve a gravitação em torno de Roma. Depois o mundo gravitou em torno da Grã Bretanha. Mas que vagabundissimos systemas estes se os compararmos com o futuro systema de gravitação mundial, onde todos os paizes serão, não á força de conquistas, mas por contingencia de adaptação, satellites desta America.

Ha um livro que te recommendo, André Siegfried – Les États Unis d'aujourd'hui. Com toda a amargura do europeu que vê um por um dos secptros da Europa mudarem de continente, esse francez estuda o colosso, friamente, sem enthusiasmo, melancholicamente e não conclue – deixa que o leitor conclua que o cyclo europeu da humandade vae-se lentamente encerrando para abrir lugar ao cyclo novo. Tenho a impressão que o cataclysma de 1914 na Europa marcará o termo da hegemonia de um continente. No começo era a Asia. Depois veio a Europa. Depois a Europa sclerosou-se e surgiu a America. Assim dirão as biblias sociologicas do anno 3000 por bocca dos Oliveiras Viannas de então.

Infelizmente por America não se entenderá tambem o Brasil mas apenas a America anglo-saxonica e nordica. Nós, do Mexico para baixo, pertencemos ao cyclo europeu, e apodrecemos com elle.

O que vim buscar neste paiz, sabes o que foi? Um desanimo infinito – a certeza do que eu suspeitava, que a raça é tudo e que não temos raça... Gobineau, Gobineau...

O Octalles vem em Maio. Esse rapaz é um puro americano, por ironia das cousas nascido em... Minas. Estou curiosissimo de obser-var a reacção delle. Vem afinal conhecer a sua terra natural. Por artificio, manha do acaso é que elle é brasileiro. Mas quem eu queria pilhar aqui era voce. Que campo, Vianna, a vis sociologica que possues encontraria neste mundo que está extravasando do mundo...

Adeus. Estou profundamente triste e o ceo azul demais. Adeus.

[ass.: L.]

Lobato

[datiloscrito]

S. Paulo, 8 Março, 932

Vianna:

Não consegui rehaver o titulo da Revista do Brasil, que haviamos vendido ao Assis Chateau. Procuro agora ver se pego o – Revista Brasileira. Se o conseguir registrar, sahirá com este titulo. Avisarei você para que mande o artigo logo que tal ponto fique desidido.

Creio que nunca mais verei você, meu caro Vianna... Como isto é melancholico! Volta e meia vou a essa terra, mas o desespero do calor selvagissimo e as coisas que levo a fazer inhibem-me de procurar os velhos amigos, entre os quaes voce occupa lugar de honra. Amanhã vou de novo mas ainda desta vez sem tempo de nada. Vou receber meus homens petroliferos, Romero & Cia. Tenho de ciceronal-os um ou dois dias ahi para que vejam aquelle cretinissimo Pão de Assucar e outros doces cariocas e depois trazel-os para que revelem com a vara magica onde o bichão do petroleo está.

Coisas e mais coisas escravisantes me acontecem. Agora o Estado de S. Paulo nos deu toda a apparelhagem perfuratoria, sondas e mil accessorios, para que nos utilizemos delle. Um material que attinge a tres vezes em valor o capital da nossa Companhia... Tomar conta disso fazer isso funcionar: escravizações. O programma é sério e apertado. Imagine que já marcamos o dia 13 de Julho proximo para o rompimento do primeiro poço – e tem que ser nesse dia.

Em todo o caso verei se ao menos pelo telephone posso ouvir o tom da sua voz, meu caro Vianna, e – quem sabe? – marcar um apressado encontreco.

Adeus. Até por ahi.

Lobato

[manuscrito sem data, dos primeiros anos da década de 1920]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2B – S. PAULO]

Vianna

Sahiu afinal o livro e já dei ordem para te remetterem dez. Como hoje é sabbado, só 2ª irão.

Hoje, com o cambio a 4, é im-possivel dar o livro barato, e a coisa está ficando tão mà, que inda é negocio, apenas, editar livros caros, de 10, 20 mil reis – e livros de consumo forçado. O de 4$, literario, está com tão pouca margem que nós começamos a fechar a torneira. Alem disso é um engano suppor que um livro como o teu, a preços populares, sae mais. Isso se dá nos paizes onde o povo lê. Aqui só lê a elite. Já fiz a experiencia com varias obras, e verifiquei que não há publico para o livro em papel vagabundo.

L.

Cartas a Belisário Pena
Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Pasta 1
BP/COR/19241026

[datiloscrito assinado]

New York, 27 Julho 28

Presado amigo,

Escrevi á Ford sobre o seu caso e alem da resposta de Mr Cowling, que lhe mandei por intermedio do Alarico, recebi mais a inclusa, de Mr Mead.

Vê-se dos seus termos que foi tomada em boa consideração e conforme sejam os serviços que essa empreza vá iniciar no Tapajós será bem possivel que recorram ao apostolo do saneamento no Brasil.

Fico á espera de um futuro pedido do seu endereço por parte delles, de modo que é bom mandar-mo já.

Adeus, caro amigo. Disponha sempre de quem tem a nitida sensação de estar servindo ao Brasil cada vez que tem a opportunidade de servir a Belisario Penna.

Sempre seu

[ass. M. Lobato]

[carta anexa à anterior]

[papel timbrado: Ford Motor Company / Manufacturers of Automobiles, Trucks and Tractors / Detroit U.S.A.]

July, 20th. 1928

Mr. J. Monteiro Loleato
Brazilian Commerical Attache
New York City

My Dear Sir: –

[texto impresso no papel timbrado:
IN REPLYING REFER TO / ALL STATEMENTS OR AGREEMENTS CONTAINED IN THIS LETTER ARE CONTINGENT ON STRIKES, ACCIDENTES, FIRES OR ANY OTHER CAUSES BEYOND OUR CONTROL AND ALL / CONTRACTS ARE SUBJECT TO APPROVAL BY THE SIGNATURE OF A DULY AUTHORIZED EXECUTIVE OFFICER OF THIS COMPANY. CLERICAL ERRORS SUBJECT TO CORRECTION]

Your letter do Mr. Cowling with reference to Dr. Penna has been handed to me for consideration and reply. While as yet no definite steps have been taken regarding the medical and sanitary situation at the rubber concession a preliminary survey is to be made within the next month to determine what will be required along these lines.

The tentative policy is to employ Brazilians where ever possible and a person with Dr. Penna's qualifications may prove a valuable addition to our staff.

Your letter will be kept on file and should it be decided to use the doctor's services we will communicate with him direct.

Your very respectfully,

JEM: WAE. DR. J. E. MEAD

[carta anexa à anterior]

[papel timbrado: Ford Motor Company / Manufacturers of Automobiles, Trucks and Tractors / Detroit U.S.A.]

July 12 1928

Dr. Monteiro Lobato,
Brazilian Commerical Attache,
Brazilian Consulate General,
17 Battery Place,
New York City, NY

Dear Dr. Lobato:

[texto impresso no papel timbrado:
IN REPLYING REFER TO / ALL STATEMENTS OR AGREEMENTS CONTAINED IN THIS LETTER ARE CONTINGENT ON STRIKES, ACCIDENTES, FIRES OR ANY OTHER CAUSES BEYOND OUR CONTROL AND ALL / CONTRACTS ARE SUBJECT TO APPROVAL BY THE SIGNATURE OF A DULY AUTHORIZED EXECUTIVE OFFICER OF THIS COMPANY. CLERICAL ERRORS SUBJECT TO CORRECTION]

I have your personal letter of July 3d with reference to the qualifications of Dr. Belisario Penna.

I will be very glad to place this letter before our people. I do not know at this writing what our plans are, but I have no doubt due consideration will be given to the matter.

We appreciate very much your interest in calling this to our attention.

With kindest personal regards of the writer, we are

Yours truly,
FORD MOTOR COMPANY
By W. C. Cowling

Pasta 9
BP/COR/19151126

[datiloscrito assinado]
[papel timbrado: CIA. GRAPHICO – EDITORA MONTEIRO LOBATO // ESCRIPTORIO CENTRAL / PRAÇA DA SÉ, 34 – 1º ANDAR / PHONE: CENTRAL 4012 – CAIXA 2-B / END. TELGR. "EDITORA" / CODIGOS: RIBEIRO 5A. ED. E MASCOTE // FABRICA E DEPOSITO: / RUA BRIGADEIRO MACHADO, 35 / ALMOXARIFADO: RUA HIPPODROMO, 48 A 64 / PHONE: BRAZ. 1269 // SOCIEDADE ANONYMA / REG. DO COMMERCIO 4948]

Ex./L. SÃO PAULO, 11 de Abril de 1925.

Ilmo. sr. Dr. Belisario Penna
a/c. do Dr. Renato Kehl
Rio de Janeiro

Amigo e sr.–

Temos recebido varios pedidos do "Amarellão e Maleita", e não pudemos attendel-os, porque não possuimos o livro. Quasi todos os pedidos foram feitos pelas repartições de saneamento de varios estados do Brasil; inda agora recebemos um, de 50 exemplares, da Secretaria do Interior do Estado do Rio Grande do Sul.–

Desejavamos fazer uma nova edição, de 3.000 exemplares, que serão facilmente collocados, considerando-se os pedidos que temos accumulados. Porisso, pedimos a sua autorisação por escripto, e estamos certos de que o amigo nol-a dará.–

Pagaremos a V. S., por essa edição de 3.000 exemplares, uma importancia correspondente a 15% do valor de venda do livro, pagavel semestralmente, de accordo com as vendas realizadas.–

Aguardando a sua prompta resposta, firmamo-nos com a mais alta estima e consideração,

De V. S.
Amos. Attos. Obrdos.

[carimbo: Comp. Graphico Editora Monteiro Lobato
D.D. D.D.]

[ass.] M. Lobato L. Marcondes

Pasta 3
BP/COR/19241026

[datiloscrito assinado]

New York, 22 Nov., 1930

Dr Belisario Penna,

Poucas vezes na vida senti mais sincero prazer ao dar com a noticia da sua ascenção á Directoria Geral da Saude Publica. Arre, que chegou a vez! Foi preciso que esse abençoado Getulio Vargas pulverisasse o paiz inteiro com o maravilhoso FLIT da revolução para que as ostras conservadoras (conservadoras de chagas herdadas e de outras por elles creadas) largassem a presa.

Que coisa interessante! Eu que vivia aqui muito satisfeito da vida, sem tenções de voltar, fui, depois do expurgo, assaltado duma saudade vivissima da terra natal e estou já fazendo tudo para ver se volto. É que dagora em diante já se pode viver no Brasil. O ar voltou a ser respiravel. O oxygenio exilado regressou. Em S. Paulo, o estado que mais soffreu da camorra, vejo os homens de bem de cima novamente. Esfrego os olhos, leio e releio os jornaes recebidos e custo a crer. Na cadeia os piratas de alto bordo e no poder os homens limpos!... Isto é positivamente um fim de mundo.

A tarefa da revolução é ingente e em muitos pontos vae ella falhar. Os lucros porem serão enormes e prevejo que num balanço dado daqui a dois ou tres annos o activo será magnifico. Nesse activo figurará uma parcella moral que para mim vale tudo: o renascimento do ardor, do enthu-
/fl.1v./
siasmo, da vontade de bem trabalhar para o paiz – coisas que andavam mortas. Vejo-o por mim e imagino-o para o resto dos meus patricios. Vejo-o por mim. Cheguei ao ultimo grau do desanimo, ao mais absoluto scepticismo. Nada adeantava, nada valia a pena. O sabio era apodrecer em vida numa sinecura. Hoje estou renascido. Sinto-me 30 annos mais moço e de bom grado trocaria o meu "job" aqui, tão calmo e bem pago, por uma qualquer coisa ahi, muito inferior, muito mais humilde, mas que me permittisse trabalhar como um bom soldado á vista dos novos e esplendidos chefes.

Medico eu fosse e correria a formar ao lado de Belsiario Penna, o paladino que mais fez pela revolução com os raios incoerciveis da sua heroica e fecunda INDIGNAÇÃO. É como sempre o vejo em minha memoria: indignado, num perpetuo erethismo de revolta. Abençoados sejam os homens do seu typo.

Adeus, meu caro amigo. Acceite um tremendo abraço de quem commetteu o crime de duvidar mas que hoje se redime esperando mais que nenhum outro.

Do

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato
3505 Broadway, New York City

Cartas a Roquette-Pinto
Centro de Memória. Academia Brasileira de Letras. Arquivo Roquette-Pinto
Rio de Janeiro – RJ.

[manuscrito]

S. Paulo 23 Set. 918

Meu caro Roquette

Recebi o teu compendio, bem feito e interessante como tudo que sae de tua penna. Sae na Revista uma noticia a respeito. Por falar em Revista... Ella tem grande necessidade de que todos os seus amigos a apoiem com andar quixotesco. É, de si, uma quixotada. Revista seria e grave, expoente de cultura, n'um paiz de incultura e de analphabetismo intransigente, se os 300 de Gedeão que salvam os creditos intellectuaes da terra não n'a apoiam de maneira positiva a pobresinha não vinga crescer. Porisso eu, como o Quixote-mór da empreza venho te pedir um auxilio pratico: arranjar uns tantos assignantes no circulo das tuas relações. Mostra-a aos teus amigos e obriga-os a assignarem. Manda-me o nome e o endereço desses abnegados para os remetter ao nosso agente ahi, D^{r}. Eloy Ribeiro (Jornal do Commercio, sala 14, 3º andar) caso não queiras tu proprio arrecadar o producto da assignatura e nol-o enviar. Neste caso terá (que mina!) 20% de commissão. Se todos ~~nos~~ ajudam assim, com um pouco de cada lado, ella ira para a frente e vencerá. Adeus, meu caro, e dá o teu empurrão na nossa revista, que bem o merece

Do teu
Lobato

[manuscrito]

[bilhete postal]

[carimbo postal: Estácio de Sá – 2.X.18]

[impresso]
Republica dos Estados Unidos do Brasil

BILHETE 50 RÉIS POSTAL

[endereçamento]

[ilegível]
E. Roquette-Pinto
R. Benj. Constant, 24
Rio

[texto]

S. Paulo, 30.

A. Roquette

M^to^. obrigado. Deste tres. Se cada assignante ou amigo fizesse isso a totalidade seria um colosso. Ja mandei os nros. delles ao nosso agente ahi, D^r^. Eloy Ribeiro – J^al^. do Com^cio^. sala 14 – 3º andar, a quem v. poderá enviar mais alguma que venha a [tacho] – caso não assignem em qualquer livraria, o que é mais facil.

Abraça-te o

Lobato

[datiloscrito]

[papel timbrado, lado esquerdo: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. P. 23-1-919

Amº. Roquette

Recebi carta e autographos. Sahira logo que puder. Quanto á tua collaboração esperamos que reappareça quanto antes, as condiçoes podendo ser as mesmas do anno passado. A revista esta crescendo mais do que eu suppuz e esperei; vamos ter um anno cheio.

(Os anjos digam amem!)

Adeus e dispoẽ do

[ass.] Lobato

[manuscrito]

Presado aº. Roquette

Em mãos a tua. Até quem! V. que é medico não acha que o virus poetico é mais virulento no Brasil que em outro qualquer paiz?

Mas vamos ao caso. Tenho editado alguns livros mas só genero commercial – ficção, contos etc. Outras edições saidas d'aqui – livros de Eugenia etc. – são de parceria com o autor. Tinha deliberado não editar verso, que é genero de pouca sahida para sobreproducção, e agora V. me põe em embaraço com os teus. Porque o admirador e amigo edita; mas o raio do editor, sempre com vistas voltadas pª. o lado pecunioso da coisa, franze o nariz. Inda agora arrematei um resto (300 ex.) das Espumas do Amadeu[526] e puz à venda, a título de experiencia. Pois apezar de estar elle no galarim, com recem-immortalidade, as vendas não correspondem à expectativa. Porisso não me animo… Alem disso, é difficil, porque encarece, vender ahi livros editados aqui – e o ~~valor~~ mercado principal para os teus versos será o Rio, onde tens mais relações e és mais conhecido.

Quanto às amostras mandadas posso dal-as na revista, annunciando livro a sair?

Um grande abraço do teu

Lobato

[rasgo no papel] 1.919

[526] Lobato se refere ao livro de poesias *Espumas* (1917), de Amadeu Amaral (1875-1929), recebido na Academia Brasileira de Letras em 14 de novembro de 1919, ocupando a vaga de Olavo Bilac.

[papel timbrado]

Escriptorios e Officinas
RUA DOS GUSMÕES, 70
Depositos
RUA VICTORIA, 47-A
RUA DOS ANDRADAS, 25-A

Monteiro Lobato E Cia.
Editores – São Paulo

TELEPHONES
CIDADE 6278 – ESCRIPTORIO
CENTRAL 6396 – DEPOSITO

S. Paulo, 12 de Julho de 1923. –

Ilmo. sr. Dr. Roquette Pinto
Museu Nacional – Rio de Janeiro
Amigo e sr. –

Confirmamos a conversa que teve com V. S. o nosso representante sr. Raul de Paula, acerca do seu livro "Lições de Historia Natural"; conforme disse o referido senhor, teremos o maior prazer em edital-o, fazendo larga propaganda afim de con-seguir a sua adopção pelas escolas do paiz.–

Offerecemos a V. S., em paga dos seus direitos au-toraes para essa edição de 2.000 exemplares, 50% dos lucros li-quidos apurados depois de vendida toda a edição, ou 20% sobre o preço de balcão, pagos trimestralmente; os direitos autoraes con-tinuam de sua propriedade, somente não podendo V. S. contractar outra edição com terceiros, emquanto não estiver esgotada a edi- ção publicada por nós.–

Agradecidos de antemão pela sua preferencia, subs-crevemo-nos com a maior consideração e estima,

de V. S.
Amos. Attos. Obrdos.

[assinatura não identificada]

Cartas a Artur Neiva
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)
Rio de Janeiro – RJ.

[Manuscrito]

S. Paulo 21.6.918

Presado aº. Dr. Neiva

Recebi a carta junta de um seu collega e venho saber se o Sr. autorisa o Dr. Melchiades a informal-o convenientemente. Neste caso, é obsequio fazer chegar esta ao Dr. Melchiades, pedindo-lhe que attenda a quem mostra tão boa vontade.

Recado do aº obº.

M. Lobato

[Manuscrito anexo; anotação abaixo do texto da carta: Enviei o metodo de Melchiades]

[ilegível]
15 – Junho – 1918

Ilmº. Snr. Dr. Monteiro Lobato.
S. Paulo.

Saudações .
Tenho lido seus magnificos artigos no Estado e como V. Sr. em um delles se refere ao methodo de Melchiades em applicação de thyenol em doses macissas, e eu não o conheça, peço-lhe o obsequio de informar-me em que consiste o mesmo.
Agradece-lhe antecipadamte. o
patricio e adr. obdo.
Dr. Virgilio Fabiano Filho

[Manuscrito; papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO; anotação no alto da folha, ao lado do timbre: Res_ / agradecen_ / 1-11-18 / Neiva]

S.Paulo 26.10.918

Dr. Neiva

Se precisar de mim para alguma coisa, mande, mobilise-me. Em tempo de guerra até os capengas, bem aproveitados, prestam o seu serviço.

Lobato

[Manuscrito; anotação no alto da folha, ao centro: 1918 (?)]

Dr. Neiva

A nossa Revista do Brasil agora com o nome de Revista Brasileira, prepara-se pª. sahir. Sahirá no fim deste mez. Não quererá o amigo honrar o nº de estréa com algo seu?

Do Lobato
José Getulio 58

[Manuscrito]

S. Paulo 21.6.920

Dr. Neiva

Recebi a sua carta, suando humor negro. Está errado. Não vale a pena incommodar-se a gente com coisa nenhuma. É tratar de criar o calo do indifferentissimo, ver tudo pelo lado esthetico e não perdoar aos inimigos. Peroba na cabeça sempre que haja opportunidade. Porque o mal não é nosso, é da vida em si. Os homens falliram na terra, e são, biologicaᵗᵉ. uma vergonha, uma rata da natureza. Emigrar não resolve o problema, porque não nos tira da Terra. Imagino a intrigalhada da camarilha mineira contra quem não a corteja. Mas não está regulando? Não é logico, isso? Tenho lido as festas ao Krauss, e o ranger de dentes dos que o desquerem... por ser alemão. A "Tocha" está cheia destas picuinhas. Paga-se assim com beijos os coices que a França faz mᵗᵒ. bem em nos dar, e confirma-se o dito popular: mais vale cair em graça do que ser engraçado. Está regulando.

Não recebo aqui a Noite; não vi, pois, a sua entrevista. S. Paulo será uma coisa melhor porque está se desluzitanizando. O progresso das nossas zonas é diretamente proporcional ao grau de desluzitanização operado. O mal secreto do Rio é mais que o bahianismo, o lusitanismo. Chega a cercear o pensamento dos que se dirigem ao publico. Em todos os artigos que pª. ahi mandei, podaram-me o que havia, leve que fosse, desfavoravel ao gallegão. Tenho a impressão de que existe em cada jornal um censor especial para isso. Ataque-se tudo, menos o pé de chumbo, digo tamanco. Vingo-me barrando-os na Revista. Inda hontem recebi offerta de collaboração do Julio

Dantas[527], por intermedio dum amigo seu de Santos. A resposta foi a de sempre: gallego aqui não entra. Chinfrim mas nossa. O Felinto vae mais gordo, apezar do golpe soffrido com a morte do Arnaldo. Inda hontem no largo ri-me muito com uma das suas saídas. Estavam em grupo na ilha da [ilegível], quando passou um major do exercito commandante duma fortaleza de Santos.

– Ali vae o Major tal, commandante da fortaleza tal, disse um Bueno da roda, tenente honorario do exercito e patriota vermelho. O Felinto olhou para o major e disse: Que boa gallinhada elle ha de ter!

– Porque? perguntamos

– Porque as fortalezas são os melhores centros de criação de gallinhas. Para ninho nada melhor que um canhão!...

O Maneco, indignado porque uns caluniosos andam a espalhar que elle está criando juizo. Promete fazer uma, de repente, que lhe reahabilite a maluquice para o resto da vida.

O Taunay... O Taunay fala commigo pelo telefone, a respeito dum livro que tem cá, fingindo que fala com o Caiuby. Eu... attendo-o, passando por Caiuby. E a coisa vae na maciota. Emquanto isso, o Washington contenta a todo mundo com um governo que dá gosto. Adeus passes, subvenções, mamatas, patotas. Tudo corre como si S. Paulo não fizesse parte do Brasil. Esperavamol-o aqui, mas agora vejo que só depois do Japão. Paciencia. O tempo corre depressa, e inda havemos de ingerir [ilegível] com a cordealidade antiga. O Nestor, [ilegível], nem hoje. Logo que chegue falaremos a elle daquele negocio do Estado.

Fóra disto, frio e insipidez.

Já mandei reformar o seu endereço e remeter 2ª via do ultimo nº. Adeus, – creia que tem sempre aqui o aº. de sempre

Lobato

[Manuscrito; anotação no alto da folha: JUL. 20 / JAN. 21] [528]

Dr. Neiva

Recebi a sua carta do mar e fiquei mto. grato de haver em pleno oceano se recordado do velho amigo.

Tirei o mez de Julho para escrever um romance americano que me pediu um publisher de lá. Fil-o em 20 dias, ao correr da penna, e aproveitando uma velha idéa que um dia lhe comuniquei.

Quero dedicar esse livro ao Dr. mas antes disso desejo a sua opinião[529]. Vou mandar-lhe uma copia loque o copista me entregue as que lhe pedi. Peço-lhe que leia e suggira-me mais alguma coisa aproveitavel. Vae sair em port. francez, allemão espanhol e inglez ao mesmo tempo. Hei de dar uma tacada – no unico bicho que ha hoje no mundo: E. U.

Do

---

[527] Júlio Dantas (1876-1962), escritor português, bastante célebre no Brasil.

[528] Essa carta recebeu, no CPDOC/FGV, a seguinte datação, manuscrita, a lápis, no alto da folha: "JUL. 20 / JAN. 21". Ocorre que, na carta, Lobato fala da redação de *O choque das raças ou O presidente negro* (trata-se do "romance americano" a que se refere) e, ao pé da página, encontramos o endereço Gabizo, 97 (ou seja, Rua Professor Gabizo, 97), que fica no Rio de Janeiro, onde Lobato residiu entre outubro de 1925 e maio de 1927. Ademais, o romance fora publicado em folhetim, no jornal *A Manhã*, entre 05 de setembro e 1º de outubro de 1926, sendo lançado em livro no Natal do mesmo ano. Portanto, pelo endereço mencionado ao pé do texto, bem como pela menção àquele romance, a carta poderia ser datada entre os meses de agosto e novembro de 1926.

[529] Efetivamente, na 1ª edição do romance, lê-se a seguinte dedicatória: "A Arthur Neiva e Coelho Netto, dois grandes mestres no trabalho, na ciência e nas letras".

Gabizo, 97 Lobato
[Manuscrito]

S. Paulo 6.8.920

Bons ventos, bom mar e boa saude[530].

Aqui estou para informal-o do negocio do "Estado": – quer duas cartas por mez e paga pela tabella de huma: 50$000... Não tem grande importancia a tarifa, mas o facto de poder o amigo falar para S. Paulo inteiro, firmando o pé num dos [ilegível] de nossa imprensa. Com o Estado cá e o Correio lá fica optimamente servido, e obriga ao silencio as baterias inimigas.

Por aqui tudo vae bem. O W. firme como rocha, e acertando sempre. Dá gosto. Cahiu o feitor do eito, coronelão Lacerda. Cahiu de quatro. O Oscar tentou um golpe de estado, como era de uso no reinado do Altino, mas o W. não cedeu e falhou o tiro.

O assumpto do dia é o 1º premio de revolver do tenente brasileiro em Antuerpia. O Brasil delira! Campeão do mundo! O "Paiz" deu artigo: "O Geca Tatú não falha!" Todos os problemas estão resolvidos. A opilação é uma mentira. A raça é estupenda: campeã do mundo! Mais uma victoria desta nas Olympiadas de Antuerpia e mudo-me com o Felinto da terra, para a Allemanha. Só em paiz derrotado a vida é boa.

Recebo neste momento o seu cartão de Sea Point, que não sei onde é. Cape Town? Recebemos tambem o telegrama de bordo. Obrigadissimos! Mas que inveja nos faz! Nos, é modo de dizer. Maneco não deseja viajar, xenophobo que anda, e Felinto, prudente, receia os perigos do mar.

– Uma chifrada de baleia, de repente...

Mas eu, dóe-me ser forçado á situação de arvore na vida, porque tenho uma curiosidade mental inextinguivel. E vae ver que morro na Botocundia.

Hontem vimos uma fita de propaganda argentina deveras primorosa, onde apparece tudo quanto ha de notavel por là, desde os monumentos de Buenos Aires ate o [ilegível] dos Andes e a vida industrial de [ilegível]. Que boiadas! Que maravilhosos cavallos! Que [ilegível]! O Maneco que foi connosco para "esculhambar" não teve corajem, e baixou a cabeça ante a superioridade daquelles Herefords sobre os nossos zebús.

– Mas a carne não é gostosa como a dos nossos...

Como é brasileiro, o Maneco!

Na revista tudo continua em progresso. Saiu o livro do Taunay pae, e já liquidamos com o Taunay filho, sempre rompido...

A mania agora é dos monumentos. Projetam-se para comemorar os bandidos das bandeiras, dois: um offertado pelos portuguezes; outro pelos paulistas. Os paulistas offerecem-no a si proprios... Granito haja!

Temos sentido muito a sua ausencia, e já acabamos com a choppada sabbatina. A mania é agora jogar xadrez, com o Malta da Pommery, que é campeão. Empurra-se assim a vida para a frente, nessa desabrida terra de frio garoento (ha uma semana não vejo o sol!) onde cada vez floresce mais o Freitas Valle. Que cavallo! Fez um novo poema em francez (tragipoeme), de coisas trágicas, e a critica caratoria do Rio (Gilberto Amado á frente) zumbe em torno todo o enxame de elogios preciosos. No entanto o pirata nem siquer publica a coisa: fel-a a machina, para correr entre amigos. Má acção entre amigos – coisa prohibida por lei...

[530] A saudação se explica porque o destinatário se encontrava em viagem ao Japão. Posteriormente, Arthur Neiva escreveria crônicas de viagem no jornal O Estado de S. Paulo e na Revista do Brasil, que seriam enfeixadas em 1927 no livro *Daqui e de longe... Chronicas nacionaes e de viagem* (São Paulo: Melhoramentos).

Adeus, meu caro amigo, e acceita o abraço e os agradecimentos [ilegível], recommendando-me a Sra. [ilegível] e ao pequeno Neivinha, que ha de estar mais rico de impressões novas que o Mattarazzo de dº.

E obrigado do

Lobato

[Manuscrito]

S.Paulo 8.1.921

Dr. Neiva

Vae esta só para lhe dar boas vindas, porque o que ha para conversar é muito e não cabe num bloco inteiro de papel.

Estamos todos ansiosos para vel-o aqui, deante dessas Tampas, à moda antiga.

[ilegível] que cà ou là, [ilegível].

Um [ilegível]

um abraço do Arthurzinho e um

beijo na menina do

Lobato

[Manuscrito]

S.Paulo 27.4.921

Dr. Neiva

Recebi a sua carta. Já pensei nisso que me suggere, o romance do café, um thema extraordinariamente belo. Mas acontece o seguinte: para escrever-se algo que valha, que palpite de vida, é forçoso um mergulho serio no ambiente para recarga das pilhas emotivo-estheticas. Morando-se em cidade, taes pilhas perdem com o tempo a electricidade acumulada e não tocam mais nem campainha. É o que se dá commigo. S.Paulo esvasiou-me, e agora só cuido da parte commercial da vida apressando a erecção de pedestal economico que permitta mais tarde as fugas longas, propicias á recarga de pilhas. Neste momento, por exemplo, penso em reorganizar a emprezinha, admittindo novos socios para augmento de capital, que subirá a 500 contos e me permittirá uma corrida a 100k por hora. Terminei já o periodo de experiencia editorial e convenci-me que o negocio é absolutamente seguro – e de um futuro grandioso. Basta lhe dizer que nestes primeiros (4) mezes, com os simples recursos da casa (oriundos, como sabe, de um livro) perfizemos 215:000$000 de mercadoria, brutos, ou sejam 75.000 volumes. E é mercadoria de sahida segura e intensa. Ora isto absorve-me inteirate. Mas admittindo mais 200 contos de capital as cousas me folgam e poderei pensar no resto de obra que pretendo escrever.

Quero ver se em Junho appareço por ahi, e conversaremos então sobre o nosso livro. Já esta pensando nelle?

Adeus, ate por la

Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: à esquerda – RUA BOA VISTA, 52 – SOBR. / TELEPH. 1603-central – CAIXA, 2-B; no centro – Monteiro Lobato e Cª Editores · São Paulo; à direita – "REVISTA DO BRASIL" / E EDIÇÕES EM GERAL]

S. PAULO, 10-6-921

Dr Neiva

Recebi sua carta de 4 e o artigo do Ronald. Com o Barbará só estive duas ou tres vezes, mas conversamos muito e fiquei gostando delle (como aliás todos aqui) immensamente. É muito simples, lhano e amavel alem de destituido de qualquer pedantismo. O que sentimos foi que se demorasse tão pouco. Mas aprendeu o caminho e inda ha de voltar.Vejo da sua carta que não poude ainda cair no estado nirvanico que é mister para viver-se feliz na nossa indecentissima terra. Tambem eu não. Por mais que procure isolar-me no problemazinho pessoal, o problema geral tortura-me sempre. E as conclusões a que chago são as mesmas suas: má semente. Por isso disse ha dias a um portuguezote fresco que cá me appareceu vindo dahi recommendado por carta do Virgilio Mauricio[531] (imagine!) afim de trabalhar na "grande obra da aproximação de Portugal e Brasil":

– Mas, meu caro custou tanto desapproximarmo-nos e o sr. já quer inutilizar essa grande conquista? Não vê que se temos algum progrsso aqui em S. Paulo é porque aqui a obra de deapproximação está mais adiantada?

E é isso mesmo. Essa indecencia politica de estar o paiz parado entre tres gatunos a pesar qual é mais gatuno dos tres para botar na vice-presidencia, é typico. E o grande Bernardes[532]? Um reles vigilante de meninos no collegio Luiz Antonio era o mais sonso e dissimulado dos tres vigilantes do meu tempo) agora transformado em estadista genial – não se sabe porque...

Par dar idéa nitida da imbecilidade nacional basta o que se [vê]][533] numa sociedade de medicina ahi. O Moncorvo Filho[534] nega que o paiz seja doente e que o M. Pereira tivesse razão na celebre fraze. Tudo mentira – derrotismo! (Veja como elles assimilam bem os neologismos francezes!) De modo que toda a campanha do saneamento, cujo merito maior parecia ter sido destruir a funesta ilusão perpetua ate Miguel Pereira[535], todo o seu trabalho de viagens reveladoras,

---

531 Virgílio Maurício (1892-1937), pintor, crítico de arte, escritor, jornalista e médico. Bibliografia: *Algumas figuras* (Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1918. 185 p.), *Outras figuras* (Rio de Janeiro: Vênus, 1925. 239p.), *Ouvindo a sciencia* (Rio de Janeiro: Paulo,Pongetti, 1926). Para sua biografia, *v.* Com Arte Virtual. Disponível em: http://www.comartevirtual.com.br/vmaurici.htm Acesso em 12 fev. 2005.

532 Arthur da Silva Bernardes (1875-1955), que ocuparia a Presidência da República de 15 de novembro de 1922 a 15 de novembro de 1926.

533 Na passagem de uma página a outra da datilografação da carta, Lobato parece ter se esquecido do verbo.

534 Arthur Moncorvo Filho, médico cuja carreira se iniciou em 1880. Em março deste mesmo ano, fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro. Para maiores informações, consulte-se WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Rev. bras. Hist.*, Set. 1999, vol.19, nº 37, p.103-24. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881999000100006&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em 14 fev. 2005.

535 Miguel da Silva Pereira (1871-1918), médico sanitarista. Para sua biografia, *v.* MEDEIROS FILHO, Carlos Fernandes de. *Só Biografias*. Disponível em: http://www.sobiografias.hpg.ig.com.br/MigueSil.html Acesso em 14 fev. 2005.

os livros e as conferencias do Belisario[536] e de tantos outros, tudo isso não bastou para provar coisa alguma ao sr. Moncorvo. Tudo isso é mentira – derrotismo como la se diz...

Francamente desanima e dá vontade de passar para o campo dos cavadores que acham tudo de primeirissima e isto o melhor dos paizes possiveis.

Vou mostrar a sua carta ao Maneco[537] e chamal-o á discussão do berne. Elle anda todo berne, com pupas e vidros de moscas pelo bolso, amolando toda a gente para ver as transformações da bicharia. Acaba ganhando appellido: Maneco Berne[538].

O mais caminha na toada do costume. A nossa empreza forma-se e monto officinas. Já tenho os 200 contos pedidos. O negocio foi facil porque já se inspira confiança aos capitalistas. Pena é não ter o sr. entrado.

Disponha sempre do amigo

Lobato

[Datiloscrito sem assinatura; papel timbrado: à esquerda – RUA BOA VISTA, 52 – SOBR. / TELEPH. 1603-central – CAIXA, 2-B; no centro – Monteiro Lobato e Cª Editores · São Paulo; à direita – "REVISTA DO BRASIL" / E EDIÇÕES EM GERAL; anotação manuscrita, no alto da folha, do lado direito da data: R – 22-7-21]

S. PAULO, 15-7-921

Dr Neiva

Lembra-se das nossas conversas sobre a ruindade da nossa gente? Tenho mais uma prova em mão e não resisto á tentação de lhe mostrar, como documento que é. Leia esse artigo do Antonio Leão Velloso, escripto inteirinho para preparar o tiro final, troça ao meu fubá de milho verde. Agora, sabe o que escrevi e está no meu livro á pagina 69? Exatamente isto: "E, cumulo, 914 em ampolas que não passa de finissimo fubá de milho amarello". Esse facto foi denunciado ahi pela Noite e aqui pelo Maneco que tem até hoje em seu poder uma das taes ampolas. Mas veja como o homem falsificou a coisa de geito a prestar-se ás conclusões do seu artigo. Adoptei o systema de nunca me defender dessas coisas, porque é peior, mas se quizesse que optima occasião para esborrachal-o!

Casos como esse repetem-se constantemente, denunciando uma má fé dolorosamente significativa. Devolva-me esse artigo que quero guardar como documento humano.

O Maneco esteve bem mal, com pleuriz, mas já arribou e está chopista como sempre. Filinto continua cada vez melhor. A idade em vez de enfraquecer apura-lhe a verve.

E a sua vida por ahi? Já está perfeitamente indifferentizado? Creio que pelo fim deste ou em Agosto ahi estarei para lhe dar um abraço.

Adeus, e disponha do

---

536 Belisário Penna (1868-1939), médico sanitarista que chegou a se corresponder com Monteiro Lobato. Para sua biografia, *v.* Casa de Oswaldo Cruz. Quadro Geral do Acervo. Belisário Penna. Disponível em: http://www.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia_acervo/arq_pessoal/belisario_penna.htm Acesso em 14 fev. 2005.

537 Manuel Lopes de Oliveira Filho (1872-1938), amigo de Lobato e de Arthur Neiva, importante entomologista do período, teria falecido intoxicado por pesticidas. Para sua biografia, *v.* MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.440.

538 Efetivamente, no ano de 1922, Maneco Lopes publicaria em São Paulo um folheto de 26p. intitulado *Combate ao berne*.

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / Praça da Sé, 34 / S. PAULO; anotação no alto da folha: 1921 (?)]

Dr. Neiva

Lembro-me do Sr. num momento triste. Leia o papel junto. Imagine que a situação de numerosas industrias em S. Paulo é identica à nossa e que nem siquer podemos desabafar nas folhas. A Light, grande criminosa, é sagrada!

Tudo se salva, tudo continua, a historia é fatal: mas está morto o fogo sagrado.

Lobato

[Anexo: datiloscrito, 3 folhas]

MONTEIRO LOBATO & CIA. –

ORIGENS DA CASA

A casa editora Monteiro Lobato & Cia. nasceu de um livro publicado em 1918 – Urupês –. Com o producto da primeira edição desse livro fez-se a segunda e em seguida as mais e tambem as primeiras edições de livros alheios. E como por esse tempo Monteiro Lobato, agindo em seu nome individual adquirira a Revista do Brasil, ficou appensa á mesma a incipiente secção editora. Em 1919 organizamos um corpo de vendedores no paiz inteiro e em 1920 entramos francamente no mercado publicando livros em escala crescente. (O vulto que tomou o negocio não se coadunava mais com o regimen adoptado, "familiar", inter-amigos o qual tinha um caracter de simples experiencia. Em meiados desse anno foi dada feição commercial á casa, sob a firma actual, fazendo parte della, como socios, Monteiro Lobato e Octalles Ferreira, com um capital de 80:000$000. Reorganizados todos os serviços, incrementamos a producção de livros e ao terminar o segundo semestre de 1920 o capital ascendia a 130:000$000, sendo que durante todo o anno a producção da casa subiu a 200:000$000 – só na secção editora – valor de 60.000 volumes editados. (Note-se que este resultado foi obtido sem entrada nenhuma de capital dinheiro a não serem 10:000$000, não totalmente realizados, do socio Octalles Ferreira. – Os fundos necessarios para tal movimento provieram, pois, exclusivamente das rendas das obras anteriores.

SITUAÇÃO ACTUAL

Com os lucros do anno anterior, que juntamos ao capital social, intensificamos nos primeiros mezes deste anno a producção de livros dando a publico mais os seguintes:

Caboclos	4.000	exemplares	.....16:000$000
Onda Verde	4.000	"	.....16:000$000
Casa de Maribondo	3.000	"	.....9:000$000
Esphinges	2.000	"	.....10:000$000
Paiz de Ouro . . .	3.000	"	.....12:000$000
Brasil com S . . .	1.500	"	..... 6:000$000
Vultos e livros .	2.000	"	.....10:000$000
Scenas e paizagens	5.000	"	.....11:000$000
Narizinho escolar	50.000	"	.....125:000$000

no valor bruto de 215:000$000. Este montante, diminuido de 30% de desconto nos livreiros foi juntar-se ao activo demonstrado no ultimo balanço, na importancia de 165:000$000 sommando um total de 315:000$000. O passivo da casa orça em 65:000$000, parte constituido por pagamentos a se fazer em mezes futuros e parte constituido por quotas devidas aos autores em conta de participação de lucros nas obras editadas. Esta divida só constitue divida de facto depois de esgotadas as edições e entrado em caixa o producto dellas, de accordo com os contractos editoriaes que temos feito.

MOVIMENTO

O successo das chamadas "edições da "Revista do Brasil" é um facto notorio no paiz inteiro. E foi elle devido:

1º) á escolha intelligente das obras editadas, de maneira nunca lançarmos livros que não sejam avidamente absorvidos pelo publico.

2º) á organização da venda por um molde inteiramente inedito no Brasil. – Creamos, por assim dizer, a venda no interior do paiz fugindo ás praxes adoptadas de só vender livros nas capitaes.

O nosso corpo de vendedores – firmas do interior escolhidas e recommendadas como idoneas pelo serviço secreto de informações da Associação Commercial – attinge hoje a mais de 300, e constantemente se accresce de novos, cuidadosamente escolhidos, fazendo-nos crer que até o fim do anno estará elevado a 500. – Comprehende-se logo que o segredo da nossa prosperidade está nisto. – Esse corpo de vendedores permitte-nos expor as obras publicadas no paiz inteiro, intensificando de maneira extraordinaria a saida dellas. É um verdadeiro systema circulatorio de livros tentado e realisado por esta casa pela primeira vez no Brasil. Isso permittiu levantar a tiragem dos livros a nivel nunca attingido bastando dizer que só de Monteiro Lobato editamos até agóra (antes de 3 annos) precisamente 106 milheiros de exemplares, o que constitue um perfeito record. E apesar disso como taes obras demonstram ser de saida constante, antes crescendo que diminuindo, temos que reedital-as inda este anno, num total approximado de 30 milheiros, pois que se acham praticamente esgotadas.

Outra novidade por nós introduzida no commercio livreiro foi tirar a mais de cada edição, 300 exemplares destinados á propaganda pela pequena imprensa do interior do paiz, nas cidades onde temos a venda de livros organizada. Este simples truc que nos custa 300$000 por obra (o valor de custo de cada livro orça por 1$000), permitte-nos elevar a tiragem de livros que, no Rio, pelo systema antigo, inda é de 1 milheiro a 4 e 5 milheiros.

MOVIMENTO DA CAIXA

As entradas de dinheiro em caixa crescem dia a dia, e de janeiro a abril deste anno ascenderam a um total de 95:000$000, sendo de notar que a tendencia é toda para crescer no segundo semestre visto como só agóra começa a entrar o producto da venda de grande quantidade de livros lançada no ultimo semestre do anno passado. Durante este começo de anno o valor de livros vendidos no escriptorio e remettidos aos freguezes montou a 60:000$000.

PROGRAMMA

Temos no prélo ou em vias de se encaminhar para elle as seguintes obras que sommam um total approximado de 120 milheiros:

1 Contos por Godofredo Rangel, 3.000 exemplares
2 Notas de um Estudante, João Ribeiro, 3.000 "
3 Versos, Ribeiro Couto 2.000 exemplares
4 A lei do Sello, Amaral Gurgel 3.000 "
5 Fabulas, Monteiro Lobato 5.000 "
6 O Sacy " " 5.000 "
7 No anno primeiro da era nova, Affonso Lopes de Almeida3.000 exmp.
8 Figurões visto por dentro, por Simão de Matua, (3 volumes) 9.000 "
9 Vultos e livros, Arthur Motta, (5 volumes) 10.000 "
10 2º vol. Populações Meridionaes do Brasil 2.000 "
11 Contos, por Mario Sette 3.000 "
12 A Allemanha Saqueada, Mario Pinto Serva 3.000 "
13 Sapesaes e Tiguéras, Amando Caiuby 3.000 "
14 Questões de portuguez, F. Assis Cintra 4.000 "
15 Viagens do Brasil, Debret 2.000 "
16 Critica, por João Pinto da Silva 3.000 "
REEDI-17 Urupès, 8a. edição, Monteiro Lobato 4.000 "
ÇÕES 18 Cidades Mortas, 3.a edição " 5.000 "
" 19 Idéas de Jéca, 3.a " " 5.000 "
" 20 Negrinha, 2.a edição " 5.000 "
" 21 Narizinho Arrebitado, 2.a Ed. " (Album) 5.000 "
" 22-Historias n/ historia, 2. edi. Viriato Correa 4.000 "
" 23-Mysterio, Afranio, etc. 2.a edição, 3.000 "
" 24 Caboclos, 2.a edição, Valdomiro Silveira 4.000 "
" 25 Prof. Jeremias, 4.a edição, Léo Vaz 4.000 "
" 26 Madame Pommery, Hilario Tacito, 2.a edição 4.000 "
" 27 Redempção, Veiga Miranda, 2.a edição 4.000 "
" 28 Carlos de Laet, dois livros de 5.000 exemplares 10.000 "

OBSERVAÇÕES

É preciso notar que este movimento foi feito exclusivamente com obras puramente literarias [texto manuscrito inserido nesse ponto: da autoria de escriptores novos, estreantes quasi todos], genero que nunca foi considerado no Brasil, como grande negocio. Mas para maior solidez da casa atiramo-nos á literatura didactica, que é um genero de consumo forçado e saida intensa, tendo sido a fautora do enriquecimento dos nossos velhos editores. Para começar lançamos um livro de leitura que, submettido á approvação do Governo de S. Paulo, foi acceito e adoptado para uso do segundo anno das escolas publicas. Esse livro – Narizinho Arrebitado – teve os melhores elogios da critica e do professorado, e figura no nosso balanço com uma primeira edição de 50.000 exemplares. É claro que, segundo a opinião dos technicos, comportará por anno uma edição do

vulto da primeira, sufficiente, pois elle só, para garantir a prosperidade de uma empreza. Cada exemplar nos custa 700 reis e deixa uma margem de lucros liquidos de 1$000. Temos ainda a entrar para o prélo dois novos livros didacticos do mesmo autor, com a approvação já garantida, e além disso varias obras de outros generos, como grammaticas, geographias, diccionarios, etc., em elaboração por profissionaes competentissimos e que constituirão uma futura fonte de renda de alta importancia.

PERSPECTIVA DO NEGOCIO

A industria livreira no Brasil só ve cores roseas no futuro, 1º) porque o papel baixa e o lucro do livro tende augmentar; 2º) porque o paiz se instrue e o numero de leitores ou consumidores de livros é crescente.

Com o regimen do papel alto – da maior alta jamais attingida pelo papel – o negocio editorial manteve-se com todo o vigor. Que dizer do seu futuro depois que a baixa se accentuar?

No regimen do papel alto o negocio editorial se resume no seguinte: comprar papel em branco a 2$000 o kilo e vendel-o impresso a 20$000 o kilo. Ha uma margem portanto de 18$000 em kilo, mais que sufficiente para cobrir as despesas de impressão, despesas de escriptorio, etc. e pagamento de direitos autoraes. Calculamos o lucro medio de um livro, quando haja direitos autoraes a pagar, em 100%. – Accresce ainda a circunstancia de que todas as industrias exploradas no Brasil é a do livro a que menos concurrencia apresenta e uma das que mais futuro possue. A prova está na fortuna que tem feito os livreiros apesar de explorarem apenas o mercado das capitaes.

O systema de diffusão organizado pela casa já impressionou o paiz e de todos os dias recebemos propostas de toda a parte, sobretudo do Rio, para novas edições. Isso nos permitte escolher e só editar obras de valor, de absoluto exito comercial. No exame dessas obras emprega os seus melhores esforços o socio Monteiro Lobato e a acceitação até aqui obtida pelas edições de sua escolha prova com exuberancia que já está perfeitamente senhor de todos os segredos do successo.

PROPOSTA

Para intensificar o negocio e realisar em toda amplitude o nosso programma editorial, ganhando tempo, lembramo-nos de augmentar o capital admittindo socios commanditarios. A casa gyrará sob a mesma firma, com o capital de 500 contos, assim descriminados:

Capital actual de Monteiro Lobato & Cia.	220:000$000
Valor do titulo da Revista do Brasil	30:000$000
(que não foi incluido em balanço)	
Valor pelo qual o socio Monteiro Lobato transfere a propriedade literaria de seu livro escolar e dos Urupês, Cidades Mortas, Idéas de Jéca, Onda Verde e Negrinha	50:000$000
	300:000$000
(NOTA: – Este valor é excessivamente baixo, porquanto só o livro escolar vale isso e já teve uma offerta dessa importancia de um editor desta capital)	
NOVOS SOCIOS	200:000$000
	500:000$000

[manuscrito; anotado no alto da folha: 1921(?)]

Dr. Neiva

Manekas não está. Ha dois mezes que afundou em Tubarão, nos sertões catharinenses, onde está realisando velhos projectos. Mas aqui guardei a encommenda do Gildo para a entregar quando elle ressurgir.

Aproveito a occasião para enviar aos pequenos as nossas ultimas edições infantis.

O negocio cresce. O movi^to^. deste anno alcança 150.000 volumes, tres vezes o nº de 920, que, no entanto, me pareceu enorme. Só Narizinho vendi ate agora 48 milheiros, em 10 mezes. A coisa vae como um Tank. Vamo-nos mudar para um armazem ao res do chão, rua S. Ephigenia.

Talvez surja por ahi de repente, por mar, de Santos onde vou passar umas ferias, e procural-o-ei.

Adeus. Abraços aos pequenos e

recomendação a sua senhora

do

Lobato

[Manuscrito]

S.P.º 24.4.922

Dr. Neiva

Recebi o resto. Muitissimo obrigado. Vamos remendar o monstrengo e na 2ª edição, se me permittir, poderemos accrescentar na capa que a parte da hygiene foi revista pelo Sr. Autoriza-me a isso?

Outra coisa: hontem, estando com o Fontoura[539], approximou-se o Reis e adheriu ao café. Contou-me que recebera carta sua, queixosa das viajens diarias a que o serviço em Manguinhos o obriga. Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito, e sobre o erro que o Sr. commette persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tiram partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia, montando um laboratorio ahi ou aqui, fazer uma carreira economica rapida. Não vê o Fontoura como está prospero? O proprio Afranio só no Fontoura já tira mais de um conto por mez, e disse-me o Fontoura que breve tirará duas, tres, quatro vezes mais. Porque o Sr. não pensa nisto? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta propria aqui em S. Paulo, p. ex. que clientela enorme não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa da victoria, porque provinda de iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho pª isso?

Lobato[540]

---

[539] Cândido Fontoura da Silveira (1885-1974), amigo e correspondente de Monteiro Lobato, inventor do famoso "Biotônico Fontoura".

[540] Neiva parece não ter gostado muito da sugestão de Lobato. Numa carta bastante polida, mas em que se percebe uma certa indignação, Neiva diria a Lobato: "Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Imensas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria, bem sei. Tal liberdade se faria no entanto à custa do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos, onde cheguei peregrinando qual novo Tannhäuser, e consoladoramente também vi o milagroso reverdecer do ressequido cágado que me acompanhava. Que se procura na vida, meu bom amigo? A felicidade? Essa, porém, eu a encontrei no lar. Minha companheira, os 2 filhos, algumas árvores, livros, música à noite: eis o meu paraíso doirado. A vida me tem sido áspera por vezes e periodicamente trago goles de fel que me fazem amargo dias seguidos, são vaivéns naturais do viver; mas até hoje, o meu lar tem sido o encantado ninho de sempre e onde me retempero. Quanto vale tal riqueza? No cinturão, guardo ainda um furo para quando a necessidade for mais premente." [Pasta AN C 18-06.21, documento de nº 16, datado de 08 de maio de 1922 (CPDOC/FGV). Trata-se de um rascunho escrito a lápis, com todas as idas e vindas da escrita. A versão transcrita acima recupera somente o texto não rasurado].

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO; anotado ao lado do vocativo: R – 24 – 5 – 22]

S. Paulo 20.5.922

Dr. Neiva.

Recebi uma carta sua, longa, e comecei a lel-a quando alguem me interrompeu. Foi um dia de muito movimento cá. Pois ha de crer que essa carta desappareceu de minha mesa, mysteriosamente? Dei uma busca em regra, repeti a busca – inutil. O Sacy, um espirito qualquer entrou cà e "soverteu" a carta. É assim que respondo à sua ultima para dizer esta coisa estranha – que a recebi, mas não fui alem das primeiras linhas.

O livro remendado vae sair com os remendos essenciais. Na segunda edição faremos a emenda integral e se o Sr. nos autoriza, poremos na capa – parte de hygiene revista pelo Dr. Neiva.

Mando-lhe algumas das ultimas edições nossas.

M Lobato

[Manuscrito]

S. Paulo 28.9.922

Dr. Neiva.

Recebi sua carta. Aquelas ideas bem que poderiam ser publicadas na Revista. Autorisa-me?

A idea do O. V. completa-se com a visão do nosso idealismo (veja revista deste mez). A organização é de clan – mas nunca se legislou tendo em vista essa formação. Ahi o mal. Leis, organisações importadas; nunca leis, organisações logicamente decorrentes da organisação natural que temos. A formação yankee foi muito diversa da nossa; surgiu della, logica, a forma de governo que lá existe. Nós tomamol-a a 15 de Nov. em vez de crearmos a nossa. Consequencia: temos dois governos, um formal, outro real. Em S. Paulo: legalte. o suffragio universal; realmente o suffragio [ilegível] de [ilegível] Directores, que é composta de delegados das familias poderosas ou de grupos de familias. Delegados de clans, portanto. O grande merito de O. V. pª. mim foi ter accentuado, assignalado a coisa nas Populações. Viu claro, sociologicamente, pela 1ª vez. Viu o que é. Porque é assim ate aqui, onde o progresso mais rapido vae modificando tudo. No norte as familias inda vivem no periodo de guerra. O cangaço é uma consequencia logica do regimen de clans. O regimen que nos conviria seria um regimen deduzido desse conglomerado de clans, que o norteasse, que o modificasse, que o transformasse; e nunca o de 24 de Fevereiro que nem por sombras attenta ao phenomeno. Resultado: só é possivel bom governo quando este se affasta da constituição e governa de accordo com as necessidades. Um governo rigorosate. constitucional seria o maior dos desastres.

A justiça, p. ex. não consegue implantar-se entre nós porque a organisação judiciaria não attende á nossa organisação social, de clans. Resulta disso que não são os juizes nem os tribunaes que distribuem justiça e sim os delegados dos clans. Juizes e tribunaes, no interior, sobretudo no Norte, recebem adeus. D'ahi a justiça politica, i. é. de clans.

Muito ha que debater neste assumpto, deveras interessante. Fica pª um dia de choppada.

Quando a viajem à Bahia? Que tristeza, diga a verdade por injuncção da consciencia... Os homens são inimigos da verdade. Só amam a mentira – e tem razão. É mto. mais linda... A esse que

andou pelo mundo dizendo: Eu sou a verdade, crucificaram-no e a posteridade o explora ate hoje. Os homens que dizem a verdade, hoje, não morrem na cruz, mas são repudiados, mal vistos. São como os excomungados medievaes. A verdade... O lugar della é o poço. E ai de quem a tira fóra do poço! Um conselho lhe dou: se quer paz, se quer ser feliz e querido dos homens, não diga a verdade. A verdade faz doer e os homens fogem e repudiam as coisas que causam dor. A grande sciência da vida, já me convenci, é mentir com arte. Triste, mas realidade pura...

Cá ficamos à espera das notas scientificas.

Do

Lobato

[Manuscrito]

S. Paulo 29. Set. 22.

Dr. Neiva

Recebi sua carta ultima. De facto, é preciso que nos institutos de sciencia haja só burocracia, e nada do ardor scientifico que caracteriza o Oswaldo Cruz para que não haja ainda prestado attenção no Maneco. Que magnifico [ilegível] de pesquizador dá elle! O que fez é sempre [ilegível] sem o mínimo fito de lucro. Se alguem lhe propõe pagar dº. para qualquer estudo, elle, se já o começou, o abandona. Só se dedica quando é coisa que só lhe dá dispendio, e lucro nenhum. Formoso, o Maneco! Hei de lhe mostrar a sua carta.

Li hoje o seu artigo sobre o francez. Optimo. Poz a questão nos verdadeiros termos: o mundo não pode deixar de ser francez, a verdade não pode deixar de ser franceza para quem só sabe francez. Para quem sabe mais uma lingua alem de francez, só metade do mundo e metade da verdade é que poderão ser francezas. E assim por diante. [ilegível]

Vá guardando os seus artigos que hão de dar um livro interessantissimo.

Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO; anotação no alto da folha: 1922 (?)]

Dr. Neiva

Recebi a sua carta. Não comprehendi um trecho "o Brasil é o paiz do livro brochado. Não será possivel fazer alguma edição encadernada?" É sim. E a prova é que damos todas as nossas edições em brochura e encadernadas, com um augmento apenas de 1.000 reis nestas.

Para o anno vou melhorar mto. a Revista. Coitada! [ilegível] à margem, emquanto nos occupamos dos filhos que ella gerou. Chegará a vez da respeitavel matriarca. E, por falar nella, não quer o Sr. tomar a seu cargo a remessa de um artigo mensal de revista scientifica? Como fez em tempos o Roquette? Se pode e contenta-se com a parca remuneração que podemos destinar a isso (50$) fica fechado o negocio, e pode começar desde já. Pª o anno vou pagar toda colaboração. E vou escolher um nucleo de escriptores dos mais interessantes.

Vae viajar! Que inveja! Eu nasci para "cometa" e a vida me fez urupê, grudado nesta S. Paulo.

O Firmin Costa nunca mais deus ares da sua graça. Vou escrever-lhe recordando o Dicc. Mando-lhe hoje a nossa ultima edição, sahida hontem. Quantas traduções dessas poderiam fazer!

Creio que so irei ate ahi quando a exposição estiver completa.

Agora acho tolice.

Leia no proximo nº o artigo do Oliveira Vianna. Luminoso!

Já notou que o Brasil sarou? que acabou o fogo, a malaria e tudo mais? É assombrosa esta nossa terra...

Lobato

[Manuscrito; anotação no alto da folha: 1922 (?)]

Dr. Neiva

Ja escreveu a 2ª chronica? Mande-a logo. Foi mto. bem realisada a primeira e aquela secção vae tornar-se a mais procurada.

Creio que me mudo para ahi este anno ainda, fundindo a casa Leite Ribeiro na nossa firma. A coisa cresce. O balanço de Dezº. de 1921 accusou um activo de 403:000$000. O de 30 de Out. deste anno accusou 1.155:000$000. Bonito, não? Que pena, não ter-se associado connosco, naquela occasião!

Junto aqui um artigo onde ha referencia ao seu nome, e que peço devolver pois é unico.

Adeus. Ate por ahi

Lobato

[Manuscrito; anotação no alto da folha: 1922/1924 (?)]

Dr. Neiva

Recebi a sua de 11, com o cap. Ancylostomo. É só o que tem a corrigir? Inda não contei pª. o autor as emendas, apesar da insistencia delle. Receio que queira discutir, chicanear – e para evitar isso mostrar-lhe-ei a coisa já reimpressa.

Estamos na casa nova, Gusmões 70, um casarão onde reunimos tudo, officinas, escriptorio, redação, encadernação etc. Já dá o aspecto dalguma coisa...

Fico esperando a sua resposta para mandar ao prelo o monstrengo remendado.

Do

Lobato

[Manuscrito; anotação no alto da folha: 1922/1924 (?)]

Dr. Neiva

Recebi suas duas cartas e venho agradecer a boa vontade e presteza com que attendeu o meu pedido. Vamos concertar o aleijão quanto antes e recolher alguns exemplares sahidos para que, por culpa nossa, não se propaguem asneiras.

Quanto ao livro com os seus artigos do Estado, creio que deve desde já ir arrumando-os. Podemos lançal-o logo. Actualte. estamos de mudança, novamente, agora pª. um grande predio à rua dos Gusmões onde cabe tudo, officinas inclusive. La pelo dia 15 pretendo estar na nova séde e então veremos o seu livro. Já pensou no titulo? É um caso serio!...

Quando escrever-me dirija para Cx. 2-B, que me fica mais comodo.

É só, por emquanto, e reiterando os nossos agradeci[tos].

com um frio [ilegível]

aº sincero

Lobato

[Manuscrito]

S.Pº. 8.3.923

Dr. Neiva

Que silencio é esse? Os leitores estão reclamando contra a interrupção das suas notas scientificas. Se vier algum já, dá tempo de pegar o nº. de março. O de fevereiro está a sair, tendo ficado em atrazo devido á grève que só hoje terminou. Um mez e meio de grève! Que coisa horrivel! 50 officinas paralizadas! Feliz[te]. está passada a crise.

Já assumiu a direção do Museu[541]? Não me esqueço dos museus que já vi... Logo que for ao Rio hei de passar um dia no museu para vel-o com suas explicações. E como sou actualmente contratado de La Nación[542], farei para ella um artigo a respeito.

Não tenciona apparecer por cá?

Adeus. Venha a chronica. Quando quizer receber os arames, diga.

Do

Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO; anotação no canto superior esquerdo, sobre parte do timbre: Particular]

S.P. 11.10.923

Dr. Neiva

A Revista tem ido pª. rua S. Vicente 29 e a deste mez deve estar em caminho, se já não chegou. Diga-me qual o nº que falta.

Está às suas ordens o dº. das chronicas. Mas quantas são? A 1ª sahiu em Outubro; a 2ª em Novembro. Dahi para cà perdi a conta e como varios numeros se exgottaram, é mais facil o Sr. verificar ahi.

E mande dizer se quer que faça o pagamento aqui a alguem ou que remeta a importancia.

Pode continuar. Os leitores tem estranhado a sua ausencia. Uma revista franceza commentou a sobre a freira, não viu?

Adeus.

Lobato

[anotação no verso]
Nov – Café _
Jan – Soror Mariana
Março – Mal de Cadeiras _
Out – Sciencia na Russia

---

[541] Arthur Neiva foi diretor do Museu Nacional de 1923 a 1926.
[542] Jornal diário argentino, fundando em 1870.

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

S.Pº. 12.11.923

Dr. Neiva

Conjuntamente com sua carta recebi as revistas e aqui lhe dou os parabens pelo heroismo. Não ha heroismo maior do que esse: manter revista de alta cultura nesta amaldiçoada terra onde o horror pela leitura é mal que cresce, sobretudo nesse Rio de Janeiro tão mais merecedor do que Tokio dum Terremoto calibre 420. Todos os males do Brasil vem do Rio, o monstruoso cancro que tudo devora e corrompe. Já reparou que é o Rio esse caso espantoso de parasitismo?

Vim dar ordem à gerencia para lhe mandar pagar ahi os 250$000 e para o anno vamos ver se o Dr. se faz mais assiduo e dá uma por mez.

A tal revista franceza (La Revue Mondiale 28, creio) resumiu a sua chronica na secção correspondente à nossa Resenha. Mas perdi esse numero.

[escrito na lateral do papel]
Do
Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO; anotação no alto da folha, entre o timbre e o vocativo: R – 1 – 1 – 24]

Dr. Neiva.

Recebi sua carta e dou-lhe os parabens pelo folego que está introduzindo no velho museu burocratizado. Nem podia ser por menos, já que o Sr. é dynamo.

Mto. interessante o artigo de Childe. Hoje quem dirige a revista é o Paulo Prado e vou passar a elle a coisa. Eu sou della apenas um occasional leitor apressado. E isso porque os negocios absorvem-me todo o tempo.

É verdade o [ilegível] do W. Ahi vae um prospecto. Se quizer entrar aproveite. Ficamos os leaders da industria editorial no Brasil. E ahi pe que vamos fazer o bonito!

Do
Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO; anotação no alto da folha: 1923/1924 (?)]

Dr. Neiva.

Em Junho irei visital-o com Maneco e conversaremos largamente, à moda velha. Esta vae para lhe pedir a chronica deste mez. Estamos matando o atrazo determinado pela greve[543]. O nº de março está sahindo.

Do
L.

[543] Lobato deve estar se referindo à greve dos gráficos, iniciada a 07 de fevereiro de 1923, que durou 42 dias.

[Manuscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R – 21 – 2 – 24]

Dr. Neiva

Recebi o Omar traduzido e já passei-o aos regentes da Revista.

No ultimo nº da The National Geogr. Magazine encontrei este [ ] que lhe deve interessar, relativo ao [ilegível]:

"One of these royal feather cloaks now in the Bishop Museum at Honolulu is valued at one million dollars; 100 years were required to make it, as only the feathers of a rare bird, the manus, could be used. These feathers are almost as delicate and slender as the hair from the human head. Only a single feather under each wing of the manus possessed the requisite color, texture, and length for the royal cloak. The birds were caught by a glue spread in trees, and after the two feathers were removed from the captive – one from each wing – it was set at liberty to raise another crap of feathers"

Assigna isso Gilbert Grosvewn, editor do Magazine.

Do

Lobato

[Datiloscrito]

N. Y. 9 Set. 27

Dr Neiva

Acabo de chegar de uma excursão de 660 milhas por estas estradas, não só maravilhosas como unicas, e por toda a viagem vim lamentando a ausencia de um companheiro de commentario da sua força. Tanta gente conheço ahi no Brasil, tantos amigos tenho – mas quando vejo certas coisas só de um me lembro...

Que estrads, que culturas, que gado, que cidades, que riqueza generalisada que povo immensamente feliz! Nem um pobre pelo caminho a pedir esmola pelo amor de Deus, nem um estropiado, nem um esfarrapado. Todos felizes, todos nos seu job bem remunerado. Isto é positivamente um assombro. Leio o Times e vejo na grande Inglaterra mais de um milhão de semtrabalho pesando nos encargos do estado. Vejo a Allemanha arcando com terriveis problemas , vejo a França a bracejar, vejo por toda a parte o eterno quadro da miseria ao lado da riqueza. Mas aqui vejo todos os problemas resolvidos e uma media de felicidade individual que nunca nenhum sociologo julgou possivel. É positivamente o primeiro paiz que acertou a mão na sciencia do viver collectivo.

Philadelphia, que colosso! Estive no Museu Commercial vendo a secção brasileira, bem arranjadjnha mas dando a impressão de uma das muitas "nações coloniaes" que ha pelo mundo. So vi lá, errado, um vaqueiro do Norte, mettido em roupa de couro e de tamanco. O distico o dá como gaucho. Vou escrever ao director para endireitar a coisa.

No caminho passei por Glenholden e estive com o Affranio. Acho que é a sua maior conquista, pois foi o Sr quem o encaminhou na especialidade actual. Muito intelligentemente feito o serviço e com melhoramentos que hão de aproveitar a Butantan quando elle for dirigil-o.

Neste ponto de vista vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar da sua mentalidade. É o caso perdido que eu já suppunha ahi. Para cural-o era preciso uma campanha tremenda que o convencesse de 4 coisas. 1) Que não é um paiz novo como os jornaes e todo o mundo vivem a proclamar, e sim um paiz dos mais velhos do mundo. Idade se conhece pelos signaes da acção do tempo no organismo, rugas, cabellos brancos, arterio-esclerose etc e não vejo povo que apresente mais destas coisas. Herdou em 1500 a decrepitude de Portugal e aperfeiçoou-a a ponto que importa portuguez para romçar o sangue. 2) Que o que o brasileiro chama intelligencia é uma coisa muito velha no mundo e conhecida por burrice. Somos immensamente burros, tão burros que não nos apercebemos disso. Inda não vi um jornal daqui falar na intelligencia do americano. No dia em elles descobrirem que são intelligentes é possivel que comecem a desandar a emburrecer, do mesmo modo que no dia em que nos convencermos da nossa burridade hereditaria é possivel que comecemos a ficar intelligentes. Sempre o nosce te ipsum. 3) Convencer-se que é pobre, talvez mesmo o mais pobre de todos os paizes pobres do mundo, pobre de pedir esmola a quanto povo souber ganhar e juntar dinheiro. Essa convicção será o primeiro passo para o enriquecimento. 4) Convencer-se que é um doente. Neste pormenor vejo uma doença nova que ahi não me chamou muito a attenção: paralysia. Um paiz onde um sujeito para ir de um ponto a cem milhas de distancia precisa, salvo honrosissimas excepções, montar num nosso irmão cavallo e gastar 150 horas da sua vida é positivamente um paiz paralytico. O americano faz essas 100 milhas com o dispendio de 2 horas de vida.

Será possivel mudar a mentalidade da nossa gente em tantos pontos? Em Washington, antehontem, em casa do Commandante Villar, li um Jornal do Rio onde vinha, na primeira pagina, em letras garrafaes, esta belleza de hortaliça lidimamente luzitana: "0 governo esvasia o thesouro para que o sr. W. possa almoçar no Rio e ir Jantar em S.Paulo". Como provar para o gallego carioca que o segredo da prosperidade americana é justamente poder o Coolidge, e atraz delle qualquer outro cidadão,almoçar em Washington e poder ir jantar no inferno? Eu quando vejo essa carroça de lixo – Imprensa Brasileira – a intitular-se alavanca do progresso e a condemnar a abertura de estradas tenho vontade de extirpar-me da brasilidade pelo resto da vida. É demais. Ganhar do portuguez em burrice é demais...

Vae a tanto essa estupidez que não me sinto com animo de mandar um só artigo para ahi, apezar de andar com a cabeça atulhada de coisas. Fique o burro com as suas orelhas e rabos.
Minhas relações com o Ford estão rendendo. Vae elle receber-me em Dearborn em Outubro. Já mandou-me dizer. E para o Brasil vae talvez render muito. Imagine que fiz relações com Mr Smith, o homem que ha 20 annos dirige a metallurgia da Ford Motor. Carta vem carta vae, tive uma entrevista com elle, na qual me expoz a grande descoberta siderurgica feita lá – um processo de reduzir o ferro inteiramente revolucionario. Desde que se descobriu o ferro, o meio de extrahil-o do minerio era sempre o mesmo: fundir o minerio. Ora isso exigia uma temperatura tão alta que só os povos ricos em carvão podiam obter ferro em condições industriaes. E nós estavamos com o problema siderurgico mettido num impasse: sem capitaes proprios para montar os carissimos fornos de produzir alto calor e sem animo de entregar essa industria a capitalistas de fóra. Mas 'mesmo nesta hypothese não obterimos ferro em condições economicas porque teriamos de importar o coke para agente reductor. Donde, se creassemos a industria com dinheiro dos outros, necessidade de proteger essa siderurgia com taxas contra o ferro importado. Quer dizer teriamos ferro caro – e só o ferro barato é ferro que presta.

Mas na Ford Motor, depois de milhares de experiencias, Mr Smith chegou a um resultado imprevisto. Creou um typo de forno muito maneiro (tão maneiro que pode ser transportado de um ponto para outro, conforme as exigencias das jazidas) Esse forno trabalha com metade do calor necessario aos altos fornos e não funde o minério; transforma-o em uma massa esponjosa, friavel, que se reduz a pó facilmente e da qual o ferro é extrahido por separação magnética. Como agente

reductor cessa a necessidade de coke. Qualquer fonte de carbono serve, madeira, bagaço de cana, turfa, schistos, linhites, residuos, liquidos hydrocarbonado. Tambem qualquer qualidade de minerio se presta, qualquer oxydo – até a terra roxa de S. Paulo... A installação exige muito menor capital e o ferro sahe pela metade do preço. Confessou-me elle que o processo vae mudar a actual situação de dependencia de um paiz para com outro em materia siderurgica. O Canadá, por exemplo, que tem minerio e não tem carvão, vae libertar-se dos Estados Unidos. Esse processo não foi divugado pela imprensa por que, diz elle, "as grandes coisas que nós fazemos aqui se resolvem entre os leaders da industria e da technica antes que o povo venha a saber para evitar-se o "criticism" da imprensa e outras cousas. Porisso limitou-se elle a communicar o seu processo á Allemanha, Japão, Italia e outros governos e tambem aos Krupps desse mundo afóra. Vi com elle cartas do Krupp denominando de revoluciorio o processo e de consequencias imprevisiveis para o mundo.

Mr. Smith houve por bem dar-me a descripção completa do processo com todos os desenhos do forno, dizendo: "O Brasil pode agora resolver sozinho e com os seus proprios recursos a sua siderurgia. Aconselho-o a não metter nessa industria capital estrangeiro. Um paiz deve ser o dono exclusivo do seu ferro porque vae nisso o interesse primacial da sua defeza."
Que mentalidade! Elle quer que todos os povos se aproveitem da sua descoberta e está propmto a ensinar quanto engenheiro metallurgista o nosso governo manda tratar com elle. Mas só o fará se vierem moços. Tem horror aos velhos, isto é aos homens de idéas já ankilosadas e convencidos que sabem tudo. A mesma idéa do Ford a respeito dos "peritos".
Já dei parte de tudo isto ao presidente e estou á espera de que elle comprehenda o alcance do caso.
Adeus, meu caro Dr Neiva. Lembre-se que estou aqui e dê as suas ordens

ao

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, entre a data e o vocativo: R 19/3/28]

New York, 26,12,927

Dr Neiva

Em boa hora toquei naquelle caso da metallurgia na carta ultima que lhe mandei. A communicação que fiz ao governo acompanhada da descripção do processo e desenhos do novo forno... ficou sem resposta. Nem sei se chegou a destino. Mas a idéa do Dr Uchoa vem salvar a situação. Imagine que eu já andava envergonhado com Mr Smith e sem saber como explicar-lhe a ausencia de resposta. Cada vez que elle passa por N.Y. telephona-me: "Então?" e eu sou forçado a responder "Nothing..."

Mr. Smith é a alma metallurgica da Ford Motor – homem muito rico, technico dos que operam milagres e ainda um benemerito. Quer que todos os paizes se benefeciem com o seu processo e tem prazer em instruir nelle os interessados. Logo que recebi a sua carta de 30 de novembro escrevi para Detroit e a boa resposta que obtive aqui vae inclusa. Creio que o dr Uchoa vae acertar a mão definitivamente com a sua metallurgia. Para mil coisas a grande escola do mundo é hoje a Ford. Até Krupp e a Steel Corporation para lá mandaram seus mestres. Tempos atraz estive com Mr Smith no dia em que elle veio de Detroit para receber o grupo de engenheiros que a Krupp mandou para cá especialmente para ver com os olhos a maravilha de obter ferro com metade do calor necessário até aqui.

Logo que o Uchoa Filho marque a viagem será bom que ne telegraphe por que vapor vem afim de que possa avisar Mr Srmith. Elle vae ficar encantado com a sinceridade e gentileza de trato da gente da Ford. São uns homens extraordinarios em tudo.

Isto aqui continua a 100 milhas por hora e sem paradas de repouso. Hontem li um artigo que Lord Rothermere, que está aqui, mandou para a Inglaterra, avisando a orgulhosa Britannia de que é tarde para luctar com a ex-colonia. Diz elle: "Out of the forty-eight States that make up tht Federal Republic, one group of three – New York, Pennsylvania e New Jersey – alone possess more wealth than Britain".

E nós a dormir, a não tirar o minimo partido não só das lições como de innumeras opportunidades commerciaes com que o colosso nos acena... Sabe qual o maior obstaculo que eu pessoalmente tenho encontrado? Receber resposta de cartas...

Adeus, caro amigo. Faço votos para o dr Uchoa não volte atraz da grande idea que teve e que disso resulte a grande cousa que eu estou certo vae resultar

Do

Lobato

[Datiloscrito]

New York, 10-4-28

Dr Neiva,

Bem feito! Quem o mandou desconhecer a terra onde mora até esse ponto? Já que descobriu a formula de que é preciso adivinhar, porque não adivinhou que dentro de todo brasileiro ha um mineiro miudo, mesquinho, malevolo e desconfiado?

Quando vi no Estado a nota a respeito do processo Smith, confesso que esfriei. "Temos encrenca," pensei commigo. O brasileiro, que no fundo não passa de portuguez degenerado, não comprehende os Estados Unidos, não acredita nelles, a ponto de ter inventado a definição classica que só define o definidor: "Aquillo é um bluff." Bluff quer dizer uma coisa que parece que é mas não é. o Woolworth parece que tem 58 andares, mas não tem, é mentira. O Ford finge que faz tantos mil carros por dia, mas não faz. O Rockfeller banca o beifeitor do mundo, mas não é nada disso. Tudo mentira, exagero, bluff. Ora, com taes portuguezes quem se mette sae mijado, e porisso eu limitei-me a mandar o relatorio de Mr Smith ao Washington, já que o autor queria que eu o transmittisse ao governo, e não piei a respeito em jornaes nem para ninguem, excepto, incidentalmente, na carta que lhe escrevi. Mas o seu ardod patriotico (que a derrota de Ruy não foi sufficiente para curar) deu publicidade á coisa – e veja como já está se aborrecendo. No Brasil só não se aborrece o egoista que só cuida de si e nina-se para o resto.

É tão mesquinha a nossa imprensa que já appareceram naquelles piolhentos jornaes do Rio varias coisas attribuidas a mim, opiniões, phrases, etc – que eu nunca tive nem comuniquei a ninguem. Até em telegramma já vi uma opinião minha sobre o Instituto do Café, instituição da qual estou virgem de idéas.

Mas eu não me admiro do brasileiro não comprehender o phenomeno americano, quando vejo a mesma incomprehensão por parte dos europeus. Estados Unidos estão na berlinda. Não ha assumpto mais estudado e debatido hoje. Depois que elles arrancaram varios sceptros da Europa, a infallivel, e está em via de arrancar outros, senão todos, ha uma furia de

estudar este mamute inedito no mundo e abherrante de todas as fôrmas por onde se moldavam paizes. Francezes, inglezes, allemães, slavos, não ha quem não venha ver de perto o bicho e não escreva tratados tendentes a provar que isto vae mal, que isto rebenta, que isto não pode ser, que isto é um absurdo. Os francezes, sobretudo, revelam-se crueis e não perdoam a America o não ter... patina. A grande cousa da Europa é a patina que o tempo lhe deu. Como fruta madura que é e já quasi podre, tem o sabor requintado das frutas maduras, e tem os corados lindos da maçã e o perfume; em summa, a patina da idade. E como os Estados Unidos não podem ter isto, porque não teem idade para isto, riem-se e ironisam. Mas o collosso segue o seu caminho e vae vencendo uma por uma todas as suas batalhas e ficando na situação menos de um paiz no mundo que de um mundo dentro do mundo. Elle sozinho já consome 3/4 da borracha produzida, 2/3 da seda, 1/4 do assucar. O ouro do mundo já se mudou para aqui. A Broadway, rua de 18 milhas, tem a propriedade predial que a bordeja avaliada em 7 bilhões de dollares. A riqueza do Brasil é de 10 milhões de contos. Quer dizer que o Brasil vale a setima parte da Broadway. Segundo um recente artigo que lord Rothermere só tres estados americanos, New York, New Jersey e Pennsylvania já excedem a Grã Bretanha em riqueza.

Ora, o paiz que fez isto em tão pouco tempo e em vez de dormir sobre os louros está mais que nunca trabalhando para se aperfeiçoar sob todos os aspectos, não pode mesmo ser comprehendido ou pelos velhos paizes cacheticos e sclerosados ou por paizes que nasceram errados ethnicamente e cumprem o destino do dictado do quem nasce para dez reis não chega a vintem.

Deversos amigos me dizem: Porque não escreve suas impressões? E eu respondo: Porque é inutil e seria cahir no ridiculo. Escrever é apparecer no tablado de um circo muito mambembe, chamado imprensa, e exhibir-se deante de una assistencia de moleques feeble-minded e despidos da menor noção de seriedade. Mulatada, em summa. Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. "Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil." Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivessemos ahi uma defeza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estariamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva.

Mas... voltemos ao nosso caso. Vou lhe mandar a copia que conservei do processo de Mr Smith. Não deve estar pura de deslises porque o meu secretario não é forte em copia fiel, mas serve. Não pude conservar copia dos desenhos e plantas, mas o texto está completo. Essa copia está com o dr Fortunato Bulcão, um capitalista brasileiro interessado em metallurgia e ora aqui a negocios. Já lhe pedi que a remetta para a rua Florisbella. Tambem vou escrever a Mr Smith pedindo mais informes, e com muita habilidade, pois preciso esconder a razão: o Brasil tel-o como um novo ramo do bluff americano. Sei que elle incorporou uma grande companhia para trabalhar ferro pelo seu processo e a ultima carta que delle recebi já vinha em papel da nova empreza. O processo delle não é um processo theorico ou ainda em estagio experimental de laboratorio. Seu forno funcciona na Ford e quem sabe se o Uchôa e outros incréus já não viajaram por ahi em fordecos cujo metal foi obtido no forno Smith?

Acho óptima a sua idéa de americanizar o Arthurzinho. Elle vencerá aqui, ao passo que na Allemanha terá de arcar com a sua quota de derrota ambiente. A Allemanha está em excesso handicaped – alem do handicap europeu, commum a tudo que é europeu, o handicap allemão, consequente á guerra. Aqui elle se beneficiará com a quota, de victoria ambiente. Caminhará sur des roulettes, sobre mancaes de bolinhas. Cada vez que vou ao Gimbel ou ao Macy e passo de um floor a outro, utilizando-me da escada que sobe em vez de ser subida, sinto que está alli

a imagem da América. Parado, immovel, subo; se estou com excesso de energias e impaciente, sommo a minha subida muscular com a da escada e chego ao topo em metade do tempo. Quero dizer que neste paiz quem corre, chega ao destino com uma rapidez fulminante. Quem não gosta de correr, porque é comtemplativo, tambem chega, em mais tempo mas chega, porque o paiz o conduz. No Brazil (excluindo um bocado S. Paulo) a escada tambem não é fixa, move-se – mas para baixo. Quem quer chegar tem que fazer cabriolas incriveis e não raro desanda e racha a cabeça, como eu.

Não conheço o temperamento do seu filho. Mas se elle tem algo da abelha e admira a colmeia e é futurista, isto é, olha mais para a frente que para traz ou para o presente, ha de dar-se maravilhosamente bem aqui. Ou melhor, se é moço. Terra de mocidade, onde até o Rockfeller e o Ford são perfeitamente moços, quem nasceu moço encontra aqui a sua verdadeira patria mental e moral. Mas se nasceu velho, se gosta de ficar com o olho parado num muro velho, e contemplar ruinas e ver lagartixas subindo sobre pedras limosas de um castello onde em 1123 um conde normando matou um barão do Poitou, então que vá para a Europa.

Recebi o seu livro e vou lel-o com o prazer com que sempre leio coisas pensadas – genero tão raro nas nosas letras. Adeus. Quando tiver outras novidades de Detroit, escreverei. Muitas lembranças ao famoso rebento e recommendações á sua senhora.

Do

Lobato

[datiloscrito; anotação no alto da folha, entre a data e o vocativo: R 6/11/28]

N.Y. 16, May,28

Dr Neiva,

Tudo em andamento. Como o governo não se mexeu, resolvi fazer as vezes delle e resolver tudo pela minha cabeça. O Dr Bulcão volta a 19 com todo o plano organizado. Dei ao presidente da General Reductions Corporation os nomes que me pareceram idoneos para constituir a comp. brasileira – e está claro que escolhi pessoas que conheço. Sampaio Correia, Victor Konder e Bulcão, pelo Rio e por S. Paulo Navarro, Macedo Soares e um Prado. As razões com que justifiquei esses nomes foram approvadas por Mr Smith.

Imagine só isto. de 910 a 926 este paiz produziu 587 milhões de tons; a Allemanha 208; a Inglaterra 151; a França 73. Nesse mesmo periodo o Brasil produziu... 260.000 tons e comprou fóra seis milhões e meia. Veja como estes algarismos explicam tudo – a nossa miseria, a grandeza americana e a resistencia da Allemanha na guerra.

Pelos calculos que aqui foram feitos o Brasil poderá produzir aço por menos de 100 o kilo e passar de importador que é a exportador. Os proprios E.U. são importadores de certos typos de aço, sobretudo suecos, pagando-os de $400 dollares o kilo a $40 doll. a ton. Smith provou que temos minerios e condições para produzir desses aços.

Entre os materiaes reductores, substitutos do coke, entram ainda ossos, residuos animaes, sapatos velhos e restos e raspas de couro, roupa velha – em summa, lixo. So no lixo que o Rio bota na Sapucaia ha material para reduzir ferro na quantidade que o Brasil está consumindo hoje. Agora espero a palha de café que mandei vir. Será a ultima experiencia.

Coisa notavel: a siderurgia por este novo processo vae ser a primeira industria legitima, não de tarifa ou favores officiaes, a estabelecer-se no Brasil...

E, portanto, consequencia logica: vamor ter um novo imposto, o imposto do ferro. Tantos reis por cada kilo reduzido! Escreva. O que fizeram com o café farão com o ferro, escreva.

O Ford já anda tonto com a Amazonia. Hontem estive com o "executivo" que tem a seu cargo as actividades no Tapajós. Está atrapalhado com as encrencas da alfandega. É um cipoal horrivel, cheio de exigencias mais absurdas, anachronicas e difficultadoras dos menores movimentos. Foram só facilidades no começo, quando se tratava de atrahir para lá o homem. Agora que o trouxa metteu a mão na engrenagem, toca a esfolar, a aporrinhar. E como o único meio nesses casos e correr gorgeta e o Ford é por principio contrario a essa lubrificação, não me admirarei se elle o fóra.

A minha única esperança é que o ferro concerto tudo isso, com o tempo. Ferradura. E forjada por mr Smith – ferrador, ferreiro.

Guarde estes informes para seu uso pessoal. Digo-lhe isto porque sei como comprehende o alcance destas coisas e como vae ter uns felizes momentos de sonho, pensando no futuro paiz ferrado.

Lobato

[Datiloscrito]

New York,5,April,29

Dr Neiva,

Recebi a sua carta de 4 de Março com a opinião do Pires do Rio[544]. Guardei-a para mim. Fosse eu indiscreto e a soltasse e teriamos uma crise scientifica neste paiz. Pires deve saber o que diz. O pobre do nosso William Smith deve estar a fazer asneira. Talvez de tanto ferro que tem fabricado. Só na Ford o pobre homem dirigiu a fusão e o tempero de seis milhões de toneladas. Ficou com os miolos em pandarecos e está sendo troçado por um cerebro fresco como o do nosso eminente metallurgista de Guará, que nunca derrreteu nem uma grama.

Sempre o portuguez! Está muito fresco dentro do brasileiro. E dentro do Pires está bem alerta ainda.

Outro dia deu-se cá um incidente curioso que revela admiravelmente o que é o mondrongo. Um rapaz de Minas, que mora aqui e dedica-se ao comercio de madeira, apresentou proposta de fornecimento de dormentes de massaranduba á Pensylvannia Railroad. Essa estrada resolveu estudar a madeira e durante tres annos conduziu experiencias de numerosas essencias, entre as quaes a massaranduba do Pará. Ao cabo verificou que tal madeira dava um dormente optimo, pois as experiencias foram completas e engenhosas, como lá sabem elles fazer. E em consequencia resolveu iniciar o emprego da massaranduba nas suas linhas, pedindo, para começo de negocios, uma remessa de cem mil. O rapaz de Minas ficou satisfeitissimo e soltou telegramma fazendo o pedido ao gallego do Pará que lhe havia fornecido a madeira usada nas experiencias. E

[544] José Pires do Rio (1880-1950), engenheiro, chegou a ser Ministério da Viação e Obras Públicas, de 1919 a 1922, na presidência de Epitácio Pessoa, prefeito da cidade de São Paulo, de 1926 a 1930, e Ministro da Fazenda, de 31 de outubro de 1945 a 31 de janeiro de 1946, na curta presidência de José Linhares. Para sua biografia, *v.* MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, p.529-30.

ficou a esfregar as mãos e fazer a conta da linda commissão que ia apanhar. Sabe qual foi a resposta do gallego, do Pires do Pará? "Não acumselhamos u emprego da massaranduba para durmentes de estradas de ferro".

Pires do Pará, Pires de S. Paulo, Pires do Rio, exemplares preciosos, inda não estudados, dum elo anthropologico talvez mais precioso que o Pithecanthropo de Java: Mondrongo Erecto. Meu caro doutor Neiva, o nosso caro Brasil é mesmo a terra para qual só o Maneco descobriu o remedio proprio (15 dias de terremoto e 15 dias de chuva de adubo humano – e toca a começar outra vez). De longe é que bem se apprehende que caso perdido. O que se dá com este caso do ferro é espantoso. Está um formigamento em torno de Mr Smith e seu processo. Sua fabrica de demonstração em Detroit virou uma pequena Mecca. Todos os interessados combinam, tramam, tomam posições. Varias fabricas de ferro deste paiz pelo systema do alto forno estão secretamente construindo os fornos Smith para aproveitar as vantagens que a economia do processo lhes dará antes que de todo se generalise. Sei duma de 500 tons. diarias na costa do Pacifico e mais tres no estado da Pensylvania. Outras novas se constroem. Tudo febrilmente e com reservas terriveis, pois é o negocio dos negocios explorar um artigo antes de toda a gente se metter nelle.

Nós dormimos. Nós scepticizamos. Nós troçamos. Nós Piresdoriosamos. Fazemos pilherias.

Hontem estive duas horas com Mr Smith no hotel Belmont. Sempre que vem a New York me chama para almoçar com elle. Deu-me duas briquettes do ferro que fez com o minerio de Minas que lhe forneci, reduzidas com casca de babassú e com esta inscripção "Ferro Brasileiro – Abril de 1929 – W. H. Smith – Monteiro Lobato". Constituem hoje o meu pesa papel no escriptorio.

Depois mostrou-me o parecer que na Allemanha a repartição de patentes deu sobre o seu processo, já patenteado lá e em mais 17 paizes. Um relatorio de orgulhar um inventor, que conclue assim "este processo constitue realmente uma invenção". Mostrou-me a ultima carta recebida do director da Krupp, que esteve cá especialmente em fins do anno passado para estudar o seu processo. Essa carta deixa entrever que Krupp está tão interessada no processo como o seu inventor. Fala das installações que estão fazendo e da próxima volta para Detroit desse Director, Mr Bhrun, para novas negociações.

Smith está enthusismado com a Allemanha. Diz que dá gosto lidar com os maravilhosos technicos que ella possue. Para proval-os em vez de uma extensiva exposição do processo mandou a formula que a titulo de curiosidade eu copiei para remetter ao Brasil e ponho nesta um exemplar. Presente ao Arthurzinho, que um dia saberá comprehender a "belleza Ernsteiniana que encerra e só homens da estatura de Smith e seus allemães pescam. Pois bem: não foi preciso mais. Os allemães se enthusiasmaram com a formula e revelaram uma tal comprehensão de todas as suas illaçoes que Smith, que estava de viagem para lá, para esclarecel-os, desistiu. Consequencia: Smith está em lua de mel com os allemães e aborrece-se quando tem de lidar com outra gente menos bem apetrechada em technica.

Achei-o desinteressadissimo do Brasil. Acha que ainda é cedo para cuidarmos de metallurgia. Que sem cultura não pode haver metallurgia. Que inda estamos em pahse colonial, de vender nosso minerio para que outros o manipulem.

Receio muito uma coisa: que Bulcão não consiga levantar capitaes para installar sua fabrica no Brasil. Está muito desajudado. Tem contra si a ignorancia nacional e uma coisa ainda peior, que é a sciencia nacional era pires que ahi abunda e sentencia. Tem contra si o desinteresse de Smith. E tem contra si o interesse que este paiz e Allemanha teem em que o Brasil não tenha metallurgia e continue escravo da importação de ferro. O caso é muito serio e infelizmente o unico homem no Brasil capaz de comprehender a situação e aparar o golpe não está ajudado pelo governo nem tem atarz de si a força financeira necessaria. Esse homem é o Bulcão.

Estou de dentro no caso, a acompanhal-o com todos os olhos abertos, os do corpo e os da intuição. Estou vendo, estou assistindo um reajuste da siderurgia no mundo, com base na "invenção" de Smith. Estou vendo a conspiração dos velhos paizes até aqui donos da industria do ferro no mundo para que não entrem outros na canoa. O perigo seria o Brasil, mas Smith que a principio estava ou parecia muito interssado em metter o Brasil na dança, parece-me hoje frio e mais inclinado a não perturbar o systema planetario metallurgico existente. E como o eterno bobalhão do Brasil está cooperando para que tudo saia como estes espertissimos industriaes desejam!

Já estou me desinteressando do caso. Apenas o acompanho por curiosidade. No jogo industrial do mundo ha sempre um trouxa que fica com as cartas na mão. É o burro. Mais uma vez o burro vae ser o Brasil. Burro de pires na mão.

Tenho feito alguma coisa no meu campo. Vendido alguns contos para magazines e estou em vesperas de um bom contrato editorial para livro infantil. Alem disso estou na eminencia de tirar duas patentes que, na opinião do advogado que está handling o caso, podem dar fortunas. Quem sabe? Tudo é possível nesta America de todas as possibilidades.

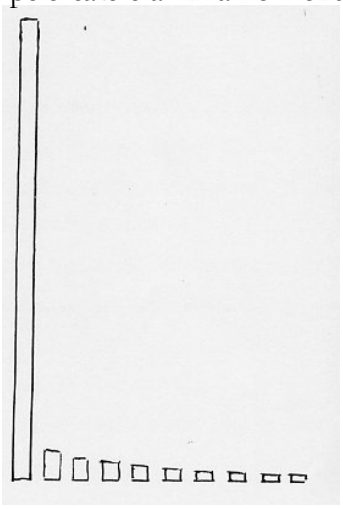
O Arthurzinho dará tacada se estudar metallurgia e fizer um remate de curso com Mr Smith. Elle só toma alumnos que já vem doutores pelas altas escolas. Apezar de millionario esse homem tem paixão por ensinar o "que só elle sabe".

Talvez este mez saia na Iron Age uma exposição do processo Smith por uma das grandes autoridades deste paiz, Mr G. B. Waterhouse, do Isntitute of Technology, de Boston. Só agora Smith vae soltar a coisa, porque só agora concluiu o processo das suas patentes pelos 17 paizes que o interessam. A razão do silencio das publicações technicas a respeito do caso era essa – necessidade de cobrir a invenção no mundo inteiro.

Maneco sumiu da minha correspondencia. Perdi o endereço delle. Se o tiver será favor mandar-me. Respeito muito o Maneco, como o inventor da única formula razoavel de endireitar nosso paiz. Um dia terá estarua – depois do terremoto e da chuva.

Meus parabens pelas laranjas. O café me parece em perigo e quem pensar e antecipar-se no cultivo dalguma das coisas que o tem de substituir dará tacada.

Acho a nossa situação economica muito perigosa. Tenho deante dos olhos um graphico da nossa exportação que figura um perfeito L, a linha vertical formada pelo café e a linha horizontal pelos outros pruductos. Aqui a reproduzo.



Está pois toda a vida do paiz a equilibrar-se numa perna só, como os jaburús quando philosopham. Qualquer crise nesse perna porá abaixo o bicho e a crise se approxima. A politica de preços altos do Instituto é optima no momento, mas está fazendo e fará o Brasil perder o monopolio que tem desse producto, com o desenvolvimento do café em outros paizes. Hoje vi uma estatistica revelando que já não somos productores de 3/4, como apregoamos, mas sim de 1/2. Faço votos para que a laranja transforme esse perigoso L em U.

Adeus. Perdoe esta séca do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R 30/7/29]

New York 9 May 29

Dr Neiva

Mando-lhe hoje um numero da Iron Age onde apparece a primeira nota escripta neste paiz sobre o processo Smith. Mr Waterhouse dá apenas uma idéa geral e em subsequentes artigos estudará o processo sob todos os pontos de vista.

Uma grande novidade, que, quando publicada, deixará o Pires de Guará em má situação. A Itabira Iron reconheceu que não poderá produzir ferro em condições economicas pelo processo do alto forno e mandou propor a Bulcão comprar toda a producção de sponge iron da sua futura empreza para transformal-a em aço e assim poder cumprir o contrato feito com o governo. Quer dizer, a Itabira Iron rendeu-se á evidencia, reconheceu que o novo processo e só elle resolve o problema brasileiro do ferro. Digo-lhe isto porque sei, visto como a proposta veio como resultado indirecto de um passo que dei aqui perante Brassert, de Chicago, engenheiros metallurgicos que vão fazer as obras da Itabira. Aconteceu que Brassert estava em Londres, a serviço da Itabira, quando sua casa recebeu minha consulta. Foi ella transmittida por cabo para lá e alem da resposta favoravel que obtive veio a desnorteante proposta que acabo de transmittir a Bulcão – a rendição da Itabira com armas e bagagens ao novo processo e a proposta de adquirir toda a producção da futura plant.

Sigo no dia 20 para a ilha da Madeira em restauração da saude de um filho mal curado de grippe. Dizem que nessa ilha a gente cria rabo e desenvolve as orelhas e o pello. Quero fazer a experiencia. Meu endereço agora, por uns mezes, é Consulado Brasileiro, Funchal.

Se encontrar por lá algum rabo sem dono vou mandal-o pelo correio ao Pires do Rio. Elle está incompleto positivamente.

Do

Lobato

Dr Neiva

Este addendo vae para corrigir um ponto da minha carta. Não pude obter passagens para a Madeira e por isso desisti dessa ilha. Irei... não sei para onde. Estou resolvendo. Talvez Portugal. De lá escreverei.

Do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, acima da data da carta: R 29/7/29]

New York, 20, 6, 29

Dr Neiva,

Afinal não fui a parte nenhuma e estou a derreter o torresmo nesta New York, que parece estar a disputar com o Rio o campeonato do calor. Uff. Olhe que isto de 95º á sombra como tivemos hontem não é brincadeira de creança. O meu doente sarou por si, sem medico e sem remedios e já não saio daqui.

Recebi um grosso volume dos trabalhos do seu instituto e dou-lhe os meus parabens pelo achievement. Felizmente a sciencia vae entrando no Brasil – e quanto graças á sua actividade! Paiz sem sciencia, hoje, é paiz derrotado. Aqui a cada momento desabrocha algo novo – tudo filho dos laboratorios, dia a dia mais busy.

Estou de cara á banda com os telegrammas lidos no Estado[545] a proposito da "recepção que Miss Brasil teve em New York". Que cynismo de mystificação. Nunca julguei possivel que mentiralha jornalistica pudesse chegar a taes extremos. Tudo mentira, meu amigo; tudo inventado para tapear o touxa do brasileiro. Não houve nada. Só houve um tremendo desastre. A menina vestiu sua calcinha de banho em Galveston, alinhada com 40 outras e... foi desclassificada. Não obteve nenhum dos onze premios concedidos.

Porque um jornal serio como o Estado não investiga isto? Porque não toma contas aos que tão deslavadamente o empulharam? Bastaria pedir a essa gente que apresentassem os jornaes americanos que deram noticias das maravilhosas festas que elles descrevem. Não houve um, porque não poderiam dar noticia do que não houve. A coisa chegou a ponto que o Time, uma revista weekly, publicou uma nota ironica[546] a respeito dos exageros da imprensa do Brasil. Se encontrar ainda essa nota vou lhe mandar.

Pobre Brasil. Como o trahem de todos os lados. Como fazem delle gato e sapato...

---

[545] O jornal *O Estado de S. Paulo*.

[546] A nota, publicada na seção "Notícias Estrangeiras" da revista TIME de 10 de junho de 1929, intitulada "Pétalas sobre Olga", dizia o seguinte: "A maior notícia da semana para os editores de Rio de Janeiro não foi nem política, nem policial, nem um desastre, mas a chegada aos E. U. da senhorita Olga Bergamini de Sá, 'Miss Brasil', para uma competição internacional de beleza que ocorre de 8 a 12 de junho em Galveston, Texas. Tirando o espaço de outras matérias nas páginas iniciais dos jornais do Rio, estavam as descrições arrebatadas de como Manhattan deu as boas-vindas à Olga. Os editores de Rio dissertaram sobre o significado da ocasião. O *Correio de Manhã* disse: 'tivemos recentemente a honra de acolher o presidente Hoover, a quem aplaudimos como a representação da inteligência, da cultura e do mérito da grande nação americana. Agora retribuímos esta visita. Olga representa não somente a beleza feminina de nossa raça mas do encanto da mulher brasileira.... Cada pétala espargida sobre a jovem cabeça coroada de Olga é para nós como cada uma das estrelas cintilantes em nossa bandeira'. *O Jornal*, mais conservador, disse: 'a missão da Miss Brasil cresceu a proporções que ninguém esperava... Seu sorriso deixou as duas repúblicas mais próximas do que a árdua diplomacia. Nós brasileiros somos gratos aos americanos pelas distinções mostradas a nossas conterrâneas. A opinião pública é grata à grande república irmã do norte que cada dia se torna mais amada pelos brasileiros.' Se os editores brasileiros souberam ou não, a Miss Brasil era mais uma de muitas chegadas a Manhattan das terras distantes para a competição de Galveston. Sua presença, como as delas, não recebeu nenhuma menção mais do que a rotineira, até mesmo nos tablóides onde as histórias e os retratos da beleza feminina estão tão padronizados que raramente é necessário mudar os nomes de um dia para o outro. Característico foi um artigo na *Variety*, semanário teatral, que publicou um artigo sobre as acomodações do hotel e sobre a dieta das concorrentes de Galveston, intitulada BELEZAS ESTRANGEIRAS SUSPIRAM POR CARNE QUENTE." Petals over Olga. Foreign News. *TIME Magazine*, 10 de junho de 1929. Disponível em: http://www.time.com/time/archive/preview/ 0,10987,751933,00.html Acesso em 09 fev. 2005. A tradução para o português é minha).

Conhece um novo processo allemão de banhar as frutas numa solução de cellulose que secca e "coat" a fruta, permittindo um longa conservação? Tenho na minha mesa uma grape fruit que está coated ha tres mezes e perfeitinha. O inventor está tirando a patente ahi. O nome da companhia é... não me ocorre agora. Do escriptorio o mandarei. Talvez seja coisa que interesse as actividades da firma Navarro & Neiva, os breve reis da fruticultura no Brasil.

Do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior esquerdo, acima do vocativo: R 20/12 · 929]

N.Y.28,8,29

Dr Neiva,

Em mãos a sua ultima carta, na qual pede informações sobre o custo de vida de um estudante aqui. Isto de custo de vida varia muito mas poderemos achar uma solução tomando tres typos de vida de estudante, o apertado, o quasi folgado e o folgado. Para o primeiro 100 dollarse mensaes bastam; para o segundo, 125 e para o treceiro, 150. Os estudantes nunca devem ter excesso de dinheiro nas mãos, do contrario os estudos sahem prejudicados. Mas creio que o Arthurzinho não é dos taes que necessitem destas precauções. Saberá conduzir-se tão bem com 300 dollares como com metade disso.

O amigo acerta muito bem no seu diagnostico do Brasil: euphoria. Euphoria, sim, á custa dum novo opio inventado pela imprensa e patriotas á custa de falsificação systematica dos factos. O caso de Miss Brasil merecia ser estudado scientificamente pois é um perfeito caso clinico.

E não temos a menor base para euphoria de qualquer especie que seja. Inda hontem estive cosinhando um relatorio sobre o nosso intercambio come este paiz e fechei-o profundamente triste. Nossa exportação perdeu em 28 muito terrenoe vae perdel-o inda mais este anno. Apenas o café se sustenta ainda assim com uma queda de 6% em quantidade. Quando o café arriar a carga – e todos preveem isto para 1930-1931 – que vae ser de nós?

Com a borracha dá-se uma coisa curiosa. Paramos em 25000 toneladas. Se as cotações melhoram, as remessas do norte sobem um pouco mais, como se deu em 926. Se os preços baixam, a exportação cahe immediatamente. No entanto as Indias Hollandezas, que em 1905 só exportaram 7 toneladas, estão hoje chegando á marca das 200.000. A baixa de 27-28 que fez nossa exportação cahir de 34.000 tons para 25, operou em sentido contrario com os hollandezes, que elevaram suas exportações de 156000 para 192000, ou 36.000 mais. Tudo porque a Hollanda segue os tempos e applica em suas culturas uma coisa que está custando a entrar no Brasil: Sciencia. Nós, no Norte, irreductivelmente ascientificos, permanecemos emperrados numa rotina de processos herdade dos indios e nunca melhorada. Consequencia: desalojamento completo do mercado. Antes da guerra tinhamos o monopolio da producção da borracha: hoje apenas exportamos para cá 3% do que os E. U. consomem.

Prevejo a completa eliminação da nossa borracha deste mercado. Os industrias queixam-se da sujeira della, a qual determina uma quebra de 20% emquanto a do Oriente nunca soffre quebra excedente de 5%. E como a illusão da excellencia da nossa borracha já se dissipou e não necessitam mais della para nenhum fim especial, prevejo ruina dessa industria.

As outras exportações do norte seguem pelo mesmo caminho – cacau, cera de carnauba, etc.

Quanto a frutas parece-me que não ha aqui lugar para as nossas. O Ministerio pediu-me informações sobre as possibilidades da banana e respondi dizendo não ver nenhuma. A United Fruit creou o commercio de banana aqui e hoje está tão grande, conduzindo tamanhas culturas nos paizes caribeos e dispõe de tão numerosa e bem aparelhada frota de transporte que não acredito em sucesso de nenhum outro concurrente. Está ella com 90 e tantos navios proprios que põe a banana nos portos americanos em 3-9 dias, conforme as distancias.

Tentar metter bananas do Brasil aqui é abrir lucta com a amis intelligente, bem organizada e prospera companhia de frutas do mundo. É lá isso possivel?

Acho mais futuro em laranjas – fancy oranges, certos typos de primeira classe que não se encontram neste mercado. Inda agora o Chile mandou um carregamento experimental de 50 caixas que foi bem acceito. Veja o recorte. Mas nunca, caso se introduza, será commercio grande. O futuro da nossa laranja está na Europa.

Uma fruta que merece ser estudada e poderia constituir grande negocio aqui seria o mamão. Veja se interessa algum plantador intelligente no estudo disto. A manga tambem.

Sei que a sua plantação com o Navarro está um colosso e imagino com que perfeição não estará sendo conduzida. Tem o que faltará a muitas outras: base scientifica. É do que está morrendo o Brasil – falta de sciencia. Falta de sciencia numa epoca em que a sciencia, como vejo aqui, é TUDO.

Adeus, meu caro Dr Neiva. Disponha sempre deste amigo que jamis o esquece.

Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: COMMERCIAL ATTACHE OF BRAZIL / 17 BATTERY PLACE / ROOM 241 / NEW YORK]

New York, 20, Dezembro, 1929

Dr Neiva,

Recebi e venho agradecer o seu Esboço Historico onde tive o prazer de me ver lembrado conjunctamente com Alberto Rangel. Quer isto dizer que ainda não estou totalmente esquecido.

Estamos em vesperas de Christmas, o terceiro que passarei neste paiz, e de accordo com as praxes da terra aproveito o ensejo para lhe mil votos de felicidade a si, e aos seus.

Do, como sempre,

Lobato

[datiloscrito]

New York,12 Dezembro, 1930

Dr Neiva,

Estou assombrado! O Brasil aproveitando no governo seus homens de valor e de bem! Que milagre é esse? A noticia da sua entrada para o governo de S. Paulo me encheu de esperanças e lá seguem meus parabens, não a si, mas a S. Paulo e ao Brasil.

O negocio do ferro tomou um rumo que talvez precipite a implantação do processo Smith ahi dentro dum anno. Um novo leader entra em campo e estou certo que fará o que Bulcão não conseguiu fazer. Sgue para ahi na proxima semana e leva consigo, contratado, o unico technico no mundo capaz de orientar e dirigir o negocio, pois acompanhou durante 7 annos as experiencias na Ford, da qual é um dos big man.

Sobre esse problema e outros atrevi-me a mandar ao novo governo uma communicação que nalguns pontos interessa S. Paulo. Mando-lhe pois uma copia, pedindo toda a reserva. Mandarei breve para ahi um homem que é o melhor doutor que encontrei aqui em assumptos de petroleo. Talvez elle consiga abrir os olhos da gente a quem incumbe resolver esse problema. Será de vantagem que o Dr Neiva converse com elle sobre tão interessante assumpto. Fal-o-ei bater á sua casa quando for a S. Paulo.

Nada sei da minha vida, se me põe no olho da rua ou não. Estamos todos com a espada de Damocles sobre a cabeça. Se isso acontecer, regressarei a S. Paulo. Já estou com saudades. E agora reconheço o meu S. Paulo. Já não é aquella cova de Ali Babá onde Sylvio punha e dispunha. A que ponto chegamos! Ataliba escolhido para succeder Prestes... Depois disso, só Lampeão poderia occupar a presidencia do Esatdo. Mas felizmente veio uma aspersão de FLIT e tudo ha de cahir nos eixos.

Se precisar dos meus serviços ao seu lado na obra de reconstrucção, disponha. Sou o soldado de sempre.

Adeus. Breve poderei lhe dar algumas novidades substanciaes.

Do

[ass. somente Lobato]

Monteiro Loabto

[Datiloscrito]

New York, 17, Dezembro, 1930

Dr Neiva,

Apresento-lhe o Sr Otto Scott Estrella, sobre o qual já lhe falei em carta anterior. É um moço de alta capacidade, conhecedor a fundo do negocio do petroleo e poderá ser muito util aos paulistas que se interessam pelo assumpto e aos quaes o Dr Neiva poderá apresentar certo de que não se trata de nenhum cavalheiro de industria. O Sr Estrella reside ha muitos annos em New York, onde gosa alto conceito pela sua nunca desmentida honestidade.

Com votos para a sua felicidade e a dos seus,

o

Monteiro Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: canto superior esquerdo – Ender. Telegr. / PETROLEOS; centro – Companhia Petroleos do Brasil / Rua Boa Vista, 25. 7º andar, sala 711. / Caixa Postal 1934. São Paulo; canto superior direito – Telephone / 2-1322; anotação no extremo superior direito da folha: 1932 (?)]

S. Paulo, 3 de Maio.

Dr Neiva:

Só hontem descobri o seu endereço, Hotel S. Bento, mas inutilmente tentei um contacto telephonico. Desjava qe me marcasse dia e hora para uma visita matadora de saudades e tambem para descarregar duma incumbencia muito séria.

Trata-se disto: a Maslowa, filha do seu collega Dr. José Maria Gomes, está trabalhando no Instituto Biologico sob a direcção do Hoehne. Mas acontece que Maslowa é uma menina intelligentissima, com um desenvolvimento mental acima da sua idade – e está notoriamente ficando burrinha graças ao contacto diario com o nosso Hoehne, que é das toupeiras mais desemxabidas que a Allemanha junta ao Brasil ainda produziram. Dahi a idéa de deter o emburrecimento de Maslowa antes que se torne irreductivel, pelo único meio adequado: tiral-a de lá e pol-a numa secção em tivesse contacto com a intelligencia. Ella deseja muito, e seus paes tambem, trabalhar sob a direcção do Dr Neiva – e pediram-me que fosse o interprete dessa aspiração geral.

Quando puder marque-me um dia ou noite para a proza, e emquanto isso, se a cliente o procurar dê-lhe um minuto de attenção. Bastará isso para verificar que altas razões assiste, no caso, ao

seu velho amigo

[ass. somente *Lobato*]
Monteiro Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo, 8, Nov. 1933

Dr Neiva:

Hoje, ao endereçar-lhe um livrinho meu que acaba de sair, senti saudades do velho amigo com quem confidenciava deante dos chopes da Brahma sobre as lazeiras patrias – e ponho-me a escrever esta.

Quanta coisa, dr. Neiva, depois do nosso ultimo encontro! Tenho ainda aquela caixa de pregos de tamanhos progressivos, lembra-se? Bem certo. A insistencia no trabalho de formiga leva longe. Aquela "nossa" empreza editora, de tão lindos ideais, não morreu com a falencia. Tropicou apenas, para reiniciar a carreira de novo e dessa vez certa, isto é, baseada nos principios de certeza industrial que Henry Ford nos ensinou. Resultado: está já maior que a outra – e todinha contruida de cimento armado e material incombustivel. Nem incendio, nem terremoto poderão com ela. Este ano já deu a publico um milhão de livros e passará de 1.200.000 até o fim do ano, isto sem contar com uns 300.000 que a Civilisação Brasileira aí do Rio – o primeiro desdobramento filial – lançará. Já está novamente na frente de todas as casas editoras do Brasil – e agora ninguem mais a pega.

Quanto a mim particularmente já passei de meio milhão de exemplares (exatamente 543.000, num valor de venda de 2.455:000$000) e com as edições novas e reedições programadas para o ano proximo vou alcançar nestes seis meses 700.000.

Não parece um sonho tudo isto, nesta indecentissima terra da miquia perene?

Em petroleo consegui um milagre igual, isto já por influencia ou como consequencias da ambientação americana. Na cidade onde fali, donde saí derrotado até á medula, consegui formar em 40 dias uma companhia de petroleo com 3.000 contos de capital e mais 3000 contos de material dados de emprestimo pelo Estado. E ainda cosnegui fazer resuscitar duas companhias mortas e enterradas – a Cruzeiro e a Petrolifera. E ainda lançar a Nacional, que opera em Alagoas. Dirigi todo o movimento como um Napoleaozinho. Fiz os manifestos de todas e toda a publicidade – e mobilizamos assim, em dinheiro, uns 10.000 contos.

Todas estão hoje perfurando. Temos 4 pocos em andamento com 680, 610, 450 e 300 metros respectivamente. O melhor poço e a melhor instalação é da minha Cia Petroleos do Brasil, que é a mãe da ninhada. Puz lá o melhor perfurador que havia na Argentina, com pratica na abertura de 84 poços em Rivadavia. Como superintendente do campo um engenheiro italiano notabilissimo que foi um dos diretores tecnicos dos Yacimientos Nacionales da Argentina e consegui ainda um excelente chimico-geologo suisso com pratica de petroleo na Argentina e Rumania.

Junto umas fotografias que dão uma idéa do nosso campo do Araquá. O Juarez esteve lá sexta feira passada, infelizmente á noite e debaixo duma horrivel chuva. Mas deve ter saido bem impressionado porque o nosso campo deixa a perder de vista tudo quanto se fez até hoje no Brasil.

Trabalhamos 24 horas por dia com uma tal perfeição de serviço que nem a peste barbada, vulgo Maneco, o enxergador de gafeirinhas em pernas de pulgas, nada achou a dizer da ultima visita entomologica que fez.

Resta o ferro. Esse negocio ficou aí entregue ao Bulcão, que apesar de todas as suas qualidades, não soube mete-lo pelo caminho vencedor. Retomei esse negocio depois duma troca de ideas com o Tavora e breve irei ao Rio ver se mudo o rumo da orientação errada que

foi seguida. E então quero que me dê um pouco do seu tempo para uma chopada na Brahma onde conversemos á moda antiga.

O governo nomeou para dar parecer sobre o processo Smith uma comissão de tecnicos presidida pelo famoso bode velho Eusebio, inimigo declarado de tudo quanto cheira a ferro e oleo. Essa cretinissima comissão produziu um parecer mais indecente que o nariz de todos eles juntos, e julgou uma invenção recentissima, que vinha revolucionar completamente a materia, com base no que diziam velhos livros francezes anteriores de decenios aos trabalhos de Smith. O mesmo que julgar do merito dum avião do ultimo tipo com base no que os velhos sabios anteriores a Santos Dumont tinham como certo em aeronautica. Mas Eusebio já está liquidado, e fóra do baralho – e o mesmo irá acontecer á tal comissão. Havemos de vencer no ferro, como estamos vencendo no petroleo e já vencemos na industria editora. Quem arruma aqueles seus pregos da caixa um em cima do outro, não tem remedio, vence mesmo.

Gostei muito do Juarez. Receptivo, mentalmente honesto, desejoso de acertar. Com bons conselheiros, e os tem – basta estar aí o senhor e o Navarro – vai ele ser o nosso melhor ministro da agricultura.

Bom. O que ha para falar é muito – e só na Brahma. Responda-me dizendo se não mudou de genio e ainda conserva a sua velha amizade pelo

[ass. *Monteiro Lobato*]
Lobato
Avenida Aclimação, 483

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no extremo superior direito: R – 17/2/34; anotação ao pé da folha, no canto inferior esquerdo: urgente / assemblea 17/2]

COMPANHIA PETROLEOS DO BRASIL
Rua Boa Vista 18, 8º andar
Caixa postal 1934 – S. Paulo

Ilmo. Sr.

Estando para ser convocada uma assembléa extraordinaria para tomar conhecimento de vagas da directoria e mais assumptos de importancia, é de toda a conveniencia que V. S. se faça representar por procuração, caso não possa comparecer pessoalmente.

Na primeira hypothese offereço-me para representar V. S. tanto nessa assemblea como em outras, promettendo fazer que o voto de V. S. se faça sentir sempre da maneira mais efficiente para os altos interesses da nossa sociedade. Na qualidade do seu promotor e dum dos seus incorporadores acho-me perfeitamente identificado com o negocio e em situação de zelar com o maior carinho para que tudo siga pela melhor maneira.

Caso V. S. queira honrar-me com a escolha, será necessario mandar quanto antes uma procuração de proprio punho, com a assignatura reconhecida pelo tabellião local, nos seguintes termos:

Procuração

Por esta procuração por mim feita e assignada constituo meu bastante procurador na cidade de S. Paulo ao Sr. J. B. Monteiro Lobato, brasileiro, casado, advogado, moprador na Avenida Acclimação 73, em S. Paulo, para o fim especial de representar-me nas assembléas ordinarias e extraordinarias da Companhia Petroleos do Brasil, podendo votar sobre todas as materias em discussão da maneira que entender consultar melhor os altos interesses dessa sociedade, e tambem substabelecer.

(Datas e assignar sobre uma estampilha federal de 2$000 e mais 200 reis de sello de Educação. Reconhecer a firma pelo tabellião local).

Sem mais, e esperando merecer a confiança de V. S. subscrevo-me

amigo e attento servidor

J. B. Monteiro Lobato

[Datiloscrito; data e local anotados à mão no canto superior direito: SPaulo 20.2.934; anotação no alto da folha, ao centro, levemente deslocada para a esquerda: R - 9-3-34]

SPaulo 20.2.934

Dr Neiva:

Tivemos uma assembleia que elegeu dois diretores – Ernesto Amarante e Coronel Agêo de Camargo em substituição dos resignatarios Pereira de Quiroz e Romero. Este retirou-se para os Estados Unidos.

Tudo vai bem. Puzemos as finanças da Cia em termos de prosseguir na perfuração por mais dois anos, se preciso for, sem aumento de capital. Para isso houve um movimento geral de dedicação e sacrificio que muito honra a nossa gente. Os diretores e o corpo tecnico ofereceram que seus ordenados fossem levados a credito para serem pagos quando viesse o petroleo. Isso nada significaria da parte dos diretores, grandes interessados – mas da parte do corpo singifica muito, porque é pessoal contratado e só a absoluta confiança em que estão da vitoria poderia leva-los a tanto.

Estamos assim habilitados a perfurar por muito tempo, levando o nosso poço ao limite da sonda. O governo de S. Paulo decretou um auxilio por metragem, e agora, continuando negociações anteriores com o Juarez, estou vendo se o governo federal faz o mesmo.

Como o senhor é um grande amigo e um acionista, seria uma grande coisa se se interessasse aí pelo assunto e me ajudasse a convencer ao Juarez que não pode haver dinheiros publicos mais bem empregados do que os que vierem ajudar-nos a resolver um problema de muito maior importancia do que todos pensam. Porisso mando ao senhor o oficio a ele endereçado, para que o leia, ineteire-se do conteudo e depois lhe faça a entrega. Ficará assim ao par do que proponho e pois habilitado a dar-nos a sua cooperação.

O Brasil é o que sabemos – e o é sobretudo por pobreza. Hoje ponho o problema brasileiro numa equação. O homem é pobre porque possue um indice muito baixo de eficiencia (o indice do americano é de 42, o do europeu é de 13; o nosso é pouco mais que 1, que é o indice do homem natural, do selvagem, o que só pode o que podem os seus musculos). Ora, a eficiencia do homem na terra só se aumenta por meio da maquina. Se posso ir de S. Paulo ao Rio em 12 horas, é que o trem ou o automovel – a maquina – me multiplicaram a eficiencia. Sem essas maquinas eu faria como o homem natural – iria a pé, gastando um mês.

Precisamos maquinar-nos para aumentarmos a nossa eficiencia. Mas a materia prima da maquina é o ferro. Não existe outra. Em pais nenhum foi descoberta outra. Logo, ter ferro proprio é condição basica para a maquinação que aumenta a eficiencia do homem.

Mas para mover a maquina faz-se mister uma energia, e das fontes de energia conhecidas nenhuma de mais valor e mais barata que a produzida pela combustão do carbono. Logo, ter carbono é o que se impoem. Que carbono? O de mais alto indice energetico, o mais maneiro, o mais barato – e esse é o petroleo. Dai a necessidade de extrair, de fazer vir á superficie os milhões de toneladas de petroleo que estão em nosso subsolo – e que estão porque não podem deixar de estar. Dotados de ferro, teremos maquina; dotados de petroleo, teremos energia para mover a maquina – e esta infeção que é o Brasil atual – 40 milhões de pazvobis que praticamente só dispoem dos seus fracos musculos – estará habilitado a começar a ser alguma coisa no mundo. Terá começado a aumentar a sua eficiencia. Estará salvo de apodrecer-se em China. Que é a China senão um aglomerado humano que cresceu sem promover o aumento do indice de eficiencia do chinês? No andar em que vamos, dentro dum seculo seremos aqui mais de cem milhões de pazvobis ainda mais fracos e lazarentos do que o somos hoje.

Maquina e energia, e portanto ferro e carbono: eis os problemas que a Constituinte jamais discutirá porque a falta de ferro e de carbono deprimiu aqueles cerebros a ponto de nem sequer perceberem o problema maximo que os antolha. Quando a coisa é grande demais quem está perto não enxerga. Ninguem faz idéa do Pão de Assucar se estiver dentro dele. Com o afastamento, sim. Eu fui compreender o verdadeiro problema do Brasil depois que me pus de longe. Foi do alto do Chrysler Building que alcancei a extensão da pobreza, fraqueza e burrice enfeitada do português na America do Sul.

Quanto ao ferro pelo processo Smith, a primeira tentativa falhou. Vamos fazer outra. Estamos a remodelar o Syndicato e alem disso estou tirando uma certa patente que talvez venha a ser uma grande coisa. Reuni vinte amigos a conto de reis cada um para uma experiencia que se realisará no mês proximo. Estamos montando a "grande invenção" – o forno vertical, isto é, o mesmo alto forno mas posto deitado, de maneira que em vez das camadas alternadas de minerio e carvão serem horizontais, são verticaes. Isso permite que haja uma só camada, ou uma coluna de carvão no centro, e em redor, separadas por paredes refractarias, fique o minerio. O contacto entre o minerio e o carbono só se dará na zona de redução, e como o carvão não terá de suportar o peso do minerio, qualquer forma de carvão servirá – tal como acontece no forno Smith.

Se a experiencia comprovar a teoria, poderemos no forno vertical produzir em Minas ferro gusa a 70$000 a tonelada – de melhor qualidade que o atual, que é produzido no minimo a 180$000. É o que dizem os engenheiros e mais especialistas que nos estudaram o negocio.

Muito bem, Dr Neiva. Faça que essa gente apresse a lei basica e assim nos permita trabalhar com sossego e estabilidade, visto como no Brasil não é só a constituição que está por se fazer – é tudo!

Do seu amigo

Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: canto superior esquerdo – Ender. Telegr. / PETROLEOS; centro – Companhia Petroleos do Brasil / Rua Boa Vista, 25. 7º andar, sala 711. / Caixa Postal 1934. São Paulo; canto superior direito – Telephone / 2-1322]

SPº. 5.3.934

Dr. Neiva:

Ja ha varios dias que lhe mandei uma carta registrada, acompanhando um officio ao Juarez e pedindo a boa vontade do amigo pª. encaminhá-lo. Mas não tive resposta e preciso saber se aí chegou.

No dia 3 alcançamos os 700 metros. Falta-nos 300 (no dia de hoje menos) para 1 quilometro. Pelos calculos dos nossos tecnicos as possibilidades são de 800 pª. diante.

Recado de seu amigo
Lobato

[telegrama]

CT 1506 =
DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E [TELEGRAPHOS]
BRASIL TELEGRAMA

RECEBIDO ENDEREÇO = DR ARTHUR NEIVA

DE _____ = AVENIDA EPITACIO PESSOA 1506 =

POR _____ CAPITAL =

AS_____ 5115

DE_____====== DE AVENIDA RIO 2322=17=13=12h40 HORA____

TELEFONE AMANHA ANTES ALMOÇO HOTEL AVENIDA
COMBINAMOS ENCONTRO = LOBATO

[impresso na vertical, à margem esquerda: "A primeira linha deste telegrama, depois do endereço, contém as seguintes indicações: estação de procedencia – numero do / telegrama – numero de palavras – data e hora da apresentação. / Reclamai, si houver demora na entrega de vossos telegramas.]

[há um carimbo com a seguinte data: 13 ABR. 1934]

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R 14-8-34]

S .Paulo, 23, 7,934

Dr Neiva:

Andamos aqui a formar um grupo de conspiradores com o fim de reintegrar no cerebro de S. Paulo um lobulo que fugiu e está fazendo falta séria – um lobulo chamado Artnur Neiva. Maneco é o chefe da camorra, e com aquela lingua de serpente do Eden, cada vez com maior prestigio em virtude das barbas cada vez mais brancas, esfarripadas e jeovaticas, vai insinuando venenos discretissimos contra os seus inimigos (inimigos de Neiva) e inoculando biotonicos estrategicos noa seus amigos, de modo a pô-los em eretismo ativo. A vibora-mãe – o peor inimigo que o senhor tem aqui, é aquele bode alemão que o senhor mesmo embutiu no Instituto Biologico. Quer ele meter o Instituto como pedestal do seu Ich cientifico, e para isso trata de destruir toda a influencia do criador e dos amigos do criador dessa instituição – e os vai afastando. Ser amigo ou admirador de Neiva é contar certo com guerra permanente – a guerra do parigato, do "espirra-fóra". De modo que o ponto capital da conspiração é alijar o bode, que é quem arma e alimenta e fomenta todos os ressentimentos contra Neiva, tornando-se o verdadeiro Deus ex-machina do "não-Neiva em S. Paulo."

Mas os interesses cientificos do Institutos e os interesses ultimos da cultura em S. Paulo não podem ficar á mercê disso; não podem admitir politica pessoal no laboratorio, e portanto o senhor tem que responder a esta carta dizendo que voltará para o seu antigo posto, caso seja de novo convidado.

S. Paulo agora está mais interessante do que nunca. Uma furia politica, das criadoras. Até eu me alistei – e a mulher e a filharada. Formamos um bloco de sete eleitores – numero suficiente para fazer alguem ganhar ou perder uma eleição. Isso do eleitor poder votar secretamente de acordo com a sua conciencia está parecendo maravilha até aos proprios perepês de baixo. E em consequencia as futuras politicas vão ser cheias de surpresas. Imagine que vamos apresentar Maneco para deputado – e ele vai ter milhares de votos – de todos os "contristas" e dos milhares e milhares de leitores do Estado que lhe engolem as semanais besteiras entomologicas e agricolas. Á custa de desvendar os segredos biologicos das pulgas, dos carrapatos, dos pulgões, do piolho, dos ratos, dos feijões, dos arrozes e das batatas ele deve ter formado um enorme eleitorado, que agora, com o voto secreto, tem meios de se manifestar.

Ora, um S.Paulo assim renovado, graças á abençoada getulice que atirou no que viu e matou para sempre a desgraça que era uma regimem no qual o voto já saía falsificado de dentro do votante (quem por medo não vota em quem quer, falsifica o proprio voto), não pode dispensar o concurso do seu grande paulista por engano nascido na Baía. O senhor fez muito do que hoje anda aqui a produzir frutos; tem que vir assistir á maturação.

Responda, mas nunca dizendo não! Be Yea saying.

Do velho amigo

[ass. M Lobato]
Monetiro Lobato
Aclimação 483

[Datiloscrito]

S. Paulo, 18,8,934

Dr Neiva:

Recebi uma primeira carta, depois um telegrama e por fim a grande, esperada. Otimo. Apesar da sua resolução de não voltar, aquele relato dos acontecimentos vai nos servir de base para a conspiração contra o sordidissimo tipo que agiu tão miseravelmente e, tendo conseguido seus fins, continua na obra de demolição. Quer ele agora desfazer todos os traços da sua passagem por S. Paulo e um dos pontos do programa é alijar do Biologico todos quantos, por gratidão ou sincera admiração, mostram simpatias pelo creador daquele estabelecimento.

Mostrei-a a Maneco e agora vou faze-la ler pelo Julinho e o Afranio. Com este já conversei sobre a conspirata e encontrei-o plenamente acorde. Com Julinho tenho uma visita combinada á sonda de petroleo onde, com vagar, havemos de discutir o caso.

Maneco, que é o peior dos inimigos, está empenhadissimo na campanha e já conseguiu que ele levasse alguns contras do atual governo, em materia de reformas que ele, o bode alemão, quer fazer ao seu geito.

Deixemos correr o tempo, que é o grande corregedor. A justiça ha de fazer-se e o infamissimo procedimento daquele miseravel ha de ter seu castigo. E havemos ainda de ter o gosto de ver Arthur Neiva revogar o seu não e, cedendo ás mais honrosas solicitações, vir continuar a obra que empreendeu e está sendo sabotada.

Diz o povo que não ha nada como um dia depois do outro, e estou certo que é assim. A sua carta veiu provar-nos que a bisca é ainda peor do que julgavamos. Creio que não pode haver um tipo de ingrato e de traidor mais completo. S. Paulo não pode continuar a ser desservido por ele. Isso ha de ter fim.

Duma coisa o senhor pode ficar certo e é que tudo se compensa na vida e que se existem tipos com aquela sordidez de alma, tambem existem criaturas de grande nobreza de sentimentos – e estes estarão sempre do lado de quem tanto e com tanto ardor trabalhou para que S. Paulo fosse a muitos respeitos o que hoje é.

Outra coisa: eu precisava de uma lista de todos os trabalhos que o senhor fez em S. Paulo, uma fé de oficio. Talvez tenhamos de ir á imprensa e é necessario termos á mão um bom tacape convencedor por esmagamento. Veja se me manda isto e perdoe as amolações do

velho amigo

Lobato

[Datiloscrito]

Campos do Jordão,22,2,935

Dr Neiva:

Recebi sua carta. Vou explicar-lhe o negocio do petroleo, agora que tenho elementos mais positivos. A coisa começou assim: o ano passado o Ministerio da Agric. consultou o Ministro alemão sobre a melhor companhia de estudos geofisicos da Alemanha, e foi indicada a Elbof, que é a mais antiga, a mais acreditada do mundo e a que joga com maior numero de processos visto como possue dois importantissimos que são privilegios seus. O consul brasileiro em Hamburgo, logo depois, pediu em nome do governo brasileiro á Elbof que apresentasse uma proposta para estudos geofisicos em nosso territorio. A Elbof mandou como seu representante o engenheiro Winter, que é uma notabilidade na oil fraternity tecnica, o qual aproveitou-se da oportunidade para tambem representar varios grupos financeiros e industriais para possiveis negocios no Brasil. A atenção dele, entretanto, voltava-se sobretudo para petroleo, cuja situação conhece muito bem pois já vinha acompanhando o movimento criado pela nossa Petroleos. Tudo quanto escrevi – artigos, manifestos e briga com o Serviço Geologico, ele possue em seus files, vertido para o alemão.

Apresentada a proposta pedida pelo Ministerio, Mr. Winter entrou em entendimentos comigo para financear as nossas perfurações por intermedio dum dos seus grupos, caso o governos contratasse os estudos geofisicos da Elbof e esses estudos dessem resultados positivos. Porque eu admiti a hipotese que esses estudos seriam feitos para o beneficio do país e que o governo nos daria conhecimento deles, pelo menos nas nossas zonas de interesse. Mas como receio sempre de governos como o nosso, não me contentei com isso; pedi e obtive da Elbof uma proposta para estudos geofisicos para a nossa companhia, na escala das nossas possibilidades, e obtive da firma Piepmeyer & Cia., de Cassel, um acordo pelo qual esse grupo ou outros, seus associados, perfurarão para nós, financeando todas as despesas, caso os nossos estudos geofisicos por intermedio da Elbof sejam positivos.

A coisa está nesse pé. Acontece, porem, que esses estudos da Elbof são caros e que se o governo os fizer ipso fato estaremos dispensados de faze-los. Em vista disso guardei o compromisso de Piepmayer na gaveta e vou ficar á espera da decisão do governo. É sobre isto que lhe escrevo hoje. Se o amigo, que alem de amigo é interessado neste negocio como acionista da Petroleos, pudesse, por intermedio do Fonseca Costa, ou outro, informar-se das disposições do Serviço Geologico quanto ao aceite da proposta que eles mesmos pediram, e quando o farão, seria otimo. Porque se eu vir que desse mato não sai coelho, então não mais esperarei coisa nenhuma e darei os passos necessarios para pôr a Petroleos em situação de contratar os estudos da Elbof imediatamente.

O S. G. está manobrado pelo Oppenheim e pelo Malamphy ,ambos agentes secretos da Standard Oil, como denunciei ao Getulio e ao Odilon Braga, e o pobre do Fleury da Rocha não passa dum titere nas mãos deles. Receio portanto que esses sujeitos embaracem a aceitação da proposta alemã para que o contrato seja feito com qualquer companhia geofisica americana – pois nesta hipotese os estudos iriam ser feitos para exclusivo beneficio da Standard e nós iriamos na onda, como até aqui.

A proposta de Mr Winter foi apresentada em duplicata ao Presidente, e isso de medo que os agentes da Standard a surrupiassem impedidno que o Ministro Odilon tomasse conhecimento dela. Foi providencia que eu sugeri a Winter. Ora, como foram apresentadas ao Presidente e ao Ministro, não causará estranheza que o senhor saiba disso, e portanto o senhor poderá abordar o F.

Costa e pedir-lhe que se informe com jeito. Ha em tudo isto uma terrivel politicalha de bastidores, e perigosissima pois que uma das manobradoras é a Standard.

Meu interesse em saber algo de positivo reside em ganhar tempo. Se pela sondagem dos bastidores verificarmos que o partido da Standard está forte lá dentro e vai acarretar a não-aceitação da proposta, nesse caso eu fecho já o contrato geofisico da Elbof e nada mais espero da ação oficial.

O ferro Smith, que foi tão inpugnado no Brasil, já começa a vencer na America. Todas as barreiras que os capitais invertidos no alto forno lhe opuzeram começam a cair. Numa revista metalurgica que acabo de receber de Detroit vem um um longo estudo sobre isso, com a noticia que o carro Chrysler para 1935 já adotou varias peças feitas de esponja, sem fusão, apenas moldadas e aquecidas (sintered), com grande vantagem de qualidade e preço. A primeira acquisição da Chrysler foi de 7 milhões de peças. As outras companhias de auto querem imita-la e a procura da esponja cresce. Como não ha esperança de que venha esponja do Brasil, Mr Smith e mais interessados estão-se voltando para as Indias. De Luckens, a maior rolling mill do mundo, o nosso Sindicato recebeu uma proposta interessante: propõe-se a receber nossa esponja, lamina-la em barras ou chapas do tipo que determinarmos e no-la remeter para cá trabalhada. Isso só nos custaria os fretes de ida e volta e o custo do trabalho; os direitos de alfandega seriam refunded. Luckens está entusiasmado com o processo de laminar diretamente a esponja sem fusão, processo metalurgico desenvolvido por Smith, e diz que obteve com esse processo os melhores ferros laminadas que o mundo conhece.

Quando eu anunciei isto, anos atrás, todos os cretinos desta terra riram-se de mim, e no celebre parecer da Comissão Siderurgica Nacional, que estudou o nosso forno de experiencia e a esponja produzida, o grande argumento era: Mas para que serve este raio de esponja?

Fico aqui em Campos até depois do Carnaval, ás suas ordens.

Do

[ass. Lobato]

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R – 9-4-35]

S. Paulo,12,3,935

Dr Neiva:

A vitoria está assegurada. A perfuração Balloni, a 30 quilometros da nossa, marcada pelo aparelho Romero e na qual a nossa Cia tem 10% da produção, atingiu aos 1210 metros o cap rock. Em vista disso parou para entubar e assim vedar varias aguas. Feito isso, é romper a crosta do cap rock e atingir o petroleo.

Vi com meus olhos, cheirei com o meu nariz a preciosa substancia negra, rica de conchinhas fosseis. O terreno foi facilmente identificado como o Oriscany, uma das divisões do devoneano. Confirma-se desse modo a hipotese luminosa de G. Washburne.

Eu só quero ver a cara do Serviço Geologico e do preciosissimo Fleury que, categorigamente, afirmou que em S. Pedro não havia petroleo. A minha revanche vai ser cruel. No dia da vitoria hei-de estampar nos jornais todos as pareceres em contrario dados por aqueles tecnicos de borra.

O caso está absolutamente liquido e já começa o reboliço na Oil Fraternity.

O nosso poço ainda luta com a dibase, ou diorite que, qual porta de ferro, nos veiu barrar a marcha justamente na reta da chegada. Mas tudo indica que essa camada está no fim, de modo que ainda não perdemos a esperança de vence-la e de, em seguida, com uns galões de avanço, chegar ao poste na frente do outro corredor, ganhando ainda que seja por pescoço. Está emocionantissima a luta.

Vamos muito breve fechar a venda das ações do capital novo, do qual só foram tomados cem contos, e já agora eu francamente aconselho os meus amigos acionistas a reforçarem o stock que possuem. Até eu estou comprando. Hoje adquiri 30. Faça o mesmo. Já agora não é jogo – e ir pela certa. Temos dum lado o Oriskany atingido e de outro o contrato com a firma Piepmeyer & Cia, de Cassel, para perfurar quantos poços forem precisos com financiamento por parte deles e pagamento com porcentagem de oleo da nossa parte.

Do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. 16.4.35]

Campos do Jordão,15,4,935

Presado amigo:

Recebi a sua carta de 9 – hoje... As coisas mudaram um pouco. Expus o problema ao Armando Salles e ele com uma visão bem paulista do caso prontificou-se a fazer os estudos geofisicos de que a Petroleos necessita. Mandou que o Dr Winter, representante da Elbof, apresentasse proposta, o que foi feito, uns 15 dias atrás.

Dei esse passo porque não tenho a menor confiança em que o governo central faça qualquer coisa. Apesar de terem pedido á Elbof que apresentasse proposta, ficarão marombando toda a vida, vai ver. É o destino das tartarugas.

Com os estudos feitos em S. Paulo pelo governo paulista, ficamos em situação otima, e teremos assegurado o financiamento. Mr. J. W. Winter, o representante de Piepmeyer & Cia, um homem dos mais eminentes do mundo petrolifero, com 26 anos de pratica na direção tecnica suprema da Stella Romana, é hoje o superintendente tecnico da Petroleos – de graça...

Infelizemnte vivemos aqui sempre em luta – essas lutas das sociedades anonimas ao tipo democratico. Formam-se grupos que não comprendem o alcance do negocio e vivo aporrinhado. Inda agora tive de agir com toda a energia contra um desses blocos que, apesar de representar minoria insignificante, queria dirigir tudo.

Não sabemos ainda nada de definitivo quanto ao nosso poço; se a diabase durissima persiste terei de suspender a perfuração até que o caso Balloni se decida e o governo de S. Paulo faça o contrato com a Elbof. Tudo depende do que se passar no poço este mês.

O poço Balloni ganhou decidida dianteira. Está em 1215 mts e positivamente numa camada que se não é a crosta do petroleo então é da gente não crer nem no depistamento do Getulio. Parou para entubar e o governo do estado entrou com 1200 mts de tubos de 4" adquiridos na praça. Esses tubos seguiram para o campo esta semana. Resta que entubem bem e façam a cimentação na ordem. Cimentação é operação difícil. Feita a cimentação e reiniciada a perfuração, se não sair petroleo em poucos dias é da gente meter a cabeça numa latrina.

Agora espero a decisão do Armando quanto á Elbof. Só depois desse passo é que convocarei a assembleia para decidir sobre o contrato Piepmeyer. Mas tudo parece que está tomando um caminho decisivo. O momento do petroleo chegou – e a mim já valeu pelo advento de mil cabelos brancos. Bem disse o Romero quando aqui chegou: Lobato, você não sabe em que se meteu. Lidar com petroleo é agarrar um leão pela cola.

E assim tem sido...

Do

[ass. Lobato]

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. 21-5.35]

S.Paulo, 3,maio, 935

Dr. Neiva:

Recebi sua ultima carta. Aqui tudo bem, apesar duma circular dum Comité de Acionistas que o sr. deve ter recebido. A minha resposta segue em circular segunda-feira. Leia com atenção e veja que gente ruim e leviana é o brasileiro.

Reformamos o serviço na sonda, cortamos as despezas a um terço e estamos obtendo maiores progressos na perfuração da tal diabase que nos vinha pondo doidos.

Mandei traduzir do alemão um livro curiosissimo, de Essad Bey[547] (pseudonimo dum dos big shots da Royal Dutch) e esse livro vai revelar á nossa gente o que é o petróleo no mundo. Vou distribuir 1000 exemplares gratuitamente, a todos os deputados e senadores e ministros e figurões que dirigem os destinos do paiz e pouco sabendo petróleo. Para fazer a distribuição aí no Congresso era-me necessaria uma lista do pessoal. Pode arranjar-me isso?

Muito espero da difusão dessa obra, para a qual escrevi um prefacio terrivel de logica e fatos. Ha de ser lida e contribuir mais que tudo para pôr em foco o problema do petróleo. Logo que o receber, leia-o e comunique-me a impressão. Em seguida conversaremos sobre um plano de campanha aí na Camara e aqui no Congresso paulista.

Agora que tenho o contrato do Peipmeyer, sinto-me com um forte trunfo nas mãos, e se o governo, daí ou daqui, nos ajuda com as provas geofisicas, daremos uma grande tacada.

Esta vai apenas para chamar a sua atenção para a circular do Comité e a minha – e tambem avisar que o livro do Essad Bey tem que ser lido e meditado. Ele preparará o terreno para uma ofensiva. Na guerra antes dum assalto o inimigo era preliminarmente trabalhado durante horas com o bombardeio. Com 1000 Essads creio que preparemos o cerebro da nossa gente, fazendo todo o mundo pensar num certo sentido.

Do

[ass. somente Lobato]
Monteiro Lobato

---

[547] Trata-se do livro *Flüssiges Gold: ein Kampf um die Macht* (Ouro líquido: uma luta pelo poder), publicado em 1933, de autoria do judeu russo de expressão alemã Essad Bey, pseudônimo de Lev Abramovic Noussimbaum (1905-1942), que seria traduzido pelo engenheiro Charles W. Frankie e publicado com o título de *A luta pelo petróleo* (Companhia Editora Nacional, 1935).

[Manuscrito; papel timbrado: canto superior esquerdo – Ender. Telegr. / PETROLEOS; centro – Companhia Petroleos do Brasil / Rua Boa Vista, 25. 7º andar, sala 711. / Caixa Postal 1934. São Paulo; canto superior direito – Telephone / 2-1322; anotação no alto da página, no canto superior direito: R. 24-5-35]

S. Paulo 22.5.935

Dr. Neiva:

Recebi sua carta e a lista mas se me mandasse outra, seria otimo. Preciso duma duplicata.

A "Luta pelo Petroleo" vai sair dentro de 8-10 dias – e espero que creará a mentalidade que precisamos. Depois que o ler, havemos de conversar e combinar grandes coisas.

O governo de S. Paulo (dando a nota, como em tudo mais) vai fazer as provas geofisicas. Hontem o Secr. da Fazenda me chamou pª. conversar a respeito. Será feito o contrato, e logo. A seguir, nossa Cia contratará o financiamento com Piepmeyer – e teremos quantos poços quizermos sem necessidade de despender dinheiro. Parece-me, pois, perfeitamente assegurado o futuro da Petroleos.

Recebeu a minha circular nº. 7? Que luta contra os "incompreensivos". Peiores que congressistas na oposição.

Do

Monteiro Lobato

[Datiloscrito]

S.Paulo,16,6,935

Dr Neiva:

Espero que já haja recebido a Luta pelo Petroleo, que a Civilização (livraria) ficou de entregar na secretaria do congresso. Mandei um exemplar a quasi todos os congressistas. Diga-me se receberam.

Agora vou responder á sua carta de 5.

Os dois agentes que a Standard mantem dentro do Serviço Geologico são o Victor Oppenheim e Mark Malamphy. Ambos deixaram o serviço da Standard para insinuarem-se lá – e hoje são lá dentro quem decidem de tudo. O Fleury é uma besta. Na minha denuncia ao Getulio contei isso com todas as letras.

Oppenheim, judeu iternacional, não tem patria definida. É o que convem ser no momento. Já foi frances, alemão e polaco. Atualmente não sei onde está. Da Argentina foi expulso, ou intimado a sumir-se, por causa das suas maquinações satandarticas. Veiu para cá, insinuou-se na Cia de Alagoas, fazendo-a dar com os burros nagua na primeira fase e em paga do mal feito a essa Cia foi admitido no S.G.

Malamphy dirige uma comissão de provas geofisicas feitas com balança de torção e magnetometro unicamente e comunica os resultados certos á Standard e os que quer á imbecilissimo Fleury. Uma pilhéria –

A discussão do problema do petroleo, a discussão escolastica, com similes de Gondwana e outros, é pilheria. Petroleo não se discute: fura-se. Com base em estudos geofisicos de verdade,

como os da Elbof, o negocio se toma matematico – num sentido ou noutro – no negativo ou no positivo. Discutido o problema escolasticamente, ele se torna materia de opinião – e opiniões uma vale a outra. Fica um caso de dialetica. Qual o maior guerreiro, Cesar ou Alexandre? Está claro que a Standard quer que o problema fique nesses termos, porque assim ela realisa mais facilmente seus objetivos, que são os expressos na carta do Koller, de que lhe mandei extrato.

Agora recebemos de Alagoas excelentes noticias. Dos tres poços começados, foi retomado o segundo, o poço S. João, que depois de alargado e corrigido de outros defeitos, prosseguiu e acaba de romepr muito gaz. Telegrama hontem recebido de lá comunica-me que rompeu gaz medido a manometro com 70 libros de pressão por polegada. Gaz de petroleo, inflamavel. Estou á espera de detalhes por carta, porque me parece que quem vai ganhar a corrida é a Cia de Alagoas.

Aqui a guerra contra mim está tremenda. Agora que o poço Balloni está na iminencia de dar petroleo e o de Alagoas tambem, coligaram-se contra mim varios grupos ansiosos de terem os lideres na chefia no momento da vitoria. E me puseram num impasse terrivel. Com a guerra que me fazem impedem que entre dinheiro, para me forçar a suspender os trabalhos. Ao mesmo tempo não conseguem formar diretoria que me substitua. Convocaram uma assembleia para 28 do mes passado, que fracassou. A assembleia convocada para hontem, tambem fracassou. Ficamos assim a esperar por uma assembleia que resolva o caso e nada de entrar dinheiro. O plano é forçarem-me a interromper os serviços para depois alegarem contra mim isso.

Ah, o brasileiro! Como é filho legitimo do portugues!

Incrivel o que acontece. Eu fiz tudo – tudo, tudo até agora, e como estão todos convencidos da vitoria proxima, ou de Balloni ou de Alagoas, eles sabotam a nossa Cia por amor á gloriola. Eu estou louco por entregar a eles a Cia, porque não viso gloria e sim petroleo, mas eles não querem. Quem que a coisa pare nas minhas mãos. Querem desmoralizar-me. Se o Sr visse a circular que expediram... De dar nojo, tais as infamias e falsificações. Politicagem da roça, da mais sordida.

Estou perfeitamente ao par do problema do petroleo no Brasil e se quizer que eu resuma o que ha para seu uso na comissão, conte comigo. Mas no prefacio do Assad Bey está tudo. Leia esse prefacio.

Só ha uma coisa a fazer: estudos geofisicos, e depois deles, perfurar. Mais nada.

O Armando vai fazer os estudos geoficos, e sendo favoraveis vai prosseguir nas perfurações das Cias que se acham sem recursos. Foi o que o Julinho disse na sonda ao nosso engenheiro no dia 5, dia em que lá esteve de visita.

O parecer do serviço geologico estadual sobre os estudos geofisicos deve sair a semana proxima. Depois disso, se estes homens não estão tapeando, o contrato se fará.

Em vista da guerra que me movem na Petroleos, Pipemeyer retirou a proposta de financiamento feita a essa Cia, e vai agora agir de outro modo. Formarei uma sociedade nova, por quotas, de capital minimo, e essa sociedade ficará com o contrato de financeamento. Quer dizer que a grande coisa que eu havia arranjado para a Petroleos, escapou dela por imbecilidade dos ambiciosos. Fica comigo. Melhor para mim. Mas farei de modo que esse contrato venha a servir de salvação para a Petroleos, caso ela precise. Tenho muitos interesses nessa Cia, de modo que hei de defende-la o mais que possa, ainda contra a vontade dos incompreensivos.

Responda-me.

Do

Lobato

Recebeu o meu cartapacio com o projeto da Revolução Economica?

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no centro: jul. 1935]

Dr Neiva:

Recebi suas duas linhas – e ando á espera de resposta ás minhas cartas. Não sei se recebu um calhamaço sobre a "revolução economica"...

Vai o livro para o Medeiros Netto, que por segurança o amigo fará o obsequio de entregar.

Recebi uma interessante carta do Deputado por S. Catarina, Rupy Junior, e vou responde-la dizendo que troque ideias consigo a respeito do petroleo. É um homem de intelligencia e boa vontade, que quer trabalhar no sentido de rimper a conspiração da Standard.

Mudei-me definitivamente para aqui, onde comprei uma casa. Razão principal: fugir dos homens, ficar mais em contacto com as borboletas do que com o sordido bipede que as coleciona. Porisso dirija suas cartas a este endereço:

M. L.
Emilio Ribas
Campos do Jordão
E.S.Paulo

Tenho muita coisa para lhe contar, mas não o tenho feito na duvida se tem recebido minhas cartas.

Do

Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: Companhia Mattogrossense de Petroleo / EM INCORPORAÇÃO / Edificio Paes de Almeida – Rua Bôa Vista, 22 – 2º andar, sala 213 – Phone 2-7278 / Caixa Postal 2151 – End. telegr: Mattogrossense]

S. Paulo, 6,1,936

Dr Neiva:

Esta tem por fim apresentar ao amigo D. Yaynha Pereira Gomes, esposa do Dr. José Maria Gomes, preso ha um ano ninguem ainda descobriu porque. Entre as milhares de infamias cometidas pelo governo getulino não é das menores essa de arrancar do seio de sua familia um cientista que jamais cuidou de outra coisa senão da biologia e arteirices do bacilo de Hansen – e conserva-lo num inferno que existe aqui com o nome de Paraiso.

D. Yaynha, cansada de esperar justiça, vai ao Rio ver se abre os olhos desses infames carrascos, e quer ouvir o seu conselho sobre o caso, certa de que o espirito de justiça que distingue o Dr Neiva o fará interessar-se pelo assunto.

Recado do

[ass. *M. Lobato*]
Monteiro Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: canto superior esquerdo – MONTEIRO LOBATO; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. 6/3/36]

S. Paulo, 4, 3, 936

Dr Neiva:

O Hilario trouxe-me a sua carta de 28 – e agora estou ansioso por saber se o Arturzinho recebeu a minha de 26, acompanhada da resposta que dou á ex-dupla MALOP, hoje quadra, porque entraram 2 Leonardos para a quadrilha.

Fico muito contente de saber que o Med. Neto tem mentalidade, talvez recebida por endosmose da esposa alemã. Otimo. Talvez possamos contar com ele para a grande ofensiva de mobilisação do sub-solo baiano. Quero muoto conversar com esse homem. Nosso plano agora é constituir uma companhia em que o consorcio alemão entre com o financiamento e um capitalista, ou grupo, entre com o custeio dos estudos geofisicos. Uma firma baiana, das mais fortes, está inclinada. O chefe dessa firma conversou com o Winter na sua passagem pela Baía, e vamos entrar em entendimentos. Com o governo de lá não contamos. Esperança que falhou.

A campanha do petroleo claro que vai ser dura, mas não importa. Quanto mais dura, melhor. Num sector já vencemos, o de Alagoas, e já consolidamos a vitoria. A Coisa Federal foi corrida de lá. No ultimo discurso feito pelo Osman, na inauguração das obras do porto, ele só falou em petroleo. Em certo ponto disse: "Eu já fui Interventor; agora sou Governador eleito pelo povo de Alagoas, e neste caso do petroleo estou com o povo e irei com ele até o fim, nem que seja preciso recorrer á conquista."

O Odilonzinho recuou; desistiu de federalizar geofisicamente o Riacho Doce; diz que vai começar da fronteira pernambucana para o sul. Quando ele vier se aproximando de Riacho Doce, pode acontecer uma coisa muito interessante. Pode um grupo de cangaceiros assaltar a turma, moer a marreta a balancinha de torção, o sismografo e o magnetometro da turma federal e dispersar a coices os manobradores daquilo. Depois, somem-se – e os jornais noticiam: "A gente do Lampeão destruiu a comissão geofisica federal." E quero ver Odilon, Getulio, ou quem quer que seja, ir prender Lampeão como eles prendem comunistas...

Chegamos a tal ponto neste país que temos de botar Lampeão no petroleo – e po-lo-emos. Vai ser um suco. Contra o cangaço federal, temos ainda o recurso ao cangaço sertanejo, muito mais limpo.

Acho muita graça nesse gente com quem o sr. discute incriminar-se por ter tentado introduzir no Brasil o processo Smith. Que ignorantes são! Esse processo está plenamente vitorioso e vai ser a base da matalurgia de amanhã – e da nossa, tembem. Os productos da Cia de Ferro Puro, com base no forno Raeffray (modalidade do de Smith) cuja patente foi tirada por mim, estão uma pura maravilha, e os preços oferecidos na America por toda a produção da futura fabrica sobem a 7 vezes o preço do custo. Agora estamos ultimando o pega de Ipanema, com minas, fabrica e tudo mais, afim de montar lá a usina definitiva. O papelorio do Ministerio da Guerra, que o que controla o Ipanema, não tem fim, mas estamos no fim, com todos os pareceres favoraveis. Esses meus oponentes e difamadores hão de ver quem [sorri] por ultimo.

Quanto ao aparelho Romero, eles não compreendem que, qualquer que seja o merito desse aparelho, foi o elemento novo, mistico, que me permitiu crear o atual movimento petrolifero. Tudo que está em andamento em S. Paulo e Alagoas saiu dele. Logo, deu um grande resultado; e se tirarmos petroleo em consequencia deste meu movimento, terá sido,

senão diretamente, pelo menos indiretamente em consequencia da trazida para cá do aparelho Romero. Contestem isto, se forem capazes.

E o poço de Riacho Doce, que fatalmente vai dar petroleo? Foi ou não locado pelo Romero? Creio que ainda este mes temos o parecer ponto – e vai ser uma vitoria para o aparelho Romero. O que, aliás, não me entusiasma muito, porque o tal Romero é, com perdão da palavra, um filho daquilo. O aparelho não é invenção dele, e sim dum farmaceutico canadense que foi assassinado numa casa de pensão que ele tinha em Las Vegas. Morreu o homem e o aparelho desapareceu. Um ano depois surge no mundo o Aparelho Romero. A policia americana apurou isso, e até hoje o traz de observação. Mas não consegue evidencia. A unica testemunha é a primeira mulher dele, da qual se divorciou – mas ela não fala porque ele marcha muito corretamente com a alimony.

Inda hontem recebi do chefe de policia de New Mexico uma carta muito curiosa, a respeito de Romero. Aquilo é um romance de Edgard Wallace.

Minha ideia, pegando o Romero, era dar o start; depois do carro em movimento, veriamos. E o calculo deu certo. Se até o Dr Max Piepmeyer está hoje em Alagoas, ao Romero o devemos.

Tenho muita vontade de conhecer os termos em que Eusebio falou do petroleo de Alagoas – e mais ainda de conhecer os termos em que no Livro de Perfuração (que é oficial e basico, porque dali é que se deduz tudo e se tiram os relatorios) o perfurador Evangelino anotou os oleos aparecidos de 270 a 308 mts. Esse livro está em Alagoas, com o Edson, e eu esperando a copia do pedaço que me interessa.

O Anisio afundou nos sertões das Baía. Lá perto de Lampeão ele se sente mais garantido do que por aqui. Viva Lampeão!

Hontem li que Odilon apresentou um relatorio ao Getulio. Pena que o não publique. Pena que não venha com mais comunicados á imprensa. Que boas sovas novas não tomaria!

O caso é, meu caro Dr. Neiva, que já se fala em petroleo, que já se admite petroleo, que já se investiga petroleo, que já ha ciencia da melhor qualidade a pesquiza-lo. Isso significa vitoria, vai ver. Quando comecei a minha campanha, riam-se. Agora, uns choram; os que se riem, já tingem de amarelo o risinho – e a parte construtiva segue seu curso. Esta semana ficam prontas as coroas de rotativa que estamos fabricando nas oficinas da Paulista, em Rio Claro, com eixos de locomotiva. Irão para Alagoas e esse aço paulista irá prosseguir no avanço do poço, dirigido por um suisso-paulista de Piracicaba, o Ch. Frankie. S. Paulo, velho de guerra, sempre na ponta – fazendo, construindo, insistindo, trabalhando debaixo do fogo de barragem dos inimigos. E havemos de vencer.

Se falhar o petroleo de Alagoas, vamos atacar o de Mato Grosso. Lá é impossivel que falhe. Estamos organizando a Cia Petroleo Mato Grosso. Lembra-se daquela caixa de pregos de todos os tamanhos que o Sr. me deu? Pois é aquilo...

Do

Lobato

[Datiloscrito]

Dr Neiva:

Recebi sua carta com o trecho de Eusebio, que é otimo e já aproveitei numa entrevista que a OFFENSIVA me pediu. Nessa entrevista (que não sei se eles publicarão porque está meia esculhambativa), faço justiça ao Eusebio e explico as razões da minha campanha contra ele.

Recebi uma batelada de Radicais e vou agradecer á redação. Foram extremamente gentis (e sei graças á intervenção de quem...)

Agradeça por mim, tambem, ao Arturzinho o trabalho que teve.

As noticias de Alagoas são otimas. A perfuração vai ser retomada, logo que cheguem as coroas encomendadas ás oficinas da Cia Paulista – e o Frankie já deu começo ao levantamento topografico indispensavel.

Em S. Paulo já começamos uma campanha de imprensa, interpelatoria do Governo sobre porque não faz o contrato geofisico. A Gazeta de hoje deve trazer algo suculento.

E cosi va il mondo....

Do

Lobato

S. Paulo, 5,3,936

[Datiloscrito; anotado no alto da folha, no canto superior direito: R. 16-3-36]

S. Paulo,14,3,936

Dr Neiva:

Recebi a sua carta de hontem – mas o que o Artursinho mandou ainda cá não apareceu. E estamos ansiosos.

Sua carta está curiosissima e mostra o frege em que aquilo está. Voltam-se uns contra os outros e muita lenha para as minhas acusações vai ser fornecida por gente de dentro. O pobre Eusebio vai sair ganhando, porque se ele ajuda a derrubar a camorra atual, nós aqui não mexeremos com ele.

O Odilon não tem coragem de soltar o relatorio porque deve ter deixado nele tremendos pontos de pega para a critica – como teve ocasião de verificar pelo ultimo artigo do Costa Rego. Ele se sente em terreno falso – e os contendores sabem escrever, sabem o que querem e não tem medo – porque não tem rabo de palha.

Minha curiosidade de conhecer a exposição na integra é imensa, e caso a censura não permita que os jornaes continuem no debate em torno do petroleo, faremos uma coisa seria: uma analise da exposição ponto por ponto, era livro que será espalahdo pelo paiz inteiro. Nós estamos com a razão, com o Interesse Nacional, com o Brasil inteiro do nosso lado, e portanto não recuaremos.

No caso da Bahia o Hilario tem para si a carta que vai com esta. A guisa de complemento mandarei em carta proxima um esquema do que podemos fazer praticamente na Bahia para dar

inicio á mobilização. Pelo que nos informou o Winter (chegado antehontem) aquela firma Carvalho está disposta a formar a companhia baiana.

Continue a mandar as suas informações, que são preciosissimas. A luta e grande, mas havemos de vencer. Disso não tenho hoje a menor duvida. Em Alagoas, por exemplo, tudo vai otimo. Os trabalhos geofisicos foram começados e a perfuração será retomada depois do dia 20. Tudo em movimento. E aí a camorra mais desmoralizada do que nunca e já a se entreacusarem. Acabarão destruindo-se mutuamente – o que será uma limpeza.

Adeus e mais uma vez obrigado. Fico aguardando a remessa do Arturzinho.

Do

Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo,21,3,936

Dr Neiva:

Acabo de receber a sua de 20, dizendo da remessa do ultimo boletim do Ministerio. Estou curioso de ver o que diz o Bourdot sobre as ocorrencias de Alagoas, e se cita o trecho do relatorio do Eusebio em que fala no encontro de petroleo livre.

Amanhã, domingo, vou escrever minha nova cartinha ao Ministro,embora não a publique antes de receber de Alagoas a fotografia do Livro de Perfuração, que mandei buscar. Espero que saia coisa irrespondivel. O Eusebio vai gosar. Mantenha-o firme do nosso lado e não o deixe amedrontar-se. Ele que bata firme no Fleury, que sairão do Inquérito aumentado e rehabilitado.

Hontem recebemos a minuta do contrato de S. Paulo. Ha alterações a fazer, porque na secretaria meteram-se a entender demais do assunto e vieram com clausulas absurdas. Mas já não tenho duvidas que a coisa não demorara, o Armando, ao que diz o Piza, secretario da agricultura, mandou dizer-lhe que quer que o contrato saia quanto antes. Esse contrato vai ser o mala belo golpe meu no Departamento. Mas apesar da minha confiança, quero ve-lo assinado para crer.

A 18 mandei ao Arturzinho um artigo para o Radical, revidando contra os que me atacam a pobre dona Benta, e hoje escrevi ao Costa Rego pedindo que me abra as colunas do Correio para nova defeza contra Maul.

Está de fato articulada uma campanha contra meus livros, movida pelos elementos que alijaram o Anisio e querem destrui-lhe a obra. Faz parte desse grupo o meu caro amigo Lourenço Filho. Mas eles se enganam comigo. Anisio não poude defender-se. Eu vou virar gato hidrofobo.
É indispensavel que o sr. nos mande, ou nos mantenha avisados do dia em que o Odilon validar divulgação larga ao resumo que prepara, esse modo sairá conjuntamente com isso a tremenda analyse da Exposição que o Hilario vai preparar, e tambem a minha cartinha... Ele não falará por ultimo.

A semana entrante passarei em Campos. Mande a correspondencia para lá até 2.aviso.

Do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. 9-4-36]

Campos,3,4,936

Dr Neiva:

Peço dizer ao Arturzinho que recebi o Boletim da Agricultura e que fico muito obrigado.

O Pires convidou-me por carta a comparecer no dia 2 ou qualquer outra dia de reunião. Respondi que preferia depor por escrito e que aguardava a chegada duns documentos para o fazer. O documento principal que espero é a carta do Herry Koller sobre as atividades secretas da Standard no Brasil. Infelizmente essa carta está, no original, com o Armando Sales de Oliveira, governador de S. Paulo, o qual, apesar da minha insistencia, ainda não ma devolveu. Se continuar assim terei que entrar com copia, declarando onde está o original.

Que sabe de novo? Irá o E. depor ou já se acomodou com o Fleury? Os homens mudam, como o tempo.

Com o meu plano de poupar o Eusebio fiquei um tanto desarticulado no meu depoimento, porque tenho de calar tudo quanto sei passado aqui em S. Paulo. Mas ele que fique sossegado. Restringirei minha fala a 1) atividades secretas da Standard no Brasil, comprovadas pela carta Koller; 2) apresentação da carta Malamphy com a copia da carta de consulta e analyse; 3) atuação do Deprtamento versus Nacional por meio do Oppenheim escondido atrás do internentor Afonso de Carvalho. Etc. Isso bem apresentado fornecera materia para justificar todas as minhas arguições. Se como resultado do inquerito a Comissão viesse com um plano construtivo bem pratico para intensificar as pesquisas de petroleo, seria otimo. Infelizmente não vejo lá ninguém que entenda de petroleo, senão livrescamente. O Winter, por exemplo, com a enorme pratica do assunto que tem, poderia ser um elemento consultivo de primeira ordem – mas está ligado comigo e portanto prejudicado. Sou mal visto. Sou o inimigo que é preciso anular. O fato de ter ao meu lado a opiniãi publica não vale coississima nenhuma. A opinião publica compõe-se de milhões de celulas de conciencia sem nenhuma ligação entre si e portanto sem nenhuma força. É farelo solto. O que vale são as opiniões dos grupos nos quais um punhadinho de celulas de conciencia estão todos ligados ntre si, formando bloco e atuando numa certa direção.

Contra o farelo da opinião publica existe o grupo do Departamento. Logo, a vitoria será do grupo. E será bem feito que assim aconteça porque um sujeito que já vibeu meio seculo neste mundo não devia ter a ingenuidade que eu ainda tenho. Essa de querer o bem publico, de punir pelo "interesse nacional", pela "justiça", etc., é de cretinoide incurevel. Oh,se eu pudessse entrar para um convento...

A coisa não vai. A resistencia contra a Elbof em S. Paulo, Bahia, por toda a parte está de pedra e cal. Viva a Standard! Aquilo é que é saber agir. E cada vez mais me assombro como se deixaram derrotar no sector de Alagoas. Foi o milagre dos milagres.

Adeus. Muitas recomendações ao Arturzinho.

Do

Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. 18.5.36]

S.Paulo,12,4,936

Dr Neiva:

Devolta de Campos encontro aqui sua carta de 4. Incluo a declaração que me pede sobre a critica do Brandenburger.

Está dificil a nossa comunicação pelo correio. As coisas que mando não chegam. Uma copia do meu depoimento no Inquerito que mandei no mesmo dia em que mandei o original do Pires do Rio, não chegou ás suas mãos. O mesmo com a copia que mandei ao Edson em Alagoas. Que infames tempos andamos a atrevessar – e bom será que seja atravessamento, pois muito receio que fiquemos nisto sempre.

Que país, santo Deus! O contrato geofisico de Alagoas termina no fim do mês - e até agora não foi possivel desembarcar na alfandega de Maceió a dinamite necessaria á aplicação do processo sismico. É agora uma comissão militar que está criando o embaraço... A coisa federal sempre, sempre. Ora, esses estudos sismicos são fundamentais para complemento dos já feitos pelos outros processos – e o contrato vai chegar ao fim sem que a parte sismica se realise.

Estas coisas dão-me nauseas. Sinto vontade de vomitar-me a mim mesmo. Repugnante um país assim.

Quando estiver com o Pantaleão conte-lhe isso – que é a burocracia do exercito que está agora sabotando.

Hilario pos-me ao par do que está se passando na Comissão de Inquerito. Oxalá tenham os juizes a coragem de não se encolherem no "cohonestamento" quando chegar o momento das conclusões.

Em S. Paulo vamos perder a partida. A "coisa federal" sob forma odilonesca interferiu perante Piza (o Odilon da agricultura daqui) para que seja barrado o contrato com os nossos alemães). Viva a coisa federal!

Bem diz o Maneco: o paulista e burro e ladrão.

Adeus.

[ass. Lobato]

[Datiloscrito; anexado à carta datada de 12 de abril de 1930 – nº109]

S. Paulo, 12,4,936

Presadissimo Dr. Arthur Neiva:

Tem esta por fim declarar que a critica ao livro Brasilishe Prose, do Dr Clemente Brandenburguer, aparecida na seção bibliografica da "Revista do Brasil", de que eu era proprietario e redator, á pgs 173 e 174, do volume 12, de 1919, não é da autoria da redação e sim do Dr. Athur Neiva, ao qual, em virtude do seu conhecimento do alemão, pedi o obsequio daquela noticia critica.

Com toda a estima

Monteiro Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo,22,8,936

Dr Neiva:

Ora até que enfim recebi uma carta sua. Já andava saudoso das suas reportagens pela estratosfera nacional. Nem da viagem do Arturzinho sabia. A descrição que ele faz da Sul Africa entusiasmou-me. Lembra-se do tempo em que o grito de guerra da imprensa era "Olhemos para o México?" Temos que muda-lo para "Olhemos para a Africa".

Meu livro foi um desabafo, onde disse coisas que pelos jornais seria impossivel. Receei que fosse apreendido, e prevenindo essa hipotese tirei inicialmente 10.000,que infiltrei. Só depois disso pu-lo á venda aqui e no Rio. Se tentassem trancar o livro seria tarde. Mandei a todos os congresistas daí e de muitos estados e tambem a todos os corpos de exercito, batalhões, etc. A sensação está sendo de estupor, no primeiro momento, e depois de indignação. A semana que vem sae a 3a edição de mais 10.000. No galope em que vai, creio que venderei 50.000 escandalos. Nunca nenhum livro meu saiu tanto.

A censura aqui está feroz, vedando aos jornaes o comentario do livro e até artigos sobre o petroleo em geral. Parece que a Standard já subornou tudo. Aí no Rio só o Radical tem comentado com sequencia. Os jornais do Assis Chateubriand nada dizem, e a um amigo meu o Assis confessou que esse silencia é a pedido do Odilon Braga. Quanto irá custar ao Ministerio da Agricultura? E quando eu chamo isso de "a pustula federal" ainda ha gente que ache forte.

Nossa campanha do petroleo está plenamente vitoriosa no sector de Alagoas. Os estudos geofisicos já terminaram, com resultados acima dos esperados. Em setembro será publicado o relatorio final da ELBOF. Mas apesar disso, e apenas com base no relatorio parcial, correspondente aos 3 primeiros meses de estudos, já temos o financiamento assegurado. Aquele grupo tecnico financeiro alemão de que ha tempos lhe dei noticia (creio que o fiz) mandou terça feira da semana passada um seu representante ao nosso escritorio declarar que os estudos já feitos justificavam o financiamento e o grupo estava pronto para entrar em negociações. Queriam informações sobre a companhia, area das concessões, texto dos contratos, decreto de autorização, etc. Recebido e examinado isso, virão ao Brasil emissarios com plenos poderes para apresentar proposta e assinar o contrato.

As ofertas são de dois tipos: l) fornecimento á companhia de todo o material que ela necessitar; 2) contrato de todos os serviços a se fazerem. Em ambos os casos o pagamento será feito com porcentagem do petroleo produzido.

Alem dessa proposta o Edson recebeu mais 4, mais ou menos semelhantes. Ele seguiu para Alagoas para providenciar a tradução do relatorio final e a arrumação dos documentos pedidos. Em meios de setembro estará de volta. Vai ser uma beleza.

Em Mato Grosso tudo tambem corre maravilhosamente. Pegamos 520.000 hectares de contratos nas melhores zonas do sul, e o governo do estado manifestou um milhão de hect. de terras devolutas ao norte, onde está a oil seepage de Pacasnovas, de que falo em meu livro. Vai agora fazer o contrato de subsolo conosco, para que lancemos já a Cia Matogrossense de Petroleo. Já foi apresentado o projeto de lei autorizando 200 contos para os estudos geofisicos, devendo estar tudo liquidado no fim deste mes. Em setembro será feito o contrato com a ELBOF. Tudo otimo.

Também no Paraná contratamos 80.000 hectares nas melhores zonas – nas em que a Standard já meteu as unhas. O Paraná tambem fará estudos geofisicos. Estou acertando esse ponto com o Ribas.

Nesses tres sectores (zonas magras), Alagoas, Mato Grosso e Paraná, a vitoria está assegurada. Em S. Paulo vamos perder a partida. S. Paulo é zona gorda. A Standard já tomou pé aqui, e aquele livro de cheques que o ano passado a Standard mandou para Alagoas, nas vesperas da assinatura do contrato com a Elbof e que de lá voltou intacto, aqui em S. Paulo ficou reduzido ao toco. Bem diz Maneco: o paulista é burro e ladrão.

O depoimento do Hilario está tremendo. Se a Lei de Minas não cair com aquilo, então é o caso da gente emigrar incontinente. Não haverá mais esperança de nada.

Leia o livro todo e conte-me a impressão causada. E mais coisas que venha a saber.
Hoje seguiu um protesto nosso endereçado ao general Meira Vanconcelos contra a censura daqui. Vamos ver o que sai.

Se o Brasil persistir na atitude idiota que até aqui manteve quanto ao petroleo, não será por culpa, minha. Contei-lhe a verdade inteira, ou contamos, eu e Hilario. E como o livro está com saida crescente, breve teremos 100.000 ou mais pessoas de cima bem informadas. Cada livro é em media lido por 5 pessoas. Com 20.000 exemplares, instruo 100.000 – e esse numero de 20.000 será atingido na terça feira proxima com a entrega da 3a edição.

Mas que maravilha a Africa! Que felicidade ser negro em colonia inglesa!

Do Lobato

Na sessão da Camara Municipal de hontem o vereador Cel Tenorio de Brito apresentou uma moção de aplauso ao "Esacandalo do Petroleo" nestes termos: "O brilhante escritor M. L. que é tambem um grande patriota, acaba de publicar o Esc. do Pet., livro forte em que focalizando o problema petrolifero brasileiro lança, num grito de desespero, um apelo comovido e veemente ao exercito nacional é á mocidade do Brasil, elementos que dentro da nação, ainda são capazes de um impulso de nobre patriotismo em meio á fouxidão de carater que se generaliza assustadoramente em nosso país. Assim, requeiro a consignação na ata dos nossos trabalhos de hoje, de um voto de aplausos ao referido escritor pelo aparecimento do "Escandalo do Petroleo", como expressão de solidariedade e encorajamento desta Camara Municipal á continuação da luta encetada por S. S. até atingir os objetivos visados."

A moção foi aprovada unanimemente – mas o nosso grande orgão, O Estado, amoitou. Aqueles proceres estão agora contra o petroleo, imagine! Agora que a vitoria está assegurada. Como é curto o nosso Julinho!

[Datiloscrito; s/data; anotação no alto da folha, ao centro: 1936]

Dr Neiva:

De volta de Cuiabá encontrei aqui a sua carta de 18. Assinamos lá o contrato geofisico e vamos agora lançar a Companhia Mato grosso de Petroleo, em começos de dezembro. Hontem recebemos telegrama da Paraiba, comunicando a assinatura de igual contrato com, a Elbof. Temos pois no ativo três vitorias - .três estados que concretizaram o repudio do DNPM. A seguir virão Paraná, Espirito Santo e Pernambuco. Este já sancionou a lei respectiva. Espirito Santo já pediu a minuta do contrato. E Paraná dentro de 15 dias terá votado os 400 contos necessarios. Vamos indo. Hei de cumprir minha promessa de deixar para o DNPM apenas a avenida Rio Branco para os estudos geofisicos da camorra federal.

Tambem não espero o retorno á liberdade antiga. Perdemo-la. Constituição teremos como enfeite de cabide – coisa para viver sempre suspensa. Mas apesar disso o petroleo ha de vir. Pelo menos para um dos 40 milhões de escravos ele ha de dar a liberdade, permitindo-lhe fugir daqui.

Li as noticias da inauguração do Instituto do Cacau. A sua passagem tão rapida pelo governo da Baia ficará eternamente assinalada por aquela obra magnifica. Se cada governo fizesse uma coisa assim, iriamos longe.

Tive a visão de conjunto do curiossissimo e imenso Pantanal. Ha trechos maravilhosos de beleza – o das lagoas. Parece um jardim. Na região do Rio Negro, onde temos contrato de subsolo, existem, contadas pelo Rondon, 170 lagoas, das quais 95 de agua salgada. Trouxe de lá uma areia muito curiosa pelo numero de caramujinhos e fragmentos. Incluo aqui uma pequena amostra, para ser vista com lente. Veja se me classifica isso.

Não estou atento aos resultados do inquerito. Sejam quais forem, não influirão na marcha da nossa campanha. A campanha consiste em fazer estudos geofisicos e perfurar. Só. O resto se resume em literatura de relatorios – wild talk.

O empenho do Ministerio é agora perfurar em Alagoas para tirar petroleo antes do Edson. Para isso removeram para lá o material de sondagem existente no Paraná. Otimo. Que se tire petroleo é o que eu quero. Venha ele por qualquer mãos... Em todos os casos será petroleo.

Não tenho acompanhado a mexericagem do Ministerio. Não me interessa. Não é construtiva. O efeito que desejei alcançar com meu livro foi alem do esperado. Não iamagina a manifestação que eu e Hilario tivemos em Campo Grnnde. Cinco mil pessoas, todas as escolas, a oficialidade de todos os batalhões lá aqurtelados. Discursos incendiarios. O avião teve de atrazar-se uma hora!

Em todas as mais paradas, desde Cuiabá até aqui, repetiram-s as manifestações. Minhas palavras calaram fundo na alma popular. Verifiquei que ha no Brasil duas mentalidades – a desse repugnante Rio de Janeiro e a do povo mais sadio das pequenas cidades.

Estive na Bolivia, em Porto Suarez. Tudo inca.

Adeus. Um abraço em Arturzinho

do

Lobato

[Datiloscrito; data incompleta; anotação no alto da folha, ao centro: 1936 (?)]

S. P. 18

Dr Neiva:

Recebi a sua ultima, com a historia do Pantaleão. De fato andam agora todos a envenenar a minha geografia – e vejo nisso bem claro o dedo do petroleo. É uma marcha de flanco. Não podendo combater-me de frente, os malops atacam-me de lado. Mas vou reagir. Junto segue um artigo para o Radical, que o Arturzinho me fará o obsequio de encaminhar, onde exponho meu ponto de vista.

Li a exposição ao presidente. Lá não consta o relatorio do Eusebio sobre o encontro de petroleo livre em Riacho Doce. Estou á espera da fotografia da parte final do perfil do poço de 300 metros que o Eusebio abriu lá em 1925, e conforme sejam as anotações do perfurador, assim será a

minha resposta. Se o relatorio do Eusebio diz que encontrou petroleo livre e a fotografia o confirma, eu dou ao ministro uma respsota que ele não espera. Afirmo que o petroleo foi encontrado naquele poço e que a descoberta foi sabotada. Provo-o com o relatório do E. e com um cliché do livro de perfuração. E provo a sabotagem com a "omissão" da transcrição do relatorio no E. na exposição ao presidente, e a "omissão" do que foi encontrado nesse poço na lista dos poços abertos no Brasil que o Odilon pos na exposição. Isso bem preparado dá um partinho irrespondivel. Mas estou á espera de que a coisa me chegue de Alagoas. O livro está lá.

Qualquer dia dou um pulo ate aí para conversamos.

Curioso o relatorio do Odilon! Metade está escrito por mim. É mais o relatorio ao péga entre o Departamento e o Lobato do que outra coisa.

Adues. Continue a me ajudar.

[ass. L.]
Lobato

[Datiloscrito; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R./ 11-1-38 /sic/]

S. Paulo, 4,1,937

Dr Neiva:

Fomos informados hoje de que uns chantagista do Lar Nacional querem fazer "O Radical" prestar-se ás suas manobras, para um escandalo que eles esperam que eu e o Hilario abafemos com dinheiro da Matogrossense. Acho de toda a conveniencia que o Sr intervenha nisso e faça o Rodolfo abrir os olhos. Não sendo assim, iludido como ele está, teremos uma campanha sujissima, mas cuja sujeira reverterá para cima do jornal. Tratasse da maior bandalheira do seculo, um roubo monstruoso que a diretoria do tal Lar Nacional fez dos dinheiros da instituição. Está em andamento em S. Paulo o inquerito, que tudo esclarecerá, quando concluido. Mas eles querem dar o escandalo agora, antes de terminado o inquerito, porque depois será tarde para qualquer chantage.

Eu estou nesse caso do Lar como Pilatos no credo. Um dia cinvidaram-me para ocupar um dos lugares de diretor. Aceitei, fui á sede e tomei posse, assinando alguns papeis sem importancia. No dia seguinte fui para Campos do Jordão, onde se achava a minha gente, e de lá mandei a minha resignação, por sugestão do Hilario, que era consultor juridico da sociedade e começava a ver as coisas erradas lá de dentro. Nisso se reduziu minha atuação no tal Lar. Fui eleito diretor, tomei posse, estive no escritorio, funcionando como diretor, meia hora e 8 dias depois resignei.

Mas os chantagistas, como agora eu e Hilario fundamos com o maior sucesso a Matogrossense (cujas ações foram integralmente vendidas), querem aproveitar-se da situação na esperança de que, sob pressão do escandalo, nós lhes tapemos a boca com dinheiros da Matogrossense. Na sua infinita crapulice, eles nos julgam capazes disso.

A sua intervenção a tempo, abrindo os olhos do Rodolfo, impedirá que esse jornal, que tem sido nosso amigo, cometa um crime monstruoso – e se desmoralize. Se a coisa está nas mãos da justiça, nada mais simples do que esperar os resultados do inquerito – e então, sim, o Radical que nos ponha na rua da amargura, se o inquerito apurar qualquer coisa, por menor que seja, a nosso respeito – e se de mim, por exemplo, apurar outra coisa que não a dita atrás, isto é, que fui um diretor com meia hora de função.

Estive aí muito ás carreiras, por causa dum filho meu que está muito mal, e não pude procura-lo, como desejava. Nesses dois dias tive de ter 4 encontros com Presidente e ministros, e o senhor sabe como tais aidiencias comem tempo com as indefectiveis esperas. E foi pena o nosso desencontro. Tenho mil coisas a conversar.

Estamos de venta em popa no petroleo. A Matogrossense terminou a venda das suas ações, 10 mil contos, e está agora apressando os estudos geologicos, preliminares dos estudos geofisicos. Tudo faz crer que desta feita venceremos a partida. Até um ministro da Agricultura, amigo nosso e amigo do petroleo, temos na pasta. Até o Getulio fala em petroleo em seus discursos.

Evidentemente, a situação mudou – e é justamente porque estamos assim bem, é que os chantagistas querem dar o bote. Esses homens não nos conhecem, e não sabem a força que têm as conciencias limpas.

Esperançado em que o sr salve o bom Rodolfo de ir na onda dos cantagistas, e que convença;o a esperar o resultado do inquerito, subscrevo;-me

o amigo se sempre

Monteiro Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo,30,1,937

Dr. Neiva:

A Camara aprovou o projeto Maya mandando dar 3000 contos para o petroleo de Alagoas, e agora esse projeto está ha mais de mez no Senado. A demora está me causando extranheza, e lembrei-me de escrever ao amigo para que conversasse com o Medeiros e soubesse confidencialmente o que ha.

Temo sabotagem. Esses 3000 contos significam a vitoria, ainda este ano do petroleo. O Edson, por ordem do Osman Loureiro, já tem acertada a compra duma excelente sonda Wirth, nodelo 1936, ultima palavra em eficiencia. Tambem está em vista do melhor sondador disponivel que houver na Rumania, na Alemanha ou na Argentina, para onde já seguiram cartas de consulta. Resta só que o Senado vote os 3000, para que tudo entre em marcha acelerada, de modo a termos petroleo ainda este ano.

Votado o credito, o Osman levanta no B. do B., por conta do credito, parte do dinheiro e a sonda pode estar em Maceió em Maio; montada em Junho; com o poço terminado em agosto ou setembro. É sonda para 30, 40 metros por dia, rotary.

Ora, cada dia de retardamento do petroleo equivale a um prejuizo para o paiz de 2000 contos. Com a lerdice do Senado, quantos contos já perdidos?

Mas, como disse acima, temo a sabotagem. Como é fatal a tirada do petroleo comesses 3000 contos, os inimigos do petroleo tudo farão para que o Senado não favoreça o projeto, como a Camara o fez. E esta demora está me cheirando mal.

Mandei-lhe um folheto da Cia de Matogrosso, que foi lançada para ir mambembando até que o petroleo jorre em Alagoas; então, sim, teremos outras conversas. A base de terras dessa Cia é

enorme – e se acrescermos o que vai ser contratado com o governo de Mato Grosso (as terras devolutas), teremos a Cia de maior area do mundo.

A nossa impaciencia é enorme, porque tudo agora, tanto lá em Alagoas, como cá no sul, está na dependencia da votação do Senado. Se isso falha, ninguem mais terá animo de prosseguir na campanha.

Adeus. Veja se conversa com ele e me escreve algo reconfortador ou que dê esperança.

Do

Lobato

[Manuscrito; papel timbrado: Companhia Editora Nacional / Rua Gusmões, 118 Caixa, 2734 – São Paulo / End. Telegraphico: EDITORA Telephone: 4-4339 – Rede Interna; à esquerda – FILIAL RECIFE – Rua da Imperatriz, 43; à direita – DIRECTORES: Octalles Marcondes Ferreira / Themistocles Marcondes Ferreira; anotação no alto da folha, no canto superior direito: R. / 15-5-937]

Dr. Neiva:

Ando querendo saber o peso do Bendengó, aquele meteorito da Baía que está no Museu Nacional – e lembrei-me de consultar o amigo – que alem de sempre bem informado é patricio dele.

Do Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO; em anexo, carta de Benjamin de Garay, datada de 25 de setembro de 1937]

S.Paulo,30,9,937

Dr Neiva:

Mando-lhe a carta que Garay me escreveu sobre o seu caso. Não falei em remuneração, á espera de que a coisa viesse espontaneamente da Prensa – e talvez venha. Dê inicio á sua colaboração – e depois promoveremos o resto.

Vai a carta de Garay para se assunte bem.

Estou multo triste com as perspectivas que se abrem. Surge de novo o espectro do Comunismo, que não passa dum arranjo getulesco para pedir e obter estado de guerra e perturbar a eleição do J. A. Nada mais. J. A. é o inimigo n. l da politica nacional porque tem o defeito insanavel de ser verdadeiramente honesto. No momento final todos se cologarão contra elle, porque gangsters não podem admitir que suba ao poder um home de bem,

Estou cheirando todas as manobras estudadas no Catete. Macedo Soares cai fora logo, e a sua obra de justiça e pacificação será destruida. A gente que se benificiava com a industria da repressão está saudosa dos bons dias do Rao. É preciso que o regimem volte. É precisa que as cadeias se encham de inocentes para que haja material primo para a marcha da infame industria.

A coisa vai evoluir para Armando acabar ligado a Getulio contra J. A. Armando e Integralismo. E Flores. A preocupação geral é uma só: impedir que a Honestidade suba ao governo. Isto está dentro da moral de classe dos gangsters – e afinado com a imbecilidade do país. Esperemos pelo peor. Nunca vi, na vida do Brasil, o melhor ganhar a partida – e já estava assombrado com a possibilidade de J. A. vir criar uma exceção á regra. Não ha exceção ás regras ou leis naturais – e é uma lei natural que o Brasil seja sempre dirigido pêlos Lampeões de alto bordo.

A nossa proposta (UJB) ao Departamento do Café tem contra si um mal insanável: é honesta. Permite ao D. N. C. fazer o seu serviço de publicidade com uma economia de 20 a 30% do que o D. está gastando. Ora, toda a gente que se beneficia com esse gasto a mais de 30% está nos sabotando. Eles tem que ganhar a partida. Está dentro da regra geral.

Hontem, em viagem de Campos para cá, li a historia do Joazeiro do Pe Cicero, do Lourenço Filho. Que coisa horrível. Que país, meu Deus. O tal Pinheiro Machado, o Floro Bartolomeu... E ainda falam numa estatua ao Pinehiro Machado. Em summa: tudo uq leio, vejo e pressinto, me confirma na ideia que não somos um país; sim, um cancro na humanidade, um tumor maligno. E a gente não poder nem sequer fugir daqui...

Adeus

Lobato

[carta de Benjamin de Garay dirigida a Monteiro Lobato, de Buenos Aires, datada de 25 de setembro de 1937; papel timbrado: canto superior esquerdo – selo da AIR FRANCE; ao pé da folha: DOS DE ESTAS HOJAS Y UN SOBRE DE VIA AEREA PESAN 5 GRAMOS]

Buenos Aires, 25 de Sept. 1937

Querido Lobato:

Puedes decir a Neiva que, con el mayor placer apadrinaré sus trabajos en "La Prensa". Se lo mucho que vale, y hace tiempo que lo admiro. Dile que escriba articulos no más extensos que ocho laudas dactilografiadas, tratando de cada tema tenga las ilustraciones referentes al asunto que trate, porque las páginas dominicales de "La Prensa", son para ese fin.

No me comprometo de la cuestión de pagamento. Eso depende de las finanzas del gran diario. Además, creo que Neiva no hará cuestión de colaboración paga.

Que no espere convite. El convite implicitamente está formulado en la presentación que yo haré en la cabecera de su articulo, tal como ocurrió contigo. Pero deve expresar en su trabajo: "Especial para La Prensa".

En el número especial de año nuevo se publicará O jardinheiro Timotheo, por el cual recibirás, directamente de la gerencia del diario, alrededor de 400 mil réis.

Dias pasados me dijo José Santos Gollan, director del Suplemento ilustrado, que te iba a escribir, agradeciéndote, en nombre de la dirección de "La Prensa", tu colaboración de Don Quijote.

La vista continúa mal, sobre todo el nervio óptico del ojo izquierdo, que muy poco ve. El más grande de los oculistas argentinos, me aseguró que "me curaré", pero que es cuestión de tiempo y de severo tratamiento. Lo cierto es que veo con mucha dificultad.

En fin, será lo que Dios quiera.

Creo que Barcos ha conseguido zanjar todas las dificultades para que la editorial infantil sea una realidad dentro de pocos dias. Pero ha tenido que caer en manos de unos judios yankees.

¿Cómo van las cosas relativas a Zé Américo? En La Prensa quisieran tener un ejemplar de "A Bagaceira". Yo les facilité "O Boqueirão". Ve, pues, si puedes enviarme un ejemplar. Tu articulo acerca de él, está esperando una pequeña oportunidad, para aparecer.

Abraços do velho e esculhambado
[ass. Garay]

[Datiloscrito; papel timbrado: Companhia Mattogrossense de Petroleo]

S. Paulo,12,1,938

Dr Neiva:

O Arturzinho com a esposa acabam de sair daqui. Explicoume o caso do Rodolfo. Está tudo otimo e eu mais uma vez agradeço a sua boa vontade.

Já lhe contei que as ações da nossa companhia estouraram em dezembro. Mas como fossem vendidas a prestações e neste sistema de venda costuma haver sempre uma porcentagem de decadencias, nós admitimos para o nosso negocio uma de 10% – e resolvemos dar ao publico mais 10 mil ações, alem das 100 mil vendidas. Desse modo, se sobrevier decadencia, ficará ela anulada, e se sobrevier, ou se sobrevier em porcentagem menor que a prevista, faremos rateio. Pois o amigo ha de crer que essas 10 mil a mais evaporaram-se na primeira semana deste mês? Foi positivamente um sucesso sem par.

Agora vamos intensificar os trabalhos de campo, e como nos morreu um dos geologos estamos importando outro da Argentina. Geologo é mercadoria de que ha grande escassez no mercado indigena.

Tambem tenho muito coisa a coversar, que fica de molho á espera da minha proxima ida para aí.

Perdi meu filho Guilherme no dia 10, com 23 anos. Estamos desolados. Era um filho perfeito. Felizmente teve a mais linda das mortes. Adormeceu serenamente – a morte que desejo para mim e para meus amigos.

Mas é horrivel perder um filho, por mais que a gente filosofe...

Adeus. Um abraço do

[ass. somente Lobato]
Monteiro Lobato

[Datiloscrito; papel timbrado: no alto da folha – UNIÃO JORNALÍSTICA BRASILEIRA / RUA DR. FALCÃO FILHO, 33 / S. PAULO; à esquerda – DIRECTORES / ARTHUR C. MONTEIRO / MONTEIRO LOBATO; à direita: CAIXA 2924 / CABLE: UJOTABÉ / PHONE 2-7004; ao pé da folha – INTERCAMBIO CULTURAL – PROPAGANDA / A PROPAGANDA DISTRIBUIDA PELA UJB PENETRA POR TODO O BRASIL NUMA CADEIA DE 1.000 JORNAES / RADIO – CINEMA – NOSSA REVISTA]

S. Paulo,7,2,939

Dr Neiva:

Recebi sua carta de 3. Obrigado pelas boas palavras. Tambem as recebi por telegrama do Medeiros Neto, que anda lá pelos fundões da Baía.

Incrivel a pela que o Destino pregou no Fleury, fazendo que mal se calasse o Lobato de S. Paulo, surgisse um muito mais perigoso Lobato na Baía. A esse ele não resistirá. Esse o impedirá de levar avante o mais escandaloso panamá das Americas: o convenio petrolifero com a Bolivia. Infleizmente o arrolhamento da imprensa me impediu de dar outro escandalo, denunciado a formidolosa patota, para a vitoria da qual era preciso que o Brasil não tirasse petroleo.

Se tem aí o Boletim de Agricultura de Abril-Junho de 934, leia na pg 93 o que o famoso Departamento do Fleury afirmava sobre o petroleo do Lobato. Encontrará lá as seguintes negativas, que estão transcritas no "Escandalo do Petroleo":

> "Essa localidade (Lobato) do ponto de vista da geologia do petroleo é positivamente desfavoravel á presença de hydro-carbonetos.... O conjunto geo-tectonico desse local é absolutamente negativo.... Os elementos tecnicos (os tais geologos oficiais aos quais eu sempre neguei o menor valor) atestam de modo formal a não-existencia de jazidas petroliferas no Lobato.... Está provado á saciedade a inexistencia de depositos petroliferos no lugar denominado Lobato, na Bahia."

Ao mesmo tempo que o infame Fleury (hoje vice-presidente do Conselho Nacional do Petroleo) mandava "impor" esse ultimatum ao heroico Oscar Cordeiro, o visconde de Sabugosa, que é um humilimo sabuguinho, afirmava, no POÇO DO VISCONDE, pg 158:..."e tambem foram abertos muitos poços de petroleo na zona dos camamus, na Bahia; até na zona do Lobato, nos arredores da capital, abriram-se poços de excelente petroleo".

O sabuguinho foi profeta até na qualidade do oleo, que é realmente otima. Recebi amostra e fi-la analisar. Parafinoso, rico em essencias volateis, com apenas 5% de residuos. Petroleo excelentissimo.

Mas como premio da sua infamia o F. está como ditador dentro do Cons. Nac. de Petroleo, a perseguir as companhias, e mais poderoso do que nunca...

... e eu já resolvido a emigrar. Em abril mudo-me para a Argentina. Imagine que o Ministerio da Educação chegou até a me negar autorização para publicar uma revista infantil com o titulo O SITIO DE D. BENTA. Para o Fleury, tudo; para mim, nem licença para trabalhar no meu oficio... Maravilhosa terra, não?

Sim, quando for ao Rio não deicarei de telefonar-lhe para um encontro – talvez o ultimo que teremos no Brasil.

Do sempre amigo

Lobato

A Cia Petroleos do Brasil foi intimada a "nacionalizar-se". O Sr precisa mandar ao escritorio dessa Cia a prova da sua nacionalidade, de preferencia certidão de nascimento. De casamento tambem serve. Rua Barão Paranapiacaba 25, 4º andar. Prazo até o fim deste mês. O poço do Araquá está em marcha, já com 1540 ms.

[Datiloscrito; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO; anotação no alto da folha, à direita: "União Jornalistica Brasileira / Rua Felipe de Oliveira, 21 – 8º and. / São Paulo. / Caixa 2924]

S. Paulo, 15/11/39

Dr Neiva:

Estava lendo no "Estado" a pagina comemorativa do meio seculo da Republica, quando recebi sua carta. A vontade foi, esfrega-la no nariz daqueles retratos de figurões, Deodoro, Ruy, Benjamim Constant, etc., dizendo: Olhem em que desfechou a beleza do sonho republicano!

O fato que me chegou ao conhecimento foi este: a prefeitura daí – da capital da Republica – nomeou uma comissão de azemolas para inspecionar os livros infantis e outros reunidos nas bibliotecas das escolas do Distrito e dar parecer. Essa comissão condenou os meus, os do Fernando Azevedo e os do Anisio Teixeira; em consequencia foram retirados dessas bibliotecas cerca de 5.000 volumes e incinerados nas fornalhas da Caixa de Amortização. Mas não houve coragem de dar nos jornais a lista das obras condenadas.

Quem exultou foi o meu editor. Um livro numa biblioteca favorece a leitura mas diminui as vendas. Se ha 200 crianças na escola, nenhuma compra um livro que pode ler na biblioteca. Tirando o livro de lá, pelo menos 5% dessas crianças compram-no. Se houvesse um pouco mais de inteligencia na cabeça da Reação, o meio de combater os escritores nocivos seria o reverso: mandar por as obras desses escritores em todas as bibliotecas do país. Cessava por parte do publico a compra dos livros; os editores não os reeditavam – e ei-los arrolhados! O que nos salva é a imbecilidade cronica da Reação. A Historia inteira não passa do relato das violencias da Reação – e a resultante vem sendo os progressos da ideia perseguida. E talvez muito da vitoria das Ideias Novas venha disso – da perseguição reacionaria.

O "Escandalo do Petroleo" tambem foi para a fogueira muito justificadamente. Não havia nenhum escandalo naquele livro. O escandalo é agora, com o tal Conselho. Infelizmente a Censura não permite que seja denunciado. Atente nisto: depois de aberto o 1º poço de petroleo nos E. Unidos, em 1859, um ano depois havia 175 poços novos e dezenas de companhias novas. E aqui? Depois de aberto o poço do Lobato, com a mesma significação reveladora de petroleo do 1° poço americano, que aconteceu? Quantos poços novos se abriram e quantas empresas novas se fundaram? Resposta: Foram fechados por ordem do Conselho dois poços, e estão praticamente mortas duas companhias.

A nossa pobre Petroleos do Brasil estava com o seu poço do Araquá em 1560 metros, o mais profundo e perfeito do Brasil, e gosava-se duma subvenção de 20 contos por mês do governo de S. Paulo. O Conselho trancou-a. Está lá tudo abandonado.

A Cruzeiro do Sul, idem. Foi impedida de tocar por diante um magnifico poço já com 430 mts.

E a Matogrossense, que montou duas sondas em Porto Esperança está ha meses parada, sofrendo grandes prejuizos, porque o Conselho inventa cada dia um novo pretexto para não dar autorização para furar...

A infamia é perfeita. Esta inquisição por baixo e a onda de mentiras da Hora Nacional por cima, como um incenso. Eu já estou calejado demais para indignar-me. Só me pergunto: virá a alvorada que sua carta prediz? A Historia mostra sempre essa alvorada depois das noites escuras – mas o Brasil tem revogado tantas leis naturais que receio tambem a revogação da lei das alvoradas. Pelo menos nós, já muito velhos, não a veremos.

Este ano dei ás crianças dois livros novos, e num deles, que vou mandar-lhe, levei meu pessoalzinho á Grécia de Pericles, para que eles vissem que frutos dá um perfeito clima de liberdade mental. De retorno, a Emilia e os outros estão a achar muito pesado o ambiente de axfixia a que nos levaram os 50 anos de republica comemorados hoje.

A Editora vai lançar dois livros que me parecem maravilhos para o momento – a Historia do Futuro, de Wells, e A Formação da Mentalidade, de J. Harvey Robinson. Não deixe de le-los, porque o consolo dos homens de alta inteligencia é ter a sensação palpavel de que se o pensamento é comprimido aqui, continua em livre expansão ali adiante – e a força que puxa para trás acaba vencida. O fato de dentro da compressão aqui organizada lançarmos livros como esses e os de Will Durant, é significativo. E neutralizante. E a sofreguidão do publico por esses livros livres me surpreende. Da Historia da Filosofia e da Filosofia da Vida, livros caros, de 15 ou 16 mil reis, foram editados uns 50 mil... Estou agora ansioso por ver como o publico recebe os dois novos a que me refiro acima, e eu mesmo traduzi.

E adeus, meu caro amigo. Esperemos a alvorada. Se a não alcançarmos talvez o seu Arturzinho e o meu Edgard alcancem-na...

Do, de sempre,

Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo, quinta[548]

Dr Neiva:

Recebi hontem a sua. O caso do Acre seria interessante para uma citação no meu depoimento, se eu soubesse algo daquelas coisas não cumpridas. Um amigo que poderia me esclarecer muito bem a respeito seria o Ronald de Carvalho – mas o diabinho cometeu a tolice de deixar matar-se num acidente de auto. Hoje não tenho no Itamarati nenhum amigo que me possa informar.

Passei a manhã de hoje trabalhando no depoimento. Quando o mandar á Comissão, mandarei para aí uma copia. Trato bem ao Eusebio. Provo todas as minhas afirmativas, com documentos. Se houve boa fé entre os Juizes, ganharei a partida. Mas se a Comissão demonstrar a parcialidade que o Odilon revelou nas BASES, então terei perdido a partida.

Que tal é o general que está na comissão! Serio? O Ary Parreiras sei que é homem absolutamente honesto. Conto com ele.

[548] Embora sem data, essa carta, pelos temas tratados, pode ser localizada no mês de abril de 1936 (v. carta de nº 107).

Fiquei com dó do Arturzinho. Quís arrancar de mim fé e optimismo – de mim, a mais arrazada criatura que existe quanto aos destinos e capacidade da boa gente brasileira. Por mais que esforce não consigo crer no colosso verde-amarelo.

Bom. As cartas agora são curtas e secas. Em Alagoas tudo corre bem. Trabalha-se em paz. Quando o cipó federal sai de cima, as coisas caminham.

Adeus

Lobato
Aclimação 483

[Manuscrito s/data]

Dr. Neiva

Estamos à sua espera. Já despaulistanou-se?

Mando-lhe a "Vida Ociosa"[549], a obra prima editada pela casa. Leia esse livro e veja que maravilha! Toda a lombeira da roça está nelle. É a biblia da preguiça.

Mando tambem o ultimo livro meu para creanças – com vistas ao Arthurzinho.

E [ilegível], o resto, só cá

Lobato

[Manuscrito s/data]

Dr. Neiva

Embora eu tenha jurado não incommodar os amigos, não posso deixar de lhe transmitir a carta inclusa, grito d'alma d'uma creatura infinitamente boa, velho companheiro de idealismos, sombra que foi e o mais intimo amigo de Ricardo Gonçalves. Ponho tudo de lado e peço – peço por elle senvergonhamente. É um brasileiro pelos velhos moldes, que não aguenta a concurrencia e só pode viver a sombra do Estado. O Sr. conhece essas mentalidades, esses vencidos incapazes de abrir caminho à força, tolhidos sempre por uma timidez infantil. Criados no collo das mães, só sabem ser bons – dessa bondade dos fracos, e morrem esmagados nas engrenagens da vida se mãos compadecidas os não amparam. Alem do mais, esse, é quasi surdo – veja que desgraça! Chama-se Raul de Freitas. O que fizer por elle eu terei sempre na memoria como feito a um irmão desfavorecido pela sorte.

Adeus

Lobato

[549] Vida Ociosa, de Godofredo Rangel, foi publicado no final do ano de 1920. A data da carta deve girar entre o final de 1920 e o início de 1921.

[Manuscrito s/data; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Dr. Neiva

Recebi sua carta e já [ilegível] as demais pª. a mudança de endereço. Estive ahi ha dias, mto. às pressas. Não consegui ligação para a sua casa, e fiquei de ir lá no ultimo dia – e o ultimo dia encheu-se de tanta coisa que me foi impossivel. Como, porem, volto pela exposição, nos veremos e conversaremos o mto. que ha a conversar.

Aqui tudo na mesma: trabalho, trabalho e mais trabalho.

Mando-lhe o catalogo da casa. Está crescendo!

E um abraço

Lobato

[Manuscrito s/data; papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Dr. Neiva

Recebi carta e conferencia, que li e achei interessantissima. Podiamos dal-a na Revista. Quer?

Qualquer dia deste mez estarei ahi e avisal-o-ei para nossa choppada filosofico-patristica na velha Brahma.

Do

L.

Hontem li um belo livro do Gilberto Amado. Segue.

[Manuscrito s/data; papel timbrado: PLINIO BARRETO / E / PINHEIRO JUNIOR / ADVOGADOS / RUA BOA VISTA, 52 / CAIXA POSTAL, 1373 / S. PAULO]

S. Paulo 6.

Dr. A. Neiva

O Octavio Gonzaga precisa receber a caixinha que segue com esta. Como a sua repartição está sempre em communicação com elle tomei a liberdade de lhe pedir o obsequio de fazel-a chegar ate elle. Gratissimo.

Do aº. obrº.

Lobato

Cartas a Gilberto Freyre
Fundação Gilberto Freyre. Recife – PE

GF
CR271p1doc1

[datiloscrito]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO]

S. Paulo, 30, 9, 943

Presado amigo Gilberto Freyre:

Venho agradecer a sua manifestação publica pelas botas de prata dos URUPES. Por coincidencia chegou-me o artigo no momento em que eu estava dando ordem ao meu arquivo, separando cartas, etc. e me encontrara com diversas suas, dos tempos da REVISTA DO BRASIL. O tempo passa e com ele vamos passando. Não passam, porem, certas admirações da mocidade que com o perpassar dos anos só se consolidam. E entre as minhas desse genero, sempre ocupou um dos primeiros lugar aquele que me escrevia naquela epoca e hoje ainda se lembra do "compulsoriamente aposentado". Obrigado, amigo.

[ass. Mont. Lobato]
Monteiro Lobato

GF
CR271p1doc2

[datiloscrito]

S. Paulo, 30, 9, 947

Meu caro Gilberto Freyre:

Recebi, via Aureliano Leite, as 17 perguntas do INQUERITO. Não ha programa mais bonito. Quem conseguisse uma resposta sincera de todos os homens que significam alguma coisa no país, teria reunido elementos para a solução dum enorme Nosce te ipsum. Mas só seria possivel se todos os consultados tivessem aptidão e animo para escrever suas proprias memorias, isto é, mentir a respeito de si próprios de um modo verossimil. Não creio que você o consiga, Gilberto. Os mais em condições de atender ao Inquerito decentemente, retraem-se, por força de dez razões; só vão responder os mentirosos pernosticos, essa gente miuda que procura aparecer a todo o transe e não perde o menor ensejo de pavonear-se.

Eu, por exemplo, acho o programa verdadeiramente maravilhoso, e o unico em condições de resolver o Nosce – mas sou o primeiro a não aderir. Por que? Eu poderia enumerar mais de dez razões justificativas, doze, treze... Mas não vale a pena. Está bastante calor hoje, e eu ~~estou~~ suando, apesar disto aqui ser S. Paulo.

Mas faço votos para ninguem mais pense como eu, e que você leve a termo o mais inteligente e completo esforço de medição social que ainda vi, concebido e dirigido justamente pela unica mentalidade capaz, a meu ver, de medir-se peito a peito com a tremenda tarefa.

[escrito na vertical, na margem esquerda do papel]

Adeus, meu caro Gilberto – e perdoi ao paulista que mais quer e admira o mais compreensivo de todos os pernambucanos.

[ass. Monteiro Lobato]
Monteiro Lobato

GF
CR271p1doc3

[manuscrito sem data[550]]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2 B – S. PAULO]

Gilberto

É verdade. Mais de cem. Cento e tantos! No Brasil o que falta são leitores. Escritores há a dar com pau. Poetas, então, que castigo! É preciso colocar-se uma pessoa na posição em que me coloquei – remanso de rio para onde a corrente traz tudo quanto flutua, para saber disto: há cá poeta e meio por quilômetro quadrado. E 99% são quadradíssimos. A luta para impedir a invasão! Só isto dá jus de canonização aos pobres editores.

O Lima escreveu-me. Eu não conheço as conferências. Recebi-as em inglês e corri os olhos – não há tempo para nada. Mas não creio que elas interessem à nossa gente. A nossa gente é muito mais idiota do que eu tenho dito /fl.2/ nos meus livros (isto cá entre nós). E eu tenho a impressão que encruei o estômago do país com o milhão de exemplares que lancei. Estou a refrear o enxurro. Se damos muito que ler ao povo, e ele se mete a "pensar", como prêmio inevitável da leitura, temo que morra, como o outro. Por isso não me animo a aceitar a proposta do Lima, apesar da grande estima em que o tenho. Este ano, por exemplo, tenho que trabalhar sem tréguas para despejar o meio milhão de exemplares já contratados. Isso me impede de aceitar outras cousas senão aquelas de seguríssima saída, v. g. pornografia.

V. não vem ao sul? Far-te-ia bem uns dias de ares paulistanos.

Vem, que cà estou às ordens.

Do

L.

[escrito no verso da fl.2]

Li teu discurso. Pobre Gilberto Freyre! Tens muito viva a marca, o signo terrivel que põe contra um homem a legião inteira dos mediocres...

---

[550] A carta, contudo, deve ter sido escrita entre 4 de abril de 1923 – data de carta de Gilberto Freyre a Monteiro Lobato propondo o livro de Oliveira Lima – e 17 de abril de 1923 – data de carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, informando da recusa de Lobato ("Acabo de receber carta de Lobato[...]").

GF
CR271p2doc4

[manuscrito sem data]

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / CAIXA 2 B – S. PAULO]

Recebi tua carta de 20 de Set. e vários recortes dos desemprumados "números" do Diário[551], que li no bonde, como fiz aos outros. Tbem li o Social Life[552]... que um estudo vivamente interessante. Acho-o pequeno para livro (dá folheto) mas acho-o ótimo para a Revista do Brasil. Porque não o passas para vernáculo já? Faça isso que se não arrependerá.
Quanto ao que me pedes – notas a meu respeito, só te posso dar uma: sou uma pobre besta que trabalha, e nada mais.
De S. Paulo ha muito que dizer, mas é fenomeno complexo demais para caber em carta. Porque não vens ate cà estudar este curiosíssimo caso de yankismo-italo-turco-germano-brasileiro? Vale a pena. Cria coragem, meta-se num vapor e veja em aurora o que viste no esplendor do meio dia: Estados Unidos.
Não te prommeto collaboração para a revista americana porque tenho horror a [escrever]. Só te prommeto acompanhar-te aqui em varias excursões.

Do

Lobato

[escrito na vertical, na margem esquerda do papel]

O Goldberg inda mora na Townsend St. 199? Escrevi-lhe e não obtive resposta.

[551] Referência aos artigos da coluna "Da outra América", mantida por Freyre no *Diário de Pernambuco*.
[552] O texto da dissertação, em inglês (FREYRE, Gilberto. *Social life in Brasil in the middle of the 19th century*. New York: Ed. Autor, 1922), está disponível em http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social_life.htm Acesso em 05 março 2006.

Cartas a Luís da Câmara Cascudo
Memorial Câmara Cascudo. Natal – RN

[Manuscrito. Papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S. Paulo 8-6.920

Ilustre Luiz da Camara

Recebi um n.º d"A Imprensa"[553] onde vem vem um artigo seu a meu respeito[554]. Desvanecido pelos elogiosos conceitos com que mimoseou minha insignificante personalidade, cumpre-me agradecer-lh'os affectuosamente. Infelizmente faltam-me forças e dons para ser o bandeirante que diz. Poderia, no maximo, ser um porta-bandeira, um soldado, como suspira o Fernão Dias que o momento social pede. Virá elle?

Adeus, disponha do
m^to^ a^o^ e grato ad^or.^
Monteiro Lobato

[Manuscrito. Papel timbrado: REVISTA DO BRASIL / CAIXA, 2-B / S. PAULO]

S.Paulo 1.8.920
Presado amº.

Recebi as suas cartas e com ellas os opusculos do D^r^ Meira Sá[555], que me deu a sensação dum grande orador ao molde classico. Seu estylo é o grande estylo dos mestres da eloquencia – grega ou néo-classica moderna. Parabens ao Rio Grande!
Li tambem a sua finissima chronica sobre as "Cidades"[556], tão generosa para com o autor, e cada vez mais fico confundido ante tantas amabilidades. É generoso de mais, o amigo...
O que penso do D^r^ Meira applico-o tambem a si: prejudica-os a ambos o residirem num meio acanhado, onde a voz não tem echo para o paiz inteiro. Porque não falta a ambos valor mental da mais viva liga.
Hei de mandar-lhe sempre as edições novas da revista, que procuro seleccionar o mais possivel para que isso venha a ser uma recommendação. E espero mandar-lhe um livro interessante que a "Nosotros", revista argentina, encarregou-me de distribuir entre nossos homens de letras.

E aqui fico, muitíssimo agradecido, e
sempre ao dispor do amigo novo
que parece amigo velho
M. Lobato

---

[553] "A Imprensa, (1914-1927), jornal mantido por meu Pai, em sua edição de 18 de outubro de 1918, publicava minha primeira crônica, iniciando secção que duraria anos, denominada Bric-à-brac." (CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu – Confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968, p.198).
[554] Lobato pode estar se referindo ao "Bric-á-brac" – coluna de Luís da Câmara Cascudo no jornal *A Imprensa* – de nº LXIX, datado possivelmente do ano de 1920. *Cf.* Anexo II.
[555] Francisco de Salles Meira e Sá (1856-1920). Advogado, professor, senador. Publicou vários livros, entre os quais: *Estudos Econômicos sobre as tarifas da estrada de ferro central do Rio Grande do Norte* (1913), *O Direito Invertido* (1914), *Culto Cívico*, conferências (1917).
[556] *Cidades mortas*, o segundo livro de contos de Monteiro Lobato, publicado em 1919.

[Datiloscrito]

[Papel timbrado]

Monteiro Lobato & Comp.

"Revista do Brasil" — *Editores.* — *Teleph.Centr.1603-Caixa-2-B.*

Livros Nacionaes — *S. Paulo* — *Rua Boa Vista,Nº52*

S. Paulo 26-9-920

Amigo Cascudo

Recebi sua de 14, com prazer duplo pois annuncia que vae mandar suas impressões do sertão para a revista. Muito bem. É isso mesmo que ella quer: impressões pessoaes, directas, sobre as nossas coisas e não-variações sobre um thema em si bemol – regra da nossa produção literaria, e mal tremendo. Venha, pois, de lá isso, e bem recheiado de observações, "causos", anecdotas, etc e bem rescendente ao sabor da terra. O mal do Brasil é conhecermo-nos mal, e peior ainda ás nossas cousas.

Estou á espera da revista do Centro Polymatico[557] e cá farei o que deseja. Não vi o seu artigo sobre o K. Ou perdeu-se pelo caminho ou ainda está em viajem a revista que o traz. Esperemos. O Brasil ensina a paciencia.

Fiquei a lhe invejar a excursão pelo interior desse Estado: tenho uma vontade immensa de conhecer todo o interior do paiz mas elle é tão grande e tudo nelle tão difficil que desanima. Encontrou por ahi afora as edições da Revista? Pudera! Estamos em relação commercial com mais de 400 localidades. Onde ha uma biboca com livraria, papelaria ou bazar onde se vendam livros ahi penetramos. É uma experiencia muito interessante que estamos a fazer. O Facto é que com este systema em dois annos de trabalho e jogando apenas com uma duzia de edições breve alcançaremos uma tiragem total de 80.000 exemplares – logo que sairem das officinas as novas edições deste fim de anno.

Já é alguma coisa, mas muito pouco diante ddo programma que temos em mira. Ou vae ou racha!

Adeus. Cá me fico á sua espera para apresental-o á Paulopolis.

Adeus. Disponha do muito amigo e ador

[Manuscrito sem data: provavelmente do início de 1921]

Amigo Cascudo

Senti muito a morte de Meira e Sá[558], apesar de conhecel-o apenas pelas suas cartas e pelos discursos que li. É mais um vulto nobre que desapparece na sombra tendo em vida vivido à sombra, longe de recear do cabotinismo carioca, ahi nesse remanso calmo. Guardarei os autographos desse amigo que não conheci com redobrado carinho.

---

[557] "O Centro Polimático (1920-1924) lançou uma revista que publicava importantes estudos, que segundo Humberto Hermenegildo de Araújo, foi "de valor fundamental para a compreensão do processo de criação de uma consciência, digamos "potiguar"." (*História do Rio Grande do Norte. Tribuna do Norte*. Disponível em: http://tribunadonorte.com.br/especial/histrn/hist_rn_14c.htm Acesso em 17 nov. 2006).

[558] Francisco de Salles Meira e Sá faleceu em 15 de dezembro de 1920.

Julguei que lhe tivesse mandado o meu livro. Não faz mal — vae agora, e com elle o ultimo parto — um livro p. creanças[559]. Si tem algum pequeno que já lê dê-lh'o, a ver que juizo faz elle da obra. Escrevi-a com o fim unico de interessar as creanças, em geral victimas dessa literatura didactica que não fala à imaginação e os aborrece sobremaneira.

Adeus, dispõe do

Lobato

Cá espero, ancioso, o teu livro.

L.

[Manuscrito]

S. Paulo 30.3.921

Querido amigo

Perdeu-se uma carta minha. Nella me referia ao tal artigo sobre edições e como não o tinha à mão remetti-o em separado no dia seguinte. Afinal chegou só o recorte. O nosso correio merece ir para um garrafão de alcool sob rotulo: caranguejo ladrão de quarta classe. Não imagina como nos rouba livros, inda que registrados. É incrivel.

Conheço o Eloy[560]. Fui-lhe apresentado no Rio, um dia, na Avenida. Todos o gabam muito.

A minha ida... Socegue. Dia virá. Primeiro preciso consolidar esta casinha editora deixando-a a funcionar sobre mancaes de bolinhas S.K.F.[561] Ahi, então, poderei dar minhas fugidas. Por ora não penso nisso. E quando chegar a occasião não deixarei de ir ver de perto si o a.º Camara é Cascudo mesmo ou historia.

Mando-lhe as nossas ultimas edições, livros desta semana. Chegarão?

Adeus

Lobato

[Manuscrito]

SPaulo 14.4.921

Aº Cascudo

Em mãos as duas versões da sua critica, a revista e a não revista. Obrigadissimo. Continua o amigo a acumular taes parcelas no meu debito que assim abro fallencia, pois é impossivel pagar...

---

559 *A Menina do Narizinho Arrebitado*, lançado no Natal de 1920.

560 Eloy Castriciano de Souza (1873-1959), jornalista e senador natural do Recife. Obras: *Um Problema Social: Irrigação na Economia do Nordeste* (1916); *Conferências: Almas e Poesia do litoral do Nordeste* (1930).

561 "A SKF é uma empresa global, com 83 fábricas, 7.000 distribuidores, 40.000 colaboradores e nossos produtos são vendidos em 150 países. Desde 1907 é o líder mundial no desenvolvimento e fornecimento de rolamentos e soluções. No primeiro ano produziram 2.200 rolamentos e hoje são 227.000 por hora." (Disponível em: http://www.vm2.com.br/site/case_skf.asp Acesso em 17 nov. 2006)

Aqui trabalha-se o que dá o tempo, a editar, a fazer propaganda de livros, a promover a expansão das obras atravez do paiz inteiro. Temos já a venda organizada em 500 localidades, de modo que está rompido o velho processo de confinar-se a produção literaria às capitaes. Hoje, livro que edito, apparece simultaneamente em quanto lugarejo haja, de Norte a Sul. Em descobrindo mais uma livrariazinha, uma papelaria ou bazar que seja, ahi vamos com um punhado de livros negacear o leitor. Infeliz.te os nossos consignatarios do interior abusam da situação e augmentam os preços, já tão caros. Livros que consignamos a 4$ elles expoem á venda por 4.500 e 5. E isso difficulta, embaraça, demora a sahida. Adoptei o systema de imprimir o preço no dorso. Mesmo assim abusam, dizendo que tal preço é lá em SPaulo. Mas apezar de todos os pesares vamos tocando a coisa para deante e despejando livros a mancheias. O livro caindo n'alma é germen que faz a palma...[562]

Adeus meu caro a.º e perdoe esta
séca livresca do
Lobato

[Datiloscrito]

[Papel timbrado]

Monteiro Lobato E Cmp.
Editores-S. Paulo

RUA BOA VISTA,52 – SOBR; TELEPH.1603-central – CAIXA,2-B.

"REVISTA DO BRASIL„ E EDIÇÕES EM GERAL

S. PAULO, 27-6-921

Presado amigo

Recebia a sua de 2. Admirou-se da minha mocidade? Onde vae ella!... A ausência de bigodes que lhe deu essa impressão devo-a á navalha e não a natureza. O mais pertence ao photographo.[563]

É preferivel que os originais venham dactylographados – por mil e uma razões. Devia ser prohibido pelo codigo escrever-se a mão obra destinada ao prelo. Nos E.U. já é assim. Quanto ao mais só vendo os contos[564] posso dizer a respeito. O que o publico prefere,

[562] Citação dos dois últimos versos da antepenúltima estrofe do poema "O livro e a América", dedicado ao Grêmio Literário, do livro *Espumas flutuantes* (1870), de Castro Alves (1847-1871). A estrofe é a seguinte: "Por isso na impaciência / Desta sede de saber, / Como as aves do deserto – / As almas buscam beber... / Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão-cheia... / E manda o povo pensar! / O livro caindo n'alma / É germe – que faz a palma. / É chuva – que faz o mar." (ALVES, Castro. *Poesias completas*. Introdução de Jamil Almansur Haddad. Organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos. São Paulo: Saraiva, 1960, p.33-4)

[563] Como era costume na época, Lobato deve ter enviado a Câmara Cascudo uma fotografia sua (em que aparece sem bigode); daí os comentários iniciais da carta.

[564] Possivelmente referência aos contos de *Histórias que o tempo leva*, livro de Cascudo que a casa editora de Lobato viria a publicar em 1924 (com nota a respeito do livro na seção "Bibliografia" do número da Revista do Brasil de junho daquele ano).

entretanto, e compra, é o que lhe mexe com os nervos, o impressiona, o horripila, o commove. Mande os contos e veremos.

Estou á espera dos livro de critica – genero ingratissimo quanto á sahida commercial.

Adeus meu caro, e divirta-se, ou antes, retempere-se nos sertões ao oxigenado influxo do ar livre

Adeus

Lobato [assinatura manuscrita]

[Manuscrito]

S. Paulo 5.5.922

Aº Cascudo

Em mãos a sua de 24 de Abril, como sempre tão cheia de boa vontade pª com este pobre marquez. Em Natal e Mossoró já temos vendedores, mas se nos indicasse livrarias (ou cousa equivalente) de Assú e Caicó, era favor, pois o nosso programma é não ter consignatarios só onde absoluta^te^. não for possivel. Estamos já com 500 e muitos e não descansaremos enquanto não attingir o milheiro. É o meio de acabar com o regionalismo do commercio livresco, pois que as edições circularão pelo paiz inteiro e não só em certas zonas como era de praxe.

Montamos já uma grande officina e fazemos toda a qualidade de serviços, para aqui e para os Estados. Disponha, pois, de nossa casa como se fosse sua.

Estou vendo que a minha viajem ao norte só poderá ser pª. quando eu me aposentar, isto é, ficar bem rico. Porque o trabalho apaixona e absorve de tal maneira que não admite brecha. Mas tempo virá, de calma vadiação... E irei conhecer esse encantado canto do mundo em companhia do querido amigo. Se as coisas continuarem como vão creio que em três annos já me posso aposentar.

Abraços, caro amigo; creia na amizade e disponha sempre

do

Monteiro Lobato

[Manuscrito sem data, possivelmente de 1922-23]

Cascudo

Querer não é poder. Quero e não posso ir ao norte – porque sou casado, a mulher é doente de nervos e nunca posso arredar pé de casa. A obra literaria que eu tinha em vista e que dependia de sahir, viajar, conhecer o paiz de norte a sul, essa naufragou. Sou um literato que aposentou-se logo em seguida à nomeação, e isso porque há no mundo nervos de mulher. Enfim... uma encrenca que matou no ovo uma coisa grande que eu tinha cá dentro. E deveras lamento isso, às vezes. Como agora: que magnifico conhecer essa zona ao lado de um guia tão intelligente e amigo como V.? Mas, o homem põe e os nervos femininos dispõe.

Não sei se lhe mandei meus ultimos livros pª. creanças. Na duvida, vão de novo. E agora um negocio: pode informar-me do processo para apresentação de livros didacticos que pretendem a adopção na escola desse estado? A quem se requer? Quer o amigo requerer por mim, como procurador? Ou então diga-me a quem se requer, em que sede, e o mais que é

mister fazer. Esses livros foram adoptados pelo Est. de S.Paulo[565] e estão em via de ser por Minas, Rio, Parahyba e outros.
/p.2/

Porque foi falar na casa em que mora, "tranquilla, rodeada de arvores, perto do mar" ? Encheu-me de saudade e inveja, porque eu moro no centro desta infernal cidade que cresce e trepida dia e noite e me deixa os nervos em miseravel estado. Que felicidade morar fora do inferno! Que paz deve reinar ahi!

Mas deixa estar que se se me azar occasião irei ver isso de perto. Não perdi de todo a esperança.

O livro... mas como é teu livro? De que trata? Não tenha pressa em fazel-o nem force a factura. Os bons livros saem naturalmente, como creanças que vem a termo. Seja homem de um livro só – mas excellente, immorredoiro.

Adeus, homem feliz que vive entre arvores, ao pé do mar...

L.

[Manuscrito sem data[566]]

[Papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70 / Caixa 2 B – S. PAULO]

Cascudo

Fui pessoalmente ver que havia uma expedição de livros para ahi e nada vi de irregular. Teu nome está na lista e as obras tem ido. Esperemos a ver se a panne se assenta por si, pois não adivinho onde ella seja.

Vieram 5$000 pª. 3 ex. da revista... Que exemplares? Os em que sahiu o lobisomem[567]? Lá irá ter. Vou apurar a sahida do bicho.

Obrigado pelos restauros. Infelizte. notas que os livros saem malissimamente mal. Estou restringindo as edições e com ideas de mudar de negocio. Editar em terra de analphabeto miqueado é besteira, não acha?

[Socio do Gara]? Bom! Começas
onde outros acabam.

Adeus

L.

---

565 *Narizinho Arrebitado*, versão escolar ampliada de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e de *Fábulas de Narizinho*, ambos de 1921.

566 Provavelmente posterior a outubro de 1923, em razão da referência que Lobato faz ao artigo de Cascudo intitulado "Lycanthropia Sertaneja", publicado às p.129-33 do nº 94 da *Revista do Brasil* (outubro de 1923).

567 Lobato refere-se aqui ao artigo de Cascudo intitulado "Lycanthropia Sertaneja", publicado às p.129-33 do nº 94 da *Revista do Brasil* (outubro de 1923).

[Manuscrito sem data[568]]

Cascudo

Pegue a laço ahi quatro assignantes e mande os cabras: ficas assim com a tua assignatura de graça. É o melhor systema – para a casa e para o freguez.

A revista mudou de "prefeito". É o Paulo Prado[569]. Eu, como sempre, simples enfeite, e espécie de poder que me deram, de interventor... em favor dos amigos velhos. Porisso, conto com ella.

Estamos aqui com uma novidade, que está dando um tostão: venda de livros a prestação. Vou mandar o chefe dessa secção escrever a você, pedindo qualquer coisa. Poderás arranjar-me a coisa ahi. Eu não conto a elle as relações que tenho com você, de modo que receberás uma carta cantada, cerimoniosa, habil... Chama-se [H. Ródo do Goban], o bicho.

Olhe: se entregaste ao prelo as tuas Histórias[570], não te esqueça a revista. És archi-relaxado nella. É preciso que te rehabilites.

Como vai o Banco do Gobat[571]? Quantas [pernas] tem? Que pirata, hein? Nome francez e banqueiro! Um abraço ao bicho.

E outro na tua casca

Lobato

[Manuscrito sem data[572]]

[Papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA VICTORIA, 47 / S. PAULO]

Cascudo

A revolução[573] me pegou fóra de S. Paulo e só me permittiu que entrasse ha 3 dias. Aproveitei a paralização de tudo pª. ler o teu livro[574], que é dos mais interessantes que conheço no genero. Como v. é mto. pessoal, os episodios, apesar de serem vagabundissimos como no geral todas as partes de uma insipida historia, ganham mto. relevo e prendem singularte. a attenção. Tanto é certo que o que vale não é o facto em si e sim o estylo do contador. Gostei mto. do retrato do Barata[575], do Koster[576] e das reminiscencias[577]. Não ha duvida: és um escriptor. E se te apurares na lingua com o tempo, ficarás um grande escriptor.

---

568 Possivelmente do fim de 1923 ou início de 1924.

569 Em carta a Godofredo Rangel, de 07 de abril de 1924, Lobato diria: "Entreguei a Revista do Brasil ao Paulo Prado e Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai – e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado." (LOBATO, Monteiro. A barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense, 1964, 2º t., p.264).

570 Referência a *Histórias que o tempo leva*, livro de Cascudo que a casa editora de Lobato viria a publicar em 1924 (com nota a respeito do livro na seção "Bibliografia" do número da Revista do Brasil de junho daquele ano).

571 Possível referência ao poeta, jornalista e advogado José Gobat (J. C. Ferreira do Nascimento, Santa Cruz, RN, 17 set. 1889 –?).

572 Possivelmente posterior a julho de 1924

573 A Revolução de 1924.

574 *Histórias que o tempo leva*..., que a Monteiro Lobato publicaria no ano de 1924.

575 Alusão a Cipriano Barata de Almeida, protagonista de "O Velho Nacionalista", um dos contos de *Histórias que o tempo leva*... *Cf.* SILVA, Marcos (org.) *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.122.

576 Alusão a Henry Koster, viajante inglês que esteve no Rio Grande do Norte em 1810, que aparece no conto "O Exacto Koster" de *Histórias que o tempo leva*... *Cf.* SILVA, Marcos (org.) *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.122.

577 "O livro termina com as "Reminiscências" do autor, que traz à tona lances de sua infância focalizando três momentos – a chegada da luz elétrica, do cinema em Natal e a sua lembrança do contato com Pedro Velho, um dos líderes do Movimento Republicano em Natal." (SILVA, Marcos (org.) *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.123).

Parabens e abraços.
O Gobat[578] não o vi depois da guerra. Teria sido fusilado?

Do
Lobato

[Datiloscrito]

[Papel timbrado, impresso no canto superior esquerdo: J. B. MONTEIRO LOBATO / RUA JOSÉ GETULIO, 56 / S. PAULO]

S. Paulo, 9, Outubro, 931

Caro amigo Cascudo: -

Só agora tenho tempo (e furtado) para responder á tua carta microscopica de... 2 de Agosto. Talvez por ser tão pequenininha levasse tanto tempo para vir do Natl até aqui.

Sciente que casaste e entraste no rol dos proliferadores da especie com um gentil cascudinho. Eu de ha muito parei em quatro.

Fui visinho do Coelho, no qual tive um companheiro excellente de passeios domingueiros pela Broadway e de invenções. Inventavamos, por obrigação, uma grande invenção por semana.

Voltei para ferrar o Brasil. Derreter Minas e ferrar o Brasil é o nosso programma. Vamos muito adeantados nisso, como talvez já tenhas visto pelos jornaes do Rio, donde cheguei hontem após memoravel semana de ferro, ferro e mais ferro. Só se pensa e só se cuida disso por aqui. É uma maravilha o ferro pelo processo Smith, de que somos os prophetas por estas bandas.

Temos tambem um formidavel negocio de / babassú a lançar e quando chegas a vez delle (primo o ferro) / irei conhecer esse ecroadissimo norte, naõ deixando de chegar / até ahi para dar uma palmada no cascudinho.

Por falar em Norte – dias atraz tomei em casa do Belisario Penna um vinho de caju da Parahyba que me enthusiasmou. No dia em que voces abrirem os olhos para o caju e o tratarem á americana, uma bellissima industria poderá ser creada. Para vinho, por exemplo, creio que é o caju a unica fruta capaz de competir com a uva.

Falas em livros mandados para mim e não poderei dizer se os recebi ou não. Minha memoria é má mas por mais que lhe dê tratos não me lembro de ter recebido nada teu. Mas não garanto. Minha vida nesses quatro annos que estive fóra foi tão tumultuaria e intensa e desligada da nossa terra...

Adeus, caro Cascudo. Tenho muito serviço hoje e tempo curto. Está sobre a mesa para ser posto em portuguez umas coisas muito serias sobre petróleo. Naõ basta termos ferro, havemos que ter petroleo tambem – e a chave, o Sesamo do petroleo do Brasil está em cima da minha mesa. Quem viver verá – porisso, nada de morrer, Cascudo amigo.

Do muito grato e sempre amigo
[ass. M Lobato]

---

[578] Possível referência ao poeta, jornalista e advogado José Gobat (J. C. Ferreira do Nascimento, Santa Cruz, RN, 17 set. 1889 –?).

[Datiloscrito]

[Papel timbrado:]

UJB
UNIÃO JORNALÍSTICA BRASILEIRA
LTDA.
RUA FELIPE DE OLIVEIRA, 21 – 8.º ANDAR
S. PAULO

DIREÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO

FAZER REFERENCIA NA RESPOSTA

CAIXA 2924
CABLE:
UJOTABÊ
FONE 2-7004

S. Paulo, 29, 3, 939

Cascudo amigo velho:

Surpreendeu-me agradavelmente a sua carta de 14, tão cheia de boas palavras. Mas assombrei-me que tendo estado aqui não me encontrasse. Bastaria recorrer á lista telefonica.

Coelho escreve-me sempre, e é mesmo o coelho mais abundante em correspondencia que conheço. Fomos por alguns anos companheiros de prosa fiada em New York, em longos passeios domingueiros Broadway acima. Inda ontem tive carta dele.

Cascudo, a Vida nos junta em dado momento e depois nos separa. As trajectorias nem sempre são paralelas. Mas mesmo desparalelados nunca me esqueço dos velhos amigos do bom tempo – mormente quando além de amigo se trata dum Cascudo. Cascudo, aliás, só no nome, porque não pode haver ninguém menos cascudo que você – na alma, na arte e na amizade.

Sua carta não trazia assunto nenhum. Era só de apalpamento, a ver se o Lobato ainda existia. Existe, sim, mas farto e refarto do mundo e de tudo, sem gosto por coisa nenhuma do que outrora tanto o atraiu. Vamos morrendo aos poucos, e eu me sinto mortíssimo – mas não a ponto de não sentir prazer numa cartinha como a sua, só de amizade velha. Obrigado, pois – e, tambem sem assunto, cá me fico em minha toca, com votos para que o Estado Novo te seja leve.

Do, de sempre,

[ass. Mont. Lobato]
Monteiro Lobato

[Datiloscrito]

S. Paulo, 9, 944

Cascudo:

Se me lembro desse Cascudo? Oh, sim, porque não entram muitos cascudos na vida da gente e esse é um grande cascudo. Inda ha dias, numa redução do meu arquivo, encontrei uma batelada de cartas cascudeanas e reli varias, com muitas saudades daquele tempo. E agora o meu velho Cascudo faz-se lembrado...

Vinte anos faz que te mandei meu retrato sem bigodes? Pois, mando agora um de bigodinho. Os anos vem vindo e vão amarrotando a cara da gente, como os pontapés e trancos da rua fazem ás latas velhas. Mas espero que essa vidinha mais calma aí não te haja trazido um amarrotamento igual ao meu. Alem de que os cascudos devem defender-se melhor.

Bom, sei que tens uma Any, e quero que Any receba um dos ultimos livros meus, que vai. E para você, em vez de livro, uma promessa de visita. Quando acabar esta maldita e interminavel guerra e vivermos de novo facilidades de circulação, quero fazer ~~o~~ um sossegado passeio pelo Norte, com paradas compridas aqui e ali, e então irei ver se és de fato cascudo – ou és cascudo como eu sou lobo. E havemos de recordar os tempos que lá se foram, de mocidade e sonhos que eram. E eu reverei esses mares daí realmente verdes – "os verdes mares bravios da minha terra" – e os mais bonitos que conheço. Conheci-o, em 1934, creio, em Alagoas. Qual a razão desse verde esmeralda do mar nessa zona atlântica? Perguntei-o lá a toda gente – ninguem me deu explicação decente.

O mar das Antilhas também possui uma característica assim. Lembro-me que, em viagem para os USA, em licenciado Troncoso de la Concha, grande homem em 'Santo Domingo' e meu companheiro de prosa /p.2/ me disse certo dia: "Amanhã vamos entrar no Mar das Antilhas. Vai ver que azul maravilhoso." Eu cá comigo pensei que não podia haver gabolismo maior. Como era antilhano, o Dr Troncoso vinha com aquela, que o tal mar das Antilhas, que não passa se simples denominação dum trecho do Atlântico, tinha um "azul maravilhoso"...

O Atlântico é todo ele côr de ardosia e não podia mudar de côr pelo simples de ali naquele ponto terem-no os homens batisado de "mar das Antilhas". Ora o Troncoso!...

Pois, meu caro Cascudo, no dia seguinte abri a boca. Amanheceramos no mar das Antilhas e nunca imaginei mar de 'azul-marinho' mais intenso – o azul ultramar dos pintores. E aquelas aguas se mantiveram assim até sairmos da zona denominada mar das Antilhas e recaimos no enervante tom ardosia caracteristico do Atlantico.

A outra variação de côr que conheço em nosso oceano é essa de por aí – esse verde esmeraldino realmente maravilhoso. Vou pois reve-lo quando acabar-se a guerra – e então conhecerei em carne e osso o meu velho amigo Cascudo.

Adeus, caro amigo, e obrigado pela linda cronica.

[ass. Lobato]
Monteiro Lobato

[Manuscrito sem data]

[Papel timbrado]

Monteiro Lobato & C^{ompa}.

"Revista do Brasil" — *Telph. Centr. 1603-Caixa-2-B*
Livros Nacionaes — Editores — *Rua Boa Vista N.º 52*
S. Paulo

Aº Cascudo

Obrigado pelo convite, tão de coração. Quem sabe se um dia... Vontade não falta de conhecer esse Brasil condenado a desapparecer à medida que o progresso vier vindo. Sobretudo a mim, que vivo numa terra [onde] o Brasil [ilegível], e é cada vez América do Norte ou Argentina. Vae acontecer com o Brasil-Brasil o mesmo que sucedeu ao Brasil-indio. Os portugueses vieram e rechaçaram o indio para o interior. Hoje vem as raças desbordantes da Europa e rechaçam o Brazil para os recessos afastados. Isto é progresso — não o condemno, antes o desejo — mas que saudade dá as coisas velhas, as almas velhas que vão desapparecendo? Ora ahi é um retrato de coisa condemnada, de alma que tende a desapparecer. Com que encanto eu mergulharia nella e em que ponto lhe fixaria os aspectos! Mas as trapalhadas da vida, a trama, carga dos negocios nunca deixam folga para a escapada. Um dia, porem, faço das tripas pés e corro para ahi, aproveitar assim o precioso conforto da sua companhia.

Obrigado. Creia-me humilde e disponha
sempre do
M. Lobato

Cartas à menina Josette Silveira Mello
Acervo particular

[datiloscrito]

Buenos Aires, 23, 7, 46

Querida amiguinha Josette:

Acabo de receber sua cartinha de 8 deste, perguntando se estou me sentindo bem aqui como me sentia no Brasil. Sim, gentil menina. Sinto-me bem aqui porque tambem aqui ha crianças que me escrevem – e para um escritor de livros para crianças o maior premio é saber que elas gostam de seus livros. Ora, aqui elas gostam dos meus livros, logo, estou contente. Ainda ontem, junto com a tua cartinha, veio uma da menina Hierdis Kievene, que começa assim: "Mi muy querido amigo: Yo soy una gran lectora suya; hay algunos libros que Usted ha escrito, que los hé leido hasta 15 veces." Essa cartinha me deu grande prazer, e esse prazer dobrou quando abri a outra vinda junta – a da Josette. Com duas cartinhas como essas, recebidas no mesmo dia, um autor de livros até engorda, não?

A Herdis quer que eu escreva um livro de aventuras do pessoalzinho de dona Benta lá na Terra do Nunca, onde mora Peter Pan. Parece uma boa ideia, não?

Adeus, querida patriciazinha de Piracicaba. Queira sempre bem ao

Monteiro Lobato
Sarmiento, 2608

[datiloscrito]

S. P. 19, 8, 947

Josette,

Cá tenho a cartinha creme do dia 13, com o relatorio das atividades. Já que voces gostaram da biblioteca infantil, é preciso que abram aí uma campanha para a fundação da biblioteca infantil piracicabana. Taubaté já tem uma. Todas as cidades as terão no futuro. Por que não começar o movimento aí, já, já? D. Lenira ajudaria vocês. Escrevam-lhe nesse sentido. Foi pena que a não encontrassem lá. É uma criatura eficientissima, e tudo quanto vocês viram lá a ela o devemos.

Bom. Quero que depois de lidos os Hercules voce me dê a sua opiniãozinha bem franca, bem sincera, dizendo que é que acha do genero e do modo de trata-lo. Eu gosto de escrever livros de acordo com as crianças, e porisso as consulto, e fico danado quando os pais (ou qualquer gente grande) se mete a "assopra-las". Tem valor a opinião das crianças; mas não tem valor nenhum, nenhum, o de uma criança "assoprada" por um adulto.

Devolva o fasciculo que está com falta de pgs., que a editora manda outro. Devolva-o para o endereço deste envelope.

Obrigado pelas figurinhas enviadas. Vou manda-las para o Sitio.

Quinze crianças na casa da Ligia! Todas da familia! Mas isso não é mais familia, e sim tribo, ou clã...

Diga á Ligia que ela é um encantinho, e que se os mais 14 são da mesma marca, esse clã é [um, rasurado] o clã nº 1.

E adeus, minha cara amiguinha, e obrigado por ter-se lembrado do velho

Lobato

[datiloscrito]

[sem data – 1947?]

Amiguinhas Ligia e Josette:

Eu misturo tanto vocês em minha cabeça, que em vez de responder ás duas [rasura] separadamente resolvi responder numa carta só. Vocês ficam sendo para mim a Ligette, ou a Joségia.

Ciente da operosidade nos estudos. Vejo que estão se preparando ai verdadeiras sabias, capazes, no futuro, de derrotar o visconde. E que são felizes, e que me querem bem, e que estão fazendo a burrada de todas as meninas deste país: crescendo! Que pena! Daqui uns anos, a galante Emilinha que me veiu visitar no hotel está uma serigaita toda faceira, cheia de namorados – e adultissima. E a Josette estará até de noivo! Porisso temos de aproveitar este breve tempinho em que a dupla ainda merece a consideração de Peter Pan. Sabe que Peter Pan não liga a gente grande? Vê um adulto e "passa", como no poker.

As teatralizações hão de ser impressas um dia. Não se afobem. Hoje os editores estão em crise e sobrecarregadissimos – e que gosto em fazer livros que aparecem nas livrarias pelo preço de joias? Mas essa situação ha de mudar, e um dia imprimiremos as teatralizações. Podem ir fazendo. Depois me mandam para uma revisão – e no tempo proprio eu me encarregarei de arranjar editor.

Quanto á biblioteca infantil, é preciso que vocês metam isso na cabeça e não parem enquanto não conseguirem. Querer é poder. Queiram – e a biblioteca infantil um dia surgirá. Façam uma campanha como a do Promim. Atropelem todo mundo – e não tenham pressa. Vão acumulando recursos – e um dia a biblioteca infantil surgirá, não digo grande e bonita como a daqui – mas engraçadinha como a de Taubaté. Escrevam para a Biblioteca Publica de Taubaté, pedindo que mandem fotografias e informes a respeito da Biblioteca Infantil – isso os deixará contentes e estimulará vocês aí.

Estou morando num apartamento na rua Barão de Itapetininga 93, o mesmo predio onde funciona a Editora Brasiliense. É uma casa que terá sempre grande prazer em receber a encantadora Dupla Piracicabana, que tem o bom gosto de ser amiga do

[ass. Monteiro Lobato]

[datiloscrito]

[sem data – 1947?]

Josete:

Voces são centenas de meninas e eu um só, porisso hão de perdoar-me que demore em responder ás cartinhas que me escrevem ou ás vezes deixe de o fazer. Estou aqui com a sua de 9 – e já estamos no fim do mês. Fico ciente de que a ideia da biblioteca infantil vai encorpando e um dia virará realidade. Querer (criar uma biblioteca) é poder – diz o ditado.

Ah, o ACONCAGUA! Creio que esse livro ficará no titulo apenas. Para escreve-lo eu tinha de subir ao Aconcagua, mas andei lá por perto e não tive animo. Isto de ser velhjo é a peor das porcarias deste mundo. Aquela escadaria da Galeria Prestes Maia tem 80 degraus – e sabe que é um verdadeiro Aconcagua para mim? Velho só morrendo – não prestam para outra coisa.

Mas se não fizer esse livro, espero fazer outro, porque voces merecem. E são tão paus os livros que não são do Lobato...

Breve (fim de novembro) sae a nova edição dos meus livros, e entre eles vem um com materia nova. O volume de FABULAS estava muito pequeno, e completei-o com 100 gs de contos que voces não conhecem. Tudo emilices.

Bem. Agora vou bater uma respostinha á Ligia, que tambem me escreveu ha já varios dias. Adeus. Saude e bichas.

Do

Lobato

[datiloscrito]

S. P. 28.12, 947

Querida menina Josette:

De volta da Bahia, encontrei entre muitas tua cartinha de 16 do corrente. Diz que está com medo, muito medo de que eu esteja zangado... Como, filhinha – como poderei zangar-me com quem só me dá provas de amizade?

Boas as fotografias da criançada. Pena eu não conhece-las todas, para as ir identificando.

Vai para Nhandeara? Otimo. Deve ser um lugarejo muito vagabundo, exatamente o que convem para os que tomam ferias e querem descanso. Ferias passadas na Bahia seriam impossiveis, pelo menos para mim, porque lá não descansei um só dia. Festas, cauda de caçadores de autografos... Tive de gastar muita tinta e muitos adjetivos – esses deliciosos adjetivos-bonbons que gosto de distribuir entre as meninas, achando-as "a fã nº 1" – "a mais isto ou aquilo" sempre com grande agrado da que recebe o presentinho. Como a vaidade humana se pela por açucar!

Ligia me escreveu uma bonita carta, e esta vai por intermedio dela. E vai sem um côco verde dentro porque... não cabe!

Adeus, querida Josette! Que o 1948 te traga um balaio de adjetivos dos mais gostosos, e tambem muita coisa mais solida,

Monteiro Lobato

[datiloscrito]

S. P. 5, 2, 948

Querida menina Josette:

A casa aqui foi hoje iluminada e perfumada por uma caixa de mangas que V. teve a genial ideia de me mandar. Provei uma. Deliciosa! Eu se fosse rei do mundo, mandava cortar a cabeça de quem plantasse manga espada e outras qualidades inferiores. Por que razão havendo mangas que são puras delicias, ha quem plante as fibrosas ou inferiores?

Estive na Bahia, que é terra de mangas, mas não comi lá nenhuma como as que V. me mandou. Quer dizer que a Bahia tem que baixar a cabeça diante de Piracicaba, hein?

Foi pena que V. e Ligia não vissem a opereta NARIZINHO que está sendo levada na Bahia. Já a representaram umas 6 vezes e o povo não se contenta. Quer mais.

Isso me fez escrever um novo libreto, que quero ver se publico. Vocês ai poderão montar a peça, com musica de algum musicista local. Fica lindo, como ficou na Bahia.

Adeus, Josette. Dê minhas lembranças á Ligia, e receba lá um abraço e um beijo na ponta dos dedinhos, pela maravilhosa ideia que teve de me mandar umas mangas tão convincentes.

Do amigo

Lobato

Anexo II

Artigos sobre Monteiro Lobato

Os nossos collaboradores [579]

O notavel escriptor patricio Dr. Monteiro Lobato, autor do livro de contos URUPÊS, que tanto rumor tem causado em o nosso mundo literario, e do qual o senador Ruy Barbosa tratou numa das suas grandes conferencias, no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro, acaba de enviar ao Sr. Frederico Carlos de Andrade delicada carta de agradecimentos pelas referencias que este nosso collaborador effectivo publicou, no *O Tempo*, sobre a alludida obra.

Diz o illustre literato:

"Obrigadissimo. Sou suspeito para o dizer: mas a sua critica é uma das mais interessantes de tantas, mais de cem, que me chegaram ás mãos."

E, promettendo áquelle nosso conterraneo a remessa de um volume da luxuosa edição que se esta fazendo dos URUPÊS, fornece dados curiosos sobre o successo que, justamente, aliás, esse livro tem causado.

O publico já absorveu trez edições, num total de 7.000 cópias, em oito mezes apenas, e agora vae ter uma outra, de 5.000 exemplares.

[579] Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.79). O recorte não tem data, mas deve ser posterior a 20 de março de 1919, data em que Rui Barbosa proferiu a conferência no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a que alude a notícia. Escrito ao final do recorte: "Rio Grande".

Bric-á-Brac [580]

LXIX

Quem de perto priva comigo, sabe que sou inimigo figadal das exteriorizações e vaidades. Muitos espiritos, luminosamente cultos, que me honram com missivas carinhosas e cheias de estimulo, não os faço passar ao dominio publico; guardo-os n'uma especie de orgulho e egoismo, de ciume e avareza. Ao escrever esta desculpa, penitencio-me das cortezias e amabilidades contidas na carta que transcrevo, indo á supplicar que só destingo a parte visante ao illustre jurisconsulto.

Quando, atravez de cartas, estreitei-me com o illustre Monteiro Lobato, foi o meu alvo predilecto relacionar o glorioso paulista com os verdadeiros elementos da nossa grandeza espiritual. Assim, remetti-lhe os opusculos do dr. Meira e Sá. A resposta do creador do "Jeca Tatú" trouxe ao dr. Meira as expressões da grande admiração que os seus escriptos haviam causado ao estylista do "Cidades Mortas". Esta resposta foi publicada neste jornal.

Agora, na sua ultima carta, Monteiro Lobato, volta ao assumpto de uma maneira que illustrando á minha insignificancia intellectual, cultua e venera as letras eruditas do nosso brilhante patricio dr. Francisco Salles Meira e Sá. Transcrevendo as linhas amaveis de Monteiro Lobato, na minha chronica de hoje, faço no unico intuito de tornar publico as impressões do mais lido dos nossos belletristas, apoz a leitura das conferencias e trabalhos do orador glorioso, o comentador erudito, o critico illustre e consumado que é o sabio e modestissimo dr. Meira e Sá. A parte que Monteiro Lobato se refere ao firmador desta secção, dê-se noventa por cento de desconto da amizade que nos liga, e os dez restante n'um instincto de piedade heroica e bemdicta de não desanimar os humildes.

"São Paulo, 1-8-920. –

"Prezado amigo Luiz da Camera Cascudo. – "Recebi a sua carta e com ela os opusculos do dr. Meira e Sá, que me deu a sensação d'um grande orador ao molde classico. Seu estylo é o grande estylo dos mestres da eloquencia – grega ou nèo-classica, moderna. Parabens ao Rio Grande! E tambem a sua finissima chronica sobre o "Cidades", tão generosa para com o autor e cada vez mais fico confundido ante tanta amabilidade. É generoso de mais o amigo... O que penso do Meira applico-o tambem a si: prejudica-os a ambos o residirem num meio acanhado, onde a voz não tem echo para o paiz inteiro. Porque não falta a ambos valor mental da mais viva liga.

Hei de mandar-lhe sempre as edições da Revista, que procuro seleccionar o mais possivel para que isto venha a ser uma recommendação. E agora mando-lhe um livro interessante que a "Nosotros", revista argentina, encarregou-me de destribuir entre uns homens de letras.

"E aqui fico, muitissimo penhorado, e sempre ao dispor do amigo novo que parece amigo velho. – M. Lobato".

F. C. F.

L. DA C. C.

[580] Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.41-2). O recorte não tem data. Câmara Cascudo escrevia a coluna "Bric-á-brac" no jornal de seu pai, *A Imprensa*, desde 1918 (sua primeira crônica data de 18 de outubro de 1918). O texto deve ser do ano de 1920, ano da carta nele reproduzida.

Tem razão [581]

O illustre escriptor Monteiro Lobato, em carta dirigida ao não menos illustre Zeferino Galvão, disse que em materia litteraria, "o norte encruou de vez e tão cedo não ata e nem desata".

Bastou esta affirmativa para o jornalista Edmundo Jordão atacar o autor do "Urupês", acrimoniosamente.

Zeferino Galvão sahiu a campo para defendel-o, e não é demais dizermos que com boa somma de razão.

O belletrista de Pesqueira expõe ao sr. Jordão a situação das lettras do Norte, entregues ao descaso, a ponto de não puderem os escriptores viver da penna, citando o facto eloquente de serem editados em dous annos, em S. Paulo, 16 mil volumes do livro "Urupês", de Lobato, accrescentando que uma remessa dessa obra para o Norte, voltou quasi intacta, por falta de compradores!.

Diz ainda não desconhecer que o Norte tem dado grandes e pujantes intellectualidades, mas que estas são obrigadas a emigrar para os centros onde possam expandir seu talento e genio excepcionaes.

O jornalista que viu offensa na asserção do escriptor paulistano, não pode deixar de saber que o encruamento do Norte não é só nas lettras, mas em muita coisa mais. O decantado progresso e a tão celebrada cultura do Norte, ficaram nas capitães ou nas localidades ligadas ao "céo" por via de transporte pouco mais veloz que o carangueijo. O mais è um atrazo digno de lastima, sob todos os feitios.

Nos rincões do interior brasileiro, afora alguma pinta de adiantamento de longe em longe, impera a ignorância crassa e a inacção na gente e nas coisas. Serviços dos Governos? Poucos ou nenhuns. Jornaes? Penetram a custo e porque nessas arengas por felicidade ainda se nota algum rastro de civilisação. Livros? Escolas? Manifestações outras do cultivo mental? Salvante honrosas excepções, não é bom falarmos. Nesses socavões o valor conta-se pelas patacas que se possue, pelo clavinote nas mãos do cabra, unica meio de se impor ás massas que de cultura sò entendem a da batata...

Commetteriamos um attentado contra a verdade se não abríssemos nestas considerações muitas excepções. Mesmo assim a muitos parecerà pessimismo o que vimos rabiscando. Mas é a verdade, sem rodeios, e por dizel-a Monteiro Lobato não merece ser arcabuzado, pois o nosso querido Norte está mesmo encruado, distanciado bastante da civilisação sulista, não querendo isso dizer que nunca virá desencruar-se, e sò então puderemos dizer que o Lobato malucou...

P. L.

[581] Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.116). O recorte não tem data, mas deve ser do ano de 1920 ("citando o facto eloquente de serem editados em dous annos, em S. Paulo, 16 mil volumes do livro "Urupês").

Bilhete [582]

Sr. Monteiro Lobato: – Como é rara (por displicencia, de certo) a coragem das opiniões em questões que directa, exclusiva e imperiosamente interessam ao Brasil, as opiniões da PATRIA, que serão mantidas e que mais não são que as dos meus livros, conseguiram lograr applauso de alguem que eu prezo gratamente, de alguem que nunca me abandonou, quando todos os frustes, os falhos, os emasculados, os tuberculosos cerebraes do jornalismo me insultavam e pretendiam fazer-me recuar pela arma usual dos alcaiotes: a difamação. Esse alguem a quem eu sou grato é o publico. O senhor deve ter reparado no senso critico do publico, no modo por que elle comprehende a sinceridade e a dignidade literaria dos escriptores. Não houve ninguem mais difamado que um dos maiores genios poeticos contemporaneos: Olavo Bilac. E, entretanto, jamais houve poeta com prestigio e fascinação maior sobre a multidão, reconhecida ao espirito nobre e á nobreza moral do Vate Condutor...

Humildemente muito abaixo de Olavo Bilac, desejando realisar com a intelligencia dos novos brasileiros um diario de intelligencia, de fé, de enthusiasmo, que fosse o portico do Brasil Novo no momento do Centenario, eu deixo de existir para sentir um orgulho: o de ver o meu desejo protegido pelo genio tutelar, pelo sol do Brasil, pelo grande Ruy, e pelo que ha de mais illustre na mentalidade nacional – o que mais uma vez vem demonstrar que a patria é sempre certa do futuro quando o povo e a intelligencia estão de accordo.

Naturalmente neste momento em que alguns máos inuteis, de contumaz ingratidão, como os cretinos do hospicio repetem mecanicamente bufas repisadas ha vinte annos sem ter mesmo o merito da novidade, eu tenho recebido muitas cartas de apoio, muitos artigos de jornais dos Estados e da cidade. Publical-os seria vaidade. E não se trata de vaidade, mas da defesa de uma idéa nobre, desde que eu não quero ter outra coisa além do que sou por direito da segurança intellectual da minha fé.

O seu cartão, porém, espontaneo, porque não tenho o prazer de conhecel-o pessoalmente e não temos relações mesmo de correspondencia, foi para mim mais uma segurança da justiça de nossa causa. De facto, V. diz no seu cartão, que eu guardarei com carinho:

– "Em nome da "Revista do Brasil" junta a sua voz ao protesto contra a aggressão, e felicita pelo calor e brilho com que se bate em prol de uma causa justa e sympathica".

Você é o escriptor nacional mais intensamente conhecido e mais conhecedor do brasileiro simples: do seu patriotismo, do seu nacionalismo, ninguem póde duvidar, porque a sua obra como que gira em torno dessa nobre idéa. E você acha justa e sympathica a causa por que nos batemos todos nós, nesta tenda brasileira que, desejando o futuro grande Brasil, respeita o passado e quer defender no presente a raça e o espirito brasileiros.

Culpe, pois, o meu contentamento, por lhe mandar em publico o nosso agradecimento. E creia-me, reiterando a gratidão, sempre leal e devotado aos meus amigos

João do Rio.

[582] Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.101). O recorte não tem data. João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), faleceu a 23 de junho de 1921.

Palavras de MONTEIRO LOBATO
a ALTAMIRANDO REQUIÃO [583]

SOBRE A CRITICA DESTE ULTIMO AO LIVRO

"LINGUA NACIONAL", DE JOÃO RIBEIRO, EDITORADO PELO PRIMEIRO==========

S. PAULO – 24 de Agosto de 1921 – Prezado amigo. Recebi os excellentes rodapés sobre os volumes que lhe tenho enviado, e agradeço-lhe o modo por que está fazendo conhecidas da Bahia as nossas edições. Aprecio immensamente as suas criticas energicas, penetrantes e desassombradas, como por exemplo essa em que severamente analysa João Ribeiro. Embora eu tenha esse philologo e pensador na mais alta idéa, enthusiasmou-me o seu desassombro. É disso que precisamos: coragem de opiniões, e o amigo a tem esplendida. Adeus. Disponha deste amigo e acceite um aperto de mão pelas bellas qualidades de energia que enfileiram o seu caracter.

[583] Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.39). O recorte não tem data, mas deve ter sido publicado em 1921, ano da carta nele reproduzida.

A LINGUA BRASILEIRA [584]

MONTEIRO LOBATO

Li ha poucos dias numa folha da Bahia a carta que Monteiro Lobato escreveu a Herbert Fortes acerca da lingua nacional, como elles ambos a entendem.

Eis um dos topicos da carta que merece divulgada, pela escandalosa attitude do autor dos "Urupês":

"New York, 26 de Junho ....

Havia-se criado dentro de mim um sagrado horror por estudos philologicos feitos no Brasil, tamanha incomprehensão do assumpto revelam seus autores. Que cretinos. Que gallegos. Como permanecem mondrongos apezar de filhos de um paiz com mais de cem annos de desaportuguezamento official. De modo que foi com desconfiança que abri a sua these. Mas como respirei vendo que havia finalmente encontrado o philologo que eu sonhava – intelligente, comprehensivo dos verdadeiros fins da philologia e, - assombros dos assombros! – attento á "lingua geral do Brasil" não á portugueza.

"A tal ponto chegou a cegueira e o rabicho dos nossos philologos e grammaticos pela lingua luza, que ainda não temos uma grammatica brasileira, isto é, uma photographia do momento actual da lingua que o povo do Brasil criou e fala. Temos grammatica da língua tupy, bôrôrô, orarymmugudoge, mundurucú, etc., mas não a temos da lingua brasileira, "uma lingua muito mais falada que a portugueza".

"Vamos fazer essa grammatica? Será um trabalho interessantissimo e de marcar epocha. Um "snap-shot" do brasileiro actual com philosophia das suas tendencias e demonstração de como representa um progresso expressivo comparado com a lingua que nos veio de Portugal com a cebola e o bacalhau. Que interessantes essas tendencias! Muitas coincidem com as do inglês. Os verbos, por exemplo, perdem as "inuteis flexões".

Eu tenho	I have
Ocê tem	You have
Ele tem	He have
Nós tem	We have
Ocês tem	They have
Elles tem"	

Disse que era "escandalosa" a attitude; mas, já se entende, para os grammaticos, gente irritavel, mas de somenos importancia.

E Monteiro Lobato conclue maltratando os philologos de lá e os de cá – estes "os peiores com assento naquelle asylo de invalidos que o livreiro Alves endinheirou".

Em tempos de maior pobreza foi Monteiro Lobato candidato àquelle asylo. E estavamos a lamentar a sua falta quando percebemos que o caso é de parabens a elle, com quanto de tristeza para nós.

H. Fortes e Monteiro Lobato de mão commum parece que vão escrever a grammatica brasileira.

[584] Artigo de João Ribeiro publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 14 de agosto de 1929, transcrito a partir do microfilme do Arquivo Edgar Leuenroth – IFCH – UNICAMP.

Será, de facto, uma obra pittoresca e interessante como é de esperar de dois homens de talento e de espirito.

Infelizmente Monteiro Lobato ainda escreve na lingua horripilante dos avôs portuguezes "de medo, talvez, da firula dos philologos" como elle increpa a todos nós.

A verdade é que somos todos incapazes dessa libertação imaginaria, tão desejada.

Os grammaticos e os philologos nada influem na formaçlão da lingua, e ainda menos podem influir os fundadores de linguas novas.

No futuro, Machado de Assis será uma reliquia da archeologia literaria ao lado dos "Fernãolopizantes" (a expressão é sua). Herbert e Monteiro: classicos provaveis do não-idioma quando passarem de philologos a exemplares de vernaculidade em suas obras primas ineditas e escriptas em "stil nuovo".

João Ribeiro

A CORRESPONDENCIA DE LOBATO [585]

Nelson Werneck Sodré

Nos duos está o minimo de mentira humana, diz Monteiro lobato, excusando-se da publicação de sua longa conversa epistolar com Godofredo Rangel, conversa de quarenta anos encetada em São Paulo e traçada de pontos mais diversos, de Caçapava, da fazenda, do Rio, de Nova York. Nessa conversa, entretanto, onde está, viva, inquieta, visto por um observador agudissimo, aquilo que poderia ser tido como a tragedia literaria no Brasil, está tambem, e principalmente, de corpo inteiro, com todas as suas grandezas e todas as suas falhas o proprio Lobato. Ninguem poderia pinta-lo, assim, com toda essa abundancia de detalhes, com a riqueza de matizes que põe nas suas descaidas e nos seus impetos, e ninguem poderia compor, de figura humana tão singular, um retrato tal, senão o proprio autor, com a ingenuidade de correspondente e com os encantos de sua prosa inconfundivel, – e inconfundivel não dirá, por convencional, mais do que uma parte daquilo que Lobato foi e é como escritor.

Essa personalidade esquisita, popular por tantos titulos, atribulada, vigorosa, incerta ás vezes e até transviada, guardou, entretanto, apesar da popularidade que em certos sentidos e aspectos, lhe tornou conhecida a figura. Tantos lados curiosos e tantos lances interessantes, que só a correspondencia poderia mostra-lo na sua realidade, em todas as suas faces. É claro que o pais conhece o Lobato escritor desde o instante em que Rui o lançou, e o Lobato editor e empresario de coisas audazes e consagradoras. Não faltou, a esse homem esquivo, que se esconde e que não desconhece o medo do publico, sequer o gosto do escandalo, e quando deu esse substantivo como parte do titulo de uma obra gritante foi, certamente, uma parte de sua personalidade apenas que falou – não faltou sequer o escandalo para contribuir na consagração popular de sua figura, ante aquilo que conhecemos como publico. Mas só a leitura dessas cartas nos poderá mostrar quantas zonas de sua personalidade esse homem escondeu, como antigo fazendeiro no Buquira que ainda hoje, se refere, de inicio á casca de uma arvore, como coisa sagrada, e que não despiu, jamais, de todas caracteristicas iniciais de homem do campo. E que zonas soberbas, de encanto poderoso e de interesse humano invulgar ele escondeu a vida toda! As zonas caracteristicas de sua figura certamente, os aspectos chaves de sua personalidade, os segredos motores de sua amargura e de seu desencanto dos homens e das coisas mas, tambem, os segredos comovedores de suas ânsias irrefletidas, de seus impetos, de sua imensa ternura, de sua simplicidade poderosa e dos impulsos fecundos de sua imaginação criadora e sonhadora. Essa força de imaginação teve, sem duvida, na existencia de Lobato, uma função de primeira ordem, total, expressiva. Ela não foi a razão mesma de sua tarefa literaria onde a observação neutralizou muitos de seus efeitos, mas o segredo de seus empreendimentos todos, ainda aqueles que punham raizes nas camadas mais firmes da realidade. Essa imaginação, ainda, foi o motivo de seus momentos de tormenta, de amargura, de desencanto, de pessimismo, num homem que não conheceu o desanimo, que sempre teve forças para encetar uma nova etapa, que teve a sorte de poder esquecer o caminhar por sendas novas, de reconstituir de golpe, situações e motivos.

O aspecto principal que a correspondencia revela, entretanto, é aquele que o homem mais ocultou, na sua reserva de roceiro do vale do Paraiba, aquele que se podia adivinhar, sem duvida, na sua obra para crianças, mas que nela apenas transparece, é o da sua imensa ternura humana, do seu amor profundo pelas coisas triviais aquelas que, em suma fazem o encanto da

[585]Recorte no álbum de D. Purezinha, depositado na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo (*Álbum de recortes de jornais, 1*, p.366). O recorte não tem data.

existencia amor tambem originario, com as raizes mesmas de sua personalidade, de sua formação rural. Amor que faz com que, numa carta, depois de cintilar a ironia, escreva um periodo assim: "Era um junho, ou fins de maio, que as andorinhas lá da fazenda migravam. Que lindo! Um belo dia punham-se a reunir-se no telhado do casarão. Subito, voavam todas e davam varias voltas bem alto, e pousavam novamente. Toque de reunir para as retardatarias – e essas tambem vinham. Por fim quando todas as da zona já estavam reunidas, erguiam-se de repente e lá se sumiam ao longe. O inverno na Serra é forte. Elas fogem para o quente do litoral. Findo o frio, regressam. Certo ano houve um erro não delas, mas do tempo. Já se acabara o inverno e haviam voltado as coitadinhas, quando sobreveio uma onda de frio com geada á noite. De manhã encontrei inumeras mortas, na estrada, nos buracos do barranco". Nesse trecho está, sem intenção literaria, o melhor Lobato, o soberbo descritivo e a chave de como encontrar a perfeição suprema na suprema simplicidade, na narração direta, em contar, apenas. E não foi ele sem duvida, o homem que contou uma historia? Contou-a, de mil e uma maneiras, nos seus contos, em que pôs a imaginação ao serviço da observação e apresentou os quadros da existencia comum das roças do Buquira, e continuou a conta-la, agora aos meninos, como uma conversa macia nas obras que o fizeram o mais lido dos nossos escritores. Para nós, que sempre partimos do composto para o simples, da idolatria verbal para o uso da frase como instrumento do pensamento, é fora de duvida que para escrever para crianças é o grau superior a medida inequívoca da arte de contar, a maneira mais dificil de compor qualquer coisa. E Lobato tem feito isso como ainda não se fez entre nós, e poucas vezes se fez, em outras terras, onde tudo esteve maduro para uma arte assim. Ainda aí, entretanto, é preciso encontrar, como segredo maior, como magico filtro de comunicação, aquela escondida ternura humana.

Escondida, é certo, com o pudor que o fez escrever um dia a um poeta e amigo que tocara a sua sensibilidade: "Gente da nossa marca, gente feia e pretinha, tem vergonha do mundo e se esconde. Esconde o leite – o jogo. Faço eu assim, fazes tu – fazem inumeros." A correspondencia, entretanto, esse minimo de mentira, essa coisa despida do convencional, que ele não espera jamais ver publicada, guarda o seu desabafo supremo, aquilo que ele disse baixinho, e disse como Lobato, e não como outro qualquer, e que é, sem duvida, o documento melhor do livro agora publicado, aquela carta em que anuncia a Rangel a morte do seu proprio filho: "Rangel: Pois é. Perdi meu segundo filho, o Edgard, um menino de ouro, tal qual o Guilherme". Escrevendo, adiante: "Foram dois filhos perfeitos. Creia, Rangel, que não me lembro de nenhuma coisa má, ou levemente má, que eles hajam feito em vida". Para concluir: "E assim vamos tambem nós morrendo. Morrendo nos filhos, pedaços de nós mesmos que seguem na frente. Morrendo nas tremendas desilusões em que desfecham nossos sonhos. E morrendo fisiologicamente no torpor das glandulas, no decair da vista, no desinteresse cada vez maior por coisas que na mocidade nos eram de tremenda importancia. Se estamos aqui como numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa que eu – prova de que eram melhores alunos do que eu. E tive de assistir á morte dos dois e ficar no maior desapontamento – "sobrando"... Lobato".

É claro que anda, pela correspondencia toda, aquela ironia tremenda que foi, sem duvida, uma especie de armadura contra as durezas do jogo, ironia que, no plano literario, poderá ser atribuida á intoxicação camiliana, mas que, certamente, foi polida pela propria vida, pelo contraste quotidiano que ela pôs ante a sua imaginação, destruindo os sonhos que ela lhe proporcionara. Ironia polida, tambem, por um otimismo singular, que só nos tempos mais recentes entrou a descair, e por força de imposições amargas. Ironia de pudor que teme ser desvendado, de caboclo timido fundida no horror ao ridiculo, e toda plena de defesas contra uma das formas mais tremendas do ridiculo, em nosso pais, a gloria literaria, a vida literaria, a propria tarefa literaria. Essa ironia, que vem, de começo, assim leve e pouco acidulada, feita

mais de timidez que de amargura, vai se tornar mais aspera, demolidora, dispersiva, tremenda e poderosa, com a passagem dos anos, quando aquela sorte antiga for abandonando as suas coisas, quando a maldade humana começar a turvar os sonhos ingenuos que a sua imaginação levantara. É a fase em que Lobato, infelizmente, não encontra o apoio de um sistema de pensar, de analisar, de encarar as coisas e os homens, e que leva á particularização dos problemas, fechando os horizontes ao geral, ao humano, ao social em suma. Lobato, que se formou aos clarões das leituras literarias, encontra-se, assim, desprevenido, diante das surpresas da existencia, das resistencias inevitaveis do meio, das flutuações irritantes da rotina. Esse imaginativo, esse criador rapido, capaz de construir para o futuro, depara todo um sistema de entraves, em que se somam, para contraria-lo, forças obscuras, movidas por motivos os mais diversos, e empregando instrumentos que a sua ingenuidade desconhece e ante os quais, por lado mesmo, se encontra desprevenido, desarmado. O resultado não poderia ser outro senão o esmagamento atroz, a dispersão, a incredulidade, a amargura, a repulsa aspera, e a ironia transformada em sarcasmo, já não rindo dos homens e das coisas, mas passando a detestar pelo menos os homens, e a sentir, no meio, as resistencias ferozes, as competições utilitarias e o solapamento tortuoso. São coisas que o fazendeiro de Buquira desconhece, que o industrial do livro não encontrara ainda, que o adido comercial nos Estados Unidos não poderia pressentir. O desmoronamento de sua maneira de encarar os acontecimentos não leva, entretanto, a um fim determinado, não faz dele um revolucionario, mas um revoltado. O carcere acaba por aniquilar, numa organização toda feita de inconformação e de grandeza, as reservas de credulidade, o credito na intenção construtora. Nem mesmo os seus livros infantis se isentam dos reflexos desse choque. E a correspondencia, na medida do possivel, guarda essa curva singular, na descrença, no pessimismo, na amargura que, a cada linha se mostra ou se insinua. Esse vencedor num meio opaco, que tornou a tarefa literaria uma coisa seria, num pais em que ela, ao seu tempo inicial, era meramente ornamental, e onde não refletia sinal algum da terra e da gente e que, com ele, vem ungida de todas as suas caracteristicas, a ponto de refletir-se na criação de um tipo, passando, pois, á linguagem dos simbolos, que é a da sintese final; esse agitador de idéias e de empresas, apto aos empreendimentos mais vivos e mais serios e encarando o pais como um organismo destinado a sacudir o torpor e penetrar numa estrada de progresso, – parece o vencido de todas as horas, aquele que não chegou a fim algum, que viu frustros todos os seus desejos e arruinados todos os seus sonhos.

A correspondencia, entretanto, traçando com todas as suas coordenadas as etapas da longa marcha, tão intensa e tão fecundamente vivida, mostra o quinhão de imensa vitoria que existiu na sua luta. Porque, em realidade, sendo Lobato talvez a maior figura literaria viva, em nosso pais é, sem duvida, aquela em que, mais diretamente, se refletiram as atribulações do pais, as suas flutuações, as suas marchas e contra-marchas, neste meio seculo. Na sua trajetoria, cada momento interessante é um instante caracteristico da vida brasileira, do meio literario, do meio politico, do meio economico, do meio social mesmo. E a grandeza de sua figura está muito na base do que participou intensamente dessa vida coletiva, impregnou-se dela, desenvolveu-se na sua intimidade, na massa do seu povo, de que foi um tipico representante e um narrador exatissimo, no escalão reduzido de seus grupos diretores. Não há, por certo, entre nós, no momento, outro homem de vida publica que mais de perto reflita o Brasil, por paradoxal que isso pareça, e a reconstituição de sua existencia, em todos os planos em que ela se desenvolveu, não seria mais do que a reconstituição da vida brasileira, nessa primeira metade do seculo.

Quando dissemos que, no instante crucial da derrocada de seus sonhos industriais ele se viu desprovido de pontos de apoio intimos, de uma ideologia em suma, de um sistema, não quisemos afirmar, entretanto, que a sua observação agudíssima, e a intuição que essa e outras

qualidades lhe conferiram não tivessem alertado a sua inteligencia para os aspectos essenciais da vida coletiva, vista no setor nacional, ou no conjunto internacional. A propria precaução com que encarou, em todo tempo, a gloria literaria, tão falsa, em seus fundamentos, e tão perigosa, demonstra que entendeu, claramente, o sentido basico das coisas humanas e como os problemas coletivos independem dos casos pessoais. É por isso que nos recusamos a admitir, finalmente, que o seguro observador dos homens e das coisas venha a capitular, sob certos sentidos, na fase de acabamento de sua existencia, com coisas como a pretensa gloria academica, capaz, certamente, de enfeitiçar outra imaginação, que não a sua, e apta a satisfazer a pessoalissima vaidade de quem, que não Lobato, admita, num instante tão caracteristico do desenvolvimento humano, organizações do tipo academico, verdadeiramente anacronicas, em discordancia com as necessidades e com as proprias peculiaridades de uma ordem social em elaboração intensa.

A correspondencia de Lobato demonstra, em todas as suas faces, como a sua existencia se integrou na vida brasileira, representando-a, mau grado os desejos do proprio personagem, um tanto pirandeliano, e como está merecendo, ainda em vida, o que é raro e tambem caracteristico, um fundamentado estudo biografico. Pelo prazer de interpretar uma figura tão viva, e pelo prazer de fazer, com ela, a historia deste periodo historico que vamos encerrando, o autor destas linhas escreveria esse estudo pondo de parte os trabalhos que vai fazendo, se não estivesse já indicada por todos os titulos, para leva-lo a termo, aquele que escreveu as palavras iniciais da correspondencia e que está em condições, melhor do que qualquer outro, de ultimar uma tarefa tão urgente: Edgard Cavalheiro.